

Da autora de O Último Baile do Império

CAMPINA
dos Lobos

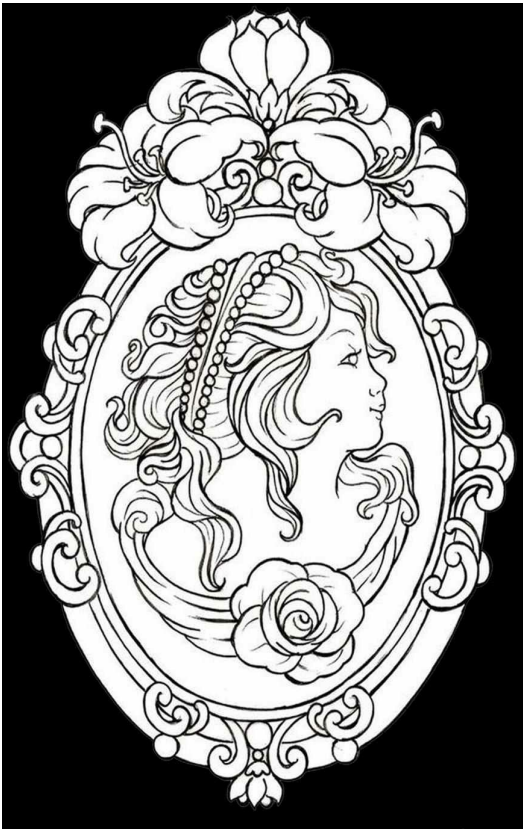
Aline Negosseki Teixeira

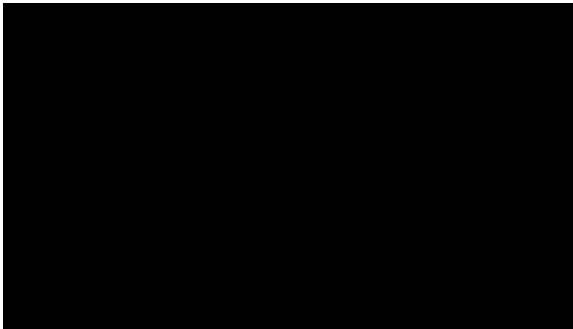


Campina dos Lobos

CAMPINA
dos Lobos

Aline Negosseki Teixeira





Aline Negosseki Teixeira

Direito de Cópia © 2010 por Aline Negosseki Teixeira

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida — em qualquer meio ou forma,

seja

mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação, *etc.* — nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados, sem a expressa autorização da autora.

Proibida a reprodução total ou parcial da obra de acordo com a lei 9.160/98.

Oficina Letras Lilases

2017

Capa

Fotografia: Christina L. Pudwill

Montagem Gráfica: Aline Negosseki Teixeira

Revisões de texto e diagramação:

Aline Negosseki Teixeira



Letras Lilases
Aline Negosseki Teixeira

Registro no EDA – Biblioteca Nacional:
507.386 – 16.09.2010

T266d Teixeira, Aline Negosseki, 1986
Campina dos Lobos / Aline Negosseki Teixeira. –
Paraná: Oficina Letras Lilases, 2016.

ISBN-13: 978-1508702078 / ISBN-10: 1508702071

1. Literatura Brasileira. 2. Romance Brasileiro – Ficção. I.

Autor. II. Título.
CDD – B869. 35

CDU – 821(81)-31

Bibliotecária Responsável: Ialy Cintra Ferreira CRB-4/P-1659

CAMPINA DOS LOBOS

Resumo da Obra

Idos da segunda metade do século XIX — 1862 - 1877

Vale Fluminense do Café...

A Corte do Rio de Janeiro...

A Recife dos abastados canavieiros...

Idílios paradisiacos e palcos de horror!

Opulentos espaços e sinistras reentrâncias!

*Histórias de amor de vidas que se inter cruzam tecendo a vida de
almas*

sedentas por justiça, liberdade e... amor!

Fazenda Campina dos Lobos, Vale Campina – RJ

1871

Aidan de Henriques, rico financista, feito Coronel e herói na sangrenta Guerra do Paraguai pelo próprio Duque de Caxias, com cicatrizes riscando seu corpo e sua alma, assoma em Campina dos Lobos, opulenta fazenda cafeeira do Vale do Paraíba, em busca de retaliação. Depois de ter deixado nas conflagradas regiões fronteiriças do Prata seu sangue, sua fé, e sua esperança, só um propósito de vida o demove: vingar-se de seu pai, o Barão Luís Tasso Carneiro, o qual lhe impusera terrível trauma muitos anos no passado, quando não era mais que um menino de calças curtas.

No entanto, ali entre os Carneiros, encontra tudo o que jamais esperaria.

Desde o primeiro olhar tem a vida e a devoção capturada pela figura contraditoriamente doce e rebelde de Arielle Moissonner, a filha de dezesseis da preceptora de seus meios-irmãos. Não hesita em fazê-la sua — os argumentos para isso não falham, embora o principal que ele

não negará, seja o febril e ardente desejo que ela lhe desperta e o intenso amor que ao longo do tempo, dos anos que passam, se torna cada vez mais obsessivo.

Novo Senhor do arraial de Vale Campina e da grandiosa fazenda Campina dos Lobos, pequeno império que compulsoriamente Aidan exige hereditariedade, no escorrer dos dias, meses, anos ele encontra motivos para desviar-se do plano inicial que o movera a tomar a região.

Se de seus atos surgem consequências terríveis, o que ele fará incansavelmente e sem descanso é cuidar que elas não se tornem em tragédias cáusticas que fariam por sucumbir de vez o homem que da vida só teve ilusões desfeitas e as boas intenções varadas pela lança da hipocrisia e iniquidade.

Então o tempo, o reencontro, a paixão avassaladora...

Após quase cinco anos Arielle julgava ser indiferente ao marido que nunca mais vira desde a manhã seguinte a sua casta noite de núpcias da qual carrega lembranças e impressões inefáveis. Depois de enviada para a Corte, naquela manhã longínqua, dia a dia ela construiu suas próprias aspirações para o futuro. Numa noite inesperada ele a arrebatou do portentoso Colégio da Viscondessa de Córpuscula e rumou para Botafogo, hotel Pharoux. E, daí, para Recife numa luxuosa nau, para a adiada lua-de-mel na qual já inicialmente se pressagia que uma verdadeira

guerra

está

por

começar.

Arielle,

nos

anos

de

distanciamento, fez novos amigos, aderiu ao movimento abolicionista e republicano, estudou o Iluminismo, os filósofos e, decididamente, não tem certeza dos sentimentos que o formidável e temível militar alcançou nela quando não passava de uma inocente sinhazinha provinciana. Então, a estadia em Ilha da Jangada para lhe render, dobrar, domesticar. A selvagem e jovem baronesa entregará seu espírito Iluminado ou, antes Iluminará um obscurecido?

Era apenas uma batalha.

Quando Aidan de Henriques vê seu maior sonho a ponto de se realizar os Carneiros se engalfinham feitos lobos selvagens, fazendo-o pagar por seus atos e, outra vez, roubando-lhe o tempo e encarcerando seus pensamentos, seu grande amor.

Embora os anos venham engolindo as acres lembranças dos entreveros entre a tríplice-aliança e os paraguaio, empurrando a pútrida página de uma história vil para baixo do tapete do heroísmo, as impressões doridas de um Coronel enojado com a torpeza da guerra, sob os dedos delicados da baronesa incauta, a quem só resta esperar, se reavivam como brasas esquecidas sobre as cinzas da amargura.

Do alto da fabulosa Mantiqueira que aveludada abraça a Fazenda Campina dos Lobos, palco de alegrias e dores, uivam os lobos-guarás.

As famílias coexistem enquanto, na mata, o inexplicável, por isso, creditado sobrenatural, acontece.

Os entrelaçares de vidas perfazem o conto de uma fatia de tempo do idealizado e romântico século XIX.

O amor proibido do poeta e estudante de medicina abolicionista Eduardo d'Anjo Maia por Mariana de Faria, filha do Boi de Prata, escravocrata temível; as ardências sensuais e inspirações melancólicas geradas desse amor impossível que vem a resultar no nostálgico “maldo-século”.

A justiça idealística do amor de uma escrava mestiça e de um tenente filho da classe média carioca — antiga profecia e mistérios insondáveis dos antigos príncipes do reino d'África, os de Luanda.

O modo militar acrescido de uma tática obediência-recompensa do Barão Aidan de Henriques em sua fazenda, culmina no descontentamento dos escravos do Conde de Boaventura, da Fazenda vizinha. Cansado das exaustivas corridas a quilombos e lutas internas ele traz ao arraial os primeiros imigrantes italianos. Abatidos, combalidos, desiludidos e doentes eles chegam num dia certo a Vale Campina. O dia que o Dr. Tiago vem pela estrada, pensando no seu coração confuso que insiste em reclamar a baronesa para si, mulher de seu irmão mais velho. Nessa tarde, Dr. Tiago Carneiro será apanhado pela bela Giulia Merindello e, assim, o casal começa a escrever as

primeiras

linhas da futura cidade civilizada por ele

idealizada.

Quanto às assombrosas surpresas, os vis infortúnios e a tortuosa caminhada pela senda

psicológica que remete

desde a infância, somente a personalidade impávida da audaciosa

Arielle poderá sustentar o Coronel, como um homem completo — acima de qualquer título de nobreza, patente ou posição social. O homem que “é”, antes do que “tem”. Um homem pode resgatar a pureza adormecida no ofendido mancebo que foi?

Paixões

proibidas,

amores

perdidos,

velhas

influências

e

conspirações completam o enredo que constitui o emaranhado de ações que se ligam de algum modo a desagravos de amor, de liberdade, de igualdade e de justiça.

Um romance que, mais que narrar fatos épicos da história do Brasil, sonda de perto o psicológico dos entes que o compõe e, por sua complexidade e entrelaçar de personagens, lembra uma obra de teledramaturgia.

Dedicado

Para o Matheus, meu guará, que desde o primeiro momento, febril ou sereno, toca meus sonhos, fazendo-os seus, tornando-os alcançáveis.

E para os frutos desse amor.



Nota de Publicação

Desde que comecei a escrever esse romance, passando pelo tempo que levei para escrevê-lo, até sua publicação, em abril de 2014, são seis anos. Sonhei ele tão menor que ficou, sonhei ele tão mais abrangente que ficou e agora estou decidida a libertá-lo, para que viva outras perspectivas sob a luz de outros olhos leitores, saudosos, atentos a um outro tempo.

Os anos de rejeição pelas editoras foram também anos de aceitação e entusiasmante enamoramento de queridas leitoras experimentais pelo nosso herói Aidan de Henriques e pelos

rompantes

romanescos

de

nossa

protagonista, a

febril

e

revolucionária Arielle Moissoner.

E minhas pretensões não eram imensas como alcançou a paleta multi transversora de cores (temas). Quando comecei a escrevê-lo, lá pelo meio de 2008, eu só queria resgatar tudo que eu crera ter perdido quando do compor de meu primeiro romance.

Ah, eu suspiro quando penso em Arielle. Naqueles dias em que eu fugia de uma realidade velha, tão nova, eu não imaginava que um dia, se é que isso fosse possível, me tornaria qual ela uma abolicionista de coração, rebelando-se contra tudo que é considerado “normal” e

aceitável.

Essa publicação eu dedico inteira e profundamente aos animais, seres sencientes que amam, lembram, cuidam, anseiam, receiam e...

infelizmente sofrem a tamanha e vil injustiça em que a maioria dos homens lhes subjugam.

Esse é um livro sobre escravidão e liberdade. Sobre amor.

Ninguém merece mais um olhar envolvido nessa tríade que os animais, desde os tempos sumerianos aniquilados pela ganância e maldade humana, desde muito amados por seres humanos sensíveis, tão pequeninos socialmente, tão imensos de coração.

Aline Negosseki Teixeira, São José dos Pinhais – PR, 20.04.2014,
21h20m



Marquês de Caxias

Luís Alves de Lima e Silva, o Marquês de Caxias.

Poesias e poemas contidos na obra, sem referência mencionada, são de composição da autora.



Aguada de Nanquim da Autora Aidan & Arielle de Henriques, 1875



Missiva Digital de Uma Dinda

Afilhada,

perdoe-me a demora para enviar este e-mail, terminei de ler *Campina* desde o dia oito de agosto de 2012 e, com os olhos rasos de água, chorona que sou!

Praticamente devorei e se não o fiz ainda mais rápido foi por causa do trabalho e até lá eu lia, em minha hora de intervalo. :)

Seria chover no molhado dizer que seu romance está lindo?

-

Tem toda razão em gostar tanto dele, descrições, contexto histórico, personagens, tudo muito bem sincronizado. Foi o laço que estava faltando para concretizar meu amor pelos romances históricos em 2012. E o que é esse Cel. Aidan de Henriques? Faz cinco dias que o livro acabou e eu falo e penso nele a todo momento, hahaha. Louca!

Jorge até ficou com ciúmes, porque eu ando suspirando pelos cantos!

Mas, ele entende minhas paixões literárias...

Fiquei com o coração tão apertado por Eduardo e Mariana!

Acho que mais que eu só você por ter de escrever...

E as cenas no Recife, então? E na Ilha da Jangada? Muito, mas, **muito** perfeitas. Me derreti todinha a cada cena. Eu tenho um orgulho danado da minha terra e vê-la em seu romance foi um indescritível prazer.

Estou

mandando

em

anexo

o

e-book

com

as

minhas

marquinhas. Em breve lhe mando a resenha oficial. No entanto, já gostaria que você soubesse que foi realmente um privilégio bem grande poder terminar de ler Campina dos Lobos!

Ialy Cintra, Olinda – PE, 13 de Agosto de 2012, 18h59min Batalha Naval do Riachuelo, Óleo de Victor Meireles



Missiva Digital em Resposta à Uma Doce e Atenciosa Dinda

Puxa, Ialy, até no trabalho lia! Que honra e emoção para mim ler isso. Fico **tão** feliz em ter contribuído para **fechar** isso! - Históricos são os melhores, na minha opinião.

Parece que não há aquele receio de ficar ultra romântica.

Aidan, hahah. Pobre Jorge! O Matheus fica desanimado. " Vc fica aí no seu mundo, e me deixa!..."

hahaha

Nem me fale. Quantas vezes eu escrevi com os olhos

úmidozinhos ou sentindo calores na face inteira. Me perguntando como eu tinha coragem, depois, com o tempo, quando eu fui percebendo o rumo que as vozes do passado me ditavam no coração, eu soube que os dois eram assim por serem um emblema. Sempre fui fissuradinha

pelo estilo mal-do-século, então, meio que sem querer comecei a escrever sobre os dois, e percebi o rumo que iam tendo, o mal-do-século fugiu dos versos e ganhou a carne e osso de letras, ao menos aos meus olhos: o Dudu e a Mari!

Que bom que gostou das cenas à la pernambucana! hihi. Sempre tive muita vontade de conhecer esse estado. Começou quando fiz um trabalho com iniciação científica sobre cana de açúcar no primeiro colegial, os senhores de engenho, etc, e muitas inspirações com tudo isso, que um dia eu teria de escrever, e ainda espero escrever mais, hehe.

Ialy, hoje estava mexendo nos CDs da Sarah e, oh, achei a trilha sonora de Campina dos Lobos. Depois vou passá-la para o pc, e te mando por escrito, aí vc pode ouvi-la no youtube. Vc sentirá com o coração onde está cada trecho a qual cada composição de destina. ;) Vou ver as marquinhos agora.

Beijinhos,

Aline Negosseki Teixeira, São José dos Pinhais – PR, 13 de Agosto de 2012, 21h27min



“Deus meu! Há pessoas que nasceram depois da Guerra do Paraguai! Há rapazes que fazem a barba, que namoram, que têm filhos e, não obstante, nasceram depois da batalha de Aquidaban”.

Machado de Assis

“Maldita guerra atrasa-nos meio século!”

Barão de Cotegipe, Rio de Janeiro, 12.05.1866

“Aidan de Henriques, que deixara seu sangue, suas ilusões e juventude nos solos do sul em que conflagraram os entreveros Triplíce-*Aliança* —

Paraguai, voltara feito coronel, herói e também condecorado por atos de admirável bravura”.

“O orgulhoso homem não achava em si qualquer bravura. Antes, via em si, mais um sobrevivente”.

Aline Negosseki Teixeira, 25.08.2010

“A distância faz ao amor aquilo que o vento faz ao fogo: apaga o pequeno, inflama o grande”.

Roger Bussy-Rabutin Batalha Naval do Riachuelo, 1865 – Rio Paraná
Pintura de Eduardo de Martino



Preâmbulo

“Considero impossível conhecer as partes sem conhecer o todo, bem como conhecer o todo sem entender particularmente as partes”.

Blaise Pascal

O REALISMO suplantou o romantismo?

A verdade é que no ideal realista é-se romântico. Porque todo ideal é romântico.

São afirmações filosóficas, dialogáveis, dissecáveis.

Na sociedade contemporânea onde cada um não é mais que um número na organização em que se uniformizam as vidas no infinito oceano tecnológico e lépido da tríade lar, trabalho, diversão; os leitores se aventuram na busca pelo sentimental, pela subjetividade e abstração, o extraordinário e fugas abstratas por meio da literatura para um mundo diferente onde possam viver o longínquo, ou mesmo, o impossível.

Porque, até os dias de hoje, o que querem os homens? Pelo que eles morrem e consomem seus dias, sua saúde?

No passado, liberdade, amor e terra — ainda mais em um tempo em que não havia o bombardeio de distrações de laços invisíveis para tolher o bem mais precioso de qualquer ser vivo.

No presente, livre-arbítrio, relacionamentos e espaço para garantir o bem-estar, seu ou seu e de sua família.

Terminei de escrever meu primeiro romance, O Último Baile do Império, em março de 2008, mesma época que enlouquecia na elaboração de meu trabalho de conclusão de curso, o qual procurei não me prender a um tema, ou área do conhecimento específico, visto da minha personalidade indecisa e abrangedora. Como decidir-me por um só assunto se tudo me fascinava? Quando pequena que não me perguntassem o “Ou isto ou aquilo” da Cecília, por que invariavelmente eu me decidiria por “quero os dois”. Como fazer isso? Escrever uma monografia que não me “especializasse” em nenhum tema, mas que me permitisse entender os motivos que me faziam desejar uma escola descomunalmente oposta a que estamos acostumados?

Por motivos que convém resumir, para que eu chegue logo a falar desse livro em si, que apresento, descobri uma nova filosofia.

Nova. Revolucionária, como eu almejava que fosse. Uma que riscava nos tridimensionais de minha mente uma instituição abrangente, justa, e humana ao não deter o conhecimento e seu constante caráter mutativo em disciplinas uniformizadas e aprisionadas nas cadeias da divisão disciplinar; ao preocupar-se não só em formar o profissional, mas o ser que “é” e não apenas “tem”. Uma escola transdisciplinar.

Durante minha intensa e apaixonada pesquisa teórica encontrei-me, além de outros grandes, com o “pai”

do meu pensamento abrangedor. Pensamento descontentado com o simples, com a

explicação vaga e unilateral de um fato, com a verdade bidimensional a que, na maioria das vezes, vejo esse mundo cativo, apesar dos grandes avanços sociais e tecnológicos e o cada vez mais popularizado disseminar da informação.

Edgar Morin é francês. Como Descartes, Pascal, Rosseau e Voltaire. As personagens de meu próximo livro haveriam de serem também, embora tivessem de ser muitíssimo brasileiros.

O fascínio que os pilares do pensamento transdisciplinar e o complexo exercem no meu modo de, a partir de ter-me embebido desse conhecimento, influenciaram diretamente na composição dos seres que rondam meu imaginário e se materializam, depois de tanto insistirem, na minha ficção.

A verdade é relativa. Se existirem duas verdades, sempre há que se discutir sobre uma terceira a se incluir na confabulação a que se empenha, seja ela apaixonada ou desprentensiosa.

Bem, em junho, com a iminência do dia da apresentação diante da banca, apesar da resolução de me dedicar à literatura somente depois desse evento contraditoriamente temido e ansiado, sentei-me diante deste mesmo laptop em que redijo este prefácio, para iniciar meu segundo romance. Suas primeiras cenas explodiam diante de meus olhos e chegava a afligir o pensamento de postergar o ato de escrevê-las.

A madre de meu pensamento ia parindo personagens e eventos que os interligassem. Impregnado da filosofia que me encantou e os embasamentos primordiais da filosofia acendendo dia após noite nas anotações que fazia em meu caderno.

Surgiram esses filhos da trama Campina dos Lobos — título que sobreveio natural então escrita somente a primeira página, quando sem suspeitar o motivo me vi, nem sei por qual força, impelida a impor aforismo da espécie humana com o animal que julgava — preconceituosamente — perverso e que, ao longo da jornada da escrita, esse sem fim do “vivendo e aprendendo”, o redescobri como o que, afinal, fica a se descobrir durante a leitura.

Mais, muito mais humanos sinto Aidan e Arielle que meus

primogênitos. Embora os ame ainda como mãe zelosa e os guarde em tremenda afeição, Angelina e Augusto foram criados a partir da alma inocente de quem pretendia num desabafo da amargura florescer um romance meigo. Os segundos, a partir da alma inflamada das incertezas e deslumbramentos de um mundo vasto, infinito que se abriu para mim diante da elaboração dos meus mais esmerados e suados trabalhos de pesquisa, a monografia e o romance. Esse último, que exigiu não só a filosofia que o justifique, mas o ambiente histórico.

Arielle, a não conformada, como já disse, haveria de ser francesa, como os filósofos e sempre não conformados com o sistema. Mas uma francesa-brasileira para bem representar o estereótipo de misturas que é feito o Brasil. Quis criar uma protagonista idealista, de veias emocionadas nas quais correm não só a coragem de uma abolicionista, mas o sangue fervido da paixão. Arielle teria de viver impasses e ser contraditória porque passei a desconfiar que nenhum caráter é linear. Tive de inflamá-los nos

desentendimentos que a escritora adolescente de treze anos que nada sabia de justiça e injustiça se viu perturbada e que, então, achava poder entender os porquês.

Aidan deveria encarnar o lobo humano. Um lobo brasileiro, embora carregasse em si os traços da miscigenação que o constituiu desde o princípio imensurável da formação das etnias, e também ser contraditório, como são todos os homens — seres humanos.

Os dois teriam de provar para a tradutora ansiosa que os assistia viver suas vidas, que a bondade, o amor, a honra, a esperança, apesar de tudo, ainda é possível. Que depois dos receios que recaem na essência de um espírito jovem a respeito do sentido de tudo, ainda se pode desejar estar vivo para saber onde tudo vai dar.

Vieram os outros. O mancebo frágil, sensível que antes que percebesse e que, ainda bem, o pudesse deter, ganhou destaques de co-protagonista me fazendo chorar, me fazendo ter culpa, e me dizendo que o inescapável do símbolo de uma era literária que revolucionava o ocidente não poderia ser atribuído a mim. O destino de Eduardo e sua

doce musa foi o único possível num mundo idealizado como era o das últimas décadas do lendário século XIX.

Flor, a guerreira forte, fabulosa em sua mítica, se fez imperativa ao exigir também destaque para mostrar o rumo de lentas dores, mas também lentas vitórias da sua ascendência. Flor, a metáfora e o pilar dos desencadeamentos do século que iniciaria tão logo sua profecia fosse cumprida.

O encontro de D. Isabel do Brasil selou com o grito surdo, inaudível, da surpresa o desfecho de tão ardentemente vivida criação.

Cada acesso de efervescente inspiração, cada pesquisa, fosse simples, pela internet, ou elaborada como minhas incursões na sala de obras raras no porão da Biblioteca Pública do Paraná em que no riso gratuito e terno da bibliotecária ganhei passagens para outro tempo e espaço valeu o esforço empreendido em explorar essa difícil jornada que iniciou em São José dos Campos e foi vencida em São José dos Pinhais. Valeu, afinal, cada estresse e circunstâncias variadas das quais se valeram meu espírito — empolgação, desânimo, pontadas estomacais, descompasso do coração, fê e desacreditamento no enredo, distanciamento de meus entes queridos com as distrações que “meu outro mundo”

causaram, euforia com aqueles que o compartilhou comigo, tristeza, resignação ou felicidade a cada mudança ou oscilação na vida das personagens.

Recapitulando a bibliografia necessária para escrever Campina dos Lobos a memória não me dá, agora, todos os títulos. Mas, sem mencionar periódicos com seus artigos e iconografias de história, marcaram a consulta constante a enciclopédia Folha de São Paulo de História do Brasil que consultou as principais obras dos momentos históricos vividos no romance; as versões cheirando a nostalgia e poeira Guerra do Paraguai de George Thompson, Cartas dos Campos de Batalha do Paraguai, Sir Richard Burton e Visconde de Taunay, com seu épico, A Retirada de Laguna (um volume

de

1923,

espantosamente preservado, o qual em todo esse tempo fui a primeira e única a tomar emprestado na Biblioteca Municipal de São José dos Pinhais). A sociedade imperial da segunda metade do século XIX

visitei em Um Jornalista do Império, de Firmino Rodrigues Silva, O

Império brasileiro, Oliveira Lima (folhas amareladas, português antiquíssimo e uma dedicatória ilegível a tinteiro onde se pode identificar o ano de 1928). Em obras raras, de consulta local e acompanhada, na BPP, os que me recordo são os Annaes das guerras do Brazil com o os Estados do Prata e o Paraguay, Coronel J. S.

Torres Homem, edição de 1911 (dedicado com tinteiro na primeira página à Lincoln Rebello Queiroz por Floriano Torres Homem — descendente do Senador? — em 1915) e Homens e Cousas do Império, Visconde de Taunay, 1924. Houve ainda a leitura e releitura de

volumes

dos

poetas

românticos

(mal-do-século) e,

especificamente, as biografias de Casimiro de Abreu, Álvares de Azevedo e Fagundes Varelas. E, outra vez, meu exemplar adorado de Fazendas — Solares da Região Cafeteira do Brasil Imperial. Ter crescido no Vale do Paraíba auxiliou com o conhecimento prévio da

sociedade do café, mas foram as pesquisas em jornais antigos pela internet, vídeos didáticos e artísticos de todo o tema e abrangência referidos no livro que auxiliaram na composição de diversas minúcias que são, cada um, os blocos que edificam uma trama.

Se tudo tem um fim, ou a aproximação da mudança de etapa...

Maio de 2010 e seu terrível inverno antecipado entraram com a inacreditável conclusão desse exaustivo, envolvente e empolgante trabalho de dois anos corridos. Olhando de fora, sem a apreensão da confecção dos detalhes que são as células do corpo que é o romance, me veio a

certeza de que, para uma história ser interessante, verossímil

(olhos artísticos), nem todo vilão e mocinho são o

estereótipo perfeito e homogêneo de bondade e maldade.

As coisas simplesmente acontecem. Como reagimos a elas é o que define se somos construtivos ou destrutivos para o meio social no qual nos inserimos. A fé é extremamente importante para cada ser não estar perdido mesmo que se aqui ela é a maior das verdades, no outro lado da sala, da rua, estado ou planeta ela seja a maior das heresias.

A obra tomou rumos diferentes dos quais sondava, surpreendume até o último segundo de sua elaboração, e reafirmou-me que, o fim não é realmente o fim. Sempre é possível reencontrar aqueles que amamos no palco da vida e que, na complexidade exagerada que tentei estabelecer aos fatos, há de ser possível, um dia, recuperar tudo quanto não se pôde concluir em possíveis reencontros com o coronel e sua idealista baronesa.

Pelos diversos motivos que não convém enumerar Campina dos Lobos emociona e captura mais o meu espírito que O Último Baile do Império. Depois dos meus receios enormes que o professor aplacou comparando o primeiro a um enredo de Janete Clair, terminar esse livro me deu a certeza indiscutível que ainda que ame muitas ciências e artes, nasci mesmo para escrever e ser romancista.

Qual outra profissão me oportunizaria viver todas? Qual vida, ainda

mais de um autor ou personagem latino, não é uma novela?

Aline Negosseki Teixeira, domingo, Junho de 2010.

Nota da Autora O Lobo-Guará



Imagem: Maned Wolf11, Beardsley Zoo, 2009-11-06

Wikipedia

O LOGO-GUARÁ (do tupi agoa'rá, "pêlo de penugem"; nome científico: *Chrysocyon brachyurus*) é o maior canídeo nativo da América do Sul. Sua espécie está presente geograficamente por todo o sul do Brasil, Paraguai, Peru e Bolívia a leste dos Andes, estando extinto no Uruguai e talvez na Argentina, e é considerado uma espécie ameaçada. O Brasil abriga o maior número de animais; dos cerca de

25.000 indivíduos da espécie, cerca de 22.000 estão em território brasileiro. Os biomas de sua ocorrência no Brasil são: Cerrado, Pantanal, Campos do Sul, parte

da Caatinga e Mata Atlântica. A espécie não está diretamente ligada a nenhum outro gênero de canídeos e aparentemente é uma relíquia da fauna plistocênica da América do Sul.

Mede cerca de 1 metro e meio e pesa entre 20 e 25 kg. A sua pelagem característica é avermelhada por todo o corpo, exceto no pescoço, lombo, patas e ponta da cauda que são de cor preta, podendo na ponta da cauda, das orelhas e do papo ser da cor branca.

Ao contrário dos outros lobos, esta espécie não forma alcateias e tem hábitos solitários, juntando-se apenas em casais durante a época de reprodução. A gestação dura em média 65 dias e resulta em ninhadas de até seis crias sendo dois o número médio de crias que nascem entre junho e setembro. Os filhotes tem pelagem completamente preta, exceto pela ponta da cauda, cuja pelagem é branca, e pesam entre 340 e 410 g. Os lobos-guará atingem sua maturidade sexual com um ano de idade. O lobo guará tem seus filhotes somente no mês de junho e quando nascem a fêmea não sai da toca e é alimentada pelo macho.

Esse magnífico animal é discreto e, além de não atacar, teme muito ao ser humano que, crendo-se prejudicado por esse predador de ocasião que, na falta de sua dieta natural que escasseou devido à modificação humana do seu habitat natural, criminosamente o caça e o mata, contribuindo para a aceleração de já alarmante velocidade de extinção da espécie. Ele rosará apenas quando sentir-se acuado e chegará ao extremo de avançar quando sentir que seus filhotes são ameaçados.

O lobo-guará é monogâmico e na época de reprodução é sempre visto com sua única eleita e a ajuda a alimentar e proteger os filhotes.

Dividem uma área demarcada pelo macho de cerca de 30 quilômetros

quadrados.

Se alimenta principalmente de um fruto chamado lobeira, *Solanum lycocarpum*, que possui a aparência de um tomate amarelo quando maduro e um importante papel na preservação da saúde desses lobos, livrando-o de parasitas e nutrindo-o.

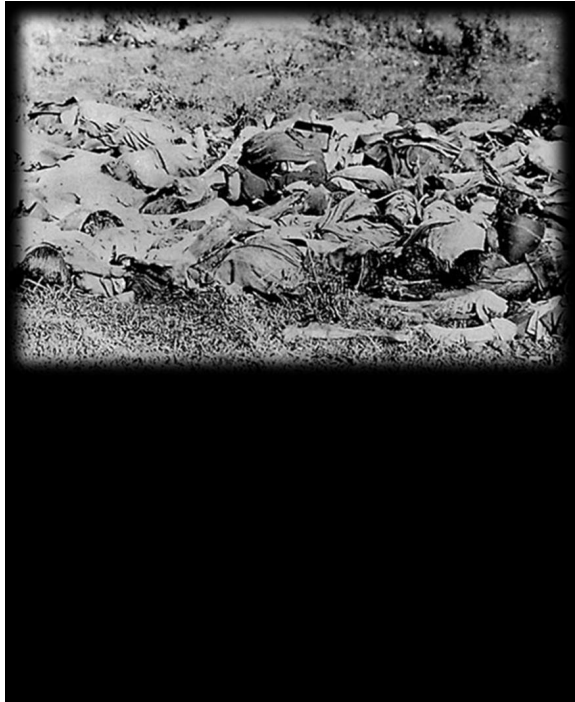
É raro de ser avistado.

A autora dessa obra o viu somente uma vez em sua vida, no Zoológico de Curitiba e de bem longe. Quase indivisível. Uma análise mais profunda questiona a tristeza e abatimento sentidos por um animal selvagem, de aspirações naturais tão empolgantes, confinado a um espaço antinatural e diminuído. Outra vez, em pesquisa, a autora teve esperança de ver um exemplar desse animal que tanto a fascina, no Parque Estadual Vila Velha, no segundo Planalto Paranaense, mas para a sorte do lobo das Américas, que fora visto apenas uma vez pelo guia e geólogo do Parque, ele esteve longe dos olhos dos curiosos visitantes que peregrinaram pela curvilínea e perfumosa trilha verde que se entremeia aos imemoriais arenitos.

É um sonho pessoal, bem antigo da autora, estar face a face, mão e pata, olhos nos olhos desse incomparável ser.



Corpos de Soldados Mortos em Batalha na Guerra do Paraguai





Prólogo

I

CAMPINA DOS LOBOS, em seu nome, muito antagonizava ao sobrenome da nobre e muito prestigiosa família que residia naquela riquíssima fazenda, símbolo áureo do apogeu de uma era econômica.

Seu proprietário por direito legítimo, Luís Bernardo Alves Carneiro, o Barão de Vale Campina e três de seus cinco filhos gozavam da exuberante beleza daquelas paragens que, tão afortunadamente, estão situadas ao pé da poética Serra da Mantiqueira, bem ao sul da província do Rio de Janeiro, e à margem do leito caudaloso do Rio Paraíba do Sul. Economicamente, tal localização não poderia ser melhor; em meio caminho da Capital do Império e da Capital da província de São Paulo, ainda muito próxima da ferrovia que canalizava para os portos sua monocultura.

Suas vastas terras estendiam-se férteis por muitas centenas de acres, contendo em si fronteira mineira e fluminense. A quem quisesse conhecê-la, se o permitisse o Barão, ali estava o conceito das mais diversas topografias brasileiras.

O clima era sempre fresco — um contraste em relação à Corte.

Muito cedo, às horas do alvor da manhã, e pela tarde, após as horas sufocantes do pino do dia, um vapor denso descia das montanhas e se alastrava por sobre a terra fértil que circundava a casa grande e seus anexos.

Magnífica e ostensiva como deveria ser um solar cafeeiro, a sede da fazenda Campina dos Lobos, emoldurada pela verdejante vista dos cafezais, era cenário sociais. Tais eventos

vizinhos também agricultores, a nobres membros da Corte, influentes figuras de todas as áreas econômicas e políticas que serviam Sua

Majestade, o Imperador do Brasil, e de certa feita, em tempos idos, o próprio monarca.

trivial das mais diferentes conglomerações compreendiam

receber desde os fidalgos

Casamentos, batizados, aniversários, saraus, recitais poéticos, cavalhadas, rinhas e quaisquer outras banalidades eram pretextos para o regalado Barão convidar conhecidos da aristocracia e amigos para hospedarem-se ali por dias seguidos, atarefando ainda mais seu vultoso número de escravos domésticos. Nesses dias, trabalhavam em triplo para satisfazer aos menores desejos e caprichos dos convivas.

Nesses dias, se davam por felizes, a contraponto dos caprichos dos hóspedes. Em dias festivos o temido Sinhô Carneiro, por razão desconhecida, relutava em aplicar os castigos muito severos do cotidiano que Debret genialmente retratou.

Mas, afinal, a elite necessitava se distrair...

Lanternas monocromáticas ornamentavam mais que alumiam as varandas do fausto palacete, onde, naquela noite, um sarau

descontraído acontecia como forma de entreter os abastados que ali se hospedavam. Um som alegre de risos e música ecoava dos salões pelas janelas, entremeando-se ao longe com os acordes naturais do campo e da mata virgem. Damas e cavalheiros distintos, em seus trajes de noite, transitavam espalhados pela edificação repleta de flores aromáticas, e pelo suntuoso e decorado jardim que a circundava.

O céu límpido, de um purpúreo denso e saturado, ostentava uma lua baixa, enorme, amarela... Vaga-lumes transluziam fugazes por toda a parte num acende-apaga esfuziante. Cigarras, grilos, coaxares de sapos... Muito raro, o uivo distante de um lobo guará descia das montanhas e chegava até ali sobressaltando as moças sensíveis.

Recantos

encobertos

ocultavam

casais

que

furtivamente

se

relacionavam, mas que na verdade, não ficavam de todo invisíveis se alguém realmente os quisesse ver. Gargalhadas abafadas. Bandejas com antepastos finos prenunciavam a soberba do banquete vindouro.

O luxo daquele “simples” sarau continha a grandeza de uma recepção para um príncipe. E estavam todos tão entretidos em si mesmos e em suas relações sociais interesseiras que sequer notaram o cavaleiro ativo e soturno que se

aproximava pela alameda de palmeiras imperiais, iluminada por centenas de tochas.

Aidan de Henriques Carneiro, feito Coronel na armada de Duque de Caxias, então marquês, durante a guerra do Paraguai, sabia que a chance de ser “recebido” com uma festa era quase uma certeza, contudo não se incomodava. Pensou que seria bem melhor que toda a sociedade soubesse de uma vez. Faria, em um só tempo, extinguir todo o prestígio endereçado ao Barão de Vale Campina. Vingar o passado há muito era sua maior obstinação. Ao passar pela fonte e lagoa artificial e ver as centenas de velas que ali boiavam sentiu fêl subir-lhe do estômago, ardendo sua garganta até que invadissem violentamente a boca que se achava tensa, muda, contraída. Sua mente fervilhava; faltava pouco, estreitamente pouco para fazer justiça à mãe que, em Recife, onde agora permanecia, não sonhava os fatos que se desencadeavam

alguém de seu controle.

Deixou seu leal cavalo, o Nômade, a beira da colossal escadaria de argamassa pintada

e

começou

a galgá-la degrau a degrau enumerando em mente os motivos de praticar a humilhação que faria em seguinte a seu pai. Suas escuras e espessas sobrancelhas denotavam e transpareciam claramente seu estado de apreensão. Não enxergava nada. Nada além de seu único objetivo, a porta. Quando estava quase por alcançá-la, ao achar-se nos últimos degraus ainda restantes, trombou violentamente com uma jovem delicada que surgia abruptamente de dentro da casa.

A jovem graciosa, ao correr afoita de dentro da casa, confrontou a barreira humana que era um militar obstinado. Parecia donzela, com ares de Sinhazinha. Tentava esquivar-se dele com um desespero contido. Havendo certo

desencontro de um e de outro para liberarem-se, ela olhou para cima e encontrou os olhos castanhos verdinhados de seu oponente. Brilhavam transbordados de indolência.

Ele, ao fitar a doçura daquele inesperado rosto de marfim lavado por lágrimas, teve seu semblante transfigurado numa expressão de puro

deslumbramento, tomando

o

próprio

olhar

curioso

e

contemplativo.

Foi como se enxergasse uma figura feminina, pela primeira vez em sua vida.

Arielle entregou-se também a contemplação. Ciente da mudança de sentimento daquele olhar sempre penetrante, naturalmente enamorou-se daquele rosto forte, de linhas duras e planícies rijas. O

jogo das luzes, amareladas e frouxas dos lampiões dos derredores, incidia-se sobre aqueles aloirados cabelos fartos, de nuances acinzentadas. Era nítido o contraste entre a sobrancelha negra, além da escura sombra de barba, com aquela cabeleira cinzenta de fios espessos e ondulantes.

Quando ele notou que ela ofegara e os suaves lábios tremeram: — Arielle! — uma voz impaciente rompeu o magnetismo no qual mergulhara tanto um como a outro. — Quem é vossa mercê? — perguntou a voz que se aproximava à Aidan quando, de chofre, deparou-se com ele.

Como os dois continuassem calados, embora transtornados pela interrupção do sortilégio da passional incidência, a figura muito familiar à Aidan perguntou ainda muito mais nervoso para a dama de semblante lívido:

— Conheces este... — olhou-o de cima a baixo — Senhor? — ainda que apoiado à sua figura sempre imponente, o Coronel trajava roupas desgastadas, sujas. Fora uma longa jornada até ali.

Fernão já não o reconhecia depois de tantos anos. Mas ele, sim, reconhecia muito bem seu meio-irmão.

— Eu... — começou Arielle, mas foi ignorada.

— Venha! — tomou-a pela mão; viera buscá-la. — Com licença, senhor.. Não o lembro de tê-lo conhecido.

— Não me conheces — declarou Aidan taciturno e irônico. — Onde

posso encontrar o Barão Carneiro?

—

No salão. Ele espera D.

Arielle para que interprete O

Guarani. — Então se dirigiu à mocinha bonita, de olhos chorosos: — Vamos. Todos estão a tua espera.

Arielle Moissonner liberou um soluço agudo e desacorçoado.

“Quanto melhor. Todos estarão vendo” — Aidan considerou.

Tendo ficado novamente só, num gesto muito seu, passou a mão pelo cabelo acertando-o para o lado e ganhou a larga varanda. Atravessou com passos largos. Ao atravessar a porta viu quando a recémconhecida e majestosa dama chamada Arielle — “Que lindo nome!”

— aproximava-se do piano sendo quase que empurrada pelo homem que a interpelara há pouco.

— Minha filha! — exclamou a voz pastosa do Barão. — Que bom que voltaste. Estão todos querendo ouvir-te tocar.

Então lá estava o Barão. O Barão de Vale Campina... Carneiro com sua enorme barba, falando alto, com a pachorra de costume, rodeado... como sempre. — “Filha?” — Mas que pena... Aquela ninfa que parecia ter saltado das páginas de uma poesia muito antiga então era sua irmã?! Começou a caminhar em direção ao círculo de pessoas que se formara em volta do piano e logo foi visto.

Carneiro cochichava algo ao ouvido do homem com o qual conversara há pouco, Fernão Carneiro, sem tirar os olhos dele. Aidan retesou-se, um frêmito lhe assaltava e, apertando os lábios entre os dentes, terminou de atravessar depressa o longo espaço que desde então o separara do círculo. Arielle, desanimada e alheia, dedilhava as primeiras notas. Ao vê-lo como que uma vertigem inesperada lhe chacoalhou o torso delicado; foi como se tivesse recebido uma injeção de ânimo e passou, de súbito, a tocar com vontade.

E trocaram ardente olhar.

Quando ia abrir passagem à parede de pessoas que rodeavam o grande instrumento, sentiu agarrarem-no pelos braços e o puxarem para trás. Com um pontapé bem articulado, livrou-se de um dos gigantescos escravos que o agarrava, para logo tombar ao chão, com a cara no pó, levando, em seguida, uma cotovelada no meio das costas.

Gritos das damas assustadas faziam eco na esplendorosa abóboda de vitrais acima das cabeças dos presentes. Exclamações de alarde, farfalhar de saias, batidas de botas. E Aidan enxergava à altura dos olhos os pés que corriam dispersando a todos para fora da casa. Passados alguns minutos, utilizando-se do fator surpresa, no golpear astuto de uma

fera, o Coronel levantouse abrupto e, derrubando os robustos escravos com pontapés certos em seus membros mais sensíveis, olhou em redor. Com uma atitude felina, vendo que alguns dos homens que permaneceram se aproximavam para agarrá-lo, pensou em sua fuga em átimo de segundo e, em outro, tomou sua pequena “irmã” pelo braço e puxou-a com ele para fora da casa. Ao alcançar Nômade, ao pé da escadaria, estava quase ao alcance dos cinco ou seis homens que o perseguiam. Montou-o depressa e saiu a todo galope levando Arielle Moissonner consigo.

Sob os lençóis de um quarto na rude hospedaria do arraial, Arielle dormia tranquila em contraversão de uns quinze minutos antes. Mostrara toda a zanga da qual era capaz. Apertando as expressões do seu rosto, formando pequenos zigomas no nariz pequenino. Chamara-o de mafeitor, quisera saber o motivo do rapto.

Os maldades erguidos, avermelhados em brasa, gritara histérica esganiçando sua voz normalmente macia. Aidan, temendo que alguém desconfiasse de algo ou mesmo suspeitasse que ele a estava ferindo, obrigou-a a tomar uma bebida forte para que se aplacasse aquele âniquito. Como ela se recusasse ele chegara mesmo a ameaçá-la.

Que temperamento! Agora, observava o colo pálido, pintadinho de delicadas sardas cor do mel, subir e descer no ressonar do sono. Haviam cavalgado por mais de uma hora por caminhos mais distantes. Com sorte não seriam encontrados até o dia seguinte. Até lá, pensaria melhor em como agir. Ele era o dono da situação, pensava no momento tentando controlar as emoções. Engenhara por dez longos anos aquele projeto. Não era apenas dono da situação, mas de tudo o que até então pertencera ao pai. Sua vingança só não seria perfeita por que perdera a grande oportunidade de humilhá-lo diante de toda a nata da sociedade. Ele não fora bom em humilhar?

Pois merecia humilhação também. Mas podia imaginar que mandaria os escravos prender seu próprio sangue? Ao pensar na sonhada vingança e nos sórdidos motivos que o levaram a ela, fechou a mão em punho, a expressão enfurecida, e esmurrou o estreito aparador quebrando a bacia de louça em mil pedaços — as emoções que o engolfavam eram extremas.

Então ouviu o arrepio de Arielle que estremecia no leito devido ao estrondo repentino, mas, ao invés de acordar, ela virou-se de borco. Observando seu rosto adormecido, os rosados e recémumedecidos lábios entreabertos e as curvas do corpo, sob as mantas, achou-a tão bela! Talvez a mais graciosa figura feminina que já vira!

Dessas belezas aéreas e alvacentas de um idealista, contudo ocupando as formas ondeantes num corpo palpável, rijo e emanando energias que podem atrair o mais insípido dos homens, quem dirá um homem passional como era o que a contemplava naquele arrefecimento de seu nervosismo!

O Coronel chegava a ofegar e salivar observando-a assim.

Ah!, pena que fossem meios-irmãos... Ou sua fêmea singular estaria eleita. Pensando nisso, resolveu descer à taverna para tomar um trago, sentir o perfume de uma mulher alegre e, principalmente, obter informações sobre a família de seu pai.

Por conveniência, a roupa de viagem o resguardava mais à discrição ainda que, vez ou outra, um caboclo o fitasse enviesado. No ambiente pairavam aqueles aromas das tavernas: lugar fechado, tabaco, carne defumada, madeira envelhecida, álcool e humanidade das gentes suadas que a frequentavam; pouco para quem já aspirara ao pútrido odor pós-batalha. O burburinho de vozes e os repentinos estalidos de tapas contra madeira — emoções de jogo — não lhe entravam aos ouvidos. Sentado numa mesa isolada, ao fundo da mal frequentada taverna, ouvia os próprios pensamentos reverberaram angustiantes.

As lembranças passadiças a se imiscuírem aos dissabores recentes.

Ainda quase podia sentir os besouros que lhe afligira a boca do estômago ao cravar os olhos nas íris vítreas de seu pai. Pai... Pensava que, a despeito do descaso e olhares perigosos, logo todos os presentes o reverenciariam e obedeceriam.

Não demorou até que uma linda rapariga lhe viesse sentar no colo.

— Quer beber algo, Senhor..

— Cel. Aidan — revelou ressaltando a patente. — Sim, traga-me uma taça de vinho branco. O melhor que tiver.. aqui.

— Vinho? Pensei que...

— Por favor, é o que quero agora. Mais tarde não sei o que posso querer — disse encarando-a pela primeira vez de fato, e enviando-lhe um olhar ambíguo.

“Que contraste rude”. — Pensou comparando num relâmpago as distintas belezas da atendente de taverna e

da Sinhazinha adormecida em seu quarto.

Quando chegava ao depósito, Leila deu um gritinho de dor ao levar um beliscão no traseiro avantajado. Era Guita, sua companheira.

— Essa era minha vez! — justificou insolente. — Ademais, Fernão te espera lá em cima.. — zombou com certa crueldade.

— Cachorra! — Leila fez um muxoxo desanimado e virou-se para pegar na adega uma garrafa do vinho mais caro que a casa possuía. Entregou à outra que sorria triunfante.

Leila era a protegida de Fernando Abelardo Tasso Carneiro, para os íntimos Fernão, o até então presumível herdeiro da fazenda Campina dos Lobos, o futuro Barão. Ainda que a soma que recebesse fôsse mais que generosa, odiava-o com toda intensidade de que era capaz. Sabia que não ficaria ali para sempre, aguentando as torpes humilhações daquela relação indesejada. Um dia, e achava que esse dia estava próximo, iria para o Rio de Janeiro. Ah! A sonhada Corte...

Iria se juntar a algum grupo de teatro, para isso vinha guardando quase todo seu dinheiro. Não havia de demorar, já que nos últimos dias Fernando ficara noivo. Pobre da donzela que a livraria do castigo em pessoa, pensou Leila realmente compadecida da infeliz, e otimista por si, ao subir os degraus que levava aos quartos em que moravam “As Damas da Taverna”.

— Aqui está teu vinho. Leila teve de ir servir outros propósitos lá em cima — contou sugestiva a outra cortesã.

— Então vossa mercê me há de servir — sorriu um meio riso mecânico. — Senta-te — ordenou Aidan sem sequer olhá-la.

Ele saboreou tranquilamente o vinho enquanto era por ela observado. A prostituta admirava-lhe a beleza escondida por sob a densa barba de três dias que lhe escurecia o maxilar.

— Nunca o vi por aqui. O que vens fazer por essas bandas? Ou andas por aqui apenas de passagem?

— Conheces o Barão Carneiro? — indagou movendo o líquido dentro do cálice com certa parcimônia de enólogo.

— Como não? E não é ele o dono de tudo e todos por aqui?

— Talvez não. Mas o que podes tu dizer sobre sua família?

A jovem Guita muito estranhou a indagação, mas limitou-se a responder a pergunta do forasteiro, já que percebera que ele não gostava de ser especulado. E pelo vinho que pedira, tinha dinheiro.

Deveria ter.

— A Baronesa há muito é falecida. Ele, o Barão Luís Carneiro, vive só, lá na fazenda com os filhos; frequentador assíduo aqui D’As damas

da Taverna.

Como ele nada comentasse, Guita perguntou-lhe o nome.

Respondeu-lhe tão somente:

— Aidan de Henriques.

Henriques...? Então ele não era de total um forasteiro, ela percebeu.

— Gostaria de relaxar um pouco, Senhor de Henriques? Há quem venha de muito longe para receber massagem minha. Possui fama de milagrosa — sua voz era manhosa, como de uma gata vivida, o olhar faiscava como os vidrilhos pretos do rútilo vestido de noite e o colo ostentava um decote oferecido.

— E como se chama tão adorável dama? — perguntou olhando para ela, pela primeira vez.

Era a primeira vez que Aidan reparava como era bonita a mulher à sua frente. Sua pele lívida era uniforme, seus negros e brilhantes cabelos tinham algo de romanesco. Possuía finos traços e olhos sagazes.

Decerto que devia ser uma manipuladora, conjecturou Aidan.

Guita, sob o exame de impassível olhar, foi despertada de sua costumeira apatia por um intenso arrepio que lhe subiu pela espinha dorsal. Era como os olhos do forasteiro se desenhavam no rosto incomum que a desconcertava.

— Sou Guita. Não é apelido. É este mesmo meu nome de batismo.

— Muito inspirador.

Ele beijou-lhe a mão, aspirando o perfume que sempre lhe pareceu típico às mulheres como Guita. Era como se a fragrância quisesse contar que quem o usava era uma prostituta de luxo, apesar de viver num estabelecimento raso. Era bela apenas para se contemplar. Não aspirava nele nenhum outro desejo além do que possui um expectador diante de uma estátua italiana.

— Diga-me; que sabes dos filhos do Barão?

— Muito pouco — ela, afetada, ergueu os ombros. — Fernão Carneiro é um tirano a quem usufrui de quem quer como bem entende — murmurou. — Está noivo de alguma dama da Corte.

Tiago Carneiro, ainda muito moço, está no

Rio de Janeiro, estudando... O quê eu não sei. A Sinhazinha Joana, ou D. Joaninha — como era conhecida — é muito bondosa e vive às voltas com as freiras. Aquela nunca ouviu falar de gente como nós daqui, da Taverna, acho. Sabe-se também que repudia o casamento. — Há ainda mais uma filha, então?

Estava mesmo interessado era em saber quem era a visão cândida que dormia em abandono no andar de cima. Arielle... Que nome mais lindo! Francês, como o seu próprio. Ele não podia deixar de pensar; quem era, afinal, aquela Sinhazinha sob sua compulsória custódia? Aquela misteriosa dama que rescendia incontestável à virgindade e, em contraponto, ardentias passionais.

Por mulheres assim que Aidan se interessava. Essas que sem deliberação derramam, somente para começar, dos olhos um rio de fogo. E que cada gesto é um eletrizante aceno de sedução.

— Ora, não. Por que o senhor acha isso? O Barão teve apenas uma filha. Mas há boatos de outro filho, que teria sido criado no Rio de Janeiro em um internato, ou por tutores quem sabe...

— Outro filho? — isso muito também o interessava. — Como se chamaria ele? O filho perdido do Barão...

— Não se sabe. São apenas boatos.

—

Então quem

é D. Arielle, naquela família? — lançou,

impaciente, uma pergunta direta.

— D. Arielle? A filha da preceptora? A noiva do Barão?

Aquela declaração atingiu Aidan como num golpe doloroso, jamais cogitaria tal hipótese. Sentiu um nó formar no estômago e o fel a lhe amargar a língua foi inevitável. Chegou a imaginar que ela pudesse ser noiva de seu meio-irmão Fernando... mas de seu pai?! Ela não era mais que uma menina, o Barão devia beirar os setenta anos!

Pela aparência ela não devia chegar aos vinte...

— Sim — permaneceu impassível, a despeito da fúria que retornava-lhe internamente em explosões vulcânicas. — E quem aqui serve ao Barão? — perguntou arrilhando os dentes.

— O que o senhor quer dizer?

—

Exatamente isso que pensaste. Quem é a protegida de Carneiro, nessa taverna?

Guita baixou os olhos, e depois de tremer os lábios afirmou:

— Quem te fala agora.

— Olhe nos meus olhos, Guita — ordenou. Ela o fez e sentiu o coração aos pulos ao fitar os olhos prepotentes, de cor intensamente saturada naquele momento. — Pois a partir de hoje, vossa mercê passa a ser minha protegida. — asseverou.

— E quem é o senhor, afinal? — disse levantando o queixo e jogando os canudos sedosos de seus cabelos para trás com excesso de empáfia.

—

Sou o novo Barão de Vale Campina. O verdadeiro primogênito de Luís Carneiro. Ele me tornou procurador de tudo que possui, e isso deve incluir-te — disse sorrindo, deliberadamente irônico ao mostrar-lhe o anel hereditário onde estava cravada a heráldica Carneiro.

— Se é assim... Barão... — começou incerta; estava atônita e, pela primeira vez em sua vida, desconcertada diante de um homem.

— Vou subir e estarei pronta em pouco, à tua espera — declarou ocultando a euforia que a tomava. — Meu quarto é o de número doze. Quando Guita já se lá ia pelo meio do salão, ele a avisou:

— Por hoje não te preocupe. Tenho companhia.

E, assistindo ao gesto sutil da face com que ele apontou o andar superior, a prostituta lastimou em seu íntimo, já odiando a desconhecida que acompanhava ao novo dono da região.

Quando

o

Coronel

deixou

o

salão

todos

o

fitavam

respeitosamente, mesmo que não tivessem ouvido sua declaração.

Era, apesar das roupas de viagem, a sempre presença autoritária daquele homem que, depois do choque inicial, lhe atribuía descomunal crédito.

III

Eram por volta de nove e meia da manhã quando Aidan deu duas batidas leves à porta do quarto de Arielle e entrou sem esperar permissão. Junto à janela ela observava a paisagem verdejante, o olhar perdido não se voltou.

— Bom dia, Sinhazinha. Vejo que apreciaste o desjejum que ordenei que te fosse preparado — comentou ao ver as louças vazias na bandeja sobre o leito.

Finalmente ela volveu o rosto para ele.

— Quem é o senhor? — inquiriu a donzela em um tom para lhe causar inculpação, os olhos queimando em rancor.

Ele deu alguns passos, aproximando-se mais. Sem a maquiagem e o penteado da noite anterior achou-a ainda mais linda. Agora, apesar de vívido olhar, estava serena, o semblante calmo e esperava uma resposta. Quando chegou tão perto que pudesse sentir-lhe o perfume, disse grave:

— Me chamo Aidan.

Arielle sentiu tudo dentro de si fremir. O nome penetrara-lhe os ouvidos de um modo que a perturbou sobre maneira.

— Aidan...? E que isso me diz? — deu de ombros num gesto gracioso.

Ele a observou mais. O sol da manhã derramavase abundante sobre ela, deixando-lhe o lado direito de todo o corpo, pés à cabeça, translúcido.

Os cabelos, de um tom dourado escuro, caíam lhe longos pelos ombros encaracolando-se a partir daí pelas costas afora. O olhar intenso de um verde claríssimo, corajoso, que nem por um segundo, deixava de fitá-lo, estava sob os longos e femininos cílios. Aidan, hipnotizado, contemplava as estrelas escuras, de hastes incontáveis e muitíssimo estreitas desenhadas em cada uma das belas íris. Não é que pareciam mesmo duas estrelas?! Aqueles olhos... parecia que já os vira, alguma vez. Não, impossível. Jamais vislumbrara olhos sublimes e esplêndidos quais aqueles. Jamais vislumbrara delicado rosto como aquele. Parecia ser tão... Suave de se tocar. Aveludado como as maçãs recém-descascadas.

— Então... — dizia ela sem ser ouvida.

— O que disseste, Arielle?

— Ora, estava querendo saber quem é o senhor. Apenas o teu primeiro nome nada diz. E porque me chamas pelo meu primeiro nome? Que liberdade possui vossa mercê para isso?

— Perdão, Sinhazinha... — quase riu, ele não adivinhava seu sobrenome. — Arielle.

— Moissonner — ela corrigiu-o.

— Sinhazinha Sra. D. Arielle Moissonner... Como queira — ele zombou,

sem

no

entanto,

sorrir.

Enquanto,

por

isso,

ela

impacientava-se, ele foi dizendo grave: — Mas pode ir acostumandote, por que quando estivermos casados, não farei convenções com pronomes de tratamentos.

E ele, confuso, perguntou-se de onde veio àquela resolução repentina de desposá-la. Não havia resposta. Mas havia a ordenança de jamais demover-se desse propósito.

—

Casados? —

o semblante dela transtornou-se em uma

expressão que transmitia o terrível conflito que se formara em seu interior. — Ora, mas o que queres dizer? Achei que tivesse sido raptada para ser molestada — fez sinal da cruz, — o que graças aos céus não ocorreu. Mas, casar?! E não sabes então que já tenho noivo? “Sim, meu anjo! Casar. Como te quero... De que outro modo eu te poderia ter só para mim?” — Ele pensava, as idéias desencontradas e fora de si.

— Sim, teu noivo é o que agora te fala. Já fiques prevenida — ergueu uma sobranceira.

Por que se comprometia com aquela moça? Recendia ainda qualquer coisa de infantil em seu semblante a despeito de seu corpo formado... Mas possuía um fogo no olhar!, que modo fervido e teso de mover os lábios! Receava também pela sorte dela?

Ele afastou-se indo sentar em uma poltrona adiante. Olhando o aparador onde já se encontrava outro jogo de louças que substituíra os da noite anterior, declarou ainda:

— Me chamo, na verdade, Aidan de Henriques... Carneiro. Cel.

Aidan de Henriques — falou conferindo-lhe a expressão mais confusa agora e continuou calmamente a sua explicação: — O

bastardo do Barão, criado na Corte — o tom sério mesclava-se à ironia. — Agora, com ele senil, eu como legítimo primogênito, tomarei conta de tudo.

— E quanto a Fernão?

— Sou mais velho que ele. E, para não haver enganos, meu...

“pai” assinou procurações para que eu assumo seu lugar.

— Isso é... No mínimo bombástico!

Arielle, em um lampejo de inocente esperança aproximouse dele e ajoelhou-se com as mãos unidas que apoiou em seus joelhos.

— Então imploro, Senhor.. Sendo agora o dono e senhor de tudo, libere-me do compromisso que tão contrariada fui obrigada a aceitar.

— Obrigada? — olhava a figura frágil, em tão humilde posição que se sentia um crápula por fantasiá-la como mulher, ali em

submissa atitude.

— Sim, nunca quis tornar-me noiva de Carneiro — ela movia a cabeça ao ir dizendo. — Ele é mau. Ameaçou a minha mãe, para fazê-la aceitar. Subornou-a.

E dizendo aquilo, daquela maneira, diante dele, ela se fez ainda mais criança.

— Sinto muito. Mas tudo o que era dele agora passa a ser meu — argumentou desejando-a para si a todo custo; porque além de soberbamente

linda,

pertencia

ao

seu

pai.

Era

prazerosa

a

perversidade? Um traço do sangue Carneiro que lhe percorria as veias sempre aflorava em sua personalidade quando via algo que muito queria...

— Mas...

Aidan viu que uma lágrima escapavalhe, estava compadecido dela porque parecia tão acriançada em sua súplica. Considerava mesmo que poderia demovê-lo de qualquer coisa? Que poderia fazê-lo desistir de tomá-la para si? Como abrir mão de querer figura tão incontestavelmente pura?

— Veja — ela continuou, — eu estava apaixonada e...

Ao ouvir a primeira frase do que ela iniciava a explicar ele levantouse tão inesperadamente que a assustou. O golpe lancinante do ciúme atingira-o.

— E por quem? — indagou. — Quero saber. — O tom militar lhe retornava. — Com efeito que não era por meu pai!

— Ninguém importante, para alguém como o senhor — Arielle murmurou.

— Diga! — Ele controlava-se para não alterar o tom da voz de acordo com seu humor.

— Alguém que conheci, em uma festa no arraial. Ele me enviou alguns poemas que foram interceptados por algum dos homens de

Carneiro — suspirou agastada. — Foi por isso que ele resolveu se casar comigo. Tentei implorar-lhe, mas ele não quis sequer ouvir o que eu tinha a dizer... — Arielle chorava agora e, por entre os soluços do choro embargado, continuava: — Certa vez que tentei ser ouvida de qualquer maneira, ele disse... disse...

— Disse... Disse o quê criatura?

— Que não me criou em berço de ouro, com o mesmo que dera à D. Joanninha para...

— Diga! Continue! Acabe logo!

— Para minha virtude ser dada a outrem — revelou cobrindo os olhos com as pálpebras frementes.

Ele com profunda cólera ao fazer uma imagem do que ela acabara de contar sentiu vontades de novamente quebrar as vasilhas de louça sobre o toucador, mas se conteve. Não pretendia assustá-la transtornando-a mais ainda. Cerrou a mandíbula e rilhou os dentes; olhou para ela.

— Não foi minha culpa, juro — disse Arielle, ainda, que não entendeu o porquê da raiva no rosto dele.

— Não fiz essa idéia, não te preocupe.

Aidan ajoelhou-se junto dela, e disse, procurando de alguma forma tranquilizá-la:

— Cuidarei para que isso não aconteça. Palavra — abraçou-a ternamente.

Sim, sua primeira medida como Barão seria proteger aquela frágil figura de seu opressor. E, de lambuja, além de deixá-lo sem nada, tomar-lhe-ia a noiva.

Sim, sim. Como era doce a vingança.

— Obrigada — agradeceu com alívio arrebatador.

Enfim, Arielle pensava, seria livre para com a mãe deixar Vale Campina e ir esperar Rubén no Rio de Janeiro. Assim ela imaginou.

— Qual tua idade, pequena?

— Completei dezesseis há um mês.

— Mas tu és uma criança! Vamos, anjo meu, levanta-te e te vista.

Temos de ir para casa.

— Claro, se o senhor me der licença.

Fez questão de descer com ela e passar pelo salão, ignorando a escada privativa. Inocente da situação, ela permaneceu até sorridente, talvez pelo

fato de se

saber livre

de Carneiro. Mas, Aidan de

Henriques não. Ele sabia muito bem o que estava fazendo. Sabia que até o final da tarde a notícia teria corrido léguas. Um forasteiro dormira com a noiva do Barão do Vale Campina. Logo saberiam que o tal forasteiro seria também o novo Barão. Que haviam dormido na hospedaria As Damas da Taverna! Não se sentia culpado, afinal a livrara de um destino muito pior que o aquele que teria.

Exceto pela ira que faiscava um par de olhos levianos que os espreitavam, naquele momento em que atravessavam o salão. “Então a companhia é a filha da governanta do Solar?” — Guita em mesmo tempo que abismava-se, corroía-se de despeito.

IV

Sobre Nômade, ambos aproximavam-se da casa grande da

Campina dos Lobos. Logo atrás, alguns cavaleiros, homens da confiança de Aidan, os acompanhavam como reforço para a posse; vinham eles em trote mais lento. “Não devia os ter dispensado na noite anterior”. — Pensava ele. Agora seria fácil e rápido, nada da humilhação que planejava primeiro. Apenas a posse do que ele, seu pai, nunca quisera lhe dar.

E algo inesperado acontecera. Tinha consigo, sob seu poder, a doce menina que até agora pertencera ao pai. A inocente filha da preceptora

de seus meios-irmãos.

Apeou do cavalo na alameda em frente à escadaria e, tomando Arielle nos braços, desceu-a da montaria. A brisa fresca vinha-lhes bater no rosto quando, no alto, viu surgir o Barão. Esse fez um sinal para um homem que por ali se achava, que depois de sumir por alguns momentos, fez aparecer duas dúzias de negros muito altos, robustos, fortes. Aidan não se amedrontou. Enfrentara esquadrilhas muito maiores ao lado de Duque de Caxias há alguns anos, em Itororó. Subiu a escadaria com a postura do verdadeiro militar que era. O que agora o deixava claro ser, já que se achava metido em um de seus uniformes, reluzindo sob aquele sol da manhã suas medalhas heróicas. Estando frente

a frente

com o

pai, sentia a adrenalina

percorrendo lhe cada veia, incinerando lhe cada fibra do corpo. A tensão no ar era perceptível.

— O que queres tu aqui? — Carneiro indagou.

Aidan nada dizia. O olhar dilatava-se e sustentava-se nos olhos do pai biológico. Pensava no que dizer, pensava naquele olhar da última vez que o enfrentara, muitos anos no passado.

— Devo advertir, como já fiz há alguns anos, o senhor não é bem quisto em minha propriedade. Não é bem quisto mesmo em meu arraial. Retira-te agora e não me darei queixa pelo rapto de D.

Arielle — disse o velho ainda.

— Sinto muito, Carneiro, mas o invasor aqui é... És tu — retrucou com uma calma que estava longe de sentir, usando de puro cinismo.

— Ordeno que te retire agora mesmo. Se não, meus homens farão valer a lei.

Nesse exato momento alguns homens à cavalo, fardados,

surgiram acompanhando os homens de Aidan de Henriques. Um deles tendo apeado, aproximouse trazendo um papel que Aidan tomou imediatamente.

Sua voz soou num rouquejar alto ao ler o mandado:

— Aqui diz: “Tendo o Barão de Vale Campina, Luís Tasso Carneiro, se abstido do juízo de suas faculdades mentais, vindo a tornar-se senil e incapaz da administração de seus bens, a posse da Fazenda Campina dos Lobos e todos os seu demais bens, inclusive seu título de nobreza, títulos e ações passam a pertencer a seu filho primogênito. Como se faz, a saber, o Cel. Aidan de Henriques Carneiro passa por reconhecimento do próprio pai, ser seu filho legítimo com Heloíse Marie de Henriques, sua atual esposa”.

Fitou o olhar de rapina na face do velho Barão.

— Impossível! Isso é uma ilegalidade! — berrou Carneiro, atarantado.

—

É

muito possível...

Meu...

Pai. —

zombou. —

E

“complacente que sou com o meu sangue” — lembrava-se

perfeitamente das palavras de Carneiro muitos anos antes, — não permitirei que seja o senhor enviado a um sanatório, como recomendou o teu médico, no Rio de Janeiro — olhou firme para ele.

— Ordeno que te retire de Vale Campina ainda hoje. Caso contrário meus homens aí estão para fazer valer o mandato judicial que tenho na

mão.

Carneiro afeitu um soco certo na boca de Aidan, ao lembrar-se dos papéis que há alguns meses assinara para seu advogado. Não os lera. Dr. Carlos Barbosa, seu advogado há quase quarenta anos era de sua inteira confiança. Decerto se deixara subornar. Mas como?

Que quantia era Aidan capaz de possuir que comprasse um amigo tão fiel?

Não somente quantias atraem aos homens...

No momento seguinte, os homens de Aidan que apontavam armas aos escravos imobilizaram Luís e esperaram por uma instrução de Aidan.

— Deixem-no preso na cadeia do arraial por cerca de três dias, para que ele aprenda que mandado judicial deve ser cumprido, depois o enviem ao Rio de Janeiro. Lá, será providenciado um ordenado para que ele viva dignamente. E na linha! — vociferava como o militar que fora. — Se não... Não pensarei duas vezes: envio-o para um sanatório!

Em seguinte, com a calma restabelecida, voltou-se para os escravos e homens que ali se reuniram para assistir o acontecimento e passou a dizer que a partir de então deviam respeito a ele como o novo Senhor de Campina dos Lobos, e Barão de Vale Campina, mas que não queria ser chamado de tal. Que deviam chamá-lo de Coronel Aidan de Henriques. Antes de Barão, seria sempre um militar.

Depois, arregimentá-los-ia como se fizessem parte de um quartel, daria as ordens e esperaria que fossem seguidas.

Para os cerca de dois mil e quinhentos escravos de Campina dos Lobos tudo começaria a mudar.

Arielle que entrara, da janela, a tudo assistia, muito amedrontada, não entendia como podia fascinar-se por um homem como aquele.

Podia ter aquele porte admirável e aquela beleza exótica e estrangeira.

Mas, podia ser mau, como o pai. Duro em suas ordenanças. Austero em suas expressões. Bem, talvez não fosse tão mau assim. Ali, era lobo tomando lugar de lobo, pensava. Estava no sangue daquela gente,

concluía.

Era mesmo o emblema da heráldica da família Carneiro, o olhar duro de um lobo-guará. É mais dócil que os estrangeiros, mas lobos são sempre lobos; sempre defenderão seu território, seu alimento. E

sua fêmea...

V

Anoitecera por completo.

Leila se maquiava frente ao espelho e ouvia as risadas dos homens que mais uma noite chegavam para se divertirem n'As Damas da Taverna. Fez uma careta e borrou a pintura dos olhos.

Sentia nojo daquele lugar. A cada dia que passava sua angústia por sumir dali mais e mais tomava proporções à beira de uma explosão. Nunca quisera ser uma cortesã, uma mulher “de favores”. Mas aquela

noite

fatídica

a

obrigara,

impondo-lhe

essa

vida

de

humilhações rotineiras. Os homens que frequentavam a casa de Jamir, o gigolô, faziam questão de fazer as “damas” que ali residiam se sentirem menos que excrementos. Afinal, não era uma casa de prazeres de alta classe, como a que certa vez uma de suas tias, Heloíse, fora

vendida.

— A devassidão parece ter amaldiçoado o sangue dessa família.

— gritara seu pai quando lhe soubera desonrada pelo filho do Barão. Fernão, com seus lindos olhos de pantera, cabelos negros e lustrosos quanto à pelagem do jaguar-preto, lhe ludibriara, lhe fizera falsas juras de amor e matrimônio. Então quisera uma prova de amor; sua virtude. Recusara em dar-lhe, mas então, ele a tomara pela força. Jamais perdoaria a seu pai por não ter lhe acreditado.

— Ela veio se oferecer a mim. Não pude resistir, Capitão. Mas encontrei-a já deflorada — fora a justificativa do então futuro Barão. E com que requintes de maldade a tomara! Depois somente aquela casa quisera recebê-la, levada até ali pelo próprio pai e irmão.

Uma lágrima correu de seus olhos ante a lembrança amarga. Teria de refazer a maquiagem e, o que era pior, se maquiava para esperá-lo.

Fernão Cerneiro dissera a Jamir que só servia se fosse ela.

E nos últimos anos, ao menos três vezes por semana, quando não estava na Corte, ele lhe vinha amofinar.

Estrondos ferozes contra a porta. O coração de Leila deu um salto. “É ele”. — Pensou tomada pelo pavor, porque já antevia que ele devia estar nervoso. O nervosismo o transformava de um lascivo maquiavélico para um animal feroz. Quando abriu a porta ele

adentrou o aposento em um rompante furioso e esticou o braço com empáfia, apontando em direção da cama.

— Não desejas beber algo forte? — sugeriu pensando em um modo de acalmá-lo, para que tivesse menos dor. Sabia que algo o irritava, o tirava de centro, desencobrando-lhe uma nuance doentia de seu ser.

— Agora! — berrou ele irado.

Tremendo, Leila livrou-se da saia de roda, dos saiotes e das calçolas que ele certa vez lhe trouxera. Gemendo deitou-se de bruços na cama, apoiando os antebraços sobre uma almofada. Levantou alto o traseiro e contraiu o rosto. Esperou... Então, a sua dor lancinante que lhe entontecia veio junto com um gemido de alívio por parte de Fernão.

Poucos momentos depois ele já terminara e fechava a calça. Outra vez humilhada, desolada, ela com custo reprimia o choro. Desde que a deflorara naquela noite ida, jamais a possuía outra vez por vias comuns.

— O que houve desta feita? — ela indagou levantandose.

— Que te importa?

Ela deu de ombros, com certa humildade resignada.

Fernão sentou-se na velha cadeira de cotonê e enxugava o rosto suado com um lenço. Ia dizendo:

— Aquele verme! Veio surgido do inferno para me tirar o direito. Para tirar a meu pai de sua posição!

Ah! Leila sabia das novidades, Guita lhe contara. Sabia que Fernão referia-se ao Coronel. Só não sabia no que aquilo reportaria a ela, o que lhe significaria a transferência de poder do velho Carneiro a seu filho bastardo.

— Me mudo amanhã bem cedo para a Corte. Vosmecê vem comigo — avisou-a.

— Impossível. E tua noiva?

Ele riu sarcástico.

— Noiva? Achas mesmo que ainda terei uma? O pai dela andava de olho era na fortuna de meu pai.

O Rio de Janeiro... Leila exultou por dentro. Lá chegando, seria muito fácil fugir!

VI

Desde que tomara posse da fazenda, Aidan não confrontara sequer um de seus meio-irmãos e esperava que isso acontecesse logo.

Assim ficaria livre de uma vez de chateação. Mandara buscar Joana no convento em que se encerrava no Vale do Paraíba paulista; não queria que uma tutelada sua se trancafiasse, deixando de estudar o que realmente, em sua opinião, merecia ser estudado. Deveria ela chegar até o final da semana. Por isso, esperava Suzanne, a tutora daquela casa e mãe de Arielle, ali no escritório. Queria acertar com ela o que esperava

que essa passasse a D. Joaninha. Os grandes pensadores franceses... Impressionismo. Olhava para a enorme tela a óleo sobre a lareira. Carneiro, numa pose fálsete, empertigado

em seu traje sofisticado de nobre, parecia desafiá-lo para um duelo. “Em breve não serás tu que estarás aí”. — Em pensamento, taciturno, avisou à pintura.

Madame Suzanne, bateu à porta entrando em seguida. Estava firme em sua usual e elegante postura. Como sempre, trajada de negro dos pés ao pescoço, a viúva aproximouse do gabinete com uma calma muito natural do seu caráter.

— O senhor mandou me chamar, Barão Carneiro? — ela disse carregando no sotaque francês.

— Senta-te — ordenou. — Já não te adverti, D. Suzanne, que me irrita se chamado dessa forma? — já percebera que ela detestava quando lhe trocavam o Madame por Dona.

— Perdão... Coronel Aidan de Henriques. O que desejas?

— Discutir pontos que quero deixar claro quanto à educação de minha meia-irmã, que como sabes, mandei buscar. Diga-me, com que idade conta ela?

— Já é bem quase uma Sinhazinha, cerca de catorze anos. Creio que tenha feito um bom trabalho. Fui eu quem a educou até que completasse doze anos e sentisse desejo de internar-se em um convento. É noviça ainda, preste a fazer os votos.

— Entendo. Aulas de quê eram ministradas a ela?

— As comuns. As primeiras letras, prendas domésticas, etiqueta, dança, piano, francês, religião...

— Religião. Esta pode eliminar.

— Mas...

— Não discuta minhas ordens. Uma senhora que demonstra tanta inteligência não cairia no infortúnio de discutir as ordens de seu senhor, não é?

— Muito bem, perdoe-me. Bem, como o senhor pode ver fiz um ótimo trabalho com Arielle. Ela toca piano soberbamente, lê, escreve e

fala um francês puro como une Mademoiselle do Vale do Luar, possui todas as prendas de uma senhorinha de berço e...

— Basta — cortou-a. — Vê-se como D. Arielle possui fina educação. Quero o mesmo para minha irmã.

— Bom, então fica difícil, já que Mademoiselle — enfatizou — Arielle possui um ponto a favor que é o sangue puro francês e...

— A senhora não se acha uma tanto ousada? Estás insinuando que Arielle possui melhor sangue que o de minha irmã, por simplesmente ser filha de franceses?

Ao acaso aquela mestra teria estudado os iluministas? Sabia ela também que ele era bisneto de um francês? E como podia ter a certeza inabalável sobre a pureza do seu sangue e... de seu falecido marido?

— Perdão senhor, não foi o que quis dizer. Mas é que já perdemos pelo menos dois anos da educação de D. Joana. Ela é uma garota...

— Bem — cortou-a, — devo advertir que o compromisso de casamento entre Arielle e meu pai passou agora para mim. Honrarei a promessa de meu pai de torná-la uma Carneiro — era uma deixa para fazê-la confirmar o que já desconfiava. — Inclusive já fiz correr os proclamas.

—

Bem, Cel. Aidan... Apresso-me em exprimir-te que o combinado com teu pai era um. Que agora passando para o senhor o compromisso, devemos conversar novamente sobre o assunto.

— Pode dizer.

Ela fitou a fresta de sol que rebrilhava a poeira finíssima em suspensão. Escondia embaraço?

— Bem, pela mão de Arielle, Carneiro me dera o suficiente para meia passagem de navio para a França, ainda me faltariam alguns contos de réis; são tantos os detalhes que se tem de prover numa viagem...

— A senhora não passa de uma manipuladora — acusou-a. — Como pudeste vender a própria filha? Pois saiba que, alguém como tu não quero para a educação de minha irmã — declarou resoluta. — Menos ainda morando dentro de minha casa. Pode arrumar tuas coisas, que a

mandarei em dois dias para São Paulo.

— Sendo assim, como terás a mão de minha filha?

— Não terei? — ele erguia uma sobrancelha.

— Pensas que terás a mão de Arielle? Se for assim não assino os papéis do casamento.

—

Então vais ter uma filha desonrada? Então não sabes,

Madame, o que diz o povo depois de ela ter passado a noite comigo na taverna?

—

Maldito

bastardo! —

dardejou

sibilante;

os lábios finos apertados.

— Veja lá como fãlas — a voz grave dele ameaçou ante aquela palavra que ele não podia suportar. — O que achas de ela saber sobre a negociata que a envolvia?

— Isso nunca. Não podes fazer isso, ela é minha filha — choramingou realmente preocupada. — Minha única filha...

— Tua única filha e ias vendê-la para o meu pai?

— Como poderias tu entender? — começou amuada. — Há quase vinte anos sonho em regressar a Paris, de onde nunca deveria ter saído. Anos juntando e não consegui guardar o suficiente para uma pessoa, imagine para duas. Ademais, casando-se com o Barão, Arielle seria a senhora disso tudo. Riquíssima.

— Sua louca. Ela tem apenas dezesseis anos! Uma criança ainda.

Ela podia ser neta de Carneiro! Será que não vês o caráter de meu pai? — Senhor, sei que ele te deixou por anos bastardo e abandonou a tua mãe, mas com Arielle seria diferente. Seria pela legalidade.

Imaginas o que é ter de servir...

Mas, ele a interrompeu:

— Retira-te imediatamente da minha frente — Aidan ordenou, sem ânimo sequer para fitá-la.

Bastardo. Quem pensava que era ela, lhe remexendo daquela forma em suas feridas?

— Enten...

— Agora! — berrou.

— Sim, senhor — e voltou-se para a direção da porta; o queixo erguido.

— Tens hoje para arrumar tuas coisas. Partirás amanhã. Para Paris.

Pouco depois, alvorotado, descia a escadaria principal do Solar.

Zé Moleque lhe vinha falar e assustou ante a expressão taciturna de seu patrão.

— Senhor, quanto ao cavalo...

— Ele mesmo que quero. Já o selaste?

Aidan ia por àquela hora para o arraial. Mas, enervado pelo que já desconfiava e a mãe de Arielle apenas confirmou, saiu a cavalgar pelo vale que cercava a campina dum verde esfuziado de sol. Puxou a rédea, ficando montaria e cavaleiro imóveis. Era como se ouvisse ou...

Sentisse um cheiro doce de... mulher? Foi longe, seguindo entregue aos instintos que gritavam em cada sentido seu, atravessou pequeno bosque de vegetação pouco densa, venceu uma clareira e, logo se foi embrenhar numa mata densa. Freou cauteloso. Certa tendência

natural, uma intuição que o assustava e não podia explicar acusavam outra presença ali. Era a mesma da iminência do inimigo, numa

batalha. Mas diferente. Agora era com ansiedade que buscava pelo fim daquilo tudo. Girou a cabeça para todos os lados e ouvia o estalar de galhos. Após um relincho afobado e, precipitando-se um pouco, viu passar um vulto que parecia compreender um cavalo branco montado por uma figura de cabelos que esvoaçavam ao vento.

Parecia o vulto de...

Com toda a cautela seguiu para a estreita trilha no meio da mata.

Estranho! Ouvira dizer que ali era uma floresta virgem que poucos, além de caçadores, ousavam se aventurar por conta das feras. E foi seguindo a trilha. Conforme avançava um som monótono e musical de água caído lhe chegava aos ouvidos. Um cheiro fresco, herbal o acalmava pouco a pouco e, logo, já não mais se lembrava do entrevero com a governanta.

Era

boa

a

calmaria

pressentimento de quem iria encontrar era exatamente a moça que não gostaria de estar com ela a sós que lhe derramava uma expectativa embalsamadora?

Nômade pisava cuidadosamente o chão atapetado de folhas, como adivinhasse que seu cavaleiro e dono não quisesse causar qualquer ruído. Aidan via as pedras e adivinhava que um regato estava próximo. Apeou e, tendo prendido seu cavalo a um tronco de uma ameixeira, avançou por entre os galhos, tomando a precaução de se manter oculto.

Ouvia uma voz suave, maviosa que cantarolava perto. Seus olhos

buscavam a dona dessa voz que de tão encantadora só poderia ser uma. O sol se coava brilhante por cada festa de brenha e pingos de luz esfuziavam a superfície das águas que pequena cachoeira agitava.

Até que a viu...

Era o pino do dia. Depois do almoço, ao invés de sestar como todo mundo, Arielle gostava de fazer exercícios amenos. Nesse dia, fazia um calor adverso, por isso, impelida por uma sede de ousadia e liberdade deixou a casa grande no cavalo que pertencera a Joanelha em direção a esse lugar encantado que acreditava só ela conhecer.

daquele

retiramento

verde.

Ou

o

Assim que chegou a beira do perfumoso arroio de águas puras, descalçou as botinhas caramelo e pensava nos conselhos das mais velhas. Tomar banho depois do almoço vira o estômago e morre. Riu.

Bobagem! Fosse assim era para ser defuntinha desde pequena, porque o que mais gostava era disso mesmo. Assim, zombava, como sempre, das advertências alheias. Mergulhos tranquilos nessa piscina cristalina onde o sol então rorejava gotas preciosas de fulgor. Assim, entre tanto verde tudo adquiria um alegre tom de encantamento.

Desvestia-se do vestido, ficando apenas com a fina combinação de tecidos diáfanos quando sentiu um calafrio. Parecia que era observada? Impressão a sua. Acontece que desde que o arrogante filho de Luís viera tomar conta de tudo não sentia-se mais tranquila.

Sempre aquele olhar estranho a lhe fitar como sentisse... o que? Como

estivesse faminto...

Será que estava mesmo assisado em fazer-lhe sua esposa? Ela perguntava-se afundando os pés na água, molhava as mãos de um modo meigo que daria inveja a mais graciosa das garças.

— Como está quente hoje... — murmurou esgando de alívio ao sentir o a umidade fria envolvê-la quando, finalmente, se deixou cair na água. Aidan, oculto entre arbustos, assistia-a embasbacado. O talhe era esplêndido, as curvas perfeitas reveladas na transparência das roupas o faziam duvidar que tivesse apenas dezesseis anos.

“Ora, quantas moças não se casam nessa idade? Até menos?”

Então pensava no modo lampeiro que a vira, pela janela de seu quarto, na tarde anterior, brincar com algumas mocinhas filhas de escravos. Com elas ela girava em roda, esvoaçando os cabelos fartos, macios dum louro escuro sem igual... Até que Madame Suzanne lhe veio interpelar por estar brincando “com essas escravinhas” como disse a intratável mulher.

— Vá, vá arrumar este cabelo com decência!

“É criança ainda..”. — Aidan decidiu perdido na lembrança recente.

Mas perdeu o fôlego diante do que viu quando recobrou o sentido de presente. Ela erguia-se das águas, jogando os cabelos encharcados para trás. O sol batia em sua figura, resplandecendo-a toda.

“Uma sereia... ninfa das águas..”. — Percebia erotizado naquela visão.

— “Melhor eu ir embora daqui”. Mas não foi. Afastou-se, contudo, e esperou, em oculto, para ver quanto tempo ela ainda ficaria ali, esbaldando-se naquele banho ao ar livre.

À hora do jantar Aidan procurou da melhor maneira possível contar à noiva que a mãe faria uma viagem à França, já que há muito andava saudosa de sua terra natal. Antes de dizê-lo, preferiu adverti-la para algo que o preocupava.

— Não quero sonhar mais em saber a senhora banhando-se solitária em regatos retirados, D. Arielle. Não sabes, não contas que perigos corres? Se qualquer um dos homens que trabalham aqui, ou escravo te

surpreendesse no modo que te vi?

Arielle não o fitou. A única reação que a viu ter foi um ténue erguer do maxilar e um sombrear corado atingir suas faces.

— Tua mãe deve estar feliz ao extremo — observou espetando um naco de carne de caça que partira.

— Ora, porque ela estaria? — indagou indiferente.

—

Vai finalmente regressar a França, bem como sempre sonhou... — revelou suspirando e indo bebericar gole de vinho tinto.

Arielle Moissonner prontamente abriu aquele sorriso cativante que tinha. Sorriso o qual ele já se habituara. Às vezes torcia que acontecessem coisas que os provocasse. Arielle disse que muito apreciava o fato de tudo o que ele estava fazendo por elas. Que, na verdade, sonhavam com isso desde que chegaram ali, quando Arielle tinha dois anos de idade.

—

Acho

que vossa mercê não entendeu.

Apenas Madame Suzanne viajará. Minha noiva não pode viajar tão próximo que é o dia da cerimônia do casamento. Aliás, nem em época qualquer, sem que eu a acompanhe.

— Ora, mas... Eu entendi que o senhor havia me liberado do compromisso... — dizia reticente, pensando na função de Saquina com as fazendas e agulhas.

— Sim, do compromisso com meu pai. Depois de termos passado a noite juntos naquela taverna o que acha que os habitantes de Vale Campina estão a pensar? Tenho o dever de salvaguardar tua honra.

— Mas não aconteceu nada lá. Dormimos em quartos separados — o que um Carneiro poderia saber sobre honra? O pensamento lhe apunhalou a esperança.

— Não é o que presume o povo do arraial... Tu não acharias mesmo que eu faltaria em te honrar a virtude, não é?

— Mas e... E Rubén? — ela chorava copiosamente, tinha o rosto corado todo encharcado por lágrimas.

Outra vez ela ousava proferir o nome do desafortunado mancebo?

Controlou-se a tempo de suplantar a ira ciumenta que queria brotar.

— Sinto muito, pequena, mas ele terá de se conformar. Se eu fosse vossa mercê, passava a preparar depressa o traje de casamento, pois já correm os proclamas. A cerimônia deve ocorrer até o fim desse mês.

— “Pequena?” — repetiu injuriada. — Como podes me chamar assim? Vossa mercê é mesmo como ao teu pai — declarou

consternada. — Frio como ele. O pessoal todo da fazenda tinha esperanças. Vale Campina tinha esperanças. Mas que ledro engano! — lastimou.

Arielle, então, saiu correndo pela casa, batendo as botinhas contra o assoalho, correndo rumo ao quarto. Aidan pensou se estava realmente fazendo a coisa certa. Mas ela teria destino muito pior não fosse por ele, não é mesmo? Casada com um velho torpe, filha de uma mãe como aquela. E o tal de Rubén, como viera a saber, não passava de um filho de dono de armazém. Moleque ainda. Um ou dois anos a mais que Arielle. Ademais havia algo... Não sabia ao certo, uma eletricidade que emanava dessa menina que o fazia imaginar delírios que debalde lutava para varrê-los da mente.

VII

Estava tudo pronto para o casamento que se realizaria dentro de dois dias. Não teria festa, Arielle não queria; era uma nubente revoltada. Mas, Aidan fizera questão de convidar pelo telégrafo seus melhores amigos: o Tenente João Alberto Assis Filho, seu melhor amigo, também ao Neves, o Dr. Afonso d’Anjo Maia, o casal Mauá, José Emanuel da Costa, Emílio Smith Fernandes e esposa. Estes eram os nomes dos que já haviam chegado. Apenas seu círculo mais íntimo de amizade. As relações de interesse que muita gente costumava também

chamar amizade, ele não achou por necessário convidar.

Era tarde da noite, quando, quase todos eles apearam os seus corcéis frente à taverna. Seus companheiros insistiam em uma despedida de solteiro.

Quando Aidan adentrou o grande salão foi recebido com gestos de deferência por parte dos que ali se achavam bebendo. Logo mesas foram juntadas para que os recém-chegados as ocupassem. Uma das cortesãs veio cortando a nuvem de fumaça ao trazer depressa uma bandeja repleta de taças de estanho cheias de vinho.

José Emanuel da Costa era sua amizade mais antiga, desde os tempos do colégio do professor Stoll. Gostavam de vagar por Botafogo, falar da vida, da morte, do corpo das mulheres — mistério indecifrável dos ansiosos mancebos. Para um poeta abatido, muito alegre se achava. Num chofre bradou, à voz musical e ritmada, para o rumo do balcão: — Taverneiro! De que nos adiantam taças vazias? Encha-as!

Encha-as com o néctar sanguíneo que só a uva nos dá! Encha-as até que transbordem esse estro que é o líquido embriagante para que transborde nosso peito de gozo e veleidade. Dádiva de Baco! — Então, sentandose, tornou para seus companheiros e continuou entusiasmado: — Vislumbremos amigos, as delícias que nos guardam a noite vindoura; vislumbremos as agruras vindouras que aguardam a nosso irmão da inextrincável vida de casado!

Todos riram fazendo tilintar suas taças e retumbar pelo grande salão suas gargalhadas inconfundivelmente jovens. Então mais uma vez cumprimentaram Aidan pela boda iminente.

Tinham ficado muito impressionados com a ascensão do amigo.

É claro que ele, de anos para cá, vivia uma vida folgada financeiramente, já que sempre fora um investidor intuitivo e se envolvera nos mais diversos ramos econômicos. E isso já era motivo para despertar a cobiça no coração alheio. Não sabiam como, mas contatos financeiros preciosos se ligavam a ele das mais inexplicáveis maneiras.

Seus negócios eram entrelaçados a nomes como do Visconde de Mauá e ao de Juca Paranhos — futuro Barão do Rio Branco. Eles, embora amigos no passado, seguiram caminhos opostos. Paranhos, tendo cursado direito em Recife, fundando, mais tarde, um jornal que seguia o legado abolicionista do pai e recentemente tendo ingressado na política, fora eleito deputado do Mato Grosso. E Aidan aventurara-se no confronto contra o Paraguai, levando em frente à carreira marcial que iniciara na Escola Militar do Rio de Janeiro, permanecendo aos olhos dos demais um escravocrata. Nos dias de então, era como o ilustre banqueiro das notas internacionais que lhe tinha por maior sócio. De um modo irrevogável, estava ligado ao d'Anjo Maia quando o assunto era dinheiro inglês.

Mas era mesmo para se impressionarem. Aidan agora, somando sua riqueza à do pai, valia uma fortuna de mais de nove mil contos de réis! Entendiam por que seu anfitrião nem ao mesmo considerara a questão de sua noiva não possuir dote.

O cheiro de tabaco e de odres velhos impregnava o ambiente.

Aquela noite na taverna se descortinou cheia de causos de batalhas,

paixões,

aventuras

ou

desventuras.

Declames

e

acontecimentos daqueles cinco amigos, passados juntos ou não. O

vinho, que regava as entusiásticas narrativas, ia deixando-os mais ébrios e mais fantasiosos, ultrapassando as fronteiras do que fora real.

Ou não.

Ah, amarga dor de entreveros do Prata...

VIII

A noiva caminhava pela pequena nave a passo vagaroso. Arielle adiava o máximo possível o momento em que se tornaria a esposa de Aidan de Henriques.

Quando pensou no encontro que tivera, na véspera, com Rubén, fez um tremendo esforço em controlar as lágrimas que insistiam querer aflorar. Um tremendo esforço para continuar a marcha até o altar, onde o noivo, satisfeito, metido na farda de gala, a esperava em sua pose orgulhosa.

Arielle havia mandado vários bilhetes para o namorado dizendo que estava sendo obrigada a casar, que não era de sua vontade. A sua personalidade se perfazia de matizes ousados, de festas impávidas e repentinas. Como não houvesse resposta alguma, pensando que suas mensagens poderiam estar sendo interceptadas, de madrugada, às escondidas, saíra montando a égua de Joaninha, como sempre fazia quando queria ir à quermesse escondida da mãe.

O céu estivera límpido e sem estrelas. Noite escura, mas era como se as estrelas dentro de suas íris se dilatassem e pudesse ver no escuro. Chegando ao arraial, cavalgara devagar de modo a não fazer ruído pelas pacatas ruas de Vale Campina. Batera à janela da casa dele que era à flor da rua. Ouvindo algum ruído, escondera-se atrás de uma antiga castanheira que ali em frente enterrava-se com frondosas raízes. Se fosse outra pessoa que atendesse às batidas, como um dos pais ou irmãos de Rubén, ela não seria vista. Foi o próprio Rubén quem abriu a janela. — Arielle, o que fazes aqui uma hora dessas? — inquiriu o mancebo alarmado.

— Rubén, mandei-te várias mensagens, como não houvesse retorno, julguei terem sido interceptadas — cochichou-lhe.

— Eu as recebi! — Arielle então ficara confusa. Como o outro lhe lesse a dúvida que estampava as feições, continuara: — Mas as ignorei. Tu deves ir embora agora; sei bem que te casas amanhã.

— Não... Não! É contigo que quero me casar. Faça algo para impedir, Rubén — então tomara a mão morna do rapaz na sua. — Podemos fugir. Minha mãe partiu para Paris, nada me prende aqui.

— Estás louca? E eu não tenho família? Ainda, sei bem que tu passaste a noite com o novo Barão. Todos sabem.

— Pois não é verdade. Foi um ardil que ele tramou contra o pai.

Não sei ao certo. Mas garanto que dormimos em quartos separados.

— Acredito — declarara, porque a inocência irradiava-se dela. — Mas que eu posso fazer? Minha mãe jamais te aceitaria para nora, agora que tens o nome na boca do povo.

— Então é isso? Tu não farás nada? Então não disseste que me amavas? — inquiriu ainda cochichando, mas indignada.

— Sim, mas sei que posso achar outra com a honra limpa para amar. Sei que a poderei amar também. Quanto tu, sugiro que limpes a tua e te cases com o novo Barão. Agora é melhor que vás embora, se alguém nos visse aqui seria o fim.

Rubén fechara a janela de duas folhas e a deixara ali. Com lágrimas grossas e ardidas escapando dos olhos vermelhos, Arielle se pusera a caminhar de volta. As mãos iam aos bolsos do sobretudo e perguntava-se onde estava o herói que ela tentou acender nele? Não existia... Quando era noiva de Carneiro, não tinha data para acontecer.

Tinha esperança que ele a liberasse ou que ele viesse a falecer antes, andava tomado por doenças desconhecidas. Mas agora, com Aidan, tudo lhe fora roubado; a mãe, a esperança de liberdade para casar-se com Rubén, os sonhos de fazer sua vida longe de Vale Campina. Esse, o tal Coronel, ao que lhe parecia, era ainda pior que o pai e o irmão Fernão. Quando alcançara a esquina, a carruagem que portava o brasão dos Carneiros parara a seu lado. O lobo dourado parecera ameaçá-la; assustada, correrá. Mas logo fora pega, como uma folha de papel, e braços fortes a levou para o interior da carruagem. O

silêncio imperara todo o percurso até a fazenda, somente aquelas pupilas transbordando a ira contida a dizerem-lhe alguma coisa,

quando eram furtivamente batidas por algum lampião. Lá, pelos salões seguindo-a, Aidan explodira em um grito:

— Minha noiva, às vésperas do casamento, indo encontrar com o amante. Isso eu não irei admitir!

Ela se voltara. Enfrentara-o:

— Ele não é meu amante! Mas é com quem quis casar-me — esganiçara a voz a plenos pulmões. — Ele eu conheço, mas tu... — olhara-o de cima a baixo com desprezo. — Tu és um estranho para mim. Um tirano! Então não percebes? Odioso! Nefando!

E chamou-o ainda mais de um sem fim dos adjetivos mais impresumíveis. De todos os nomes sujos de senzala que conhecia. Primeiro ele assombrara-se com sua ousadia. Depois, indagavase, quando alguém tivera coragem de se reportar ao Coronel Aidan de Henriques daquela forma? Quando alguém ousara tanto? Vindo dela, era quase divertido. A figura frágil e fulgurante, tomada pela ira lhe dava um ímpeto desconhecido, que a fazia tremer-se toda. Apesar da cólera de ciúme que o engolfava, ele sentira desejos de rir? Quando desejara rir desde que usava calças curtas? Contudo, seu semblante endurecido

recobrira qualquer desejo de zombar sorridente dos arrojos exasperados da noiva.

Quando então, não tendo ela mais predicados depreciativos para lhe gritar, ele se aproximara dela e dissera bem baixinho:

— E ele, o que fez para salvar-te deste “nefando” que te fala agora?

Arielle baixara o olhar, permanecendo calada em sua expressão de surpreendida. O timbre confiante, rouco da voz de Aidan que a deixara assim com as ventas do nariz pequenino em frêmito.

— Hein, responda! — exigia-lhe o noivo forçado.

— Nada. Ele... tem medo de vossa mercê.

— Então, tu Arielle, o acha digno de ti? Um covarde?

— Não é essa a questão. Todos sabem que tu poderias acabar com ele. Com toda sua família.

— Vossa mercê não me conhece, Arielle. Não sou um monstro —

dissera segurando-a pelos ombros, apesar de duvidar do que afirmava, lembrando-se inevitavelmente dos dias de batalha. — Esse ser assombroso e fantástico que fazes idéia. Achas que não noto que é só eu entrar num ambiente para que saias por outra porta com essa arrogância que me agasta até a alma?

Ela sustentara o olhar desafiador. Aidan, por isso, achara-a corajosa. Quem tinha coragem em fixar os olhos nos seus? Seus rostos se achavam tão próximos que os hálitos se mesclavam deixando-os sem que percebessem, mais abalados.

— Te pareces um agora — murmurara.

Um ser apavorante e fantástico e... Fascinante...

Compreendendo que era verdade, ele que já a mantinha cercada à parede, impondo-lhe toda a força, liberara-a. Um silêncio mortífero pesara o ambiente. Por fim ele a aconselhara:

— Suba e descansa. Amanhã precisarás estar disposta para o casamento. E se eu a vir de novo — ameaçara categórico — sequer a três quarteirões daquela casa... — parara buscando controle para o tom de sua voz. — Farei com que aquela família vá montar armazém em outra província.

— Não te preocupas tu, Coronel. Rubén não me quer. Ele disse — declarou escondendo a consternação. — Não manchaste, então, a minha honra? — lembrou lhe, a voz amuada. E se retirara rumo de seu quarto, o queixo empinado, subindo os degraus que levavam ao andar superior.

Aidan, que sentira um júbilo crescente com a revelação de que o comerciante a não queria por conta da ligação que se formara entre os dois, se retirara para a biblioteca.

IX

Quando vislumbrou a noiva adentrar a igreja, apreciou-a tão imaculada em seu vestido branco, acabado em tramas delicadas e detalhes minuciosos, que sentiu alguma esperança de as coisas se adequarem. Foi quase impossível de reprimir o sorriso que a beleza casta e

luminosa dela derramava dentro do templo. Estava acontecendo de repente, ele sabia. Mas já era hora mesmo de se casar, sentar praça como diziam. Estava perto de completar trinta anos e queria filhos, muitos filhos. Uma família. Traria sua mãe para morar com eles e ajudar a criar os netos; ela enfim merecia o que lhe era seu por direito. A gaze vaporosa e rendas da mantilha cobriam-lhe completamente o rosto e não podia ver-lhe a expressão, mas adivinhava; descontentamento. Teria de conquistá-la. Faria com que o desejasse e como seria prazeroso render-lhe. Mas, não agora.

Tinha dezesseis anos... Não queria quebrá-la.

Pensando bem na figura que se colocou a seu lado alcançandolhe a altura do ombro, voltando-se para o padre, Aidan pensou na contradição existente em Arielle. Ora tão serena e amadurecida, ora de uma infantilidade irritante, agitadora. Por vezes cândida como as rosas que ornavam a capela de devoção da Campina dos Lobos. Por vezes de um temperamento tão abrasado que previa a dificuldade em controlá-la no futuro.

Não importava. Queria-a.

Desde o primeiro instante a quis para si. Desde que soube que não era sua irmã, decidiu que seria sua. Inteiramente sua.

Desvelando lhe o véu transparente, desvendou a face alabastrina e perdeu-se no imenso olhar verdejante da menina-moça. Marejados, controlavam com custo o pranto querendo salvaguardar o orgulho.

Sob os cílios úmidos, aqueles olhos brilhavam indecifráveis para ele.

Decidiu, ao ver os lábios fartos, túmidos e naturalmente enrubescidos que, os beijaria ao findar da cerimônia. Fazendo isso, transgrediria a intenção inicial de simplesmente render-lhe respeito lhe tocando a testa com os lábios.

E depois de proferido, em latim, o discurso matrimonial pelo pároco do arraial, Arielle Châtelain Moissonner veio a se tornar a Baronesa

de Vale Campina, Arielle Moissonner de Henriques, conforme a vontade de seu marido. Esse que agora fazia aproximar o rosto do seu, segurando-a pelos ombros e indo roubar-lhe de súbito um beijo. O primeiro beijo que receberiam seus lábios virgens. Viu a fonte serena de Aidan se aproximar, ele mantinha os olhos fechados.

Não lhe adivinhara a intenção que, embora

provável, lhe era

inimaginável. De tão fugaz, Arielle mais tarde para si, cogitaria se não era apenas uma impressão o suave e adocicado sorver que Aidan lhe compelira a receber no lábio inferior. Preferia que fosse, por que decerto esqueceria rápido.

X

Mas, então porque já tão tarde da noite, em seu quarto, ainda pensava no gosto daquela impressão? E depois, na breve recepção para alguns convidados de Aidan, o que fora aquilo que lhe vira na expressão? Ela estava no terraço aos fundos da casa, observando a mata verde, ao longe. A neblina esbranquiçada envolvendo os montes azulados num abraço sutil. Ele chegara e, tocando-a nas costas suavemente, lhe perguntara:

— Cansada, meu bem?

A intensidade grave imposta na voz de Aidan fizera com que, em seu interior, ela estremecesse. Mas, soubera disfarçar.

— Um pouco — respondera, alheando o olhar.

— Caso tu queiras, podes retirar-te para um descanso. Os convidados entenderão.

Embora achando uma sugestão excelente, recusara por se lembrar do que devia vir depois; as núpcias. Joaquina era a negra que comandava a cozinha desde muito antes de Arielle ali chegar como um bebê de dois anos. Começara por rodeios a lhe falar. Fora em hora bem tarde, à véspera das bodas, quando lhe levara o leite e as broinhas de sempre.

— Depois que homi e muié casa é por direito do marido tomá a

esposa, e dever dela entregar seu corpo a ele passiva.
À sua maneira simples, quase rude, Saquina — como a

chamavam todos, — explicara o que deveria acontecer depois o casamento. Não obstante, Arielle ficando estupefata, para não dizer horrorizada, guardara muito bem para si, sem externar os sentimentos de medo que lhe iam ao peito. Apenas ouvira carinhosa a voz da mulher grisalha.

— ...é assim que deve aconticê. Então, se ele chegar com um olhar diferente, e começá a disabutuá a camisa não te assuste, minha menina. Fica quetinha dibaxo do lençol que eu já cosi e aprontei. Ele é quem faz tudo. Talvez encasqueta de ti buliná, mas é difícir di aconticê. Não dá um pio ou ele pode bem si zangá. De premera veiz, é sempre rápido, por isso não há percupação — Saquina olhou longe, sem deixar de fitar o guarda-roupa. — Vem uma dor, num vô minti pra tu, criança. Fica perparada. Mas, logo passa. Dispois de argumas vez, melhora. E é desse modo que anssim, vassuncê pode encher o ventre — tocou-a na barriga — com um herdeiro do Barão. E ter alguém pra amar e cuidar. Pra preenchê teu tempo, como eu tive a minha Frô. Com um beijo na testa de “sua menina” a escrava se retirara do quarto de Arielle que, por longo tempo, quedara-se, estática. Ainda acreditava que um beijo de um homem nos lábios de uma mulher a fazia esperar bebês. E, assim, se achava esperta por não mais crer que as cegonhas derribavam os rebentos dentro de repolhos na horta.

Fizera a cena que Saquina descrevera mentalmente e tremera de pavor. Não queria fazer nada daquilo com seu marido. Com homem algum!

XI

Já fazia umas quatro horas que Arielle tinha se recolhido. Saquina e Flor, a futura mucama da Baronesa, entraram com ela no quarto de Aidan para ajudarem-na a vestir a camisola. O ambiente estava iluminado por pelo menos duas dúzias de velas sobre os móveis, fora as arandelas de prata que sustentavam lampiões à óleo. Quando se olhou no grande espelho oval de madeira entalhada, assustou-se de

verdade. Sentiu o suor brotar frio dos poros de sua testa. Flor puxava o caderço que lhe prendia a camisola às costas. Quando terminou, a moça só um pouco mais velha que Arielle, deu uns passos para trás e contemplou: a veste era realmente lindíssima. De gola alta e rendas alvíssimas como a fazenda que a compunha, era muito bem ajustada ao tronco. Abria-se, nas ancas, fazendo roda. Mas o que Arielle estranhara era que bem na frente, a saia da camisola podia ser dividida, como se tornassem em duas abas.

— Linda, Sinhazinha, essa tua veste de virgem... — dissera Flor encantada. — Pena eu nunca poder ter uma dessa...

— Veste de virgem?

— É criança — anuiu Saquina. — Eu qui costurei ela. Usei das renda de tua mãe. Não gosta? — inquirira a carinhosa escrava.

— Saquina... É... muito delicada! Mas... Porque a saia se abre?

Assim acabo por passar frio de madrugada! — reclamara.

A velha dera uma gargalhada com gosto. E Flor, que não deixava de ser uma danada, tentara esconder seu riso, falhando, no entanto.

Depois de tirarem-lhe a mantilha de renda francesa, trançaram seus longos cabelos que alcançavam a altura dos quadris. Cada uma delas lhe abraçou antes de Saquina induzi-la a deitar-se sob o lençol, em lugar adequado. Como sempre a beijou na testa e saiu, rindo um pouco, ainda.

XII

Agora estava ali sobre o leito que, como sua camisola, também estava todo vestido de alvo. O olhar passeava inquieto pelo aposento e não podia deixar de pensar em Carneiro. O enorme quarto sombrio... Como ele. Ainda pairava um aroma enjoado de cachimbo.

Levantou a cabeça e viu o brasão dos Carneiros; nem ao dormir, descansavam de tanta opulência! Uma vez, há muito, sua mãe lhe contara que na França não havia heráldica. Não mais. República, dissera. O que será que queria dizer essa palavra? República... Tinha

qualquer coisa de misterioso tal palavra. Algo que a atraía. Lá não havia imperador. Se não, quem governava? Quem seriam os donos das fazendas cafeeiras, se não existiam lá barões? Se um dia existiram, o que foi feito deles? O olho passou pelas velas, já se iam gastas pela metade. Com sorte Aidan não viria para o quarto.

“Como posso ser tola, assim?” — Pensou olhando para a fenda aberta no lençol. — “Se não me perdoou dívida de casamento, não perdoaria tão pouco isto”. — Era junho e ali, tão perto da Mantiqueira que àquelas épocas à noite era tomada por uma densa cerração nevoenta, o frio não perdoava. Na semana em que estavam a geada já havia castigado por três vezes a região. Mas, a lareira crepitava suas chamas indolentes. Olhou hipnotizada para o fogo e logo foi acordada de seu torpor pelo ruído da porta que se abria.

Ao findar a comemoração, Aidan permitiu que os escravos, em certa ordem, festsassem. Poderiam utilizar dos restos do banquete para fazerem um grande cozido de feijão preto e decerto dançariam aquela pitoresca dança de umbigadas no pátio do anexo das senzalas.

Ali ficaram somente Saquina e Flor, sua filha, além de alguns hóspedes. O rumorejo inquieto do vento trazia quando em quando para a casa grande as notas alegres do canto dos negros. Viviam enfastiados de trabalho, mas a nova rotina que impusera o novo Barão os alegrava. Balançavam despreocupados seus corpos ao ritmo do lundu entre fogueiras e jogos de capoeira.

Flor fugia da mãe, queria se divertir também em derredor da imensa senzala, contudo um olhar escuro e sorridente a espreitava.

João Alberto, o melhor amigo do Barão, se encantara pela mulata de curvas sinuosas e traços europeizados.

Não via a hora que aqueles malucos o deixassem em paz. Velhos amigos de campanha... Dentre eles apenas um faltava: José Dante Carvalho, tido como morto depois de desaparecer na última batalha a

qual Aidan lutara bravamente. Como não fosse ninguém recolher-se, despediu-se dizendo que as núpcias o esperavam; no que foi prontamente ovacionado. Bebera umas duas, quem sabe três taças de vinho nas últimas duas horas. Nada suficiente para embebedar-se, coisa que só se lembrava de ter ocorrido uma única vez em toda a sua vida. Tendo a casaca apoiada no antebraço, abria a porta de seu quarto. Mais uma noite em que dormiria no chão. Estava por se acostumar a dormir em uma cama, quando lhe surgira a oportunidade de assumir Campina dos Lobos. E naquela cama, na cama de seu pai não considerava em nenhuma hipótese sequer sestar. Ademais, as campanhas pelas quais passara lhe condicionaram a repousar no duro.

Ao transpassar o largo portal com sua figura imponente não pensava que a encontraria ali. Demorara bastante para que ela tivesse tempo de fugir para seu próprio quarto. Ainda que visse nela um corpo já bem-feito, mais bem formado que o de muitas mulheres bonitas que conhecera, sabia que não passava de uma menina. Tão medrosa! Certa hora, quando se retirara um pouco dos demais, tomando de uma dose forte passou-lhe pela mente em um ínfimo momento uma imagem: Arielle em pé, os cabelos revoltos, como na manhã seguinte em que a raptara semanas antes.

Vislumbrava a mulher na que ele a fãria.

Mas, ao invés da luz da manhã que lhe incidira uma auréola luminosa à silhueta, era a luz da lareira que agora sobrevivinha cálida sobre ela. Entrou. Viu que repousava. Suspendeu a respiração e ficou admirando-a. Rosto de anjo... Quanta candura exalava-se daquele ser!

Tinha a pele clara como o marfim e nela

se destacavam seus encarnados lábios... Bem, tão cheios, que sem querer provocavam.

Não precisavam de carmim. Entendia, sim, o propósito de Carneiro querê-la para si. Agora mesmo a estava desejando com uma

intensidade dolente. Alguma ponta fria e cortante lhe feriu a consciência. Remorso? Mas ele a salvara, não? Olhou o lençol com furo que a cobria, não pôde evitar; sorriu contrafeito. Deveria ter instruído Saquina quanto às núpcias. Depois, achou por bem não. A consumação não poderia ser questionada. Logo, viu que a pálpebra finíssima fremia, e a respiração era silenciosa demais.

Arielle, meu bem... Pode abrir os olhos.

Sei

que estás

acordada. Não tema.

Sentandose na poltrona perto do leito insistiu.

— Anjinho! Não te forcei... Preciso te falar.

Ela abriu os olhos, mas puxou o lençol mais. Liberou-se a bater o queixo. Sentia frio, o fogo sem manutenção extinguiu-se. E tanto medo...

Levantandose, Aidan caminhou para o guarda-roupa. Abrindo a porta tirou de lá um cobertor de pelo de carneiro. Aproximouse do leito e cobriu-a, os enormes olhos a fitarem-no receosos. Indo sentarse, depois do ato quase paternal, sentiu-se incomodado. Fizera bem a desposando? Tinha onze anos mais que ela...

— Ouça bem, querida... — começou a falar suave, Arielle olhando para a tela sobre a lareira. — Amanhã, te enviarei para o Rio de Janeiro. Ficarás interna em uma escola laica. Em três ou quatro anos ficarás pronta para assumir a direção de nosso lar. — Nesse momento Arielle olhou para ele. A luz do candeeiro sobre a mesinha de cabeceira iluminou-lhe a estrela da íris esverdeada e ele sentiu aquela emoção misteriosa lhe engolfar. Logo, continuou: — Meu muito amigo, Ten. João Alberto Assis, irá escoltá-la, para garantir que chegues sã e a salvo. Quando retornares, sendo então mais madura, poderemos

recomeçar de hoje, de onde paramos.

Como muitos minutos se passassem com o silêncio de Arielle, ele perguntou:

— Tudo bem contigo?

Com a voz sumida:

— Sim — respondeu ela.

— Então... Durma bem — disse ele assim que se levantou e tirou os sapatos e a calça.

La deitando-se no chão, quando Arielle perguntou-lhe baixinho:

— Dormirás aí, no chão?

— Sim, mas não te preocupe. É meu costume de militar.

Ficando sentada ela protestou:

— Eu irei para meu quarto. Não conseguirei dormir em saber que estás a dormir pelo chão...

— Tu dormirás aí mesmo — ordenou. — É necessário que pensem que o enlace foi consumado — explicou tentando ser mais suave. — Portanto não poderemos, por hoje, dormir em quartos separados. Não te preocupe, ficarei bem.

Resignada ela deitou-se virando para o lado. Quedou-se a ouvir-se o assobio do vento, as respirações de ambos. Demorou em conciliar o sono, mas quando ocorreu era como se tivesse desmaiado.

O cansaço a consumiu. Como se tivesse passado apenas um minuto acordou no dia seguinte, aninhada ao peito largo do marido, o sol se insinuando ali por uma fresta da cortina. Aspirando inebriada, depois confusa, o perfume masculino refletiu em como tinha ido parar ali.

Desvencilhou-se cautelosa, para que ele não despertasse.

Dirigiu-se ao cômodo contíguo, despiu-se da camisola e entrou no banho quente que sempre à mesma hora ficava pronto para o novo senhor da Campina dos Lobos. Roupas para ela também se achavam por ali, a sua espera. Sentiu prazer quando a água tépida lhe envolveu o corpo, relaxando os músculos tensos. Cada nervo respondia ao contraste de temperaturas da água e do ambiente.

Mergulhando a cabeça para encharcar os cabelos, logo emergiu causando um barulho de espalhar de águas.

Na cama Aidan despertava. Não achando Arielle consigo aguçou a audição; ouviu os ruídos de água na sala de banhos. No meio da madrugada sentira um frio insuportável, o fogo que morrera, não pôde ser reavivado.

Não, não era mais uma noite daquelas em que tinha o sono cortado com o lamento miserável de um de seus companheiros de caserna que pelas madrugadas vira a vida extinguir-se lentamente.

Nem a lamentação triste dos hospitais de campanha.

Deitara-se na beira da cama cobrindo-se com uma ponta do cobertor. E adormecera fitando o perfil escuro da esposa. Sim, parecia um sonho, mas dormira abraçado a uma donzela perfumosa.

Nada do odor pútrido da guerra, nada dos lamentos dos fantasmas dos corpos das crianças paraguaias que o perseguiam.

Não pretendera encostar-se a Arielle ou tocá-la. Pretendera manter em suspenso e estendido àquela pureza que dela emanava.

Uma candidez desprestenciosa com a qual nunca antes se deparara.

Reserva-a para o futuro, como um vinho raro. Somente quis deitar à beirada da cama para lhe ouvir respirar. Para lhe ver a linha da silhueta desenhada pelo brilho leitoso do luar. Mas quando alvorecia, ela se achava aconchegada em seu torso. As pernas entrelaçadas nas suas, os pés dela tocavam os seus para aquecerem-se. Não soube como sentir-se. Apenas sentia... Algo. Notara terno que a mão dela sustentava o próprio rosto. Abraçando-a, tinha a mão esquerda repousando em seu colo, quase tocava um dos seios virginais.

Uma noite inteira com a mente esvaziada e sem tormentas. Noite da contradição sobre a dúvida de quem abraçava; criança ou mulher.

Uma noite de paz, depois de muito tempo, enfim.

Paz para ele era uma palavra de significados muito intensos.

As impressões da primeira noite em que dormiram juntos os seguiriam para sempre.

XIII

Em pé, na larga varanda da casa grande, Arielle com a sombrinha de rendas aberta, esperava que Aidan se liberasse com amigo João Alberto Assis. Conversavam há não muito, na biblioteca. Devia ser onze horas da manhã, pensava ela, posto que o sol já tão elevado brilhasse tanto que tornava quase ofuscante a linda paisagem de sua infância. Apesar de tudo sentia contentamento em deixar aquele lugar.

Nunca estivera no Rio de Janeiro. Não desde que pudesse lembrar-se de qualquer coisa.

Tudo o que conhecia era a vista dos cafezais ao longe, aqueles em que nunca colocara os pés. O céu que cobria tudo azul, azul.

Então as nuvens branquinhas de algodão desciam da Mantiqueira, e tornando-se cor de chumbo brigavam entre si criando a eletricidade que se perdia e um regar abundante para monocultura daquela terra.

Os gramados e jardins extensos que contemplava agora, mantidos pela a mão escrava, sob o comando de Seu Nhô Honório, fora o único cenário de suas brincadeiras. Havia ainda, vez em quando, festas no arraial. Divertidas, de gente simples, nessas ocasiões Arielle sentia

seu

espírito

de

menina

flutuar.

Mas

eram

raras

as

oportunidades, sua mãe

não aprovava. As vezes que fora, às escondidas. Quanto tempo Aidan dissera que passaria no Rio de Janeiro? Três, quatro anos... Tempo suficiente para ele reconhecer o erro que cometera obrigando-a desposá-lo. Ou pelo menos para ela descobrir uma forma para que uma anulação se tornasse possível.

Pelo que entendera, era possível, já que não houvera “consumação”. Tinha sede de muita, muita vida.

Duas horas depois, na estação de Vale Campina, Aidan a

despediu com um carinhoso beijo na testa e aquele olhar afetuoso que a pegou desprevenida numa surpresa que a exasperou — ora, não era ele só severidades? Então, Arielle percorreu o vagão até chegar a sua cabina. Sentandose no sofá resfolegou excitada. Um frio lhe ia ao baixo ventre. A consciência da distância que logo se imporia entre ela e o Coronel lhe ofertava certa fé no futuro.

Por sorte levava Flor consigo, para lhe fazer companhia. Não podia viajar sozinha com o amigo do marido, que ainda que fosse da mais alta confiança, não ficaria bem aos olhos da sociedade. João Alberto comentara qualquer coisa sobre estarem todos no Rio, curiosos em ver quem capturara o nome e o anel de Aidan de Henriques Carneiro. O rico Coronel do exército que ascendera, de repente, à nobreza. Havia... Inveja em seu tom? Pensara Arielle.

Mas, então um solavanco e o líquido verde-apagado que jazia dentro da porcelana que segurava, tremulou. Teve um sobressalto. O

trem deu seu grito e ela ouviu o ranger de aço contra aço; como numa tosse a máquina passou a cuspir sua fumaça vaporosa. Assistiu pouco a pouco Vale Campina ser deixada para trás, assim como os olhos curiosos de seus habitantes. A terra que sempre conhecera, ao embalo do chic-chic da máquina moderníssima, ia ficando para trás. Fez uma prece ao destino. Pediu que para ali nunca precisasse voltar outra vez.

Era muito moça e sentia ímpetos de muita vida por viver, muito por descobrir e conhecer. Muitos trilhos ainda por percorrer que não fosse o da senda matrimonial.

Quem sabe, se conseguisse fugir? Quem sabe a vereda de um ideal pudesse fazer com que sentisse completa, útil, viva... Amada.

Quem sabe não encontrasse leituras proibidas até então?

No seu coração somente sementes de mágoa foram semeadas nas últimas semanas. A mãe que a deixara sem culpas, o casamento forçado, a covardia de Rubén...

Contudo ele, Aidan, o Coronel, seu marido, não a forçara, nisso não podia deixar de pensar. Fora... Gentil? Aquele homem austero, autoritário, rigoroso lhe fora gentil? Não. Durante a noite ele fora mais. Fora lhe calor quando teve frio. Podia aquela face de uma beleza e graça por vezes sinistra, esconder uma alma terna?

Não! Decidiu. Era afinal um Carneiro. Conhecia bem os que carregavam a sina daquele nome.

Ao acaso lhe dava ele uma oportunidade de vida lhe mandando à Corte?

XIV

O poente pintava com sua paleta de laranjas o céu carioca, derramando naquela tarde invernal do ano de 1871, também certas nesgas de um

verde embaciado. A carruagem que levava Arielle Moissonner de Henriques reteve-se em frente ao antigo convento das irmãs da missão de Maria. Tendo extinguido-se a irmandade, o prédio enorme fora vendido à Marieta Domingas Guimarães, viúva do Visconde de Corusca. Isso fora há algumas décadas, e aquela se tornara a maior, melhor e mais cara escola para meninas de todo o vasto Império do Brasil.

Arielle não sabia nada disso. Não sabia o que significava a palavra laica, que lhe dissera Aidan. Sabia apenas duas coisas: não era um internato de freiras e possuía ala interna e semi-interna. Não tinha mínima noção do que aprenderia ali. Segundo Aidan dissera à hora do desjejum, quando ela partira de Vale Campina, seria treinada para ser uma anfitriã irreparável, boa mãe e senhora diligente de uma casa grande.

Tendo descido da carruagem, foi conduzida por João Alberto, passando pelo pesado portão. Ele, batendo na colossal e escura porta de jacarandá, foi rapidamente atendido pela janelinha que se resvalou ao lado, expondo um par de olhos oblíquos e escuros.

— Pois não? — disse uma feminina voz maviosa.

— Ten. João Alberto Assis, da parte do Senhor Coronel Aidan de Henriques Carneiro — apresentou-se no tom que quase fez a mulher em oculto crer que ele bateria uma continência.

A porta abriu-se para ele imediatamente. Uma senhora grisalha, vestido negro acentuado no tronco, os recebeu com um sorriso compelido.

Olhando para Arielle disse:

—

Muito bem-vinda, querida. Honra-nos recebê-la nesta instituição. Sou D. Marieta Guimarães, Viscondessa de Corusca e além de superiora do colégio, sua maior mantenedora. Venham, irei vos mostrar as dependências.

Flor ficara fora. Em nenhuma hipótese uma escrava entraria em tão ilustre instituição, a não ser para servir e limpar. Ficou lá a pretexto de tomar conta das bagagens que ficaram na carruagem de aluguel. Pelo

portão distante de serviços, há uns cem metros do principal, alguns homens cuidavam de levar os baús de Arielle para o aposento determinado.

Como uma edificação podia ser ainda maior que a de Campina dos Lobos? Pensava Arielle enquanto era conduzida pelos compridos corredores a um “passeio” pelo grandioso prédio. Enquanto mostrava, D. Marieta com orgulho evidente, ia dizendo os venturosos atributos de seu adorado colégio.

— ...aqui, na ala de linguística, é ensinado além da gramática portuguesa purista, o latim e o francês, utilíssimos à mulher de nossos dias. Adiante teremos a ala do movimento; toda dança necessária ao convívio na corte é ensinada, não se admitem falhas — golpeou a palma com o leque fechado, lançando um olhar duro à Baronesa. — Todas as senhorinhas, no segundo ano, já estarão aptas às danças da corte. Polcas, quadrilhas, valsas austríacas...

Passaram pela porta de um grande salão onde algumas mocinhas sentadas em carteiras com seus bancos corridos ouviam atentamente e tomavam nota de uma senhora, que com seu sotaque notadamente francês, palestrava sobre os movimentos adequados para uma dama.

Lembre-se de sua mãe. A mulher possuía os mesmos cabelos loiros e lisos presos por um coque elaborado na região a próxima da nuca. Em algum lugar alguém tocava Vivaldi, fazendo ecoar notas alegres pelo espaço.

Sabia que a mãe há muitos anos, também deixara a França para buscar emprego de tutora no Brasil. Muitas francesas fizeram isso naquela época. No navio conhecera seu pai e, chegando ao Rio de Janeiro, haviam se casado. Ele fora um dos estrangeiros cegados pela ganância da esperança do veio novo nas terras centrais do Brasil. Era o ocaso do ciclo aurífero.

De tão saqueado o ouro brasileiro, que viria a se incrustar nas luxuriantes ganâncias da natureza humana, por toda a Europa, estava consumido. Mas muitos se obrigavam a não crer. Seu pai, doente pela sede de riqueza rápida, perdera a vida, quem pode saber como?

Contaminado pelo mercúrio, eliminado pelo receio de outros gananciosos?

— E enfim, temos a ala de música, aqui...

Arielle, inocente, e tomada de empolgação a interrompeu:

— Daqui sei que irei gostar! Toco piano, como diziam onde moro, com maestria — sorria amplamente. — Chopin não é realmente mistério para mim. Aliás... — calou. A mulher a fitava ríspida, a boca fechada em expressão de desagrado.

— Desculpe — pediu Arielle, olhando baixo.

— Se já és mestra em piano, deverás escolher, conforme eu ia dizendo, dois outros instrumentos para aprender. Quem sabe harpa, cravo... Não queremos que o Barão pense que não aprendeste nada de novo aqui, queremos?

— Não... Senhora.

—

Bem, então aqui nos despedimos, Senhor — disse a

Viscondessa ao Tenente, — já que a ala para a qual nos dirigiremos agora é de entrada estritamente das internas, mestras e mucamas.

João Assis ficou a imaginar as internas se trocando dentro dos quartos, por isso sorriu enigmático e disse:

— Bem, adeus, D. Arielle. Espere a visita de teu marido para o natal.

— Adeus — ela despediu-se abalada.

XV

Aidan, um tanto cansado do trabalho desempenhado naquele dia que lhe parecera muito mais longo que os demais, preparava-se para dormir. Lavou o rosto com a água perfumada contida na fina bacia de louça. Água perfumada... Devia ser mesmo obra de Saquina. Estava se afeiçoando àquela velha roliça, pensou. Como, depois de tão poucas instruções que lhe dera, ela parecia adivinhar-lhe os gostos? Assim seu pajem se fazia imprestável... Enxugando o rosto, pensou na água que bebera durante as batalhas contra as forças do Paraguai; quase sempre insalubres e de origens duvidosas. Viscosas e amarelentas. Nunca

bebera das limpinhas, oferecidas por certos companheiros. Era desconfiado o suficiente pra manter-se vivo.

Estar vivo era um milagre. Os surtos de tifo, malária, peste bubônica, a febre, os cortes e lacerações, as doenças das chinês do prata...

Fronte ao espelho de báscula, tocou leve a marca larga que atravessava seu peito, de f ra a f ra, em transversal. Esbranquiçada e mesmo tanto tempo depois, ainda em processo de cicatrização. Na limpidez vítreas do cristal as cenas lhe voltaram: Riachuelo... 65... a dor bestial... 66... 67... ano após ano a esperança que em breve Assunção seria tomada... a lama... a sobrevivência...68, 69...

Sabia que tudo estava tomando proporções heróicas, históricas.

E amaldiçoava a distorção da verdade. Retratos pintavam o hero ismo brasileiro, bocas contavam nas altas rodas da Corte a bravura do exército. Fr volos bradavam a “beleza” dos 33 mil homens que se entregaram pela pátria.

Mas ele, Aidan, estivera l  pessoalmente e se perguntava: “Que hero ismo infernal pode conter qualquer guerra?” Que coragem houvera em mandar para frente de batalha, negros com promessas de alforria?  ndios entrincheirados, sob fórte ameaça? Ah, aquelas terríveis trincheiras em Humaitá. Anos mortíferos. Tudo por quê?

Por uma causa que só interessava a quem? Uns poucos homens? Lutar contra velhos? Mulheres? Rememorou com horror os últimos meses daquela guerra sórdida. Crianças? Sentiu na carne a dor da lembrança amarga de, surpreendido, ter alvejado-as. Garantir a soberania de vossa majestade e das fôrças armadas...

Somente as fôrças armadas lhe davam a esperança de um país, um dia, livre.

Garantir a paz. Não promover o ódio; dizimar uma nação que talvez em cem anos, não se recuperasse por completo. Mas o que fazer para refrear aquela ganância, orgulho e cegueira do líder oponente? Que diplomacia poder conter o orgulho ferido? Tudo em troca de que? Desforra? Saída para o mar? Uma modesta faixa de terras ao sul do

Mato Grosso? Dívidas exorbitantes? Dívidas que fariam tudo não ter valido a pena.

Desde a primeira morte, tudo deixara de valer a pena, pensava.

Aquelas mortes que não foram sequer por um tiro ou lançada. Mas sim, pelas doenças disseminadas que venciam implacáveis os homens que derrubavam no lodo.

A que desvarios e extremos teve-se de chegar às forças imperiais brasileiras e as aliadas para conterem o ímpeto sanguíneo de um único homem que, em princípio, pensavam arrasar como se faz com um piolho.

Sentouse, agastado, acossado, na poltrona em frente ao fogo.

Seria melhor queimar os poemas que escrevera, como num ato simbólico de queimar o passado.

Nunca estaria realmente refeito da guerra... Viessem os anos, a velhice, a hora da morte, o que o poderia refazer?

Arielle. O nome, a imagem que evocava o nome, acendeu em sua mente, diante dos olhos.

Recebera depois do almoço, mensagem de João Alberto. Arielle fora bem instalada. Agora, finalmente estava segura, pensava aliviado.

Mas Flor, que deveria ser enviada de volta à fazenda por ele em um trem, sumira. Segundo o amigo, não a encontrara mais no portão, onde ficara, enquanto ele mesmo garantia o bem estar de Arielle. Na missiva pedia desculpas, por falhar perdendo-a, e garantia o ressarcimento do prejuízo.

Jamais cobraria tal falta de Assis. Eles vinham desenvolvendo com o passar dos anos um relacionamento de mútua e inabalável confiança. Juntos desde o início na guerra, lado a lado, batalha após batalha. A colaboração de um para com outro era também recíproca em diversos assuntos e ocasiões. Só poderia ter confiado ao Tenente, a escolta de Arielle. Queria ele mesmo, Aidan, ter levado-a ao Rio de Janeiro e entregando-a a Viscondessa. Mas tendo recém tomado posse de Campina dos Lobos não podia em nenhuma hipótese deixar suas

terras. Ainda não recebera a “ilustre” visita de dois de seus meios-irmãos e esperava para o os próximos quinze dias o retorno de D. Joaninha.

Sentia-se cansado, mas ansioso por alguma ação. Já vira que a vida de fazendeiro traria lhe que tanto detestava: rotina. Ao que parecia, ser atravessador de café era melhor que produzi-lo. A atividade do manejo da mão escrava era cansativa como a guerra, mas menos emocionante. Lidar com eles traziam-lhe dolorosas lembranças de um tempo inocente.

Apesar dos densos remorsos, sentia falta da

emoção e

expectativa que as pelejas de outrora lhe trouxera. A adrenalina de acreditar, no entanto, sem saber se após o combate continuaria vivo.

Ou inteiro. Àquelas épocas, pensava ele, melhor era morrer que ficar aleijado

de

qualquer

membro,

ou

incapaz.

Quantos

amigos,

companheiros seus não vira sucumbir à depressão depois de sofrerem qualquer desventura, vindo a se amurem em um leito? Era então que suas mães, ou esposas se tornavam como escravas de seus caprichos de

moribundos eternos.

Porque só pensava nessas coisas terríveis? Pendeu a cabeça para o outro lado, suspirando e ainda olhando para o fôgo. Deveria era lembrar-se de momentos gloriosos, que lhe injetavam maior ânimo...

XVI

Depois de ser destacado por sua inteligência e articulação de comando para em meados de 68 ir se juntar ao marquês de Caxias que substituíra o Almirante Tamandaré em Curupaiti, Aidan se foi achar, em princípios de dezembro do ano de 1868, na travessia do Rio Paraguai.

Alcançara o ponto máximo de sua carreira no exército, o dia exato não se lembrava ao certo. Batalhas sangrentas se seguiram por dias a fio, naquele mês que prenunciara os confrontos daquela longa guerra. A força inimiga era persistente em resistir aos intentos da tríplice aliança. Solano Lopez, paraguaio, ditador cruelíssimo, não se entregaria jamais. Sucumbiria, preferindo a morte, junto com sua própria pátria meses depois.

Ele mesmo, Aidan, admirado por sua irreparável conduta, havia sido convocado pelo marechal das tropas imperiais brasileiras, o comandante-em-chefe, Marquês de Caxias, para trabalharem juntos no intento de vencer uma guerra que se estendia já por quase cinco anos seguidos. A decisão de convocá-lo como força de inteligência, fora tomada com constatação que tivera o líder, ao deparar com a situação calamitosa em que se achava o exército brasileiro depois do cansaço do estendimento da guerra. O mesmo exército que investiria, primeiramente várias vezes e debalde; antes de vencer a batalha que se tornaria

conhecida

como

a

de

Itororó —

A

Dezembrada.

Desprovidos belicamente, sem suprimentos, desde alimentares a indumentários, os homens do exército da coroa imperial achavam-se ainda duramente assolados por epidemias e pestes. Aidan ajudara o seu então herói, a reorganizar aquela armada, sem fugir a realidade da expressão “molambenta”. O sentimento empolgação, naqueles dias, tomara conta de todo seu ser. Muitos soldados indisciplinados, só de olhar para os olhos ameaçadores do jovem oficial, desistiam de desertar. Mesmo hoje, não saberia dizer que tipo de influência teria agido a seu favor, para que fosse um dos escolhidos para acompanhar Caxias àquela batalha.

Apesar de que a carnificina que se dera, fizesse Aidan pela primeira vez desejar outra vida que não aquela, regozijou quando Caxias demonstrou todo o poder de sua autoridade impedindo que a tropa debandasse no último momento, colocando a si próprio na linha de frente. Isso porque investindo Aidan e os brasileiros contra o inimigo, ao lado do Cel. Fernando Machado, oito vezes falharam.

Quando a vida do Cel. Machado fora subtraída, devido à forte resistência paraguaia, o próprio Marechal tomou a frente e heroicamente bradou: “Sigam-me os que forem brasileiros!”. Aidan, cansado dos anos de guerra, ansioso por ver tudo finalmente ter um fim, o seguira de pronto, no rosto ares de bravura desmedida.

Quanto à atitude de Caxias, sim, Aidan sempre pensaria naquilo como puro rompedor heróico, que por muita, muita sorte mesmo não privara o já quase idoso marechal de sua vida. Lembrouse agora nostálgico nos moribundos que voltaram à vida, por alguns momentos, devido a tão entusiástico incentivo.

Naquele ano o natal lhe fora, decerto, mais triste que os outros.

Ainda que não estivesse só, ambientava a festiva data, a volta do receio do horror que já levava mais de mil e quinhentos homens só naqueles últimos dias. E ainda que tivessem pensado que o fim havia chegado com o exílio de Lopez, enganaram-se. Por mais alguns meses, apesar da tomada de Assunção, ele resistiu e resistiu.

Não estivera só, naquela véspera de natal que, para ele era só mais um dia, como outro qualquer. Principalmente porque não sabia achar divindade entre a guerra. Somente a vista visguenta, arroxeadas, fétidas de seus irmãos brasileiros tombados e mergulhados no mar de sangue que empapava as terras fronteiriças lhe tomava a mente.

Passara horas quase agradáveis com uma apetitosa “china”, como eram conhecidas as cortesãs daquela província. Mulheres perdidas, lançadas à vida. Quando Aidan pensou nos detalhes daquela noite, sem saber por que, pensou em Arielle. Não teve sequer idéia de um nome apropriado para imprecisar a si mesmo. O que, maldição, tinha haver a candidez que Arielle lhe era, com aquela mulher imunda? Se era imunda, pensava agora, por que se deitara com ela?

Na verdade, nunca fora afeito às prostitutas. Mas como viver sem elas em tempos de guerra? Sempre gostou do sabor da conquista. Gostava da sensação que tinha quando uma mulher bonita se entregava a ele por vontade de ser dele. No entanto, naquela noite a recebera de presente dos companheiros, para comemorar a nova patente de Coronel conferida pelo Duque em honrosa circunstância, sob o som dos tiros de homenagem, do hino brasileiro e das lembranças assassinas. Recebera a mulher como mercadoria fosse.

Voltara ao Rio, certo da missão cumprida e da guerra ganha.

Então, veterano e da velha, como Osório e o General Mena Barreto.

Mas ainda ouviria falar do consorte de Isabel, o comandante-em-chefe Gastão de Orléans indo até lá para tentar terminá-la, e também, como Aidan, entregando sua alma na empolgação que a derrubaria

amargurado na humanidade.

Já fazia mais de duas horas que estava sentado ali, a meditar o passado. Levantouse e, indo à janela, achou a noite tão fresca, clara e límpida, que decidiu seguir cavalgando para o arraial. Entregando Nômade a um moleque que agora fazia às vezes de cavalição, em frente da taverna, Aidan adentrou confiante o ambiente.

Alguns sujeitos encurvados sobre uma mesa, ao canto, jogavam cartas e riam alto a cada tempo. Outras almas achavam-se espalhadas, bebendo e sendo entretidas pelas beldades que também serviam petiscos salgados capazes de, com propósito, despertar e muito a sede dos frequentes. Tendo sido notado, o novo Barão, foi recebido por todos com um rápido levantar e um toque na testa. Ele vestira sua farda. Sentia-se bem nela. Era humano e o escudo do exército o fazia sentir-se

respeitado

e

ameaçador.

Caminhou

até

o

balcão

confeccionado de rude madeira, e sentandose pediu ao atendente uma dupla dose de aguardente. Virou de uma só vez. Não gostava, mas queria impor-se.

— Guita. Onde está ela?

— Levando uma boa vida de descanso no maior quarto da pensão. Desde que o senhor se casou pensa que terá alguns meses de férias, devido à lua-de-mel.

— Pois mande chamá-la.

— Sim, Senhor Barão. Agora mesmo.

Ao cabo de vinte minutos, descia pela a escadaria a mais linda “dama” daquela taverna. Aidan a admirou. Os longos cabelos pretos, pretos, brilhavam sob a luz tênue e amarelada do ambiente. O rosto muito bem maquilhado pareceu-lhe tão lindo quanto traiçoeiro. A meretriz aproximouse dele com seu sorriso lânguido e convidou:

— Querido, que bom que vieste! Vamos, sentemo-nos em uma mesa reservada.

Dando-lhe o braço, foi conduzido a um lugar discreto. Se em um dia de vento Guita saísse, em um raio de cinco quilômetros, poder-se-ia lhe sentir o aroma, tão forte que era.

— Que perfume usas? É... Inconfundível!

— Ahn... Fleur de les Orchidées. Aprecio que gostes — dizia sorrindo e afastando a franja que lhe incomodava.

— Na verdade espero que, quando a vir novamente use algum outro, de tua preferência.

Ela pareceu insegura. E fingiu-se ofendida, fazendo beicinho:

— Então não gostaste? Muito bem. Usarei outro.

— Vim para receber tua dita milagrosa massagem.

— Então venha. Subamos agora mesmo.

O quarto de Guita, é claro, devia combinar à sua personalidade.

Viu as plumas coloridas que se espalhavam pelo espelho da abarrotada penteadeira de madeira de mogno. A cama de casal possuía uma colcha de rendas cor-de-rosa brilhante. Muitas almofadas a ornamentavam. As cortinas eram das mesmas rendas da colcha.

Guita tirando a echarpe dourada que usava, tratou de tirar a colcha do leito depositando-a sobre um baú também de mogno.

Aproximando-se dele, insinuando-se, lhe tirou a casaca.

— Venha... Deita-te.

Ela sorria provocante, os lábios finos e vermelhos combinavam bem com as bochechas cobertas de carmim. Baixou a enorme saia rodada, deixando-a ali no chão mantendo a calçola brilhante de cetim dourado. Continuava também a vestir o espartilho de arabescos dourados que lhe apertavam e uniam os seios fartos. Aidan, já sentado,

olhava-a

sério.

Nenhuma

expressão

ou

movimento

denunciava-lhe os sentimentos. Mas Guita julgou que o enigma que tingia aquele olhar era fogo. Aproximouse dele. O andar sinuoso.

Desabotoou-lhe a camisa que antes já puxara fora da calça. Botão por botão, bem devagar até desvesti-lo dela. Em um trejeito, afastou a franja e o induziu a deitar-se com a barriga para baixo.

E admirava o tronco extremamente forte do Coronel.

Aidan, encostando um lado da face no macio tecido do lençol, sentiu impregnado o tal perfume que lhe repugnava. Mas, logo ele foi suplantado pelo aroma do óleo que ela despejou-lhe gelado pela espinha. Vendo-o arrepiar, muito orgulhosa de si, Guita disse:

— Sempre causo tal efeito nos homens...

Ele,

levantandose abrupto,

mas

não

completamente, repreendeu-a:

— Não menciones outra vez outro homem, desse modo, em minha presença.

Guita não escondia o espanto que a voz grave e ameaçadora lhe causava.

— Entendeste? É como se sempre tivesse havido apenas eu em tua vida.

— Sim. Desculpe.

Tendo ele deitado-se novamente, sentiu as mãos sedosas deslizarem por sua pele. Realmente, muito reconfortante a massagem de Guita — as

dores que sentia na coluna eram castigadoras.

Principalmente a um homem acostumado a dormir no chão.

Ela sentou-se sobre o quadril de Aidan e pressionava-lhe os tensos músculos das omoplatas, pescoço, deslizando mais massageava onde devia estar a medula. Vendo que ele gemia, com um sorriso malicioso insinuou a mão direita por sob a ceroula, dentro da calça.

Baixou-as. Massageava, então, as coxas musculosas. Pensou em como era lindo aquele corpo. Como era diferente ao decrepito e flácido corpo de Carneiro. Este era tenro, sem manchas, de pêlos castanhos, como os cabelos. Não, pensou. Não eram brancos como os de Carneiro. Mesmo tão relaxado, os músculos eram aparentes sob a pele. Fez a imagem deles sendo trabalhados durante os combates cisplatinos. Viu as costas, enormes. Olhou para a farda azul anil apoiada no encosto da cadeira. Tudo aquilo acendeu em Guita um fogo adormecido pelos anos dedicados a Carneiro.

Descendo da cama, colocou-se em um ângulo que poderia ser vista. Sem pressa, puxava o caderço do corpete. Quando o abriu, os seios liberaram-se se espalhando grandes pelo tronco, parecendo finalmente

poderem respirar. Bonitos, ponderou Aidan. Imaginou: como seriam os de Arielle? “Estúpido”. Era isso que era. Pensar na esposa, estando em momento como aquele. Seria fiel a ela, porém quando finalmente ela estivesse pronta para ele. A partir do momento em que a fosse buscar e ela consentisse em lhe pertencer. Mas...

Estaria sentindo culpa? Não havia motivo para tal, seu raciocínio era de que só estaria realmente casado quando houvesse consumação.

Então, porque fizera questão de fazer parecer que realmente havia tido? Para proteger Arielle do pai, ponderou. Era um homem jovem!

Precisava de mulher. Por isso estava ali.

Guita agora se aproximava dele. Nua. Desalinhou-lhe os cabelos.

Há muito não se entregava a um homem por prazer. Sentia-se palpitar por aquele a sua frente. Mal podia esperar para tê-lo dentro si.

— Depois de tantos anos vivendo no inferno, me é dada agora a oportunidade do paraíso, Barão — murmurou ela entre risos lascivos. Quando Aidan pensou que, não conseguia esvaziar sua mente, que tivera de proteger Arielle de Carneiro, também pensou que Guita pertencera a ele. Quantas vezes ele não a teria possuído? Subitamente sentiu-se enojado. Poderia vomitar se não soubesse controlar-se tão bem.

— Diga-me Guita, quanto recebias pelos serviços prestados ao meu pai?

A expressão luxuriante dela desvaneceu em decepção.

—

Ora, querido... Não tratemos disso agora! — disse

acariciando-o no peito, perdida no verde de seu olhar desconcertante. Ele levantou-se e, colocando a roupa de baixo e a calça, disse:

— Vamos, diga. Dar-te-ei um quarto a mais por mês do que ele te dava.

— Sessenta e cinco... — Disse absorta na decepção.

— Então terás oitenta e dois. — Já vestindo a casaca terminou a frase:

— Sinto agora uma terrível azia. Volto assim que desejar. Tua massagem é mesmo muito relaxante.

Indo ele embora, Guita pasma, ficou por um longo tempo a fitar os veios da porta. Ali nua e consumindo-se de desejo, refletia abatida no que poderia ter feito que o desagradara.

O tempo, em Campina dos Lobos, parecia passar com uma matemática diferente às das leis naturais. Apesar do pouco tempo em que Aidan se empenhava a treinar seus escravos, para melhorar a produção e ter de castigá-los menos, fizera um grande progresso.

Usava certa tática de recompensa. Quando eles eram obedientes e produtivos lhes dava uns pequenos brindes, sem valor para ele, mas muito tentadores àquelas pobres almas oprimidas. Se eles abstinham-se de rebelarem-se e mantinham a limpeza da senzala, fato que contribuíra para erradicação de baixas entre as crianças nos últimos meses, ele lhes dava a cada quinzena meio-dia, talvez um inteiro, para descanso.

Alguns agricultores vizinhos estavam scandalizados, e se os seus escravos começavam a querer o mesmo? Poderia haver motim. Mas ninguém ousava discutir as decisões do Barão de Vale Campina. Do sisudo Coronel, a quem nunca viam sorrir. O

brilhantismo de sua influência na corte não inspirava a coragem que alguém precisaria para confrontá-lo. Diretamente.

XVII

Alguns meses depois, em Campina dos Lobos.

— Não penso que esse jeito do Sinhozinho lidá com os escravos seja certo, não, Antônio — dizia o capataz e capitão do mato de Campina dos Lobos ao seu parceiro, que se achava sentado na cerca, mascando uma palha.

— Ara, mas até que parece funcionar, Zé Moleque. Faz já algum tempo que não é preciso mandar ninguém pro tronco. Tão obedientes... Feito uns cordeirinhos.

O tom do diálogo de ambos era calmo, desenxabido.

—

Tu que pensa... Vai levando em

conta. Devem é tá aproveitando pra tramá. Daqui a poco, quando a gente menos espera, fogem prum quilombo qualquer sem dexá rastro. Aí num tem quem ache. Essa negrada não dá valor.

— Pode até sê... Mas tão levantando tudinho na hora certa, quar divia sê no exército que o Barão servia. Fora qui, com o dia do descanso instituído, as festa bem que diminuíro.

— Isso é — ponderava Zé Moleque fumando o cigarrinho de palha que enrolara há pouco.

— Adesmais... — Cuspiu a palha o Antônio. — Menos surra, menos trabalho pra tu.

— Então não sabe que é esse meu maior disgosto? — fitou o horizonte. A lua ia alta no céu, cheia. — Bão... Mas, o Sinhô arrumô serviço pra nós, dispois que lhe contei qui a marvada da bicha desses mato aí pego mais uma vaca de leite. Das boa.

— Jaguatirica?

— Ara, quem mais?

— Vamo tê di arruma uma isca e monta guardo aí no meio do mato.

— É... Pode demorá.

A voz deles de tão calma, jamais deixaria transparecer que combinavam uma caça à onça das virgens matas da Mantiqueira.

— Tem conta, não. Dispois, agente alivia as tensão lá n'as damas da taverna.

— É. Tava juntando uns merréis pra ver se consigo alguma coisa.

— Dispois, vamo tê de dá um assossego pras caça. Nunca vi gostá tanto de carne de caça como o novo Barão... É tirá o de comê da bicha,

que ela ataca mesmo.

— É... Dexá as anta, lebre, tatu e capivara procriá um pouco. O

Coronel há de gostá de um veadinho da serra por uns tempos.

Seus conhecimentos adquiridos com a vida os tornaram como senhores da natureza que os circundavam. De tão arraigados que estavam àquela terra desde o ciclo mineral que remontavam aos seus avós, deixariam a alguém de fora meditar que eles faziam tão parte daquele cenário quanto aos montes serranos que por trás deles escondiam-se por uma névoa que portava os tons da noite. Eram aqueles dois homens tão crias da Mantiqueira quanto a fauna rica que ali habitava.

— O Sinhô Barão que espere, ele que espere a D. Baronesa vortá. A menina Arielle não desassussega o Coroné com os bichinho dela, cê qué vê iscuíta, Zé Moleque!

Assim, o novo Barão de Vale Campina, foram todos percebendo, era uma homem exigente, seletivo em tudo que queria para si ou colocava suas mãos. Amante de vinhos, boa comida e da beleza...

Querida para si o melhor, mesmo que tivesse de esperar muito tempo pelo melhor.

XVIII

O colégio para Arielle devia ser bem próximo a uma prisão, que nunca conhecera. Os meses que passara ali tinham sido os piores de sua vida. Mas, segundo as suas colegas, o primeiro ano era sempre o mais difícil. Era aquele afinal em que se aprendia a cozinhar, coser, marcar, tecer, preparar e organizar

um banquete. Todas as manualidades necessárias para o preparo e manutenção de um enxoval refinado. Coisas que ela definitivamente detestava. A aula de música, a qual esperava ansiosa, acontecia apenas uma vez por semana. A despeito das poucas aulas vinha progredindo bem no violino. Sentia falta, como sentia, de cavalgar. Correr descalça pela grama verdejante de Campina dos Lobos. Adorava fazer isso escondida da mãe. Brincar com os anjos morenos sem pai que eram as

crianças mestiças que a esperavam como flores depois da missa, no arraial.

E, não sabia o porquê, sentia-se ansiosa pela chegada do natal.

Não que quisesse rever Aidan, mas a idéia de passar as festas, ali sozinha, era impensável.

Mal pressentia que a grande emoção, as coisas boas estavam por vir.

Quando findasse seu primeiro ano na corte...

Capítulo I

Baixada Fluminense, Corte de Sua Majestade o Imperador o Senhor D.

Pedro II

Dezembro de 1875 — Quatro anos e meio decorridos.

JÁ SE DESPEDIRA há pouco de suas queridas amigas. Uma delas, a doce Mariana. Único relacionamento mais íntimo que tivera com alguém nos últimos anos. Como nos anos anteriores, elas, suas amigas, em fins de novembro seguiam para as festas nas propriedades da família. Diferente de Arielle, que permanecia ali quase só.

Embolorando entre aquelas paredes escuras do velho internato. Seria pior, não fosse por Mariana, e seu Eduardo. Esse seria o quarto ano que passaria o almoço da véspera de natal com as crianças órfãs que todos os anos seguiam para o convento de Santa Teresa da ordem das Carmelitas Descalças, no morro Santa Teresa. Depois, bem mais tarde, assistiria à missa do galo, na Candelária.

Aquém dos desejos de seu marido, continuaria comungando da fê cristã. Não mais como outrora, depois de toda aquela leitura, mas ninguém tiraria a divindade de si.

E ao dia vinte e cinco, enfadonhamente, almoçaria em algum casarão no bairro de Laranjeiras, “aprendendo” a pertencer à fidalguia carioca. Fora a influência da Viscondessa de Corusca que a introduzira no convívio das nobres senhoras que compunham o fechado grupo da elite brasileira dos tempos do Império. Algumas damas, por ensejo do escândalo que envolvera o casamento da Baronesa, a ignoravam tratando-a de forma polida pelo bem da boa educação e o título que antecedia seu nome francês. Outras eram amáveis e curiosas sobre a esposa de Aidan de Henriques, o jovem Barão de Vale Campina, conhecido Coronel que sobreviviera aos combates paraguaios.

Ouvira muito de seus atos heróicos nos confrontos cisplatinos.

Mesmo alguns boatos dos quais duvidava, ou a arrepiava.

Já estava vestida para dormir e refrescava a face e o pescoço com a água perfumada dentro da bacia sobre o toucador de um estilo muito antigo. Mirou-se no espelho de moldura que seguia o padrão.

Sem deixar de fitar o reflexo do rosto úmido e corado pelo intenso calor, refrescava também

os braços

expostos

pelas mangas que arregaçara. “Terra escaldante..”. Batidas na porta. Deu ordem para que entrasse, sabendo ser sua mucama.

Já a teria alforriado, não fosse pela necessidade de manter as aparências. Proteger seus amigos.

Arielle já se enxugava em toalha de linho marcada com fio de seda quando ouviu a voz grave de Lélia dizer:

— D. Marieta mandou chamá-la, Sinhá. Espera-te no salão de visitas.

— Sabes o que ela quer?

— Não, mas pediu que a senhora fôsse depressa.

Agastou-se. Teria de acordar às duas da manhã para encontrar-se com Eduardo, Leopoldo, Juanita e Vidal.

Arielle vestiu o penhoar que se achava no cabide e calçou os chinelinhos de seda. A superiora não haveria de ralhar, já que ela mesma exigira pressa. Sabia, com experiência, que D. Marieta não admitia ser contrariada.

A questão era saber contornar suas contradições.

Foi por uma fração de segundo que, chegando afobada à austera sala de receber, o viu de costas, olhando talvez o jardim através da vidraça da enorme janela. A silhueta como sempre ereta, o porte...

Militar. Seu corpo fremeu ante a consciência repentina da presença do marido. Como estaria seu rosto, quase cinco anos passados? D.

Marieta folheava em silêncio um jornal, talvez uma revista, quando viu Arielle surgir no portal que separava o salão do corredor principal.

Fez um sinal com a mão que a fez muitíssimo depressa entender o que a Viscondessa queria expressar. Foi-se, sem saber que ele voltaria em tempo de vê-la.

— O senhor perdoa, Coronel. A jovem não imaginava tua presença.

Tenho certeza que ela teria se vestido adequadamente se o soubesse.

— É claro, Senhora — concordou cortês. Ele sabia que a superiora, na verdade, em sua arrogância disfarçada, desculpava a si mesma.

Já de volta aos seus aposentos, Arielle refletia o que a presença do marido ali, àquela hora podia significar. Lélia puxava-lhe firme o espartilho. Quatro anos inteiros sem vê-lo uma vez sequer não tinham apagado como ela sentia as impressões que ele, àquela época marcara em sua alma. Aquela noite partilhada um nos braços do outro... Não que isso mudasse o destino de suas resoluções para o futuro. A verdade é que a solidão em que ele a abandonara durante longo período, foi na verdade muito benéfica para que ela traçasse muito bem seu futuro projeto de vida. E neste projeto o marido não estava incluído.

Terminando de trançar-lhe os longos cabelos, Lélia disselhe:

— Pronto. Buscarei teus sapatos. Sinto que não há tempo para as meias. Mas de todo modo, não irá aparecer mesmo.

Diante do grande espelho, ela maquiou-se modestamente, lançando mão apenas do pó-de-arroz e carmim bem claro para os lábios.

Dispensaria a maquiagem a essa hora da noite, mas aprendera logo que era mais fácil de conviver se não se rebelasse tanto às superiores e as outras tutoras.

— Aqui estão. E, por favor, não te esqueças de tua água de cheiro, Sinhá? Ou D. Marieta me castigará.

— Sim, Lélia. Não te preocupe.

Abrindo a gaveta da pesadíssima cômoda, de lá Arielle tirou o perfume que sua mãe lhe enviara certa vez. Viera na caixa que Aidan lhe enviava a cada tempos. Junto, uma carta de Suzanne, que estivera em Vale Campina para visitá-la assim que voltara da Europa.

Borrifou-o perto das orelhas e seguiu para onde a esperavam. Cada passada, uma retumbada sonora de seu coração. Mas, na serenidade do rosto, a impassibilidade de uma verdadeira Baronesa...

— Aproxima-te, Baronesa. Teu marido te quer cumprimentar — disse a Viscondessa com voz macia, quando Arielle assomou outra vez no grande portal.

Aidan se voltou. Arielle, tomada por ansiedades disfarçadas, buscou-lhe a face.

Então a troca de olhares. Um olhar batido no outro, tal qual como na grande escadaria do solar, na noite do sarau. Quase cinco anos atrás... Mas as emoções não eram as de antes, não as mesmas.

Não. Então, eram mais intensas, violentas. Para ambos — a saudade...

Sofrida para ele, não admitida por ela. Seriedade nos rostos, receio no dela, ardor e a surpresa esperada no dele. Sim, se tornou na linda mulher que esperava.

O olhar mais confiante, um ar diferente que ela adquirira? Não sabia, não sabia. Sabia que a queria e estava lhe revelando isso,

deliberadamente, com o olhar. Ela lia na expressão do marido: “Me pertence”.

E temeu sucumbir, perder-se de seus propósitos. Por que desde a primeira vez em que o viu, quando chorava e fugia de Fernão, sentiu o fôlego ser roubado de sua garganta.

— Pode nos dar licença, senhora? — ordenou ele, gentilmente, à Viscondessa, sem deixar de fitar Arielle.

— Creio que...

— Por favor — interrompeu-a ríspido. Finalmente quebrando o encantamento da troca ardorosa de olhares.

— Bem, com licença — disse a Viscondessa levantandose. — Sois casados mesmo.

Ao cruzar Arielle com D. Marieta, essa lhe endereçou um olhar que dessa vez ela não pôde compreender.

Aidan aproximouse depressa do único motivo que o demovera até a Corte.

—

Meu bem... — sussurrou beijando-lhe em declarada

deferência a mão, depois as faces, efusivamente. Ainda que sua escolhida estivesse mais bela do que nunca, estranhou o perfume.

Não era o mesmo de antes.

Afastando-se séria, ela perguntou-lhe:

— O que o senhor deseja?

Ele, percebendo-lhe a tensão, apenas a fitou. Demoradamente.

Desconcertada pelo peso do olhar do marido sobre si, ela mais uma vez inquiriu-lhe:

— O que traz o senhor, meu marido, a visitar-me em horas destas?

— Vim buscar-te — avisou estudando com deleite as mudanças que o tempo empreendera nela.

— Buscar-me? — começou a gaguejar, detestando-se por isso.

— Não entendo... Ainda falta um ano para...

— Venha Arielle. Senta-te comigo — disse tomando-lhe a mão.

Silenciados pela ocasião tão idealizada e, para ela, enfim, realizada, esperavam pelas palavras que falhavam em vir. Até que ele contou-lhe, afinal:

— Tenho algumas questões a resolver em Recife. É lá que, também, minha mãe vive. Acho que já passou tempo suficiente para que fosses bem educada pela Viscondessa e... Bem, pensando que já estivesses finalmente pronta, resolvi levá-la comigo. Será nossa luade-mel.

— Lua-de-mel? — Arielle empalideceu.

Lembrou-se das palavras dele nas núpcias não consumadas.

“Iniciar de onde paramos”.

Lembrou-se de seus compromissos secretos com seus amigos abolicionistas.

— Não há com que ter medo. Será como férias. Merecidas por nós dois.

— Quer dizer que não precisaremos...?

— O quê? Que nos amemos? — quase riu. — Não disse isso.

Mas prometo que não te forçarei a nada. A minha intenção é conquistar-te, meu bem. Exigirei respeito para comigo, que sou teu marido. Somente isso. O que mais houver, tu terás de concordar em compartilhar comigo, que vivo para te cuidar. Só exijo respeito — deslizava a mão delicada dela no próprio rosto enquanto ia dizendo: — O teu carinho, teu amor e a paixão, eu prometo conquistar. Então, os beberei cada dia que houver, gole a gole. Isso é uma certeza. Será que ainda não confias em mim?

— Vossa mercê nem teria o direito de nada exigir de mim.

Depois de me obrigar a desposá-lo por motivos que desconheço abandonou-me aqui — disse um tom de voz revelador, magoado, fazendo um gesto que abrangia o Colégio. — Nada, durante esse

tempo todo. Uma visita? Nem uma carta? Nada!

— Arielle, como eu disse, tu tens o dever de respeitar-me.

Portanto não fales dessa maneira, como esse tom de acusação. Não entendes que precisei te colocar longe do meu alcance? — ergueu sôfrego o sobrolho. — Depois, sem os pronomes de tratamento que tanto nos distanciam.

O quê, perguntava-se ele em pensamento, tanto o amansava perto daquele ser?

A Viscondessa de Corusca, sentada na penumbra da sala de banquete ouviu toda a conversa entre Barão e Baronesa. Muito estranhou aquela conversa. Já ouvira muito dizer, às rodas da sociedade, sobre o escândalo que levara o jovem Barão a desposar a filha de apenas dezesseis anos da governanta. Ele não a deflorara em uma taverna, restituindo-lhe a honra com o matrimônio?

Já passava da meia noite quando as carruagens que levavam Aidan, Arielle, e parte da bagagem da Baronesa partiram rumo ao hotel Pharoux, na praia de Botafogo. Esse em que Aidan já se achava hospedado.

Um aroma de maresia, excrementos equídeos e madressilvas invadiam o interior da luxuosa carruagem que o casal ocupava. Mas era o perfume dele, tão inesquecível que lhe inundava sem permissão as narinas delicadas.

Ela ia pensando em como o homem sentado a sua frente, tinha o dom de sempre chegar à sua vida transtomando tudo. De repente, não veria mais suas adoradas crianças órfãs? Suas queridas amigas ela também não veria novamente. Mas, de tudo que teria de abrir mão, o que Arielle mais se ressentia, era do grupo clandestino que se reunia para discutir filosofia, poesia e política. Era lá, que oculta, mesmo que comparado a um grão de areia, contribuíra para a recém-sancionada lei do ventre livre. Acreditava nisso. E disso muito se orgulhava. Era um pequenino passo para a grande realização que era o sonho da abolição

da escravatura no Brasil. Lá que entendera sobre tantas coisas que antes lhe eram simplesmente inexistentes; fora tirada a venda que lhe encobria os olhos. Olhou para o marido. Barão do café, escravocrata como ele, se soubesse das infantis conspirações da esposa a trancaria nos mesmos grilhões daqueles a quem ela defendia.

Sorriu sem, no entanto, emitir qualquer som.

Aidan muito atento, não deixou passar despercebido o leve sorrir da esposa. Poderia crer que ela pudesse estar feliz que a tivesse buscado? Não. Ela deveria estar contente em livrar-se da superiora.

Podia imaginar a personalidade da Viscondessa. Mas, pensava, talvez tivesse sido bom Arielle ser forjada como ele mesmo um dia fora. Sua mãe fizera questão, como ela mesma dissera, que o filho fosse educado com severa disciplina. Pois, acreditava Heloíse, isso lhe moldaria o caráter e lhe faria prosperar.

Que terríveis saudades sentia o Coronel da imagem imaculada que lhe era Heloíse!

Já enviara cartas para mãe, contando sobre seu sucesso na tomada de Campina dos Lobos, mas não obtivera resposta. Estaria, em Recife, morando no belo casarão que lhe comprara? Agora estava indo vê-la, depois de dez anos! O que pensaria ao vê-lo? Decerto que se orgulharia. O filho, então viera a se tornar um militar respeitado e admirado. Um investidor invejado. E ainda, conseguira vingá-la do mal que lhe fora feito na juventude, herdando o que seria seu por direito. Multiplicara essa herança algumas vezes. Possuía uma das maiores fortunas do Império. Completando, levaria para conhecê-la sua doce, linda e educada esposa, que até lá, acreditava, estaria rendida aos seus encantos.

Tomando na mão de Arielle, disse:
— Chegamos ao hotel, meu bem.

O navio que os levaria ao Nordeste zarparia só em dois dias, então no

dia anterior à partida, Aidan levou Arielle para passeios ao ar livre em lindos lugares no Rio de Janeiro, já que a essa época do ano tornava-se insuportável permanecer dentro de lugares fechados.

Quando houvesse tempo e estivessem em comunhão a levaria para temporadas em Petrópolis ou na Tijuca — climas mais semelhantes ao de Vale Campina.

Pela manhã, que se apresentara ensolarada, os dois passearam a beira mar. Arielle quase perdeu o fôlego ante a beleza de Botafogo, apreciava o cheiro de maresia, dos bandos de pontos brancos que gritavam ao longe no céu de claridade estridente, no verde gritante da vegetação. Almoçaram juntos no restaurante do hotel, trocando silêncios prolongados e olhares misteriosos.

Aidan sabia desconcertá-la. Embora fosse uma jovem muito eloquente, Arielle perdia as falas na presença dele.

Depois, ele lhe comprou alguns presentes nas lojas do térreo.

Um dos mimos caros que lhe deu, que afinal tomaria para si, foi uma fotografia de meio corpo. Arielle ficou encantada quando ele lhe mostrou, depois de revelado, o daguerreotipo em que ela olhando-o de esguelha sorria mimosa, como Aidan mesmo achara. Ela guardou dentro de um livro e, quando ela não estava olhando, Aidan o tomou para si.

O clima entre os dois era cordial, Aidan tratava-lhe com uma afabilidade quase fraternal que ela chegou a se perguntar se ele mesmo não iria propor o inevitável: a anulação do casamento. Afinal, ele tinha de admitir que ela não pedira por aquilo!

Era óbvio agora à Arielle, a intenção que o levava a casar-se com ela. Picardia era a única explicação lógica que lhe podia explicar o desejo repentino de Aidan, um completo desconhecido, casar-se de súbito com uma menina como ela. Ainda que muito bem educada e bela para os padrões, não possuía dote ou fortuna. Fora a filha da governanta... O que ele quis foi mais outra vinganczinha ardilosa contra velho

Barão roubando-lhe além dos bens, a noiva. Sentia-se não mais que um objeto, como tendo sido “utilizada” na retaliação de um filho desprezado contra seu pai — assim que pensava.

Se ele não lhe comunicasse suas intenções quanto o futuro dos dois até o final do almoço, estava decidida a lhe dizer quais eram as suas.

Planejava fazer isso durante o passeio que fariam à tarde ao Passeio Público, herbário de João VI do início do século. Ele só poderia estar insano se realmente acreditava que ela o seguiria até Recife. Jamais abandonaria seus propósitos de vida. O Rio agora era seu lar. Os abolicionistas, sua família.

Depois de uma fina e deliciosa refeição, ele a levou até os aposentos que ocupavam. Despediu-se dela com um beijo na testa, pedindo licença para retirar-se por umas duas horas para resolver negócios no centro da cidade.

— Questões de última hora para a viagem — dissera evasivo.

Tendo ele saído, Arielle deixou a saleta e, passando pelo quarto de Aidan, refugiouse ao seu, que era conjugado àquele. Deitou-se por alguns momentos olhando para os lambrequins rebuscados do dossel.

Por sorte dormiam em quartos separados, mas não poderia ser de outra maneira já que ele vinha demonstrando com seus gestos desprezíveis que se não pedisse a anulação, pelo menos não se oporia que ela lhe pedisse. Arielle interpretava tudo como gostaria que fosse.

Com o corpo então relaxado, sua mente começou a ficar amortecida pela digestão que fazia seu trabalho, pelo calor que àquela hora estava a pino e, é claro, pela hora usual da sua sesta. Naquele momento em que a mente humana não está nem desperta, nem adormecida, ela refletiu em como tudo poderia ter sido diferente se tivesse havido outras circunstâncias. “Ele é tão... Bonito, por vezes chega a ser amável..”. Mas a madama não lhe deixava conjugar as idéias.

—
Deveras, Dr. Ademerval? — perguntou

Aidan ao seu advogado com uma ruga de preocupação na testa.

— Ora, decerto que sim. Veja por si. Consta nas declarações contidas nos autos que minuciosa revisão médica quanto à saúde mental foi realizada. Tendo conseguido isso, é certa sua breve soltura.

— Estou vendo — disse o Barão estreitando a vista para conseguir ler sem óculos a petição, que tinha em mãos, escrita com muito elaboradas letras.

— Podemos recorrer?

— Certamente. Mas... dificilmente ganharíamos, Coronel. Já que ficou provado por mais de uma opinião médica que o velho está são.

E agora teu irmão entrou na briga.

— Joanhinha ficará do meu lado.

— Disso eu não duvido. Mas, quanto pesará a opinião de uma mulher?

Aidan suspirou pesaroso. Sabia que até que o pai chegasse a reaver o poder de propriedade sobre os bens de família, ele decerto já estaria senil de verdade. Mas, até lá... Teria tempo de preparar um testamento

que

beneficiasse

a

Fernão.

Poderia

até

trazer

conhecimento público a fraude do casamento dele com sua mãe.

Agora mais que nunca precisava visitar a mãe para preveni-la.

“Arielle!” — Lembrouse da esposa em um súbito. Se o velho Barão, estando livre, soubesse que ela estava intocada... Decerto a reclamaria.

Não. Isso não iria permitir. Mas, que fazer? Não via outra solução que não fazê-la sua... Por completo. Contudo, prometera a si mesmo, e a ela!, que faria isso somente quando fosse do consentimento dela.

Estava em uma sinuca. Num impasse que quase o fazia sorrir. Era temível que, reclamando-a Luís Carneiro, tivesse de,

irremediavelmente, enfrentá-lo em um duelo ao retornar à Vale Campina. Que proporções o rumo das coisas estavam tomando...

Duelar com o próprio pai? Não. Ele nunca lhe fora pai... É óbvio que ele reclamaria a noiva! A consciência disso, a certeza disso, espicava Aidan a cada segundo a um desespero angustiante. Tinha, acima de tudo, de protegê-la.

Principalmente quando Carneiro ouvisse de corpo presente, os boatos que corriam na corte: sua esposa estava intocada e casta desde o dia do casamento, tudo desmoronaria. Fora ela? Ela quem fizera questão de tomar isso de conhecimento público? Era fato que isso Fernão já adiantara também ao pai, como um dia ele lhe ameaçara que faria. Durante o confronto verbal entre irmãos naquela noite próxima ao natal, cerca de quatro anos atrás, ele não o contrariara em sua resposta, mas nem tampouco confirmara a suspeita que pairava entre os fôfoqueiros da elite e da nobreza. Dissera apenas e muito lacônico: — Meus assuntos conjugais, só dizem respeito a mim.

A resposta fora um sorriso incrédulo, escárnio.

De onde teria surgido tal mexerico? Qual a raiz daquela fálacia?

Quisera passar as festas com ela. Porém, quando chegou ao colégio, à noite seguinte do confronto com Fernão, a notícia dada pela Viscondessa de que ela pegara “a febre” lhe causara um terrível temor por perdê-la. Quis vê-la, de qualquer maneira, mas foi impedido e levado a usar da lógica. “Seu semblante está caído, e o período é altamente contagioso, disseram os doutores. Só a negrinha de sempre entra no quarto para alimentá-la e banhá-la. E velar-lhe o sono. Se o senhor a visse, é certo que pegaria também. E isso a pobrezinha não quer. Ela te ama. Em seus delírios chama por teu nome”. — Apesar da dor de sabê-la tão doente, o coração descompassou ao saber do detalhe de que ela chamava por ele. Então lhe escrevera uma carta em que prometia retornar na páscoa e voltara a Vale Campina naquela mesma tarde. E não regressara outra vez ao colégio por que...

— Bem — Aidan ergueu-se de súbito, — tenho de ir. Obrigado e tenha uma boa tarde doutor.

— Disponha. Sempre ao teu serviço, Coronel.

Depois, seguia pelas ruas, levando consigo, todos os temores e perseguições que o separaram dela.

Chegando um pouco atrasado, por ter demorado a arrumar um carro de aluguel, ele entrou no aposento desculpando-se. Não havendo resposta, viu que a porta do quarto de Arielle estava ainda entreaberta como ele mesmo deixara e, deixando o paletó sobre o sofá de madeira escura, entrou ali sorrateiro, desconfiado do que era fãto: sua esposa estava adormecida. Em pé a observou por alguns momentos. Como seu rosto era meigo e suave! O nariz, pequeno e arrebitado. As bochechas suaves e coradas. Os lábios... Os lábios cheios colorados quais pitangas maduras eram um convite à perdição e, ainda que sem carmim, eram assim tão cheios de viço. Quando viu o lento subir e descer dos seios, causado pela respiração, entendeu por que apesar de algumas tentativas não conseguira possuir nenhuma outra mulher desde que a quisera para si. Desde que a raptara tempestivamente...

Os seios dela... Imaginou-os brancos com uma ou outra pintinha,

como era mesmo o colo nacarado exposto pelo decote. Pensou nos mamilos tornando-se túrgidos ao seu toque. Ofegou, aproximando-se para furtivo lhe aspirar o perfume. Quando visualizou a cena e enxergou em sua imaginação os bicos dos seios da esposa da mesma cor dos lábios, então por isso, decidiu que precisava urgente de um banho.

Tendo

ele

deixado

aquele

cômodo,

Arielle

suspirou

profundamente. Decerto, um sonho ditoso já que, antes de virar-se de lado, sorriu.

Entrando à sala de banho, enquanto a banheira de porcelana enchia-se com água fria, ele despiu-se rapidamente. Com toda a certeza, não precisava de água quente. Não no verão da Corte. Não depois do que acabara de imaginar.

A forma e textura dos seios de Arielle!

Estava suado. Não só pelo calor que devia estar perto dos quarenta graus, mas por uma urgência difícil de controlar por si mesmo.

Quando entrou na água muito fria, imergindo o corpo até o pescoço, sentiu eriçarem os cabelos de sua nuca devido ao contraste de temperaturas. Os músculos contraíram-se, mas em pouco relaxaram e veio o “ah” de contentamento. O alívio esperado chegou.

Suspirou tranquilizado com a libido feneceida.

Repousou então a cabeça no espaldar e fechando os olhos lhe veio à mente que, naquela mesma banheira de louça, há pouco, antes do almoço Arielle também se banhara. Talvez nua. Que importa fosse de camisolão? Imaginou-o transparente, grudando-se às formas sinuosas, tão femininas que ela aparentava ter... Entrou-lhe pelo nariz os aromas de banho que ela usava e foi aí que sentiu imediatamente o corpo todo arder, o ambiente fumegar, o desejo reacender. O banho frio, então tão prazeroso, tornou-se insuportável.

Levantouse de chofre, resmungando alguns palavrões do tempo da caserna, espalhando água por todo o aposento. E, tendo saído da banheira, cobriu parte da nudez amarrando uma enorme toalha de linho à cintura afilada. Passando pelo luxuoso quarto de dormir chegou à sacada. Apoiou-se à balaustrada. A água dos cabelos escorria por seu rosto e observou a noite, muito ao longe, avançar pela metrópole. Enviava em antecipação à sua chegada uma suave e fresca viração passageira, o que lhe enregelando o torso desnudo, acalmavalhe os ânimos masculinos.

Ouviu um timbre delicado de voz, um tanto sonolento,

chamando por seu nome.

— Aidan... Aidan, estás aí? Coronel?

Quando entrou de volta no quarto, encontrou Arielle que, em um segundo, passou de um semblante confuso de quem acaba de acordar, para um semblante chocado de uma Sinhazinha que, de fato, via um homem.

— Perdão, meu bem. Não percebi que havias despertado. O

calor é tanto que... Bem, se me der licença poderei me vestir para sairmos.

— Sairmos? Pensei que... Bem, dormi até tão tarde... — falou entre um bocejo incontrolável. — E ainda... — Mas, calou. Fixou seus olhos grandes no peito desnudo do Coronel. Na cicatriz que o cortava de fora a fora, nos músculos rígidos dos antebraços, nos pelos suaves que cobriam o corpo... enfim, na seminudez masculina por ela nunca

contemplada.

— Não tem problema — ele disse lhe estudando com cautela. —
Passearemos nesse comecinho de noite e depois jantaremos.

Como ela permanecesse estática, ele acrescentou suave:

— Se me deres licença para eu me vestir.. Mas, é claro, não me
importo se preferires ficar — declarou sorrindo malicioso, o incisivo
lateral de ouro brilhando com o leve pender de cabeça; um gesto
puramente irreverente.

O rosto de Arielle Moissonner foi devorado por calores e sensações que
não sabia explicar.

— Oh, com licença então. Perdão — pediu, retirando-se dali afobada.
Completamente ruborizada.

Quando já o vira sorrir? — Perguntavase batendo a porta atrás de si.
Não lembrava. Talvez nunca! Nunca o vira sorrir, constatou!

Que riso foi aquele que lhe endereçou?

Arielle, bem pouco depois, surgira no saguão com um de seus
vestidos marrons. Aidan, como costume, elogiara sua fulgurante
beleza. Mas dessa vez, quando já caminhavam pela rua, sob um
espetacular crepúsculo do verão carioca, acrescentara um comentário
para que ela pudesse somar aos pensamentos que lhe tirariam o sono
naquela noite: — Não pode a mais linda Baronesa desse país,
esconder-se em um traje tão... Obtuso. Quando chegarmos a Recife, eu
pedirei à minha mãe que te providencie com sua modista roupas mais
adequadas, que tentem fazer jus à tua beleza. Para que uses até
voltarmos ao Rio.

Ela retrucara que eram os vestidos indicados pela superiora do colégio,
que as próprias alunas costuravam para aprenderem o labor.

Os belos vestidos usados nos salões de Laranjeiras eram doados nos
dia seguinte. Ou seriam vendidos?

— É claro! Fazendas de valor irrisório, sem custo de confecção.

E para onde foi toda a quantia que eu enviava a cada semestre para os vestidos novos que ela exigia? — inquiria-se ele, indignado enquanto a auxiliava a descer da luxuosa coupé. — Para a conta no banco da família Magalhães, decerto. Mas, na hora do acerto final, colocarei isso em conta, meu bem.

Acerto final... Quer dizer que não retornaria ao colégio depois das férias. — Pensava enquanto ele a enlaçava possessivamente. Sim.

Decidiu que era a hora mais acertada para a anulação do casamento.

Não falou nada ainda, esperava momento mais adequado. Pediu-lhe que mandasse buscar Lélia, sua mucama.

— Sabes... — dizia com doce tom, enquanto atravessavam o suntuoso portal de entrada do Passeio Público, que um dia viria a se chamar Jardim Botânico. — Queria dar-lhe alforria. Ela me foi tão fiel, obediente e carinhosa esses anos todos. Queria presentear-lhe com a liberdade.

— Tens noção, Arielle, de quanto custa uma jovem como aquela? Saudável como ela é...

— Sim. Sei que o preço de um ser humano é incomensurável — retorquiu de forma indireta, olhando-o de soslaio — Mas, ela chegou-me a ser quase uma amizade. Quase não. Foi. Nesses anos de solidão — alfinetou-o, — foi praticamente minha única companhia. Ele entendeu o recado, mas preferiu não comentar. Na verdade, sentiu um aperto no peito, quando lembrou que fora Lélia quem cuidara de Arielle, quando esta tivera a peste. Indagou:

— Tu não fizeste amizade com alguma outra interna?

Eles caminhavam pelo parque apinhado de casais que saíam a namorar àquela hora. Arielle, diferente do que imaginara Aidan, mal notava a beleza exuberante do paisagismo. A alameda de palmeiras já havia sido por eles deixada e iam agora sentarse em um banco que muito afortunadamente achava-se vazio.

— Decerto — respondeu ela. Não pretendia revelar o grau de amizade que possuía com Mariana. — Mas... Quem dormia aos pés de minha cama era Lélia. Ela quem me trançava os cabelos, quem me banhava e me vestia. Cortava-me as unhas. Quem, inclusive, fazia minhas tarefas enfadonhas de bordado e costura — disse isso

demonstrando com o semblante que realmente se aborrecia com os trabalhos manuais.

— Para isso mesmo que a comprei e a enviei a ti, já que até hoje Flor não foi encontrada.

— Bem, me faria feliz se a alforriasses — falou-lhe diretamente, afogando a dor de saber que Flor estava ainda desaparecida.

Com isso ele sorriu. Outro sorriso? Foi para ela devastador aquele sorriso terno, diferente daquele malicioso que ele dera no hotel. Seu coração batia descontrolado. Chegou a levar a mão ao ar em direção de tocar-lhe os cabelos fartos. Todavia, deteve-se. Ele, ao ver isso, passou a sorrir sem mostrar os perfeitos dentes brancos, por exceção àquele de ouro que lhe conferia um ar meio maroto. Em seus olhos de uma cor indefinível, escurecidos pela penumbra da noite que caíra por completo, brilhou algum segredo que ela não conseguia decifrar.

Tomando as mãos da esposa na sua ele disse:

— Tu não te preocupes, anjinho. Darei a alforria a ela, se te fizer feliz. Mas, sugiro que a contrate para que siga conosco para Pernambuco. Se ela não quiser ir, imponha isto como condição para que ela obtenha a alforria.

— Decerto que ela irá. Nem precisarei impor nada — comentou suspirando, pelo carinho que adquirira por Lélia.

— Ademais, só lhe darei mesmo a alforria quando regressarmos — disse acariciando-lhe um cacho de cabelo. Quando ele começou a cheirá-lo ela, na iminência de sucumbir ao momento, desvencilhou-se pondo se de pé.

— Vamos. Os passantes começam a murmurar tuas ousadias.

— E quem se importa? Somos casados... — replicou sorrindo.

— Agora perdemos o banco — amou ele, contrariado.

Acompanhou-a até o lago com a mão apoiada em suas costas, em um gesto de posse. De repente, Arielle se voltou para ele e perguntou:

— Quando regressarmos ao Rio, é então que providenciarás a anulação?

— Anulação? — ele a encarou de mais perto estreitando o olhar, tornando o semblante em uma expressão que pareceu a Arielle um tanto perigosa, embora surpresa. — Do que falas?

— Sim. De nosso casamento. Ambos sabemos que ele foi uma farsa. E, apesar de eu... Bem, não importa. Todos sabem que é uma fraude. Ele a segurou firme pelos ombros e com a voz controlada avisou-a:

— Cuidado, Arielle. Estamos em público, alguém pode ouvir.

— E que é que tem? — disse em um sussurro. Não demonstraria que por dentro convulsionava-se de medo. — É o boato que não morre na boca da sociedade. Isso para não dizer que a atitude mais acertada de tua parte seria me conceder a liberdade.

Ele levantou uma sobrancelha. Nas feições, derramada uma dureza terrível. Não compreendia o que ela queria dizer com “liberdade”.

—

Não tens a noção do que... Olha, vamos embora.

Conversaremos no hotel.

E seguiu puxando-a pelo braço. Arielle quase não podia lhe acompanhar as passadas largas e apressadas enquanto interpretava a reação do marido imposto.

O trajeto de volta teria sido feito em silêncio, não fosse por ele dizer que ela era livre. Mas, casada com ele.

Quando iam adentrar o saguão do hotel, Aidan viu o homem que há uns cem metros tentava lhe chamar a atenção por meio de sinais.

Fez um sinal com a cabeça como resposta e, praguejando mentalmente, a fez entrar. Que hora mais imprópria! Levou-a até o quarto e disse que conversariam quando ele chegasse, já que teria de resolver umas

questões na rua. Não demoraria, avisou.

E depois

pediriam jantar no quarto. Recomendou que ela não saísse em nenhuma hipótese já que especialmente ela, sua esposa, corria muitos perigos se viesse a sair desacompanhada.

Arielle, tendo ele a deixado, passou a caminhar nervosamente de um quarto para o outro, arrastando seu pesado vestido marrom.

Lágrimas de nervoso e nauseante revolta escapavam-lhe pelo canto dos olhos. Percebeu que não, ele não lhe concederia a anulação. Seus olhos começaram a transbordar lágrimas mais grossas, mudas. Se tudo tivesse sido diferente. Se o houvesse conhecido em um baile... Se ele não lhe desse tanto... Medo.

Ainda que, às vezes, tivesse palavras carinhosas para com ela sabia que era fâchada. Ele, afinal, era um Carneiro! Estava no sangue daquela família a dissimulação, o carisma, a simpatia, a crueldade.

Tinha anos de experiência daquela índole. Admitia para si, agora, que estava apaixonada. Ele conseguira lhe capturar o coração no momento em que possuiu sua alma ao penetrar com o mistério de seu olhar seus sentimentos mais puros. Fora no dia em que o vira pela primeira vez na escadaria da fazenda, na noite do sarau. Agora, quase cinco anos depois, tinha consciência de que fora naquele exato momento que deixara de ser menina e passara a se tornar mulher. Foi quando percebera que existiam outros sentimentos que não os fraternais. E estanhos desejos...

Não poderia entregar mais do que ele já possuía. Não nas condições que a submetera casar-se com ele. Seria questão de tempo, ele tomar-lhe por inteiro se ficasse perto dele, portador daquela aura desmedidamente magnética. E se isso ocorresse suas esperanças estariam perdidas. Sabia que ele a queria. E Arielle também o queria.

Muito.

Durantes os anos separados, julgara que os sentimentos estranhos que ele lhe provocara haviam sido suplantados pela distância. Mas agora que convivia novamente com ele, sentiam-se prestes a enlouquecer, acordada em sua languidez. Quando ele estava muito perto e podia lhe sentir o perfume, sentia a pele arrepiar, os poros abrirem-se. O tom rouco e moderado dele falar, ordenar, faziaa perder o sentido do pensamento, esquecendo-se do que ia falar, como se seu corpo clamasse pelo dele. Aquele cabelo rebelde... Era só vontade de desgrenhá-lo com os dedos. Ah, mas que loucura! Tinha muito por que viver. Tinha ideais pelos quais não poderia lutar à sombra de um marido escravocrata como o que tinha. Ele vivia à margem do pensamento-luz. Sabia que se não fosse nesta noite, seria logo. Não via saída.

A não ser...

Vinte minutos depois, descia as escadas com uma pequena valise de couro. Colocara ali uns poucos pertences. Para onde ia não poderia ser encontrada. Esperava apreensiva que o amigo de debates lhe desse abrigo. Seria um escândalo, quando no futuro viesse a público, disso não tinha dúvida. E por isso temia ele não querer escondê-la. Mas, sendo o noivo secreto de Mariana, tinha esperança que isso ele pesasse. Mariana e ela eram realmente melhores amigas.

Andava, agora pelas ruas, apressada e escondida sob o capuz marrom.

Que angústias não a assaltaram no percurso até ali!

Deixou a Rua do Ouvidor esgueirando-se sorrateira para um beco escuro. Rezava baixinho para que ninguém a interpelasse ou molestasse. Foi quando ouviu a inconfundível voz rouca que sussurrava:

...dessa maneira. Continue a me informar. Preciso estar sempre

prevenido.

E a outra voz, também familiar, responder:

— Obviamente, Coronel.

Escondeu-se depressa em uma reentrância oculta perto de um poste com o lampião quebrado, talvez por vândalos. O coração em disparada, sentiu o aroma do charuto de Havana se aproximar. Ouviu os passos conhecidos caminharem na direção em que se achava.

Mordeu o lábio, apreensiva. Ouviu quando “ele” passou por ali despercebido de sua presença. O que pensaria quando não a encontrasse no hotel? De tanto medo soluçou alto. Ouviu o ruído dos passos de botas que batiam contra as pedras de calçamento cessar.

Por Deus! Ele a havia descoberto. Soluçou mais duas vezes e conseguiu com muito custo reprimi-los. Logo ouviu os passos novamente e suspirou profundamente de alívio. Depois de um pouco saiu de onde se escondia e caminhou de volta em direção a Rua do Ouvidor. Tão amedrontada que estava não conseguiria caminhar até a casa de Eduardo, mesmo por que nem seria indicado, já que teria de passar pela rua do colégio, onde poderia ser reconhecida. Tomaria dum coche de aluguel na Av. Rio Branco que a levasse até lá. O

problema é que não tinha um vintém. Ora, daria um brinco como pagamento ao cocheiro.

Quando ouviu soluços na escuridão, Aidan considerou estar sendo espionado como ele mesmo fazia com aqueles de alguma forma lhe ameaçavam. Mas, quando viu a metade inferior do rosto do vulto que caminhava pela viela iluminado por um fecho de luz quase não acreditou. Teria seguido-o? Para quê? Não. Não o tinha seguido.

Decerto era uma fuga, fuga mal-sucedida por ironia do destino. Tinha certeza disso por que, irritado, a via tentando encontrar um coche. Ela indagava ao cocheiro se conhecia a pensão da senhoria de Eduardo. — Sim, senhorita, digo, senhora — respondeu o cocheiro de enorme bigode reparando na argola de ouro reluzente no dedo da moça.

— Bom é para lá que...

Sentiu então uma mão pesada que a tornava para si, segurandolhe pelo braço direito. Aidan. Seu sangue, apesar do calor, quase congelou. Ele lhe ordenava:

— Vossa mercê vem comigo! — o tom contido da ordem, mascarava uma raiva contida.

— Aidan! — Sabia que era ele, antes de vê-lo. Aquela voz.

Não dissera uma palavra durante o percurso, e isso a

amedrontava mais ainda. Segurara seu braço com uma força e por tanto tempo que ultrapassando a sensação de dor, adormecera. Ela não tivera coragem de adverti-lo, já que a tensão era grande. Decerto, as marcas de dedos durariam pelo mesmo um dia inteiro. Agora, dentro do quarto, no hotel, se viam face a face.

O marido mantinha o semblante impassível, as mãos enfiadas nos bolsos. Não desprendia o olhar do dela.

Como o longo silêncio a agastasse, tentou começar:

— Eu... — mas, foi interrompida.

— Não diga nada. Não fale nada — tirando a mão do bolso, com ela, cortou o ar. — Sentes, não? Sentes o esforço que estou fazendo para não quebrar as coisas por sobre os móveis, não? Para conter a ira — gritava — que estou sentindo de ti!

Ela permaneceu muda. Ele continuou.

— O que passa nessa tua cabecinha, Arielle? Não tens senso do perigo? — ele arrancou o paletó atirando-o longe. — Não tens instinto de auto-preservação?

Não, ela não fazia conta do perigo que a cercava, noite e dia.

— Preten...

— Já disse para que tu te mantinhas calada! — vociferou. — Porque me desafia assim? Uma dama como tu, sair sozinha, em uma cidade como esta às... — olhou a hora no relógio de corrente. — Já passam das dez, Arielle! Eu não a adverti? — uma nota de quase desespero acompanhava-lhe o tom. — Não adverti que não saíesses?

Onde pretendias ir?

— Não sei — mentiu sem coragem mais de encará-lo.

— Não sabes? O que fazias em um beco escuro? Imaginas se eu não te tivesse te visto... Por Deus! — Começou a caminhar pelo cômodo. — Não percebeste o semblante maleitoso do cocheiro que pretendias contratar? És tão inocente assim? Ou idiotismo mesmo?

— ela o olhava outra vez. — Por muito pouco, muito pouco... — Nesse instante ela baixou o olhar, pois sabia que ele tinha sua razão — Olha para mim! — ordenou ele ao máximo imperativo. — Arielle!

— gritou. — Olha! — ordenando isso se aproximou dela e como sempre a segurou firme pelos ombros, desta vez balançando-a. Ela o fez. O fitou fundo nos olhos, que brilhavam chispando a raiva contida em seu interior. Deixou esvair então aos borbotões as acusações numa gritaria irrefreável:

— Sim, pretendi fugir! Aproveitei-me sim, que saíste... para fugir.

Percebi, quase muito tarde, que tu não me darias a anulação. Eu tinha esperanças fervorosas disto. Eu nunca quis este casamento, Coronel!

Quando pensei que me livraria da má sorte de um casamento obrigado, chega outro como ele, tu, e contigo me obrigas a casar! — pendeu, contristada demais, a cabeça.

— Outro como ele?!

Não podia

acreditar

que

o comparava a Carneiro. Que o comparava ao pai.

— Sim, essa família nunca se importou com o sentimento alheio.

Só visam os próprios interesses egoístas...

— Arielle...

— Te livraste de minha mãe, para que ela não me pudesse defender!

— Tua mãe — repetiu sarcástico. — Defender.. Não entendes os motivos...

— Sim! Eu entendo. Usou-me, como... Como mais a uma peça de xadrez para atingir a teu pai. É isso que sou: uma peça. Mas, o pior, Barão... Rá, o pior é que me afastou arditamente de... daquele que àquela época eu escolheria para...

— Maldita! Cala-te! — ele quase se desfigurou, em sua ira a ponto de explosão.

Não. Isso ele não podia suportar. Ela sabia como provocá-lo!

Antes mesmo que ela mencionasse Rubén, seu sangue já começou a ferver. Ela poderia acusá-lo com meias-verdades. Mas, mencionar aquele... Covarde. Isso que não. Ciúme... um ponto fraco em seu caráter que por cautela não deveria ser provocado. Arielle teria de aprender isso. Mesmo que à força.

Ele, que já a segurava pelos ombros, estreitou-a ainda mais em seus braços, apoderando-se de sua boca. Mostraria àquela estúpida o que é um homem de verdade. Faria com que ela visse a diferença entre um homem e um mancebo de cueiros, como Rubén. Arielle tentou esquivar-se, mas a força masculina indiscutivelmente venceria.

Em um embate de resistência e submissão Aidan pouco a pouco a aproximava da parede da saleta na qual discutiam há pouco. Eram nulas as chances de sucessos de suas tentativas desesperadas por escapar. Com os lábios colados aos dela, ele tentava entrar em sua boca com a língua. Arielle, então, lhe mordeu a língua sem dó. Fato o qual ele ignorou.

Nem o gosto do próprio sangue o fez despertar daqueles instintos animalejos que o ciúme lhe causou.

Aidan finalmente a contrapôs na parede imobilizando-lhe, com uma só mão, os pulsos acima da cabeça. A outra utilizou para puxá-la pela cintura contra seu corpo inflamado. Tentando conter-se em seu estouro

repentino de erotismo por ela, finalmente conseguiu penetrar o interior quente, úmido e veludoso da boca tão desejável. Pela primeira vez possuía aquela boca. Ela ainda tentou esquivar-se, mas que chance teria contra a obstinada massa corporal de seu marido?

Cabeça curvada, ele passou a explorar delicadamente os detalhes daquele interior macio, feito de um tecido suave e delicado. Tão agradável... Adocicado como sempre imaginou que fosse. Deslizou a ponta da língua pelos dentes de pérola e Arielle, entre bramidos abafados, gritava e protestava; de balde, porém. O perfume da amada provocava ainda mais no Coronel seus fortes e primitivos instintos masculinos.

Ao cabo de alguns minutos beijando-a ele passou, descendo pelo queixo e pescoço, a beijar-lhe com paixão o lindo colo exposto pelo decote. Arielle, já mais rendida, passou a apreciar da sensação.

Suspirou

incapaz

de

ficar

incontida

como

mandava

seus

pensamentos. Era aquele cheiro que se desprendia da pele dele que a ardia. Combinado isso às carícias dos famélicos lábios dele sobre a sua delicada pele, a fez sem mesmo querer arquear o quadril, fazendo-o ir de encontro ao corpo de Aidan. Ante esse gesto, ele lhe ordenou que

abrisse os olhos que se achavam cerrados.

— Olha para mim. Olha, Arielle.

Quando a olhou, naqueles olhos estrelados viu algo diferente.

Algo que nunca vira neles.

— Suplico... — sua voz era nada mais que um fio.

Ele, numa lentidão inacreditável e exasperadora, soltou-a

deixando ali, sem entender. Virou de costas e suspirando caminhou até mesa, na qual descontou todo seu sentimento com um estrondoso murro, que partiu o refinado móvel em dois. Virou a cabeça e disse, a voz controlada com esforço, as linhas do rosto tesas:

— Perdoame, Arielle. — Caminhou até ela, que já abaixada no chão chorava baixinho. Agachou e sussurrou-lhe, ainda. — Perdoame, por favor? Não pude manter o controle. Não sei o que há em ti que me faz...

— Não diga nada — balançou a cabeça, — nada.

Ele levantou-lhe o rosto e viu que ela chorava lágrimas incessantes.

— O que foi que fiz... — disse abraçando-a, numa tentativa de abafar-lhe o pranto que vinha do peito.

—

Perdoame, por favor, Arielle. — Tomou o

paletó no

respaldo da cadeira e cobriu-a com ele lastimando-se. — O que foi que eu fiz...

—

Me assustaste! — acusou-o de repente. — Estava me

dedicando uma atenção que julguei jamais existir. Tu me provocaste sensações, sentimentos...

Inexplicáveis, indizíveis!

E depois me largou, separaste-te de mim bruscamente, e agiste como... Como um ogro! — gritou indignada apontando com o braço a mesa destruída.

Ele olhou as coisas que espalhara no chão. Olhou-a em seus olhos brilhantes da umidade.

— Pediste para eu parar — deu de ombros, desentendido.

— Não realmente. Minha consciência tentava me alertar para as consequências, mas, não sei, havia algo em mim que queria que vossa mercê continuasse. — Ela levantouse resoluta, livrando-se daquele abraço. Vestiu um chambre, que se achava por ali, em um cabide. Depois de caminhar até a porta, abriu-a, sem ter coragem de fitá-lo, pediu.

—

Queira,

por favor, deixar-me agora. Preciso...

Ficar só.

Prometo não tentar outra fuga.

Ele levantouse e alcançou-a. Se entreolharam, ambos sabiam, o quanto haviam se excedido.

—

Meu amor... Prometo que não farei isto novamente.

Descontrolar-me assim e... Se quero te amar é com ternura, acredita em mim? Bem...

Ela apenas baixou o olhar, incapaz de sustentá-lo.

— Dou minha palavra, de honra, meu amor! — beijou-lhe afetosamente as mãos. — Não a tocarei daquela forma novamente.

Nunca mais. Só te tocarei outra vez quando consentires. Mas... Fique de sobreaviso... Prometo, por tua segurança que te farei minha. E será em breve. Por tua segurança. Não descansarei enquanto não a tiver seduzido, compreenda isto.

la saindo, mas voltou para ainda dizer:

— Não se vá, Arielle — uniu as sobrancelhas, expressivo. — Preciso de ti. Voltarei mais tarde quando tiverdes adormecido.

Amanhã conversaremos. — Beijou-lhe na testa antes de sair pela porta.

Aidan seguiu para o bar do hotel. Precisava de uma bebida forte.

Precisava refletir suas dores. E ardores. E muito refletiu...

Ficou solitário a uma mesa, a pensar em como, tão controlado que sempre fora, ao menos perto de outras pessoas, se pudera deixar de tal modo ser levado pelas emoções. Como, sem ao menos tentar, ou pressentir, ela conseguia lhe demover o senso de razão? Porque afinal queria-a tanto? Porque querer tanto alguém que não lhe queria?

Julgava o fato de ela ter confessado que lhe quisera, ser resultado da adrenalina que lhe liberou hormônios. Não a queria assim. Desejava-a entregue. Parece que assim nunca há de ser. Era sua sina? Ter bem querer por aqueles que o desprezavam? Os cabelos negros, grossos e fartos de Luís Carneiro, o olhar turbado e cruel que o fulminara tantos anos antes, não escapavam, infelizmente, dia após dia da memória. A dor que sentira, naquele dia dentro da igreja, quando vira seu sonho mais pueril, mais romântico ruir! Uma família...

Poderia ter uma família tão logo estalasse um dedo. Havia no mercado matrimonial, muitas mocinhas de ilustríssimas famílias em busca de um marido rico e de presença como ele. Porque fora encafiar

justo com ela!

Logo com ela que o desprezava...

Desprezava?

Era

impressão

sua

ou

ela

lamentara

realmente

emocionada que ele não tivesse ido em frente com sua investida descontrolada, do desejo de possuí-la? Sim. Vira brilhar um anseio dolorido naqueles olhos grandes, de tão grandes cílios. Sentira brotar dela algum odor que lhe contara que estivera pronta. Verdade ou adrenalina? Mas queria que ela o recebesse em seu corpo com afeição, que o recebesse por querê-lo. Para que fosse lindo como era o que sabia sentir por ela.

Precisava de alguém. Alguém para proteger, necessitava disso como de ar para seus pulmões. Precisava dela, porque só as combinações que a formavam margeavam seu ideal de perfeição, dentre todas as mulheres que já conhecera.

Força, personalidade firme, castidade...

Mas a espera o estava consumindo. Sonhava com o momento pelas noites a fio, durante os últimos anos. Que hora terrível aquela, julgou, ter cruzado o caminho dela. Estaria em paz e feliz com seu intento realizado. Com a fortuna do Barão em seu poder. Não se ligava aos luxos, pompa e adulação. O prazer existia em privar Carneiro do que mais amava — tudo quanto ele, Aidan, desprezava.

O que mais queria, não poderia ter? Até quando usaria de sua

autoridade para mantê-la consigo? Queria abrir-lhe o coração e à força entrar ali e conhecer o que é o convívio de um afeto. E isso não era possível.

Mas, tinha a viagem à Recife... O encontro com a mãe. A viagem; prazo que se dava para dobrá-la, vencê-la. De certo modo, subjugarlhe os sentimentos, submetendo-os aos seus. Sempre conquistara tudo no qual empreendera e agora, uma donzela insurrecta lhe tirava o centro. Precisava tê-la! Bateu com a mão na mesa. Decidiu isso no momento em que lhe deitou o olhar pela primeira vez. Esperou tantos anos, não eram uns poucos dias que o fariam desanimar.

Quando o ataque direto não funciona, a guerrilha é uma boa opção.

Não faria isso, seguir tentando com tanto empenho, se não tivesse percebido o desejo carregado no tom de voz dela e os sinais que lhe enviara quando lhe tocara; sinais de que lhe era tão vulnerável. Antes de subir ao quarto teria de ir ao Le Jolie, sofisticado bordel francês. Leila o esperava com muitas informações.

Por muitas horas Arielle, olhando pela sacada as luzes tênues ao longe, além de Botafogo, ficou a remoer o que se passara naquele quarto. Quis entender o que afinal lhe acometera. Lembrou-se das palavras de Saquina. Lembrou-se de como ela dissera que é realmente a vida matrimonial de um casal. E lembrou-se dos sorrisos que fulguravam o rosto de Mariana quando ela deixava o quarto de Eduardo, quando ao fim das reuniões, lá eles se trancavam. Os suspiros e ruídos daquele quarto que ela tentava ignorar. E o brilho que iluminava os olhos da amiga. No entanto, Mariana o escolhera para amar.

Seus pensamentos iam e vinham confusos.

Escolhera-o para ser seu enquanto vivesse. Pensou nas poesias que Eduardo endereçava à dócil Mariana e sonhou com algo parecido. Algo delicado, suave e melancólico como o amor de Eduardo por Mariana. Não algo animalejo, bruto e... excitante, admitiu, como o que seu marido lhe demonstrava.

Como desejara que ele tivesse a ignorado e tivesse consumido-a de tanto amor! Somente ele. Por que não se achava capaz de entregar-se por espontânea vontade tendo de, assim, suplantá-lo seu orgulho. Na verdade, não precisava de amor nenhum, a não ser aquele que podia dar aos seus irmãos. Só se achava útil brigando por qualquer justiça que fosse. Nunca se imaginou mãe, esposa, senhora de uma casa ou companheira de um homem. Por isso seu coração sangrava. Eram mais que reflexões magoadas em relação à Aidan.

Eram reflexões que estudavam sua própria alma e ser. Achava-se seca. O que os dias vindouros lhe reservavam era o maior mistério e ansiedade que já vivera.

Capítulo II

— QUANTO TEMPO dura a viagem?

Foi a primeira frase direta que Arielle dirigiu a seu marido, desde a noite anterior. Haviam acabado de embarcar no vapor que os levaria à Pernambuco e já se achavam acomodados no luxuoso camarote privado. Ela olhou em redor e pensou que apesar de diminuto, aquele espaço era admirável em seus detalhes soberbos. Momentos a seguir, Aidan vendo a apreensão estampada no semblante dela, explicou:

— Não te preocupe. Dormirei no sofá... Por enquanto.

Ficando ainda mais nervosa, depois de dar uma olhada rápida para a cama de casal ela caminhou até a pequena janela. Viu o nível da água turva ali do porto uns poucos metros abaixo do nível da janela e sentiu uma náusea.

— Ia avisá-la quanto a isso — disse ele aproximando-se. — Mas, te aproximaste tão depressa da janela. — Fechou a escotilha e tomou-lhe a mão. — Venha, senta-te aqui — guiando-a, fez com que sentasse na ponta da cama, ele à sua frente em uma poltrona recoberta de seda.

Arielle levantou o queixo e fingiu que observava a pintura a óleo que estava pendurada em uma das paredes

— Precisamos conversar — avisou Aidan.

— Creio que mais tarde — contradisse-o receosa, sob seu costumeiro manto de indiferença.

— Por que tenho tanta paciência contigo?

Ela fixou seus olhos nos dele.

— Por quê?

— Pergunto-me isso todos os dias...

Arielle voltou, outra vez, uma atenção fingida à pintura.

Como se aproximar de alguém tão arredia, de um modo gentil?

Diante dela sentia-se como um animal da mata que ocasionalmente veio a adentrar uma loja de cristais e porcelanas. Tomava um cuidado incompreendido, de um zelo inesperado, porém a qualquer segundo poderia arrazoar com o derredor.

— Agora é o momento ideal — ele insistiu.

Dizia a si em pensamento que a paz que ela lhe trouxera, era o motivo de tão encarecidamente acurar por ela. Queria acreditar que lhe era qual um medicamento que arrancava a dor de todas as feridas internas que possuía.

Aquelas feridas inexplicáveis, insondáveis.

Doídas, recônditas e sofridas.

— Conversamos e depois nos preparamos para o almoço. Sei que tu já te recompuseste. É ligeiro o que tenho a te dizer, logo tua mucama chegará para desfazer o que for preciso de tua bagagem.

Ela pousou segunda vez os grandes olhos nos dele e esperou.

Por alguns momentos, ele olhou dentro daqueles olhos. Como lhe afetavam! Então começou:

— Bem, quanto à pergunta que fizeste quanto ao tempo da viagem, dura cerca de quinze dias. Mas, isso depende do tempo.

Teremos que dividir a cabina. Comprei passagens com acomodação nupcial. Era o que eu esperava que fosse, Arielle — disse isso se sentando ao lado dela e tomando-lhe as mãos femininas nas suas. — Mas como prometi não te obrigarei a nada... — fitou-a de esguelha.

— Eu jamais precisei impor que mulher alguma dormisse comigo. E

logo contigo, que me é tão especial, não será diferente — segurou-lhe o rosto pelo queixo e o tornou para si. — Quero-te. Mais do que já quis qualquer coisa nessa vida. Juro, usarei de todo o necessário para fazê-la me amar e me aceitar — declarou enfático. — É só o que me falta para ser um homem completo. — Ele lhe acariciava o rosto com o polegar, enquanto ia dizendo, ainda: — Ontem... Bem, por ontem espero que me perdoes. Às vezes, quando tua imagem surge em minha mente, Arielle, perco o controle de mim. Coisas que um dia entenderás.

Ele então aproximou o rosto tão perto do dela, que Arielle achou que a beijaria. Pôde mesmo lhe sentir a respiração cálida bafejar no rosto.

Mas ele não o fez. Levantouse e, se pondo de costas para ela, num tom um pouco mais alto, lhe disse:

— É possível que Carneiro seja liberto. Tu precisas entender que deve ser protegida dele. E de Fernão. — Tornouse para ela: — E

isso eu farei. Não confies em ninguém, além de mim.

— A confiança é algo que se obtém por conquista, senhor — declarou ressentida.

Surpreso pela observação dela, que até então se quedara muda, voltou-se e a advertiu:

— Entendo. Mas... seja cautelosa. Não cometa outra tolice como a de ontem. Meu pai e meu irmão não pesariam um só segundo em exigirem de ti a força, o que é meu por direito conjugal. E me negas... Ela entendeu o que ele queria dizer.

— Bem, em uma hora retornarei para subirmos juntos ao restaurante

— disse ele mais, beijando-lhe a testa e rumando para a porta. — Sou teu senhor, mas não é necessário que me chames assim.

Principalmente o porquê tu me chamas assim. Detesto ironias...

Aprenda.

Ia o Coronel tomando a maçaneta para sair, quando a ouviu indagar: — Por que, Coronel, por quê? Aquela noite... Porque me levaste contigo para a Taverna?

Por

que —

quis saber ainda, a voz embargada — fez questão de descer comigo pelo salão, ao invés de discretamente?

— Tens alguma dúvida?

Baixando os olhos, com voz tristonha, respondeu:

— Não, senhor..

Dando por encerrado o colóquio, saiu ele da alcova conjugal.

Arielle levantouse e, abrindo uma das finas caixas que continham as roupas que o marido mandara lhe buscar em uma casa de moda francesa na Rua do Ourives, passou a pensar mais nos acontecidos recentes de sua vida. Será que era mesmo tão bela assim?

Lembrava-se dos apelidos jocosos que Tiago e Fernão lhe davam — sempre lhes vencera em praticamente qualquer disputa. Era mesmo alvo de disputa entre um pai e dois irmãos? Bem, não fora o suficiente para que Rubén lutasse por ela... Lembrou magoada. Mas, afinal, agradecia. Se tivesse ficado com ele, não teria vindo ao Rio de Janeiro e conhecido o pensamento de seus ancestrais franceses e o ideário abolicionista, que lhe dava um sentido na vida.

Então ficou imaginando a maravilha de uma hipótese: Aidan não era um Carneiro, mas sim um revolucionário sem nome. Um herói popular. Eles se conheciam em um dos encontros secretos dos

republicanos e... Apaixonavam-se perdidamente.

Ardentemente.

Quanta bobagem estava fantasiando!

Decidiu não pensar mais e se perguntou por que Lélia demorava tanto. Precisava se vestir. Abriu a porta da cabina e, vendo um camareiro de peruca que por ali passava, perguntou-lhe: — Como posso encontrar minha mucama, senhor?

— Perdão, Madame. Não é algo que me compete saber. Mas creio que deve estar na senzala com os outros escravos cuidando da limpeza.

Como sabe-se, é preciso evitar as doenças.

— Obrigada — agradeceu entrando de volta.

Decidira Aidan, na noite antes da partida, e muito sabiamente, que começaria a agir quando chegassem a Recife. Ainda que tivesse sido atencioso durante a viagem não fizera uma investida romântica sequer.

Exceto por aqueles momentos de certo quase descontrole... Mas foi ela mesma que causou aquilo.

Certo entardecer, em que o mar era um remanso plácido sob o laranja do poente, fora procurar pela esposa que se fora refrescar no deque perto da popa. Antes de ser visto deteve-se. Achava-se ela recostada em uma espreguiçadeira. Lélia, em pé logo atrás de sua senhora, fazia algum trabalho manual com agulha. A brisa marítima tocava brandamente o rosto tonalizado pelos matizes laranjaavermelhados do pôr-do-sol.

Como era linda a esposa que tinha, pensara Aidan embevecido com os traços angélicos de Arielle. Quando olhava para ela, pensava, não sabia por que, em limpeza. Tudo o que, achava, sua vida nunca fora. Mas isso já percebera desde que a vira. No primeiro instante. O

que, na verdade, lhe foi revelado naquele momento em que se viu entregue a contemplação de uma beleza, é que só poderia ter sido ela a lhe deixar por certas ocasiões nesse estado de arrebatamento em que se

encontram os apaixonados. Ele jamais se contentaria com menos do que... Aquela jovem que descasava ali serena, alheia à sua presença.

Sussurrara baixinho o nome adorado. Pensara que quando ela se tornasse sua seria como degustar um legítimo e raro Château d'Yquem — vinho de uma safra especial e antiga do século XVII.

Não. Entregar-se ao prazer de estar dentro dela pela primeira vez, seria mais que isso, percebera. Por que a primeira vez ocorre apenas uma vez.

Foi então que, se aproximando, sem que ela percebesse, sussurrara-lhe no ouvido em um tom agradável:

— Sinto meu bem, romper a graça e perfeição que formaste à visão repousando aqui sob o crepúsculo. Contudo, precisas te aprontar para o jantar.

Houvera também aquela noite...

Um grande baile, descontraido para os padrões da época, seria oferecido aos passageiros da luxuosa nau. Não imaginavam, o Barão e sua Baronesa, que a noite se descortinaria tão cheia de surpresas e seus pequenos encantos.

Nunca saberiam, se fora o vinho, o champanhe; se foram as máscaras, ou a carência que todo o tempo longe de terra firme pode causar; se fora a música, a atmosfera alegre dos demais; se fora, quem sabe, a atração que os uniu desde o primeiro momento em que se viram que aflorara de outro modo. Mas, naquela noite em particular, estiveram contagiados os dois um pelo outro.

Até mesmo no que desavença fosse.

Aidan passava as manhãs no deque lendo jornal ou livros — economia, exportação... Almoçava com a esposa e, durante as tardes, divertia-se no majestoso cassino, ou no suntuoso bar. A noite buscava Arielle para jantar e, depois de deixá-la na cabina, saía ao deque para fumar e refletir. Voltava intencionalmente quando ela já se achava adormecida. E por um pouco a observava dormir e imaginava, que sonhos ela sonhava.

Deslumbrado, ficava olhando. Como se fizesse um moleque com uma guloseima, de complicado e dispendioso preparo, muito deliciosa. Que se tem dó de comer logo, por receio de que acabe.

Então se adia o momento, para prolongar a doçura que há na expectativa, na espera.

Fora buscá-la, na noite do baile, para seguirem juntos até o salão.

Batera na porta e, depois de uns momentos escutou a voz esperada lhe convidar a entrar. Lélia terminava-lhe o arranjo dos cabelos.

Sem os vestidos marrons, naquele traje de gala cor de sangue, rebordado em fios dourados, os lábios cobertos de carmim rubro, oculta na máscara de prata e negro ela fora, sem saber, cruel. Para ele, sua beleza tanto refulgira que se achara sem palavras e apenas lhe sorria.

— Está na hora.

Arielle tomara a face para a porta assim que ouvira a maçaneta ruir. O achara garboso e imponente trajando a sobrecasaca nobre, de negra fazenda, que se lhe caía num corte perfeito pelos ombros, tórax.

Os cabelos castanho-cinzentos se achavam revoltos, posto que ventava forte naquela noite. Caíam-lhe, algumas mechas dos cabelos, por sobre a máscara também negra. E vira seus olhos escurecidos fitarem-na estudadores por detrás das fendas em que se revelavam.

Então... Aidan, seu marido, sorria-lhe!

Aquele sorriso... Aberto, sincero, largo convidou-a, de modo inconsciente, a deixar àquela noite suas reservas.

De braços dados, entraram no salão aglomerado de damas bem vestidas, com suas plumas no penteado e máscaras faiscantes.

Dezenas de casais valsavam em um rodopio frenético as composições contagiantes interpretadas pela orquestra. Garçons, bem vestidos, caminhavam depressa por entre os convivas a fim de bem servi-los e todo o salão estava à meia luz.

O Barão olhara para os casais.

— Nessa noite, muitos herdeiros serão gerados, meu anjo — sussurrara a ela, lhe entregando uma taça espumante, que pegara apressado em uma bandeja, que lhe passara ligeiro, na mão de um garçom, pela frente.

Sem convite, levou-a até o centro do salão e, enlaçado-a firme, conduziu-a no ritmo da valsa. Fora em um ritmo diferente do que ela aprendera no colégio. Seus corpos se tocavam durante o bailar... Pra lá, pra lá; prá cá, pra cá. As mãos se tocavam, calorosas e os rostos se achavam próximos demais. Arielle fitara o arredor, ninguém parecia preocupado com a ousadia do contato, já que, também um pouco se liberavam, estimulados pela incógnita das máscaras. Então se entregou

às

sensações

maravilhosas

que

aquela

valsa

lhe

proporcionava. O vento que transpassava o corpo quente, o perfume do Coronel...

Ela

sentia

a

respiração

cálida

de

seu

marido

vir

compassadamente ao encontro do seu rosto, pescoço e teve certeza que não conseguiria lhe resistir por muito tempo mais.

Aidan encostara a face junto à dela e perguntara rouco:

— Que enxertos te fizeram assim tão bela?

Ela rira.

— Francos principalmente, galegos, normandos, quem sabe até vikings, meu esposo...

— Ora! O dinheiro que investi em tua educação me traz retorno!

— exclamou ele baixinho, com um sarcasmo carinhoso.

— Que nada! Isso eu aprendi por conta. A Viscondessa só nos ensinou frivolidades, então não sabes? Mas, haviam os livros proibidos... — fitou-o, apertando os olhos, ousada.

Como ele nada dissesse, somente continuasse a conduzi-la ao som efusivo da valsa, ela indagou:

— E quem foi esposo, quem construiu essa beleza exótica em teu rosto? — fixou os olhos nos dele.

— Huum. Todos bárbaros meus ancestrais, pequena! — piscoulhe perspicaz. — Francos também, com toda a certeza. Ibéricos, de Portu Cale. Parte de meu sangue, o ruim, vem de Castela e Aragão — referia-se ao pai. — De minha mãe, além dos francos, visigodos, que vieram a penetrar o “invencível” império romano e... Sim, por que não? Nativos sul-americanos... Os de Henriques se formaram de misturas de Bandeirantes e índias que pegavam a laço.

— Explica o rasgar sutil de teus olhos... — ela comentou

impressionada, com a mistura de etnias necessárias à formação do Coronel.

— Quem pode sondar a miscigenação que formam os povos que habitam a Terra, não é mesmo?

— Se é assim, Coronel... Não seriam todos esses teus irmãos? De algum modo?

Ele estranhara, a princípio, e logo entendera que ela estivera prestes a alfinetá-lo, como vinha fazendo desde o início da viagem.

Abolição da escravatura... Utopia! Não deixaria se quebrar o clima que se formara entre eles.

— Tudo que sei, é que graças a muitos desencontros do destino, da natureza... Não estou olhando para uma irmã. Por que... — aproximou os lábios aos dela e os roçou bem devagar. — Jamais poderia ser incestuoso. — Finalmente apanhou-lhe os lábios num beijo apaixonado.

A música parou e outra se iniciou. Mas eles, de qualquer modo não dançavam mais. Entre os casais, estreitavam-se movendo, ansiosos, as suas mandíbulas. Estalavam suas línguas que se tocavam inquietas.

Ele rodeava-a com seus braços, possessivo, puxando-a de encontro a si, que o enlaçava pelo pescoço, incerta, ávida.

Quisera tanto mais um beijo desde que aquela noite no Hotel Pharoux, em que ele lhe mostrara seu gosto.

E depois, mais champanhe... Mais diálogos descontraídos de frente à imensidão do oceano. A brisa marítima os envolvendo, os beijos que ele lhe roubava, a ansiedade com que ela esperava que os roubasse. Os risos boca contra boca.

Outras valsas... e toques “furtivos”.

E o momento de tensão! O revelador momento de tensão...

Cansada de tantos rodopios, Arielle folgava em uma cadeira. O

marido conversava com um casal de argentinos em lua-de-mel pelo Brasil. Absorta, tinha a mente divagante. Não notava o olhar

maleitoso para seu marido, endereçado pela sinuosa loira mascarada

que tinha uma grande rosa escarlate presa em seus cabelos. De braços dados com seu recém-marido, Adelita não conseguia desviar os olhos de amêndoa do homem com quem conversavam.

Sabia que além de militar condecorado, Barão, riquíssimo cafeicultor, era extremamente atraente.

Exausta, sonhando com uma longa noite de sono Arielle se levantara. Perscrutara o arredor em busca de Aidan e, quando enfim o achou, quase teve uma vertigem. Seu marido se achava no centro do salão segurando a mão da argentina.

Todos haviam parado para assisti-los.

Sufocara um gemido quando uma nota dramática ecoara pelo ambiente e a loira posicionara a perna delgada e longa em transversal e cruzada a de seu marido. Ele tomara-a pela cintura e conduzira-a com a perícia de um dançarino profissional. A dança era como que mistura de um movimento espanhol mesclado a uma animação encontrada nas manifestações folclóricas dos negros.

Apesar de envolvida pela sensualidade exacerbada da dança, Arielle sentira a navalha do ciúme nascer em seu ventre e subir cortando-a até a garganta. Não imaginava que o tango se apresentava em uma de suas primeiras vezes entre a elite. Nem se importaria, tampouco, se imaginasse. Queria mesmo era ir até lá e cravar as unhas nas carnes desnudas dos braços da bela argentina, de tão confiantes e gráteis passos e movimentos.

Ao invés disso, apanhara uma taça de champanhe em uma bandeja e caminhara até eles.

Estacara

resoluta diante deles, ignorando a apreensão das dezenas de presentes. A cena clássica se desenrolara ligeira. Tendo eles parado, assim que Adelita lhe fitara, Arielle atirara-lhe o conteúdo da taça em seu rosto. — Ah! — a argentina exclamara desprevenida.

Ultrapada, após avaliar o estrago que lhe fora feito no vestido, ela levantara a máscara da Baronesa e deferira-lhe um tapa. Arielle não se

movimentara. Orgulhosa, cravara seus olhos nos dela e já ia lhe enfiar as unhas no rosto quando fôra interpelada por seu marido. Ele que, assim que vira a esposa ser estapeada, sentira uma vontade brutal de vingá-la, contendo-se, contudo.

Vira-se puxada para fôra dali. Sentiase tonta. No momento em que transpuseram o portal que dava no corredor com vista para o oceano, ela puxara irritada, ferida, seu braço da mão firme de Aidan.

E seu olhar se pusera no dele, cortante.

Aidan conferira as vermelhas marcas dos dedos da argentina, estampadas no rosto da esposa que o fitava intensamente. Ia levando a mão para acariciar o ponto ofendido quando, brusca, ela lhe dera as costas e começara a caminhar resoluta pelo convés.

— Arielle... — chamou-a.

— Não ousa a pronunciar meu nome! — ela gritara entredentes, olhando-o rapidamente. — Para o senhor sou Mademoiselle Moissonner. Somente.

— Não! — ele negou bravo, segurando-a firme pelo braço. — És a Senhora de Henriques!

— Até que chegemos à terra firme — desvencilhara brusca dele, voltando a caminhar. — Vais me conceder a anulação, se...se...

Se, ora! Não quiseses te tomares viúvo! — Sentara-se no bordo do navio.

— Não seja maluca! — ele então, cauteloso, se aproximara e a puxara para si. — Estás embriagada... — chegara, amuado, à conclusão ao estreitá-la contra si, indo em caminho da cabina.

— Embriagada? Nem pensar, estou sóbria o suficiente para enxergar o erro que fôí esta noite. Bem, eu sempre soube que desde o início: tudo fôí um grande desacerto. Só vossa mercê não enxerga!

— Tiveste ciúme... — disse parando e, livrando-se da máscara que atirou ao mar. Fitara-lhe. Pronunciando um esboço de sorrir, provocando-a, repetira: — Ciumenta!

Ultrajada

pela
constatação
da
verdade
ela,
outra
vez,

desvencilhara-se dele e saíra a caminhar a passos rápidos. Conforme ia ouvindo ele se aproximar, pelas batidas de botas, ia acelerando o passo. Até que se vira correndo afobada pelo deque.

— Arielle! — gritara aflito.

Um casal furtivo, assustado, vira quando dois vultos, uma dama de vermelho e um cavalheiro no seu encalço passaram em disparada na fente deles.

— Deixa-me em paz! — ela esganiçava. — Deixa-me em paz!

— Arielle, pare! — Porque fôra aceitar o maldito convite da argentina?

— Nããão! — Ele em desesperação berrara quando a vira subir nos suportes de madeira para alcançar o parapeito da proa.

O vento vinha na direção contrária e, se ela subisse, seria derrubada no oceano. Alcançara-a bem a tempo, quando ela cambaleara entre o deque e o mar. Tomara-a no colo e, prendendo-a firme contra o peito, se voltara para levá-la até a cabina. Arielle se debatia e mordia-lhe o ombro e braços, no que ele se perguntara pela enésima vez porque fôra gostar logo dela. Seu pescoço ardia, por conta dos arranhões... Não sabendo por que, sentia algum prazer em provocá-la mais:

— Ciúmes... Rá, rá... Quem diria! — Murmurara em seguida: — Queria que fosses tu a dançar lá comigo... Sei que querias também estar lá, entre meus braços... Como quiseste... por toda a noite que eu

te conduzisse... isso tu não negas... Minha pequena ciumenta! Chegando ao corredor da cabina, cruzara com um marinheiro ao qual ordenara que fosse chamar seu lacaio. Ao entrar no camarote liberara-a, que se esquivara depressa dele indo ficar no lado oposto do aposento. — Saia! Quero me recompor para dormir! — ela quase gritou. — Como, sem tua mucama?

Era verdade. O vestido era cheio de cadarços e ganchos nas costas. E os cabelos continham dezenas de grampos. Ele se aproximara esticando o braço para ajudá-la, mas empurrando-o, ela o impedira:

— Não me toque. Mande chamar Lélia. Não estou ébria!

— Nem tampouco sóbria, ou teria orgulho demais para ir insultar a argentina. Arielle... — começara paciente. — O marido da argentina é vinicultor. Ofereceu-me um negócio no Sul do Brasil. Sua esposa é dançarina profissional e quis me mostrar como é a nova dança que ela pretende promover! Ficaria antissocial eu me negar!

Não fazia idéia que a dança pudesse ser tão... “Caliente”. — provocou-a.

— Pois parecia que sabias muito bem os passos... — ela ofegava tentando livrar-se sozinha do vestido. — Parecia que, mesmo, já se conheciam, tão perfeito foi o modo que interpretaram a... a... o...

— Tango.

— Ora, não me importa! Não tenho nada haver com tuas ações.

— Ciumenta... — ele acusara-a sádico e prazenteiro, outra vez sorrindo, os olhos brilhando. O moleque que acaba de ganhar um brinquedo novo.

Enervada com o que julgava ser cinismo ela se tornou de costas, irritada. Não fazia conta que o riso dele era de pura satisfação. Que no peito dele o coração batia acelerado por que, afinal, ela sentia ciúmes dele!

Irritada com o vestido que não conseguia desvestir sozinha, ela dera um golpe com o sapato contra o assoalho.

— Ah, que ira eu sinto! — exclamara, amofinada por não ter sua

mucama bem ali.

— Somente tu... me sabes fazer sorrir...

Sentira ela um frisson lhe tomar conta. As pontas dos dedos de Aidan, de súbito lhe roçavam seu pescoço. Começava lhe ajudar a soltar as tiras da roupa.

— Não precisas ficar irada, meu anjo. Na dançarina argentina sobeja o que falta em ti... Algo que me agrada ao extremo, atraí como o açúcar às abelhas, que assim seja... Não és tu maliciosa... nem dissimulada. Tudo que vem de ti é espontâneo!

Ela voltarase brusca e o fitara.

— Quem disse que minha ira é por conta da dança? — dera de ombros, fazendo-se de inocente. — Esta encalacração de vestido!

Não temos nada para que justifique eu me enciumar por tua causa. — Dera de ombros outra vez e estreitara os olhos cravados nos dele.

— Nada? — ele, agastado, segurara-a pelos ombros. — Nada?

Que foi aquilo no meio do salão? Acaso não me beijaste tanto quanto te beijei? Não me quiseste, naquele momento tanto como te quero? E

todas as vezes que me ofereceu essa boca aqui? — indagou passando firme o polegar pelos lábios quentes.

Arielle não tivera resposta.

O Coronel, num ímpeto, tomara-a outra vez de costas e, brusco, lhe arrebentara as tiras trançadas do vestido.

Rompera com as dezenas de ganchos. Estivera farto de vê-la debater-se com a tarefa irrealizável.

— Ando cansado de desprezo, esposa! — ia dizendo enquanto fazia-o.

— Sabes como tenho afeição por ti. Exceto por aquela noite, nunca te fui rude.

— Procuraste... — murmurara.

— Sim — ele concordara admirando-lhe a curva das costas que se revelava.

Passara a mão espalmada por ali suavemente, extasiado com as

centenas de marquinhos de nascença que ela possuía. Queria sugar cada uma delas. No entanto, girara-a para si. Arielle segurava o vestido em frente ao busto. Não fosse por isso cairia.

— Te disse para não ter dúvida, do porque te fiz minha aquela noite em Vale Campina. Levando-te para a estalagem e dizendo a todo arraial e à Corte que escolhi a ti.

— Vingança...

— Pode ser... Mas o principal foi algo que vi aqui — deslizara o polegar delicadamente por um dos olhos dela. — Uma promessa de paz nesses teus olhos imensos, Arielle. E me pareceu, naquele momento, que nos meus tu vias uma promessa de proteção.

Arielle desviou o olhar. Estava emocionada. Fora exatamente o que vira nos olhos dele, quando fugia de Fernão.

— Por toda minha vida tenho sido desfavorecido...

Ele falava de apego, amor... Mas ela não entendera.

— Desfavorecido? Tu és um Barão! Senhor de quase três mil escravos até onde sei.

— Nada disso eu quis. Nada disso... Só precisava afetá-lo. Hoje...

Nem lembro que ele existe... Por que... — titubeara. — No meu pensamento só cabe a ti... — falara-lhe perto do rosto.

— Carneiro... — Tentou ignorar as confissões que ele fazia, sentia os joelhos moles.

— Sim. Não me faça também esquecer que te quero, Arielle — alertara-a dramático, no que ela juntara as duas sobranceiras castanhas. Arielle baixara o rosto e quando o levantara outra vez para argumentar, seus lábios encontraram os dele, que a esperava.

Os lábios secos de ambos roçaram e ela gemera.

— Já te vi incontáveis vezes sorrir nos teus sonos, já te ouvi ciciar meu nome entre suspiros nestes sonos repletos de sonhos. Sei que chamaste por meu nome quando tiveste a febre... Não a “ele”, não tua mãe. — Aidan, então, descia pelo pescoço solfejando ali as palavras, ela gemia. — Houve também nossas núpcias, te lembras?

Nossas pernas entrelaçadas... Teus braços procurando meu tronco...

E as longas noites enquanto crescias... Mande-te mensagens pela lua cheia e recebi as tuas. Te lembras?

Ela lhe fitara, olhos embaçados.

— Aidan... — ronronara.

— Não — implorara sofrido, estreitando-a, esmagando-a contra si.

Tragando-lhe o perfume. — Não use esse tom, que não te resisto.

Não te emocione assim. Estás ébria e... Quando fores minha, há de ser por inteiro! Quero tudo de ti. Não somente teu desejo... Mas também tua consciência... Malditas champanhes!

Batidas na porta.

— Quero, Arielle, que sintas no sangue quando eu vier a sorver — baixara-lhe o decote e lhe contara rouco — os tesouros recônditos destes teus seios virginais. Não, não te quero anestesiada pela ebriedade que atenua a intensidade das vibrações da carne, do espírito. Preciso que depois — como conter sua voz que rouquejava embargada de emoção? — te lembres de como foi eu beber a candura que há em cada volta de tuas curvas. Quero-te atenta, trêmula, febril, expectante na ocasião que meu corpo o teu transformar num vulcão!

Quando eu te entranhar, tornando-me ti e tu tornando-se a mim.

— Aaah... — ela desfalecera nos braços dele, que a amparara. — Que é isso? Que palavras são estas? E que é isso que sinto, Coronel?

Parece que estou... que me deságua em ardências compulsivas! — declarara confusa.

Aidan sorria. Conhecia bem o arrebatamento no qual ela se perdia.

Erguendo-a depositara-a na cama. Outras batidas na porta, o laçai o viera atender.

— Vá embora! — vociferara.

Então, sussurrante apoiara-se ao seu lado. Esticara o braço e puxara-lhe a barra do vestido. Ela esfregando um pé no outro se livrara dos sapatos e Aidan soergueu o tronco. Atentou quando se revelara o

tornozelo delicado...

Fora até lá e estudara aquele tornozelo que nunca vira. Sugara a protuberância tênue, aquele ossinho delicado, enquanto fitava-a ofegar, o seio ondular, a tez encrespar... Depois lambeu a volta em que terminava aquele tornozelo mimoso.

Lembrara-se porque começara a subir-lhe a saia. Voltara para perto do rosto dela e lhe soprou as orelhas, a mão subindo-lhe pela canela, volta de joelho, coxa, virilha cálida — que pele tenra e suave! Arielle, entorpecida e ansiosa, aspirava o ar e soltava-o

sonoramente. Tomara-lhe a boca adocicada com a sua e passara a saboreá-la lentamente.

— Veja o que minhas palavras causaram em ti!

— Teu gênio forte já me contava que eras assim... Feita de fogo!

Tendenciosa a uma... uma volúpia transbordante.

— Oh... — Arielle cerrara os olhos e, exausta, virara-se de lado.

Cansaço, escândalo... Queria-o longe de si, mas também queria estar fundida a ele.

Seu marido se aconchegara a ela, abraçando-a pelas costas.

Enterrara os longos dedos em seus cabelos, pela nuca e a acarinhara até que também adormecesse.

À manhã seguinte, não somente a memória de Arielle mantinha as sensações vividas na noite anterior, como também seu corpo recém-desperto à sensualidade. Contudo, sua razão orgulhosa insistira em fazê-la demonstrar que nada houvera ocorrido de especial entre seu marido e ela. Despertara e, como sempre, desde que fora buscada por ele no colégio, o tivera por companhia ao desjejum. Não ignorara os olhares amáveis que ele lhe endereçara, em contraponto ao semblante controlado, sério.

Depois do ciúme que ela confessadamente, no baile, demonstrou

possuir, depois do deleite que, abandonadamente sob o efeito de suas palavras, ela se entregou na cabina, Aidan não tinha mais dúvidas, se é que um dia as tivera, de que ela lhe queria tão intensamente como ele a desejava.

Tomavam o desjejum no convés, uma brisa salgada os

envolvendo e um silêncio que compreendia os sons nau singrando as águas os tomando de angústias mudas. Os semblantes, uma máscara de impassibilidade.

Ele, por si, queria sentir... Sentir aqueles momentos em que, sabia, ela fingia que nada acontecera. Quase se divertia com o embaraço dela. Sabia; ela se lembrava. Porque desde que despertaram, até aquele momento ela, ocasião alguma lhe dirigira a palavra, exceto por aquele “Bom dia, Coronel”. seguido de um leve rubor. Já era para ela estar lhe aborrecendo com seus discursos idealísticos. Mas não.

Sorvia delicadamente da chávena a infusão adocicada, como se realmente desfrutasse da companhia de um desconhecido. Serena e introspectiva, quando em quando mordida a torrada recoberta por manteiga. E era nessas mordidas em que ele a flagrava lhe lançando um olhar clandestino. Para seu prazer as maçãs do rosto dela então ganhavam um leve tom carmesim e a surpreendia fugir-lhe à mirada insistente.

Era esse rubor irreprimível, certos olhares que ele sabia bem como ler e o mutismo que dava ao Coronel a segurança que tanto buscara. Ela poderia vir a lhe amar... ou confessar se já o sentia.

Arielle não

poderia

continuar sobre o escrutínio denso do

Coronel. Dando-se por satisfeita, percebida que ele também já terminara a refeição e, por pura cortesia não terminava seu café, pedira licença.

— Aonde vais? Ao camarote? — inquirira ele, gentil, levantandose com ela.

— Não, senhor. Vou à capela orar. É domingo...

— Te acompanho — declarara tomando-lhe o braço.

— Não é o senhor um descrente, Coronel? — ela indagara, intrigada, enquanto caminhavam.

— Não preciso crer para acompanhar minha esposa.

A capela da nau era, apesar de pequena, ricamente ornamentada.

Escura, era alumiada parcamente por velas brancas em castiçais de ouro. Possuía três fileiras de bancos corridos, de madeira escura, minuciosamente entalhada ao estilo barroco. O oratório, também entalhado, sustentava além de um cesto para ofertas, uma bacia de louça, filetada na borda com ouro, que tinha por conteúdo água benta. E, ao fundo e no alto, a imagem de Cristo crucificado.

A Baronesa

entrara, tocara os pontos de seu corpo que formavam uma cruz e, vendo uma silhueta ao canto, no primeiro banco, dirigira-se até lá. Sabia quem era — o padre. Tomara a benção e, tendo caminhado para o último banco, ajoelhara-se na plataforma apropriada. Tirara do bolso um longo terço que pertencera à sua bisavó, todo confeccionado de contas de madrepérolas, a cruz incrustada de rubis.

Não vira quando ele deitara o olhar em seu rosário, mas sentia a presença de Aidan atrás de si e com dificuldade iniciara o primeiro Pai Nosso num murmúrio baixo e ritmado. Ele ajoelhara-se ao lado da esposa e lhe admirara, desprovido de malícia, os lábios carnudos se movimentarem cadenciados, as pálpebras deitadas sobre o rosto sarapintado de mel, a elevarem ao plano espiritual e os dedos desfiarem as contas. Jubilava-lhe contemplá-la na mansidão infantil que adquiria ao proferir os versos da reza.

— Admiro, com toda a sinceridade, a fê sem reservas dos que crêem com a pureza do sacrifício — murmurara grave para ela.

Arielle lhe fitara de esguelha, a camada superficial de seus olhos alaranjados pelas luzes das velas. Recobrou a oração e intimamente perguntou-se porque ele em nada acreditava, se fôsse verdadeiro o que dizia.

— Sei que te penitencias e rezas para aplacar a culpa que sentes por ontem — ele cochichara-lhe. — Não há pecado no amor, meu anjo. Na infidelidade, sim... — ressaltara.

Ela tomara o rosto o para ele e apertara os olhos repreendendo-o.

Aidan voltara-se para a imagem do Cristo crucificado, de face sofrida e braços estendidos horizontalmente no madeiro. Revivera em segundos a antepenúltima vez que estivera dentro de um sacrário.

Usava calças curtas, nenhum pelo no rosto e uma alma tão pura e casta como aquela com a qual viera ao mundo. Acompanhara a mãe, a pé, por mais de uma hora até adentrar naquele santuário, já não se recordava onde estava construída. Mas, em sua mente ainda vivia nítida, a imagem deslumbrante, sorridente, jovem de sua mãe.

Guardava em recordo mesmo o vestido que Heloíse trajara e o véu escuro que lhe cobria o rosto.

No majestoso santuário em que esperara encontrar o início do futuro, encontrara a descrença e a desesperança no homem. Depois daquele dia, agora aparentemente tão distante, deixara que um sentimento sinistro dia após dia lhe crescesse no peito. Sem o receio do castigo eterno, sem mais a esperança do Éden. Não. Ordenara-se, autoritariamente, a jamais recordar aquela tarde outra vez! Sôfrego, suspirando profundamente, ele afugentara as lembranças com um impacto interno de quem exorciza um demônio.

— Mesmo depois de tudo que aprendeste no colégio, continuas a crer?

— indagara-lhe curioso, rompendo outra vez o silêncio sepulcral.

— Mesmo depois de tudo quanto viste nas guerras o senhor recusa-se a crer? — redarguira com a mesma questão, mas sob seu ponto de vista.

— Com que lógica, esposa, dizes isto? Acaso fazes conta do que vi em cada torpe batalha das quais tomei parte? Falas-me dos iluministas que tanto eu quis que conhecesses; dos pensadores, de liberdade, da igualdade, mas... Tão religiosa!

Ela sorria leve e erguera uma sobrancelha.

—

Religiosidade, acreditar... Fé e convicção. Liberdade! — bradara ainda que num murmúrio. — Não seria perfeito se houvesse a liberdade

de cada

um

crer no

que bem quisesse? Não seria igualitário o respeito a cada uma das crenças existentes? Não é também tirano e absoluto em demasia abolir o direito à crença?

Como discordar?

— Desde que a crença respeite os direitos universais... — resignara-se a comentar.

— Sim. Desde que ela respeite...

Arielle voltara-se outra vez para si, entregando-se às suas orações, ora ou vez tendo a mente cortada por um pensamento que a fugentava temerosa.

— Espero-te do lado de fora. Aqui está muito calor... — O

ouvira, ainda, dizer.

O vapor atracara no porto de Recife um dia antes do esperado, já que não houvera uma chuva sequer. Arielle e Lélia, que por estarem muito receosas em sua primeira viagem de navio, muito agradeceram, apesar do calor insuportável. A Baronesa, curiosamente, suspirara pela beleza do reluzente Capibaribe àquela hora do dia. O rio deitava-se sobre o

leito como um espelho dourado. Com custo, Arielle ocultava uma felicidade inexplicável para ela. Aidan não deixara de perceber, ainda que não intuísse o motivo daqueles sorrisinhos discretos da esposa.

Agora sim, como era natural de acontecer, a chuva de verão dava o ar de sua graça. Uma torrencial borrasca empurrava com força o teto da carruagem que os levavam ao palacete em Boa Vista, para o qual Heloíse Marie havia se mudado. Aidan não entendia como e por que sua mãe se mudara. Sabia que ela levava uma vida abastada. Além do sobrado de azulejos que lhe comprara onde bem ela escolhera, ela prestava serviços os quais ele desconhecia à Coroa. Em sua opinião, a mãe era uma muito bem paga espiã. Mas, o que lhe deixava mais intrigado, era o porquê dela ter se mudado do Rio de Janeiro. Por que se mudara para tão longe? — Pensava.

— Ficaria bem e feliz, meu filho, morando em Recife. Penso que seria bom recomeçar longe do Rio de Janeiro.

Referira-se ele à dor que passara ali, graças aos enganos de Luís Carneiro? Decerto.

Já se achavam na rua em que sua mãe residia. Para trás, iam ficando os imensos casarões coloniais, também aquelas opulentas edificações em estilo colonial e os lampiões a óleo.

Arielle, sentada à sua frente, cantarolava baixinho uma canção suave em francês. Ainda que externamente controlado, Aidan experimentava sentir o coração a ribombar dentro do peito. Mal acreditava... Dentro em pouco, veria sua mãe! Apresentar-lhe-ia sua mimosa esposa. Outros detalhes, afinal, ela jamais precisaria vir, a saber.

Capítulo III

HELOÍSE MARIE de Henriques Suassura marcava o linho com perfeição, adquirida pela prática de tanto bordar enquanto esperava notícias do filho que vivia na Corte, naqueles tempos em que este se empenhava em defender o exército da Coroa Imperial na arrastada

guerra contra o Paraguai. Sem saber por que, nos últimos dias, sentia dentro de si uma presença do filho... Era como se pudesse vir a vê-lo a qualquer momento. Sentia-o aproximar-se de si. Balançou um pouco a cadeira fitando absorta a cortina do outro lado da grandiosa sala.

— Abra as cortinas, Murici — ordenou à ama-seca de seu filho caçula, mulher de miscigenação indígena e portuguesa. — Sinto-me...

Aborrecida esta tarde.

A última vez que o vira, Aidan, foi quando ele partira para o Sul, em missão de guerra que se saiu vivo, foi por estranha sorte.

Riachuelo quase lhe custara a vida do filho e, apesar da angústia de saber que o filho fora atingido no braço e no peito, não pôde cuidar dele. Foram dezenas de noites em claro se amaldiçoando por ter desejado um filho, seu então único filho, no exército. Fora nessa época que Francisco Silva Suassura, conseguira lhe tomar o coração.

Nunca pensou que poderia se casar, abrir mão de sua valorizada independência. Mas o Coronel da guarda nacional não cansava de lhe fazer a corte desde que a conhecera, naquele dia singular, quando buscava por informações do filho junto à escola militar. Alguém por ali poderia ter notícias dele, pensara ela. Ter ouvido falar pelo menos.

Fora tão gentil mostrando-se sempre pronto a ajudá-la e consolá-la. Já não tinha certeza de em que ano fora, mas desde então via Recife ser reconstruída do que terrivelmente a abalara. Aceitara o pedido dele, não mais podendo evitar, e veio a se tornar uma ilustre senhora.

Afinal, se casara com um também senhor de engenho, que dava continuidade a linhagem de uma das famílias mais antigas do Nordeste, que ali viera se estabelecer em meandros do século dezesseis. Pernambuco veio a se tornar seu perpétuo lar. Acolhera-lhe com o carinho que se acolhe uma órfã desterra.

— Senhora, acaba de parar uma carruagem, e o cocheiro pede que anuncie o Senhor Aidan de Henriques e sua esposa — anunciou Murici. — Devo fazêlos entrar?

O menino de sete anos abandonou seu brinquedo e voltou a cabeça para a mãe, seus olhos muito pretos interrogando-a.

Heloíse sentiu o ar faltar-lhe nos pulmões. A garganta quase trancou. Se fosse fraca o bastante, é certo que teria desmaiado. Como demorasse Heloíse a responder, a escrava lhe perguntou novamente o que fazer.

— Por Deus, criatura! É meu filho, já deveria ter entrado.

A carruagem estacionou no pátio ao lado do alpendre onde Heloíse, emocionada, esperou que seu filho surgisse dali de dentro.

Longos momentos de tensão. Quando a imagem do filho saudoso aflorou à porta da carruagem, ela clamou seu nome com voz embargada:

— Aidan, filho meu!

Tendo descido,

ele subiu os três degraus que elevavam o

alpendre do nível do pátio e abraçou a mãe que já tinha os braços abertos para ele.

— Ah, querida mãe — disse o filho contendo as emoções que lhe iam ao peito.

Sim, já tinha olhado para ele. Mas quis fazer de novo.

— Deixa-me te ver. És um homem. Homem feito. Quando nos vimos pela última vez era pouco mais que um mancebo!

— Não fãlas assim minha mãe. — Dando um passo atrás, disse: — Há alguém que quero que conheças.

Terminando a frase voltou à carruagem. Estendeu a mão para que sua esposa descesse. Ignorava que ela tivesse visto a cena do reencontro. A emoção que lhe arroubara a voz.

Subindo com ela, apresentou-a:

— Minha mãe, esta é Arielle de Henriques Carneiro, minha esposa.

Ainda que meio confusa pelo último sobrenome da nora, Heloíse abraçou a dama revestida de sedas azuis celestes.

— Espero que... Bem, tu és muito formosa — afirmou com aquele tom altamente simpático de que Aidan muito bem lembrava.

— Formosa e adorável tua esposa meu filho — disse firme para Aidan.

— Muito encantada em conhecê-la, Senhora... Heloíse — Arielle falou gentil e suavemente, fitando fundo nos olhos da sogra.

Com os olhos verdes cheios, inundados de lágrimas a mãe de Aidan olhou da nora para o filho e os chamou:

— Venham, entrem — levou, emocionada demais, o dorso da mão à boca. — Entrem! Tem alguém que tens de conhecer, Aidan.

— Venha, querido, venha conhecer teu irmão. Imaginaste que tão cedo realizarias teu sonho? — dizia Heloíse, momentos depois, farralhando as saias e puxando um garotinho moreno. O menino vestia uma camisa alva, tão branca e engomada sob os suspensórios que seguravam as calças curtas que mais parecia feita papel novo.

Ainda tendo Arielle tomando seu braço esquerdo, Aidan tentava compreender a confusão que lhe eram as palavras da mãe.

— Mãe?

— Aidan, este é Frederico de Henriques Silva Suassura. Teu irmão. A ele, não preciso te apresentar.. Já te conhece muito bem.

Aidan olhou para o garoto. Tinha os olhos tão negros, que mal se distinguia a íris. Eram como dois ônix reluzentes. Contudo, os traços eram os mesmos que os seus, que eram também os de Heloíse.

Então era certo que a mãe se casara! Por isso a mudança... No momento em que ia alegrar-se e indagar a mãe sobre como isso se dera, lembrou-se que havia casado a mãe com o pai no Rio de Janeiro, sem que um ou outro soubessem. Bigamia! A palavra lhe pesou na mente causando um efeito amargo em sua boca; algo que lhe subiu do estômago. Ante ao terrível gosto que tomou conta de sua língua não pôde reprimir uma careta.

Ninguém desapercebeu a expressão, interpretando-a de outro modo. Sua mãe já temia por isto. Arielle parecia surpresa. Mas o pior foi a decepção que cobriu o semblante expectante de Frederico. Ele virando-se de costas saiu dali, o queixo erguido. O esboço do herdeiro de um senhor de engenho sumia, batendo as botas, por um corredor que levava ao interior da residência.

—

Bem... —

Heloíse começou, embaraçada. — Venham.

Sentem-se. Pedirei que alguém pegue vossa bagagem. Também vos mandarei preparar uma merenda.

— Não te incomodes com a bagagem — contrafez o Coronel.

— Estamos hospedados em hotel não muito longe daqui.

— E como achas que eu não me incomodarei? Meu filho vem de tão longe para me ver e ao invés de hospedar-se em minha casa decide por ficar em um hotel, isso eu não irei...

—

Ficaremos felizes em aceitar

tua hospitalidade, Sra. D.

Heloíse. — interrompeu-a Arielle que agora lhe sorria. De soslaio estudou a reação de Aidan que se mostrava impassível, apesar da tensão que lhe sentia na mão. — Ficaremos aqui com muita alegria!

— asseverou confiante.

— Que bom! Depois mandaremos alguém ao hotel, então. — A seguir, ela deu ordens a Murici, concernentes ao preparo da refeição.

— Mãe... — começou a dizer Aidan, depois de pigarrear. — Não gostaria que pensasses que não aprecio saber ter um irmão, como

pareceu há pouco. A verdade é que fiquei surpreso em sabê-la casada.

De repente.

— De repente, filho? Há quantos anos não nos vemos? Cerca de dez?

— Perdão, não foi o quis dizer... Novamente. Bem, será que podemos conversar em particular?

Arielle retesou ainda mais o tronco. Não queria Aidan que ela fizesse parte da conversa?

Toda aquela situação estava ficando tensa e perigosa.

— Bem, podemos ir para o escritório de meu marido. Chico não se incomodaria.

— Ele não se incomodará conosco?

— De forma alguma. Como teu irmão, ele te conhece bem. Pelo muito que lhe falei de ti.

— Meu filho, isso que acabas de me contar é... Não tenho palavras — dizia Heloíse um tanto aérea, assustada com o teor daquelas revelações.

— Estou desconcertada. Isso é de me fazer beirar o desespero.

— Bem, depois de tudo isso, agora que estou casado, senhor de Vale Campina, esperava poder levar-te para morar comigo, onde seria a tua casa por direito, minha mãe. Mas percebo que é tarde. A senhora já encontrou a felicidade de outro modo.

—

Aidan, meu coração, devo dizer-te... nunca idealizei a felicidade em Vale Campina! Meu ideal nunca, nunca ouça bem, foi vingança. Estou chocada... — as palavras cascateavam de seus lábios em mesmo tempo que espalmava a mão no peito. — Isso parece...

Ora, — exclamava indignada — parece surreal! Bígama?! Posso ir presa... — Heloíse caminhava alarmada pelo cômodo. Em um átimo estacou e assombrou-se: — O que dirá Francisco, por Deus!

A voz assombrada e ainda assim veludosa da mãe o atingiu.

— A senhora não te preocupa, mãe. Resolverei tudo. Não creio que alguém descobrirá. Assim que puser outra vez os pés no Rio, será a primeira coisa que resolverei!

— É assim que pensas em resolver, Aidan? Conseguindo que ninguém descubra? Só assim podes ser feliz? Sendo Barão? Não o criei para isso. — Ela demonstrava profunda decepção. — Não sei em que falhei.

Como explicar à mãe, sem parecer tolo?

— Não, mãe. Não houve mãe mais perfeita que a senhora — declarou ajoelhando de frente a ela que a essa altura já se sentara. — Mas sabendo de tudo que passaste... Tudo por conta daquele... Bem eu intentei vingá-la, sim. E consegui. Só tomei o que seria meu por direito. Não seria eu o primogênito? — argumentava ainda, mesmo que antecipasse a reação de sua mãe.

— Não! Não... — ela balançava frenética a cabeça. — Não me faças, Aidan, lembrar dos anos de dor que com custo consegui suplantar. Toda a humilhação... — Soluçou. — Tu não és o primogênito! Desde que... Bem, desde que... Eu nunca me casaria com Luís! — Declarou orgulhosa. Ah, se o filho conhecesse a fundo sua trágica história. — Tu és um bastardo!

Ante a palavra proibida, ele brusco levantouse e foi fitar a rua, em que o sol brilhava intenso, tipicamente depois de uma rápida tormenta de verão. Viu sua infância desenhar-se nas poças d'água espalhadas pela rua de pedra.

— Perdão meu filho. Não quis dizer... Não assim tão... — ela precipitou-se para ele, arrependida por bradar a indiscutível verdade.

—

Abrupta?

Eu te

entendo. Por sorte Arielle preferiu se refrescar.

— Eu sei o que está se passando em tua alma — a voz estava embargada. — Os anos no internato em Nova Friburgo... Depois o Colégio Militar. Eu quase me matei para que tu pudesses ter educação tão boa quanto qualquer um filho de nobre. Nunca te faltou nada, Aidan. Nunca te faltou, disse bem sei, a nobreza que sempre faltou àqueles... nobres. Mas a justiça não é feita dessa maneira, meu bem.

Sabes...

— Perdão, mãe, mas agora já está feito. Não há mais que ser dito. — Foi então que ele vestiu a capa de indiferença que, em Arielle o amuava, mas ignorava que também o fizesse em sua mãe. Dirigiu-se para a porta convidando a mãe a acompanhá-lo.

— Quero ver Frede... Quero ver meu irmão — disse quando a mãe passava por ele.

— Ele te venera. Tu és seu herói. — Então, rodeando com os longos dedos morenos o braço do filho, exigiu-lhe um olhar e disse: — Eu não te basto, Aidan? Meu imensurável amor de mãe não te bastou? Mais tarde, depois do jantar, os dois irmãos depois de entusiástica conversa sobre batalhas, montavam sobre a mesa de centro da sala de receber um castelo de cartas.

Quando o irmãozinho se sentara à mesa do jantar horas antes, tinha o olhar indiferente. Mas, depois de Aidan o tentar com narrativas das bravuras contra o Paraguai, Frederico quase se derreteu de tanta admiração pelo o irmão. Era tudo o que sempre imaginara.

Alto, forte, olha grave e penetrante, confiante e detentor de experiências maravilhosas. Pena não estar fardado, conforme dissera amuado a ele em dado momento. O Cel. respondera que agora era como um aposentado. Na verdade exercia outras atividades na vida.

Mas que ele, Frederico, não pensasse que só podiam ser heróis aqueles serviam o exército. Que ser herói dependia dentre muitas coisas, entre elas principalmente possuir caráter.

Ter um ideal.

Respondera isso pensando nas palavras de sua esposa, ditas enquanto olhavam o mar:

“Uma nação justa, só é justa se for livre para todos. Todos. A república e a democracia são irrelevantes se não houver liberdade para todos os seres humanos, em todas as suas classes e etnias”.

Frederico respondera ao irmão que isso seu pai sempre fazia questão de frisar e lhe ensinar. “Um homem para honrar os bigodes, tem de possuir irrepreensível caráter! Caráter é respeitar o outro como gostaria de ser respeitado”. — Repetiu dramático o filho de Chico Suassura. Já o levara várias vezes com ele para trabalharem no prédio do governo. E também para percorrerem as terras que possuíam ao norte da cidade. O grandioso engenho que um dia seria dele. A cana no Nordeste estava para símbolo de poderio e status, como o café do meio do Brasil para baixo.

Nesse momento, Aidan que olhara no rosto da mãe e vira em seus olhos qualquer coisa de significação sentiu, ainda que de uma forma sem maldade, inveja do irmão. Ele parecia viver como ele sempre sonhara viver quando pequeno. Tinha uma família, como ele mesmo já sonhara em ter. Foi então que surpreendentemente pensou em Arielle, no sentido linearmente lógico: Arielle, ele mesmo; família.

Se ela não pensasse tanto, tudo seria tão mais simples para eles...

Arielle e simplicidade não combinavam. Arielle...

— Boa noite, Frederico — declarou Aidan suspirando, ao pôr-se em pé. — Já é chegada a hora de eu me recolher. Tua cunhada espera por mim no quarto.

— Cunhada?

— Sim. Arielle. Lembra-te?... E deve estar brava... — entouou a última palavra, fingindo receio.

Ah, sim...

Ele, o garotinho, finalmente pareceu se atinar que nesse inesperado dia, não ganhara só o sonhado irmão. Mas uma cunhada também, e como ela lhe pareceu meiga! Aquele casal sempre lhe seria por eldorado e...

Mas antes que acabasse de pensar protestou, no arrufo de seus sete anos:

— Ainda não, irmão. É cedo. Há tanto tempo que não nos víamos!

— Mas nunca havíamos nos encontrado! — Aidan argumentou rindo.

— Então. Por isso mesmo. Tua senhora não se incomodará, eu sei.

— Eu te ajudo a juntar as cartas, e amanhã faremos outra coisa juntos.

Mas por agora tenho certeza que passa muito da hora de o senhor estar na cama.

— Com toda a certeza — assentiu Heloíse a sorrir.

Aidan girou a maçaneta da porta de madeira maciça com um sorriso nos lábios, pensando que no dia seguinte iria propor ao irmãozinho que construíssem um bodoque. Uma forquilha... É claro que precisariam encontrar um ramo perfeito de...

Não pode pensar mais.

Quando por fim abriu a porta, Aidan notou Arielle do lado oposto do aposento.

Sentada sobre um baú escuro que estava disposto embaixo da enorme janela, se refrescava. Ou pelo menos tentava, com a viração morosa que passeava sinuosamente pelas edificações de Recife naquela noite.

Estava ali a imagem que lhe atormentara as fantasias nos últimos anos.

Por noites e noites, sem interrupção, sonhara com ela daquele modo.

Envolvida em suas vestes translúcidas lhe esperando. No que ela estivera a refletir? A pesar? No que cismava fitando a rua?

Sentiu algo de extraordinário na iminência dos momentos, por que

quando ele entrou, ela tornara a cabeça para vê-lo. E havia certa rendição nas linhas de sua feição. Uma luz cálida escorrendo dos olhos verdes e grandes. Impressão ou aquela feição pronunciava a sombra de um sorriso? A claridade amarela bruxuleante, de algumas velas, em um candelabro de prata ali sobre a cômoda iluminava o lado esquerdo do rosto de... deusa. Era uma deusa assim com esse cerrar moroso de pálpebras, os cabelos soltos, com suas ondas rebeldes, espalhados por

toda a parte de seu tronco. Faziam eles contraste com a camisola de fina cambraia branca, isso por que brilhavam dourados, em um jogo de tom claro-escuro, mas mesclados por mechas acastanhadas. Depois de contidamente suspirar ele fitou por longo tempo os grandes olhos de Arielle, então, percorreu-lhe com o olhar o corpo oculto sob o volume de tecido trabalhado.

Pairava como que certo mistério cativante misterioso no ar. Foi até a bacia de porcelana no aparador e refrescou a face. Em seguinte, aproximando-se dela com o rompante de um caçador, enquanto afrouxava o nó da gravata, lhe disse em um tom moderado: — O que não entendo é o costume. Um país tão quente e tanto tecido. Veja a mim: Quantas peças e que tecidos tão encorpados compõem minha indumentária. — Sentouse no baú, bem a seu lado.

— E o tempo... Fumegante — murmurou ao aproximar o rosto ao dela. E ela tremeu. — Sinto-me ferver. — Lhe enviou um olhar dúbio. — Veja tu: Pronta para dormir e toda abrigada, camuflada e...

Ironicamente aquecida sob todos esses tecidos. — Dizia desfazendose da casaca sem deixar de fitar-lhe.

— É ao que estou destinada por vivermos nessa sociedade que se considera inteligente e iluminada. — Fingia uma resignação que estava longe de sentir. — Pior para eu ser mulher. — Comentou com desânimo, lhe observando livrar-se das botas. — Não só estou sujeita ao costume puritano, mas a vontade masculina que é a que domina a instituição na qual me obrigaste a entrar: Família. — Não o viu retesar as expressões. — Quem

sabe o século XX não traga alguma esperança?

Ficando ele de frente a Arielle, tomoulhe o pulso em um ímpeto.

— Qual o problema na sujeição? — ele inquiriu. — Qual o problema, meu bem, em pertencer àquele que só te faria bem, te realizaria os menores caprichos cada dia de tua vida e te faria como fêmea, dentre todas elas, a mais feliz?

Arielle sentiu suas próprias faces arderem ante o que ele disse.

Eriçarem-se lhes as carnes do corpo desde a cabeça até os pés. Apreciou o Coronel o rosto dela por longos momentos. Tinham os rostos e torsos muito próximos. Fazia questão de deixála perceber que sentia o perfume quente da pele que, se desprendendo dela, lhe era trazido às narinas pela brisa quase escaldante. Arielle, por sua vez, mais uma vez, inebriada fitava as minúsculas três pintinhas sobre o vistoso lábio superior de Aidan.

Aquelas três pintinhas, nas quais durante quase cinco anos tanto pensou.

— Tentas resistir, não? — sabia que ela lhe ansiava beijar outra vez.

— Comigo foi sempre assim. Sempre a beira do impossível, te resistir. Resistir estes teus lábios que me levam à perdição...

Ela mal percebia o ar de encantamento ao qual estava se rendendo. O timbre da voz dele era-lhe sem igual.

— Ora... — disse tímida, voltando o rosto para fora. Olhava além do jardim. Para o céu quase limpo, salpicado de nuvens densas que, enegrecidas confundiam-se com o céu.

— Arielle, na noite em que seriam nossas núpcias, tu chamaste meu nome. Eu ouvi — revelava enquanto sentia-lhe a textura sedosa dos cabelos contra as pontas dos dedos. — Sei que também me queres... Sempre soube.

— Chamei? — perguntou ela encarando-o um pouco surpresa.

— Sim. Somente por isso... Ouça: somente por isso não persegui aquele...

— Quem?

— Tu sabes... Rubén. Te entregaste a mim, desde o primeiro olhar, Arielle. Por isso decidi que quando tu te tornasses minha, para se tornar carne da minha carne, seria por que chegaste à conclusão, em consciência, de que era isso que querias.

— Quem disse que quero?

— Sinta... — sussurrou com os lábios colados em suas têmporas, olhando-a de soslaio nos olhos verdes que faiscavam a chama da vela.

Pressionou o polegar sobre uma veia do pescoço outra vez eriçando-a desde a medula. — Tua pulsação, sempre me conta.

Quando ela baixou os olhos para os lábios dele mais uma vez, ele finalmente venceu a distância milimétrica que afastavam as bocas e beijou-a brandamente. Devagar o bastante para decifrar os sabores de que era feito a superfície interior: sua boca, naquele momento, comparava-se para ele a uma taça onde havia frutas secas e suculentos pedaços de manga e muito mel. Colando o tronco dela ao seu, Aidan aprofundou com a mesma calma do início, o beijo, exigindo resposta.

O gosto do beijo que a partir daí se acelerava pouco a pouco, explodia em uma infinidade de nuances. Tomando-a, fez com que sentasse em seu colo. O vento, agora fresco, com seu aroma delicado de maresia os transpassava.

Determinou que esperara tempo demais para buscá-la no colégio. Uma trovoadá longínqua o fez acordar do torpor ao qual mergulhara ao enterrar a língua na deliciosa boca. Descolando os lábios insaciáveis levantouse a segurando no colo como a um bebê.

Fechou a cortina de linho grosso suspirando. E levando-a para cama, sussurrava:

— Minha menina... Minha pequena...

Depois, quando já a depositara na cama, ele trouxe o candelabro para mesa de cabeceira. Com cuidado deliberado deitou-se sobre ela.

— Entrega-te a mim — incitava-a em um murmúrio imperativo, beijando-a na boca, face, pescoço e toda parte que seus lábios encontrassem. — Seja minha esta noite... — Tocava com os dedos a pele encrespada dos ombros que desnudara ao puxar o laço do decote médio.

— Entrega-te, e a farei tão feliz... — prometeu com uma doçura rouca.

— Tu ficarás satisfeita. Protegida. Juro-te.

— Protegida? — Arielle tinha a voz anuviada sem entender por que. Puxando mais o cadaço do decote, ele pouco a pouco lhe abria a camisola.

Insinuou a mão ali dentro para tocá-la controlando como queria a resposta do corpo dela.

Arielle suspirou inconsciente. Muito sutil, quase imperceptível, ondulou o quadril.

Controlando-se a um nível acima do seu limite, Aidan levantou o tronco e respondeu a pergunta quase esquecida:

— Sim... Só eu posso te proteger do mundo.

—

Mas quem me protege de ti, Aidan? — ela contraargumentou, sôfrega em demasia.

Como ele permanecesse sem nada dizer, ponderando o receio que tinha, ela o puxou pela gola da camisa.

— Beije-me mais...

Ele a beijou por uns momentos e avisou:

— Não posso me contentar somente com beijos, pequena.

— Não sei o que pode ser melhor do que... Teus beijos, Coronel — confessou ciente que queria entregar-se.

Arielle disse tímida, mas tudo o que vinha dela era para ele altamente erógeno. Beijou-a rápido na boca, afetuoso no pescoço e ofegante

nos

seios.

Demorou-se ali, para experimentar com tranquilidade o que há algumas semanas tomara com uma fome desesperada. Tê-la em seus braços era realmente como imaginara. O

vinho mais caro e mais raro que experimentava. Estava quase ébrio de paixão e queria embriagar-se muito mais. Queria que o mundo se acabasse lá fora com o temporal que começava cair em grossas gotas que fustigavam o telhado do casarão. Tudo que fosse somente para delongar aqueles momentos por muito, muito tempo.

Levantouse e, para não escandalizá-la, extinguiu o fogo das velas do

candelabro. Deitou-se sobre o corpo ansioso e trêmulo da esposa e indagou:

— Posso? Permites que eu...?

Ansioso, esperou sua sorte.

Sentiu-a anuir com a cabeça, que se achava aninhada entre suas duas mãos.

— Antes... — afastou-o, Arielle, um pouco de si.

Ele suspendeu a respiração.

— Antes o que? — inquiriu apreensivo.

— Me dê um daqueles sorrisos.

— Sorriso?

— Sim. Aquele... Que me deste no dia em que te flagrei de toalha...

Ora, acenda um fósforo!

Logo, depois de algum custo, uma chama brilhou entre eles. E

aconteceu, mais por embaraço que por espontaneidade. Um sorriso lindo que lhe revolveu toda por dentro, assim como aquele primeiro.

De duas fileiras cândidas, e o reluzente incisivo de ouro.

Sorriu ela também... Até seus olhos sorriam e... A chama extinguiu-se.

Aidan despiu-se da camisa e de todo o resto da roupa. Na escuridão do quarto a desvestiu por completo da camisola. Foi quando os corpos nus finalmente e pela primeira vez se tocaram. Ele permitiu-se sentir-lhe a nudez tocando-a por toda a lateral do corpo cálido. Tudo o que acontecia era completamente, totalmente tátil, auditivo e olfativo tal o negrume da noite naquela ocasião.

A janela aberta em certo instante deixou que um relâmpago invadissem o aposento iluminando tudo, cada móvel, cada recanto, cada corpo com um clarão. A cortina oscilava com a aragem fresca e logo estaria encharcada pela saraivada que causava fragoroso marulho bem acima do forro. Mas, ainda assim, Aidan podia ouvir e muito bem a entrecortada expiração de Arielle enquanto a percorria com suas mãos quentes e ansiosas.

— Que foi, meu amor? O que temes? Serei tão cuidadoso quanto puder. Parece-me ser também a primeira vez... Nunca antes eu deflorei uma donzela.

— Não tenho... medo — sussurrou entre suspiros. — Mas, tenho... uma ansiedade sem conta.

— Não quero te machucar — tomoulhe os lábios num beijo carinhoso.

— Sinto-me... — desceu outra vez beijando-a pelo vale entre os seios.

— Cruel pelo o que estou prestes a fazer — explicava roçando-lhe o abdome com os lábios.

E Arielle se angustiava por conta daqueles beijos quentes varrendo seu corpo fechado, corpo ansioso de carícias e toques. E ele, degustando com surpreendente fleuma a fêmea que esperou estar pronta para isso. Tentaria se bastar o quanto pudesse dela, enquanto durasse a noite, já que a longa espera o alucinara por vezes sem conta. A sensação era como saciar com abundância uma sede soffida durante uma longa peleja.

Na guerra soubera o que era sofrer sede.

Durante quase cinco anos, soube o que era sofrer uma ânsia.

Na verdade, cada gole que bebia de Arielle era lhe um prazer indescritível e incomparável. Pretendia tê-la gole a gole pelos anos a fio.

Arielle, por sua vez, esqueceu de que um mundo lá fora existia.

Sua memória tomouse vazia e não considerou isto. Era como se não existisse ninguém além deles e o mundo inteiro tivesse se reduzido ao espaço daquele dormitório, daquela cama de lençóis tão macios, daquelas mãos tão carinhosas, grandes e leves que a percorriam e a desbravavam.

Muito tempo depois, quando já se esquecera o que completava aquela troca de extremosos afagos ardentes, Aidan esparramou-se sobre o corpo feminino e frágil, se comparado ao dele, com muito cuidado. Atravessou-lhe os cabelos com os

dedos docemente, puxando a cabeça para o seu encontro, contra seu

ombro e a envolveu contra si entre os braços.

— Sei que uma hora hás de gostar disto tanto quanto eu — sussurrou-lhe perto do ouvido. — Por isso não consideras que será sempre como a primeira vez.

Arielle, depois de lembrar de relance das palavras de Mariana sobre o que era o amor na alcova de apaixonados, entrelaçou também os dedos no cabelo do marido e encostou-lhe a boca no ouvido.

Segredou-lhe em um ciciar tão tímido:

— Espero que seja sempre como hoje. Se for, será sempre perfeito. — E riu um riso rouco, um pouco suspirado e um tanto sensual. — Também tenho sonhado com isso...

Como acreditar que ela, ela mesmo lhe estava dizendo que o queria? Uma coisa era saber que o queria pelos indícios, outra era ouvi-la dizer! Não era, em definitivo, uma virgem medrosa!

Ele estava pronto. E teve de controlar as mãos que tremiam. Mas como receava causar-lhe dor! Esperou alguns instantes até que recuperasse o controle. Como, ele, o ora circunspecto Coronel Aidan de Henriques, se via tomado por... Medo?! Odiava-se pelo que estavas prestes a fazer. Causaria dor a quem mais amava. Amava? Sim. Teve certeza disso nesse exato momento de hesitação, por estar prestes a, de algum modo, ferir-lhe. Amor... Não que precisasse dizer a ela.

Sugou a orelha delicada.

O silêncio foi tanto que se podia ouvir as batidas dos corações de ambos. A chuva que caía lá fora cessara e o único som exterior era o dos insetos da madrugada. Deslizou o dorso da mão carinhosamente na pele de sua fronte. Conforme percebeu, Arielle suave. Não quis evitar o pensamento de posse de que ela fora e era unicamente dele.

Seria sempre somente dele.

Ambos inebriaram-se deleitados e Aidan permitiu-se, por um pouco, relaxar satisfeito sobre o corpo sensível que tremia sob si.

Sentia-se como nunca, saciado, fartado, demasiado pleno. Completo.

O homem sorria extasiado no que acabara de viver. Afinal, esperou tantos e tantos anos para viver algo qual vivia então. O

coração descontrolado batendo dentro de seu peito arfante, o sangue a correr quente e veloz por suas veias saudosas dessas sensações, o relaxamento e contentamento que somente uma relação íntima plena proporciona ao ser humano, o esquecimento — cômico e

subconsciente — de todas as suas amarguras.

Depois de longos momentos recuperando-se da grande emoção, ele deitou-se ao lado daquele corpo tão puro que acabara de marcar como seu, puxou carinhosamente para si aquele corpo coberto com sua saliva, com seu suor, preenchido e semeado com sua esperança.

Queria aninhá-la em seu peito, mantendo-a ao máximo possível junto ao corpo. Garantiu isso quando a deitou em seu braço esquerdo que era tão rijo, mas de pele tão macia e circundou-a com o braço direito sobre o peito e puxou um lençol para cobri-los.

Estava tão estupidamente feliz que, em pensamento, assoviava a Nona Sinfonia de Beethoven. Pensou na Europa e na ocasião em que ouvira soarem os violinos da Ode à Alegria. A captura de um momento fotografada no som... o som harmonioso do amor. Não combinava àquele dia, mas a essa noite em que tinha Arielle bem junto a si, consumada de seu sentimento e desejo.

“Nunca duvidei do que ela me causa, e não tentei disso escapar”.

— Pensava. Junto ao pensamento imagens desconexas que, abismavao, não o abalavam como em outros momentos. A infância solitária com a velha preceptora em Vale Campina, o internato, o Colégio na Corte, a figura de mistério que sempre lhe foi sua mãe, ah! a terrível cena da igreja que lhe modificou o caráter; modificou? Aidan refletia e ouvia-a, sentia-a respirar perto de seu ouvido. A juventude no exército. A guerra! Como controlar as sinapses da memória? Frear as imagens da lembrança? As cenas dantescas, todos os homens — seus e deles, — as mulheres, o velhos, as crianças... O olhar de cada um

deles quando, embebido do espírito de luta, no quente da obstinação de guerra, via seu batalhão cair, mas também dizimá-los. Um a um. O

terrível horror no olhar daquele menino caído na poça de lama e sangue que ele, ele mesmo deu a lançada de misericórdia?

— Deus... — disse sem atinar.

Como deixou, como pode permitir depois de tamanha satisfação e plenitude que o corpo trêmulo, ansioso dela, aquela alma ingênua dela que atingiu no expectar de um olhar que trocaram, finalmente alcançada depois de toda uma vida de horror pela própria existência e cinco anos de espera, como pode-se permitir vagar por sendas traiçoeiras da memória? A mente abandonando a composição que serve a um ideal belo, utópico sim, mas belo e talvez consolador, para a marcha fúnebre?

— Aidan? — Arielle muito estranhava ele dizer o santo nome, ainda que em vão, naquele momento. Era ateu! Não?...

— Perdão... — murmurou ele sugando-lhe a pele do rosto úmido,

instando

com

veemência

com

sua

mente

para

que

abandonasse a emblemática e dolorosa esfinge que lhe era o terceiro movimento da sonata número dois de Chopin. — Acha que podes tu

me perdoar, anjinho?

— Aidan... Penso que jamais poderei entender o enigma que tu és — ela quase cochichou.

— O que quer dizer? — indagou inda pelejando entre Beethoven e Chopin.

— Sempre pareceste... Tirano. E... Sinistro. Sempre feroz como...

Um lobo. Mas...

Arielle desistiu. Tão impossível dizer qualquer coisa coerente sobre ele.

— Mas o quê? — estava apreensivo.

— Não seria possível para um homem ser mais carinhoso e afetuoso em suas núpcias com uma esposa... donzela. E ainda, me pedes que te perdoe!

— A verdade é que pouco me conheces — lembrou-a sorrindo. E o que ela lhe disse fez cessar suas aflições internas. Sua alma repousava e embebia-se daquele sonho em que o corpo flutuava.

Sentia sono, mas relutava em entregarse. Queria comprazer-se mais naquelas sensações deliciosas que o engolfavam.

Um longo tempo pareceu discurrir até que ele, colando os lábios intumescidos na pequena orelha, lhe murmurasse:

— A partir de agora, meu bem, poderás compartilhar de tudo que eu puder lhe dar.

Ela, letárgica, ouviu a promessa longe... E a registrou.

— Sim — murmurou quase desconexa. — Por que depois de conhecer tua mãe — ronronava

manhosa, —

quero tanto te conhecer...

Notas musicais muito alegres ecoavam por toda a casa, tocando o espírito das mulatas que cozinhavam, e tocando os componentes de crescimento do fermento que elas manipulavam para fazer pão e,

também, fazendo com que o escravo jardineiro trabalhasse mais entusiasmado

nos arbustos de azaleias. Jorrava-se extraordinário júbilo dos martelos de um lustroso piano. Naquela manhã ensolarada com fragrância de... pão fresco e madeira encerada, soavam efusivas composições.

Agora era Beethoven. Só poderia ser Ode à Alegria! Mas, já fazia umas duas horas que Arielle interpretava seu extenso repertório erudito no grande piano até então relegado à peça meramente decorativa. Em princípio, sua maior surpresa foi que ele estivesse afinado. Tocava como jamais havia tocado, um amor sem igual pelo instrumento, pela vida.

As teclas amareladas de marfim, eram submissas aos seus dedos, como ela mesma fora ao marido na noite passada. Nos mais agudos sustentidos e nos graves repentinos, o reviver de algum momento mais intenso de deleite. O que fora aquilo? Que sentidos aqueles que, render-se, lhe pode proporcionar?

E que assomo terrível foi aquele do seu coração? Aquele, no momento em que ele a fitara intensamente quando diante do lume escasso, conforme lhe pedira, sorrira? Essa lembrança involuntária só aumentou-lhe o ânimo exultante, diante do grande instrumento de cauda — legítimo e caríssimo Pleyel.

Parou... por alguns momentos que pareceram longos aos habitantes do palacete. Heloíse, sentada adiante numa marquesa, perscrutou a nora ansiosa. Aquelas faces coradas, o sorrir disfarçado lhe riscando a expressão feliz; conhecia bem aquela exaltação.

Exaltação de uma lua-de-mel. Então, de repente... depois de ansiosos momentos... Arielle meteu os dedos abertos das duas mãos nas teclas de marfim e tocou efusivamente a Dança Húngara Nº 5. A música externava ao mundo todos seus sentimentos àquela manhã. Quase se

achou capaz de compor!

Aidan de Henriques fitava o forro de estuque, além do dossel de jacarandá. Nunca, enquanto vivesse, poderia

olvidar-se daquele quarto, da madrugada tão fortemente “vivida”, daquela sensação incomparável de possuir uma virgem... A virgem que amava... A virgem cauta dos seus sonhos mais sagrados! Os ofegares e suspiros de Arielle... Depois de muitos anos, mesmo depois de Itororó, pode poetizar!

Dentre sussurros, precipitações, suspiros e anelos Bebi de teus beijos
Sofri na tua entrega

Em tuas carícias mui regozije

E de teu amor puro, tão puro, me embriaguei Dos palpitaes teus, nada singelos, em sobejo me deleitei Quis eu morrer-me em teus seios

Viver por entre teus tão gráteis meneios

E habitar nos teus braços, nos quais tanto me inebriei E, de inesperado, encontrei

Aquela sem a qual não posso ser

Sem a qual, tudo que me resta...

Morrer!

Os pés delicados

Por este louco mui beijados, afogados

Nos quais de tanto amar e me render

Desejo perecer

E ainda assim se a sorte me permitir a vida Na de véspera consagrada
madre — útero casto Disseminar, eu irei, o germe de uma promessa

De dias de risos

De dias de doces alegrias

Que tão somente a esperança

Da mais inviolável das instituições terrenas Pode a um homem ofertar
— uma família Cariciosos toques de crianças já

No prenúncio do teu primeiro olhar Talvez se escrevesse, não

soaria o poema que em mente compusera tão belo, tão sincero, tão expressivo! A falta de métrica, de ritmo o agastaria. Por isso não deitaria as expressões mais francas de sua alma na limitação das palavras, nas cadeias de um papel. Até mesmo, ao chegarem à Campina dos Lobos, atearia fogo as que lá ele deixara — poemas de batalhas, que ridiculamente, assim achava, dera um tom épico que julgava não existir.

Algo lhe penetrara o sono. E como dormira! Pela primeira vez em muito tempo, tão deliciosamente entregue ao sono, com um abandono seguro e infantil. Relutara um pouco em abrir os olhos e obrigar o cérebro a prestar a atenção a um som distante que lhe vinha despertar. Mas quando, de borco, ergueu a cabeça em busca de achar-se na realidade, soube quem tocava piano. E já fazia bem uma meia hora que estava ali, ouvindo-a no seu muito transbordar, borbotar, de alegria.

Virou-se.

Ventre para cima, mãos sustentando pela nuca a cabeça, sorriu. E

olhou para a janela de larga moldura anil. Dali muito sol vinha inundar o dormitório e, na verdade, via diante de seus olhos somente as cenas que os relâmpagos da madrugada iluminaram. E as cenas, e a música lhe obrigaram a mentalmente fazer poesia. Só de lembrar, dolorosamente a desejava de novo. Nunca pensara desejar tanto alguém. E queria protegê-la, fazê-la feliz. Satisfazer-lhe os mínimos desejos. Mas, isso era por que não conhecia realmente os verdadeiros sonhos de sua esposa. Por isso, pensava que agora tudo estaria concertado entre eles.

Achou que a rendição sensual a havia vencido. Que ela se conformaria com os prazeres dos quais todos os seres humanos geralmente se ocupam. Por ter conseguido enterrar os rompantes heróicos que um dia lhe incitaram, achava possível enterrar também os dela.

Não vislumbrava que o gênio da reflexão vivia dentro do cérebro de sua esposa. Que lhe era fado sofrer o mal dos filósofos. Que era fado seu também, entrelaçar-se a ela para, juntos, viverem do que,

infalivelmente, não poderiam escapar.

O fogo arde e queima. Causa dor e pode até destruir, embora também possa fazer bem. Com ele muitas coisas se fazem e se forja em utilidade do homem. O sofrimento alcança um caráter forte para torná-lo incorruptível e eterno. O sofrimento também pode fazer bem. O sofrimento dá visão aos cegos e aponta, aos sábios, o que mais importa.

Alheio ao porvir, Aidan refletia que o natal estava próximo.

Tudo o que queria era dar a ela um presente que nunca esquecesse.

Algumas idéias voavam-lhe pela cabeça. Pretendia falar com a mãe que saberia qual a melhor opção para o que estava pretendendo.

D. Heloíse, horas mais tarde, não concordou. Afinal, como disse para o filho, era quase véspera de natal. Será que ela não merecia ter consigo para a ceia o filho e a nora, depois de tantos anos? — Indagara.

Argumentara ele que era ateu, mas ela sequer ouvira. Como era de sua personalidade teimou. Da maneira suave e gentil de sempre, com seus vívidos olhos verdes incrustados no rosto moreno, acrescentou que chegaria o dia em que ele precisaria se agarrar a alguém para conseguir seguir em frente. E nesse dia Nosso Senhor estaria ainda de braços abertos para recebê-lo, não importasse como ele estivesse. Todavia, por enquanto, que fizesse isso pela mãe.

Arielle ainda que com mínimo convívio com os parentes de Aidan, e agora seus também, muito se agradou do modo que eles a tratavam. Sentiu-se tão querida, mais a vontade que em sua própria casa, que fora Campina dos Lobos, que por muitas vezes segurou sua língua sem papas, ávida de desejo

por criticar uma sogra tão esclarecida, não ser abolicionista. Sua sogra: era meiga, dedicada, agradável

e

de

uma

forma

desmesurável

afável.

Amava

incondicionalmente os seus. Percebeu, então, que muito do que via de bom em Aidan poderia ser atribuído à mãe dele. Se ao menos não corresse nas veias dele o sangue de Carneiro... Por que fora ter o coração

arrebatado

por ele? Sabia que o destino lhe reservava sofrimento, mas o que fazer? Depois da maravilhosa noite que tiveram, em que viera de formas tão inesquecíveis a conhecer o que era realmente a materialização do que tanto tempo lhe assombrara os sonhos, tinha a pretensão quase arrogante de fazê-lo um homem melhor.

Depois de, por noites ininterruptas, ser fêrvorosamente amada, ter o corpo deliciosamente mimado, de quase todas as formas

descoberto e tocado, não tinha vontade alguma de questionar a força de seus hormônios, nem as férias merecidas de suas idéias.

Era véspera de natal, afinal. Nesse tempo todas as esperanças podem ser sonhadas. Principalmente se forem sonhadas por uma jovem tão composta de fê, tão

presunçosa,

tão

acaloradamente entusiasmada e... inexperiente.

A esfera lunar enviava seu brilho tênue naquela noite. Arielle, sobre o mesmo baú de algumas noites passadas, fitava o corpo celeste leitoso; no passado, sempre companheiro de suas fugas furtivas no meio da noite. Seu rosto era sereno, seus olhos um vitral estático que esclarecia que sua mente ia longe, ou, talvez apenas dentro de si.

Centenas de léguas dali, através de um rasgo da vidraça, Fernão Carneiro também fitava a lua. Contudo, ele o fazia para mascarar um enfado que sentia ali, no ambiente impessoal.

Em dez minutos o período de visitas estaria terminado. Mas este era o tempo suficiente para que acertassem os últimos detalhes da iminente liberdade de Carneiro.

— Penso que livre mesmo, ou seja, passar daqueles portões para fora, somente depois do ano-novo — murmurou incerto, para o pai.

— Como sabes meu pai, este país só voltará a funcionar depois das festas. — Dizia ainda, pedindo confirmação com uma expressão de seu rosto, ao advogado sentado não muito distante deles.

— Deveras. O magistrado se retirou para sua casa de veraneio em Petrópolis — explicou. — Não perde os bailes de fim de ano — confirmou o rotundo e altivo bacharel.

Carneiro, alisando os grossos cabelos brancos para trás, e

mordendo a ponta do cachimbo, pareceu meditar por alguns instantes e disse afinal: — Justo não é. Mas é empolgante pensar que em dez ou quinze dias posso estar livre. — Então, levantouse da cadeira de ferro, e despediu-se. — Os cavalheiros me dêem licença, por que estarei, a partir de já, muito ocupado.

Na verdade ia Luís Carneiro contar, pela enésima vez, sua coleção de pedrinhas de jardim.

Fernão, acompanhado por Hélió Gusmão, dispendioso doutor das leis, deixou o Hospital para Patologias Mentais. De carruagem, seguiram para uma confeitaria, longe o suficiente para que pudessem acertar os últimos detalhes da retomada de Campina dos Lobos.

Mas, de qualquer forma, o destino reservava àquela magnífica propriedade, ter por senhorio... Um sangue Carneiro.

— Tenho certeza de que será uma briga ferrenha — asseverou o advogado. — Estás mesmo certo do teu cacife para te engalinhares tu também nesta briga, Fernão? — Não havia entre esses antigos companheiros de ardilosas falcatruas, formalidade quanto a nomes e pronomes.

— Com toda a segurança, meu amigo. Não deixo de ser, também um Carneiro, não é? — declarou ele, a cabeça altiva pondo-se a olhar para a rua.

Ambos riram arrefecidamente. Fernão esfregou os dedos pela vasta cabeleira negra e, pigarreando, indagou ao outro:

— O ópio... e “tudo o mais” foi devidamente entregue? — fez um gesto com os olhos e a cabeça, em direção de Laranjeiras, o nobilíssimo bairro carioca.

Gusmão fitou o arredor e, pendendo a cabeça num gesto afirmativo, confirmou.

Capítulo IV

ERA A HORA segunda da tarde e o sol estrídulo invadia os vastos cômodos do solar de Campina dos Lobos. Dois jovens conversavam na sala principal. Eram irmãos e a mais jovem, até então, entretinha-se ao piano de cauda.

— E há quanto tempo deixou o bastardo Vale Campina? — inquiriu Tiago à sua irmã que acabara de, resumidamente, lhe contar os acontecimentos dos últimos cinco anos.

— Nem um mês, irmão. Mas não se refira a ele dessa maneira —

pediu Joanhina com seriedade. — Ele mudou a vida de todos nós — argumentava ela, então, suave, — que de uma forma ou de outra dependíamos de papai, antes de se tornar o Barão em seu lugar.

Tiago Manoel Tasso Carneiro sabia disso. O

valor de seu ordenado, de forma inexplicável, triplicara no segundo ano do curso de medicina. E por isso mesmo não retornara mais à casa paterna, receando que o pai mudasse de idéia, voltando a lhe mandar a ninharia que mal pagava a pensão abominável em que vivera e uma refeição diária.

Então os boatos que corriam em falatórios nos salões o pegaram de surpresa. E atingiram seu ciúme.

— Mas... me diga Joanhina, por que ninguém me contou nada?

—

No

início

meu

ímpeto

foi

esse —

ela

iniciou

o

esclarecimento, deslizando o indicador, por uma sobrancelha. —

Quando Aidan me mandou buscar no convento, no Vale do Paraíba, planejei fugir e ir procurar-te no Rio de Janeiro — disse ela

levantandose da banquetta. Caminhou até o aparador de madeira muito nobre, coberto por um mármore assemelhado à malaquita e, chegando ali, tornou para ele e disse: — Mas, quando fui trazida para cá ele foi o primeiro a me receber. E quando o vi... Bem, sei que fiquei chocada! — Chocada? Por quê?

—

Imaginava

ele

diferente,

queria

muito

acreditar

na

possibilidade de que fosse um impostor. Tu sabes. Dele não ser realmente nosso irmão. Mas...

Tiago que acompanhava a narrativa impaciente estava a ponto de perder a compostura.

— Mas o quê, Joaninha?

— Ele é a nossa imagem. Poderia ser mesmo teu irmão gêmeo, Guinho — chamou-o pelo apelido de infância, — se considerarmos os temperamentos. Exceto pelo fato dele ser mais alto e ter os cabelos e os olhos claros; vós também, fisicamente, sois parecidos. E tem ele um carisma!

Tiago Manoel pigarreou meio desconfortável, pela menção que fizera sua irmã a altura e disselhe:

— Então é fato que temos mesmo mais um irmão. Bom, mas disso estamos carecas de saber. Todos sabem que o “maior” feito de nosso pai foi sair espalhando filhos por esse mundo. Mas me surpreende esse aparecer e conseguir tomar tudo de nosso pai. E de nós! — exclamou agastado.

Joaninha deixou o bastidor que apanhara no aparador sobre uma poltrona e, tomando a mão de seu irmão mais querido, declarou: — Perdão irmão, mas creio que as propriedades da família, tanto imóveis, como títulos e ações e, ainda, escravos estão muito melhor administrados por Aidan do que nunca esteve por nosso pai! Na verdade, ele não tirou nada de nós, mas tirou a administração de tudo de Fernão, que seria o herdeiro do título e dos bens, não é mesmo?

Sabes que ele com a personalidade que tem já teria posto tudo fora nos cassinos, não? Além disso, Aidan possui minha tutela. O que seria de mim sob os auspícios de Fernão? Me casaria tão depressa quanto pudesse, com o primeiro... Com o primeiro fanfarrão endinheirado que aparecesse. Tens de admitir, Guinho; isso não seria nada, nada desejável.

E Tiago não podia discordar. Conhecia bem a Fernão. Limitouse a dizer:

— Bem, Joaninha... Se você está dizendo, quem sou eu para questionar? Afinal, é você quem tem convivido com ele por estes anos todos. Mas mandar em mim, ele não...

— Que bom... — interrompeu-o, Joaninha, sorrindo. Sempre tivera certo poder de persuasão com Tiago. — Finalmente terei alguém compreensível com quem conversar.

— Ora, teu mais querido novo irmão não conversa contigo? — ele murmurou pícaro.

— Então, o senhor está com ciúmes? Qual! Que tolo, ora vejam... — mostrou-lhe a língua, com travessura.

Tiago era por demais orgulhoso, para admitir que sua irmã não pudesse estar mais certa.

— Fico só imaginando, querida, tua solidão todo este tempo.

Pelo menos no convento tinhas a companhia de outras noviças.

— Não digas isto! Quando deixei o convento juro que pensei que seria infeliz pelo resto de meus dias, mas o que melhor já me aconteceu foi ter sido forçada a deixar a clausura. É claro que, às vezes, me sinto só nesta casa, principalmente depois de Aidan ter viajado em lua-de-mel — suspirou com pesar, — mas em um casarão como este há sempre muito trabalho com que me ocupar. Tenho a companhia das negras da cozinha e de vez em quando, podia organizar uns saraus quando os amigos de Aidan o vinham visitar.

— Não tinha entendido que a viagem dele havia sido de lua-demel. Quer dizer então, que ele acaba de se casar?

— Não... No dia em que cheguei, Aidan me explicou que ele se casara há algumas semanas. Mas que a esposa fora estudar no Rio de Janeiro. Só depois entendi o por que. Quando se casaram, Arielle tinha apenas dezesseis anos. Alguém me disse na cozinha...

— Arielle? — bradou o nome da pequena travessa, por quem, na infância fora apaixonado. — Ele se casou com ela?! Ela não voltou para a França com Madame Suzanne? — Tiago estava estupefato. — O calhorda!

O fato era que Joaninha estava contando por alto ao irmão o que ele viria saber mais tarde, com detalhes n'As Damas da Taverna.

A mulher, sem dúvida, mais formosa da vila de São José de Anchieta cantarolava distraída a canção africana que se lembrava de sua avó cantar aos seus irmãos. Acabara de fazer o bebê dormir e como não esperava tão cedo por João Alberto não se preocupou muito com o almoço, já que amassara pão pela manhã.

Francisca —

a primogênita Chiquinha — a

ajudava agora arrancando as ervas daninhas da horta. Quando Flor ali chegara, não imaginava quão árdua seria sua vida, mas a vivia muito feliz. Já quase não se lembrava dos terríveis castigos que pagara com muita dor em Campina dos Lobos. As largas faixas que compunham

suas cicatrizes nas costas eram toda noite acariciadas pelas mãos e lábios de seu amado. Não queria outra vida.

Deixou o volume de Alencar, que lhe trouxera João Alberto, de lado e caminhou para fora da casa. Agradecia à paciente filha da governanta de Campina dos Lobos, Arielle, ter lhe ensinado a ler. O

fizera escondido e a contragosto de sua mãe, Saquina; quantas saudades...

Tinha Flor muita inteligência, embora não possuísse estudo algum. Mas ainda assim, para uma mulher como ela, acostumada ao trabalho braçal, cinco anos pareciam muito distantes para se lembrar com clareza. Vivía sua vida meio que aérea no tempo e não se importava com isso nem um pouco.

Enquanto arrancava o picão que insistia em se alastrar por entre o canteiro em que há pouco semeara as abóboras, refletia os dias de sua chegada àquela pequena cidade.

Com uma enorme barriga, e protegida por um homem branco obviamente que despertara a ira das baratas-de-igreja. Na época achara muita graça disso tudo, afinal nunca haviam lhe dado tanta consideração. No entanto, João Alberto achou que seria melhor levála para morar em um lugar mais afastado do centro, da igreja e dos comentários maledicentes.

— O que foi, mamãe? — perguntou Chiquinha curiosa, com sua voz mimosa de criança. — O que é engraçado?

— Não é nada, minha pequena. Só tava me lembrando...

Tinha toda certeza de que os filhos eram felizes ali no sítio, viviam livres dos mexericos, tinham sempre fartura. Ali a terra generosa, oferecia verduras, legumes e frutas o ano inteiro. Havia uma corredeira de águas puríssimas onde lavava roupa e as crianças brincavam, e se banhavam, diariamente. Tinha uma vaca leiteira que além de muito leite, lhes davam queijo e manteiga. Cabritos, algumas ovelhas davam lã para o inverno rigoroso. Suas galinhas produziam tantos ovos que doava o excedente a um ou outro mendigo que por ali passava. João Alberto jamais permitiria que ela os fosse vender na feira.

João Alberto... Quando estava perto dele sentia como se pudesse flutuar... Na ausência do militar quase perdia o tino tanta era a saudade. Sonhava com o dia em que ele ficasse por ali de vez. Ele lhe prometera que um dia era isso que faria. Nessa ocasião dissera:

— Teu nome bem que serve para ti. Tu és a flor mais linda que já colhi! Como pode um rosto tão delicado e um corpo tão sinuoso?

— eram os contrastes de Flor que o enervavam, despertando-lhe inexplicáveis sentimentos e impulsos.

O tom escuro da pele canela, o lábio rubro e os quase amarelos olhos de gata desenhavam uma beleza exótica, muito envolvente, muito excitante. Flor tinha um olhar que para João Alberto era mortífero. E os seios quando os vira...

A ocasião surgira, justamente depois da tarde em que deixaram Vale Campina. Olhavam-se, todo o tempo nos dias em que lá ele se hospedara. Na noite do casamento de seu melhor amigo, o Barão, roubara-lhe um beijo, no que num risinho malicioso, ela fugira. Por uma fresta de cortina a vira correr para o festejo em que os escravos comemoravam o casamento do Sinhô da casa grande. Horas mais tarde vira-a correr de volta. Cauteloso, esperara que ela passasse pelo corredor e, quando ela o fizera, a segurara pelo braço e puxara-a depressa para dentro do quarto. Apertando-a contra si perguntara-lhe:

— Me queres, não?

— Escrava tem querer? — respondera a bela mulata com outra pergunta, em um tom inocente

que sabia, naturalmente, ser provocante.

Para que esperar mais? Tomara-a em seus braços e mais depressa que um corisco já era sua. O cabelo de anel muito escuro espalhando-se por todo o lado, dorso, ombros, lençóis; emolduravam o rosto de traços perfeitos. O nariz não era pequeno ou arrebitado como os das moças da corte que reinavam nos salões, mas era lindo, tão bem desenhado... A boca saliente, pura atração encarnada — muita

vivacidade pulsava neles.

Quando ele encostara os lábios quentes nos seus, Flor pensara que derreteria. Ele a fizera morrer de tanto amor!

João Alberto jamais esperaria que uma escrava daquela idade fosse casta... Uma escrava de dezessete anos já teria perdido a virtude há muitos anos. Com seu Sinhô, em um leilão ilícito ou com um companheiro de senzala. Carneiro não quisera Flor? Por que será?

Bem, talvez tivesse querido a mãe dela e não quisera ser incestuoso. Ela o cativou sobremaneira e naquela mesma noite sentiu que nunca mais poderia separar-se dela.

— Nunca... foi tão... perfeito. Vou montar uma casa para ti, Flor.

E lá... — pausara para afogar-se um pouco no perfume único do pescoço e, depois, meio que embriagado continuara falando: — Lá que nascerão os moleques que teremos e... Bem, lá que morreremos juntos. Tu agradas demais este soldado cansado de misérias...

Ela apenas deslizara os dedos por seus cabelos castanho-escuros, úmidos de suor, e suspirara. Aquela promessa que ele fizera a deixara irremediavelmente apaixonada.

Sabia que se não tivesse fugido com ele, Carneiro, ou o herdeiro dele, Aidan, jamais a venderia a João Alberto. Era uma jovem muito forte,

prendada

e

diligente.

Simplesmente

Flor...

Não

tinha

sobrenome, mas sonhava em ter apenas um: Assis. E que seus filhos também, um

dia já

legítimos, o pudessem assinar. Quem sabe Albertinho, o que nascera depois de Chiquinha não podia ser o João Alberto Assis Neto? Bem — pensou, — era melhor parar de bancar a criança louca, e não sonhar tão alto...

A ceia de natal, em Recife, no grande sobrado da família Suassura, foi de muitíssima fartura. A enorme mesa serviu a família e seus convidados com grande variedade. E a atmosfera que cercava os habitantes, hóspedes e convidados era festivo e descontraído.

Três leitões enormes, trazidos do engenho, foram assados inteiros. Enfeitados com legumes, derretiam sua pururuca na boca. O

vinho era encorpado, importado, da melhor qualidade. Tinto e doce, como Arielle gostava. D. Heloíse enfeitara a extensa mesa com frutas e sementes exóticas que chegaram de navio, há poucos dias; uma encomenda especial. Mas as sobremesas eram compostas por frutas tropicais, bem brasileiras. Salada de frutas e compotas de toda a sorte foram servidas com queijo; também curado no engenho da família. E

Arielle sabia de que uma coisa ali servida, em especial, ela apreciaria saborear por toda a vida: rapadura e melaço.

Gostou tanto de melaço que Aidan não deixou de perceber. Viu quando, em certo momento, ela fugiu à cozinha. Seguiu-a e a surpreendeu deleitando-se com uma colher no pote de melaço.

Quedou-se oculto para deleitar-se também, mas com o observar dos movimentos dos lábios ávidos que degustavam em estalinhos o melado de cana-de-açúcar.

E a fartura era tanta, afora o espírito de fraternidade, que nesse dia, já bem mais tarde, é claro, até a criadagem e a senzala banquetearam. Isso enquanto o pessoal seguia a pé para assistir à missa do galo na Igreja Matriz de Boa Vista.

E tanto Aidan, como a esposa, não podiam esperar que Francisco Suassura fôsse tão carismático. Era o senso de humor em pessoa.

Adorava

contar

pícaras anedotas.

Principalmente umas envolvendo Sua Majestade — essas somente para os mais íntimos.

Ele, agora, no piquenique de natal do dia vinte e cinco, insistia mais uma vez que Aidan passasse o Ano-Bom com eles no engenho, quando Heloíse interveio: — Benzinho, Aidan e a esposa estão em lua-de-mel. Parece que eles hão de querer por companhia na passagem, apenas um ao outro.

— Como assim? — quis saber o Coronel mordiscando um naco de pão com carne.

— Aidan alugou uma cabana de veraneio lá pelas bandas do povoado de Jaboatão, em Olinda.

—

Ora —

exclamava

ele com seu pronunciado sotaque Pernambucano, — porque não me pediste indicação? Tenho bons amigos que possuem propriedades naquela região.

Então Aidan contou ao padraсто que fora justo um amigo dele que lhe

oferecera uma cabana construída na areia, de uma praia muito calma e idílica. Fora durante a festa de natal.

— Pois esqueça — Francisco ordenou enfático. — Sei muito bem para onde vou vos mandar. Ilha da Jangada! Perfeito, não é mesmo benzinho? — disse Francisco olhando malicioso para a esposa.

— Não sei como não pensei na Ilha da Jangada antes! — exclamou Heloíse refletindo que nos últimos dias sua mente só tinha espaço para dois assuntos: a ceia de natal. Que fora um sucesso; e a estranha enrascada na qual o filho a envolveu. — Não é luxuoso. Está longe disso. Mas é o local perfeito para uma lua-de-mel.

Francisco prosseguiu tomado de empolgação:

— Aquele lugar, sim, pode ser chamado de paraíso! Quando voltarem me darão razão. Tenho certeza. Foi lá, Aidan, que tua mãe e eu passamos a nossa lua-de-mel. Não fica muito longe da costa, não...

— Aidan ficou reparando no sotaque sossegado do padraсто e a cada minuto se sentia um homem pior pela confusão em que enfiara o nome da mãe. — ...depois, de lá, só mais vinte minutos, meia hora de barco e pronto.

— A ilha é deserta? — Aidan indagou, fitando Arielle de esquina e pensando que a surpresa estava estragada.

—

Lá vivem alguns nativos. Descendentes de índios e

holandeses... Adoram receber hóspedes de quem podem ganhar alguns tostões. Com algumas moedas de ouro então... Te tratarão como um rei!

— Bom, então já temos um destino certo, Arielle — decidiu Aidan, passando o braço pelos ombros dela e olhou para o seu rosto franco; ela fazia questão de parecer cordial à sogra e ao “sogro”. É

claro que gostaria de ter sido consultada. Mas se ele não o fizera nem quanto à cabana... Não tinha a pretensão de que lhe pedisse a opinião agora. Ademais, estava contente com a perspectiva do futuro breve.

A tarde estava totalmente, completamente ensolarada. Brilhava radiante. Devia ser por volta de duas e meia quando chegaram a Ilha da Jangada, ao ponto que o Cel. Francisco explicara a Aidan ficar o pequeno sobrado edificado com bambu e sapé. Chegaram até ali por uma trilha curta. Vinte minutos de caminhada apenas, mas Arielle se sentia ofegante e sedenta ao chegar à cabana de apenas dois cômodos: piso inferior e piso superior.

No andar de baixo, um pequeno fogão à lenha feito de taipa, uma mesa de madeira rústica com três cadeiras e uma esteira grande, forrada de renda estilo rede de pescador e repleta de almofadas enormes confeccionadas de tecido cru enfeitadas com bordados sobre também uma trama de rede. Fazia às vezes de um sofá. Na pequena varanda da frente, além de lindas plantas e flores que nunca vira, haviam duas redes do mesmo tecido das almofadas: forte e rústico.

Arielle, vendo a escada vertical que, no canto da sala-cozinha levava ao segundo andar, subiu por ela com alguma dificuldade por causa do volume das saias. Quando pôs a

cabeça pra cima, vislumbrando o quarto todo, qual não foi sua surpresa ao ver a amplitude ocupada apenas por... Uma rede enorme.

Desceu fãiscando. Saiu no encalço do marido e, quando abrupta irrompeu porta afora, o viu de costas sentado na areia. Estacou. A barra da calça clara de Aidan estava enrolada deixando a panturrilha à mostra. Tirara a camisa. Sentiu qualquer coisa de eletrizante quando tão detalhista, Arielle, reparou no cabelo loirocinzento que lhe cobria até metade da nuca que, um pouco mais crescido que o usual começava a ondear. Levou a mão ao colo e respirou fundo. O

desenho do tórax largo, vigoroso que descia mais delgado até a cintura era totalmente harmonioso. Pelos macios se desenhavam na linha da espinha e sumiam por dentro da calça. Ele olhava para o mar que, azul claríssimo, se perdia no horizonte.

Como gostava de contemplá-lo! No que ele pensava?

— Arielle!

É claro que ele lhe sentira a presença. E apreciou ser observado.

— Venha cá! — jogou longe o caro tabaco de Havana, no qual dera umas poucas tragadas. Colocou-se de pé.

Ela foi até ele, que lhe tomando as mãos nas suas perguntou: — Que foi, hum, meu bem? Algo errado com a cabana?

— É que... — começou quase birrenta, mas bateu os olhos na cicatriz que lhe atravessava o peito. — Não tem cama! — informou, sensibilizada com a gravidade daquela marca larga e avermelhada.

Ele gargalhou divertido.

E por que achas que minha mãe enviou acolchoados em um dos baús que chegarão mais tarde? Só os muitos ricos dormem em camas em Pernambuco, anjinho. Mas imagino que a rede seja grande o bastante para nós dois, afinal é uma cabana de lua-de-mel!

— Ora, imagine. Morreríamos de calor. Não, acho que hei de preferir os acolchoados.

Pode ficar com a rede — provocou

manhosa.

Foi então que ele matou a distância que os separavam,

encostando o corpo ao dela.

— Como quiser... — fitava-a de cima para baixo e solfejava as palavras. — Mas não conte que dormirei separado de ti — declarou acariciando-lhe a cabeça, com ambas as mãos, os dedos enterrados em seus cabelos. — Vou te arrastar para cima deles tantas vezes que vais perder a conta. — prometeu.

O calor que emanava do tórax desnudo, Arielle sentia no colo, e o hálito levemente acelerado ela sentia nos lábios, tão próximos estavam

os dele dos seus. Quando os lábios quase se tocavam ela murmurou: — Banho... — procurava um meio de se afastar, ainda tinha certos receios dos comichões que a assaltavam nos braços dele. — Onde tomaremos banho? Não há banheira, nem tina na cabana.

Aidan apontou para o fim da praia e tornando para lá ela viu um paredão de pedras.

— Não dá para ver, mas ali entre as árvores em uma pequena clareira, Francisco me contou haver um riacho de água doce que vem desaguar no mar.

Diante do sorriso surpreso da esposa, ele a avisou sério:

— Nunca siga para lá sozinha, e jamais tome banho nua. Um índio ou outro estranho pode aparecer.

Arielle anuiu em concordância e ele sugeriu ante a um apelo de seu estômago:

— Bem... Então façamos um lanche?

Separando-se dele, Arielle encaminhou-se para a cabana que, graças à sombra de muitas árvores, era sempre fresca. Chegando lá, retirou da cesta que Aidan carregara até ali uma toalha, a qual esticou sobre a pequena mesa. Depois colocou ali os dois pratinhos de porcelana e as frutas que estavam na cesta. Pão e geléia também. Uma garrafa com suco — devia estar imprestável para beber devido o calor da viagem de barco. E por último, é claro que Heloíse não se esquecera de ordenar que ali fosse colocado, o melaço que Arielle tanto gostara.

Arielle estava encantada com a descontração que Aidan adquirira em seu modo de agir desde que ali chegara e tão há pouco. Sem casaca, sem farda, sem anéis de ouro ou alfinete de diamante para ostentar na gravata.

Ele tomou uma cadeira com assento de palha e sentou-se nela ao contrário, tendo o encosto voltado para a mesa contra seu peito. Furtiva, ela o espiava em sua naturalidade ao se alimentar. Daquele modo, também os cabelos deitando-se pela testa, achou-o selvagem. Ele tomou uma papaia e a abriu, e retirando as sementes passou a devorar a succulenta popa alaranjada. Arielle achou que devia estar

delicioso tal a gana com que o marido se alimentava, mas a verdade era que ambos estavam “varridos” de fome. Não tinham almoçado por causa da viagem até ali. Decidiu se concentrar na refeição.

Ela tomou um gole de água da moringa, e cortando uma fatia do pão cobriu-o generosamente com o melaço. Mordeu.

— Hummmm... — gemeu sem poder reprimir-se, ante o paladar que era aprazido.

Aidan,

detendo-se

ergueu o olhar para ela, que distraída saboreava o melado como se fosse e para ela era, a melhor comida do mundo. Mordeu de novo e deixou que o doce se espalhasse pelo interior da boca e... Mais um gemidinho.

O Coronel nem se lembrava mais de comer. Estava hipnotizado pelo erotismo que achava em ver a esposa se deleitando com...

Melaço! Olhos cemi cerrados, ele sorria malicioso. Ela inocente não percebia. Degustava lentamente a substância acre com estalinhos da língua, puro prazer. Mas quando o melado começou a escorrer pelos cantos da boca, tocando-lhe o queixo grácil ele não pôde mais se contentar em apenas olhar.

Levantou de sua cadeira, e tranquilo, mas com algo de estranho no semblante como notou Arielle, que já o fitava curiosa, foi até ela.

Afastando-lhe a mão que levava mais uma porção à boca aproximouse sem pressa e, cerrando os olhos, lambeu o melaço de cana que escorria-lhe pelo queixo. Parou e, muito lascivo, olhou para ela.

Estupefata

ela também

olhava

para

ele.

Via

aqueles

olhos,

emoldurados por longos cílios e pelas negras e espessas sobrancelhas.

Aqueles olhos de seu marido queimaram-na de modo a nem mesmo lembrar-se de respirar. Então ele tocou-lhe os lábios com a língua acariciando-lhe o

colo.

Ajoelhado,

beijou-a

possessivo,

profundamente, até restar somente o doce natural de sua boca. E ela respondeu ardente.

Brincaram juntos até que ele tomou-a nos braços e a levou até a esteira ali tão perto. Antes de deitá-la, puxou-lhe num ímpeto ligeiro o cadarço do corpete, desnudando-a. O doce marrom escorria-lhe suave pela pele, formando um contraste exacerbado. Depois de contemplá-la por um pouco, ruborizando-a, ele a recostou nas almofadas. O penteado que, por conta do vento da viagem de barco, há tempo já estava arruinado, criando um efeito muito sensual, foi desfeito por completo. Para Aidan, Arielle não parecia ter o olhar tímido naquele momento, mas sabia por que suas faces estavam encarnadas, em brasas. Quis torturá-la. Já não faria diferença o que seria escandaloso ou não.

Não queria mais amar só no escuro. Estava claro que um homem como ele não poderia amar sua esposa somente como um cavalheiro. Precisava tê-la

obedecendo a seus apelos de macho irascível que era. Ficou contemplando a substância que era como um mel, escorrendo-lhe vagorosamente pelo corpo.

Aquele contemplar de uns olhos tão verdes e intensos podia enlouquecê-la de embaraço e... vontade.

Arielle, não suportando, fechou os olhos. Pensou que talvez se desfizesse de tanto prazer.

— Olha... Olha para o teu marido!

— Aidan?

— Como preciso de ti... — ele sussurrou contra a pele macia e açucarada. — Te quero sempre e de todas as formas. Se não te envergonhares disso, não precisarei de mais ninguém.

E aquela diversão de ambos durou algum tempo. Entregouse também a ela como jamais em sua vida. Ela, que teve todo o corpo amado, escandalosamente explorado, entregou cada fibra do seu. Aos poucos, foi entregando-se ao prazer que aquele homem, somente aquele podia lhe dar. Aidan fez amor com sua esposa. Só podia ser isso, pensou ele mais tarde. Por que afinal há pouco que a tinha, daquele modo, tão

para

si, e

apagara

completamente de seus

pensamentos o mundo lá fora. O passado...

Uma hora depois quando, entre risinhos, eles ainda se amavam, ouviu o ruído dos dois escravos que deviam estar chegando com os baús.

Vestiu-se depressa e, depois de beijar a esposa docemente, antes que

eles se aproximassem demais da cabana, já saiu a esperá-los na varanda.

Enquanto isso Arielle, pondo-se de pé, procurava se recompor.

“Impossível”. — Pensou. Precisava de um banho urgente. Apreciou muito suas coisas terem chegado, já que o vestido que usava estava arrasado. Estava todo lambuzado, afinal. Olhando para ele sorriu tão feliz. Nem por um segundo sequer, nos anos que passara no colégio, sonhara que quando voltasse para seu marido, pudessem ser tão ditosos seus dias. Porque só previra angústias se ele a fazia tão feliz? Achava, é claro, um tanto escandaloso o modo como fizeram amor. Tanto da primeira vez, como fora há alguns momentos. Mas se era tão bom, jamais reclamaria. Jamais diria uma palavra a Aidan sobre seus fugazes pensamentos sobre o que achava decoroso e apropriado. Sabia, há algum tempo, que nem todos os casais eram secos e mecânicos na hora da intimidade. Deduzia que, somente os muitos chatos, usavam um lençol como o que Saquina lhe preparara para sua noite de núpcias. Pensava no quanto eles, seus melhores amigos, se amavam. Mariana e Eduardo. Amantes da abolição, da república, de ideais sobre igualdade e liberdade. Amantes um do outro com a mesma paixão de seus sonhos. Incosequentes e terrivelmente jovens.

Via nos olhos da amiga um brilho especial, diferente, sempre que se viam prestes a irem para lá, furtivamente, à noite as reuniões secretas d’*O Bafo*. Ou no meio da tarde. Sempre fora muito fácil enganar a Viscondessa. Sorria saudosa.

Quando voltassem ao Rio de Janeiro, ou a Vale Campina faria um convite à amiga. Claro que ela ficaria encantada. Seu pai não a impediria de visitar a Baronesa de Vale Campina, já que seu prestígio era muito para ser esnobado.

— Em que estás pensando, princesa?

Aidan perguntou-lhe, de repente. Nem notara que ele já havia entrado.

— Ah, nada. Recordações felizes... — dizia, a voz maviosa.

Nesse momento, em que Arielle organizava as almofadas na esteira, ela

nem notou que, ao dizer o que disse, o semblante de Aidan se fechou. Foi como se uma nuvem muito escura, intrusa, viesse ameaçar um límpido céu estival. Como o que se tinha do lado de fora, neste momento.

— Acho que precisaremos de um banho — disse ainda, Arielle, com a voz mais macia. — Veja meu cabelo — mostrou charmosa, uma das mechas endurecida pelo açúcar do melaço. E o resto da vasta cabeleira estava impregnada também com o suor de ambos.

Ele fitou-lhe ali de joelhos sobre a esteira, as curvas do corpo desnudo rebrilhadas pela luz do sol que se insinuava pelas frestas das taquaras, o rosto corado da atividade tão recente. Sentiu que seu coração estava a ponto de explodir e... Esqueceu seus receios.

— Claro. Apanharei para ti uma camisola nos baús e iremos até o riacho.

Capítulo V

NAQUELE MESMO dia, em São José de Anchieta, a irmã do Coronel se achava só com os filhos. Seu Tenente, óbvio, passava as festas de fim de ano com a família, no Rio de Janeiro. Ainda que com a companhia dos filhos, Flor sentia uma profunda solidão em tais ocasiões.

Passava muito da hora do almoço e todos seus filhos, com exceção de Chiquinha, estavam adormecidos. A menina, com suas pequeninas mãos morenas ia trançando a palha de modo a

confeccionar um círculo que seria o fundo de um balaio. De quando em quando afastava a longa cabeleira encaracolada e macia que lhe caía no rosto ingênuo. Ao lado da pequena, Flor, com um tear manual, tecia uns cueiros para o bebê.

Muito antes, João Assis trazia todas essas coisas da Corte e de suas andanças. Contudo, o pai dele andava desconfiado que o único filho homem mantivesse uma família clandestina e lhe diminuía a mesada.

O velho era dono de centenas de vidas. Seu negócio, oficialmente, era uma rede de confeitarias, muito apreciada e bem frequentada na Corte. Mas, à margem dos olhos da lei, ele mantinha atividades escusas. Escravos ao ganho, “escravas” ao ganho.

Sonhando com a alforria homens e mulheres serviam ao muquirana.

João lhe contara... Flor sentiu uma pontada no peito. Sabia ser impossível, mas temia com uma dor, uma repulsa lancinante um dia confrontar o sogro. Temia inconsciente, que como forma de vingança ao filho “ingrato” o homem a entregasse para ser também uma escrava ao ganho...

prostituir-se... servir com o corpo... para enriquecer a desumanidade que a ganância cria.

João lhe contara em certa madrugada, a voz embargada, seu “passe” à idade adulta. Seu ritual de passagem... Sua perda de virgindade.

Tinha ela, a mocinha que o iniciara, quinze anos, os olhos mais brilhantes que já vira, o cabelo mais sedoso que já tocara. Estava deitada em sua cama, tremendo hirta, soluçando com os olhos secos.

Murmurava ela, baixinho, palavras ininteligíveis.

Com um empurrão sutil o pai dele o fizera entrar no quarto.

— É chegada a hora, de meu único filho varão, sentar com o pai para fumar.

E João se precipitara para a filha da cozinheira. Não quisera. No temor de seus dezessete anos, dissera baixinho à mocinha que eles ficariam ali, esperando passar o tempo em que se presumissem algo ter se consumado. Ela era sua companheira de brinquedos, afinal!

Cresceram juntos a trepar nas árvores do imenso quintal, a pregar peças nos fregueses do pai, a roubar pitangas e amoras no sobradão mal-

assombrado do Velho Gutemberg. Mas quem levava as surras...

era sempre Honorina.

Talvez o velho Assis tivesse permanecido à porta para esperar os ruídos. Porque, de repente, depois de um longo silêncio, a porta se abriu brusca e ele vociferara ao filho que se apressasse em sua “tarefa”, que seria adequadamente comprovada e averiguada.

Haveriam de conferir a virgindade de Honorina!

Ela esticara os bracinhos para ele em um convite mudo e as lágrimas manavam no silêncio de seu rosto e, tendo se despido, o futuro tenente, se tornou homem.

Tornouse?

Não viu Honorina novamente. No mês seguinte, fora outra vez enviado ao colégio militar. Anos depois, de volta à casa paterna, reencontrara Honorina. Que júbilo momentâneo quando lhe divisara a silhueta caminhar pela Rua da Direita. Gritara-lhe saudoso, ignorando a opinião alheia.

Quando ela se voltara para ele, acreditava mesmo ter pulado em sobressalto ao que vira. Todo o viço e sonho dos ora cândidos olhinhos escuros de Honorina estavam apagados, seu semblante fantasmagórico e decaído e as roupas rotas. Marcas de judiação por toda a pele.

Lembrandose de sua promessa de alforriá-la, um dia, ele ouvia dizer: — É muito tarde, Sinhozinho Assizinho... Já comprei minha alforria. A preço de sangue.

Ele imaginara que o pai, depois daquele rápido interlúdio, entregara-a para a prostituição. E nada fizera em relação a isso! O que poderia ter feito? Seu pai era dono dela! Com todo o poder concedido sobre aquela vida. Afóra, ele se entregara aos regalos da juventude do filho de um homem rico, da fortuna que possui um mancebo na flor dos anos...

Flor!

O Tenente, distante dela, também divagava.

A paixão, o amor que nutria por essa mulher era sua única, última

chance de redenção. Faltava a coragem. Onde estava a coragem que o incitara na guerra para lhe incitar, agora, contra o pai?

Contra a família, os amigos, a sociedade, a Corte? Contra tudo?

Contra todos? Contra a própria covardia?

Olhando pela vidraça, naquele mesmo instante em que distante dali Flor refletia seus receios, João ignorava os convidados de seus pais. Estava na grande sala do sobrado do velho Assis. Cada célula de seu corpo, cada traço energético gritando, clamando pela família, por sua verdadeira família... Pelos sorrisos despreocupados das crianças, a voz linda de Flor entoando canções em uma língua estranha... Que nostalgia! Queria ficar perto deles, eram eles parte de si. Sim, sua família! Única e verdadeira! Acomodada tão distante dali... Era uma dor tão grande cada vez que os tinha de deixar e voltar para o Rio de Janeiro onde sempre sentia não ser seu lar. Não sem sua mulher e seus filhos.

E, agora, seu pai exigia que ele assumisse parte dos negócios. O

velho andava cansado. Queria gastar seus últimos anos divertindo-se com os amigos em partidas de gamão ou com suas amantes, entediadas também de seus maridos, interessadas nas esmeraldas que lhes dava.

Uma faísca... uma faísca... Tudo que precisava para explodir!

Como ansiava explodir!

O entardecer explodia no horizonte numa profusão multicolor. O

oceano era um grande espelho para este magnífico e corriqueiro acontecimento natural. O morrer do dia. O nascer da noite.

Caminhavam abraçados pela praia, por baixo de um longo caminho de

palmeiras. Aidan tinha o olhar perdido na paisagem, parecia preocupado. E Arielle... Tinha somente olhos para ele. Fitava-o de través, seu rosto recostado no peito rijo, contemplando-lhe a face banhada pelo laranja do poente. “O que o deixa assim tão distante?”

— Indagavase ela.

O riacho não era grande. Mas sua água era a mais pura e cristalina que Arielle já vira. Seu entorno era todo de pedras, tão lisas quanto escorregadias. Aidan a advertiu quanto a isso. Era cercado de muitas palmeiras e, além, uma mata densa.

— Podem esconder olhos curiosos — avisou ele preocupado. — Vigiarei daqui de cima enquanto você se banha.

Então ela, pisando pedra por pedra, entrou na água. Soltou um grito baixinho, quando o choque com a água fria contrastou com sua pele tépida. A profundidade alcançava-lhe a altura dos seios. Cada fibra de seu ser parecia mais viva nos últimos dias. Afundou para molhar os cabelos por longos momentos. Mergulhou cativada com os cardumes de minúsculos peixinhos de água doce. Quando emergiu foi jogando os cabelos para trás. Então se assustou ao deparar com Aidan, a milímetros de espaço de seu corpo.

— Tu sabes nadar? — ele inquiriu-lhe.

— Ora, sim! Por quê?

— Tua demora a submergires... Afligi-me.

Ele olhou para baixo. Arielle tinha o rosto voltado para cima, o encarando. Seus grandes olhos límpidos, emoldurados pelos longos cílios úmidos eram tão sinceros. Uma sinceridade que Aidan nunca conhecera. Os lábios, que estavam ainda mais vermelhos e um pouco inchados de tanto terem sido beijados, por toda aquela tarde, tinham gotículas de água, as quais Aidan não hesitou nem por um segundo beber.

Trocavam beijos e carícias, nunca cansados um do outro.

Até que Aidan

olhou para ela profundamente.

Seus olhos

obscurecidos a fitavam intensamente perigosos. Toda sua expressão era uma linha dura. E ela não sonhava o que lhe ia ao espírito.

— Que foi, meu esposo?

— Arielle, eu... — mas a frase morreu na garganta.

— Eu...?

— Eu... — os lábios dele tremeram num balbucio embaraçado.

— Tu o quê, Coronel?

— Amo-te — declarou liberando um suspiro contido.

— Mas,...

Ele a ignorou.

— Eu não te mereço. Mas mesmo assim te fiz minha... — Então ele a abraçou apoiando-lhe a cabeça no próprio peito. Sua garganta estava sufocada de comoção.

— Aidan, eu...

— Shhh... Não precisas dizer que me amas também. Eu não acreditaria. Como eu poderia se nunca te dei arbítrio? Se desde o início te obriguei a me aceitar? Apenas continue a ser o que tem sido desde que aportamos em Recife.

— Na verdade o que ia dizer era outra coisa. Sei sobre tua mãe.

Sobre a bigamia. Sobre tudo. D. Heloíse me contou. — Então ele a fitou indecifrável. — Não me importo. Desde que tu desfaças tudo quando regressarmos.

— Mas é o que farei. O que achavas?

— Eu sei, eu sei... Mas onde quero chegar...

— Diga logo!

Arielle o

estudou.

Achou que ele estava

controlando um nervosismo que com custo continha.

— Para que eu continue a teu lado...

Aidan tinha até a respiração suspensa. Riu por dentro. Ela imporá condição?

— Deve abdicar de Campina dos Lobos — completou Arielle decidida.

O semblante dele endureceu.

— Que audácia tens, pequena atrevida! Sinto muito. Isso não é possível. Não tens noção, não é? O tempo que foi preciso para... Não, tu não tens! Por que desde que Carneiro deixou sua administração que tu não colocas mais os pés lá. Quando retornares para a nossa casa, sei que mudarás de idéia. A vida lá, desde então, é outra. É de conhecimento em toda a província o que fiz por aquela região em tão pouco tempo.

“Ele acha cinco anos pouco. Por que não foi ele quem ficou recluso sob os auspícios da Viscondessa de Corusca, mofoando pelos corredores do colégio, buscando um sentido para não enlouquecer”.

— Pensou Arielle, com revolta e desgosto.

E Campina dos Lobos, também, sempre lhe fizera infeliz.

— Quando chegarmos, tu me darás razão — começou a falar, demonstrando toda a sua personalidade imperativa. Pensando nas centenas de vidas que dependiam dele. — Viveste lá desde bebê, não?

Poderás fazer juízo então. Terás como comparar. E antes de tudo, tu não podes ousar dizer novamente que há condição para permanecer ao meu lado — avisou-a erguendo o sobrolho. — És minha esposa!

E agora que te fiz minha mulher, é o teu dever continuar ao meu lado. Sendo minha companheira... Sem imposição, sem condição.

Ela suspirou amuada olhando para o lado.

Arielle sabia que nunca poderia rivalizar com Aidan em argumentação, ele era mestre nisso. Por isso nada disse mais. Seria inútil. Apenas fez um gesto resignado com a cabeça, mas sua mente fervilhava.

— Tenho de proteger-te, pequena. — A abraçou. — Só tens a mim...

E eu a ti. Não imaginas que perigos nos rondam... — Então a liberou. Sentia-a relutante contra si, como se estivessem repelindo-se. Tendo ela terminado de se banhar, puseram-se a caminho de volta da cabana. A lua nascia e a praia se azulava gradativamente.

Aidan, distraído, sentia prazer com o contato da areia ainda quente contra as plantas de seus pés.

— Se sou tua mulher é porque me seduziste! — Arielle sibilou entre dentes, de súbito.

Pego de surpresa com a acusação retardatária, Aidan parou de pronto e a fitou. Ela permaneceu encarando-o, sem receio algum.

Então ele pensou que a intimidade que se desenvolveu entre eles nos últimos dias auxiliou que Arielle ficasse mais a vontade para mostrar nuances desconhecidas de sua personalidade. E ao que parecia, ela gostava de dizer o que pensava, mesmo que tentasse o contrário, não podia se conter. É claro que ela vinha guardando aquela exclamação desde o confronto no riacho, ponderou.

— Tu permitiste — argumentou segurando-a gentilmente pelos ombros. — Jamais, *jamaïs* eu forçaria uma mulher — asseverou entre bravo e esclarecedor.

Então ela baixou o olhar e, antes que ele visse a represa que se formava dentro dela, disse baixinho:

— Sim.

Aidan a abraçou e, levantando-lhe o queixo, perguntou em um sussurro:

— E não foi maravilhoso?

Ela fez que sim com a cabeça, ainda sem o fitar.

Quem poderia resistir aos daquele homem? Bastava ele lhe lançar aquele olhar só dele e ela sucumbia, se entregava inteira. Maldição!

Ainda mais ela, por ele fascinada desde o primeiro momento. Era uma atração irrefreável.

Pouco mais tarde, dormiam exaustos do longo dia que tiveram.

Aidan esticara os pesados acolchoados no andar de cima. E neles, Arielle esticara os macios lençóis de linho egípcio que Heloíse enviara de presente. Prepararam, os dois juntos, o ninho aconchegante no qual, na passagem de ano, Arielle conceberia o filho de ambos.

Era véspera de ano-novo na casa grande do criador de gado Mariano Estácio de Faria. Naquelas paragens nos confins afastados da civilização paulista, essa época reservava muito trabalho para o pessoal que habitava a senzala da descomunal fazenda São Geraldo.

O banquete para quase cem pessoas começava a ser preparado com quatro dias de antecedência.

Só a família do patriarca daquela terra contava para mais de cinquenta. Dezesete filhos do primeiro casamento; onze do segundo.

Somam-se aí noras, genros, netos e os afins que são os sogros, os cunhados e as cunhadas dos filhos.

E Mariana, a caçula dos vinte oito filhos aproveitava o movimento de tanta gente para fugir à conversa com seu idoso pai.

Mas sabia que não demoraria muito até que ele a deixasse sem opção de fuga.

Mesmo com seus setenta e sete anos, era ainda um homem forte, e ativo. Mas acima de tudo, lúcido. Sua feição era carismática, e apesar de os cabelos serem brancos como uma nuvem preguiçosa, suas sobranceiras eram negras qual café. Contudo, a pele trigueira tinha muitas crestas de sol, principalmente no nariz anguloso. E sua personalidade, ah! Essa era cem vezes mais forte e determinada que seus traços.

Era hoje que decerto chegaria à fazenda para a festa de ano-bom, seu noivo. Herdeiro do Visconde de Macaíra, Otacílio Maria de Ribeira

Filho vivia em uma província ao sul do país. Nunca o tinha visto. E em quatro dias estariam casados.

Mariana afundou o rosto entre as mãos e chorou. No pé da imagem fazia uma prece que ninguém que por ali passasse poderia decifrar, tão embargada era sua voz e ininteligíveis suas palavras.

Esperava um milagre. Implorava por um milagre.

— Sinhá! Sinhazinha... Sinhô Mariano quer te ver. Eu rogo... ou ele vai me castigar — Maria Teresa, a mucama da segunda e preferida esposa de Mariano Estácio, não tinha mais como implorar que a filha fosse ao encontro do pai.

—

Vá

arrumar algo para fazer,

Teresa —

ordenou

a voz

autoritária da senhora da casa que dali se aproximava.

— Sim, Sinhá — obedeceu a escrava, se retirando dali.

Enrica, uma mulher de aparência forte, contudo amável, se aproximou da única filha e lhe falou, procurando um tom afetuoso:

— Deves ir ao encontro de teu pai, Aninha. — Ela a chamava assim desde bebê. Aninha, surgira do diminutivo de Marianinha. Fora um bebê tão miudinho que quase não vingara.

— Mamãe... Precisamos conversar, já não tenho em quem confiar, com quem falar.

— Sabes que podes confiar em tua mãe para o que for, não sabes?

Aninha, conta-me o que te aflige. Um dia já passei pelo que sofres agora. Mas pelo menos teu noivo é jovem. O meu tinha mais de trinta a mais que eu.

Mariana sabia. A mãe já lhe contara sua história. As duas possuíam uma amizade rara entre mães e suas filhas. Para os padrões da época... Quando Mariano Estácio perdera a esposa por conta de uma febre desconhecida passou a procurar outra que pôr no lugar dela. Sua casa afinal tinha muito serviço para uma mulher.

O fazendeiro, à época do segundo casamento, tinha ainda filhos pequenos que não podiam ser educados por escravas. Tinha também muitas datas comemorativas para que fossem organizados almoços e outros banquetes. E precisava das prendas cotidianas; bordados, costuras e essas coisas que não parecia, mas faziam muita falta.

Também, ele sempre recebeu muita gente importante que vinha de longe. E foi em certa ocasião que, em uma festa em uma fazenda vizinha, viu Enrica embalando o bebê da irmã. A então menina oculta a um nicho lhe pareceu tão faceira quanto prendada. Tinha somente quinze anos. No tempo suficiente para correr os proclamas estavam casados.

— Vamos ao meu quarto, mamãe. Tem algo que preciso te confiar. Ou morrerei com este segredo.

Sussurrou à mãe baixinho todo seu dilema. E ao final, Enrica só reforçou a certeza que já tinha antes de o marido mandá-la para o colégio na Corte. Algo de terrível iria acontecer. Sempre fora contra o internato, mas Mariano insistira. A única filha dos dois deveria receber uma educação esmerada se pretendessem que ela cassasse bem.

Pensando nisso exclamou disfarçando o atordoamento:

— Que terrível, minha filha!

— Não, mamãe. Não é terrível. Seria maravilhoso se eu pudesse me casar com Eduardo. Ele é de boa família, tenha certeza. Mas como se ele não sabe? E não há meio de eu falar com ele. E ainda...

Esse herdeiro do inferno que chega hoje!

— Não fale assim, Aninha! Ele é teu futuro marido. Sabias que eras noiva dele, e ainda assim te entregaste a outro? Como pudeste?

Que terrível pecado — sinal da cruz.

— Mamãe, eu amo Eduardo! Amo — argumentava emocionada, quase dramática.

— E ele te ama?

— Sim. Ele me disse. Centenas de vezes... Queria vir à fazenda falar com papai, mas eu o dissuadi. Queria eu falar com ele primeiro.

Jamais imaginei que meu casamento seria assim tão às pressas. Já enviei uma carta a ele. Mas... — ela convulsionou-se uma vez mais em choro. — Quem sabe quanto tempo levará para que chegue as suas mãos. Se não se perder. Até lá...

Enrica se levantou. O que ia fazer sangraria o próprio coração.

Mas faria pelo bem da filha.

— Mariana — começou com a voz firme, o semblante muito sério, — deves com toda a certeza, te casares agora com Otacílio de Ribeira. Deves engravidar nas núpcias. Entendido?

— Mas, mamãe... — tentou protestar, mas a mãe a interrompeu:

— O que queres, Mariana? Seres renegada por teu pai, teres a reputação manchada, viver uma vida desgraçada? Pior: queres ver teu pai, ou teu amado Eduardo envolvidos em um duelo?

Ela sabia que quando a mãe a chamava pelo nome de batismo realmente falava a sério. Trejeitos maternos. Eduardo num duelo...

não suportaria viver para presenciar tal horror.

— Está certo, minha mãe. Diga a meu pai que me casarei. Mas não me peça para ir falar com ele. Não quero deixar meu quarto até a hora do casamento. Não quero — gritou afundando o rosto no travesseiro, amuando-se ainda mais.

Sua

personalidade sempre

fora

romântica

e

inclinada

à

dramaticidade, embora agora seu choro fosse sincero.

— Sabe que isso não será possível, não é minha filha? Teu noivo chega hoje e deve estar ansioso para ver-te. E hoje será noite de anobom. Teu pai jamais permitiria que te trancasses aqui. Sabes que ele gosta da família reunida.

Mariana abriu um de seus baús e de dentro, tirou outro, muito menor. Tirando uma chave do seio farto o abriu e de lá, de dentre muitas cartas, pinçou com os dedos uma aleatoriamente.

Ao abri-la suspirou ciente de qual era. Uma lágrima lhe escapou aos olhos e aproximouse da janela para lê-la sob a luz da tarde.

Rio de Janeiro — RJ

12 de Março de 1875

Sra. D. Mariana

Pelas mãos de meu companheiro te faço chegar estas impressões.

Tenhas a benevolência de não considerar o amadorismo deste trovador, alucinado na audácia de fazer essas palavras chegarem aos olhinhos mais lindos que já viu. Intitulo minha modesta inspiração com a mais doce palavra que estes ouvidos já tiveram a fortuna de escutar:

Mariana.

Mariana se te recordo é já saudoso Nessa saudade em que eu penso?

Em teu nome qu' é a mais bela poesia Tão doce, e como a dona tão
airoso Lirismo que jamais poderei compor

É um sussurro tão macio!

Qual agradável o sopro De suaves, amenas virações.

Vi-te ontem

Punhas-te belamente acanhada No teu nicho, sozinha e retirada

Tamanho resguardo só me acendera E tu, sequer me acenara

Sorri-te

Tua face celestial... se avermelhou!

Então não sabe a fada trigueira, Se coras assim me cativo ainda mais?

Mariana,

Enlouqueço por teus olhinhos Faceiros, escuros e negros

Alegres quais passarinhos

Donos se fizeram de meu coração.

Teu pescoço delgado

Que segredo casto me contou!

Sei que nesses lábios tímidos Mariana,

Nenhuma boca jamais tocou.

Oh, estive em busca de sono No leito estirado

Sem paz das idéias

Era o meu pensamento,

Teimoso, travesso

Evocava-te, incontrolado Mariana

Era a imagem serena e bela Do teu tronco gracioso

Das espáduas lisas tão singelas Dos lábios fârtos de tentação Do teu

moreno colo suntuoso Onde bate teu virgem coração Como, Mariana,

Como? Livrar o poeta enamorado Destas visões castas que me enlaça

Dos anéis de teus cabelos
Desprendendo-se em poucos fios Envolvendo-te toda em graça Em
coroa de pureza
Sob o lunar que te branqueia Que o corpo todo te abraça?

Mariana,
O que me resta, aí...
É o longo aguardo
Por reunir-me a ti!
Ouvir-te a voz maviosa, Que anseio mais desejado!

E a pretexto de demover Desse teu lindo rosto d'anjo Um enxerido
cisco
Eu lhe aspiraria o perfume Enxugaria em meu lenço Uma lágrima tua
de timidez Levaria-o sempre comigo Qual breviário solene,
Relicário de insensatez!

Mariana,
Fazei-me contente
Não te mostreis assim tão insensível, Aceitas o pedido deste carente
Impetuoso e tão pouco irascível Que anseia só, outra vez, tão crente A
singular ventura de te amar.

Espero ansioso, angustiado a resposta para esta ousadia. Seja ela para
minha boa ou má sorte. Mas que ela, encarecidamente rogo, venha.

Do já teu,

Eduardo.

Mariana beijou delicadamente a caligrafia amada, dobrou a poesia e
estreitou-a de encontro ao coração.

Sofreu com a saudade lancinante que lhe transpassava o peito. Tocou
os lábios com as pontas dos dedos e rememorou cada toque que eles

receberam de seu amado. Em sua mente se desenhou a face adorada do estudante pelo qual, desde o primeiro mirar se enamorara. Aqueles cabelos dele de um negro de céu noturno, de um brilho acentuado sob a luz, os olhos expressivos — duas esferas pretas qual carvão, a pele lívida e muito suave, os lábios fartos, sempre tépidos, as ventas afiladas tão curiosas, as expressões tão ternas e apaixonadas. A lembrança fugiu do rosto e a imagem esguia do corpo amado lhe fez pensar, nos compartilhados momentos de intenso amor. Levou a mão ao ventre onde sabia que levava o fruto daquela paixão proibida.

E mais lágrimas foram vertidas de seus olhos melancólicos.

D.

Enrica

de

Faria,

contristada,

deixou

de

observar

a

introspecção de sua filhinha tão querida rumo ao passado, algum momento decerto muito feliz e saiu aflita do quarto de Mariana.

Como sofria ao ver o quanto a filha estava amargando sua sina. Mas sabia que o tempo iria curar sua dor e talvez ela pudesse vir a amar o marido como ela aprendera a amar Mariano.

Mariana por sua vez, dava razão à mãe, ainda que lhe sangrasse o coraçãozinho juvenil. Não podia imaginar seu Eduardo metido em um duelo; não suportaria vê-lo perecer por sua causa. E tinha absoluta certeza, conhecendo o pai que possuía, que seria isso que aconteceria, caso Mariano de Faria tomasse conhecimento que sua filha caçula, sua menina dos olhos, entregara-se a um estudante de medicina. Entregara-se estando prometida a outro. Pior, viera a amar um abolicionista defensor e ferrenho desta causa. Um rapaz que tinha aversão às violências e a única arma que conhecia e fazia dela uso e seu poder — a pena.

Mariano ainda que amasse sua família com todo o ardor quanto era possível, era severo. Não demonstrava esse amor em forma de carinhos, mas o fazia provendo esta extensa família. E era escravocrata. Agia como um escravocrata de sua época. Amaldiçoara a lei do ventre-livre, imprecava palavrões aos abolicionistas. Fora sua criação que o fizera assim, talvez sua falta de estudo, talvez certo egoísmo despercebido que lhe desenhava a personalidade.

Mariana não imaginava, não queria imaginar seu pai e seu amado em um encontro, em um colóquio. Eduardo nada sabia de bois, Mariano nada queria saber de justiça aos olhos da imparcialidade.

Mariano era roceiro, amante da terra, e de assuntos de bois. Defensor da monarquia e aí do que mal dissesse D. Pedro na sua presença. Seu Eduardo... Urbano cosmopolita, filho de um banqueiro, poeta e quem sabe benção, quem sabe sua maldição; abolicionista republicano.

Arielle saiu pela porta e

atravessou, correndo, a praia que

separava a cabana do mar, seus braços, abertos ao vento. Usava apenas anáguas e um corpete de busto baixo. Tinha os ombros desnudos e os cabelos soltos, revoltos pelo sopro da maresia que vinha ao seu encontro. A tarde indolente ia se extinguindo pouco a pouco.

Antes que chegasse onde morriam as vagas espumosas, Arielle deitou-se esparramando seu corpo esguio na praia. Levantou as saias até a coxa, para sentir o contato da areia quente contra a pele, e relaxou. Ficou olhando para o céu, entrecortado de gaivotas escandalosas, enquanto de modo distraído remexia a areia com os dedos.

Aidan saíra para pescar em algum ponto distante da praia e voltaria ao anoitecer. Seria esta noite a ceia de ano-novo deles. Alguns nativos lhes trouxeram algumas iguarias locais e um tanto de frutas diferentes. “Bebida de aquecer o sangue e abrir as madres”.. — Dissera Aroá, uma índia formosa, ao lhe entregar uma botija pesada.

Arielle não tinha o que fazer enquanto esperava, mas para ela isso era perfeito. Os dias atarefados no colégio iam cada vez mais se desvanecendo em um passado brumoso e perdido. Os dias passados em Ilha da Jangada fluíam despreocupados e acordara tão absorta que o marido tivera de lembrá-la que aquele era o último dia do ano. Há muito tempo não vivia no ócio. Talvez nunca tivesse estado inativa.

Suzanne a quisera prender para conseguir um bom casamento, visto que não possuía dote. E no colégio seu tempo era totalmente preenchido e... Ah, decidiu esquecer-se de vez suas aflições passadas e apenas rememorar os momentos perfeitos que vinha vivendo ao lado de seu marido.

O sol era àquela hora uma bola de fogo laranja que descia rumo à linha do horizonte. Ela nem se dera conta que nesses dias de vida caíçara adquirira um bronzeado dourado. Seus olhos grandes e verdes que então se destacavam se fecharam. Respirou prazenteira a maresia e sentiu um infinito langor com o calor do sol que vinha lhe atingir de cheio o colo e o topo de seios. Espreguiçou-se qual gata manhosa naquela areia cálida que a arranhava deliciosamente. O som ritmado das ondas agitadas rebentando contra a areia e as pedras, não muito distantes, começava a hipnotizá-la. Não adormeceu, nem tampouco acordada estava. Entrou em um estado de torpor modorrento.

Sonhos estranhos anuviavam sua mente. Surgiam e evanesciam as imagens das vezes que fizera amor com Aidan.

Levou a mão ao seio antecipando sensações.

De repente, transpassou-lhe a mente a imagem de Aidan, no dia em que ali chegaram. O modo com que tocara seu rosto... seu pescoço... O modo com que amou e deleitou-se com ela, cheio de criatividade. Ela estava completamente vulnerável, alheia a outra presença oculta não muito longe dali. Era observada no seu perceptível desatino lembranças

daquela

contemplaram de pronto o sem fim do céu manchado de infinitas cores que compunham o poente do último dia do ano de 1875. Do laranja ao vermelho intenso, dos rajados verdes à cor prata foi inesperado ver, de repente, uma trovoada riscar o horizonte longínquo.

Ainda que muito longe, o barulho da trovoada era intenso.

Arielle, receosa, tremeu em um arrepio de surpresa. Sempre tivera medo de tempestades. Mas parece que agora tinha companhia para acalmá-la nessas ocasiões. Já não mais se sentia só. Levantouse e, inocente que alguém a espreitara, correu para dentro do sobradinho de palha.

Dez minutos depois, Aidan chegava. E já estava praticamente escuro. Adentrando o lar provisório, Arielle o escutou transmitir com sua voz áspera e como sempre controlada, ordens quanto ao “banquete” de ano-novo:

— Trouxe nossa ceia, pequena. Acenderei o fogo e, enquanto tu o preparas para nós, irei ao riacho tomar banho. Estou cheirando a peixe! — torceu o belo nariz afilado. — Quero que comecemos o novo ano limpos — então volveu o rosto para ela, devastando-a com seu sorriso. Arielle admitiu que talvez estivesse apaixonada como jamais estaria em toda sua vida, mesmo que vivesse por mais de mil anos. Se a tivesse visto há pouco... Pensou que não poderia mais olhar para ele

tamanho seria seu embaraço.

— ...então? Porque estás rubra, de súbito, pequena?

— Hum? — ela murmurou recobrando-se.

Ele sorriu outra vez. Que deleite era sabê-la lhe desejando.

— Onde deixaste o sabonete?

Tendo buscado, ela lho entregou. E, assim que ele saiu, Arielle se pondo a descascar umas batatas, refletia: se a vida deles fosse para sempre aquela ilha...

de lembranças de fogo. A sorrir

com as

ocasião.

Abriu

devagar

os

olhos

que

Já bem mais tarde, não tinham certeza se era ano-velho ou se já alvorecia o ano de 1876. Só tinham consciência do sabor de vinho que degustavam na boca um do outro entre risos descontraídos.

Estavam sóbrios e tinham acabado de deitar. Com a chuva batendo forte no telhado, Aidan agradecia não haver nem uma goteira ali. O

som das trovoadas ribombava pelo espaço e eles se embriagavam um do outro. Em uma fantasia insana, Arielle imaginou o mar inundando a praia e os afogando enquanto eles dormiam, tão caudalosa era a borrasca.

Porém esqueceu seu receio no momento em que um abraço intenso a envolveu na escuridão, fazendo-a recostar-se contra um tórax desnudo,

de pelos macios e um aroma perfumado de sabonete e masculinidade. Lábios afogueados e succulentamente impregnados de vinho encostaram-se aos seus exigindo amor.

Durante o beijo intenso, sentiu a camisola ser erguida, enquanto também a mão grande lhe deslizava deliciosamente por uma coxa. Somente esperou; a respiração em suspenso. Segurou com suas duas mãozinhas o rosto áspero de barba. Muito tempo depois, um tempo percorrido na certeza do

homem apaixonado de que ele enfim a tinha completamente para si, sujeita aos seus próprios ardores e misturada em si mesmo — eram um só fisicamente, ele estava deitado ao seu lado, o rosto descansando sobre ela, buscando se recobrar.

— Aidan...

— Hum? — respondeu carinhoso, deslizando a mão pelos suores do rosto dela, em uma carícia terna.

— Que... que horas são?

Relutante em levantar o descanso da fronte do corpo amado ele esticou o braço e apanhou o relógio de corrente que se achava por perto do lampião a óleo que estava apagado. Acendeu um fósforo e em seguida olhou para ela e disse sorrindo:

— Meia noite e sete minutos. Já é o novo ano.

— Aidan, eu te amo — o sorriso dela se tornou enigmático. — Pensei que nesse ano talvez tu acreditasses em mim... Já que o que é passado ficou para traz. E... — seu lábio inferior tremeu. — E temo que a confissão desse amor me torne dependente demais de ti.

Se extinguido a chama minguada ele pensou que jamais se esqueceria da intensidade daquele olhar com que ela declarara seu amor sob a parca luz de um fósforo.

— Mulher, mulher da minha vida — disse ele puxando-a para si, aninhando-a em um abraço possessivo e abrasador. — Não ligo nem um pouco para este teu temor. Porque em tua dependência só te darei ventura. — Então declarou em um sussurro áspero: — Sou todo teu,

meu corpo é teu, para fazer com ele o que lhe aprouver, para te dar todo o deleite que desejares; meu viver é teu... Para te amar além dos limites da razão. E tu és o que de mais intenso, mais... Importante eu hoje possuo em minha vida.

E diante do que ele disse, uma lágrima escorreu dos olhos de Arielle Moissonner.

Era a derradeira noite em Ilha da Jangada. Na manhã seguinte, voltariam à casa de Heloíse. E, de lá, num vapor, para Campina dos Lobos.

Romântico Interlúdio



I
MARIANA SEGUIA apática, rumo a sua nova vida. Ao lado, a Bá na qual nos peitos generosos ela mamara em pequena. Iam sentadas

dentro da carruagem. Acabavam de deixar a capela de cerimônias da fazenda de seu pai e, diretamente dali, seguia rumo de sua nova vida, no sul do país.

Tomada de uma angústia ardente, a moça gemeu e a sua, agora, mucama lhe puxou para si, fazendo-a deitar em seu colo. Mariana não pensava e quase não reparou na profunda dor encerrada nos olhos de sua mãe quando a viu partir. Mariana, amparada por Maria Teresa, chorou longa e copiosamente, querendo esquecer que já era uma mulher casada. Casada?! Não com o homem da sua vida? A mão quente da ama seca a afagava. A mulher estava contristada em ver a pobre menina nesse estado. Era, afinal, sua mãe-de-leite.

— Não chore, Marianinha — Maria Teresa falou, aflita, para a agora Viscondessa de Macaíra.

— Ora, e como não, Teresa? Eduardo... — soluçou. — Dudu...

jamais o verei outra vez.

— Vassuncê não sabe, Iaiá. Nenhuma pessoa suspeita o que o destino lhe guarda.

Mariana virou-se de lado e afundou o nariz obstruído contra o ventre macio.

— Jamais me esquecerei dele, Bá — murmurou abafado. — Jamais! Posso viver sem meu coração? Posso?

— Amor de verdade, quando se planta no peito, jamais pode ser arrancado, anjo.

Ela ouviu um berro de comando do lado de fora. Era o timbre grosso de seu marido. Tão diferente do tom amoroso do estudante que, alheio no Rio de Janeiro, não imaginava nesse primeiro de janeiro, o que a amada fazia. O que ele estaria fazendo?

Mariana estava revoltada. Não queria olhar para seu pai nunca mais! Como ele pudera? Entregar sua filha mais querida, junto de um vultoso dote, a um desconhecido, só porque ele era um Visconde!

Que tirania!

Não adiantara a correria que fizera, pouco antes da cerimônia.

Debalde fora bradar para o boiadeiro que amava outro. Só piorara tudo. Vira uma ira ardentia surgir naqueles olhos austeros e... Afinal, agora estava, contra sua vontade, casada! Saudades descomunais de Eduardo...

E a

consciência da impossibilidade de estarem juntos lhe ferindo como um rasgo impiedoso em suas carnes. Mas a dor era no espírito, na alma... As lembranças a lhe affigir, dia e noite, era o vislumbre de seu futuro. Então Mariana deixou mergulhar-se nas lembranças — seu único alimento nos últimos dias.

Junto de Arielle, ela fora pela primeira vez a uma reunião secreta de jovens abolicionistas e entusiastas da causa republicana. A jovem Baronesa foi a amizade única, instantânea, sincera que fizera ao chegar ao colégio que o pai a internara.

Ficara assustada quando a jovem audaciosa de cabelos dourados, em um voto de extrema confiança lhe revelara seus segredos mais íntimos. Suas crenças perigosas que se levantavam contra o Império.

Naquela

sua

primeira vez entre

eles,

o

grupo

secreto

abolicionista e republicano, ficara ela muito assombrada com as acaloradas palavras de certo mancebo de frágil aparência, mas de ideais de uma paixão quase violenta. Ele discursava para os presentes que o

assistiam quietos, famintos daquele discurso.

— Como ele se chama? — murmurara à amiga.

— Eduardo. É estudante de medicina — respondera Arielle num cochicho.

O salão estava na penumbra e, o quadril apoiado em um piano, Eduardo discorria sobre moral, direito e igualdade. As duas dúzias de presentes o assistiam atentos, admirados, por tanta eloquência. Ora ou vez, ouvia-se um brado de contentamento com uma ou outra afirmação do estudante.

Então ao término de suas explanações, o rapaz se vira rodeado pelos outros jovens afoitos que o queriam interrogar, parabenizar, contradizer. Mariana sentara-se a um nicho sob uma janela, envolto em cortinas e, furtiva, quedara-se a observá-lo. Fingia que lia um número do Bafo da Abolição, contudo estudava minuciosamente a silhueta alta de Eduardo, seus gestos precisos tão naturais, seu timbre sereno de falar. Falava poeticamente, com tanto idealismo, que ela chegara por ele a suspirar!

Então... Ele rira de alguma coisa que alguém lhe dissera. Pendera, alegre, a cabeça e quando a voltara para a posição normal, o olhar que passara indiferente pelo recinto batera nos dela. O riso dele, fenecendo, estacara em uma expressão de singela malícia. Pega em surpresa ela ruborizara e baixara, tímida, o olhar. Seu coração batera tão alucinado que lhe parecia a ponto de enfartar. Quando erguera outra vez o olhar, o vira cochichar algo no ouvido de outro moço — Leopoldo — que, sorrindo, fizera um sinal à Arielle. Esta deixara uns papéis que examinava sobre uma mesinha e aproximara-se dos dois.

Sorrira e se voltara para a amiga, movendo os lábios perto do ouvido de Eduardo.

Na noite seguinte, lhe fora entregue a missiva que ele lhe escrevera. A primeira das dezenas de poesias que dedicaria a ela.

Intitulava-se Mariana.

Depois, dizia que até conhecê-la, seus versos eram altruístas, em amor

da pátria e dos irmãos. Mas desde que colocara os olhos escuros em sua figura doce e casta, tornara-se um egoísta, que só conseguia versar em homenagem à diva de sua inspiração.

Três vezes por semana lhe enviava as palavras apaixonadas, meladas, melancolicamente adoradas. “Se hoje minha vista não te espia, ainda que longe, meu peito se infla, meu coração incha, e minha vida expira”. Então, a pretexto de ir à Matriz ela saía à rua e, aflita, com seus olhos o buscava. Então o via... Ocluso por de trás de uma árvore, passando de charrete, mandando-lhe um poema por um moleque de recados, enviando-lhe tentações de guloseimas, sentandose do outro lado da igreja e fitando-a com brasa.

E, ainda, os cortejos galantes que ele lhe fazia nas reuniões de cúpula do Bafo.

Houvera um sarau em Laranjeiras... Na residência da princesa; Izabel e seu conde d’Eu. E ele, um d’Anjo Maia também comparecera. O pai escravocrata não fazia conta da vida clandestina do único filho. Perante a elite, Eduardo transparecia ser o que se desejava que o filho de um banqueiro fosse. Interessado em faustosas quantias, frívolo e Bon vivant.

Olharam-se a noite toda. Ele lhe marcara o cartão de danças tantas vezes quanto possível, que não lhe comprometesse a honra.

Que alegria, que arrebatamento ser conduzida por ele em uma valsa, em uma polca! Ela saía à sacada para se refrescar, depois de tanta emoção. Estava vazia. Um vento morno, comum em maio naquela cidade, lhe vinha acariciar as faces sorridentes.

— A fortuna de meu pai em troco de revelares teu derradeiro pensamento — uma voz terna e divertida dissera perto de seu ouvido. Arrepiada, ela se voltara para o lado, mantendo ainda os braços apoiados graciosamente sobre a balaustrada. Não ficara ela surpresa por ele tê-la seguido.

— Julgas que meus cismares valem tão pouco? — ela rira divertida e ele a acompanhara com uma gargalhada deleitada.

Fitaram as estrelas cintilarem no marinho misterioso do firmamento.

Parecia uma noite de contos de fadas.

— Tens que idade? — ele inquirira.

— Dezoito. Não investigaste isto também?

Ele sorria-lhe abertamente, os olhos negros cintilados pela luz dos lampiões.

— Esta curiosidade eu só tive agora. És só um ano mais moça que eu

— observara puxando um canto dos lábios num sorriso leve.

— Tão jovem! Mas também não aparentas mais... É como fãlas que...

— Deixemos “a causa” para outras horas — ele interrompera-a aproximando-se mais. Apoiara-se com os braços também sobre o mármore. — Falemos de nós, que juntos somos tão mais interessantes, não?

— Interessantes como?

— Então não adivinhas? Depois de tanto papel que enchi com meus mais sinceros e pulcros sentimentos? Com meus mais ternos “ais”?

— Que sentimentos? — ela se fazia de desentendida.

Ele achegara os lábios em uma das orelhas pequeninas e cochichara:

— Não te faças de inocente, conhece-os melhor que eu. Se quiseses ver-me declamar para ti... basta ordenar e... eu te obedecerei.

Ela corara, mas não deixara a oportunidade passar:

— O Senhor o fãria? — indagara ansiosa.

— Se a Senhora quiser, D. Mariana.

— Para ti não sou senhora, sou tua Mariana, não te lembras?

Surpreendido, ele sorria encantado.

— Minha Mariana, ainda assim és a minha senhora, aquela a quem nasci para servir... Nasci para amar e me doar... A quem quero para o meu leito de vida e... de morte e, se acaso me permitir a sorte...

Os olhos dela brilharam. Ele estava compondo para ela! Naquele momento! Sorrindo meio com ar de bobo, o que ela estava apreciando. Sentia o aroma do perfume almiscarado e com um leve aroma de Manilha brotarem dele e vir lhe aguçar o olfato. Ouvia as palavras pronunciadas com afeto e alento e ia deixando-se envolver pela atmosfera romântica que ele ia criando, como se lhe erguesse a sua volta um palácio encantado, um reino de fadas. E sorriam tanto que

suas faces chegavam a doer e não queriam despertar de tal arrebatamento.

Ele tocara sua mão e ela o deixara segurar. Com suavidade tirá-lhe a luva pálida e beijara, carinhoso, fitando em seus olhos, a pele morena de sua mão trêmula. Que contato úmido e macio daqueles lábios! E a inspiração não morria, ela lhe era uma fonte inesgotável de entusiasmo. Felicidade maior para um poeta, impossível.

Frêmitos desconhecidos lhes tomavam todo o corpo.

Quando as faces estavam próximas a ponto de a um suspiro os lábios se roçarem, em um sussurro, ele proferira o verso final: — ...onde esconde tesouros que hei de pilhar.

Então o estudante, num assomo instintivo, se movera um milímetro e as carnes ansiosas de seus lábios se tocaram. Num assombro apaixonado as bocas se exploravam, as línguas tímidas se empurravam e estalavam e, em dado momento, mesmo os dentes se bateram. Alarmados, ofegantes, deleitados se separaram.

Os olhares

trocaram confissões de um espanto tão doce: era o primeiro beijo de ambos.

Disseram em mesmo tempo:

— Foi o meu primeiro...

— Eu nunca havia...

Sorriram arrebatados. E sedentos voltaram a se beijar. Mas então, além de lhe segurar a mão, enlaçara-lhe a cintura com um braço e, assim, sentiam o palpitar furioso do coração um do outro.

Pouco depois, Arielle surgira ali, preocupada à procura da amiga.

Passava da hora de voltarem para o colégio. As carruagens já esperavam as afortunadas internas, provenientes de ilustres famílias, convidadas para a festividade.

— Meu Deus! Seus dois desvairados... E se é outra pessoa que vos surpreende! — a jovem Baronesa ralhara.

Sorridente, com sensações de flutuação, Mariana se vira puxada pela

amiga. Com a cabeça torcida, fora se despedindo de Eduardo que lhe soprava um beijo seguido de um gesto que marcava um reencontro. E, agora, Mariana lembrou com desgosto, estava tudo perdido no passado do ano mais feliz de sua vida...

II

Eduardo deitou a tinteiro sobre sua mesa de estudos. Depois de reler o que escrevera, sorriu satisfeito e ocultou o “documento” sob o apoio de couro no qual redigia todos seus artigos mordazes — críticas à Pedro II, à monarquia que julgava com dias contados, a sociedade, e às políticas que envolviam e revolviam o seu país naqueles idos. Mais tarde acomodaria seu escrito num envelope e mandaria seu pajem fazer com que fosse enviado à Leopoldo, na Corte.

Recostou-se na cadeira de encosto alto e relaxou as costas contra aquele veludo macio. Veludo macio... Lembrou-se de Mariana, ela lhe lembrava tudo quanto era macio e veludoso. Suspirando buscou olhar para a janela recoberta pelas cortinas vaporosas e cândidas, único detalhe menos masculino em seu quarto. A luz da tarde transpassava as fazendas diáfanas e derramava-se abundante para dentro do dormitório, refulgindo todo o ambiente. Poeta, não deixara de notar aquele esplêndido arrebol.

Do bolso interno da casaca puxou um camafeu de ouro. Abriu e achou, como sempre, o lindo rosto dela entalhado em madrepérola.

Na outra face da joia, uma daguerreotipo dos dois. Mesmo um pouco embaçada, a fotografia lhe alentava um pouco o coração.

Mariana... Suspirou outra vez, o canto dos lábios erguendo-se num risinho saudoso. Quase podia sentir o contato doce dos lábios de mel de sua musa única e para o eterno, insubstituível. Por pensar em musa, contristou-se, quedando-se melancólico ao, depois de aprumar os cabelos negros, apoiar-se com os cotovelos na relicária escrivaninha do século dezanove — fora de seu trisavô.

Musa... Queria escrever, necessitava escrever. Sobre ela, para ela.

Mas, para onde fugira sua inspiração? Ela levava consigo ao partir para

a terra natal em fins de novembro. E prometera escrever uma carta por dia à ela! Sentia uma necessidade pungente de extravasar seus sentimentos por ela. Mas, tudo que escrevia, depois que ela se fora, ficava um tédio.

O estudante de medicina estava com a família em Petrópolis, no palacete de veraneio, o qual passava de geração em geração aos d'Anjo Maia desde os tempos de João VI e sua Carlota Joaquina. O

clima estava fresco para o primeiro dia de um janeiro fluminense.

Contudo, ali era a serra. Serra onde a aristocracia se reunia em várias ocasiões e era o primeiro dia do ano de 1876. Dois únicos desejos inundaram-lhe o peito na hora do brinde do ano-bom: ver os povos africanos libertos e fazer dela sua esposa.

Há mais de um mês não a via, lamentou-se, curvando-se sobre os antebraços, na mesa. Por isso, tinha certeza, há mais de um mês não escrevia nada que prestasse. Ao menos era isso que pensava, ao reler as palavras que tentava sôfrego metrificar. Enchera lixeiras inteiras com seus desvarios saudosos e voluptuosos — todos inspirados nela. Não queria que ela, quando em regresso ao Rio, se assustasse com os delírios que os hormônios podem causar a um mancebo na flor dos anos. Principalmente depois que este esteve no paraíso e de lá foi arrancado com a partida de sua amada.

Queria lhe ofertar versos carinhosos, afetuosos.

Algo que

assentasse à imagem dela... Delicada como a açucena, meiga como o orvalho que se deita sobre os lírios do vale e, apesar de não parecer, forte como as rosas que se resguardam com seus espinhos.

Jogando o torso esguio para o encosto da cadeira outra vez, quase gemeu de angústia. Queria montar Baluarte e sair a todo galope até ir parar na lonjura em que se encerrava, arrebatá-la do pai e trazê-la para si. Mas não era D. Quixote... Baluarte não era Roncinante...

Via-se preso às amarras das convenções sociais. Era filho de um

banqueiro, súdito muito influente da Corte. Prejudicaria Afonso d'Anjo Maia se tomasse atitudes impensadas. Mas por Mariana! Ah, por ela qualquer coisa. Por ela tudo. Por ela renegaria os pais, a fortuna, até mesmo, se ela assim o desejasse, sua causa! Por ela enfrentaria Mariano — o “Boi de Prata”, como era conhecido o pai dela.

Só não o fazia porque ela lhe impedia.

— Dudu, amo-te — dissera ela, murmurosa, depois daquela noite. — Mais que a mim mesma, mais que ao ar que me mantém o fôlego dos pulmões.

— Te amo mais.

— Ora, está aqui — mostrara batendo a mão no peito esquerdo.

— Eu sei!

— Acontece que fãlas da quantidade da ampulheta, eu fãlo da contagem do Saara.

— Ah, deixemos... Amemo-nos. Eu te amo. Mas amo também aos meus pais. Preciso da benção deles...

Num repente, ele tomou a tinteiro na mão e, achando-se empolgado, iniciou uma carta para ela:

1º De Janeiro de 1876, Petrópolis — RJ

Mariana —

Envolve teu

nome em

meus lábios

como na

recordação de um beijo lânguido.

Estive o passar das semanas, aflito, a viver à sombra do recorde de tua imagem de ninfa. Surpreende-me o fato...

Uma careta, seguida de um grunhido. Ato contínuo, bola de papel, cesto de lixo. Levantouse agastado e caminhou até o leito e, recostando-se à cabeceira, cravou o fítar na coluna que sustentava o dossel.

Batidas suaves na imensa porta de madeira maciça, escura e lustrosa. — Eduardo? — era a voz branda de D. Izabel Cristina, sua mãe.

— Filho, estamos todos a tua espera. É a hora do chá! Teus primos e primas requisitam tua presença!

Eduardo tirou a casaca e jogou sobre o leito, caminhou até a porta e, girando a maçaneta, abriu-a. Encostou-se no batente e olhou para o rosto pálido e de tez finíssima da respeitável anfitriã.

— Sinto muito, mamãe. Não descerei esta tarde... Sinto um forte dor de cabeça — mentiu, — talvez o champanhe em excesso de ontem... D. Izabel Cristina analisou a figura do filho. Único e adorado filho. Estava vestido de calças cor chumbo, camisa alvíssima de cambraia sob um colete entreaberto e descalço. Os cabelos estavam em desalinho, estava pálido como nunca e tinha olheiras sob os olhos.

— “Menino que não conhece o sol!” — Praguejou em segredo, amofinada. Sentiu pena e decidiu que ele precisava mesmo descansar.

Contudo, antes de ir-se, inquiriu:

— Tens dormido filho? Ou tens passado as noites em claro, como antigamente?

— Ora, minha mãe. Não te preocupes, hum? Tenho repousado muito bem! — mentiu outra vez, desviando o olhar negro do olhar amendoado da elegante senhora. — Agora, se me der licença... — deitou, respeitosamente, um beijo na testa estreita dela e cerrou a porta.

A mãe dele locomoveu-se contristada pelo corredor, quase flutuando com sua elegância pelo tapete de um tom marinho que corria longamente pelo assoalho polido. Sabia que o filho evitava, ultimamente, a companhia familiar porque temia que Afonso voltasse

outra vez com a história de casá-lo com Amélia, prima em segundo grau do estudante.

O marido queria a fusão de seu banco ao de Evaristo, seu primo, até o final daquele ano que entrava. E como o homem embromasse em finalizar a negociação que vinha se estendendo por anos, Afonso tivera a idéia do casamento. A qual achara estupenda, já que junto à negociata em demasia vantajosa, viria junto um marquesado! Um d'Anjo Maia Marquês? O casal, pais de um filho único, mal podia esperar. Ainda mais os pais de um rapaz que julgavam tão solitário.

Não imaginavam que, na verdade, o filho possuía muitos amigos. Mas não no círculo o qual eles frequentavam.

Eduardo, já outra vez amuado no leito, buscou afugentar os devaneios ruins que lhe atormentavam. Acendeu um charuto Manilha e passou a formar com ele, distraído, círculos de fumaça que se iam perder no alto. Depois, mãos cruzadas sob a nuca, negras pestanas estendidas sobre o rosto, voltou àquele dia longínquo... Setembro do ano agora vencido.

III

Furtivo, ele pulara os altos muros do colégio em que Mariana era interna. Sabia que naquele dia da semana ela praticava atividades ao ar livre, nos jardins suntuosos da Viscondessa de Corusca.

Antes de lhe chamar a atenção, oculto por detrás da treliça coberta de hera, observara-a um pouco ali, sob a luz estridente do sol, entre os infinitos nuances de verdes alastrados pelo derredor, desde o tom mais sisudo ao mais berrante. Que lindo contraste! A pele morena do rosto e das mãozinhas inquietas que jogavam a peteca para as amigas, os lábios abertos em um sorriso largo, os olhos brilhando de excitação e as faces, ai...! Aquelas faces coradas, de um nárar intenso devido ao esforço. Aquele rubor nas bochechas dela, sempre lhe acelerara o coração, fazendo com que batesse enlouquecido dentro do peito. Os cabelos, sob o chapéu elegante, envolvendo em belas cascatas de o busto farto, moviam-se graciosos ao sopro do vento e aos meneios mimosos do talhe feminino.

Não pode mais se conter. Atirara uma pedrinha que traçara, precisa, uma linha em arco até ir cair aos pezinhos sapecas que ele sonhava ao menos ver! Parando de chofre com o pequenino susto, ela perdera o passe da peteca. Abaixara-se trêmula e, tendo juntado a pedrinha, ela buscara ansiosa o “atirador”. Então ele lhe assoviara...

Era essa a senha, o cantar de um bem-te-vi. Sorrindo ainda largo ela batera os olhos castanhos nos dele.

— Dudu... — sussurra feliz.

Disfarçara um pouco, buscara a silhueta sisuda da tutora.

Bordava encurvada numa cadeira de balanço enquanto repetia suas salve-rainhas em latim. Buscando por Arielle, piscara para a amiga que compreendera tudo, na hora, e lhe piscara em retorno.

Pouco depois, escondidos por de trás da mesma treliça coberta pela hera verdejante, eles se cumprimentavam arrulhando.

— Precisava te ver minha moreninha manhosa! — ele justificarse, a voz engolfada de saudade ao tomá-la entre os braços calorosos.

— Como precisas...

— Não passas de um doidivanas, seu aspirante a doutor de meia pataca! — ela o repreendera rindo contra seu ombro. — Ah! Dudu, também quase morro de saudades tuas!

— Meia pataca? — repetira cínico fitando-a de revés. — Bem que gostas quando te ausculto o coração... — baixara a cabeça, encostando o ouvido contra o seio esquerdo de Mariana. O “tumtum” retumbava descontrolado e ele sorria embevecido; ela ficava assim por conta dele!

— Que te meça a pulsação... — deslizara os dedos suaves para o pulso, medira; depois, ousado ele tocara-lhe no pescoço a veia vital. Mariana fremira ante ao contato íntimo das pontas dos dedos sobre sua pele e quedara-se a observar o lábio inferior dele se mover silencioso, enquanto contava a pulsação frenética. Sem resistir vencera o mínimo espaço que separavam as bocas e tomara aqueles lábios inquietos nos seus.

Surpreso por ela tomar a iniciativa, ele correspondera aos beijos de

forma apaixonada. Comprimindo-a contra si, embebedando-se do perfume de alfavema. Deslizara a língua para dentro do interior quente e macio da boca de sua amada. Ainda que assustada com a invasão repentina ela se permitira ser explorada e deleitara-se com o contato íntimo.

Sôfrego, ele apartara-se dela. Meio assustado... Seus hormônios borbulhavam fêrvidos dentro de suas artérias.

— Que foi? Que fiz de errado? — ela ficara ansiosa. — Não te agradaste do meu beijo, Dudu?

—
Ora, e

me agradou

até demais! — ele,

resfôlegando, apressara-se em contradizê-la. — Por isso me soltei de ti... Ou...

—
Ou o quê? — ela inquirira preocupada, sentindo uma formigação até então desconhecida.

Quatro meses de beijos apaixonados!

— Esqueça! — ele estava apavorado; erguendo o sobrolho dissera: — Estava louco de saudades tuas, mas não vim só por isto...

— Para que mais?

— Quero saber se podes ir me encontrar, no mesmo lugar, por volta das quatro — ele declarara inquisitivo, ansioso por um “sim”.

Mariana revirara os olhos e, mordendo um lábio, fingia pensar.

Eduardo sentira se retesar outra vez dentro das calças ao ver aqueles lábios presos entre os dentes dela. Juntara as sobrancelhas negras e espessas em sofrimento. Não queria macular dentro de sua mente a imagem tão casta que detinha dela.

— Sim! — respondera de supetão rindo largo. — A Viscondessa estará fora por toda a tarde. Arielle me poderá cobrir. Se me derem em falta, poderá dizer que fui rezar em companhia de minha mucama...

— Querendo fazer suspense, hein? — o estudante, comprimindo os olhos, maroto, apertara o nariz dela entre dois dedos. Depois, tendo-lhe estalado um beijo em uma das faces, sumira-se entre a vegetação, até que ela escutara um baque, do outro lado do muro.

Mais tarde, um véu negro lhe encobrendo os olhos, Mariana esperava seu amado. Estava sentada num dos últimos bancos da grandiosa Igreja. No mesmo banco, e exato lugar que um dia Heloíse e Aidan também se sentaram para esperar. Mas, Mariana não

suspeitava disso.

Se bem que não mentira ao dizer que saía para rezar. Estava orando e chorava baixinho, enxugando o rosto quando em quando com um lenço pálido. Antes de deixar o colégio, recebera uma carta dos pais; dizia que ela ficaria somente até o final daquele ano no internato. Logo ela, que fora tão contra ser mandada para ali, para longe de casa, da mãe... Logo ela, agora, sofria aterradoramente com a idéia de se ver longe da amiga que se tornara como uma verdadeira irmã e, pior, longe de Eduardo. Isso porque a carta dizia que seu pai entregara-a em noivado a um sujeito da província de Santa Catarina, algum Visconde de meia idade! Perdendo o controle, começou a chorar alto, fungando fundo, transfigurando as lindas expressões do rosto jovem, rezando queixumes ininteligíveis...

— Não deixai... Vier a sofrer... Perdê-lo... oh Senhor... — continuava a implorar por um milagre.

Então, sentira uma mão morna lhe tocar o pescoço e ouvira uma voz serena e encantadora lhe indagar:

— Que foi, meu anjo? Porque tu choras? Foi o modo que te beijei há pouco?

Ela levantara-se e atirara-se nos braços de Eduardo, e contra o pescoço quente declarava as misérias que a carta trazia. Mas ele não podia entender nada. Mariana, dramática que era, estava em total descontrole.

Um coroinha da Igreja passara por eles e indagara:

— Algo de errado com a senhorinha? Está passando mal? É

preciso que eu chame alguém?

—

Não te preocupe. Já ia levá-la para casa — Eduardo,

pigarreando, dissera ao garoto.

Então, o jovem estudante, conduziu-a para fora da Igreja, afagando-a, acalmando-a. Maria Teresa, a mucama, os seguia.

— Te colocarei numa carruagem de aluguel que te levará até minha hospedaria. — Parados à beira da sarjeta, ele a segurava pelos ombros e, aflito, a assistia fugar. — Acalma-te, isto... Acalma-te — acariciava o rosto lavado dela. — O que quer que tenha havido, resolveremos. — Então a ajudara a subir na carruagem. — Irei noutra carruagem para que não fique mal. Teresa, cuide bem dela — ordenara com expressão muito séria para a mulata.

Eduardo revirou-se na cama. A tarde se esvaía e a luminosidade do quarto era uma sombra penumbrosa. Um vento frio entrava pela grandiosa janela. Mas ele não tinha ânimo de levantar-se para fechá-la, muito menos, para cobrir-se com a colcha. Ah, sim. As fagueiras memórias. Aquela tarde. Ah! Aquela tarde que mudaria a vida de ambos para sempre.

Chegando à hospedaria ele, despedindo uma relutante Teresa, inventando qualquer tarefa que ela pudesse empenhar, levara Mariana até seu quarto. Lá a fizera sentarse numa dormideira e engolira em seco ao ver o colo dela palpitando frenético de nervosismo. Afinal estavam sozinhos, no quarto dele.

— Queres tu me contar o que foi que houve? — pedira paciente.

— Nunca te vi assim...

Ela séria, levantara os olhos vermelhos para ele. Só para então explodira outra vez num choro convulsivamente infantil.

Atarantado, sem saber bem o que fazer, que atitude tomar, ele sentara-se ao seu lado e passara a acariciá-la contra o peito.

— Ai, minha princesinha. Não tem como eu saber o que houve, se tu choras assim... Não vais me contar? Diga... Eu te injurieei? Meu beijo...?

Então, ela puxara do bolso da saia, um envelope com lacre vermelho partido. Entregara-lhe e o vira, afoito, puxar de dentro a carta, a qual começara imediatamente a ler. Pouco a pouco ela acalmava-se, passando a apenas fungar. Conforme ia correndo os olhos pelas linhas, o semblante do estudante ia transtornando-se.

Indo da expressão ansiosa ao choque, até parar no horror; nisso ele se levantara.

— Isso nunca! — Eduardo quase gritara. — Não, não comece a chorar outra vez. Desculpe se te assustei — ele pedira com suavidade indo ajoelhar-se junto dela. — Nunca permitirei, Mariana. Nunca!

Ouçá... Tsc... Não... — enxugava as lágrimas dela com as palmas da mão. — Não percebes que é inútil tanto pranto? Não acontecerá nada disso. É comigo que te vais casar!

— Ah, Dudu... O que estás a dizer? — ela o abraçara pela cabeça, enterrando o rosto dele contra o ventre. — Não te sintas forçado...

— Nunca, meu lírio! — ele erguera a cabeça para fitá-la bem no rosto. — Porque te fui pedir que me encontrasse na Igreja? Veja... — tirara uma caixinha de dentro do bolso. — Era de mamãe. Trouxe de Petrópolis — ele lá estivera naquele último fim de semana. — Trouxe pensando em te dar e... — suas mãos tremiam ao abrir a caixinha e Mariana afogava a comoção com o dorso da mão. — E... e... — um solitário magnífico refulgira. Um anel de rubi.

— E...? — ela, ansiosíssima, o incentivara.

— Queres... — aqueles olhos negros estavam aflitos — tu queres... — seus lábios tremiam ainda mais que as mãos... — ah, Mariana, não

posso. Tu sabes!

— Diga, Dudu — exigira cruzando uma mão na outra. — Te imploro!

Oh, como te imploro! Diga... peça...

Ele olhara outra vez para o solitário. Nunca tivera tanta certeza sobre uma decisão em sua curta existência.

— Ah Mariana, tu queres... ser... a minha... esposa? A minha mulher?

— Se quero?

Ele anuíra tenso e com pressa.

— Queres? Queres te casar comigo?

— É tudo que eu mais sonho desde que tu me beijaste pela primeira vez, Dudu, lá na residência da filha do Imperador!

Ele liberara um longo e ruidoso suspiro que mantinha represado dentro do peito. E, deixando o anel cair no colo dela, entrelaçara seus dedos aos dela e beijara as mãos adoráveis dezenas de vezes.

— Meu marido... Serás o meu marido! — ela sorria batendo palmas.

Como são fugazes os sentimentos dos jovens! A primavera — estação dos risos.

Recobrando-se, ele apanhara o solitário de dentro da caixinha preta e deslizara pelo anular da mão morena que segurava contra sua própria mão lívida.

Então a puxara pela cabeça, segurando-a com ambas as mãos úmidas, e selara aquela promessa com um beijo terno e casto.

Então se levantara.

— Veja... — apanhara a carta que, na hora do desespero, deixara tombar ao chão. — Isto não existe — declarara, com emoção, riscando um fósforo e ateando fogo ao papel. — Jamais permitirei tal infâmia, tal desatino. Ninguém poderá roubar o que é meu e... — embaraçado e levemente corado ele a fitara.

— Sim, Eduardo. Tua! Sou tua, sim! — ela sorria, tendo o rosto ainda encharcado. Tocara o anel no dedo. — Podes dizer.. Gosto que o digas!

— Está bem. Roubar o que é meu, roubar a quem eu mais amo nessa vida e...

— Me amas?

— Como me interrompes! — exclamara agastado. — Então não sabes? Escrevi-te sobre meu amor dezenas de vezes...

— Mas nunca o disseste... — ela sorria sapeca.

Baixinho e de mansinho, ela começara outra vez a verter mais e mais lágrimas. Quem pode suportar tanto drama e rio tão caudaloso de lágrimas?

— Ora, mas o que foi agora? Choras porque nunca te disse?

Perdão, senhora! — ele abandonara o papel a se queimar dentro da bacia e sentara-se a cerca dela. — Amo... ah! Como te amo, minha musa única e insubstituível.

— Não... Não entendes. Se agora choro é de alegria, meu amor. Sorrindo, ele

passara

a

beijá-la sucessivamente nas faces

molhadas.

— Ah sim, ah sim. Então sei te fazer feliz?

— Como ninguém... — respondera esfregando o rosto contra o dele, feito uma gatinha.

Eduardo enlaçara-a pela cintura e, antes que percebesse, sugava as lágrimas que se penduravam ao longo do rosto moreno e venerado.

Quando os estalos e sucções foram migrando para o pescoço, ela passara a arfar e ele não tivera forças para parar. Como poderia? As emoções e hormônios mesclavam-se dentro de seu corpo de um modo irrefreável.

— Então... te quero ver sorrir... — mais beijos — minha flor mais mimosa... — mais sucções estaladas. — Só permito risos... — e outros estalos. — Meu botão mais airoso...

Atrás da orelha, por toda a garganta, pela nuca. Arrepiando-a toda,

fazendo-a tremer e amolecer em seus braços sem forças para impedi-lo de continuar. Depressa e devagar.

A mente dela estivera anestesiada. E tudo ficara mais intenso quando Mariana sentira a boca quente e úmida estalar também em seu colo. O bafo fumegante que ele liberava, variava a pele já crestada do colo, como fossem labaredas de fogo. Olhando para aqueles cabelos negros, ela entranhara-os com seus dedos delicados, acariciando-os com muito afeto e sofreguidão.

Eduardo lhe tomara os pulsos amorosamente e erguera seus olhos negros para ela. Apoiando-se contra ela, torso contra torso, roçara suavemente lábios contra lábios.

— Preciso te soltar. Mas como? Como, Mariana? Temo macular distinção tão santa que tenho em mãos... Mas se sou ferro em brasas, tu és um imã!

Ela sentira que ele vivia um ardor premente e irremovível.

Tentara afastar-se. Mas ele a abraçara, comprimindo-a contra si.

— Não quero que me soltes — bafejara contra os lábios dele. — Claro que não quero — declarara inebriada com o aroma da colônia que começava a misturar-se com o aroma da transpiração dele. O

suor começava a escorrer pela testa do estudante, pela nuca, por dentro da roupa.

Os arpejos ávaros a encherem o ambiente...

— Estamos... — incontrolável lhe tocara com uma mão um seio por cima do espaltilho — à beira de perdermos a cabeça.

Ela afastara aquela mão curiosa dali e a fizera pousar em seu pescoço.

— Eu sei, mas... Apenas me beije. Só me beije, Dudu. Para durante o sono eu pensar nos teus beijos. Sabe... às vezes... chego a senti-los! Teus lábios são feitos de açúcar.

—

Ah, deixa disso!

Eu

sou o teu poeta... — advertira-a

erguendo-se com ela, ao puxá-la pelas costas, fazendo com que fosse se sentar em seu colo.

— Não estou compondo. Estou dizendo o que sinto.

Ele sorria. Fora tão bom saber que longe dele, Mariana ansiava por seus beijos.

— Ah, não consigo... beijar só tua boca. Aqui... e aqui... é tão perfumado! Esta pele... doce, suavíssima como o cetim das rosas! Comprimindo-a contra si, ele não pudera lutar contra o afã de lhe desfazer um laço do corpete. No mesmo instante fitaram-se cáusticos. Sérios. Turbados de comoção.

— Nos... Queremos demais — ele sussurrara espantado.

— Sim... queremos-nos — Mariana concordara chocada, por estar com um seio à mostra.

E mais chocada ainda,

ficara quando vira a

mão dele

vagarosamente ir tocar-lhe o seio, deslizar por ele com delicadeza e curiosidade. Que sensação indescritível o encontro das peles em brasas, causando em

ambos arrepios, fortes

calafrios, frêmitos convulsos...

Deslizando a língua pelos próprios lábios, sedento, Eduardo sentira um anseio terrível de provar aquele biquinho cor de bala queimada com o paladar. Fitara Mariana nos olhos por um segundo, meio preocupado e lentamente aproximara a boca ávida daquele botão delicado.

— Hei de... — ia avisar, mas a voz morreu em sua garganta.

Quando a umidade quente e a aspereza suave da língua de Eduardo

tocaram seu seio, Mariana gemera, cravando os dentes nos próprios lábios. Se ele não a estivesse amparando pelas costas, desfaleceria. Prendendo a carne macia e succulenta entre a língua e o céu da boca ele puxara o outro laço libertando também o outro seio intocado.

— Já sonhei tanto com estes seios virgens, meu amor. Quero estes seios para meu leito de vida, neles também que anseio desfalecer, um dia, em meu último suspiro. Seriam a visão mais bela de alguém que está a expirar...

A resposta fora, unicamente, um espasmo convulso do torso feminino; descontrolo e enlanguescimento de quem ineditamente prova das doçuras lascivas do amor.

Deixando o acanhamento da novidade de lado, ele passara a explorar com a boca toda a fatura que eram as mamas de sua amada.

Pouco a pouco, a fizera deitar-se na dormideira, arrastando-se com ela, entregando-se ao prazer daquelas carícias, daqueles beijos.

Eduardo estivera maravilhado com a beleza dos seios de sua noiva. Palavras não poderiam fazer jus àquele encanto. Jamais poderia compor nada parecido com aquela realidade tenra e pura.

— Te tenho tanta ternura — dissera arrebatado. — Estes teus seios, Mariana...

Estava deslumbrado, poderia se dedicar a eles por toda à tarde, contudo, estava inquieto. Sua boca cobiçava desbravar mais. Ansioso, estalava beijos também na junção dos montes morenos e ia descendo de encontro ao ventre, forçando o vestido e o corpete para baixo.

Estava desesperado por livrá-la de todas aquelas roupas. Mas, temia que ela despertasse do torpor ao qual mergulhara.

Sorrira surpreso. Sorrira como um garotinho, quando ela mesma descera o vestido e soltara as tiras do espartilho.

— Dudu? Fiquemos até aqui... — murmurara entre suspiros entrecortados. — Só até aqui — ela o advertira, incerta. Queria muito sentir o prazer que ele lhe dera nos seios em outros lugares do corpo também, mas apesar da excitação do novo e dos desejos de seu corpo

juvenil ela tinha muito medo.

— Como quiseses, tudo o que quiser! — ele concordara com sua voz de rapaz, mergulhando com os lábios e nariz naquele ventre liso e, para ele, tão cheiroso.

E como aquela pele estava quente. Postando-se de joelhos, ao lado da perna dela que ainda permanecia na dormideira, o estudante enchera-lhe o abdome de beijos. Que doces aromas dela exalavam!

Sugara pequeninos espaços de pele, ao longo do tênue caminho de pelos que ligava o umbigo de Mariana até algum lugar que estava perdido sob o vestido.

— É sempre assim, Dudu? Sempre? — ela inquirira arquejando, agastava-lhe mover-se daquele modo; o que ele poderia pensar dela?

Mas, era algo que não podia controlar.

Eduardo, erguendo um pouco a cabeça, a fitara de través, ruborizando.

— Ora... — engolira o excesso de saliva. — Sabes que tenho nesses casos, a mesma experiência que ti.

Sim ela sabia. Estivera perdida na convulsão das sensações que os lábios e a língua dele causaram ao tocar-lhe o ventre. Não tinha o que dizer. Por isso só sorrira-lhe.

Sentindo-se encorajado com a inocente malícia daquele sorrir, ele segurara com ambas as mãos os volumes de tecido do vestido, corpete e combinação, com o intuito de livrá-la deles. Como se despertasse, aflita ela o empurrara.

— Não... Não! Disse para paramos por aqui — cerrando os olhos ela, ainda recostada, se pusera a erguer as roupas, cobrindo-se.

— Sim. Estás coberta de razão — ele lastimara puxando sôfrego os cabelos para trás. — Somos dois malucos. Bem, eu sou! Eu tenho a obrigação de zelar por tua pureza — fitara-a envergonhado.

— Ora, Dudu. Não diga isto. Tu também nunca... hã... bem, quero dizer...

— Eu sei, eu sei, não precisas arremessar-me isso nos ombros.

Mas não me agradaria deitar-me com qualquer cortesã, que se vende

em troco de uns patações. E... e... até hoje só me interessei por ti, Mariana. Tu que carregas todo esse frescor, essa inocência sem igual, esse amor que me dedicas. Ah, só poderia me interessar por ti! Mariana quase chorara outra vez, com aquelas palavras que ele dissera-lhe. Mas, antes que o convidasse a continuar a tocá-la, como seus palpitaes pediam, tentara levantar-se. Ele correria para ajudá-la e, assim que erguera uma perna, a barra do vestido escorregara deixando-lhe amostra um tornozelo, envolvido pela meia de seda.

— Ah... — o mancebo suspirara, quase gemendo.

Soltando-a, ajoelhara-se e dissera:

— Imploro, deixe que eu veja o teu pezinho. Faço imagens para ele desde que te coloquei os olhos pela primeira vez, Mariana.

Sorrindo enternecida, ela retirara o sapato e erguera o vestido até o meio da canela. Se lhe vira os seios, que mal havia em lhe ver os pés? Eduardo então, trêmulo, tomara o pé dela nas mãos e, primeiro, só o estudara com seus olhos pretos. Depois de olhar, embevecido ao extremo, para o rosto da dona de pé tão delicado, lentamente descera os lábios até altura do tornozelo que pressionava suavemente.

Depositara ali um beijo manso. E depois mais um, e outro mais abaixo, ao lado do pé. Beijara toda extensão. O calcanhar, outra vez o tornozelo... Mariana suspirava e ele beijava o objeto de sua fantasia com devoção. Aqueles lábios inquietos ganharam vida própria e subiam, lentamente, canela acima. Encontrara o joelho e o beijara também, fitando-a preocupado, temendo que o mandasse parar. Quis beijar o lado do joelho, mas não sabia explicar por que...

Preferira morder com delicadeza aquela carne macia que era o lado do joelho de Mariana. Ela rira. Fazia cócegas!

Só queria lhe beijar os pezinhos. Mas, o aroma dela o chamava para si com um efeito hipnótico e irresistível.

Mariana acariciara-lhe os cabelos ordenando-se a impedi-lo. Mas não podia. Queria sempre só mais um pouquinho.

Ele a fitara com um olhar tão diferente daquele amoroso. Tão diverso

daquele sempre afetuoso que lhe lançava. Parecia... parecia pegar fogo? Mariana perguntava-se. Bem, suas faces estavam em chamas, isso era fato.

— Dudu... — ela choramingara.

— O que? O que? — ele inquirira preocupado. Como ela nada dissesse, afirmara: — Não farei nada que não consintas. Só... só quero te ver.

— Mas não tenho forças para fazer-te parar. E tudo isto é tão bom...

Ele avançara para ela e lhe calara a voz com um beijo. Como Mariana era maravilhosa, e meiga. Impossível existir no mundo ser mais perfeito que ela, segundo a opinião do moço.

Aquela incerteza e desejo só a embeleciam ainda mais.

— Só fiquemos abraçados então — lhe dissera contra os lábios.

— Só abraçados.

— Sim. É bom sentir teu peso em cima de mim.

Aquilo que ela dissera só piorara o estado do rapaz.

— Ah... Não faça isto, Mari. Queres me torturar?

— O que fiz? Não sei... Foi sem querer — balbuciara.

Ele, por sua vez, sofria tanto que procurava meios de estar confortável.

— Eu já devia saber! — ela bradara, injuriada, tentando se ajeitar.

— Eu sei bem o que queres... Doutor! Queres te aproveitar de mim.

— Não! Não... Porque eu o faria? Eu te amo, Mariana — ele declarara desesperado. — Não! Não te vás ainda! Deixes-me falar contigo! — ele a alcançara perto da porta.

— Eduardo — ela começara com seriedade, as ventas delicadas em fêmto, — se eu me entregasse a ti, perderias o interesse por mim? O estudante a olhara pasmo e respondera:

— Jamais eu me desinteressarei de ti. Impossível! Mais fácil que o sol se apague! Porque eu te daria este anel? Foi o anel de noivado de minha mãe... Eu não daria a outra que não... a senhora.

— Poderias pedir que eu te devolvesse.

— Nunca! Quero morrer contigo — falara sincero. — Não maltratas a

quem te quer tanto.

Mariana baixara os olhos.

— Tenho tanto medo de te perder, Dudu.

— Isso nunca! Mariana? Olha para mim. Tu nunca irás me perder. Ao final do ano, vou contigo à Fazenda. E falarei com teus pais.

— Preciso ir. Não podemos falar disso agora. Tenho de ir. É

quase noite. Se a Viscondessa descobre! Arielle não pode ocultar minha saída por tantas horas assim.

— Está bem. Acompanho-te — declarara, ainda preocupado, ajudando-a se ajeitar.

Já nos arredores do colégio, eles haviam combinado de se encontrarem depois da próxima reunião dos abolicionistas. Então fariam seus planos para o futuro, que lhes parecia prometer toda a felicidade possível.

A noite já ia alta. Eduardo levantouse no meio da escuridão e acendeu um lampião. Sua mãe lhe mandara uma bandeja com uma refeição aparentemente deliciosa. Contudo, ele não teve interesse.

Sentouse à escrivaninha e, agora sim, tinha inspiração para escrever.

Derramaria seus sentimentos mais fortes em uma carta para Mariana.

IV

Mariana chegou à sua casa.

Era a casa que teria de com boa vontade administrar, enquanto seu marido cuidava dos interesses da estância, e da cidade que a circundava. Sua sogra era uma figura esguia e austera. E quando a fitava

com aqueles negros olhos de cantos caídos, era com

desinteresse. Depois das apresentações formais, a mulher não lhe dirigiu mais a palavra, nem sequer um olhar com aqueles seus olhinhos também miúdos. Uma viúva introvertida que via na nora

alguém a lhe roubar o ofício de Senhora da casa e a autoridade de Viscondessa.

— Sempre te respeitarei com a verdadeira e única Viscondessa, D. Heliódora.

Contudo, a declaração humilde de Mariana pareceu fazer pouco sentido. Para ocupar a mente e não enlouquecer, ela se afincava a aprender tudo quanto fosse para tornar a vida no novo “lar” — se assim o podia chamar — suportável.

Mas as noites, essas primeiras, que terríveis! Sua mente escapavalhe, seu corpo todo palpitava; sua alma longe, longe voava. Dores agudas e nostalgia. Sonhos, pesadelos, receios. Mantinha trancada a porta de seu quarto. Não queria receber Macaíra em seu leito. Tinha pavor, asco, só em imaginar. Poderia trair o juramento que fizera àquele a quem amava e, sabia, sempre amaria?

Ah, o juramento...

Ela desejou, dezenas de vezes, madrugada a fora, a morte para que não houvesse risco de ferir o juramento. Achava que seu desejo seria concedido quando aqueles pesadelos letargos a lhe atormentar: Eduardo lhe vindo buscar, Macaíra sai à porta, o estudante joga a luva no chão. O marido tudo lê nos olhos da esposa e aceita do rival o terrível convite. Então, Mariana não os vê mais. Sua visão a perscrutar, a beira do desespero, a mata densa, onde dentro, há uma clareira.

Um estampido surdo. Seu coraçãozinho frágil, em frangalhos.

Macaíra volta, são e ileso... Ela se joga de joelhos no chão e chora, amarga a perda do amado. Sufocando, sufocando...

Mariana acordou suada, aflita. Levantou o tronco. Estava em um quarto estranho. Não o quarto do colégio onde ele lhe visitava, furtivo nas madrugadas. Ufa! Somente um pesadelo. Viu a maçaneta da porta de comunicação girar e abafou com o dorso da mão um grito. O Visconde desistiu, mais uma noite ele desistiu de consumir o enlace com a filha do Boi de Prata. Quanto tempo ele respeitaria os medos que ele julgava ser de uma donzela tímida?

Memórias... Lentamente, deixou o tronco cair sobre o colchão macio.

A cabeça no travesseiro fofo; deslizou a mão morena até o ventre. Ali estava uma razão para existir. Ele lhe dissera na última vez em que estiveram juntos:

— Um dia teu útero me carregará. Não é um grande mistério?

Carregará a mim e a ti. Que milagre é maior que este? Envolver dentro de ti nossas essências... Ver este fruto santo desabrochar e sabê-lo, tão puro, mas gerado de um momento breve, mas infinito, de intenso, cáustico desvario.

Sim, ela o carregava consigo. Mariana sabia... nada poderia macular aquele amor. Nada os podia separar, nem mesmo a distância, ou a vontade alheia, nem a vida, nem a morte. Porque se entregaram, para o presente e para a eternidade.

Ela se lembrava, como se naquele momento fosse. O amor indelével, a proposta, sua própria aquiescência, o corte, o sangue, o juramento e a certeza da união inextirpável.

Como se lembrava...

Depois de quase se entregar à ele, em certa tarde em que lhe pedira em noivado, lhe dando o anel que, agora, trazia sempre junto ao seio esquerdo, demorara muitos dias até a próxima reunião dos abolicionistas.

Quando chegaram ao salão social da hospedaria onde ele residia, Juanita, Arielle e ela; seus olhos ansiosos o buscaram. Após o que houvera entre eles sentia-se constrangida, insegura em como ele reagiria.

Entretanto, que tola fora! Encontrara os olhos amorosos dele brilhando ainda mais intensos que nunca para ela. Não puderam se falar logo. Ele estava ocupado, julgando panfletos que um amigo de Leopoldo redigira, respondendo às dúvidas de alguns interessados em aderir ao movimento e explicando em cochichos cautelosos as regras de conduta do grupo à próxima manifestação que alguns queriam fazer frente a Faculdade de Direito, em São Paulo.

Eduardo sempre foi totalmente contra a violência, contra manifestações afrontosas, contra deflagração do patrimônio público, contra boicotes.

Acreditava no poder da palavra e da palavra com sabedoria. Que a serenidade, insistência e perseverança eram as mais eficazes armas. Que trabalhar a mente jovem era o maior investimento para o dia de amanhã e que na Educação reside o antídoto para a doença que assola as civilizações — ganância e hipocrisia.

Nem puderam se falar, antes de começar o discurso costumeiro.

Mas, depois, ela saberia que era para ser daquele modo. Se a tarde passada mudara a vida deles; aquela noite lhes mudaria a eternidade. Ele começara falando umas poucas palavras a respeito de um discurso de Voltaire. Parecia nervoso. Alguns fios de cabelo se grudavam à testa por causa do suor. Citara Castro Alves e recitara algumas quadras desse poeta — Espumas Flutuantes. Depois a fitara, diretamente, de um modo desconhecido e enigmático. Mariana jurara que vira um relâmpago transpassar aquele olhar. Os presentes acompanharam o olhar

de seu presumível líder e quedaram-se curiosos, a fitar Mariana. Alvo de tanta atenção, a jovem normalmente tímida, enrubescera violentamente e abriu o leque para disfarçar. Arielle a fitara de soslaio lhe endereçando um risinho lacônico. Então, ele começara a falar e era como se não o ouvisse realmente. Tudo, a partir de então, se desencadeou como num sonho etéreo.

— Meus irmãos, nosso propósito não poderia ser mais nobre. A luta que travamos será lembrada por gerações e gerações por através dos séculos, ainda que não venham a ter conhecimento de nosso nome, precisamente. — Puxara um lenço do bolso e enxugara a testa.

Nunca ficara nervoso ao falar. — Mas é aí que mora o altruísmo. À

essa nossa paixão, à essa nossa sede por justiça e liberdade, mescla-se o amor à poesia, ao lirismo, a tudo quanto toca o espírito. Ora, diferente de outrora — risinho constrangido, — me vejo um pouco apartado do nosso ideal. Por isso vos peço perdão.

Não, não me entendam mal! Eu ainda comungo — sempre o farei —

dos nossos sonhos e ideários quanto à concretização de leis mais justas, organização de um sistema de governo democrático, onde o povo, maior interessado, é aquele quem deverá mandar. E claro, uma pátria livre, em todos os sentidos.

Acontece, meus amigos, vós que sois minha família hão de me entender — outro sorriso constrangido. — Que mesmo um revolucionário há de se apaixonar um dia...

Cochichos e risinhos. E aquele olhar outra vez voltado para Mariana, que sentiu o rosto derreter-se em chamas, tal o embaraço.

Todavia, vê-lo declarar-se em público, era maravilhoso, muito mais que ela podia imaginar em sonhar.

Vós bem que andeis desconfiados, não? — Então

confidenciou coçando a nuca: — Ela, meus irmãos, tem aturado meus rabiscos há meses. Jura que não existe poeta mais talentoso. Mas, convenhamos... Aos olhos de quem ama o que não será belo?

As duas dúzias de jovens, depois de rirem, ovacionaram a declaração de que Eduardo era correspondido. Sem chão, Mariana apenas suspirara.

— Não vos torturarei. Não vos agasteis, amigos... Os versos que pretendo dedicar, à minha única fonte de inspiração desde o início deste ano, não são de minha autoria. — Vaias de decepção. Como queriam conhecer a obra de Eduardo! Se já admiravam tanto seus discursos... — Mas são aqueles que, antes dela eu conhecia, antes dela, me alimentavam os sonhos e me contavam sobre o futuro, antes dela me faziam vislumbrar a perfeição que este ano eu vim a encontrar. Mariana sabia! Eduardo era inseguro quanto às poesias que lhe escrevia. Sempre querendo aperfeiçoá-las, moldá-las. Quando as escrevia,

procurava

lhes

entregar

depressa,

para

não

acabar

estragando-as pelo tanto lapidá-las. Queria que ela soubesse seus sentimentos puros, assim que brotavam de seu âmago.

Por essa insegurança, ele não arriscaria, jamais, declamá-las em público.

Houve um poeta consagrado não somente entre os românticos, como entre o gosto geral do público. Mesmo mais de vinte anos após a morte de Casimiro de Abreu, suas poesias que falam de um amor que cabe a qualquer coração, eram aquelas que falavam também dos sonhos do jovem estudante de medicina e ultrarromântico, Eduardo d'Anjo Maia.

Todos, ansiosos, atentos, esperavam.

— Mariana... Minha... — o lábio tremera — noiva... — olhara amoroso para ela. — Eu ofereço-te, Desejo... — Era o título da poesia, a qual praticamente todos ali conheciam o autor.

Somente o título fez com que a homenageada arrepiasse dos pés à cabeça.

Puxara de dentro da casaca duas folhas de papel, grandes e amareladas e, depois de cravar os olhos negros nela, uma última vez, iniciara o declame em alto e firme tom. Dando ênfase nos versos apropriados, ritmando perfeitamente a musicalidade nata de uma poesia de Casimiro de Abreu e, claro, carregando-a de emoção.

Se eu soubesse que no mundo

Existia um coração,
Que só' por mim palpitasse
De amor em terna expansão;
Do peito calara as mágoas,
Bem feliz eu era então! — Ao fim da primeira estrofe, suspiros gerais.

(...)

Se tivesse a tez morena, — Ele fitara-a sugestivo, rapidamente. A
estrofe era mesmo para ela.
Os olhos com expressão,
Negros, negros, que matassem,
Que morressem de paixão,
Impondo sempre tiranos
Um jugo de sedução; Nessa pausa, Arielle entregara um lenço à amiga
que, com lágrimas mudas, ocultava

as ardências que lhe acometiam suas entranhas.

Se as tranças fossem escuras, — Mariana tocara, enlevada, as tranças
que gostava de usar desde criança. Duas belas tranças que se estiravam
quais mansas serpentes por seu talhe donairoso.

Lá castanhas é que não,
E que caíssem formosas
Ao sopro da viração,
Sobre uns ombros torneados,
Em amável confusão; Se a fronte pura e serena Brilhasse d'inspiração,
Se o tronco fosse flexível Como a rama do chorão, Se tivesse os lábios
rubros, Pé pequeno e linda mão;

(...)

E se o peito lhe ondulasse Em suave ondulação,
Ocultando em brancas vestes Na mais branda comoção Tesouros de

seios virgens, Dois pomos de tentação; E se essa mulher formosa Que me aparece em visão, Possuísse uma alma ardente, Fosse de amor um vulcão; Por ela tudo daria...

— A vida, o céu, a razão!

— Do Sr. Álvares de Azevedo empresto e, Mariana, te apresento, C...

— Mariana soubera, essa poesia, era a confirmação. Ele a queria. Ele a teria, para ele se entregaria.

Oh! não tremas! que este olhar, este abraço te digam quanto é inefável — o de abandono sem receio, os inebriamentos de uma voluptuosidade que deve ser eterna.

GOETHE, Fausto

Sim! coroemos as noites Com as rosas do himeneu...

Entre flores de laranja Serás minha e serei teu!

Sim! quero em leito de flores Tuas mãos dentro das minhas...

Mas os círios dos amores Sejam só as estrelinhas.

Por incenso os teus perfumes,

Suspiros por oração

E por lágrimas... somente

As lágrimas da paixão! — Um arrepio terrível se erguera de sua medula até o alto da coluna. Depois dessa estrofe, tudo que viria, eram promessas para aquela noite.

Dos véus da noiva só tenhas Dos cílios o negro véu...

Basta do colo o cetim

Para as Madonas do céu!

Eu soltarei-te os cabelos...

Quero em teu colo sonhar...

Hei de embalar-te... do leito Seja lâmpada o luar!

Sim!... coroemos as noites Da laranjeira co'a flor...

Adormeçamos num templo — Mas seja o templo do amor.

É doce amar como os anjos Da ventura no himeneu:

Minha noiva, ou minh'amante, Vem dormir no peito meu!

Dá-me um beijo, abre teus olhos Por entre esse úmido véu: Se na terra és minha amante, És a minh'alma no céu!

Eduardo a fitara, outra vez. Aceitara a água que um rapaz lhe estendia e, tendo a sede saciada, reiniciara o declame.

— Para encerrar este sarau poético e esta humilde devoção à Senhora de meu destino, selo minhas confissões d'amor com a razão desta homenagem com Noivado, do

Sr. Casimiro de Abreu...

Ofereço-te, Mariana — disse fitando-a, — meu outro antigo sonho, que agora contigo concretizo.

“Noivado?” — Mariana considerara o título da poesia, sorrindo e tocando o solitário de rubi. Não poderia ser mais apropriado!

Mariana escondera-se outra vez por detrás do leque e, atenta, o escutara. Quisera guardar na alma, aqueles momentos, para todo o sempre.

Filha do céu - oh flor das esperanças, Eu sinto um mundo no bater do peito!

Quando a lua brilhar num céu sem nuvens Desfolha rosas no virgíneo

leito.

Nas horas do silêncio inda és mais bela!

Banhada do luar, num vago anseio, Os negros olhos de volúpia
mortos Por sob a gaze te estremece o seio!

Vem! a noite é linda, o mar é calmo, Dorme a floresta — meu amor
só, vela; Suspira a fonte e minha voz sentida É doce e triste como as
vozes dela.

Qual eco fraco de amorosa queixa Perpassa a brisa na magnólia verde,
E o som magoado do tremer das folhas Longe — bem longe —
devagar se perde.

Que céu tão puro! que silêncio augusto!

Que aromas doces! que natura esta!

Cansada a terra adormeceu sorrindo Bem como a virgem no cair da
sesta!

Vem! tudo é tranqüilo, a terra dorme, Bebe o sereno o lírio do
valado...

— Sozinhos, sobre a relva da campina, Que belo que será nosso
noivado!

Tu dormirás ao som dos meus cantares Oh! filha do sertão! sobre o
meu peito.

O moço triste, o sonhador mancebo Desfolha rosas no teu casto leito.

Ao findar do último declame, depois de algum cochicho e burburinho,
um a um dos presentes fora se retirando. Alguns tocavam o ombro de
Eduardo em camaradagem, outros apenas tinham a decência de se

retirar em silêncio.

Mariana derramava lágrimas caladas da mais pura e sincera comoção. Em toda sua vida, como poderia olvidar essa noite única que apenas estava começando?

Só ficaram, então, os três ali. Arielle não poderia ir embora sem a amiga. Passava da uma da manhã e tinham de voltar, escoltadas pelo estudante, juntas ao colégio.

Recostada,

para

não

desfalecer,

Mariana

ainda

esperava.

Esperava que ele tomasse alguma atitude, mas ele estava estático, somente fitando-a sob a luz mortiça e amarelada dos castiçais.

Começara incerto, com passos hesitantes a caminhar até ela. Ela não poderia ir

ao

seu encontro. Suas pernas tremiam tanto.

Como

caminhar? Que forma de dizer que a amava! Ah, ele bem ameaçara,

quantas vezes? Incontáveis! Ameaçara que bradaria ao mundo seu amor. E o fizera. Quando chegara bem perto dela, erguera um braço para lhe enxugar as lágrimas. Vacilava, temia o que ela tivesse achado.

Sem coragem para lhe tocar o rosto, ele lhe segurara uma mão e olhara amoroso para o seu rosto, esperando qualquer reação. Os olhos da amada estavam vermelhos e ele, depois do longo e angustiado silêncio, perguntara simplesmente: — Queres subir comigo? Volveu um único e breve fitar a ele e engoliu com dificuldade.

— Não core assim... Apenas responde: se sim ou se não!

Mariana buscara a figura da amiga. Arielle fingia que lia alguma coisa, lá longe, do outro lado do salão. Sem voz para responder, aceitara

com

uma

anuência

muda,

o

convite,

seguindo-o.

Atravessaram o vestibulo e, tendo ele enlaçado-a pela cintura, juntos galgaram as escadas. Cada degrau, para ela, uma batida insana do coração. Atravessaram a antessala, na qual em pouco Arielle viria a subir para esperar a amiga, e, tendo ele destrancado a porta, entraram.

Depois de acender um lampião, ele achegara-se dela, que

recostada à porta o fitava. Apoiara as mãos em cada lado dela, contra a porta e dissera: — Meu amor, não há o que temer. Arielle me contou o que tens passado. Vou contigo, ao fim do ano, para a fazenda de teu pai em São Paulo.

— Dudu, eu...

— Shhh... — calara-lhe a voz com o indicador. Lentamente chegara os lábios aos dela, contra aos quais, cerrando os olhos, sussurrara: — Agora não... Agora somente nós.

Então o primeiro beijo da noite acontecera calmo, para logo tornar-se profundo e saboroso. Descera as mãos da porta para rodeá-la num abraço e encostara o corpo ao dela.

— Tantos dias, distante... Quase morri.

— Eu também... Tenho sonhado contigo — Mariana confessara.

— Que tipos de sonhos?

Ela ruborizara.

— Já sei, relacionados àquela tarde, não?

Ela anuíra com um risinho enquanto ele encostava a testa à dela.

— Eu também, eu também. Tu me queres, não é?

— E ainda tens dúvida?

— Nenhuma — ele sorria deslizando suavemente o torso dos dedos contra o palpitar do colo pulsante de sua amada.

— Meu amor...

— Hum?

—

Depois desta noite, tu sabes... Não terá mais volta.

Haveremos de nos pertencer para todo o sempre. Tens de ter certeza, muita certeza.

— Já nos pertencemos. Achas que eu poderia ser de outro, Eduardo? Achas?

Ele fitara-a perigosamente.

— Se isso acontecesse, eu não suportaria.

— Já disseste... Sou tua.

— Sim. E quero ser teu.

De mãos dadas, eles achegaram-se do leito. Eduardo sentara-se a tendo em pé entre seus joelhos. Estremecendo aquém de seu controle, puxara-lhe o cordão do vestido. Mariana volvera-se e ele soltara cada um dos ganchos que a mantinham trajada. Quando a curva suave das costas se revelara ele suspirara bafejando quente naquela pele. Encostara os lábios no centro da espinha, à altura da medula. Ali, um beijo manso e cálido. E outro acima, e outro, e outro até que tivera de se levantar e, entrelaçando com afã as mãos trêmulas nas dela, beijar-lhe a nuca.

— Ah... — Mariana gemera ao contato da boca quente se fechando em seu pescoço.

Aqueles estalos que ela tinha adorado, a lhe excitar. As mãos suaves dele, logo, a lhe deslizar pelos ombros até derrubar o vestido que, pesado, caíra ao chão. Tornara-a para ele e a fitara nos olhos escorregando ambas as mãos pela curva da cintura e ela achara que tinha de fazer algo também. Incerta puxara-lhe a gravata, tentando desatar o nó.

— Eu faço isso — ele se apressara.

Livrara-se rapidamente não só da gravata, como da casaca e do colete mantendo deliberadamente somente a camisa alva e folgada. E

lhe fizera um gesto com o rosto, que afirmava que era dela a chance de lhe despir. Botão por botão, toda em frêmitos, consciente das mãos carinhosas dele tocando seus seios, ela vira o torso firme de Eduardo pela primeira vez. Tímida ela lhe beijara a linha dos ombros, inebriada com o perfume que manava da pele macia, depois o peito largo e liso. Fora por ele puxada para cama. Abraçados naquele contato ardente se beijavam com infinito carinho. Eduardo queria mostrar quão intenso era seu amor por ela. Como a amava! Queria beijar-lhe toda, demonstrando todo seu afeto. Os braços, os cabelos... Ah! Os cabelos. Infinito carinho! Meio aflito procurava os grampos que os prendiam.

Mariana, sentandose, o livrara da aflição soltando cada madeixa e desfazendo as tranças, liberando, livres, seus cabelos que balançaram esplêndidos e longuíssimos para ele. Soltos... — como sempre sonhara.

Eduardo quisera dizer algo, mas num balbucio débil, se vira sem palavras. Logo ele, rico de vocabulário e sinônimos. Embasbacado com tanta beleza e graça diante de si.

— Como és formosa... és... perfeita, Mariana. Assim embebida pelo lume do lampião,... Ora! Esqueça!

Aquele risinho tímido com que ela respondia o deixara à beira da loucura. Qualquer coisa que ela fazia o deixava assim.

— Queres que eu apague o lampião? — indagara olhando para a calçola dela.

— Não! Não é preciso. Se não, como me lembrarei depois?
O mancebo

sorrira satisfeito e beijara uma das

bochechas

coradas da amada. Levara-a com ele para baixo do lençol alvo.

— Não te quero envergonhar.

Mariana quase gargalhara.

— Mais que já estou?

Sorrindo largo, ele a beijara ternamente nos lábios. Poderia morrer de tão feliz. Começava a temer tanta perfeição. Como se a qualquer instante algo os pudessem interromper.

— Quando estiver pronta...

— Não sei quando é...

Ele a estreitou com afeição de nunca mais separar-se dessa existência quente, cheia de curvas e fêrturas, perfumosa e meiga.

Quando ela voltara, outra vez, o olhar para o dele, Eduardo vira as chamas que se acendiam dentro dos olhinhos castanho-escuros.

Então, revelara baixinho, boca contra boca:

— Estou pronto, Mariana...

— Eu também, Dudu...

Mariana não suportava o peso daquele olhar, sabendo o que estavam fazendo, por isso voltara a cabeça para o lado.

— Não! — segurara-a com ambas as mãos pelos lados da cabeça, os dedos enterrados nos cachos pretos dela. — Nos olhemos, meu amor... Para que fiquemos ligados.

— Não consigo.

Juntando as sobrancelhas, ele pediu:

— Tente...

— Ai, Eduardo... Está me pondo a sofrer... — ela lastimara e ele ardera com aquele beicinho.

— Acalma-te. Vai passar, sei que vai.

E o tempo se arrasta na tarefa nunca antes por nenhum deles intentada.

— Não... não chore, por favor! — ele pedira sorvendo as lágrimas que lhe escapavam pelo canto dos olhos. — Eu não queria te machucar, eu juro.

— Eu sei, eu sei. Não te preocupe. Mas ainda assim dói, não posso controlar. Penso que deve ser assim.

Eduardo sorria e encostara a testa a dela.

Tão unidos. Desejoso já das próximas vezes em que esperava que ela também sentisse o prazer exorbitante que estava sentindo tomando-lhe conta do corpo, atingindo cada terminação nervosa e fibra que o compunha, fazendo pulsar cada veia cheia de sangue de seu corpo.

Mariana, envolvida naqueles braços ternos, o olhava... O rosto dele estava inteiro vermelho, mechas dos cabelos negros colavam-se à testa, as pupilas dilatadas, os lábios rosados e úmidos arfantes e entreabertos. Apertando com os dedos os ombros de Mariana, sôfrego, com o esforço, olhando dentro dos olhos da princesa com que tanto sonhara. Da donzela que acabava de transformar em uma mulher e que, mesmo passiva, acabava de fazer dele um homem, um homem que agora sorria um riso estranho, ao fazer isso.

Eduardo soubera, diferente dela, que tudo havia terminado. E, por isso,

sentia cada vez mais que ela fazia mais parte de si.
Fitara-a um pouco, preso pelo magnetismo das íris que o hipnotizavam até que, exausto, tombara em cima dela, repousando o rosto entre os cabelos que rescendiam doces aromas — alfavema e amor. Usara os lábios para brincar com sua orelha enquanto esperavam até que os corpos parassem de tremer e as pulsações se estabilisassem. — Amo-te tanto, Mariana — ele declarara erguendo a cabeça para vê-la. — Agora sim, acredito que somos um do outro.
Ela, cansada, concordara com um rosar manhoso.
Havia uma sensação de que nunca mais poderiam separar-se.

Faltavam quem sabe uma ou quem sabe duas horas para o alvorecer e Mariana passara toda madrugada revivendo aquela noite adorável, noite definitivamente inesquecível. Desejando um modo de voltar para os quentes braços de seu amado.

E a comunhão desse casal era tão grande, que há centenas, e centenas, e centenas de quilômetros, Eduardo também, insone, perguntava-se se ela pensava nele.

Ele também se lembrava, naquele momento, daquela noite, em que se entregaram um ao outro. E das outras vezes em que se entregaram. De como por noites e noites, tendo ela lhe deixado a janela aberta, em seu quarto, se exploraram. Por tardes e tardes, no quarto dele descobriram as delícias que puderam proporcionar um ao outro. Aprendendo juntos, como gostavam de serem tocados...

Durante todos aqueles meses, desfalecendo de tanto amar e germinando a semente desse amor.

E, na solidão da vastidão escura e fria de seu quarto, ignorante dos fatos, Eduardo indagavase, com sofrimento, se ela voltaria para ele.

Capítulo VI

SEM ENTENDER por que, Arielle achou que navegar de volta para casa durava muito menos do que a viagem de ida, até Recife. Em pouco, chegariam ao Rio de Janeiro. Ainda que tivesse deixado parte de seu coração em Pernambuco, ela não poderia estar mais feliz.

Fitava o horizonte, perdida no mistério que envolve o confronto — ou comunhão — do mar com o céu.

Parecia-lhe, agora, que cinco anos de mágoas, solidão e rigor poderiam ser perdoados.

Em sua concepção, a

evolução dos sentimentos que nutrira inconscientemente pelo marido, durante todo o tempo que passara no colégio, não poderia em nada se comparar com o tamanho da afeição que alcançara em apenas um mês. O que uma relação carnal, dotada da química perfeita não pode fazer! Na verdade, tinha o coração inundado de amor por ele. E, também, seu corpo podia, aquém do próprio controle, ser inflamado com um o único olhar do marido.

Suspirou um queixume — Aidan, na espreguiçadeira, pausando a leitura o percebeu. De quando em quando, fitava a figura da esposa, tomada pelo sol da tarde. Com o revés de seu olhar, não despercebia os suspiros que ela liberava. Perguntavase que cismares a envolviam. Apesar da intensa paixão, do deslumbre que Aidan lhe

provocava, Arielle podia enxergar certas falhas de caráter em sua índole. Era assim que sentenciava tudo quanto ele fazia ou pensava que ela não concordasse. Ou não compreendesse. Afora o orgulho demasiado, que seria aceitável em um homem na posição do Coronel, enxergava-lhe nos olhos qualquer coisa de um egocentrismo. Fitava-a,

sempre,

com

possessividade exagerada.

Dissera

incontáveis vezes, no último mês, que ela pertencia à ele, que até mesmo seus mais pueris pensamentos deviam dedicar-se à ele. Que deveria esquecer suas tolices altruístas e direcionar todas as suas paixões... Somente à

ele. Confessara-lhe que saber que seu pensamento já pertencera a outro
— Rubén —

lhe agastava exacerbadamente. Picava-o todo de ciúme. E quando, furtivamente, se lembrava disso, sentia ímpetos ferozes. O guerreiro esquecido na guerra do Paraguai aflorava e ardia de vontades de matar. Não queria o desafortunado rapaz nas lembranças de sua esposa. Contudo, era um homem civilizado. Só por isso não o caçava. Civilidade...

Dissera a ela que lastimava não ter chegado antes à Campina dos Lobos, a tempo dela não ter conhecido o mancebo. Então, mesmo os pensamentos românticos de sua esposa teriam sido virginais. Pouco adiantara ela argumentar que tais pensamentos, na época, não poderiam ser mais inocentes, quando ela imaginava que beijos de amor eram dados somente na testa!

E ele, a quem pertencia? Ela inquiria quando ele declarava orgulhoso seu senhorio sobre ela. Ele respondia sorrindo, sem, no entanto, sorrir:
— Sou do mundo. Só mais um mundano...

— Cínico, ora vejam! — deixava Arielle escapar dos próprios lábios. Em uma tarde passeavam a esmo pela praia. A areia estava úmida, e terra exalava seus perfumes e o sol da estiagem pintava doces aquarelas na paisagem. E ele declarara circunspecto:

— Quero possuir-te inteira. Quero não somente esse teu corpo que sempre me alucinou. Desejo ser Senhor de tua alma, de teu espírito nobre... Espírito que, como sei, excede ao valor de qualquer metal precioso...

— Ora, Aidan, as almas pertencem a Deus — ela asseverara contrafeita.

— E isso independe das opiniões que os homens tenham sobre Ele.

— “Já não te disse que vós sois deuses aqui na terra”. — ele citara. —

Não é isso que está escrito nos estatutos que, tola, preferes seguir?

Mesmo os crédulos sabem que o marido é o deus de sua esposa. O homem é cabeça de sua esposa.

Aidan de Henriques! O único ser na face da terra que a vencia em argumentos, enlouquencendo-lhe com tanta arrogância alicerçada numa estranha lógica que cada dia mais a enredava nos laços que ele a prendia.

Mesmo entre tantos sábios, na cúpula secreta do “movimento”, ela com sua inteligência e sagacidade inocente sempre saía vitoriosa.

Já o marido, buscava nas próprias crenças da esposa, o triunfo de seus argumentos.

— Tua vida começa, meu anjo, a partir do momento que te busquei naquele colégio. Deves apagar... extinguir, qualquer outra vivência antes disso.

Uma

feminista

mesmo

que

não

fizesse

conta,

Arielle,

profundamente agastada, amofinada com tal comentário respondera, apertando as expressões:

— Ora, mas que audácia, Coronel! — a voz era de pura indignação. — Minha vida iniciou-se quando fui tirada do ventre de minha mãe. E o Senhor? Acaso esqueces o rancor que sentes por teu pai? Esqueces teu intento e obstinação por vinganças? Esqueces?

Então dele, veio o velho argumento, quando não restava outro:

— Não sabes então que sou homem? Para os homens os códigos de conduta são outros... — lembrara-a com simplicidade. — As próprias leis naturais os

ditam —

e

mostrara

sua força física espremendo o torso forte contra o corpo delicado, de encontro a uma palmeira. — Por isso te quero inteira para mim. Teu corpo, alma — roçara-lhe o pescoço com os lábios macios, — teus pensamentos, teus desejos, tuas lembranças. Teus sonhos? Só meus. Tuas esperanças, teus receios, tuas vertigens. Anseio te proteger, tua fragilidade me emociona. E, diante dessa fragilidade, não arrisco te perder. Só tu fazes com que eu me esqueça de mim, e me inquiete com o bem-estar de outrem. Quero ser o motivo, o único motivo, de tuas preocupações, de teus temores, de teus anseios mais secretos.

— Egoísta! — ela, apertando os olhos, o acusara entre riso e indignação. — Não passas de um egoísta, meu marido.

Aidan erguera um sobrolho:

— Não nego. E nisso não há culpa. Todos o são! Desconheço um ser humano livre de egoísmo.

— E tu serias tudo isso que exiges também por mim?

Ele quedara-se longamente mudo, fitara o céu, e depois

respondera:

— Se possível fosse... Mas não é — respondera enigmático.

Então, para não dar tempo a novos argumentos e prolongues do assunto tomara-a bruscamente pela cintura, levantando-a no colo e, correndo feliz, levava-a ao oceano, vencendo bruto, descontraído, as vagas que se morriam em suas panturrilhas desnudas. Jogara-a na água e, alegre, a vira emergir e afrontá-lo com imprecações em francês. Onde as aprendera? Arielle saíra no seu encalço, gargalhando feliz, tropeçando nas ondas, atirando-lhe água, chutando-lhe a espuma branquinha da rebentação. Ele rira também e fingia que fugia e, felizes, infantis, se deixavam enlevar em suas tolices fagueiras de enamorados. Arielle jurava que seu marido nunca houvera brincado assim.

Nunca houvera rido assim. Achou-se especial, em contraponto de suas inseguranças que a impediam de confiar na capacidade de entregar-se em satisfação à devoção que uma esposa devia ter. De crer na maternidade. Se o marido não conhecera o que era ter pai, ela nunca soubera o que era o amor de um pai e de... Uma mãe. Por isso sua crença na maternidade era maculada. E ele, ainda, queria estar no direito de achar-se um miserável por ser um bastardo renegado pelo pai? Mas, Arielle não conhecia o que, certa vez, seu marido, então rapazote, vivenciara. Aquele encontro dos pais dele... Logo, voltando os pensamentos dela mesma para o marido, perguntava-se: que ser humano no mundo não tem sem falhas? O

único que existira, Arielle lembrou, fora crucificado. Até mesmo no Messias os seres humanos acharam falhas! Quem dirá em um Cel. do exército, de uma sociedade tirana, machista, de um país atrasadamente escravocrata — único do continente, tecnologicamente atrasado, submerso

no...

feudalismo

e,
além
de
tudo,
um
homem

amargurado, magoado, criado fora do seio amoroso da família, única instituição capaz de formar sólida e incorruptível o caráter de um ser.

Suas emoções em relação a ele, eram tão intensas que, ao passarlhe pela mente apartar-se dele, suas mãos tremiam e sua respiração entrava em descompasso. Esses receios não eram gratuitos, eram fundamentados em saber quão ardente, quão faminto de amor Aidan de Henriques poderia ser. Ele bem lhe mostrara nas últimas semanas.

E, no pouco tempo que ficara em Vale Campina, escutara aqui e ali, de uma boca ou de outra no arraial, que o novo dono de Campina dos Lobos sabia ser tão sedutor quanto qualquer Carneiro. Mas, que possuía no charme, um magnetismo único que enlouquecera todas as damas da taverna. Mas ele escolhera apenas uma para lhe servir. Apenas um nome atordoava sua mente: Guita — uma das mulheres de vida “fácil” que habitavam o único bordel da região. A famosa, formosa estrangeira desejada por cada homem daquela cidade. A escolhida do Barão, o velho Carneiro.

Tão somente a sonorização daquele nome, “Guita”, em sua mente, lhe causava frêmitos de ciúmes ardidos. Certa gana de ferir...

Arielle, ainda que tão jovem, não se permitia enganar. Era fato que seu marido havia herdado também de seu pai, Guita.

Enquanto pensava sobre isso, apoiada no tombadilho, sem que

percebesse, muito nervosamente trançava as escuras ondas douradas de seus cabelos. Se alguém visse seu olhar nesse momento, o qualificaria como letal. Era aquele ciúme muito carnal que brotava em seu peito, criando raízes que dariam forma a uma fraqueza. Aidan, que ainda lia jornal por ali sentado adiante, apercebeu-se da inquietude da esposa. Retirou os óculos com aro de ouro que usava para leituras e levantandose quis saber o que a afligia.

Ela levantou o rosto, um olhar expressivo que podia ser pior que um embate.

— Com licença, senhor meu marido — desafiou-o, fitando-o de cima para baixo, retirando-se dali em direção do camarote.

Aidan, perplexo, observava-a distanciar-se. Não sonhava com a evolução das reflexões de Arielle, há pouco. Ela nunca o chamara daquela forma. Mesmo o “Coronel” ela já deixara para trás, chamando-o agora sempre pelo primeiro nome ou por alcunhas afetuosas. Não entendeu a indiferença súbita de sua esposa. Há pouco ainda arrulhavam como o casal de pombinhos que eram. Estavam afinal em lua-de-mel. Era certo que algo realmente a agoniava. O que poderia ser? Pensava que todas as diferenças que poderiam existir entre um homem e uma mulher tinham sido superadas nos intensos momentos de paixão que tiveram. Desde que passara a noite depois do natal, não houve um dia, ou uma noite sequer que não tivessem se incendiado em paixão, entregues um ao outro, praticamente, sem censuras.

“O que poderá ser?” — Pensava intrigado.

A estadia na Ilha da Jangada fora a vivência da perfeição. Na noite anterior a viagem, em casa de Heloíse, ela se mostrara feliz como nunca. Sua mãe dissera à nora:

— Estás resplandecente, Arielle, minha nora predileta — rira seu riso largo. — Ou o amor de meu filho acendeu este brilho novo que há em teu rosto ou, talvez, mais um de Henriques já esteja a crescer em teu ventre.

Arielle sorria de uma forma tão espontânea que no peito sua esperança fora avivada e um intenso calor alastrara-se por todo seu corpo. Ela, contudo, respondera apenas com um menear de cabeça e um:

— Talvez...

Quem sabe não fosse isso que tivesse lhe mexido com o humor?

A esperança dele alimentou-se mais com tal pensamento. Deixando de contemplar o infinito azul do céu que ia se encontrar com o vasto do mar, caminhou decidido para o camarote.

Lá, Arielle recostada na cama, era abanada por Lélia. Esta, lendo a ordem impressa no rosto de Aidan, retirou-se imediatamente do aposento.

— Arielle, tem algo que tenho de discutir contigo.

Ela o fitou, desconfiada.

— E o que seria? — perguntou deixando de lado o livro que, até então, lia.

— Serei direto. Já percebestes que não aprecio embromação e...

— percebeu logo que ela o encarava ciente da contradição de sua afirmação na ocasião. — Bem, quando chega tua regra? — inquiriu direto.

— Regra?

— Sim, sabes do que estou falando.

— Só para o décimo quinto dia. Por que queres saber detalhe tão íntimo de uma dama?

— É que... Bem, nada — disse chegando junto da cama e abraçando-a. — Esqueça... É cedo para se falar nisso.

Arielle, ainda rancorosa, queimava interiormente com seu ciúme. Entendeu que talvez ele estivesse aliviado por ela não estar grávida. Vira seus olhos enigmáticos quando Heloíse levantara tal hipótese.

Que ledão equívoco! O grande sonho do Coronel, se não o único, era gerar um filho. Conceber uma família.

— Aidan?

— Diga, amor meu — respondeu puxando-a para sentá-la sobre

o colo.

— Sabes, quando nos casamos, há quase cinco anos, tudo me parecia um tanto... Falso — iniciou incerta.

Estava consciente de que queria provocá-lo, como cutucar a onça com a vara curta.

—

Pois eu não achei... — pareceu ponderar por alguns momentos. — A partir do momento em que te beijei na igreja.

Ela olhou para ele surpresa. E continuou.

— Eu estava muito magoada.

Tendo ouvido suas palavras, Aidan interpelou-a brusco, sem perceber que muito comprimia as mãos contra os braços da esposa: — Ainda pensas nele? — seu tom era um tanto ameaçador.

— Hum? — Arielle estava confusa. Olhou para uma das mãos fortes cerradas em volta de seu braço e ele, percebendo, afrouxou os dedos.

— No frangote desbarbado com quem pretendias fugir... Pensas nele?

Arielle riu, quase se esquecendo de Guita.

— Rubén? — zombava divertida. — Ele não existe para mim. Sabes disso. — Então disse séria, bem perto do rosto dele: — Covardes merecem desprezo.

— Os momentos que temos passados juntos parecem provar que não pensas em ninguém... Além de mim — concluiu ele sorrindo e quando ia aproximando os lábios aos dela, ela continuou, brusca, a falar o que lhe ia à mente.

— Convencido! Voltando: eu estava magoada por ser obrigada a casar. Concordo que desde o primeiro momento algo surgiu entre nós, mas, não poderia ter sido desse modo e...

— Arielle — ele buscou por paciência, — não poderia ter sido de outro modo. Não percebes? Fernão queria...

Mas, ela o interrompeu.

— Eu...

Ignorando-a, o Coronel disse:

— Dormimos juntos onde funciona o bordel da cidade. Precisei zelar pela tua honra. Fernão estava foragido e não teria mais ninguém para se entrever em duelo comigo por ti.

— Fernão duelar por mim... — ela riu com sarcasmo. — Mas eu jamais iria querer algo assim. Por que tinhas de me raptar? — lastimou. — Não tinha necessidade, até hoje me pergunto...

— Quando vi-te, desde o primeiro momento, alguma coisa ferveu dentro de mim, Arielle. Procurei ignorar. Julgava que tu fosses minha irmã, que não conhecia. Joaninha. Torcia para que não fosse, aliás. Eu te achara linda demais. Quando me vi na situação que tu bem o sabes, houve apenas uma alternativa: fuga. Eu não teria chance, sozinho, com tantos contra mim. E até hoje ignoro o que me fez levar-te comigo. Foi... Uma atitude repentina? — formulava a questão apenas para si.

Arielle muito surpreendida com o relato não tinha palavras.

Pensou nele, atraído por ela, já naqueles dias em que era pouco mais que uma menina.

— Ademais, duvido, meu anjo, que me deixarias cortejar-te, sendo eu filho de quem sou — Aidan disse mais.

— Ora, se pensares bem, nem todos os Carneiros são vis. Tiago, por exemplo...

— Não o conheço e não espero ver-te elogiar outro homem — ele a cortou taciturnamente ameaçador.

Aidan lembrou-se, muito enciumado, de Joaninha lhe contar do laço de afeto que o irmão mais novo e Arielle possuíam. Pura fraternidade. Mas para Aidan, o bastante para antipatizar por ele.

Aborrecida com o ciúme infundado do marido, Arielle levantouse do colo dele num chofre. Tratou de acusá-lo para descontar a ira que a tomou:

— Por que me mandaste para longe? — começou a gesticular

como fazia quando estava irritada. — Se já te sentias atraído por mim... Porque me trancaste por quase cinco anos naquele colégio bolorento? Onde quase apodreci de solidão? Diga! — exigiu com as mãos na cintura. — Guita, não? — deixou, aos berros, vaziar o ciúme que a torturava também. — Querias usufruir seus favores até enjoar sem que a imagem da casta esposa estivesse por perto? — seu sarcasmo na indagação final era descomunal ao atirar suas amarguras na face do marido.

— Que diferença faz isso agora, Arielle? — inquiriu aturdido pela agressividade repentina. — Já não nos resolvemos? Agora estás entregue, tudo está em outra figura...

— Quer dizer então que estiveste com a messalina? — indagou inquisitiva ao extremo.

Ele fixou seu olhar nela. Estava toda vermelha, as têmporas fêmiavam e as veias se evidenciavam.

— Eu nunca minto — ele declarou, o rosto turbado. — Não quero te ferir os sentimentos... Mas, pareces querer me obrigar,...

— Como não mentes? Dormiste com ela para vingar-te de teu pai, não? Se não mentes, responde!

Ele não possuía Guita. Não conseguiria sabendo, pensando, desejando a esposa que possuía resguarda na Corte. Uma esposa que crescia em graça e intelecto. Como ele sabia que aconteceria... A espera dele, limpa e somente para ele. Sensível, cheia de fé na vida.

Guardada. Como um vinho caro, sendo curado pelo tempo. Mas, culpava-se! Fora até As Damas da Taverna planejando copular com a prostituta. Culpava-se por ter recebido as massagens de Guita. Mas, ora! Era homem e suas dores na coluna o lancinavam.

“Não sou nenhum religioso, porque me culpo?”

Todavia, não queria revelar nada disso à Arielle. Para não mentir, desviou da questão:

—

Amaldiçoas nosso casamento?! Mas devias agradecer...

Estavas sob o jugo maldito daquele desgraçado! O que seria de ti hoje? Casada com ele?

Ele começava a perder a paciência. As acusações de Arielle o estavam injuriando. Doutra feita, com outra pessoa já teria ordenado que se calasse. Mas, porque raios, com aquela mulher tudo era diferente? Como temia vê-la tornar-se, outra vez, indiferente. Ah, não fora ela mesmo quem murmurara, entre a uma declaração de seu amor, que deveriam esquecer-se do passado?

— Para mim... Bem — começou ela caminhado teatralmente pelo camarote, — estes são meus pensamentos sobre tua família... — parou para fitá-lo com rancor. — Possuem o sobrenome Carneiro. Mas carregam o estigma de um lobo. Como o nome da fazenda. Devoram a quem enxergam pela frente. E são ardilosos. Joanhina e Tiago se salvam. Mas, para ti não há defesa, Aidan, ou não terias envolvido tua própria mãe em um caso de... Bigamia!

— Eu não sabia que ela se casara! — ele argumentou sôfrego.

Não entendia por que ainda alimentava aquela discussão. Nesse ponto de intensa alteração, Aidan começava a se preocupar se estranhos, do lado de fora do camarote, não ouviam o que ali se “falava”. Arielle estava aos brados. Mal lembrava a Baronesa que era! Ou que deveria ser!

— Não importa. Ela concordava com teus planos? — ela baixou o tom, mas continuou petulante. — Não. De nada suspeitava. Tu nunca tomas a opinião dos maiores interessados ao agir, Coronel!

— Arielle! Basta! — ele continha a altura de sua voz, que apesar de grave, era baixa. Arielle percebia que ele estava no limite do controle. Só o olhar que ele lhe remetia e a veia saltada na têmpora a teria feito calar-se em outro tempo. — Sim, se queres saber de detalhes — apertou os dentes, — estive duas vezes com Guita.

Arielle arregalou seus olhos grandes e abafou um gemido com o borce da mão.

— Na primeira vez não consegui tê-la — ele continuou, —

embora muito a decepcionasse. Vinha no meu pensamento que ela já pertencera a meu pai. Senti náuseas por isso — uma feição de asco desenhou-se no rosto viril. — Na segunda... — arfbu. — Eu estive com ela... Nunca imaginei te falando sobre estas coisas... Mas...

Estive

com ela por tanto pensar em ti. Minhas fantasias estavam, noite após noite, me enlouquecendo. Enquanto estive com ela, cada segundo, eu via o teu rosto angelical, Arielle e me punia. Sim... me punia por desejar-te tanto, sabendo-te tão jovem e inocente. Por isso te mandei para longe. Para longe de minhas mãos! Nunca confiei em meu autocontrole. Acho que percebeste como chego a ser.. Passional, não é a palavra; concupiscente seria forte demais. Mas é difícil para eu me conter. Ah, só de olhar para ti... Tu, inexperientes que és, não imaginas o que é ser homem. Parece que há uma força... Que vem de dentro que nos impele a coisas que ficarias em demasia escandalizada se soubesses. Às vezes, eu desejo... desejo... Ah, esqueças!

Ela não tinha o que dizer. Não digerira sequer as primeiras palavras, quem dirá aquela avalanche de revelações. Merecia; tinha-o provocado. Fingia que olhava pela janelinha do aposento, para disfarçar algumas lágrimas que queriam cair.

— Estiveste com ela — afirmou, magoada, com a voz à beira do descontrole.

— Estive... Mas não a possuí! — esclareceu com pressa e olhou para as botas em busca de palavras. Então ergueu outra vez a cabeça.

— Se puderes me perdoar, por que achas que te injuriei, se te feri, meu amor.. Começaremos nosso casamento do momento em que a tirei do colégio. A partir de então tu passaste a me bastar.

Em busca de transformar em palavras tudo que sentia, levantouse e deu dois passos de encontro à ela, inspirou pesadamente e enterrando os longos dedos nos fartos cabelos cinzentos os afastou pra o lado e começou a dizer:

— O teu corpo, minha esposa, é suficiente para a fome do meu

corpo. Não preciso e não quero qualquer outro. Depois que te vi naquela escadaria, todos os outros se tornaram insípidos. Até hoje, foste a única quem me arrepiou além do que é físico na hora em que uma mulher põe-se totalmente a mercê de um homem, Arielle. Fiz contigo coisas que não fiz com mulher nenhuma. — Depois de uma pausa em que parecia conter os sentimentos que tudo aquilo lhe causava, continuou: — Eu senti, pensas que não? Senti como tu me queres... A cada vez com mais ânsia. Eu... Nunca precisarei de outra. Jamais imaginei que nossa relação no leito seria tão... De tanta rendição. — Cravou os olhos nas profundezas verdes daqueles olhos enormes dela. — Me satisfazes como nenhuma já sonhou em fazer. — Acariciou-lhe uma bochecha com a palma de sua mão e ela quase esmoreceu ante aquele afago. — Quando te toco, é como se eu tocasse uma estrela, tal a energia que erradiaz a todos os que te rodeiam. Porque eu quereria outra? O teu amor é suficiente para a sede de carinho e afeto que sente o meu coração. Entre tu e eu existe algo além do que é físico, entendes? Mas... eu quero que esqueças, em definitivo o que hoje foi dito sobre Guita. Foi um desvario, momento de alucinação eu tê-la procurado. Nenhum homem pode ficar cinco anos sem mulher Arielle, percebes? Mas, por tua causa eu fiquei! Meu anjo... Se não a toquei todos esses anos, porque o faria agora que tenho a ti? Meu sonho mais dourado e limpo?

Ele suspirou emocionado, andou pelo aposento e voltou a falar: — Eu, tem momentos, sinto dores aterradoras, não fazes conta...

— Cansado de buscar se justificar ele ordenou: — Nunca mais toques no nome dela, nunca. Entendestes? Teus lábios são castos demais para dizer o nome de uma cortesã. Quando chegarmos a Vale Campina, providenciarei para que ela deixe o arraial, para que não haja nenhum fantasma vivendo perto de nós.

Arielle já não lutava mais para conter a voz chorosa. Aterrada, quase rendida, voltou-se e implorou:

— Só há uma maneira de isso acontecer. Nós deixarmos Vale Campina e... Aquela fazenda! — voltou a fitá-lo. — Ou pensas que Guita é o único fantasma que assombra minha vida?

Haviam ainda as lembranças acerca de Fernão...

Mas a dor de imaginar o marido com outra mulher que a ardia como o golpe de uma foice. A imagem de outras mãos tocando o corpo, os membros, a pele, as costas do homem que lhe pertencia a acossava terrivelmente.

Aidan olhou para ela. Num trejeito muito seu, pendeu quase imperceptível a cabeça. A expressão que até agora fora de alguém que busca dissuadir, tornou-se rígida como pedra. Então o pranto dela não era por suas declarações mais... Profundas? Sim, como queria que o choro da esposa fôsse de emoção, causadas por suas declarações. Coisas que nunca dissera a ninguém! Nunca abrira sua alma assim à pessoa nenhuma. Declarações que, mesmo sob à sombra daquele egoísmo, não deixavam de ser sinceras. Arrancadas das profundezas do seu ser.

— Sinto muito. Isso nunca eu te poderei conceder, Arielle. Foi uma vingança conseguida. Não foi fácil. E vidas lá dependem de mim. Agora... De nós. Nosso amor terá de superar a birra que tens daquela propriedade. Enterrar o passado que te amofina. Lá chegando, será a senhora de Campina dos Lobos. Terá de administrá-la, como bem faz qualquer Baronesa esposa de um cafeeicultor.

— Birra... — murmurou, se ele soubesse! — Então é isso que sempre sonhaste, Aidan? Ser um Barão do café? Nem ao menos possuís o título. Não realmente... — disse fazendo com a mão um gesto vago.

— Na verdade, só reclamei o que era meu de direito — ele se atinou naquele momento ínfimo, que nunca refletira qual era seu sonho verdadeiro, a não ser alcançar sucesso na vingança contra seu progenitor. — Quanto ao título, com uma quantia certa, nem tão significativa, poderei comprá-lo.

Arielle, sentindo-se muito abatida e

cansada, recostou-se novamente no leito.

— Bem, então basta — concluiu ele beijando-lhe na cabeça e

deixando o aposento, depois de avisar que iria tomar alguma coisa no bar do restaurante.

Precisava de muito ar fresco para se refazer da discussão.

Arielle virou-se para a parede e, depois de cinco anos, chorou convulsivamente. Se ele achava que ela aceitaria assim facilmente este destino que sempre rejeitara, destino de passar a vida em Campina dos Lobos, estava muito enganado! Ah, como odiava Campina dos Lobos! Odiava a propriedade, o arraial, aquelas gentes, a si própria por amá-lo. E como amaldiçoava sua sina.

— Segundo o telegrama que enviaram do Rio de Janeiro, é certo que cheguem entre hoje e amanhã — respondeu Joaninha ao irmão, que lhe indagara quando chegaria Aidan à Vale Campina.

— Sabes que com a chegada de Arielle, sendo ela a Baronesa agora, a posição que ocupaste nesta casa mudará, certo, Joaninha?

— Deveras. Não tenho pretensão de continuar a fazer o papel de dona da casa. Mesmo por que... — Então olhou indecisa para Tiago.

Mas, continuou mesmo incerta: — Devo me casar e ter meu próprio lar para administrar.

Tiago muito surpreso caminhou até Joana que estava sentada em frente ao instrumento que pretendia tocar, tão logo lhe fosse dado um pouco de sossego. Fitando-a, tocou-lhe os cabelos castanho-claros.

— Mas... Não querias ser freira, Joana?

E Joaninha sabia que quando ele a chamava pelo nome de batismo, falava muito a sério.

— Muitas coisas mudaram nos últimos tempos, Tiago. Adquiri novas maneiras de afrontar a vida. Tenho estudado e...

— Falas filosofando — o jovem médico observou, zombando.

— E como foi que isso se deu?

— Não sei... Penso que a ausência de papai e viver outros ares fora do convento abriram-me a mente para enxergar coisas que antes eu mal

notava. O Sr. Artur de Camargo, por exemplo...

— Artur de Camargo! — repetiu Tiago imitando satiricamente a voz da irmã. — Este é o nome que não quer calar em tua boca desde que... Eu cheguei.

— Sendo ele meu tutor, é a única referência que possuo de mundo. É um homem viajado e... — começava a elogiá-lo, como sempre o fazia, mas, Tiago a interrompeu depressa:

— Já sei, já sei — ergueu os sobrolhos com impaciência. — Só não entendo uma coisa...

— E o que é que não entendes, irmão?

— Pelas andanças que tenho feito na região, o que pude ouvir é que meu “novo” irmão é um sujeito duro, de pulso firme e autoritário, como deve se esperar de um militar. Parece que importa à ele que as coisas sejam feitas da maneira certa, como tudo deve ser.

— Parece que por isto casou-se com Arielle. Para evitar um escândalo.

— Sendo ele assim, porque contratou um tutor, e não uma dama qualificada na corte para instruir-te?

Joaninha engoliu em seco.

— Ele até queria. Mas alguém no arraial disselhe que havia um senhor muito erudito, mas de poucas posses, pretendendo ministrar aulas a algum filho de nobre. Aidan andava muito ocupado nessa época acertando Campina dos Lobos à sua administração. Resolveu por contratá-lo logo.

Joana, então com quinze anos incompletos acabara de chegar à casa paterna. Estivera vivendo em um convento por dois anos, regido por uma ordem de irmãs de preceitos rigorosíssimos.

Inda não entendia muito bem o que se passava em sua casa.

Quando chegara, sabia que o pai já não estava mais ali. A madressuperiora lhe contara que seu pai tinha ficado muito doente e seu irmão mais velho assumira o lugar do pai. Isso a deixara tensa. Temia mais ao irmão Fernão, que a seu pai. Joana, apesar de sua imaturidade, tinha perspicácia o suficiente para entender o quanto ele podia ser manipulador. O fato é que fora ele quem levava o Barão Carneiro

acreditar que sua querida Joaninha desejava mais que tudo entrar para um convento, sendo que a vida religiosa não era sua vocação, com toda a certeza.

— Até logo, irmã. Irei ao arraial e volto para o almoço — despediu-se Tiago, já maçado com o silêncio prolongado da irmã.

Ela o ignorou, ainda vagueando no passado.

Aquela época viera pelo caminho pensando que estaria entregue ao jugo do irmão malvado. Outra vez. Mas, chegando, Saquina a surpreendera lhe contando sobre a incursão repentina de Aidan de Henriques em certa noite em que houvera um badalado sarau.

Relatara em minúcia a aflição de todos por ele ter raptado Arielle, depois sua chegada com a guarda e a internação de Carneiro que se recusara em aceitar o degredo de sua cidade. Joaninha, à época, se revoltara. Seu pai poderia ser como era, mas não deixava de lhe ser pai.

Quantas vezes ela não havia desejado ter nascido em outra vida?

Quando contemplava as crueldades que ele infligia em seus escravos?

Ninguém poderia merecer tanta dor, mesmo um negro. E se não tivessem alma, como o velho costumava sempre repetir, por que ele consentira em... Não, não queria lembrar-se da cena que marcaria sua vida para sempre. O dia em que sua inocência fora metaforicamente roubada. Onde se perdera toda sua adoração dedicada à Flor? Mesmo sabendo que ela não tinha culpa de nada, berrara acusações e muito se arrependia. Não a condenava por ter fugido daquele lugar. Fosse ela em seu lugar teria feito o mesmo. Mas... Sentia falta em vê-la. Não que quisesse pedir-lhe perdão. Talvez até o fizesse, mas apenas com o olhar.

Dr. Artur de Camargo aparecera por lá cerca de uma semana depois de sua chegada. Era quase primavera, mas o frio era intenso. O

susto inicial passara, mas suas idéias estavam perdidas em confusão.

Embora sentisse medo de Aidan, o irmão desconhecido, sentia emanar dele uma energia diferente da que provinha de Fernão.

Parecida, porém, com a de Tiago.

Pela fresta de uma porta, ficara a observar o Doutor pelo longo tempo que Aidan demorara retornar à sede. Tinha ido à cavalo percorrer os cafezais. Artur Camargo não era muito alto, mas suas constituições eram vigorosas. Usava uma casaca fora de moda e um par de óculos que lhe conferia um ar muito intelectual e misterioso. A calva que parecia começar a se formar a partir da testa não lhe agradara de início, mas seu olhar interessado procurara focalizar, apenas o que nele apreciava. Quando ele, de

uma maneira

particularmente brusca, levantara-se e fora até o espelho sobre o aparador ela pensara que a tinha descoberto. Quase fugira, mas logo percebera que ele apenas tinha ido tentar aprumar com os dedos os cabelos em desalinho. Ainda que muito lutasse, seus fios rebeldes não obedeciam.

Aidan irrompera, como sempre impondo sua marcante presença, passando rápido pela sala. Desculpava-se pelo atraso. Primeiro trocaria a roupa suada depois o atenderia.

Artur pronunciara algumas palavras incompreensíveis, depois tomara algumas pílulas quando julgava não ser mais visto. Ela convivera com ele os últimos anos e aprendera aos poucos entender sua

pessoa.

Possuía-o

uma

personalidade retraída,

entretanto

muitíssimo sensível. Enchia-se de esperança e orgulho quando o via adquirir uma autoconfiança natural que lhe conferia uma beleza superior. Mas, isso só acontecia quando, o apaixonado por grego, ele tentava lhe falar de complicadas lições de sociologia ou entabular uma conversação em latim. Quando ele abria a boca e recitava *Ilíada* em seu original, ela deixava o olhar perder-se e começava a imaginar coisas estranhas que, se o soubessem as freiras, era certo que a castigariam. Não tinha coragem de confessar-se quanto a isso ao padre. Por isso mesmo que penitenciava a si mesma rezando o dobro de terços que sabia, o padre advertiria. Só para garantir.

Mas, antes de Aidan, que umas tantas vezes se mostrara tão amável para com ela, ir ao Rio de Janeiro buscar a esposa, lhe comunicara seus planos para ela:

— Sra. D. Joaninha — não sabia bem por que, mas ele fazia questão de ser formal com ela, — já comuniquei ao Dr. Artur de Camargo, portanto ele já está ciente como ficarás também agora, que assim que eu voltar o despedirei.

— Mas, por quê? O que houve de errado? — indagara tão surpresa quanto decepcionada.

— Nada, querida irmã. Mas teus estudos já se estendem por tempo demasiado. Já é chegada hora de eu encaminhar-te. Casar-te-ei com alguém de bem para que nunca venha nada te faltar. Alguém que muito te respeite também.

— Aidan... — mas ele parecera distraído, não a ouvira.

— Avisei-o que tem esse mês para finalizar qualquer coisa que haja em andamento contigo. Depois te levarei à corte. Já é passada a hora disso acontecer. Bela como és estou certo que teu sucesso será notável em qualquer salão.

Como medrosa que era, ela não discutira e não falara sobre nada do que pensava. Antes, considerara que teria um mês para pensar uma solução para sua vida.

E agora o período de um mês havia terminado. Falaria a Aidan o que

lhe povoava o coração desde que vira seu amado pela última vez.

Teria de fazer brotar a coragem de que precisava de algum lugar.

Então finalmente cerrou os olhos de mel e começou a dedilhar as primeiras notas da composição predileta de seu namorado...

Capítulo VII

ERA HORA

da merenda quando chegaram o Barão

e a

Baronesa de Vale Campina à casa grande de Campina dos Lobos.

Tiago sesteava até essa hora. Joaninha os foi receber na varanda.

Colocara no pensamento que tentaria vencer sua personalidade reservada para poder, muito simpática, receber Arielle. Sabia que a ocasião poderia ocorrer um tanto estranha. Mas, afinal, tinham sido companheiras de brinquedos na infância.

Quase não reconheceu a dama que desceu da carruagem, logo após seu marido. Estava deslumbrante. O vestido de alta costura francesa, desenhava seus contornos generosos. O rosto perfeito estava encoberto pelo pequeno véu que pendia do pomposo chapéu negro de cashmere, ornado também com uma elegante pluma escarlata. É claro que trajava vermelho. Essa era a cor que assentava bem à uma Arielle adulta, pensou Joaninha. Como se lembrava de quão corajosa e destemida ela sempre fora. Parecia nem notar Joana.

Mas assim que se descalçou das luvas brancas, levantou o rosto para a amiga de infância que, parada na escada, lhe esperava.

— Joaninha! — bradou a Baronesa efusivamente alegre. Então Arielle levantou o véu. E se pôde ver o sorriso fulgente, emoldurado por profusos lábios rubros, que ela abria contente.

Joana ainda ficou-se incerta por alguns momentos, mas ao ver a

antiga amiga abrir-lhe os braços em um gesto repentino, correu para ela. Abraçou-a, muito feliz em revê-la.

— Arielle. São tantos anos... Sabes que... Tu foste uma irmã para mim... Não sabes? — disse afastando-se um pouco para olhar o verde sincero do olhar de quem abraçava.

— Eu sei! Como tu... Joaninha... foste para mim.

— Ainda hoje tocava cravo e me lembrava de ti.

— Mas, eu toco piano.

— Mas, eu toquei aquela canção... — argumentou fazendo um ar cúmplice.

Arielle sabia a qual canção Joaninha se referia. A que, em épocas passadas a faziam lembrar-se de Rubén.

— Deve esquecê-la, como eu esqueci — recomendou séria. — Já não é mais importante para mim.

Joana então

mordeu o

lábio inferior, repreendendo-se pela indiscrição. É claro que agora ela estava casada. E com outro. Este que vinha a estar logo ao lado de Arielle, tendo o braço enlaçado possessivamente à cintura da esposa. Era mesmo muito tola. Tinha algo de diferente no semblante do irmão, notou. Parecia muito mais jovem que há pouco há dois meses. Tinha adquirido um ar meio maroto. Devia ser por estar muito bronzeado. Arielle também estava, agora Joana reparava.

— Mas... Olhe como estás queimada de sol.

— Estivemos... — Arielle olhou incerta para Aidan, que com um olhar a incentivou a falar. — Hospedados

em uma ilha de Pernambuco.

— Ora... Precisarás espalhar um dos unguentos de Saquina para evitar

manchas... Ah, mas depois tu hás de me contar tudo mais detalhadamente. Vamos sair do sol, penso que já o tiveste em excesso!

Tens uma casa para assumir!

“Contar os detalhes da estadia em Ilha da Jangada?” Nem sob tortura, Arielle pensou com um risinho cínico que escondia por detrás do leque.

João Alberto começava a afligir-se com a chegada do dia de sua partida. O tempo dos dias de viagem para ver Flor durava mais que o tempo que permanecia a seu lado.

Parecia-lhe que a vida ia passando depressa sem que desse por conta. Quando a deixara pela última vez, o bebê passava o dia deitado olhando para cima, fazendo sons ininteligíveis. Agora, já engatinhava pela casa e dizia umas palavrinhas curtas como “mamã” e “iá” — sua versão para Chica. Não vira nenhum de seus filhos fazer qualquer coisa pela primeira vez. Não que se importasse tanto com isso. Mas, pensar nisso fez com que vislumbasse uma velhice de idas e vindas.

Decidiu que teria de levar Flor e as crianças para viverem no Rio de Janeiro. Mesmo que fosse a um lugar afastado. Porém temia que ela fosse vista por algum conhecido de Aidan. Certa vez em que o encontrara, ele dissera que ainda a procurava, já que era muito valiosa.

Depois da lei do ventre livre mais ainda... No momento, quase sentiu vontade de espancar o melhor amigo. Mas, sabia, conscientemente, que ele estava reservado em seu direito. O ladrão era ele.

A data de seu casamento estava próxima. Chamaria o amigo para padrinho. Ainda estava incerto em contar isso a Flor. Não queria magoá-la, mas seria pior se ela descobrisse de outra forma. Poderia, de raiva, tomar uma atitude impensada e voltar a Campina dos Lobos.

Conhecia-lhe o caráter tempestivo e o sangue quente que lhe corria nas

veias. Aí a perderia para sempre.

O que devia ter feito, refletia, era ter oferecido alguma quantia por ela. Mas, na época se via sem fundos. O pai lhe cortara a mesada por ter sido um perdulário com o findar da Guerra do Paraguai. Seu pai era muito intransigente! Ora, ele só quisera esquecer um pouco dos horrores e carnificinas que vira e passara.

Será que o amigo o perdoaria? Talvez se explicasse a paixão avassaladora que o assolara. Ele mesmo passara por isso, mesmo que não confessasse, com sua tão jovem esposa.

— Flor! — gritou da sala da casa rústica.

— Fale! — disse ela indo até ele.

Estivera na cozinha preparando o almoço e salgando a carne que ele levaria na viagem, sob a cela da mula. Aproveitava a viagem para trazer umas muambas para, como um caixeiro, vender pelo caminho.

Às vezes, também, como tropeiro, viajava ao Sul do país. Precisava pagar umas dívidas e seu pai dissera que só lhe liberaria mais dinheiro quando estivesse casado com uma dama que valesse um bom dote.

— Senta-te aí — apontou o tamborete com o queixo.

Ela o fez.

— Estive pensando em levar a ti e as crianças para viverem no Rio de Janeiro.

Flor abriu seu maior sorriso. Não podia acreditar.

— Viver contigo, Bertinho? Na Corte?

— Calma. Tu não entendeste... Não comigo. Montarei lá para ti o mesmo que montei aqui. Um sítio simples que se auto-sustente. A questão é que te quero mais perto de mim. Mais acessível. Imagine quando eu ficar velho. As viagens se tornarão impraticáveis.

— Mas prometeste que um dia... — os lábios dela tremeram. — Bem,

não quero deixar esta terra. Apesar de tuas ausências tenho sido feliz aqui. Não. Não quero sair daqui — afirmou decidida.

— Mas tu não tens vontades, mulher!

— Não tenho? Isso é o que pensas — ameaçou levantandose, colocando-se na defensiva. Então ela ameaçou o de sempre: — Se não cuidas, volto com as crianças à Vale Campina.

— E voltar à rotina de tronco, labuta e outras serventias mais domésticas que uma boa escrava deve render a seu dono?

— Ora, seu... — seus olhos flamejavam de ódio. Mas logo eles adquiriram um tom que denotavam que ela possuía um trunfo. — Sabes, Bertinho... Não me amedronto mais com tuas ameaças. Tenho me correspondido com Saquina e...

— O quê? — ele estava possesso. Proibira-a de corresponder-se com quem quer que fosse. Na verdade, maldizia a esposa de seu bom amigo que ensinara Flor a ler e escrever.

— Isso. Mas não te preocupes, envio minhas mensagens à Igreja e o padre as entrega nas mãos de minha mãe. E ela me revelou que o novo Barão, já nem me lembro de seu nome, é muito diferente do pai. Controla seus escravos como comandava seus soldados. Os castigos que lhe aplica são os mesmo que aplicava aos soldados rebeldes e indisciplináveis. Disse que tronco mesmo, só viu ir um, uma vez... Mais um dos que violaram Quitéria. Depois do castigo e ameaça que ele recebeu, Saquina me disse que ela nunca mais foi forçada.

— Que ameaça? — João Alberto havia se acalmado e ouvia curioso o relato.

— Que lhe amputariam “as partes”.

João sentiu a frase em si, vivenciando Freudianamente o complexo de castração, há muito esquecido na infância.

— Tu não irás voltar para lá, Flor — João asseverou.

— E também não irei viver no Rio de Janeiro — Flor redarguiu pirracenta.

— Mas é necessário! — ele quase gritou.

— Ora, porque tu não vens viver aqui de uma vez? Aqui onde os

meninos são tão felizes?

— Porque vou me casar! — ele, já exasperado, deixou escapulir. Flor quase desmaiou. E lhe contara há pouco que esperava outra criança! Mas, é claro, lastimou-se irônica, não passava de uma escrava fugida.

Seu campo de visão limitou-se ao retângulo da porta aberta para a tarde ensolarada, para o qual se dirigiu correndo feito louca.

Bertinho saiu no seu encalço.

— Flor! Flor! Sua maluca... Volta aqui!

Mas ela o ignorou avançando em correria para o campo de capim gordura perfumoso que estava muito alto. O coração batia em descompasso, enquanto sentia o vento lhe transpassar os ouvidos. A frase que ele dissera reverberando como um eco rouco em sua mente: “Porque vou me casar”. Sabia que logo ele a alcançaria.

E quando ele conseguiu enfim, ela lutou. Esmurrava-o e o arranhava. Queria arremeter um chute em suas partes sensíveis, mas ele já estava esperto quanto a isso e a derrubou no chão tão depressa quanto possível. Ela continuava a se embater com ele. Mordia-lhe os ombros com fúria. João não imaginava como Flor podia ser tão forte.

Para uma mulher.. Não calculava a força que o trabalho braçal pode conferir a uma mulher.

Ela o chamava de todos os palavrões que conhecia. Quando finalmente o tenente conseguiu imobilizar-lhe os braços, a tomou nos braços e começou a levá-la dali. O sangue lhe queimava as veias.

— Me largue! Solte-me. Vou sumir daqui. Jamais me verás novamente — gritava enfurecida.

Depois de caminhar um tanto, venceu o campo e chegou a um pequeno bosque de eucaliptos que exalava seu característico perfume.

O chão era um tapete encoberto de folhas.

— Quieta — ordenava.

Deitou-a no chão, mantendo-a imóvel e presa sob suas pernas fortes. Quando ele começou a abrir o cinto ela engoliu em seco.

Previu o que viria. Estava claro o que ele pretendia.

— Ah, não. Nem que eu morra vais me ter. Agora terás alguém que... Mas não pôde terminar a frase, por que sua voz fôï sufocada com o beijo que seu marido lhe deu. Sentiu que os botões de sua blusa estouravam nas mãos impacientes dele. Ela ainda se debatia ofendida em seu ciúme.

— Maldito! — bradou lhe mordendo o ombro esquerdo.

— Podes achar isto agora, mas logo, tenho certeza, estarás implorando por meu amor. Como sempre, Florzinha.

Olhava-a nos olhos assistindo, sob seus gestos sábios, as tênues mudanças nas reações de Flor. De furiosa, a tesa, somente brava, por fim arquejante.

A mão pálida deslizou pela testa muito morena e a voz

entrecortada cobrou:

— Não disse? Ainda tens certeza que vais embora? E perder isso?

— Seu... — recomeçou a esmurrá-lo.

— Quieta! — ordenou bravo, sendo ignorado.

Então mudou de tática. Abandonando a impetuosidade, quis torturá-la. Flor aquietou-se então. Mas, ele continuou. Ela abandonou a expressão de ódio e ficou séria. E ele continuou a dança lenta, sempre pertinaz em provocá-la. Sentia prazer em castigá-la. Morreria se a perdesse, e ela sabia disso. Usava dessa chantagem nas horas mais oportunas. E ele adivinhou precisamente quando ela ia implorar-lhe.

— Bertinho... Por favor, não me faça implorar.. É humilhante.

— Eu te avisei, Florzinha — não resistiu zombar.

E dessa vez fôï mais cruel. Subitamente ficou estático e nada fez se não fitá-la. E, quando achou que era hora, assaltou-a cheio de impetuosidade apaixonada.

— Eu imploro, Bertinho — finalmente, sôfrega, declarou. — Termine com meu tormento!

— Vais fugir? Vais me deixar, Florzinha?

Ela juntou as sobrancelhas, impaciente.

— Não, eu prometo! Não posso ficar sem ti. Dependo de ti!
Ouvindo isso, foi tomado por uma possessão incontinente. E

cedeu alegre o que ela queria não menos do que ele. Apoiando a testa na dela, sobre aquele corpo deleitoso, arrastou-a para um redemoinho de intenso prazer.

— Eu te amo, Florzinha — asseverou de repente levantando a cabeça e olhando para ela. — Não podes me deixar. Apesar de qualquer coisa, qualquer papel que diga o contrário, tu me pertences.

És a minha esposa e eu o teu marido.

Apesar da intensidade do amor que sentia por aquele homem, ela lhe disse:

— Também te amo. Mas te asseguro de uma coisa, Bertinho: Eu vou te deixar. Se te casas com outra te deixo e a mato!

— Mas e tua promessa?

— Tu a arrancaste sob chantagem. Não valeu.

— O que estás fazendo agora?

— Chantagem. E não me envergonho.

O Tenente riu. Estava tão feliz que poderia morrer, que iria embora satisfeito.

— Te dou toda a razão, minha pombinha!

Capítulo VIII

ESTAVA MAGOADA. Sentia-se mais ferida que nunca. Fora o peso da verdade e sabia que ela mesma quem provocara. Mas não aceitava. Não engolia imaginar aquelas mãos, deploráveis, em sua opinião, da cortesã massageando seu marido.

Arielle tinha nas mãos um envelope, o emblema em cera eram as iniciais do nome “Aidan de Henriques”. AH, entrelaçados. Ele lhe dera na noite do dia em que atracaram no Rio de Janeiro.

Arielle não lhe dirigia a palavra desde a discussão. Orgulhosa, apenas respondia-lhe com monossílabos. Durante o jantar, no finíssimo e dispendioso restaurante do hotel, ele resolveu não dirigir-lhe a palavra também. Olhava-a muito enigmático. Às vezes, sorria malicioso ou tocava sua mão de modo furtivo. Pedira o melhor vinho da carta do estabelecimento ao garçom, e quando este o trouxera e os servia, lhe falara com sua voz rouca que sempre inspirava fêmitos em Arielle, que lhe entregasse o envelope que ela agora segurava. Na ocasião, ela disfarçara o espanto e arrepiara-se com o olhar que ele lhe endereçara, antes de voltar a atenção à refeição. O sorriso, muito sedutor com um dos cantos da boca quase a aniquilara. Mas vinha se educando em disfarçar o efeito que ele exercia sobre ela.

Recebendo o dito envelope da mão do garçom, o guardara em sua bolsinha decidida a abri-lo somente quando chegasse a Campina dos Lobos. Erguera-lhe uma sobrancelha e seu olhar lhe dissera: “Não tenho a mínima curiosidade”. Agora, aquilo parecia queimar-lhe os dedos. Tinha certa eletricidade, até. Como podia lutar tanto com a curiosidade? Era uma deliciosa tortura... Como negar-se a ele. Quebrou o lacre e dali de dentro, retirou o papel de cor creme de densa gramatura. A letra, a tinta de pena, decidida, forte e marcada era bem mesmo de homem. Caligrafia de um Coronel. Tremendamente ansiosa, correu os olhos pelo seu conteúdo.

Recife — PE, 04 de Janeiro de 1876

Minha ardente esposa,

Assim que te vi, desde o primeiro segundo, apaixonei-me por tua
aparência

inocente,

mas

um

tanto

selvagem.

Nos

primeiros

momentos de nosso relacionamento, tua aura rescendia uma pureza tão
intensa e infinita, que mesmo casados pareceria um tanto profano te
possuir. Como se eu quisesse retardar o inevitável... Alongando o
sonhar com o paraíso.

Jamais eu poderia imaginar que te mostrarias, no futuro que é chegado,
a personificação de tudo o que sonhava encontrar em uma mulher. Tua
entrega faz-me, às vezes, confundir teu corpo com o meu. Isto se dá
naqueles momentos em que me esqueço de onde termino e onde
começas. Então, me pergunto, se é mesmo verdade que te encontrei.
Ah, escrevendo estas palavras e pensando no que pretendo dizer, chego
mesmo a suspirar.

Há uma cena que, mesmo que me prendam ou torturem, ou me
exilem, ou me matem nunca se apagará. Pois se tornou o meu mais
precioso, valioso e eterno tesouro que escondi nos recônditos mais

secretos do pensamento. E é muito curioso que, tendo esta cena me perturbado sobremaneira, eu a tenha transformado em versos.

Um dia, esta minha mais fantasiosa quimera, farei com que a repitas para mim. Quero assistir-te... Tocando-se... Sob meu olhar. Só para mim...

‘Sob o crepúsculo’

Deitada sobre a quente areia, A pele a deleitar-se aflagada Na textura dos grãos infinitos Suspensa em teus pensamentos Pensavas em quê?

Bem sei, sonhadora
Vagava por momentos passados.

Os olhos cerrados, os braços esticados Espreguiçava-te...
Eras qual felina ociosa.

Mais perto me cheguei e vi-te Quão dengosa estavas
Quando inocente de outra presença Saudosa de mim acheite Deliciado
eu poderia sonhar?

Que esquecida de teus medos, O interlúdio de tuas mãos
Que em lembranças de nosso amor buscavam segredos
em ti, que muito devia palpitar...

Então deleitada, minha princesa mimosa Abriste os olhos lentamente
Alargaste os lábios docemente
O sorriso de prazer, de terna flogosa O que viste?
Que sentiste — Perguntava-me eu.

A profusão dos laranjas e pratas Dos vermelhos e verdes
Era o céu a explodir o lusco-fusco Do sol que do mar recebia glória
Pelo simples despedir.

Extraordinário foi o contemplar Do receio que tiveste.

Vi o teu corpo estremecer e correr
Quando, de repente, sem prevenção
Rasgou-se longe no céu, sobre o mar,
O raio que anunciava que finda a beleza crepuscular Uma noite escura,
tempestuosa — como tu Haveríamos de passar.

Aidan de Henriques

A tarde que antecedeu a virada do ano! Ela percebeu. Ele a descrevera,
usando as palavras, com perfeição...

Arielle, que vinha censurando-se nos últimos dias de abstinência por
seu comportamento mundano, passou em poucos momentos por
sentimentos adversos.

Tinha dúvidas a respeito de como era o comportamento adequado de
uma esposa nesses quesitos. Então ele a vira naquela tarde em que...
Pensava nele? Se ele soubesse o quanto ela rezara para se redimir de
seu libidinoso ato pecador... Mas ele em vez de condená-la, apreciara!
Mas isso era bem previsível; era ele um homem ateu em seu coração.
Não levava em conta os princípios da Igreja. E porque agir daquela
forma lhe aprouvera? Somente seu corpo fora tocado. Ele só
observara... Não entendia... Tudo no marido era tão... Imprevisível...
irresistível — assumiu afinal.

Nunca suspeitara que olhos a observavam aquela tarde...

Teria de quebrar o gelo para receber só mais uma dose daquele ópio
que a corrompera. Talvez, se o esgotasse não lhe sobrassem forças para
que fosse ao arraial, muito menos à maldita taverna, calculava.

Saiu a procurá-lo surpreendida, não imaginava que ele podia ser poeta.
Tanto sonhara em receber, como Mariana, também versos de seu
amado. Ainda que uma fátua quadrinha. Perguntava por ele e, quando
soube que tinha ido até o arraial, sentiu que talvez um de seus nervos
tivesse estralado.

Encaminhou-se para o quarto e lá se trancou. Não chorou. Estava
nervosa em demasia para isso. O ciúme a fulminava. As unhas

enterravam-se na carne da palma. Não conseguia planejar nada para espicaçá-lo. Fez, ao longo da tarde, infinitas cenas e imagens dele e a suposta amante se reencontrando.

“Ah...! Guita, se um dia me deparo contigo, não te sobrarão carnes que possas vender!” — Ameaçou em pensamento, apertando os olhos. Em algum momento, no meio da tarde, Joaquina a chamara do lado de fora do quarto, mas ela ignorara. Sentiu pena por isso, mas não queria acabar falando mais do que devia à cunhada. Olhava o relógio a cada minuto, contando com que ele chegasse. Mas quando isso aconteceu, já havia escurecido.

Luís Carneiro deixou o Rio de Janeiro acompanhado de seu filho Fernão. Levava consigo os documentos que o juiz assinara. Ele reconheceu que, apesar de idoso, o Barão estava mais que lúcido, era um homem saudável — e também possuía velhos amigos. Depois de tanto tempo preso entre loucos adquirira, sim, algumas manias difíceis de disfarçar, mas com esforço e a paciente e interesseira ajuda de Fernão, conseguia.

A primeira coisa que quis ao sair do hospital para doenças mentais, foi alugar uma mulatinha de ganho para viajar com ele.

Contudo, se sentia cansado e até agora só a usara para aquecê-lo à noite. A pobrezinha chorava de medo quando se via trancada com ele no quarto, nas casas de pouso em que paravam para pernoitarem.

Fernão estranhara o fato de não ver mais o pai fumar seu inseparável cachimbo. Mal sabia ele que agora o velho Barão só o fazia se fosse debaixo de uma cama.

Fernão mal acreditava que os cinco anos de “pobreza”

chegariam em pouco ao fim. Acompanhava o pai, para a retomada de seu patrimônio. Mas tinha seus próprios planos que, depois de muito

bem arquitetados, seriam colocados em prática. Vivera por cinco anos com a mesada parca que Aidan de Henriques lhe pagava através de seu advogado. A quantia até que era bem alta — mesma quantia que Tiago ganhava trabalhando como residente. Mas, para um perdulário como Fernão Carneiro, qualquer quantia é irrisória. Mal conseguia saudar as pendências com o alfaiate... Agora isso chegava ao fim e seu “irmão” — pensava com desdém — teria bem o que merecia.

Tinha uma aliada perigosa. Astuta e muito ardilosa. Guita —
examante de

seu

pai.

Fernão

desconhecia

os

motivos

que

impulsionavam a cortesã contra o Coronel. Não sabia que ela se sentia rejeitada. Mas, achava-a perfeita em tudo que planejava, pois tinha o peito envolvido pelo desejo de vingança.

Estavam quase chegando, mas maçado ao extremo, bufando, teve de mandar parar a carruagem a beira do caminho, para o pai recolher algumas pedras, que achava interessantes.

Aidan chegou em Campina dos Lobos na hora do jantar.

Como Arielle não descesse logo para refeição, mandou que a

chamassem. Joanhina, adentrando à sala de jantar, ouvindo à ordem que ele expressava à Saquina, um tanto ressabiada, disse:

— Penso que ela pode estar doente. Estou muito preocupada na verdade, Coronel. Bati à porta de seu quarto por várias vezes e não obtive resposta. Não sei o que pode ter havido. Talvez esteja até desmaiada!

Sem olhar para a irmã, levantouse e galgou depressa a escadaria que levava ao andar superior. Pelo trajeto, fantasiava uma gravidez.

Arielle, pela janela, o vira chegar. E ali ainda estava. Estivera por horas alternando olhar dos móveis para a janela. E também ficara a caminhar pelo quarto. Um vulto inconfundível aparecia há pouco e entregara Nômade a alguém. Estava decidida em não descer para o jantar e... De repente, seu coração disparou quando o som de batidas bruscas ecoou pelo amplo dormitório. Sabia de quem se tratava.

— Arielle! — Mais batidas. — Arielle, responda! — ordenou grave. — Estás bem?

Como as batidas fôssem incessantes ela, esperando um momento de silêncio, falou-lhe em um fio de voz:

— Estou bem. Não jantarei esta noite.

— Abra! — A ordem não era gritada, mas seu timbre era tão intenso e militar, que Arielle tremeu. Mas se controlou depressa. Não tinha o que temer. Era ela a injuriada, não?

— Pode jantar em paz, Aidan. — Mais ordens para que a porta fôssem destrancada. — Tenho de descansar! — reclamou.

— Se não abrires, arrombarei! — Estava cansado de ser evitado.

— Esteja certa... — Para ele bastava a humilhação de ser rejeitado, quando tentava abrir a porta de comunicação e achava-a trancada.

Queria ao menos a dignidade dela “honrá-lo” com sua presença durante o jantar, decidiu com sarcasmo, ordenando uma vez mais que ela abrisse a porta.

Arielle permaneceu em silêncio. Então, momentos depois, ela percebeu que a porta maciça estava sendo abalada no batente, com força tão

descomunal, de modo que mais um pouco viria ao chão.

Fez a imagem dele espancando a porta com o antebraço musculoso.

Correu para a porta e pediu em agonia:

— Pare! Pare, prometo que abrirei. — Quando as pancadas cessaram, ela lhe disse, controlando o quanto podia a voz: — Espereme na biblioteca. Tenho de... Recompôr-me.

— Estarei lá — declarou. — Agora. Se demoras, subirei com a chave mestra. — Então ouviu os pesados passos das botas que batiam contra o assoalho ressoarem pelo corredor, distanciando-se.

Arielle, que se achava na escuridão, acendeu uma vela e aproximando-se do espelho basculante de madeira muito nobre, fez um coque ligeiro em seu cabelo. Achou que a aparência de seu rosto era péssima, mas não havia tempo. Vestiu rapidamente as saias que tirara quando ali chegara mais cedo e saiu descalça do quarto.

Criara dezenas de imagens em sua mente, durante toda a tarde e as sentenciara como verdadeiras. Por isso, armada de toda sua insegurança disfarçada pela costumeira petulância, caminhava rumo da biblioteca certa de travar uma discussão do nível do camarote. Mas quando chegou lá, foi tudo tão diferente do que esperava...

Pouco depois o jovem Barão ouviu os ruídos de sua esposa entrando ali sem bater. Não se levantou da poltrona de alto encosto e nem tampouco a fitou. Depois de longo tempo ela, sentindo-se invisível, o chamou:

— Aidan...? Já estou aqui.

— Eu sei.

Ele estava oculto para ela, sentado de costas para a porta. Depois de um silêncio longo e embaraçador:

— Que queres de mim? — inquiriu ela impaciente.

— Queres dizer agora ou em um sentido mais genérico?

— Estava descansando e tu quiseste ver-me.

— E há mal nisso, Arielle? Um marido querer ver sua esposa depois de um dia cansativo... Querer uma presença agradável ao jantar... Há

dias e dias que mal trocamos uma palavra. Tu... Tu trancaste a porta de comunicação de nossos quartos.

Ando exausta, mesmo sem exercer nenhuma tarefa — mentiu. Apesar do atraso da regra, sentia-se muito disposta.

Talvez devêssemos chamar um

doutor... —

sugeriu,

reprimindo a vontade de sorrir. Poderia ela estar esperando um filho?

— Por que ignoraste meu chamado assim que bati? O que te custava abrir para eu ver-te? Tens sido tão infantil! Se não te sentes bem, eu jantaria contigo no quarto. Joanhinha contou-me que, à tarde, também a ignoraste.

Não ia falar, tocar no dolorido assunto de seu ciúme. Machucava suplantar o orgulho ao não se calar. Mas a vontade era intensa demais para suportar.

— Foste vê-la? — indagou direta, estreitando o olhar.

Aidan, então, se levantou e, caminhando sem pressa, sentou-se em uma poltrona mais perto de onde ela estava, em pé, imóvel.

Apoiando a mandíbula forte na mão, com uma calma enervante para ela, perguntou:

— A quem te referes?

Olhou para a figura imponente do marido. Tons de amarelo das dezenas

de

velas

que

iluminavam

o

ambiente

bruxuleavam

conferindo-lhe ares misteriosos.

Ele sempre lhe inspirara um medo perturbador... excitante.

— Não tentes passar por desentendido, ora. Tu sabes. A... Bem, Guita

— preferiu por não dizer a palavra que pretendia na frente dele.

— Achas que não cumprio minhas promessas, Arielle? Não confiaste em mim. Um matrimônio não sobrevive sem a base que pode torná-lo mais sólido e imaculável: a confiança.

— Diga que não a viu.

— Desde que a vi pela última vez, há meses, até hoje eu nunca mais a procurei. Dei-te minha palavra. Quando minha palavra te vai valer? — Pausou acabrunhado e continuou: — Por que te deixas enfraquecer pelo demônio do ciúme, meu bem? — Levantouse e foi até ela. — É lisonjeiro até certo ponto. Mas a partir do momento que nos separa... Não poderei suportar tua insegurança. Sabes que sou teu e de mais ninguém.

Do que ele estava falando? Arielle pensou irritada. Ele era o ser mais possessivo, ciumento e aprisionador que já conhecera! Como ousava tentar enganá-la com aquela sentença de efeito?! Se fosse dela negaria-se a deixar vale Campina?

— Por que ignoraste a pobre Joanhinha? — ele continuou ao apoiar ambas as mãos nos ombros dela. — Saiba que ela ficou magoada. Não imaginavas que eu ia ao arraial mandar um telegrama para o possível noivo de minha irmã? Não pude te contar... Muito menos convidar-te a me acompanhar. Não deixas eu me aproximar de ti.

Sabias que lá, também, encontrei-me com Tiago, meu outro irmão?

Ele confessou-me que saiu cedo decidido a passar o dia na cidade, como tem feito há dias, para não confrontar-me. Mas, afinal, nos demos as mãos e...

— Aidan...? — murmurou.

Ele rendeu-lhe atenção.

— Aidan, eu li teu poema — contou desviando os olhos dos dele. Notou que um brilho misterioso acendeu-se, flamejando o olhar do marido. Então prosseguiu:

— Li e fiquei surpreendida. Desci a tua procura, mas não acheite. Disseram-me que tinhas ido à vila. Sim, tens razão quando dizes que minha fraqueza é o ciúme. Mas, sei que em meu lugar serias muitas vezes pior. Já demonstraste. E se fosse eu ir até lá e ficasses tu aqui, a mercê de teus incontrolados pensamentos? Hum? Não farias também imagens acerca de... Rubén... — tremeu ao pronunciar o nome. — Eu...

— Arielle — apertou-lhe os ombros, o tom ameaçador, — porque queres brincar com fogo? Não se pode comparar. Sou homem e tu és mulher.

— Simples assim? Entendo bem as leis que regem a sociedade em que nasci. Leis injustas para com as mulheres, os negros e os pobres. Mas comigo não vou admitir! Já bem dizia Eduardo...

— Quem é Eduardo? — indagou grave.

Ela, então, o fitou irônica. Não demorou em que ele também deixasse escapar uma fâisca de despeito, também, por ela mencionar o nome de outro homem que não representava qualquer ameaça.

— Eduardo? O namorado de uma grande amiga que fiz no Rio de Janeiro. Ele dizia que as mulheres são para a sociedade... — ela falava, afastando-se dele, mas Aidan não absorvia uma palavra sequer do que ela pronunciava do discurso de direito de igualdade entre gêneros. Entrou em um estado de introspecção em que só lhe percebia a silhueta curvilínea que se movia de um lado para o outro pela biblioteca. Ela o lembrara, afinal, do poema que lhe escrevera. Era como se tivesse

capturado o momento com palavras, como em uma pintura perfeita.

Os sons que lhe acompanhavam à imagem mesclavam-se aqueles de quando se amavam. Se ela imaginasse quão linda estivera àquela tarde! A única poesia que compusera que já deixara outros olhos, além dos seus próprios, tocarem. A única redação que se sentira seguro, confiante.

E, enquanto daquela maneira controlada, Arielle andava pelo recinto lhe falando tudo o que há muito pensava e escondia no segredo de seu coração, Aidan, com a cabeça apoiada na mão, ali já acomodado naquela poltrona de veludo verde escuro a escutava, apenas. Era certo que, de fato, não a escutava. Nem uma palavra sequer. Era óbvio que as palavras do jovem Patrocínio não pareciam o inflamar como à ela. Fora o tempo de se emocionar com Castro Alves e, o que lhe importava as idéias de Eduardo? Seu tempo de crença, fê no próximo, sonhos dourados para a humanidade já havia sido extirpado por dezenas de situações e fatos que se unificaram culminando na razão de seu ceticismo. Como ela percebesse, de repente, interrompeu a frase que ia dizendo.

— Porque nunca impões atenção aos meus pensamentos? — perguntou-lhe triste.

Ele não respondeu e Arielle permaneceu imóvel até que não suportasse mais o peso daquele olhar intenso sobre si.

— O que estás a olhar? — perguntou baixinho.

—

Para vossa mercê — não se moveu um milímetro ao respondê-la. O olhar também não desviou.

— Ultimamente o senhor tem feito isso. Durante o jantar no Rio de Janeiro, a viagem toda até aqui... Pois te digo que não gosto. Antes não podia eu dizer palavra que já era interpelada por suas considerações lógicas. Ou, mesmo, tratavas de mudar o assunto.

Agora...

— Agora, me parece bastar o silêncio de observar-te.

Ele levantouse e caminhou até ela. Agora, sem salto, Arielle notava como toda a altura dele era ameaçadora. Conforme se aproximava, ia ela lentamente de costas recuando, até que encontrou a escrivaninha atrás de si, que a barrou. Apoiando cada uma das mãos no gradil da mesa, deixando-a sem fuga ficou parado, de frente à ela, sem dizer palavra, sem, no entanto tocá-la. Seu rosto estava a milímetros de distância do dela. A tensão era forte, Arielle podia sentir o calor e aroma que se desprendia do corpo de seu marido. Da respiração dele. Quantas saudades de sentir aquele corpo em contato do seu! Os olhos dele, ora tão límpidos e claros, se achavam agora estranhamente escurecidos e baços.

Ele desceu as pálpebras lentamente, deitando aquele olhar nos lábios de Arielle. Parecia esfaimado. Então, ergueu de volta o olhar e ela viu o fogo das velas refletido naqueles olhos, como fossem a vidraça de uma janela. As chamas queimavam ali dentro, sem, no entanto, consumi-los. Era assim que há muito se sentia. Queimando sem consumir-se.

— Aid...

Aidan nesse momento calou sua voz que da garganta nascia em um sussurro. Foi com um daqueles beijos efêmeros, em que o toque chega a ser vaporoso. Um beijo fugaz... Apenas um gesto que ele fazia para lembrá-la de como era quando se tocavam. Para lhe mostrar o quanto era fácil, se quisesse, lhe seduzir. Mas, como a queria por inteiro, como queria que ela demonstrasse abertamente que o queria, como estivesse cansado, mesmo, de desprezos, não o fazia.

Aidan afastou-se milímetros e voltou a fitá-la densamente.

Arielle, a beira de fraquejar, quase se precipitou insana para os braços dele. Era questão de simplesmente mover-se. Mas conteve-se.

Era seu modo de dizer a ele que não queria passar a vida ali, naquele lugar que abominava.

— Se estou longe de ti, sinto não só meu desejo doer. Mas aqui...

— pegou, suavemente, a mão de Arielle e colocou onde deveria estar a

boca de seu estômago. — E aqui — guiou mais um pouco a pequena mão até pousá-la sobre o peito esquerdo.

Depois de uma pausa de um longo momento perguntou:

— Antes de ti, eu nunca soube o que era isso... Sempre vivi sozinho e nunca pedi afeto a ninguém. Parecia bom viver assim. Era seguro viver assim. Mas venho fazendo isso contigo. E em troca de todo o amor que te dou, o que recebo? Todos os meus momentos de introspecção Arielle, como há pouco, são momentos em que reflito: “Por que eu a amo?” — Então sua expressão denotou estranheza: — Tudo conosco sempre foi tão... Contraditório — completou

estreitando o olhar.

— Só tu é quem podes isto dizer..

— O amor, segundo o que se vê, se diz, se escreve é coisa maravilhosa. Por que para mim é uma dor? Desde o dia em que não te tive mais em meus braços que sinto isso — fez um gesto como que arrancando algo de dentro do peito — que sai de dentro e é uma angústia infinita. Não percebes? Quão terrível é? Porque não me consentes mais em teu corpo? Sei como te contentei, te bastei... — Ante ao que ele disse, o desejo de Arielle tornou-se físico, vertendo de suas ardências internas. — Porque o negas, se este corpo — deslizava ambas as mãos pelas laterais do corpo feminino — é um pedaço do meu?

Ele virou-se abrupto abandonando lhe o abraço e Arielle sentiu um frio envolver-lhe agora que ele já não mais a acunava. Vio-o a fitar os vários candelabros sobre o respaldo da lareira, ficando como que hipnotizado pelas chamas que dançavam livres em suas oscilações candentes. Mesmo sendo uma noite ao pé da serra, naquele verão, fazia muito calor. E dentro de suas roupas, perto daquela mulher, ele fervia ainda mais.

Depois de alguns momentos considerando tudo que ele dissera, Arielle o alcançou com passos lentos e, sem ruído, tocou seu ombro, no que ele se virou ela disselhe:

— Penso que o amor, pode doer. E muito. Dói em mim também a

falta de ti, Aidan. Mas esta dor, só é incurável, para aqueles que não sabem ou não querem voltar atrás.

Então a olhou incrédulo.

— Não há o que voltar atrás — retrucou seco. Deixava bem claro que ela poderia fazer qualquer chantagem que quisesse, que não cederia. — Porque fãlas assim? O que entendes de amor mais que eu?

— Pense bem, meu... Bem. Só existem duas pessoas que se preocupam contigo, verdadeiramente acredito, tua mãe e... Eu. Será que não seria mais acertado e seguro para ti conservares nossos sentimentos do que ter teu coração envolvido em todo esse... — então suspirou profundamente — Essa vingança sem sentido?

Fitando-a indecifrável, não contraiu um músculo que fôsse. Era aquela posição um tanto prepotente em que ele se colocava que faziam a todos temê-lo. E Arielle sempre o temera, desde a primeira vez em que colocara os seus olhos sobre ele, em contrapartida à atração que ele indiscutivelmente exercia sobre ela. Entretanto, nesse momento em particular, ela ignorou o medo e sustentou o olhar.

Tentava se apoiar no pensamento de que já não era mais uma adolescente. Fora que já o provocara outras vezes. Com ela, ele parecia não perder a cabeça.

O momento de tensão se prolongou e no exato instante em que ela o viu mover o lábio para dizer algo, adivinhou que ele não cederia e se adiantou:

— Então, sinto muito. Penso que não temos mais sobre o que conversar — e, segurando as saias, ia retirando-se da biblioteca em uma pose muito altiva.

— Espere — ele ordenou.

Arielle voltou somente a cabeça e o fitou sobre o ombro.

Tremeu de esperança.

— Tu que és tão correta... Pelo que soube nesses cinco anos sempre tão justa... Usando de chantagem para comigo?

— Ora, numa batalha se luta com as armas que se tem à mão, não é

verdade? Não foi assim quando decidiste me tomar por esposa?

Mesmo contra minha vontade?

Ele anuiu e lhe voltou as costas. Ouviu-lhe os passos que a distanciavam dele. Não queria estar distante dela...

Mas disse, pensando na tomada de Campina dos Lobos:

— O que está feito, está irremediavelmente feito.

Se ela soubesse quão terríveis aqueles cinco anos foram para ele também! Se imaginasse que vira por todo o tempo sua presença caminhando pelo solar, ouvira-a tocar aquelas composições que executara triste, muitas vezes, antes de casarem e antes de partir.

Enxergara-lhe o vulto, em seus vestidos translúcidos, pirilampar por entre o jardim, as flores, as borboletas. Era como se o riso dela ainda ecoasse pelos campos quando, mesmo ela distante, na Corte, jurava que a via brincar com os filhos dos cativos na alameda de palmeiras, a ler para eles histórias na grande escadaria, a orar com eles na cozinha velha

antes

das

refeições.

Enxergara-a,

também,

nos

lábios

sonhadores e saudosos de Saquina. E a tortura lhe acompanhava mesmo na hora de dormir. Sentia-a vagar, na escuridão, em volta de seu leito por madrugadas e madrugadas a fio. Mesmo acordava

assustado, quase acreditando que a tinha a lhe esquentar os pés com os seus, como naquela primeira noite em que dormiram juntos... E totalmente assombrado, aterrado, consciente do que lhe poderia acontecer se permitisse que vivesse ali, sacrificara-se.

Também a ela. Mantendo-a todo aquele tempo no Rio de Janeiro?

Algum dia lhe contaria o perigo real sob o qual ela vivera? E talvez ainda vivesse? Mesmo com todo cuidado que tomava...

Aidan, então, relaxou os ombros e, servindo-se de uma bebida forte, em seguida bebericando, olhou para o espaço vazio sobre a lareira apagada. Quando ostentaria um retrato da Baronesa?

Enfiou a mão no bolso da casaca e sentiu a pequena jóia que buscara no ourives, quando de volta ao Rio de Janeiro.

Quando traçara suas metas, muitos anos antes, elas não incluíam uma esposa, ao menos não de imediato. Se houvesse uma seria uma bem escolhida em uma das boas famílias de seus relacionamentos de negócios. Uma dama da corte. Cordata, útil. Por que se precipitara tanto por uma paixão? Acreditava que o que sentia por Arielle era amor, já que sua ausência lhe doía não somente por todo o corpo, mas lhe inquietava nos momentos mais inoportunos os pensamentos.

Também pela intensidade dos sentimentos que lhe assaltavam quando a estreitava junto a si.

Mas qual seria seu conceito de amor, se nunca convivera com ele?

Antes que se perdesse em um emaranhado de reflexões que, ao que pareciam, não o levaria a nada; retirou-se dali para o seu quarto.

Quando buscou a porta de comunicação que o levaria de seu quarto ao da esposa a encontrou trancada. Sentouse na beirada da enorme cama, em que há uns anos a observara repousar. Desanimado suspirou. Em nenhuma hipótese cederia. Se baixasse a bandeira ante o primeiro capricho de Arielle, decerto que ela o manipularia por toda a vida. Abrindo uma pequena caixa de veludo que deixara sobre a mesa de cabeceira, guardou o relicário de ouro que,

preso por uma corrente, portava a fotografia da esposa em uma das faces; na outra a efigie AH.

Ele podia dizer que ela lhe pertencia. Mas só até onde ela lhe permitisse.

Capítulo IX

FAZIA

UNS

DOIS

ANOS

que

Madame

Suzanne

se

restabelecera no Brasil. Com a enorme quantia que seu genro lhe dera para ir embora e não mais voltar, montara nos arredores de Paris uma pequena casa de moda que cresceu tão depressa que mesmo, agora, após alguns anos, quase não acreditava.

Anoitecia e era hora de fechar sua Boutique. Para fazer isso ela tinha um criado. Seu faz-tudo.

— Felício, já é hora de fechar — ordenou avaliando o

movimento que diminuía àquela hora, na rua central de São Paulo. O mancebo, que dobrava e guardava em suas respectivas caixas muitas peças de roupas, atendeu de pronto sem necessitar segunda ordem. Suzanne o observava caminhar. Quando chegou até a fachada da loja olhou para o movimento de carruagens que aos poucos se tornava também menos frenético. Felício era um jovem magro, não muito alto,

mas de rosto incrivelmente belo. Suas feições eram perfeitas como de um anjo representado no Renascimento. Começara a trabalhar ali quando Suzanne chegara da França e ela não queria perdê-lo. Mas sabia que um dia, seria inevitável que ele a deixasse já que era muito talentoso. Apesar de o rapaz ocultar com empenho, tinha conhecimento que ele gostava de desenhar croquis de moda. Um dia, planejava, com muito jeito sugeriria que ele a permitisse levá-los a D.

Arminda, sua costureira.

Queria ver aquelas fabulosas criações executadas! Decerto seriam um sucesso, e aqueles acessórios complementares, se tornariam a coqueluche da burguesia e nobreza feminina paulistana. Suzanne Moissonner não se readaptara a França. E tanto sonhara em voltar para lá! Assim que admitiu para si que sentia falta do clima tropical e das gentes emproadas, porém, amigáveis do Brasil, vendeu a grife que criara por um bom preço à outra Madame que há muito vinha tentando se livrar da concorrência acirrada que era Suzanne.

Juntara seus baús e entrou no primeiro navio. Atracou no porto de Santos, onde se hospedou por um tempo. Enviara uma missiva à filha. Queria voltar a Campina dos Lobos para viver com ela, mas a resposta de seu genro fora incisiva. Em palavras curtas e secas ordenou que não ousasse lá por seus pés. Sua entrada não seria permitida. E soubera que, afinal, Arielle não vivia lá, mas na Corte.

Não raro, em tardes de chá, entre o tilintar da porcelana oriental e o bebericar nos cristais Tchecos ouvia dizerem o nome dela. A bela Baronesa de Vale Campina, esposa do Cel. De Henriques. Poderiam sonhar aquelas esposas de políticos e profissionais liberais que ela trouxera Arielle de Henriques ao mundo? Melhor que não. Muitas noites ela chorava, saudosa da única filha. Mas se consolava em saber que ela era rica agora. Não se arrependia de tê-la entregado. Era uma Baronesa, casada com um militar; estava protegida, enfim, de seu mau gênio. Tinha muitos escravos para lhe servir e nunca precisaria passar na vida as agruras pelas quais ela, Suzanne, passara.

Arielle

nunca precisaria trabalhar para viver.

Lecionar ou tomar conta dos bebês alheios. Suportar a arrogância e caprichos que ela suportara de suas patroas, nobres ou não.

— Vais sair esta noite, novamente, Madame? — o mancebo lhe interrompeu os pensamentos. — Se

me permites

a ousadia

de

indagar...

Suzanne sorriu para o jovem de dezessete anos. Como era sagaz!

Por mais discreta que fosse, ele não deixara de notar.

— Sim. Hoje iremos jantar em meu apartamento.

Então Felício a enviou um estranho olhar.

— Não há com que te preocupares, querido. O Sr. Emílio Damião é um cavalheiro. Eu mesma o convidei — dizia enquanto colocava o chapéu sobre os cabelos loiros passando as delicadas flores do cetim por baixo do queixo e, logo, calçava as luvas de veludo negro. — Não te esqueças de trancar tudo e apagar o lampião da rua, hum? Au revoir, mon garçon...

— Tenha uma boa noite, Mad... — mas ela já saía.

E Felício ficou ali, só, com seus pesares.

A modista caminhava pelo calçamento de pedras. O salto do caríssimo sapato batendo e causando um ritmado ruído. Morava perto de sua loja. Seu apartamento era pequeno. Tanto que talvez menor que a sala de banhos do quarto principal do Solar de Campina dos Lobos. Mas era um luxo. Decorado com muito bom gosto, dotado de alguns

confortos modernos e ainda com uma linda vista para o coração do centro de São Paulo.

Emílio era o primeiro homem a quem permitiria a intimidade de visitar sua casa, desde que ficara viúva há quase vinte anos. Seria a primeira vez. “Como ele se comportará?” — Ela observa as vitrinas e considerava. Decerto que, depois da sobremesa quando o convidasse para um champanhe, sentados no sofá da pequena sala, ele haveria de tentar beijá-la. Só de antecipar o acontecimento sentia-se tensa.

Emílio era um homem experiente e ela já não era a viúva juvenzinha que fora. É claro que logo ele não iria mais querer limitar-se a beijos.

Então, pensou, será a hora de parar.

A imagem da memória de seu amado marido, pai de sua filha era, por demais, sagrada para ser manchada. Jamais haveria outro homem para ela. Mas sentia-se tão só nos últimos anos... Quando ouvia as clientes conversando baixinho entre risinhos maliciosos sobre suas aventuras extraconjugais, ou mesmo conjugais, sentia uma pontadinha de inveja. A necessidade de sentir-se viva era emergencial. Ainda não tinha quarenta anos! Cenas do passado, por vezes sem conta, a vinham perturbar durante o sono, em seus impudicos sonhos. E, no presente, o corpo a reclamar.

Quando conseguia libertar-se e

acordava enfim, rezava baixinho para que conseguisse manter o passado enterrado.

Mas sua mais terrível angústia, era se veria a filha outra vez em sua vida.

Três suaves batidas na porta ressoaram também secas no quarto de Mariana de Ribeira. Ela tremeu, mas respondeu ao chamado contendo, em tempo, o fraquejar da voz:

— Entre, por favor.

A porta se abriu e ela pôde notar a silhueta alta de Otacílio que punha meio corpo para dentro da porta.

— Só vim desejar-te boa noite — esclareceu logo. — Precisas de alguma coisa?

— Nada. Tenho tudo de que preciso — respondeu Mariana cordata. Mas pensava em Eduardo e sua falta. — Obrigada — agradeceu pendendo, graciosa, a cabeça.

— Então... Boa noite.

Tendo a porta sido cerrada ela, que estava lendo enrodilhada em uma poltrona, levantouse e entrou para debaixo dos grossos cobertores. Para janeiro a temperatura estava muito baixa. Mas era de se entender.

Agora residia no sul de Santa Catarina, na estância do marido. Lá, tão perto da serra, dissera-lhe ele, fazia frio quase que o ano todo.

Como aprenderia a suportar essa nova vida?

Pensou se Arielle já teria recebido a carta que lhe enviara.

Tomara o marido não a abrisse. O segredo daquela carta só sua mãe conhecia e esperava que em breve Eduardo. O que pensaria ele quando soubesse que estava casada? Desatou a chorar convulsiva. Seu coração sangrava. Desejava a morte. Sua alma estava ferida e não podia refazer-se da saudade ardorosa que sentia do amado. O único consolo era a consciência de ter um filho do estudante dentro de si.

Queria odiar o marido, como se comprometera a fazê-lo. Mas era difícil... Ele, o Visconde, era tão gentil! Procurando sempre algum modo de zelar por seu bem-estar. Fungando, enxugou as faces com as palmas das mãos. As lembranças recentes lhe torturando minuto após minuto.

Cada badalada que ecoava lá na grande sala, uma ardentia a lhe fulminar o peito e lembrar-lhe que o tempo se lhe ia urgindo. E

aquele fruto santo de amor tão verdadeiro, crescendo.

Certa noite, quando já não era mais possível postergar, Mariana

deixara a porta destrancada. Seu filho nasceria de sete meses, pensara chorando e tremendo ao destrancar o ferrolho. E, assim, seguira o conselho da mãe. Deixara destrancada a porta para Ribeira, porque sabia ser necessário, senão jamais consentiria com o que se sucedera.

Horas depois, Otacílio batera na porta de seu quarto e, como ela não respondesse, entrou. Ele vestia um robe de chambre de acetinado marinho que lhe combinava bem com seus cabelos prateados nas têmporas.

Mariana suave e os olhos de Eduardo a aguilhoavam. Pediam conta de sua promessa.

Então o rosto moreno de Ribeira se apresentou bem diante de si.

Admitia que em outras circunstâncias o pudesse achar apresentado.

— Estás bem? — indagara ele, sereno.

— Sim, como vês me acomodaram muito bem.

— Que bom.

O Visconde era um homem de poucas palavras. E nas poucas que oferecia, quase nenhuma emoção impunha.

Então se aproximara e abaixara-se a seu lado tomando-lhe a mão pequenina. Vendo que Mariana tremia, ele a olhara nos olhos negros e acariciara seu rosto com o polegar. Naquele instante, surpreendente!, tinha um olhar de fogo que a fizera começar um choro infantil.

— Não te preocupe. Sei ser muito carinhoso com donzelas.

Ah, então ele tivera outras? Outras donzelas? Os pensamentos a martelavam. O

que ela esperava afinal?

Que, diferente dela, se mantivesse casto até o matrimônio? Que louca! Ele, além de ser velho, não era seu Eduardo...

Então fora tomada, por ele, no colo. Afagando-lhe ternamente a cabeça a carregara para o leito. Depois de apagar o candeeiro e retirar o chambre, ele entrara com ela por debaixo dos cobertores.

— Quietinha — pedira em um murmúrio rouco. — Não... não

precisas temer assim.

Tentara

encostar

a boca

nos lábios generosos de Mariana.

Sonhava com isso desde o dia do casamento, contudo, ela voltara brusca a cabeça para o lado. Já era um esforço descomunal e muito doído permiti-lo.

Ele, que julgava ser uma retração receosa de virgem, sabia que com o tempo ela se soltaria. Afinal ela era uma esposa, não outros tipos de mulheres que ele conhecia bem. Levantara-lhe devagar a saia da camisola sem deixar de passar a mão por uma perna, a qual ela retraíra. Ela ainda tremia convulsionadamente.

Sentira o perfume dela. Era marcante e delicioso, não saberia precisar qual. Otacílio não imaginava, naquele exato momento, que para ele era um contento sem fim, para ela estava sendo repugnante.

Mas, Mariana permanecera imóvel; estática e passiva, esperando o inevitável.

Quando ele a

tomara,

não doera, como ele esperava que acontecesse. Não houvera barreira a ser rompida. Para ela houvera não mais que uma sensação de desconforto. Ele estacara por uns segundos e olhara-a, interrogativo. Mariana, depois de franzir o rosto como se sentisse asco, desatara em um choro infantil que lhe molhava os cabelos negros e lhe corava o lindo rosto moreno. Então ele, compreendendo porque ainda há pouco ela tremiera de medo, terminou em desenfreada rudeza. Ofegava e tentava entender como pudera ter sido enganado daquele modo.

Mariana então chorara mais alto diante da resposta agressiva que ele tivera para sua falta de virgindade. Se Otacílio sentira algum prazer fora mais na forma com que a punira, do que com o próprio ato, que se lhe tornou amargo.

Caíra a seu lado e depois de recuperar a respiração levantara-se.

Vestindo-se, despedira-se:

—

Boa noite... Viscondessa — imprimira,

deliberado, certa ironia no título.

Se Otacílio soubesse como ela se sentira um trapo humano quando a deixara, sozinha e daquela maneira... Mas ela julgava-se merecedora. E agradecia a solidão na qual poderia prantejar. Também não suportaria que ele permanecesse ali.

Chorando, virou de lado na cama. As lembranças continuavam lhe brotando na mente.

No dia seguinte, após o desjejum, ele lhe chamara para um passeio nos jardins da propriedade. Estava nublado como seu estado de ânimo e os verdes dos prados e montanhas distantes pareciam cinzentos. Então lhe pedira desculpas por sua brutalidade.

— Nenhum homem gosta de ser enganado. Só não te devolvo para teus pais... por que... me encantei de ti.

Ela não ousava fitá-lo diretamente e ele aproveitara isso para dizer o que pensava:

— Antes de conhecer-te, confesso, temia que tua aparência não me agradasse. Mas quando vi-te, acheite linda como ninguém. És resplandecente, senhora! Mal podia esperar para ter-te no leito...

Quando vi-te chorar, julguei que fosse por medo, inocência, inexperiência, mas... — ela o interrompeu:

— Poupe-nos. Sabes que meu receio era outro.

— Sim, agora sei. Queria pedir-te perdão por ter perdido o controle.

Sabes que tenho meu direito! Fui enganado! Se tivesses me falado antes...

— Te casarias comigo?

Ele fez que não com a cabeça.

— Por isso não contaria nunca. Pouco me importa a mim.

Pouco me importa ti. Mas o meu pai... Se ele imaginasse... — Só de conjecturar o pai saber que fora desonrada antes de se casar, tremeu.

Ele lavaria a honra da filha com o sangue de um d'Anjo Maia. Seria o escândalo da década. — Bem, ele queria casar bem a filha, teu nome...

e vossa mercê queria o dote. Está tudo ajustado. — Dera de ombros. — Eu entendo — e Ribeiro reprimiu um sorriso ao lembrar-se da vultosa quantia que estava em seguro, no banco. — Sabes, não me importa o que foi antes de nós. Tu não tiveste escolha quanto ao casamento e és tão jovem... As jovens de hoje são tão tolas... Mas, importa o que será agora — afirmara resoluta. — Perdoe se fui rude que te perdoo também. Poderemos tentar fazer esse casamento a partir daqui.

Mariana preferiria ser posta pra fora, mas assentira com um gesto de cabeça. Tinha ela outro caminho? Então ele lhe depositara um beijo na testa.

— Jamais deixarei que o ciúme me descontrole novamente.

Quero, contudo, tua fidelidade.

“Fidelidade.”. Isso devia a Eduardo e não pudera cumprir.

Nessa mesma noite ele manipulara seu corpo — pois foi assim que Mariana sentira que fora — de modo tão gentil e afável que não parecia o mesmo homem da noite anterior. E, depois, dormira ao seu lado até o amanhecer. Mas fora apenas gentil. Jamais, sabia ela, poderia ser passional como Eduardo fora. Jamais poderia lhe trazer aquelas sensações que seu amado lhe dera. Um arrebatamento...

Como se quando se amavam, o seu espírito fosse propriamente

arrancado da carne! Sabia que jamais se entregaria ao marido, do modo desprovido de hipócrisias. Seria sempre sob cobertores, trajando um camisolão de cópula. Ele nunca lhe tocaria mais que as mãos. Nunca lhe possuiria como ele... À luz do dia, em um canapé, no oculto de um jardim, ao som das vagas... Nus, sob o luar, à fresca da viração. Como aquela última vez...

Mariana deitou-se na relva, entre as margaridas e se entregou às lembranças.

Fora sua última noite no Rio de Janeiro. Sua última noite nos braços de Eduardo. Noite que sempre reviveria. Nos últimos dias, uma comoção sem precedentes com a expectativa da separação os tomara. Silêncios e entrelaces de mãos, troca de longos olhares, um crescimento vultoso no volume de poesias e odes que ele lhe dedicava.

Ele quisera lhe visitar, à noite, no colégio. Mas ela não permitira.

A superiora de sua ala andava desconfiada, vinha corredor afóra averiguando cada dormitório. No entanto, Mariana teria de arriscar.

Quem sabe, fossem pegos, não os obrigariam a casar? Seria perfeito...

Apesar do escândalo! As vezes sentia tentação de arriscar uma loucura dessas. Escrevera, por volta das nove da noite, uma mensagem à Eduardo, a qual Maria Teresa, rezando, tremendo e lastimando, fôra entregar.

“Eduardo, meu amor... Venha ao meu encontro. Preciso, ah!

como preciso de teus anelos, para que na longa separação eu preserve minha sanidade. Minha janela estará aberta, às onze e meia”.

E como fôra angustiante a espera! Recoberta, no leito, ouvira o grande relógio de badalo da Viscondessa bater as dozes badaladas e nada dele chegar. Marcar a uma, duas... bléim, bléim... nada, porém.

Revirava-se de um lado para outro, aflita, ansiosa, ardente, saudosa, medrosa.

E quando um baque surdo e acautelado ecoara pelo quarto, Mariana estava já adormecida. Ele descalçara os sapatos tão logo adentrara ali e, silencioso, aproximara-se dela. Dormia emborcada, entre toda aquela maciez de colchas e lençóis pálidos que, submetidos pelo luar que incidia para dentro, alvejavam ainda mais sob a vista.

Eduardo somente parara e a olhara. O perfil delicado, os cabelos enegrecidos contrastando com toda a brancura dos tecidos e luar, a mão que apoiava uma face, o soerguer do colo à respiração. A imagem da perfeição, concluía.

Por quanto tempo ela o esperara antes de adormecer?

O

esperaria até o alvorecer, visto que a janela permanecera aberta para muito além da hora combinada. Primeiro os amigos o detiveram, depois... A inesperada visita de seu pai. “Tua mãe, como sempre mui preocupada

contigo. Como estou na corte,

não

vi porque

não

satisfazer o desejo dela... que viesse ver-te”. — Dissera o banqueiro confiando

o

longo

e negro

bigode.

Quanta agonia ter

de

pacientemente entretê-lo, deixá-lo a par de seu cotidiano enfadonho, convencendo-o de que tudo ia muito tedioso e bem como sempre. E

fazendo tudo isso sem demonstrar sua ansiedade.

Sentara-se, então, cuidadosamente ao lado do corpo adormecido e, com afetuosidade comovida, enterrara os dedos, pela nuca, em todo aquele volume de cabelos que eram os de Mariana. Sentira-a tremer sem, contudo, despertar. Acarinhara-a por algum tempo e quedara-se a imaginar que sonhos ocupavam a mente da amada.

Queria estar neles... Mas como saber? Apoiando-se num cotovelo, achegara-se com o rosto bem perto dela, bem junto ao pescoço moreno embranquecido pela luz leitosa. Queria sentir-lhe a fragrância de alfavema e, ao fazer isso, ela fremira e dissera balbucios ininteligíveis. Encostando os lábios na orelha graciosa ele ciciara que já estava ali para vê-la, que a amava, que a queria... Mariana ainda não despertava. Quando lhe dissera que precisava que acordasse para despedirem-se, ela tremera e balbuciara mais palavras de seu sonho, entre elas:

— Dudu... sempre...

Não suportara mais esperar. Tornara-a para si e lhe tomara os lábios com os seus, aplacando, sôfrego, a dor que a partida dela lhe causava.

Mariana exultara ao ver a silhueta de Eduardo, recortada pelo luar,

volvê-la para si.

— Não me deixes ir, me impeças... — ela cochichara, a voz embargada, contra a boca quente que a beijava alucinadamente.

— Sim. Sim... Impedirei — concordara depressa. — Já não te disse?

— Procurara rememorá-la: — Estou pronto, meu amor, para que nos casemos em segredo e, depois, declaremos à sociedade nossa união. Já não são muitos os pecados em que vivemos?

— Vamos? — ele insistia. — O Sacerdote concorda e Leopoldo está pronto a nos ajudar. Basta acordá-lo. A qualquer hora da noite e...

— Tu me torturaste em demasia estes por últimos dias, meu anjo. O que farei sem ti? Por mais de dois meses?

— Não! Não o fiz deliberado. A Viscondessa...

— Shhhh... — ele a calara com um beijo.

E se amaram com angústia, se amaram silenciosos como sempre faziam ali no quarto dela. Silenciosos, exceto por aqueles cicios com que presenteavam o ouvido um do outro. Palavras inesperadas que lhes brotavam dos lábios durante o prazer exorbitante que sempre alcançavam juntos.

E, naquela noite em especial, talvez pela dor antecipada da partida iminente, teve um momento em que o prazer que sentiram foi tão grande,

quase insuportável que

exigiram

lágrimas. Nesse momento Mariana começara a chorar de tanta emoção. Mas, isso não era novidade — ela chorava todas as vezes que se amavam. A novidade fora Eduardo começar

a declamar em murmurinhos

abafados, arrastados na sua voz jovem, ritmada, uma poesia que lhe viera à mente.

Ao invés, de como sempre fazia, lhe sugar as lágrimas sorvendoas, ele

dissera, os beijos arfantes colados em sua orelha:

— Quando tu choras, meu amor, teu rosto / Brilha formoso com mais doce encanto...

Depois a fitara para lhe estudar a reação. Um brilho luminoso que o luar proporcionava batendo-lhe na retina

inundada. Ela esboçava um leve sorrir, extasiada pelo que ele fizera. Queria mais. E

ele:

— E as leves sombras de infantil desgosto / Tornam mais belos o cristalino pranto. *Oh! Nessa idade de paixão lasciva*, Como o prazer, é o chorar preciso: / Mas breve passa — qual a chuva estiva — / E quase ao pranto se mistura o riso.

— É doce o pranto de gentil donzela, / É sempre belo quando a virgem chora: — Então pausara para lhe dizer algo que vinha de seus próprios sentimentos: — Não importa, Mariana, não importa o

quanto ou quantas vezes eu te possua e te ame. Tu serás sempre a virgem pura dos meus sonhos e eu o mancebo que se rendeu aos teus encantos.

E por dizer tal, mesmo Eduardo perdera alguns versos de seu declame entrecortado.

— De noite o pranto, que tão pouco dura, / Brilha... nas folhas como um rir celeste, *E a... mesma gota... transparente e pura* Treme na relva que a... campina veste.

Eram nos flêmitos, nas sutilezas que evoluam e na poesia que ambos conseguiam, ao menos um pouco, esconder um pouco da culpa que sentiam naquele relacionamento clandestino.

— Depois o sol, como sultão brilhante / De luz inunda o seu gentil serralho, — ia recitando contra suas carnes úmidas e quentes.

Como se ela lhe pudesse prestar atenção às palavras! — / E às flores todas — tão feliz amante! — / Cioso sorve o matutino orvalho.

— Ah... Dudu... Eduardo!

— Assim, se choras, inda és mais formosa, / Brilha teu rosto com mais doce encanto: — embevecido pendera a cabeça e a observara, que rosto primoroso ela tinha quando faziam amor! Aquele rosto que, no futuro, nenhuma noite o deixaria de perseguir. — /

Serei o sol e tu serás a rosa... / Chora, meu anjo, — beberei teu pranto!

Terminava a poesia, terminava também o ato sensual no qual Eduardo transformara numa obra de arte.

Colando-se à ela, aderindo as peles, espalmando-lhe o rosto.

Sofrendo... Sofrendo por saber que em poucas horas ela partiria e ficariam por muito tempo sem a soberba do que acabavam de vivenciar, temendo que ela não regressasse.

Lutando por nutrir esperança, sussurrara que chegaria o dia em que ela o carregaria dentro de si e que daria a luz à continuação deles.

Um filho... Por que eles não eram nada mais, senão um. Padecendo das mesmas dores de Eduardo, ela concordara que não existiria milagre maior que o de gerar um filho dele, com ele...

— Preciso ir contigo... sou eloquente! Convencerei teu pai que o acertado é desposar-te afinal já somos como casados.

— Sim. És tão eloquente que deverias estar em Direito, ao invés de Medicina. Mas... Não, meu amor. Tenho de prepará-los. Direi ao meu pai que amo outro, que é de boa família. Não vejo por que ele não concordar. Ah, Eduardo... Eu não poderia viver sem a benção de meus pais... eu não poderia.

Sim. Poderia. Como fora tola! Mariana odiou-se, levantandose do gramado, sentindo as formigas lhe afligir as pernas. Lembranças...

lembranças... enlouqueceria com elas se não fizesse algo! Lembrandose de sua vida de marasmo na fazenda, em confins do oeste São Paulo, antes do colégio, teve uma idéia do que fazer para não enlouquecer.

Horas depois de encher folhas e folhas de um caderno com aquelas lembranças tórridas e doloridas, Mariana sem desejar almoço, entregouse à sesta. Se as lembranças lhe deram paz, os sonhos continuariam a atormentá-la.

— Foi tão lindo o que disseste, Dudu... — ela o observara sorrindo, sonhadora. — A poesia... que tu declamaste.

Embaraçado, ele agradecera lhe beijando os lábios inchados.

— Quando tu a escreveste? Esta tu não me mandaste...

— Não é minha — revelara desviando o olhar. — É de Casimiro de Abreu...

— Ah...

— Estás decepcionada, não é?

— Não — ela negara sincera. — Foi lindo... Quase morri, meu amor, com... hummm... ah, o modo como tudo aconteceu. Todavia, penso que eu preferia ouvir uma de tuas poesias. Tens tanto talento, Dudu! Devias tentar publicar...

— Não. Não, minha flor de laranjeira! Não voltemos a falar disso. Tu sabes... Meu pai.

— Ah, sim — ela concordara cabisbaixa.

Afonso d'Anjo Maia não queria um filho poeta. Queria um filho banqueiro. Não um filho entusiasmado com belezas ingênuas, e sim com belezas cifrarias.

— Escrevo meus sentimentos para mim... E, agora, para ti. Não os escrevo para ninguém mais além de nós ambos. Para os outros, os meus artigos abolicionistas, que muito mais podem edificar.

— És tão ou mais talentoso que os poetas consagrados. Não digo por que te amo, mas por que assim o penso, Dudu.

Mas ele a cortava:

— Mariana, preciso te amar. Outra vez, agora. Ou depois, poderá não haver tempo. Para meus garranchos, sempre haverá.

E dizendo isso já a ia derretendo sob seus dedos inquietos.

Horas depois, já vestidos, quando ela terminava de guardar um último pertence numa valise, Eduardo estava sentado na cadeira de toucador

dela, muito quieto. Os olhos vermelhos, lhe chamara pelo nome:

— Mariana?

— Hum? — ela lhe fixara os olhos marejados nos dele.

— Tu juras? Juras nunca te esqueceres de mim?

— Ah, como eu poderia? Como eu poderia Eduardo? Alguém se esquece de que no próprio peito possui um coração?

— Tu és o meu próprio coração, Mariana — ele afirmara caminhando para junto dela. — Alguém vive sem coração? — indagara tomando-a num abraço apertado. — Não — ele mesmo respondera enfático. — Se não voltares para mim... ah, se não voltas eu enlouqueço ou me entrego a uma mortalha... Bem, não tenho propensão à loucura — observara erguendo uma das negras sobranceiras. — Por isso, sei que sem ti meu destino é senão a loucura, a morte.

— Não diga isso! — ela quase sufocara ante ao que ele dissera.

— Não diga... Como queres então que eu vá em paz?

—

Perdão. Perdoe-me, meu anjo... Minha senhora... — o

estudante já não tinha mais como expressar toda sua tristeza ao vê-la partir, por isso apenas afogara-a com um beijo sôfrego e encaminhara-se para janela.

— Ainda é cedo, Dudu.

— Não posso suportar mais, Mariana — ele se voltara, já sentado no peitoril. — Não posso... Estarei te esperando... Sempre — e, ao dizer isso, sumira-se.

Pela manhã, muito depois, ela ainda o vira uma última vez, de dentro da carruagem. Estava parado do outro lado da rua. A figura de um rapaz, ensimesmado, a ver o amor de sua vida partir para muito longe. Primeiro numa carruagem. Para, depois, tomar um trem e, então, uma diligência que a esperaria.

Arielle encontrou a missiva em sua mesa de cabeceira. “Outro poema

de Aidan?” Indagou-se. Devia ser, já que sobre ela repousava uma rosa escarlate. Tomando-a na mão leu o nome do remetente: Mariana Enrica de Faria. Sentiu o coração dar um salto. Que saudades de sua querida amiga!

“Seremos como irmãs, para todo, todo o sempre!” — Lembrou-se, num átimo, das palavras de despedidas de Mariana, na última vez em que se viram. Tão romântica...

Depois de ler o conteúdo da carta, suspirou exasperada, trançando uma mecha de cabelos, como fazia quando estava nervosa.

A amiga estava grávida de Eduardo e ia casar-se com outro, bem nesta hora já devia estar casada. Isso era uma... Tragédia? Qual situação era pior? Permitiu-se comparar. A da amiga ou a sua? A da amiga, concluiu pesarosa. Apesar de tudo, estava casada com o único homem que amara e sempre amaria. Não se imaginava presa a outro que não o Coronel, já que era para estar presa a alguém.

E Mariana se fora para tão longe! A carta dizia que se casara com um Visconde que vivia em confins da província de Santa Catarina.

Seu pedido era que enviasse a carta anexa à Eduardo. Ela o faria.

Quando a noite encontrou o marido, era já hora do jantar. Antes de dirigir-lhe a palavra o observou por longo tempo. Os cabelos loirocinzentos estavam mais brilhantes que de costume, as sobancelhas escurecidas, como sempre, o olhar de um verde intenso e carregado, curioso, às vezes pousava nela. Como o achava formoso. Sentia que a boca estava seca de saudades dos beijos cálidos e suculentos que ele lhe dava. Então, falou-lhe, enfim:

— Gostaria de ir ao arraial, Coronel.

— Basta que me digas do que precisas que te providenciarei — disse ele surpreso por ela estar falando com ele.

— Nada em especial — ela deu de ombros. — Quero passear.

Desde que chegamos que não saio da fazenda. E também... Gostaria de enviar uma carta à tua mãe, e outra a uma amiga do colégio.

— Não seria apropriado que te esquecesses das amizades do colégio?

— sentia-se tolo por ter ciúme de uma amiga, mas o que podia fazer se a queria só para si? Suspeitava estar começando a tornar-se doentio em seus sentimentos possessivos.

Ela o encarou, indignada.

— Muito bem — ele cedeu, — se não queres abrir mão... — Ela o viu emitir com o olhar um lampejo divertido e amoroso. Quando já ia puxar um assunto para continuar a quebrar o gelo que se formara entre eles, Zé Moleque irrompeu afobadíssimo pela porta da sala.

— Coronel! Coronel! — o caboclo, com sua cara descarnada estava lívido. — Eu tentei impedir, Coronel, mas eles me ameaçaram e fizeram o pachorrento do Terêncio de refém.

Logo em seguida Luís Carneiro e seu filho, que o seguia, avançaram audaciosos pelo ambiente, fazendo

ressoar contra o

assoalho de madeira centenária as pisadas de suas botas. Arielle levantouse de pronto, a mão apertando o peito sobre o corpete de cetim vinho. Depois de Carneiro olhar ligeiramente para ela, encarou Aidan que também se colocara de pé em uma posição ameaçadora.

— O que queres? — inquiriu-o Aidan, o tom de voz muito perigoso, tocando por baixo do casaco o cabo da pistola que estava acomodada no coldre.

Tiago e Joaninha ali chegaram também, depois de ouvirem o alvoroço.

— Retomar o que é meu, o que mais? — respondeu-lhe o pai em alta voz, dramático, olhando mais uma vez para Arielle.

Fernão avançou dizendo:

— Acabou por aqui a farsa. Brincar de Barão do café passou.

Teu reinado está findo, irmão — a última palavra foi dita com profunda

ironia e deboche.

Abrindo uma pasta de papel, Carneiro retirou a petição assinada pelo juiz e entregou-a, com uma calma velada, a Aidan. A tensão do ambiente era palpável. Enquanto Aidan corria os olhos pelo documento o silêncio que se deu foi ensurdecedor. Tendo terminado, ele olhou para a esposa e comunicou-lhe:

— Mande fazer nossa mala. Partiremos pela manhã.

Ela sentiu o coração saltar, a garganta estreitar. Um mal poderia vir para bem? Deixariam então aquela terra amaldiçoada?

Carneiro, confuso, interveio;

— Como assim, “partiremos”? Vim reaver o que é meu, como disse

— olhou belicoso para Arielle. — Por que pretendes levá-la?

Aidan sorriu. Então ele desconhecia que haviam se casado?

Olhou inquisitivo para Fernão.

— Eu não perderia esta cena, por nada... por nada — respondeu rindo aquele.

— Arielle é minha esposa, meu pai — disse mais sarcástico ainda do que fora Fernão.

Primeiro trocaram um olhar. Depois, Carneiro empalideceu.

Arielle retesou-se, agastada. Amofinava-a passar por objeto de disputa. Queria ser amada por seu marido, não estar por troféu.

O velho e verdadeiro Barão avançou para cima dele e desferiu um murro no queixo. Aidan tendo tombado, levantouse depressa como um feche de luz. E já ia revidar com toda a fúria de seus músculos esculpidos nos anos de exército, quando Tiago o segurou, com muito custo pelos ombros. Mas, Aidan era muito forte e se desvencilhou depressa.

Arielle, tonta, afastou-se três passos para trás. Cambaleava.

Joaninha tentava sem sucesso empurrar o pai para trás, enquanto, rindo, Fernão o incitava a brigar. A Baronesa via e imaginava estar vendo um engalfinhar-se de lobos de alcateias inimigas. Mas não era imaginação. Era o que ocorria ali.

Naquele momento e inesperadamente na casa grande de Campina dos Lobos, os Carneiros engalfinhavam-se feito lobos selvagens. Em mesmo tempo que Tiago segurava-se para não responder às provocações de Fernão, Aidan agarrou Carneiro pelas lapelas da casaca e, sacudindo-o com fúria, começou a vociferar imprecações que Arielle jamais sonhou existirem. Já vira o marido bravo. Mas, naquele momento, ele parecia possuído, tal era a fúria que borbotava de cada poro, cada orifício do corpo descontrolado. O filho acusava o pai de um sem fim de coisas. Somente os dois entendiam o que ambos, vermelhos, gritavam um ao outro. Abruptamente, o Barão Luís Tasso Carneiro finalmente gritou:

— Ela se tornou em uma cortesã! Uma cortesã, meu filho!
Um silêncio mortal assolou a casa grande. Tudo o que se pôde ouvir foi o trino de uma coruja ecoar do lado de fora.
Saquina, de onde estava escondida fez sinal da cruz. Coruja — mau agouro.
Vendo que conseguira seu objetivo; transtornar,

mortificar

Aidan, Carneiro continuou num murmúrio de escarninho:
— Filho de cortesã! Isso que és... bastardo do inferno!
Atordoados, no peito o coração descontrolado, despedaçado, Aidan assistiu num retrospecto a cena na igreja, mais de quinze anos antes.

Carneiro

e

sua

mãe

ignoravam

que

ele

estivera

no

confessionário os observando. Depois, sendo surpreendido, o olhar demoníaco e as palavras torpes que Carneiro lhe dissera.

Arielle, vendo a expressão aterrada de Aidan, se colocou ao lado do marido. Não permitiria que o humilhassem, aproveitando-se do fator surpresa. Gritou, sem raciocinar:

— Heloíse não é cortesã! É honrada, e muito mais que essa família de... Não importa! Joaninha não está incluída, nem tampouco a Tiago

— disse olhando para a amiga e ao irmão dela. — Heloíse é sim muito honrada, vive casada em Pernambuco com um também militar e integrante do governo daquele estado.

Olhou para Aidan e viu que ele parecia mais aturdido ainda que antes.

—

Casada? —

perguntou

Carneiro,

erguendo

uma

das

sobrancelhas e sorrindo.

— Sim — continuou Arielle. — O que o senhor não teve a honradez de fazer, aquele bom homem o fez. E te asseguro que jamais conheci

casal mais feliz.

O Barão

corpulento e parrudo riu uma gargalhada quase maquiavélica. Mas que depois, num súbito sua expressão tornou-se séria. Arielle chegou a acreditar que via lágrimas se formando naqueles olhos embaçados? Como ela permanecesse sem entender nada, Fernão assoviou derramando cinismo. Momentaneamente, cinco policiais da milícia imperial entraram e um deles, um tanto receoso, depois de bater continência à Aidan, declarou:

— Sinto muito, Coronel, mas o senhor deve me acompanhar.

Está preso em nome da coroa. A menos que queiras reportar a acusação de fraude à tua mãe.

— Que pena... — Fernão parecia muito decepcionado. —

Planejávamos horas de diversão antes que confessasses...

Arielle, depois de sentir que era impossível manter-se em pé, por conta do formigamento que lhe tomou desde as plantas dos pés até os nervos, desmaiou sobre si tombando de encontro ao chão.

Capítulo X

SENTIU O SANGUE lhe correr fervido pelas veias e artérias, da testa e cabeça. Seu ódio era tão intenso que podia sentir pulsar em si traços de seu pai. Aqueles mesmos que tanto condenara. A constatação o atingiu no peito com o impacto de uma bala. E doía mais que as chagas dos tempos da guerra. Na verdade, não passava mesmo de um maldito Carneiro! — admitiu a si, suspirando com profunda amargura. Estava, no entanto, desanimado demais para quebrar alguma coisa. As expressões do rosto a se franzirem pelas angústias que se misturavam em seu peito; desejou ter o poder de drenar o sangue ruim dos Carneiros que lhe corria nas veias. O

descartaria sem hesitar, se pudesse.

Era Aidan de Henriques... O que sempre fora.

Aidan de

Henriques... Afirmava a si mentalmente. É o que continuaria a ser.

Num lapso, pensou no avô militar. Dele herdara todos os predicados que o fizeram homem. Nisso gostava de crer.

Como

estava

arrependido

de

um

dia

ter

desejado

ser

reconhecido como filho legítimo de Luís Carneiro! Agora estava ali, por causa de seu progenitor, a mercê da lei. Que ironia...

O delegado de Vale Campina, era grato por tantos favores que Aidan lhe concedera, por ter contatos estreitos junto a nomes poderosos do império, que assim que dispensara a guarda o levava para repousar em sua própria casa. Graças a ele, o delegado agora tinha uma de suas quatro filhas casada com um riquíssimo investidor de ferrovias, isso por que o apresentara a um de seus contatos ligados ao Visconde de

Mauá.

Jamais perdoaria Heloíse de Henriques. Ter sido cortesã na corte de Pedro I, não o repugnava tanto quanto o fato de que tivesse feito segredo quanto a isso. E chegara a acreditar que ela fosse uma espiã.

Aidan, a partir dessa noite considerava-se órfão. Pai nunca tivera e a mãe agora deixava de lhe existir. Cortesã? Que revelação asquerosa lhe fora esta. Sempre colocara a mãe em um pedestal de santidade, era para ele um ser imaculado que fora enganada e, torpemente, magoada pelo vil Barão Carneiro na inocência de sua juventude. Mas cortesã?

Não, não poderia perdoá-la, tampouco desejava vê-la para acusar-lhe.

Merecia apenas o mais profundo desprezo. Não se permitiria e nem tanto a esposa... Arielle! Em um lampejo a figura da esposa lhe transpassou o pensamento. Proibi-la-ia de corresponder-se com Heloíse.

Sentouse para escrever uma carta de despedida e instruções.

Somente pela manhã partiria em uma diligência escoltada para permanecer detido em um quartel no Rio de Janeiro. Como militar de alta patente, tinha direito a certas regalias de encarceramento. Fora os conhecimentos que possuía na Corte... Seria bem melhor do modo que havia tratado com o delegado. Lá poderia, também e obviamente, contatar seu advogado.

Pensou no que escrever, mas, nada lhe vinha

à mente.

Rememorou a cena que vivera há algumas horas.

Arielle desmaiara. Todo o confronto da família Carneiro fora uma cena forte demais para ela, refletiu. Tiago a erguera e a segurara contra o

peito e, seguido por Joaninha que tinha, no momento, uma expressão aflitíssima, a carregara para o quarto. Aidan ignorara o mandado de prisão do chefe da milícia e os seguira. Tinha entendimento da situação, mas no peito sentia um ciúme animalejo lhe repicar. Ninguém, senão ele mesmo, deveria carregar sua esposa nos braços. O delegado insistira: — Por favor, Coronel! Poupe-me do infortúnio de ter de algemá-lo entregando-se por livre vontade.

Aidan então olhara para ele, de baixo para cima a lembrar uma ave de rapina. Dissera em um tom que não admitiria contraargumento: — Tenho, por acaso, permissão para despedir-me de minha esposa que está desmaiada nos braços de um maldito Carneiro? Tem minha palavra que não possuo a intenção de empreender uma fuga. O homem robusto e de barba muito bem cuidada olhara do Barão Luís para Fernão e, deste, para Aidan. Pigarreando, permitira-o com um gesto que fizera com o braço.

E, nos salões da casa grande, tudo que se podia ouvir ecoar eram as batidas secas das botas do Coronel. Lá fora, as aves noturnas pareciam entoar cânticos funestos.

Quando irrompera pelo quarto, a vira estendida no leito luxuoso.

A colcha de seda sobre o cobertor de lã de carneiro a cobria até o busto, Joaninha lhe segurava a mão e Tiago já deixara o recinto.

Então pedira com gentileza à irmã que os deixasse.

— Já ia mesmo ver por que Saquina demora tanto a trazer as ervas que a despertarão.

— Irmã!

Joaninha que já se achava perto da porta tornara-se para ele.

Tinha seus intensos olhos castanhos, avermelhados pelo choro silencioso, porém muito lacrimoso.

— Quando ofendi esta família, sabes que não me referia a ti, não?

— Eu sei, Aidan. Em meu coração tu és meu irmão — ao dizer, sorria um tanto trêmula, e antes que ele dissesse algo, avisara-o: — Já mandei que lhe preparassem um baú com pertences de necessidades

imediatas. Depois me escreva se precisares de algo.

— Te escreverei — respondera firme. — Depois de despedir-me de Arielle — olhara consternado para a esposa e continuara, — pegarei uns títulos e ações do Banco do Brasil que se acham no cofre e então me entrego ao delegado.

— Coronel? Tiago é teu irmão. Não teu inimigo. Lembra-te sempre disto.

E Aidan a observara com certo mistério considerando aquelas palavras. Tendo Joaninha os deixado, ele sentara-se ao lado de Arielle.

Estava pálida. Mesmo seus outrora desejáveis lábios escarlates estavam embranquecidos. Acariciara docemente, com o dorso dos dedos, a pele translúcida do rosto dormente. Por um segundo temeu pela saúde dela. Mas, sabia que por sob aquele invólucro de sensibilidade e inocência, a esposa era forte. Mais até do que ele, em certas vezes. Bem, ela o precisara aprender a ser, afinal, crescera na habitação de Luís Carneiro — o bárbaro Barão, nome de pânico de seus escravos e de quem necessitasse viver sob seu jugo. E olhando para ela pensou nas sangrentas histórias de castigos que ouvira por ali.

O que o fizera um homem tão cruel, afinal? Como a deixar ali? Como ver ficar para trás Arielle em sua fragilidade? Ah, que bom que cruzara seu caminho, pensou ternamente enquanto a tocava com deferido respeito. Providenciaria o mais depressa que pudesse tirá-la dali, confiaria em Joaninha, mas sabia que a irmã não tinha muito poder. Então, estremeceu violentamente em constatar que teria mesmo de deixá-la por uns dias sob o mesmo teto do Barão e de Fernão.

Pensar no Barão e em seu filho Fernão, fez com pensasse em como fora estúpido tencionando fazer justiça à mãe sem contatá-la antes! O que faria para livrar-se do processo de fraude? A acusada deveria ser Heloíse, mas ainda que a recriminasse pela a vida que levava enquanto vivera no Rio de Janeiro, não conseguia odiá-la.

Mesmo que a odiasse, poderia deixa-la levar a culpa por seu gesto descabido? Jamais. Assumiria obviamente a culpa, afinal admitia a

responsabilidade do que fizera. Só agora entendia porque ela tão pouco se encontrara com ele a cada ano que se passava. Porque se apartara dele, entregando-o a educação de terceiros. Agora percebia o trabalho que ela tivera para que jamais eles fossem vistos juntos em público. Lembrou-se do véu que a cobria em sua formatura. Porque, com tanto intento, ela quisera mudar-se para tão longe. Sua mãe jamais macularia a imagem do jovem Aidan de Henriques, que teria um futuro luminoso à sua frente. Cairia em angústias, quando estivesse só, rememorando e conectando certos fatos do passado.

Mas, seus últimos momentos com Arielle, ao menos por enquanto, o libertaram da amargura do passado longínquo.

Principalmente os dias na Ilha da Jangada... em Recife...

Puxara para si, de encontro ao peito, o corpo inerte daquele ser que tanto adorava. Sim, adorava-a incondicionalmente! Se seu amor por ela era sem condição, porque não renunciava Campina dos Lobos, como ela tanto queria? Perguntara-se. Orgulho. A resposta caiu-lhe na consciência com um impacto violento. Mas quem diz que isso mudaria sua postura? Ora, o orgulho protege os homens..., tentara justificar-se para si mesmo.

Muito concentrado aspirara-lhe o perfume dos cabelos. Teria de guardá-lo na memória para rememorar-lo no curto período em que estariam separados, mas que lhe pareceriam uma eternidade. Só de pensar na separação sentira o olho arder — tinha somente ela a partir de agora, constatou a pensar na imagem da mãe. Mas, impassível a sentimentalidades que considerava tolas, controlara-se a tempo.

Pousara um beijo afetuoso nos lábios descorados, o que não fora mais que um roçar. Olhando-a inerte recordara a conversa que tiveram na biblioteca. Ao menos lhe dissera que a amava. E quanto a amava! Só podia ser amor esse desespero que sentia por ter de deixá-la por tempo imprevisto, naquele estado, desacordada.

Se algo

definitivo demais lhe acontecesse, ao menos ela sabia o quanto a amava.

Então amor era mesmo a significação de algo muito grande... Da dor mortificante de uma despedida.

Levantara-se e, dissera-lhe, julgando que não era ouvido:

— Voltarei para ti, meu bem. Então, prometo: serei o que esperas de um marido.

De volta ao presente, Aidan amassou e atirou ao lixo as palavras desconexas que começara escrever. Decidiu que a carta que escreveria seria para Joaninha. O que realmente importava, em relação a esposa, já lhe prometera.

Eram mais de três horas da madrugada, quando Arielle acordou novamente. Delirava febril. No seu sono atormentado chamava pelo nome de sua mãe Suzanne e, é claro, por Aidan. Joaninha, que dormia na outra cama, despertou em seguida alarmada. Sob a luz das velas que tinham já queimado muito de seu sebo, mergulhou a fralda que tinha na mão esquerda na bacia com água de infusão de ervas e tocou-a na testa delicadamente, dizendo palavras de alento.

— Logo se verão juntos novamente, querida — Joana sussurrou sonolenta.

Arielle então começou a chorar e a repetir em um pranto entrecortado, palavras desconexas de uma frase que não conseguia formular. A dor que sentia no baixo ventre a lancinava.

—

Como... fui...

louca...

deixei... orgulho...

Guita... —

As

palavras eram quase ininteligíveis. — Não... revelar... nosso filho... — Então, sôfrega, esfregou a barriga e, levantando, fez tremer suas cordas vocais, berrando a plenos pulmões: — Meu filho!

Todo o solar pôde ouvi-la.

Joaninha, horrorizada, notou, naquele momento, que a pálida camisola de Arielle se tomava empapadamente rubra na região da pélvis.

— Saquina! Saquina! — gritava em desespero Joaninha com o rosto voltado para o corredor. — Saquina!

Voltou para perto do leito de Arielle e, erguendo o lençol que a cobria, levantou-lhe a camisola. O colchão estava alagado com o sangue que esvaía das entranhas da Baronesa. Ainda o era? Decerto que era uma hemorragia. Arielle estava grávida! Isso lhe era certo.

Soltou os longos cabelos castanhos e os enrolou em um coque alto, arregaçou as mangas e berrou no ouvido de Lélia que dormia em uma esteira, ali perto:

— Acorda-te mulher! Tua ama está abortando! Vá chamar Saquina, diga-lhe para que prepare as ervas que seguram criança.

Explique-lhe sobre a hemorragia.

Lélia a olhou com o semblante atemorizado. Joaninha caminhou até o armário entalhado e passou a retirar dali vários lençóis para colocar sob o quadril de Arielle. Então, quando se voltou viu que Lélia não se movera. De imediato a interpelou, enfurecida como uma Carneiro que era:

— Levanta-te! Agora! O que estás esperando? Não vês que Sinhá Arielle está a se esvaír em sangue?

Ela obedeceu de pronto. Segundos após que saísse do quarto, Tiago com um olhar morteiro de sono ali adentrou. O grito agudo o despertara e alarmara. Esfregando com ambas as mãos o rosto moreno, perguntou:

— O que está havendo, Joaninha?

— Arielle. Está abortando — declarou dramática.

— E por que não me chamaste? — inquiriu exasperado e se aproximando do leito. — Então não sabes que sou médico agora? — Ah, sei. Mas me fugiu à memória e estou tão acostumada as ervas da Quina...

— Aquela velha feiticeira! Não ouse dar à Arielle qualquer poção daquela bruxa! — disse apontando à sua presumível paciente que mais uma vez desmaiara no leito. Dirigiu-se a ela medindo-lhe a febre com a palma. Então detalhou à irmã uma lista do que precisaria.

Antes de sair, Joanhinha o advertiu:

— Não devias desdenhar dos segredos de Quina. Muitas vezes eles te curaram, quando não passavas de um moleque.

Tiago, ignorando sua irmã, tomou a mão da cunhada. Fria como a morte. Não se perdoaria se ela viesse a fâlecer, por que a tinha como uma irmã. Afinal, eles haviam crescido juntos. Arielle, Joanhinha e ele dividiam as mesmas brincadeiras na infância. Quantas vezes ele não a defendera das vilanias de Fernão? Podia se lembrar com clareza da vez em que, quando Arielle com onze anos, ele mentira ao pai...

Pedira ao Barão que comprasse uma boneca de porcelana na capital, para que ele presenteasse Joana no natal. Mas o mimo, na verdade, ele queria para dar à Arielle, que sempre sonhara em ter uma daquelas. Sorriu nostálgico. Como meninas são tolas! A filha da governanta lhe fizera tanta festa, que seu coração só poderia ter exultado mesmo de alegria. A juvenzinha andava pela casa apertando Matilde, como a nomeara, dizendo que era sua filha. Certo dia, seu irmão mais velho, Fernão, então beirando os dezoito anos, a surpreendera surgindo subitamente de um corredor. Arrebatara-lhe a boneca das mãos, no que ela gritara com sua voz infantil e estridente.

Rindo, se pusera a puxar os cabelos e a correr de Arielle que já se desfazia em pranto, implorando que lhe devolvesse o brinquedo. O malvado se rompia em gargalhadas, gozando intensamente por causar agonia na criança a quem seu pai, o Barão, superprotegia — o que lhe causava profundo rancor. Tiago, vendo o que ocorria, contrapusera o irmão com seu, então, corpo franzino e lhe ordenara:

— Devolva para ela! Por que a fazes sofrer desse modo, Fernão? Fernão abandonara de pronto o divertimento e, olhando para ele com seu semblante mais sinistro, desconjuntara a boneca dos tecidos que a ligavam. Arielle vendo, interrompera o pranto e, horrorizada, soltara uma exclamação muda e abafada. Contudo, Fernão não se dera por satisfeito. Tomara as partes: bracinhos, perninhas e cabeça e espremera-as contra a parede reduzindo, esfârelando os membros de porcelana a pó. Consequente, fitara Arielle, maquiavélico:

— Vês, o que Tiago obrigou-me a fazer? — e disse isso sem deixar de erguer, cínico, uma sobrancelha.

Ela olhara para Tiago e saíra correndo, chorando ainda mais.

Este saíra no seu encalço. Ainda se lembrava como se acontecesse agora. Gritara-lhe do alto da grande escadaria de Campina dos Lobos que não fora sua culpa. Tudo que pretendera era dissuadir Fernão a lhe devolver o presente que ele lhe dera. Então, agora e no presente, sorriu ao se lembrar do que ela lhe respondera:

— Bem sei, Tiago. Tu não me odeias como ele. És um irmão para mim.

Tiago foi interrompido de suas recordações pela voz do pai que o chamava impaciente. Perguntava-lhe o que ocorria e, tendo ele explicado, o Barão disse:

— Se perder, facilitará ainda mais minha vida. Ainda a poderia fazer minha esposa.

Então o jovem levantouse impondo seu porte ao pai.

— Ela já está casada. — E afirmou isso com muito alívio, lá em seu íntimo.

O Barão rotundo não se intimidou com a atitude do filho.

Carneiro o encarou, com aquela arrogância e rompante nato da família Carneiro, e disselhe:

— Tenho de ir à biblioteca. Acabo de me lembrar de algo muito valioso que deixei no cofre. Será que o impostor de meu filho bastardo encontrou o testamento?

Terminando de falar, estalou a língua contra o céu da boca e saiu do quarto.

Tiago aproximouse de Arielle e deu-lhe um beijo na testa suada.

Lembrouse do receio de quando a tivera de deixar para ir estudar no Rio de Janeiro. Milhões de outras situações em que a defendera de Fernão e seus intentos perversos lhe voltaram à memória num repente. Fernando

Abelardo

Tasso

Carneiro

tinha

uma

índole

naturalmente cruel. Certa psicopatia difícil de descrever. Sempre fora assim, desde a mais tenra infância. Gostava de castigar os escravos do pai com as próprias mãos, disputando a tarefa com o feitor. Tiago não esquecia a fisionomia satânica que ele adquiria nesses momentos e, apesar de não se dar muito com seu outro irmão, o bastardo, o preferia de longe como Senhor de Campina dos Lobos. Mas, ele se casara com Arielle... Lembrou num suspiro triste. Pensou que ali naquele leito jazia sua alma gêmea. Não em um sentido romântico, mas sabia que nem Joanhina era tão parecida com ele quanto Arielle. Porque fora deixar que os anos, os estudos desviassem

o

“doutorzinho” de seus ideais?

— Não te preocupe, querida. Irei ao meu quarto buscar minha valise

com os meus instrumentos médicos e volto logo.

Já no corredor, deparou-se com Saquina que rumava esbaforida para o quarto de Arielle. Avisou-a:

— Não ouse entupi-la com tuas ervas, bruxa.

A velha escrava baixou o rosto e assentiu humilde. Todavia a mão laboriosa, dentro do bolso do avental, apertava as folhas que apanhara à pouco no canteiro de ervas que mantinha junto à horta.

Assim que alvoreceu, Joana despertou alarmada. Correu de seu quarto para o da cunhada, aflita por saber como ela estava. A febre cessara? A criança vingaria? A cor lhe voltara às faces? O irmão voltaria logo para junto da esposa? Tudo parecia feito de incertezas agora... Como falar ao pai que gostaria que seu professor lhe cortejasse? Abriu a porta e, quando assomou ao ambiente, viu a mão lívida de Arielle, pendida ao lado da cama.

Agora ela repousava tranquila. Convalescia sobre o leito e Lélia a velava. Ante o olhar inquisitivo da Sinhazinha, ela, esfregando o rosto sonolento, esclareceu:

— Sinhozinho Tiago disse que ela passa bem, não corre risco de morrer. Mas não deve levantar para nada. E a criança...

Incerta, a escrava quedou-se em silêncio.

— O que tem o bebê? Acabe! — ordenava aflita a Sinhazinha.

— Ela o perdeu?

— Não. Mas disse que só vinga por um milagre.

Arielle arquejou. Em seus sonhos delirantes podia ouvir o que diziam. Joaninha, pressentindo isso, advertiu Lélia:

— Não repita isto! — ordenou num cochicho. — Ela te pode ouvir.

Sei que a criança vai vingar. Sonhei com isto. — Depois de uma longa pausa para tocar em Arielle, perguntou-lhe: — Onde está meu irmão?

— Dr. Tiago, Sinhazinha? Foi dormir, eu acho. Ficou acordado até agora pouco a observando. — Disse apontando Arielle com o queixo.

— Bem, sei que ele está cansado, mas só deixarei minha aflição quando o vir.

Estava caminhando pelo corredor em direção ao quarto do irmão

quando Saquina a avisou que Zé Moleque, o Capitão do Mato e Feitor, a esperava na porta da sala. Trazia uma carta de Aidan.
— Ele disse que só deve entregar a mensagem para a Sinhazinha Joana.

Ela então desceu apressadamente a escadaria que se localizava antes do quarto do irmão. Quando a venceu, ao ver a porta entreaberta da biblioteca, sem saber por que, teve um mau pressentimento que se materializou com um arrepio que lhe tomou a extensão da espinha. Receosa, empurrou a porta e arregalou os olhos que, por pouco, poderiam saltar das órbitas. Titubeante caminhou para perto da maior estante do cômodo e ali estava abatido o corpo de... Seu pai? Estaria morto? Não havia sangue, portanto teve esperanças. Segurando-o pela gola do roupão, virou-lhe a cabeça.

Olhou para todos os lados. Afinal para a porta e deu um grito de puro horror. Ele tinha os olhos embranquecidos arregalados e seu lábio ora farto estava totalmente destruído, parecia... Derretido?

Largou-o e olhou para cima, viu que o cofre estava aberto. Levantouse e tomou nas mãos trêmulas uma pasta de papel de alta gramatura.

Abriu-a e, correndo os olhos pelo documento, percebeu se tratar do testamento de Luís Tasso Carneiro. Estava assinado por ele e tinha seu brasão timbrado. Era um lobo guará, típico naquela região.

Lívida, correu para a escada gritando desesperadamente pelos nomes dos irmãos. Quando Tiago e Fernão surgiram aturcidos, ela dizia afobada e aos prantos o que encontrara. Eles não esperaram muito, antes de correrem para lá.

Aproximando-se do corpo do pai e fazendo um exame rápido na boca do defunto, declarou Tiago:

— Veneno. E dos mais fortes!

— Maldito! — vociferou Fernão.

Joaninha e Tiago voltaram-se para ele que tinha o semblante desfigurado pelo horror que lhe causara a revelação do documento que acabara de ler.

— O que houve, Fernão? — perguntou-lhe Tiago.

—

O maldito!

Eu devia esperar algo

assim! Esse é seu testamento e sabem o que diz aqui?

— O quê? — perguntaram Tiago e Joaninha em uníssono. A tensão que pairava entre os três irmãos era premente.

— Que deixa seus títulos, fortuna, propriedades e tudo o mais para... Aidan de Henriques! Aquele bastardo!

Os

dois

irmãos

não

tinham

palavras.

Entreolharam-se desconfiados.

— Ah — riu Fernão sarcástico. — Não adianta pensarem que seja eu o autor desse crime bárbaro — negou apontando o corpo do pai. — Eu teria destruído este testamento, que é o que vou fazer agora, aliás. — Então tomou uma caixa de fósforos que lhe ia ao bolso.

—

Não! —

gritou Joaninha pulando sobre ele. Acabou tropeçando nos saíotes. Tiago avançou e com um pouco de custo arrebatou-lhe o documento das mãos.

— Não deveríamos abri-lo. Isso deve ser feito pelo advogado da família!

Fernão sentou-se em uma poltrona e, depois de passar a mão pela vasta cabeleira negra, pendendo a cabeça em suas mãos que a seguraram em formato de concha, grunhiu palavras incompreensíveis.

— Não te preocupe, irmão — pediu Joaninha aflita. — O

assassino de nosso pai será desmascarado.

Ele levantou-lhe o rosto e vociferou cuspidor:

— Que importa? O maior beneficiário de nosso pai é... “Ele”! — E saiu dali apressado.

Tiago aproximou-se de Joaninha e abraçou-a, lhe afagando os cabelos.

— Não chore, Joaninha. Eu te consolarei. Olhe para mim — pediu. — Cuidarei de ti daqui em diante — prometeu solene.

Alheia aos acontecimentos terrificantes que assolavam a vida de sua filha, Suzanne caminhava rumo à sua loja, consternada ainda com o que recentemente lhe acontecera.

Depois do jantar, como ela previra, Emílio Damião, que ela viera saber ser um banqueiro, tentara seduzi-la. E de um modo rude como ela jamais esperaria. Então lhe dissera que não poderiam mais se ver.

Usara de sua delicadeza usual, lançando a desculpa que, aliás, lhe viera muito bem a calhar. O óbvio! Ele era um homem casado! Esquecerase de guardar a aliança.

Mas ele não se dera por convencido. Na hora até pareceu que sim. Muito polido despedira-se dela com um “adeus”. Mas, na noite seguinte,

quando ela voltava da loja para casa, uma carruagem elegante parara e alguém oculto em uma capa negra a sequestrara.

Sendo muito bem amordaçada não pudera gritar, o brado de medo

ficara preso na garganta. A carruagem trepidara por pouco tempo nos paralelepípedos e então parara. Em seguida o homem que a imobilizava, amarrara suas mãos para trás e rindo muito baixo a deixara só. Ao cabo de uns momentos alguém entrara ali, e pelo peso que fizera oscilar o veículo não era o mesmo homem que há pouco descera.

A escuridão, aterradora.

Sentira impregnar o ar, o cheiro de uísque caro e... Um fósforo fora aceso. O rosto de Emílio, o banqueiro, surgiu amarelado pela luzinha parca. Aqueles lábios úmidos camuflados pelo bigodinho grisalho, o nariz atarracado, a testa proeminente e a calva que iniciava a surgir naquela cabeça de aparência oitavada. Ele deve ter visto horror brilhar nos olhos de Suzanne, por que um sorriso nefando estampara seu semblante pérfido. Suas palavras amorais jamais seriam apagadas da mente dela:

Como não quiseste, Viúva, entregar-me este teu corpo voluptuoso docilmente, eu o tomarei a força!

Escuridão.

Ouvira-o despir-se. Sons surdos nasciam de sua garganta, mas amordaçada e apavorada como estava era um esforço inútil.

Profundamente triste e aterrorizada, seu pensamento, naquele momento, se voltara saudoso para a filha.

— Se ficares em silêncio eu terminarei mais depressa — dissera, tocando sôfrego o colo da francesa. — Outrossim, Madame, ninguém pode nos ouvir aqui. — Em um gesto brusco rasgara-lhe uma das mangas do vestido negro. — Não percebeste o quanto gosto de viúvas? É uma de minhas fantasias em particular... — e então, o som do rasgar do decote discreto a se partir em dois sob a força das mãos do algoz.

Então ouviram um grito masculino do lado de fora. Parecia causado pela mais intensa das dores. Emílio parara e, abrindo a porta do

veículo para ver o que se dava, ao colocar a cabeça para fora, vira seu cocheiro e capanga esparramado como mortos no chão. Mas, fora numa fração de instante, porque sentira repentinamente um golpe seco contra a nuca. Ao terceiro golpe já ficara desmaiado, como seu empregado. Suzanne então ouvira a voz conhecida, e fora com grande alívio, chamar seu nome. A mão lisa e suave tomara a sua que, convulsionada por tanto medo, tremia em total descontrole.

Ele a abraçara pelos ombros e caminharam até a avenida onde ele chamara por um carro de aluguel. O mancebo Felício a levara até seu apartamento, preparara-lhe chá e segurara sua mão, entre longos e silenciosos fitares, até que estivesse controlada. Quando a deitara na cama para que repousasse avisou que dormiria no sofá da sala, para o caso do banqueiro aparecer ali.

Suzanne relutara a princípio, porém no estado em que ficara não tinha muito como discutir. Na manhã seguinte, Felício a tranquilizara dizendo que ela não fosse trabalhar. Ele poderia cuidar sozinho, perfeitamente, da Boutique.

Depois de lhe servir um desjejum esmerado fora trabalhar. Mas viria ali a cada duas horas verificar se ela estava bem e salvo.

Como agradecer

ao jovem? Ele lhe salvara a

vida. Estava humilhada, porém intacta em sua honra. Arrepiava-se só em pensar na valentia do mancebo em surpreender seus algozes com uma barra de ferro.

Estava pensando seriamente em lhe dar um aumento de salário.

Mas que quantia poderia pagar heroísmo como aquele? Era o primeiro dia que voltava a trabalhar e como encarar Felício? Sentiu os olhos úmidos.

A vergonha lhe queimava as faces, sempre que lembrava-se da cena dele levantando-lhe os tecidos para lhe cobrir os seios. Tocou a cruz de madeira que trazia sempre presa por um cordão ao pescoço ansiando

por forças. Jamais contaria aquilo à filha.

Decidira-se a sumir por um pouco de São Paulo. Iria visitar Arielle, não importava o que Aidan dissesse. Sentia muita saudade dela e o ocorrido só a sensibilizara ainda mais. Não a poderia impedir mais. Decidida em rever a filha unigênita, só não contava que uma paixão avassaladora e proibida estava prestes a fulminá-la.

Já fazia mais de quinze dias que Arielle se via presa à cama.

Tiago, endossado pelo idoso médico do Arraial, ordenara-lhe expressamente repouso absoluto. Segundo eles, não havia outro modo de a criança que gerava continuar viva. Como desejava deixar Vale Campina e ir para o Rio de Janeiro! Pesadelos relacionados ao princípio de aborto que sofrera, ainda a atormentavam. Tocou o ventre, então, comovida. Ainda sentia dores... Por que ocultara sua gravidez do marido? Sua mente estava completamente tomada por questões enervantes! Ao menos já enviara a missiva de Mariana à Eduardo. Eduardo! — lembrou-se do amigo. E por que não pensara nele antes? Ele lhe apresentara certa feita o Doutor...

Mas não houve tempo para concluir o pensamento.

—

Arielle,

tenho

uma

surpresa! —

anunciou

Joaninha,

irrompendo pela porta.

Diante dos olhos expectantes ela fez mais mistério, mantendo em oculto o que trazia na mão que se escondia no bolso da saia.

— Diga logo, se não me levanto daqui! — ameaçou com um risinho ansioso.

Arielle fazia conta quão preocupada era a amiga. Nas duas semanas que transcorrera ela deixara isso muito claro enchendo-a de zelo por todo lado.

Então a Sinhazinha retirou a mão do bolso balançando, com um sorriso belo e maroto, um envelope no ar. Traçava espirais no ar e, debalde, Arielle esticava os braços para alcançá-lo. Preocupada com o menor esforço que Arielle pudesse fazer ela parou da brincadeira e esticou o braço. Mas, quando ia entregar, hesitou:

— Cuidado com emoções mais fortes. Pense em meu sobrinho.

Anuindo impaciente Arielle, enfim, tomou o envelope na mão e sentiu uma emoção antecipada pelo conteúdo do que estava prestes a ler.

Joaninha tomou o bastidor de Arielle que se achava na mesa-decabeceira, único passatempo que Tiago lhe permitira. Ela que tanto odiava marcar. Mesmo sem ver o nome escrito à pena no papel, sabia de quem era.

Enquanto Joaninha se sentava mais adiante para continuar o bordado, Arielle rasgou, ansiosa, o envelope e procurou ler bem devagar para prolongar o momento de satisfação que teria. Mas, subitamente perguntou à outra, que apertando os olhos enfiava linha na agulha:

— João Alberto ainda está aqui?

— Não — respondeu Joana levantando os olhos. — Por ser amigo de Aidan, Fernão não o quer aqui. Então ele foi hospedar-se na Taverna.

— Mande avisá-lo que já estou pronta para vê-lo — disse tentando imaginar o que queria o melhor amigo de Aidan com ela.

Ele chegara há mais de uma semana. Período em que Arielle dormia mais do que permanecia acordada. Mesmo sabendo do ocorrido a Aidan, insistira em permanecer até que a esposa do Coronel tivesse condição de recebê-lo.

— Está bem — aquiesceu Joaninha. — Farei isso mais tarde.

Então a Baronesa, imaginando que o marido o mandara ali para que a protegesse, começou a ler a carta do marido. E, ao ler, imaginou-lhe a voz áspera e segura dizendo aquelas palavras.

Imaginou-lhe escrevendo aquilo tudo, sozinho, dentro de uma cela escura e fria...

Rio de Janeiro - RJ, 22 de fevereiro de 1876

“Arielle, minha pequena...

Fiz questão de te escrever uma carta assim que aqui cheguei, mas julgando que me livraria depressa da situação em que me envolvi, desisti de enviá-la. Parece que minha complicada situação não se resolverá tão facilmente como eu imaginava. Meu advogado não parece otimista. Está contatando uns velhos conhecidos meus que, com alguma influência, talvez possam me auxiliar.”

Arielle suspirou aflita.

“Mas já faz dezoito dias que te deixei em Vale Campina...”

Então ele sabia exatamente os dias?

Sim, era como se pudesse ouvi-lo falar ao lado de sua orelha.

Aquela voz a desestabilizá-la...

“Parecem anos! Que saudade mais dolorida... Não acreditarias a dor que me toma por dentro a ausência de ti. Quantos pesares me tomam na falta de ti, minha querida!

Nem mesmo na Guerra, eu sofri tanto com saudades da vida, de um lar como sofro com a distância e circunstância que nos separa. E

cuide que a Guerra me devastou até a última fibra de matéria que me compõe.

Quando nos últimos dias que ainda estávamos juntos, mas que por teus caprichos me vi apartado de amar-te em um plano físico, eu não

imaginava que uma

longa espera ainda me aguardava. Se imaginasse... Mas, orgulhoso e ferido pelo teu desprezo te quis castigar. Agora castigados estamos ambos! Penso que ficarei louco.

Não, não imaginas tu a intensidade dos meus sentimentos.

Se bem me recordo, Senhora, teu corpo sob o meu mais simplório toque, ardia na mais imediata resposta. Minha memória eu não sei se é amiga ou inimiga. Na tarde que é ida, paguei suborno a um soldado para que me trouxesse uma botija repleta do mel que é só teu, que é só nosso. Quando o acre melaço da cana tocou-me a língua, pareceu que, auxiliado pelas glândulas palatinas, eu me distanciava dessa cela glacial e solitária e voltava aos últimos dias do ano de 1875. Ah! Minha rainha... Dói-me mencionar, foi como ter tua pele, todo teu corpo — como naquela tarde — de encontro aos meus lábios. Lábios que há tanto andam secos, sedentos de ti. Mas tu não estavas aqui, Arielle. Então... Ah, seria melhor que eu não te dissesse que tendo naquele momento, sangrado meu coração, quase não me pude conter das lágrimas que insistiam em querer de meus olhos brotarem. Logo eu, implacável e severo militar que fui!

Quero que venhas ao Rio de Janeiro. Deves ficar hospedada no sobrado que possuo na Corte. Não te quero na presença de Carneiro novamente, nem tampouco e principalmente de Fernão. Não te contei, mas meu amigo, o Ten. João Alberto Assis Filho chegará aí a qualquer momento. Peça-lhe que te traga para meu sobrado. Está trancado, mas ordenarei a meu advogado que lhe entregue alguma soma para que contrate alguém para torná-la habitável.”

Ele ainda não sabia sobre a morte de Carneiro... O que diria?

Logo toda a corte estaria comentando o assassinato do Barão e a prisão de seu filho bastardo. O que lhe aliviava o espírito era saber que o

marido pouco se importava com mexericos e com qualquer suposição maldosa que os estranhos pudessem fazer.

Mas a perspectiva de ir viver no Rio a alegrava. Se não estivesse presa àquela cama! Ah, maldita impotência! Daria um jeito de partir no dia seguinte... Quem sabe pudesse lhe visitar!

“Sabes, meu anjo, que espero ansioso por tua resposta, não?”

Espero que essa missiva chegue logo. Mandeí um homem a cavalo com ordem que galopasse o mais depressa que pudesse. Ele mesmo deverá trazer-me tua resposta.

Lembra-te deste teu marido incrédulo em tuas orações.”

Com amor,

Aidan de Henriques

Arielle, suspirando, passou os dedos pela amada caligrafia do marido. A menção que ele fizera à tarde próxima do ano-novo fizeraa estremecer no momento em que lera.

Estremecera com um

sentimento de infinita saudade e melancolia. Aqueles dias foram os que se sentira mais próxima dele. Os dias em que ele lhe parecera mais com um ser humano, que abrisse ao menos um pouquinho, uma fenda pela qual ela pudera lhe transpor a casca de seriedade e reserva para lhe alcançar a alma. Uma alma que, embora achasse tão dominadora e senhoril, quase chegou a acreditar, em alguns momentos, ser também terna e afetuosa.

Sentira a alma de seu marido, cuidadosa...

Não deixava de pensar nele por um minuto que fosse.

Rememorou e chegou a sentir o beijo aéreo e doce que ele lhe dera na biblioteca quando discutiram. Que gana de voltar àquela noite e

aprofundar a língua naquela boca quente! O que diria quando lesse na carta de resposta que ela lhe daria um filho? Não se esquecia do olhar enigmático dele quando Heloíse mencionara uma possível gravidez... Teria sido olhar de esperança ou desagrado?

E as palavras perdidas, as frases soltas da despedida... “Voltarei para ti... Serei o que esperas de um marido”. Se tivesse mesmo ouvido aquilo, ah! se não fosse um delírio que a febre lhe pregara, na hora certa, claro, saberia cobrar.

—

Boas

notícias,

Arielle? —

perguntou

interrompendo-lhe as divagações.

—

Infelizmente não. Talvez demore — sentiu

umedecerem. — O advogado dele ainda está pesquisando para descobrir como resolver-lhe a vida.

Joaninha olhou-a penalizada.

— Tu sabes, não? Como eu preferia Aidan administrando tudo?

Porém ele não deveria ter feito da forma que fez.

— Eu sei. Pensas que já não disse isso à ele?

— E ele?

— Foi categórico em seu propósito... E indiferente. — Depois de momentos de silêncio, continuou: — Ele quer que eu vá para o Rio com João Alberto. Receia que eu fique perto de Fernão e...

Carneiro.

— Ah, ele não suspeita que...

Joaninha

os olhos

— Não. Não faz conta da morte do pai. Também... Não contei a ele sobre a gravidez. Tinha quase certeza, mas não absoluta.

— Mas, não podes ir. O bebê e...

— Eu sei, eu sei Joaninha. Não precisas dizer nada.

Arielle sabia que se locomover até o Rio de Janeiro seria arriscado demais.

No entanto, como continuaria suportando as palavras torpes que Fernão vinha lhe dizer todos os dias? Sabia que não passavam de ameaças, mas amargurado como estava por ver outra vez seu sonho de herança se perder, não se podia prever muito como ele podia agir.

— Ficaria mais tranquila se Fernão não estivesse aqui — disse ainda, angustiada.

— Quanto a isso não se pode fazer nada — disse Joaninha se aproximando dela. Ele tem direito de permanecer aqui como tu, Tiago e eu até a leitura do testamento.

Arielle sabia disso. Joaninha também lhe contara que Carneiro beneficiara ao filho bastardo em seu testamento. Isso a deixava tão confusa, tão...

Então se lembrou do que planejava antes de Joaninha ali chegar.

— Podes arrumar-me papel, pena e um apoio?

Joaninha a olhou incomodada.

— Arielle, tu não deves te esforçar. Pelo bebê.

— Meu marido exige uma resposta ligeira à carta que me enviou.

Ele tem de saber sobre o bebê e... O ocorrido àquela noite. Ademais, já me sinto bem melhor. Penso que logo estarei andando.

Joaninha não teve que fazer se não o que a cunhada lhe pedia.

Quando Mariana dera a notícia ao Visconde de que ele seria pai, não esperava a reação que o marido tivera. Nos teatros de sua dramática mente, imaginava que ele seria muito polido; algo de se esperar se um homem tão sério e quieto. Chegara a vê-lo a lhe dar as congratulações necessárias e, em seguida, ir de encontro à mãe e à irmã e dar-lhes a notícia de que o tão esperado herdeiro já estava a caminho. Contudo, ele sorria espontâneo e a abraçara afetosamente apertado.

— A notícia mais maravilhosa que já recebi nos últimos anos. Sei que o bebê alegrará a vida de todos. Não imaginas, D. Mariana, como tenho sonhado com um herdeiro... Teremos de cuidar muito bem de ti daqui por diante... Deves repousar bastante e...

—
Senhor,

Visconde!

Estou

bem!

Acalma-te,

não

me

enlouqueças com tantos cuidados — repelira-o impaciente.

Na verdade, não entendia porque não suspeitara que ele exultaria com a idéia da paternidade. Era o que ele mais queria e deixara claro quando a levara para suas terras, não? Talvez o receio que ele desconfiasse de algo... Dois encontros no leito seria pouco para que se tornasse possível uma concepção?

Ah, inconscientemente quisera que ele desconfiasse! Era uma esperança

que ele a devolvesse aos pais, ocasião em que fugiria. Não saberia para onde... Mas para a Fazenda São Geraldo, jamais voltaria.

Seu pai lhe infligira um destino de desgraça, de solidão, sem amor. E

sua mãe, achando que lhe fazia um bem, fora omissa.

Desde o dia do casamento, Otacílio deixara bem claro que seu principal objetivo a partir de então seria gerar um futuro Visconde de Macaíra. Por isso ele procurara uma esposa. Já tinha, inclusive, assegurada em poder do banco a soma suficiente para pagar pelo título nobiliárquico do filho. Filhos... Na idade em que ele estava isso devia ser prioridade. Quando se passava dos quarenta não se podia mais arriscar, ele argumentara. Porque ele permanecera solteiro até tal idade? Mariana perguntava-se. E se nascessem, primeiramente, meninas? Eles teriam, na ideia do Visconde, tempo de tentar e tentar até chegar o esperado varão, digno de tomar conta de tudo, em tal sociedade machista que viviam.

Ela vislumbrara, já desgastada por antecipação, seu futuro de parideira, assim como algumas éguas que ele possuía ali na fazenda com a única e exclusiva função de gerar potrinhos de raça melhorada.

Um filho atrás do outro...

Não. Não suportaria ter de consenti-lo outra vez em si. Melhor seria ingerir uma boa dose de qualquer veneno mortífero. Por isso rezava ardente que fosse um garoto o bebê que gerava. Assim sendo, poderia evitar o marido a todo custo. Faria escândalos se necessário.

Não era oculto para ninguém que, apesar da ternura que ele nutria pela tão jovem esposa, ele voltava certos dias da semana quase ao amanhecer da Vila de Macaíra.

Por onde andaria em plena madrugada? Não importava afinal...

Eduardo... A cada dia os sonhos passadiços se tornavam mais distantes. Como era mesmo a voz do poeta? Quando quase esquecia, ele voltava em sonhos, pesadelos para lembrá-la.

Se Otacílio de Ribeira achava que lhe daria mais de um filho, estava

muito enganado. Jamais o admitiria de novo em sua cama. Ele, apesar de uma figura bem apresentada, como homem a repugnava.

Não conseguia ver nele nada além de uma figura paternal.

Todavia, Mariana tinha de admitir que ainda que vinte anos mais velho que ela, o Visconde demonstrava o dobro da sua disposição, que sempre fora preguiçosinha. Otacílio era esbelto, Mariana; não magra, no entanto, não cheia. Tinha excesso de saúde e beleza! Mas era sedentária por natureza. Às vezes, fitava com atenção a imagem morena e alta daquele homem grisalho. Outra mulher, decerto não estando apaixonada por outro, o acharia muitíssimo sedutor.

Já tentara, uma vez, até mesmo fitá-lo sensualmente. Contudo, era impossível enviar-lhe um olhar de mulher. Um daqueles ardentes que enviava a Eduardo quando este discursava, no intuito de desconcertá-lo, ao enviar-lhe mensagens mudas do que queria para logo mais, terminados os trabalhos na reunião do Bafô. O pigarro encabulado que o estudante emitia, seguido do risinho entre embaraçado e malicioso, excitava-a ainda mais... a fazia sorrir em expectativa. Porém com o Visconde, quando tentara lhe dirigir um olhar semelhante sentira uma pressão dolorida a lhe fustigar a boca do estômago. Culpa! Um remorso alucinante! Fora a consciência da promessa com intensa decisão e sangue que a assolara, o anel que levava junto ao seio intumescido lhe picara e a dor dessa saudade torturante a lhe corroer dia e noite, a beira de levá-la a loucura.

Certa noite, mesmo, chegara a acreditar que vira Eduardo entrar em seu quarto, pela janela, e ir amá-la daquele modo doce e dedicado que era só dele. Preocupado somente em lhe agradar, de todas as formas possíveis.

Daquele modo desprendido, daquele modo entregue por inteiro, a servi-la como quisesse. Dando e concedendo, sem nada exigir. E recebendo, com exultante e quase infantil alegria, tudo quanto lhe fosse devolvido.

Ah! O filho deles! Um elo a lhes ligar, a manter intacto o juramento.

O juramento? Ele mantinha-se fiel ao juramento? Aquela indagação a corroía com ardência mortífera. Quando lesse a carta que lhe enviara, o que faria? Como Mariana temia... Não queria ele que fôsse até ali. Por isso não dissera onde estava, nem com quem se casara. Apenas que esperasse por ela. Fora egoísmo pedir que esperasse, estando casada com outro? Ora, não. Sentia sob a pele que algo ainda a levaria de volta para ele. Algo muito grande faria com que se reencontrassem um dia. Ademais, fôra obrigada, forçada àquele casamento. Ainda sentia arrepios só de lembrar-se do olhar duro e ameaçador de seu pai a lhe fitar dentro da capela.

Otacílio a lhe esperar à porta da carruagem. Um único olhar trocado. Seus olhos pediram por compaixão. Como ele entenderia? Jamais compreenderia todo o silêncio e seus olhos inchados do longuíssimo percurso até o Sul.

— Te sentes bem? O que te aborrece? — perguntara no saguão de uma hospedaria.

Não contara nada ao Visconde por medo. Não o conhecia. Ela era mulher, frágil, longe de quem a pudesse proteger. Temia ele intentar algum mal ao seu filho, caso viesse saber que fôra duplamente enganado.

— Não quer me contar como aconteceu? — Otacílio indagara, semanas depois, sobre sua falta de virgindade, na segunda noite em que estivera com ela. — Foste forçada?

— Não.

A resposta seca e brusca deixara claro que ela não queria falar a respeito. Se ainda a quisesse por Viscondessa, teria de aceitar viver com ela sem avançar para assuntos pessoais.

Sentia até mesmo um pouco de culpa. Talvez ele merecesse alguém que lhe fizesse feliz. Porém, não fôra ela quem procurara um casamento arranjado, tendo em vista um vultoso dote. Foi a essa conclusão que chegou, amuada e decidida.

Capítulo XI

EM COMPANHIA de Tiago Carneiro, o Tenente João Assis Filho que há dias esperava por uma interlocução com a Baronesa, entrou no aposento à meia luz onde ela, até pouco, repousava inquieta.

— Este homem te quer ver, Arielle. Diz ser muito amigo do teu marido, o Coronel.

— Sim, sim — ela anuíra para Tiago. — Lembro-me dele — murmurou olhando de revés para o tal. — Foi ele quem me levou ao Rio de Janeiro, anos atrás.

— Boa noite, Baronesa — o Ten. se precipitou para junto ao leito com um sorriso. — Espero que te restabeleças depressa — disse ao notá-la tão pálida. É-me um grande regozijo saber que meu grande amigo será pai.

Depois de fitar a presença imponente, ainda mais evidenciada por aquela farda azul escura e calças claras, Arielle sentiu um dor aguda no peito. A roupa era muito parecida a que Aidan gostava de usar. Ainda assim, eram muito diferentes, refletiu reparando nos cabelos negros e na barba azulando que começava a lhe cobrir a mandíbula.

— Assim espero, Senhor Tenente — respondeu-lhe em um tom cansado. — Mas, por graça, não sou mais Baronesa e espero não voltar a sê-lo — declarou séria. — Senta-te — apontava a poltrona que ficava próxima à cama. — Que importante assunto o prende aqui, que o necessite comigo tratar? Meu marido, o senhor sabe dos ocorridos, acha-se preso no Rio de Janeiro. Acaso ele o mandou para levar-me a Corte?

— Sim, sim senhora.

Então, pigarreando, o Tenente olhou de esguelha para Tiago.

— Pode, por obséquio, nos dar licença? — ela pediu voltando o olhar para o cunhado.

O médico olhou desconfiado do Tenente para a convalescente, que com um gesto imperceptível lhe tranquilizou.

Fitou-a o Tenente hesitante, coçou o maxilar e, sentandose próximo do leito disse:

— Não somente por isso eu vim...

— Pois diga!

Assis ainda esfregava o queixo. Não sabia por onde começar. Finalmente o homem contou-lhe que fora ele que, perdido de paixão, roubara Flor. Narrou tudo e com emoção. Os filhos que agora possuíam, o sonho de liberdade que mantinham — a almejada carta de alforria que a tornaria livre para casar-se. O receio da reação da família dele quando lhes viesse ao conhecimento que ele mantinha uma escrava fugida e filhos com ela em uma cidade distante. A noiva sonsa que ele seria obrigado a desposar caso... Não obtivesse a ajuda deles aceitando, que mesmo depois dos anos decorridos, ele a comprasse Flor.

— O que o senhor fez, Tenente, foi deveras, deveras errado — Arielle repreendeu-o apertando os lábios, sem ânimo para lhe fitar, sequer. — Mas, com efeito! — retomou, brava, a palavra enquanto o amigo do marido brincava com os botões da manga de seu dólmã. — Flor é um ser humano! Não é um animal ou objeto que se possa roubar. E, ainda, querer comprar para salvar uma situação!

— Eu sei... — ele murmurou acabrunhado demais.

— Que fazer, Senhor, que fazer? — Arielle perguntava-se tensa e aliviada em mesmo tempo, por conhecer que Flor estava viva e, apesar de tudo, feliz com um homem que parecia lhe amar demasiado que pretendia lhe dar um nome. — Com Aidan preso... — ela não via solução.

Assis, corajoso olhou-a de relance, mas sua vista fugiu antes aqueles olhos verdes que faiscavam. Que porte o da esposa do amigo!

Parecia

até que era ele quem estava ali, numa versão

menos

carrancuda. Disse, tentando desanuviar o ambiente carregado de consternação:

— Bem ouvi dizer, senhora dona, de teus ideais abolicionistas.

Na Corte não é segredo o trabalho que o Cel. tem para manter a esposa... hum... como dizer? — ria ele embaraçado, coçando os cabelos castanhos muito escuros. — No cabresto! — concluiu

ousado.

— Ora...! — ela fez-se cor de malagueta e franziu o rosto, irada, formando zigomas no narizinho.

— Não! Não! — ele apressou-se em se retificar. — Não me entendas mal! Rogo-te! Eu admiro isso! Sim, e muito. Eu mesmo sou um abolicionista! — sem querer lembrou-se de Honorina. — Há anos venho tentando persuadir teu marido a investir numa mão servil menos rebelde, mas justa... A mão imigrante.

— Tem...? — as pupilas dilataram e ela ficou muito interessada.

— Mão imigrante?

Imaginou o homem a sua frente tentando dissuadir Aidan do que quer que fosse. Riu.

Arielle lembrou-se da época da Guerra do Paraguai. Era tão mocinha ainda, mas seus olhos enxergavam além do que gostaria — em contrário sofreria menos. Para Fernão não ser enviado para lutar no sul do Mato Grosso, quando depois de tantas baixas por conta das epidemias de cólera e beribéri, Carneiro libertara dois negros fortes para que fossem lutar em lugar do filho. Um deles, o mais velho, voltara vivo, sem um dos braços, mas vivo e feliz por então ser um homem livre. Parecia um cúmulo da ironia, mas o negro sorria feliz quando dizia “Agora ninguém me tira azolfórria!” Carneiro, todavia, conseguiu restituir sua propriedade sobre o sobrevivente e, outra vez, lhe escravizar! Como Arielle poderia esquecer aqueles olhos tristes do desafortunado? Dia após dia de sua vida separando café e meditando na tão almejada liberdade, dupla e injustiçadamente, perdida.

— Sim. E é com fé nesse teu espírito de justiça, Baronesa, que venho te suplicar...

— Não sou mais Baronesa! — exclamou sem pensar.

Sem entender, porque pensava no gesto humilde do Tenente...

“venho te suplicar.”, imaginou o marido a lhe suplicar algo...

Hipótese impossível, ela considerou. Mas hipótese instigante de se imaginar.

— Não é. Mas, ouvis Vossa Senhoria... Podes interceder por nós, por Flor, junto ao teu marido. Encontrei-o há cerca de três meses no Rio de Janeiro e não tive coragem de pedir-lhe. Sinto-me um traidor por lhe ter roubado algo e...

— Basta! — ela, brava, bradou. — Já te disse que não a poderia ter roubado! Flor é um ser humano... filha de Deus, como nós. Digame Senhor Tenente... Flor te seguiu por espontâneo desejo?

— Sim, com toda a certeza — ele aquiescia veemente.

Arielle buscava a verdade nos olhos do militar. Tinha tanta...

— E o que espera que possamos, meu marido e eu, fazer? Ele já não é Barão... não até a leitura do testamento.

— Com auxílio de Vossas Senhorias, posso preparar a alforria dela. É só colocar a data, como anterior ao restabelecimento de Carneiro.

Arielle fitou o vazio por longos momentos. Então, tornando para ele, asseverou seu parecer:

— Ao que depender de mim... Flor já é uma mulher livre! — esperou a reação do homem que foi um rebrilhar intenso nos olhos e continuou: — Mas, como sabes, meu marido se acha tão longe... Não imagino como eu poderia persuadi-lo... E eu não faria algo assim, forjar uma data! Teremos de esperar ele voltar. Imagina, que ironia, Carneiro beneficiou a ele em seu testamento... — contou lembrando-se outra vez, com desgosto, do baronato do marido.

O coração do Tenente ribombou dentro do peito. Por isso não ouvira nada do que ela dissera. Antes de qualquer demonstração de emoção, pediu:

— Escreva-lhe, com tua própria caligrafia, uma missiva, onde encarecidamente lhe rogue alforriar Florzinha e... — o Tenente fez-se cor de nácar, pego no embaraço de chamar Flor pelo seu apelido carinhoso.

— Continue!

— E me justifique perante o amigo que me é mui caro, senhora.

Ao menos isso, por enquanto. Ficarei ao lado de Flor, tranquilo com minha consciência. Então, me tornarei servo de Vossas Senhorias. Cerca de meia hora depois, muito contente, o Tenente estaria prestes a deixar Campina dos Lobos. Voltaria a todo galope ao arraial, ansioso por noticiar a possível liberdade à Flor, que o esperava em um quarto n'As Damas da Taverna.

Para atraso seu, sem querer, deixou Arielle intimamente intrigada. Sem poder conter a língua astuta, ao perceber que o Tenente amigo tão fiel de seu marido estava prestes a despedir-se, ela sutilmente entrou no assunto da Guerra que ele mencionara há pouco. “Nem quando voltei da dezanbrada, estive tão feliz!” — bradara ao encontrar apoio junto à esposa do amigo.

Ela sabia que ambos serviram lado a lado, por todo o tempo.

— O Senhor conheceu meu marido nas lutas contra o Paraguai, Tenente? — indagou retendo a carta que ele estendia a mão para pegar. — Já na primeira batalha — o olhar do Tenente se tornou distante e triste. — Nos conhecemos na província de Corrientes, na Argentina. Teu marido me salvou a vida. Aliás, perdi as contas de quantas vezes Aidan me salvou a vida. Na época, ele era ainda TenenteCoronel. Era o comandante da artilharia de ataque. Já em sua primeira luta, foi enviado para lutar na frente. Nunca soube por que, era considerado inexperiente...

Arielle engoliu em seco, pensando nos perigos que correria um homem tão jovem, tão cheio de vida pela frente. Não pode evitar também o pensamento de que em muitas situações ele quase se perdera no destino, de um dia vir a encontrá-la.

— E como foi a ocasião... em que ele salvou tua vida... digo, essa primeira? — quis saber, tomada de ansiedade.

— Lembro-me como fosse hoje! Eu caminhava descontraído...

Foi em 65... Depois de uma missa que haveria, festejaríamos feito uns loucos!

Eu
e
uns
amigos
que
se
alistaram
na
marinha...

Inesperadamente — o Tenente gesticulava e enfatizava ao narrar — centenas, e centenas, e centenas de paraguaios nos surpreenderam com todo aquele arsenal de guerra, preparados até os dentes para nos aniquilarem.

Enquanto ele ia contando, Arielle ia imaginando as cenas horrendas: enxergava o Tenente metido na farda azul-marinho, as feições agora gentis, transmutadas pelo susto da surpresa, pelo medo, pelo ódio, horror causados pelo de assalto...

— Ah! Baronesa... Se me permites falar franco, o que se deu foi sangrento, de uma ferocidade bestial aquela luta. O ribombar dos canhões era ensurdecedor. Perdi de longe as contas de em quantos peitos enterrei minha espada e descarreguei meu rifle! — Arielle tentava ver-lhe com feições assassinas; difícil. Olhava com ternura paternal para a convalescente! — E era justamente o que fazia com um maldito oficial de Lopez quando um raso me interpelou covardemente pelas costas. Fincou-me no flanco uma lança ardida e arrancou-a cruelmente em seguida, para outra vez tentar cravá-la em mim. Quando tornei o rosto e vi aquela ponta vermelha vindo em direção de meu

pulmão, vi também os olhos satânicos do raso...

Então vi o rosto determinado, e ouse até dizer satisfeito, de teu marido surgir por de trás do soldado. Os estampidos de balas eram tantos que eu não distinguira o balaço que ele fizera penetrar na têmpora de meu algoz. Esse que veio a tombar sobre meu corpo, com aqueles olhos de bugre abertos a me fitar.

Assis tremeu ante a lembrança da quase morte. Era como se revivesse o vil momento. Aidan agachara ao seu lado e, erguendo o sobrolho, perguntara:

— Passas bem, meu amigo?

— Vou viver, acho — respondera sorrindo débil.

Então seus olhos se esbugalharam e o Comandante de Henriques enxergara na superfície abaulada dos olhos castanhos escuros daquele a quem acabara de salvar, sua morte certa que lhe chegava também pelas costas. Puxando um revólver que trazia no coldre preso ao cinto, tornara-se para o inimigo e lhe fálira, à queima roupa, em instantâneo,

o
coração.

Contudo, não depressa

o bastante

para

impedir que a ponta da adaga do paraguaio lhe rasgasse a farda e algumas camadas de carne, lacerando-lhe o peito de fora a fora.

— Meu Deus! — Arielle bramiu; a voz embargada. — A cicatriz!

— a cicatriz que por tantas vezes beijara e acariciara intimamente intrigada de sua origem.

— Não chores, Baronesa! Se o Coronel descobre que te fiz chorar

contando estas coisas... Ainda mais no teu estado...

— Ele não saberá — Arielle asseverou. — Prometo. E sou mais forte que muitos fazem cálculo! Já quis saber como ele conseguira aquela marca, mas ele não me quis revelar... — lembrou magoada. — Continue, já que começou, continue!

Assis

era

um

contador

de

histórias...

Adorava

essas

oportunidades. E, ainda, falar sobre a Guerra que tanto o marcara, era quase uma terapia. Um desabafo no qual lhe era permitido reviver os requintes de crueldade que, se na guerra é permitido, na civilidade é terrificante!

— Ao menos, já era o fim da batalha. Ali entre águas tingidas de sangue e muita lama, durante quase dez horas matamos e matamos, saindo ilesos de cada confronto. Para no final da batalha, ficarmos esticados na lama, à beira da morte, esvaindo naquela hemorragia lenta, desejando ardentemente que ela nos levasse por que a dor era violenta... Muitas horas depois nos recolheram e cuidaram naquela noite de nossos ferimentos. — Assis pigarreou e achou acertado não revelar à Arielle que quem lhes velara a noite fora uma china argentina enamorada do, então, TenenteCoronel de Henriques. — Meu

ferimento, que a princípio parecia grave, curou depressa. Enfaixado, em

dois dias eu já andava e comia feito um touro... se soubesse a fome que outra vez nos assalaria, digo que teria comido ainda mais!

Eu passava dias inteiros fazendo companhia àquele que me salvara a vida. Conversávamos muito. Eu erguia-lhe o tronco para que lhe trocassem o curativo do peito e, não escondo, aconteceu de eu dar-lhe de comer. Cuidar de sua higiene. Teve as noites de vigília... As febres e tremores incontroláveis que o assaltavam. As alucinações e, às vezes, ele pedia para morrer. Pedia... que eu o ajudasse a isso. Mas era destino, não sei, que ele sarasse!

Arielle soluçou. Então situações sérias demais que constituíram tão sólida amizade. Como ela poderia ter previsto?

— E mesmo depois de todo esse sofrimento, Aidan continuou na maldita guerra?

— Ora, e o que a senhora esperava, que ele desertasse?

—

Entendo;

diante

disso teria sido melhor morrer, não é mesmo? Inquiriu Arielle pensando nas contradições da vida, da sociedade insana...

O Tenente assentiu.

— Conte mais!

Depois, quando o Aidan já quase em total restabelecido, meses depois, foi ordenado que ele seguisse a cavalo para encontrar as tropas que se locomoviam lentamente rumo ao sul do Mato Grosso.

Depois da viagem fátigante e tortuosa, o Comandante Aidan de Henriques

foi

esperar

às

margens

do

Taquari

as

forças

expedicionárias que desde abril marchavam do Rio de Janeiro. Em Coxim ergueram, ele e o então Raso Assis, acampamento. Conseguira que a ordem superior de sua moção até lá fosse também estendida ao novo amigo que se mostrara tão agradável companhia em sua convalescença.

Por dias e dias de solidão esperaram. Não era raro o soldado ver o companheiro se isolar com um maço de papéis e uma tinteiro e por horas e horas se entregar à atividade da escrita.

E o que ele escrevia? — inquiriu Arielle exaltada pela curiosidade. — Não sei. Nunca deixou-me ver. Quando quis, ele chegou a ser rude comigo. Doutra feita, quando insisti muito, nervoso, amassou uma folha inteira que enchera quase por completo e a lançou nas águas do Taquari. Eu que sou muito curioso, depois, quando não era visto, me atirei na água e curiosamente consegui resgatar o papel.

Mas, as palavras haviam escorrido e borrado, tornando-se ilegíveis.

— Tu foste o mais perto que já me aproximei de alguém — declarara o TenenteCoronel de Henriques certa vez, à beira do fogo, ao Raso de Assis.

— Grande honra eu acho nisso. Nunca conheci alma mais introvertida que a tua.

— Mesmo assim me consegues fazer rir — o Tenente-coronel murmurara entre dentes, sem fitá-lo.

Então aquele silêncio constrangedor caíra sobre ambos, seguido no lamento sonoro da gaita que o futuro Coronel fizera ecoar pela vastidão dos espaços inabitados.

No dia seguinte, as infantarias chegaram finalmente a Coxim, às quais os dois solitários se foram juntar. Muito trabalho havia que se fazer. Enquanto as atenções e olhos do Imperador e dos aliados se voltavam para o Sul, para Humaitá, aquelas tropas perdidas ali no ermo, ao Norte do destino já traçado pelo Comandante de tal força, expiravam às dezenas vitimadas pelas pestes. Nisso o TenenteCoronel e o Raso, engenheiro de artilharia e técnico de armas, respectivamente, se tornaram, na coragem da necessidade, médicos.

Ao menos havia água limpa por ali.

Mas veio a chuva torrencial... Por dias e dias. A enchente ilhou o exército audacioso. Os homens sofreram fome. Seus estômagos mesmo chegaram a curtir aquela dor da falta de alimento e muitos e tantos morreram de anemia, fraqueza. Loucura. Morreram de fome.

Pura e crua fome...

A situação avançou para um estágio tão calamitoso, que as tropas se levantaram e saíram a esmo, marchando pelo pântano. Por conta disso, febres desconhecidas assolaram aquele exército já enfraquecido e mataram outras dezenas. Dois terços dos homens daquele levante já haviam perecido antes mesmo de qualquer combate!

A sede era dos males que sofriam o pior, dentre eles a privação de higiene. Dos pântanos que atravessaram, o Miranda era o que circundava um pequeno arraial, de mesmo nome — terra inóspita e destino daquele exército.

Quem pode matar a sede com lodo?

— Como ele permaneceu vivo?! — Arielle permitiu-se afinal derramar algumas lágrimas mudas de intensa comoção. — Como?

Estava chocada. Sem reação. Sempre soubera que a guerra era vil. Mas

imaginar as condições reais, as privações e aflições cotidianas, que seu amado passara e sobrevivera a aterrava.

— Era o que me perguntava ele... — respondeu Bertinho Assis.

— Sabe, eu sempre acreditava que ele esperava pela morte... Na oportunidade mais próxima... Sempre tão descuidado e cínico em relação ao perigo! Sempre a tocar aquelas tristes melodias, vivendo um dia de cada vez, sem nada esperar do amanhã, como ele mesmo me dizia...

— Assis, o futuro não me diz respeito — Aidan lhe dissera certa feita.

— O ar que respiro agora é o único bem que possuo, já que é tolice planejar qualquer coisa que seja para quando tudo isso terminar; se um balaço pode faltar meus sonhos na próxima hora, ou uma dessas doenças me capturar e irremediável levar-me de meus enleios fria e dolorosamente.

— Ele era tão jovem, D. Baronesa! para falar desse modo...

Nunca pude entender por que!

Sim, Arielle pensou. Não deveria ter ele mais que vinte e dois anos na ocasião. Que enigma seu marido, tão transbordante de calor quando sorria, mas tão imerso em dolorosos pessimismos.

Desceram e desceram rumo ao Sul...

Quando os homens famélicos, desgostosos, insurrectos, sedentos, prestes a debandarem; chegaram enfim, à Miranda. A cidade que seria uma esperança de hospitalidade eles encontram arrasada pelo inimigo. Os paraguaios, anteriormente, destruíram-na em sua totalidade.

Achava-se um monte de ruínas incendiadas e deflagradas. A matriz, outrora com muito custo erguida e ornamentada por um empenhado Frei, fora arrasada, profanada e ultrajada.

As forças brasileiras lá permaneceram por meses. A comunicação era tão complicada e qualquer ação era projeto longo. Tendo chegado ali na primavera, partiram em sua jornada para o Sul bem depois do ano-novo. No último dia do ano que vencia, 1866, chegou à Miranda Carlos de Moraes Camisão, Coronel que enviou sem mais nada esperar

dois engenheiros que examinassem os caminhos e locais onde poderiam acampar tão logo partissem em direção de Nioac.

Intentavam invadir Laguna.

— Aidan não foi inspecionar? Seria bem típico dele, imagino — ela observou. — Não imaginava que meu marido fosse engenheiro...

— Baronesa, tem muito sobre o Coronel que, é certo: a senhora desconhece.

— Verdade. Ele é tão... fechado. Retraído. Por tantas vezes já tentei entrar no assunto do passado dele, mas...

E aquele “mas” ficou no ar.

— Sinto muito. Mas agora tenho de ir. Flor me espera — lembrou-a sorrindo. — Quem sabe um dia não, é? — levantouse da poltrona e enfiou a mão no bolso. — Se o Coronel confiou em mim, que não passava de um doidivanas naquela época, porque não confiaria na mulher que escolheu para si? O tempo é que cura queijo, j'ouviu dizer?

—

Sim. Que

pena —

lastimou desencantada. — Estava

adorando ouvir-te.

— Eu imagino — ele riu. — Tente abrir-se para ele... Acho que isso que o incentivaria a falar também... Assim que começou entre nós.

— Pode ser...

O Ten. João Alberto Assis Filho puxou num repelão a carta que Arielle redigira e, batendo uma continência, sorriu gentil e a deixou ali com suas reminiscências.

E depois que o Tenente saiu, por muitas horas Arielle refez e reviveu aquela conversa. De quando em vez se arrepiava imaginando os perigos os quais ele se submetera... Pela Coroa! Tudo por conta da ambição

do ditador paraguaio, numa guerra que, na verdade, apesar de Arielle não saber, haviam sim muitas culpas e orgulhos. Ela ainda era criança então; nove, dez, onze anos. E ele, em algum lugar dos ermos brasileiros, matando e sofrendo todo tipo de privação e perigos. Sem saber, esperando o dia que se encontrassem para, outra vez, achar sentido em seu viver.

Mas e se tivesse ele morrido?

— Deus, que seria de mim? — perguntou-se imaginando um destino ao lado do fraco Rubén, ou do parvo Carneiro. — Que seria hoje de mim?

Se tivesse perecido, a mãe receberia uma medalha em menção honrosa e ele estaria apagado para sempre do mundo, sem saber mais vida que esta pode oferecer.

Assim que melhorasse, estava decidida, varreria o solar de alto a baixo à caça dos escritos do marido. Depois da poesia que ele lhe enviara, imaginou que devia ter muito mais guardado... — “Quem escreve desse modo, escreve sempre”. — Ela calculava. Poderia conhecer muito dele, de sua personalidade que tanto a intrigava.

Conhecê-lo, por meio das próprias palavras dele.

Há muitos meses Guita não tinha notícias do Coronel. Mais de um ano que não o encontrava. Achava-se completamente ferida e injuriada no seu orgulho de mulher. Não entendia os mistérios que envolviam o Coronel. Visitara-a várias vezes... Para ficar recostado na poltrona fumando. Quietos. O olhar longe e vago... Levava-o onde, aquele olhar que a fulminava? Só o pudera ver, desejar e... somente lhe massagear as belas costas.

Fixou os olhos felinos no espelho e apreciou a própria imagem refletida. Sabia-se incomparavelmente bela com seus ares latinohispânicos, toda

envolvida

em

volúpias —

desde

o

olhar

naturalmente morteiro aos modos de gesticular. Fornida de carnes tenras nos lugares adequados, cheirando e rouquejando à sedução, derramando pelos olhos incomparável charme e encantamento.

— Um belo instrumento sem uso. Causa pena sabe-lo — dizia o chefe da milícia quando o tentava enfeitiçar. — Mas não ousou encostar da dama do Coronel.

Porque a rejeitava? Aflitíssima, por mais que tentasse, não podia adivinhar.

—

Muito bela — Aidan

dissera certa noite, quando lhe perguntara o que pensava de sua pessoa. Mais nada. Nem um olhar.

Somente aquela vaga resposta.

Fitou-se dentro dos próprios olhos e eles se inundaram, apesar da impassibilidade da expressão. Uma lágrima grossa, solitária e sentida escorreu pela face direita. Enxugou-a depressa com a espuma e afiou os brilhantes cabelos negros. Não lhe cabia ao entendimento, o motivo que o fizera rejeitá-la como fêmea.

Fidelidade...? Ele não o dissera, mas a falta de investidas deixava bem claro para a cortesã os sentimentos que o Coronel mantinha por sua esposa. Nenhum homem de posição dispensava uma boa amante, era com elas que se divertiam e realizavam devassas fantasias!

“Esposas são sonsas..”. — Disse a si, em pensamento. Então o sumiço por completo desde que... Que partira para buscar a Baronesa.

Trouxera-a para que ficasse. Agora que sequer o veria outra vez, desesperou-se. Uma mulher de seu ofício, deixar-se enfeitiçar por um monogâmico, que triste fatalidade! — comiserou-se em pensamento, apertando uma bochecha no intento de corá-la.

Andava carente e nas últimas noites se vinha abastando de prazeres nos braços do outro filho do Barão, Fernão; este que não deixava de ser tão belo quanto aquele que acreditava amar, se bem que de um modo muito sinistro, o que a excitava. Esperava-o chegar a qualquer momento.

Ele voltara da corte, crente da iminência de seu baronato.

Contudo, o misterioso assassinato de Luís Carneiro parecia por tudo a perder. O Cel. de Henriques não era suspeito. O delegado de Vale Campina era testemunha por ele. E

as investigações em nada avançavam.

O enigma daquela morte rondava sinistramente a região. E cada habitante do Arraial perguntava quem seria o homicida de Luís Carneiro. Não por pesarosos daquela perda, mas assustados com a natureza do crime.

Muitos tinham motivos para hediondamente dar fim à vida do velho Barão. Mas, contudo, todos tinham seus

álibis quando interrogados pelo chefe

da guarda. Guita era uma delas. Na madrugada em que Luís fora morto ela estava...

Batidas violentas fizeram tremer a porta. Guita largou a esponja sobre o toucador e correu a abrir a porta. Estampou na cara pálida seu sorriso mais atraente curvando-se cheia de coqueterias.

Fernão fitou-a por fração de segundo e agarrou-a, um pouco desesperado, num chofre quase bruto.

Depois de breve interlúdio carnal, ela e Fernão separaram-se.

— Se imaginasse que eras tão cordata, não teria perdido meus melhores anos com a estúpida da Leila — observou Fernão, ofegante.

— De qualquer modo, eu pertencia a teu pai... — ela lembrou-o com uma voz maliciosa, enquanto cuidava da higiene pós-coito, atrás de um biombo.

— Eu te teria comprado dele. De algum modo. Poderia ter-te ganhado no gamão.

Guita aprumou os canudos, envaidecida.

— Conseguiu a erva? — ele, num tom cúmplice, inquiriu sem paciência para os charminhos dela.

Guita saiu de trás do biombo, vestida de um chambre negro de estampas orientais. Caminhou sinuosa pelo cômodo e, chegando à penteadeira, abriu uma caixa de jóias. Num gesto leve, afetado, retirou de lá um pequeno pacote o qual, indo até Fernão, lho entregou.

— É certo que funciona? — indagou incrédulo.

— A velha me garantiu — respondeu, sorrindo com sua torpe ironia.

Ele abriu o pacote e, com a ponta do indicador e do polegar, manipulou o pó esverdeado. Levantandose saiu porta afora, sem sequer despedir-se.

No caminho, cruzou com um homem, bem trajado, que subia as escadas.

— Boa noite — cumprimentou ao desconhecido mais por reflexo, que por cortesia.

— Boa noite — respondeu o Ten. João Assis, sorrindo largo, batendo

com dois dedos na testa.

Em sua alcova no quartel, deitado no catre, mãos cruzadas na nuca, Aidan olhava para o teto. Estava entediado e repugnado com o cheiro de mofo que, sensível, ele sentia pairar no ambiente. Sua prisão estendia-se e não suportava mais o horror de ver-se confinado. Logo ele!... que sempre amara a liberdade.

Ao menos, ultimamente, tinha licença para se exercitar entre as árvores, sob a escolta de dois soldados. Não raro, discutia assuntos profundos com certo carcereiro que fazia turno. O rapaz o surpreendia em suas colocações sobre o que pensava da vida, da sociedade, da monarquia.

Confessara que seu coração sonhava com uma sociedade livre, sem propriedade privada ou Estado. Falava com uma euforia fanática a respeito de um volume que um conhecido italiano vinha traduzindo para o português.

Apesar de um

modo

cristalino

de

enxergar

e

admirar

a

sagacidade e paixão do mancebo, confessou a si mesmo que uma sociedade onde todas as classes se iguallassem não o agradaria.

Já que descer da posição que a custo de sangue subira, era impensável. — Utopias da juventude — dissera ao carcereiro. — Já fui como tu;

aconselho que não fiques dizendo essas coisas a qualquer um.

Ainda mais aqui no quartel, poderia te custar a vida...

— Cel.! — uma voz soou grossa e ritmada no corredor. —

Correspondência!

Ergueu-se ansioso e caminhou até o pequeno retângulo de comunicação e, abrindo-o, tomou na mão o maço de cartas que o soldado lhe entregava.

—

Boa leitura — disse o rapaz, um risinho irônico lhe levantando um canto dos lábios.

Aidan franziu o rosto irritado. Tornando-se para a cela juntou as sobrancelhas escuras e esfregou com uma mão a basta cabeleira clara.

Como lhe angustiava saber que liam sua correspondência, antes de fazê-la chegar-lhe às mãos. Imaginava as chacotas que deviam fazer ao ler as palavras, sempre resumidas que Arielle lhe mandava.

Achava-a fria, lacônica em suas redações. Mas, afinal, era até melhor.

Não queria

vê-la como

alvo de

zombarias dos soldados,

caso

escrevesse-lhe intimidades maiores.

Passando uma a uma, esperava ansioso encontrar a resposta dela.

— Banco do Brasil... — Foi sussurrando para si os remetentes.

— Irmãos Aiolla... Brunner do Brasil... d'Anjo Maia Investimentos

Monetários... — Ah! Investimentos e investimentos — repetiu amuado. Não preciso de nada disso e...

Suas pupilas dilataram-se, ao finalmente ver o lacre AH, já quebrado, em um dos envelopes. Abriu-o depressa e correu os olhos pelas linhas de uma escrita inconfundível e feminina.

Vale Campina — RJ, 28 de março de 1876 “Esposo,

De certo que quando esta mensagem chegar às tuas mãos já será maio. Agora, penso que já é seguro lhe contar que espero um filho teu.”

— O quê?! — Aidan exclamou exaltado.

Sentouse para, em seguida, erguer-se e caminhar nervoso pela cela. Seu rosto formigava.

Ela sabia há tempos da gravidez e não lhe quisera contar! Tirana!

Bem que desconfiava, sentia-a estar prenhe. Desde a noite em que decerto ela concebera, a noite de ano novo na Ilha da Jangada sentiu-a com uma aura diferente. Quando a tivera, naquela noite da virada, sentira um desfalecimento terrível, como se suas forças tivessem sido tragadas de dentro de si e... enchido-a de vida. Enchido-a dele mesmo. “Na noite do entrevero entre ti e teu pai, em que me desfaleci, um abatimento terrível recaiu sobre mim e quase perdi nosso filho esvaindo-me toda em sangue. Não fosse pelas ervas de Saquina e os procedimentos e cuidados de teu irmão Tiago, eu o teria perdido. Mas agora estou segura de que o bebê vingou, sinto-o dentro de mim. Sinto o mover-se de forma tênue. Sei que será uma criança dotada de uma inquietude própria de tua índole.”

Nesse momento, o Coronel esfregou os olhos, para não se permitir uma comoção maior que aquela que sentia. Um filho... uma família... tudo com que sempre, em silêncio, idealizara. A certeza de que Arielle, então, não poderia mais deixá-lo. Finalmente estava bem diante de si, ao alcance de suas mãos, tão próximo e... tão distante.

“Como tu bem disseste, se eu soubesse que a espera seria assim tão longa eu não me teria negado a ti. Este celibato me está matando, eu confesso. E, agora, ainda que regresSES há o risco do bebê. Não pude, como querias tu e como sempre sonhei, deixar este maldito lugar para ir viver em tua casa no Rio de Janeiro. A gravidez é de muito risco. Tenho passado dias longuíssimos estirada em nossa cama. Sim... Mudei-me, como querias, para o teu quarto.

Contudo, estou quase certa de que voltarei para o meu! Teu desejo era me agastar quando me escreveste que facilmente me seduziria? Pois conseguiste. Saiba que para me teres em teus braços outra vez, só pela força. E, tu mesmo já disseste... Pela força não tomas mulher alguma.”

“Ah! Que esposa mais cheia de audácia e contradições tenho!” — Aidan pensou, rindo. Imaginou os guardas lendo aquela alteração por escrito.

“Reafirmo veemente o já tratado, só retomaremos nossa vida marital quando aceitares que o melhor para nossas vidas é deixarmos este lugar nefando.”

— Pobre esposa atrevida eu possuo... Como se alguma mulher possa me dizer o que fazer! É o que te mostrarei, meu anjo... o que te mostrarei quando retornar! — Murmurou pensando também que haveria outras formas de se amarem, sem prejudicar ao bebê.

“Agradeço muito por Fernão ter deixado há semanas o arraial.

Parece que tinha “coisas” a resolver em Santos e diz só voltar para a leitura do testamento, o que deve demorar.”

Quando Aidan soubera da morte de Carneiro, nada, nenhum sentimento lhe tomara, se não certa incerteza quanto ao futuro. Saber, pelas palavras dela, que seu “irmão” se retirara de Campina dos Lobos era um alívio muito grande. Sabê-lo longe de Arielle era ainda mais

reconfortante. Mas, isso não lhe era novidade. O que queria o salafário em Santos? Decerto estaria a rondar o porto...

“No mais, tudo transcorre na mais perfeita harmonia. A propriedade está bem organizada e cuidada. Com o auxílio de Tiago, que cotidianamente percorre os cafezais, tudo vai bem. Exceto pelo feitor, que tem sido muito severo com os escravos. É rotina ouvir de minha janela o vento trazer o lamento que brota no tronco. Que amarga sina. Ah, meu querido... queria que estivesse aqui. Ainda que eu me agaste por não alforriares os cativos desta terra, devo admitir que eras muito condescendente com eles. Zé Moleque tem infligido castigos terríveis, obrigando-os a trabalhar muito aquém de sua capacidade.

Por falar nisso... não me respondeste na última carta quanto à questão de Flor. Esperei por isto com tanta ansiedade!”

Flor.. Arielle insistia que devia alforriá-la. Além de ser fujona, a escrava ainda se abrasara ao seu melhor amigo! Não achava que ela merecesse a liberdade, nem tampouco o amigo perdão pela traição.

Quem era ele para julgar quem merecia liberdade? — Arielle lhe indagara no último bilhete que enviara. — Como podia hesitar em conceder tal pedido a um verdadeiro amigo?

“...e, além de ter sido minha companheira na infância, vim a descobrir que ela é tua irmã Aidan. Sim. Em prantos Saquina contou que fora deflorada por teu pai, vindo a dar à luz a Flor. Não podes renegar teu sangue, querido. Quem magoa a própria carne é como quem semeia vento, só poderá colher tempestade. Deves perdoar teu amigo, que sempre foi-te fiel. Que tantas vezes arriscou a vida por ti.

E, além de tudo, tens tu sabido como é ver-se privado da liberdade.

Coloque-se no lugar dessa pobre alma, mãe de várias crianças que, além de serem tua carne, os teus sobrinhos são carne de teu melhor

amigo. Há uma família, da qual o futuro e felicidade dependem de uma assinatura tua. Reconheces o valor de uma família? Independente da cor ou cores que ela possui? Alforrie Flor de Luanda. Que como tu é Carneiro, mas que preferia ser uma Assis. Alforrie-a. Enquanto há tempo!”

Aidan estava assombrado. Flor, sua irmã? Arielle em seus

argumentos não poderia estar mais certa. Contudo, lhe feria o ego admitir e voltar atrás com sua palavra. Pareceria que andava pelo mandado da esposa se alforriasse Flor?

O que orgulho lhe dera até o dia de hoje? Somente Arielle. Ou seja, tudo! Lembrou sorrindo. Mas, para fazer justiça, sem, contudo parecer fraco, já sabia o que deveria fazer.

“Despeço-me lembrando-o de minha saudade dolorida, dessa saudade desmedida que sinto de ti e pedindo por brevidade no envio de uma resposta.”

De tua,

Arielle.

Entusiasmado, Aidan sentou-se à mesa e, tomando da pena, iniciou a resposta à esposa.

Naqueles mesmos momentos, perguntando-se o que o marido fazia ou estava a pensar, Arielle subia os degraus da escadaria.

Rumava para o quarto a fim de um descanso. Almoçar lhe dava tanto sono...

Apesar de desejar a abolição e sonhar viver longe dali, Arielle tinha de admitir que a comida de Saquina era, dentre qualquer dos manjares, a melhor. A gravidez lhe aguçara o apetite por comidas de sal e o lombo

de porco com couve que a velha assava era uma perdição. Enfiada do almoço, a Baronesa sentou-se à beira do leito e retirava os sapatos quando seus olhos bateram na pequena cômoda.

Mordeu o lábio inferior. Ali dentro havia uma valise alta de couro marrom-escuro; trancada e misteriosa. Aquela mala dia após dia cutucava a curiosidade de Arielle como um espinho na carne. É claro, ela suspeitava do que se tratava. Aquilo pelo que já procurara em cada móvel, buraco, fresta daquele solar desde a visita de Assis.

Os relatos de seu marido sobre a guerra... E quem sabe mais o quê. Terminando de descalçar-se das botinhas alvas ela levantou-se e, vacilante, caminhou até a pequena cômoda. Abriu as duas portinholas de treliça que a cerravam e fitou a mala ardendo em desejos de arrombá-la. Mas, depois, como explicar à Aidan? Ele poderia enfurecer-se, invadido em sua privacidade.

Ao lado, quando se mudara ali para o quarto dele, guardara seu baú de diários... Os escrevia desde quando nem se lembrava mais.

Nem se recordava de quando aprendera a escrever. Passatempo dileto! Talvez tivesse sido nessa época que começara a derramar no papel tudo quanto pensava sobre a vida, a repercussão das atitudes das pessoas que a rodeavam, suas suposições sobre a natureza e o curso da vida. Pouco mais tarde suas opiniões, contraditórias ou não, a respeito de tudo quanto lia; sem contar como isso podia ser perigoso. O marido a enviara ao Rio de Janeiro crendo-a tola, assim ela acreditava. Entretanto, ao menos aí, estava equivocada; ele só via nela candura e ingenuidade.

E quisera que ela aprendesse sobre os pensadores que nos últimos cem anos vinham revolvendo a Europa e inspirando o Novo Mundo. Mas por quê? Que contraditório seu marido...

Suspirou triste... O Brasil, que tanto amava, continuava a ser a única monarquia desse Novo Mundo. E pátria feudal e escravocrata...

Escravocrata... Como Aidan. Que ironia era amá-lo.

— Abolicionistas! — dissera o marido certa vez com desdém a outro cafeeiro. — Só servem para nos dar prejuízo; logo a nós fazendeiros que somos os sustentáculos da economia. Vê esse Antônio Bento, ignora o berço em que nasceu, entra em nossas propriedades e arrasa a mão de obra usando de sua posição para leválos em massificadas levadas a esses malditos quilombos!

Estavam no navio, rumo à Pernambuco, em tal ocasião.

Profundamente entristecida Arielle decidira que nunca poderia amar um homem que dissesse tais palavras. Porém, mergulhara na mais profunda estranheza quando ouviu o que ele dissera mais:

— E ainda assim, professa o subversivo seu monarquismo com a nobreza de um devotado e leal fidalgo de Sua Majestade.

Falara, deixando a entender no tom da colocação que recriminava

o regime político ao qual o Brasil estava sujeito.

Entretanto via-o com simpatias a contato de negócios, monarquistas

apaixonados.

Mas

era

Aidan

republicano

ou

monarquista? Quando o via negociar ou mandar nas almas que habitavam Campina dos Lobos tinha certeza que não passava de um imperialista. Mas tinha umas situações, pequenas, que demonstrava tanto e profundíssimo senso de justiça. Por Deus, como ele era

contraditório! Como esses absurdos faziam Arielle sofrer. Por que raios, Aidan quisera que ela conhecesse os ideários republicanos? Sonhar com o impossível, sonhar para o Brasil com o que sequer ele acreditava? Por quê?

Ainda pensando nessas coisas ela sentou-se numa poltrona e tomou uma brochura a qual intitulara: “Doces Elegias”. Folheava as páginas amareladas pelo tempo, enquanto pensava em seus dias no Colégio. Apesar daquilo tudo que julgava ser e perfazer o caráter do Coronel — tudo quanto já condenara e continuava a renegar, — havia, sim, algo nele de muito contraditório e intrigante.

Algo que a atraía com descomunal e incontrolável força. Mesmo que nunca a escutasse, que no caráter fosse o avesso do que ela acreditava, o Coronel quisera que a tão jovem e ingênua esposa aprendesse e tivesse conhecimento!

Quando fora enviada para ser educada pela Viscondessa de Córpuscula já conhecia muito bem tudo aquilo que com uma medíocre didática ela lhe ensinaria. Isso através de tutoras que nada mais faziam que repetir em tom de reza, resenhas dos excitantes assuntos discutidos por Diderot, Bacon, Voltaire, Locke, Rousseau... ah!

Rousseau. Os ideários reformadores... O Contrato Social... O que pensava sobre a educação... Nos lábios, apesar de falantes das

mestras, tão silentes; todo e qualquer discurso perdia o brilho e o espírito de conflagração. Mas, suspeitava que fosse mesmo essa a idéia. Apesar de dizer-se prenunciadora do espírito liberal, Arielle sabia, a Viscondessa servia aos interesses do poder da classe dominante: o conservadorismo dos grandes e fazendeiros, seus mais ilustres clientes. Aidan, naquela manhã tão perdida no tempo, a enviara para lá; encerrando-a naquele lúgubre internato.

— Sim, minha esposa há de ser a rainha do lar que quero estabelecer

— ele justificava à Assis porque despachava para longe a recém-esposa.

— Senhora deste solar. Mas a quero com idéias... Na minha reserva, tu

sabes Assis, ficaria aborrecido em ter de sair a conquistar amantes, dessas frívolas que só almejam jóias, perder horas em clubes e cassinos no meio da futilidade da grande maioria que compõe esta classe da qual me fiz “sócio” e faço crer que me adaptei.

Sou um homem de toca, tu sabes. Ajuizado com minhas leituras, meus cadernos, as reflexões que me trazem os puros Havanas e as safras de tintos especiais... Mas, ora, estou cansado de viver só! E não pretendo passar o resto de meus dias maçado com uma companheira sem assunto...

Ele não sabia, mas ela o ouvira dizer isso ao amigo Tenente quando fumavam na biblioteca, na manhã que partira de Vale Campina, então com dezesseis anos.

Embora com todo o rancor que sentia por ele, fora isso uma das coisas que dissera que a enternecera. Mas se era isso que pretendia, por que a enviara justamente àquele Colégio? Um estereótipo de falsidade? O conhecimento dela, adquirido ao ler em Campina dos Lobos os livros que Tiago lhe dava, estava anos-luz à frente das educadoras submetidas pela Viscondessa. A educação que pretendia alienar as futuras donas de casa. Duvidava que um homem informado, perspicaz como ele desconhecesse o caráter da instituição de ensino.

Bateu com força a tampa de madeira da pequena arca. Aborreciaa ler o que pensara no passado. Isso porque desejava com anseio tão ardente ler, saber o que Aidan pensara no passado. Encaminhou-se outra vez para a cômoda e guardou ali, ao lado da mala da qual seus olhos não descolavam, sua pequena arca. Puxou um grampo dos cabelos e, prendendo a respiração, introduziu-o em um dos três ferrolhos que trancavam a grande valise.

Sentia-se traquina e gatuna fazendo aquilo. Suas têmporas

palpitavam; a euforia a lhe tomar. Por isso, seu coração praticamente parou quando batidas bruscas na porta retumbaram. Afoita, bateu com as portinhas do móvel e pôs-se de pé.

— Entre!

Era Lélia que vinha munida de uma tina com água quente e perfumada para lhe massagear os pés inchados. Era defensora — jamais escondia — da libertação dos escravos, mas tinha de convir; não era hipócrita: esse era um dos tantos confortos que não deixava de apreciar — possuir gentes à sua disposição.

Capítulo XII

QUANDO A CARRUAGEM parou frente a hospedaria, no centro o Rio de Janeiro, Eduardo fungou. Já não tinha importância se o fungar era por conta do choro silente que lhe abatera, outra vez há cerca de uma hora, ou se por causa do frio desprevenido que lhe surpreendera na descida da serra.

— É aqui, Senhor. Necessário que vos ajude com a bagagem? — inquiriu o cocheiro, impaciente.

— Não... Obrigado. Fique com ela — era apenas uma mala de mão. — Dentro encontrarás teu pagamento.

Enquanto a figura cansada e rota de um rapaz, entrava na hospedaria porta adentro; o cocheiro, tendo ido com toda a afoiteza conferir, sorria ao encontrar dentro da mala o dobro do combinado.

No saguão, encontrou-se com sua Senhoria, uma mulher de tez suave, expressões amáveis e silhueta roliça.

— Teu pai esteve aqui a tua procura — disparou nasalada.

Ele a fitou com estranheza e, ignorando-a, se colocou a subir as escadas.

— Mais de uma vez, menino! — contou agastada com a péssima aparência de Eduardo. — Mais de uma vez!

Voltou-se para ela e disselhe:

— Que bom, D. Geisa, que não te deixei mentir, ocultando para onde eu iria — outra vez, se colocou a galgar os degraus atapetados.

—

Difícil foi convencer o Dr. Afonso disso — então

abrandou o tom. — Encontraste o que foste à procura?

— Não, Senhora.

D. Geisa suspirou triste. Seus olhos nunca foram cegos para o caso de amor entre o estudante de medicina e a colegial da Viscondessa de Corusca.

— Tem correspondência para ti, meu jovem...

— Correspondência? — ele repetiu abismado. Há sete meses esperava uma carta, um bilhete, uma missiva, qualquer coisa. — Onde estão? — ele indagou quase em desespero, descendo o que houvera subido em minutos, quase num segundo.

D. Geisa caminhou até o vestibulo arrastando os volumes das saias que lhe cobriam o quadril avantajado. Tirou um molho de chaves do bolso do avental e descerrou a gaveta do móvel chapeleiro.

Apanhou de dentro um maço e o entregou ao rapaz que, tomando-o se sumiu dali e, depois, escada acima.

Sôfrego,

tremendo,

os

olhos

brilhando,

sentou-se

na

dormideira e vasculhou cada envelope em busca daquele que esperava.

Mas, antes que terminasse de desfiar o monte, encontrou um lacre que

o intrigou. O AH, em monograma inconfundível. Já vira aquele lacre entre as coisas do pai.

Quebrando-o começou curiosíssimo, a ler. Conforme foi decifrando a caligrafia elaborada, que já sabia de quem era, abriu, comovido, a boca. Afogado pela emoção que aquelas palavras lhe causavam.

Vale Campina — RJ, 06 de Maio de 1876

“Se demorei a te endereçar esta carta meu amigo, peço-te perdão. Fui má, e por isso mereço mesmo o degredo.”

— Ah, não diga isso Venta de Fogo! — o rapaz murmurou, chamando-a pelo apelido carinhoso dos encontros clandestinos. — Ninguém merece o degredo.

“Ocorreram em minha vida, desde que deixei o colégio, tantos infortúnios que nem cabe te contar por uma carta. Mas somente uma infelicidade física pode desculpar minha falta — que ocultarei, para que possas logo saber o que anseias.

Há mais de um mês recebi uma carta de Mariana, na qual pediu-me encarecidamente que eu te escrevesse.”

Nesse momento Eduardo apertou as pálpebras e pendeu para trás a cabeça, temendo o que estaria por vir. Tantos dias, tantas semanas, a ansiedade, o desespero a esperar por uma notícia dela.

Uma única notícia que fosse! O terrível sumiço de Mariana! A quase desesperança de qualquer manifestação da amada encerrando-o ao pior dos infernos. Todas as lembranças de cada momento e emoção que viveram juntos. Nada, uma única notícia que fosse. E finalmente, agora, a tinha ali, nas mãos.

Tanta dor o levava a procurá-la em sua terra, buscá-la entre os seus, apesar da terrificante desconfiança dela ter sido dada em casamento a outro. A longa e árdua jornada; os meses na estrada. Para isso, trancara

a faculdade, adiará seus compromissos sociais na corte e com os abolicionistas e preocupara, ainda não imaginava quanto, sua mãe.

Embora tendo sido inútil a busca, não se arrependia. Faria de tudo para encontrá-la. Não desistiria nunca. Moveria se pudesse céu e terra para tê-la novamente em seus braços.

“Já deves imaginar que nem eu, nem nossa doce companheira em comum voltaremos ao colégio. Mariana está casada e vive no Sul com o marido. — Casada?! Um golpe de vil, envenenado punhal bem no peito teria doído menos que essa temida,

porém esperada revelação. Que profunda e amarga dor! — Com toda a certeza e propriedade, meu amigo, digo que ela não poderia estar mais infeliz.

Quem conheceu o vosso amor pode avalizar minhas palavras.

Saiba a ti mesmo, pelas próprias palavras dela, lendo a carta que segue em anexo.

Faço ponto, desejando com toda minha alma, mesmo sem ver como, que afinal vós podeis ficar outra vez juntos.”

Carinhosamente,
Arielle Moissonner de Henriques

A Venta de Fogo não desistia mesmo! Ainda assinava o nome de solteira, mas, agora, curioso!, acrescento o do marido. Afobado virou a folha e buscou pela caligrafia da amada.

“Meu próprio coração, apartado de mim...

Dores profundas me rasgam as entranhas, noite a noite, dia a dia a me corroer pela ausência de ti. Não sou como tu, artista das palavras. Mas, falar do que sinto é um escape, um subterfúgio para não enlouquecer.

Há meses te deixei, parece que faz uma vida.

Conheces o meu coração como ninguém mais, então tu imaginas o quanto choro. Choro todas as noites, e manhãs e a cada fugaz lembrança de nossa linda história. E este choro se me alivia igualmente me consome.

S'estou casada com outro, tu bem podes imaginar e assim o espero, que é contra minha vontade. Se eu não o fizesse, meu pai me entregaria para a vida leviana, conforme ele disse quando lhe afirmei que não poderia me casar com o Visconde, por amar a outro. Por amar-te assim tanto, Eduardo...

Nada me preocuparia tanto quanto o fato dele revelar tal fato ao Visconde, que te poderia desafiar para um duelo. Ah, meu amor, se eu te visse ferido, ou pior, morto, eu não aguentaria, não, eu não poderia.

Eu sucumbiria junto! E como eu poderia deliberadamente extinguir-me a vida? Não teria a esperança do paraíso contigo, mesmo estando a nós entregues pelo juramento.

E sei que tu não poderias tirar sangue de qualquer vida. Tua alma é pura assim como teu coração.

Ah, Eduardo! Nem preciso dizer para que, ao ler esta carta, tu me imagines a escrevê-la, derramando-me toda de tantas lágrimas.

Parece tanto drama, mas se assim é que posso fazer? É realidade crua esta que me enfraquece.”

Sim, com os olhos marejados ele podia enxergar a letra floreada borrada por toda a emoção que ela ali derramara.

“Já orei tantas noites para que Ele me levasse. Respirar longe de ti é doloroso, Dudu. Mas, não pode ser assim, já que para isso teria de levar nosso filho também. Sim... Tem uma criança, nossa, como tu bem previste, a crescer em meu ventre.”

Eduardo gemeu. Um filho... Levantouse e quis gritar. Um filho?

Um filho... — Repetia alquebrado apertando a folha contra a testa.

Um filho criado por outro pai! Ah, que vida ingrata. Outro que nunca poderia amá-los como ele amava.

“E é esse filho que me mantém uma fagulha, um cisco de vontade de prosseguir. Por quantas vezes já não pensei em fugir?

Fugir deste lugar que não deixa de me ser um claustro?

O Visconde é um homem gentil, não me força a nada, nem tampouco me maltrata. Contudo, o convívio é por vezes insuportável.

Se ele tanto me repugna é porque tua imagem me é evocada todos os momentos do dia. Eu desde que te deixei não conheço a paz, não passo de uma alma semi-viva, atormentada por tua lembrança.

Juro que já te vi pular a janela de meu quarto, já senti teus lábios colarem em meu ouvido, como fazias outrora, teus lábios a me acordarem para o amor, a estalarem em meus lugares mais sensíveis.

Tuas mãos subirem por meu pescoço, soltarem-me as tranças e se enterrarem em meus cabelos. Teu cheiro a me assaltar, me enlouquecer noite adentro e nunca, dia nenhum, me deixar respirar sem senti-lo. As sensações me atordoam. Sinto-as como ações concretas; os caminhos de fogo que teus dedos deixaram em meu corpo,

a

ressuscitarem meus

membros

tristes...

Membros

adormecidos.

Piores são os momentos de vigília, as reminiscências, momentos fúgidos, perdidos, que voltam sem serem convidados. Dor, pura dor.

Quando eu chorava, tuas palavras eram macias. Tu me consolavas, estreitavas-me junto ao teu peito quente e pulsante; o mundo fora de nós se acabava. Me abandonava no teu consolo. Tudo girava no ritmo do doce embalar que me acalentavas, os cíciars reconfortantes, as promessas, a última imagem de tua expressão amorosa, complacente, até que... Eu dormia e tu podias enfim partir em paz.

Aqui se choro provooco irritação!

Recuso-me a crer que chegou o fim, Eduardo. Nada tão perfeito, arrebatador, sagrado como nosso amor pode acabar. Não deixarei, não aceitarei que seja assim. Nesse lugar repleto de desconsolo que me encerraram, o vento constante e companheiro, que assobia, sopra, murmura, é o mensageiro fiel que carrega para ti minhas emoções, minha carícias que não querem morrer.

É, também, como que força invisível a me atrair para ti.

Tenho certeza, uma voz dentro de minha alma me conta, nos reencontraremos um dia. Poderei olhar, outra vez, dentro de teus olhos negros e dizer-te, apesar de já saberes, o quanto eu te amo.

Sorriremos felizes, rolaremos pela casa que será nosso ninho, nos amaremos sob a luz morna do sol que, através de uma límpida vidraça, incidirá em nosso leito, banhará nosso amor...

Não te esqueças de mim, porque as marcas que me deixaste são indeléveis. Inapagáveis. E te amo tanto..."

Eternamente tua, Mariana

Aflito com aquelas palavras Eduardo buscou o nome da cidade, um indicativo, o título do Visconde. Mas Mariana cuidara em nada disso revelar. Queria proteger o amado e, com isso, só o perturbou ainda

mais.

Sofrendo, derramando lágrimas mudas ele, ao terminar a leitura da carta, lentamente a deixou pender de entre os dedos até tombar ao chão. Colocou-se a fitar a cama, na qual a amara tantas vezes.

Apático, desoladamente inconsolável, deixou-se ficar ali por horas, naquela mesma posição.

“Porque fui te amar assim?” — Perguntou-lhe em pensamento.

Porque merecia tanto sofrimento? Porque era tão castigado? Se tudo que fazia era amar a todos os homens como fossem seus irmãos de sangue?

Mariana, aquela noite, sentada no nicho do salão do andar de baixo, chegara à sua vida irradiando tudo, agraciando-o com seu olhar dengoso e seu riso fulgurante. Ocupando o lugar da musa tão por ele almejada e sonhada.

Viera para lhe transtornar a mente, a idéia, o coração... Alterando o caráter de seus versos e sua prosa.

Ele, até então uma alma atormentada, compunha tão somente para esquecer. Lutava a causa para entender o sentido, o porquê da tirania, da desigualdade entre os homens, da hipocrisia da sociedade, principalmente a da classe em que vivia.

Tinha treze anos e visitava a fazenda do tio na região de Nova Friburgo. Estivera a correr, os cabelos fartos e ondulados ao vento, pelos jardins maravilhosos que circundavam aquele solar, é claro, caféiro. Ora ou vez, parava para arremessar seu pião que ia enrolando durante suas correrias.

Menino inquieto, de olhar curioso, experimentador, vasculhador, de nenhum amigo, passava aquelas tardes tediosas achando meios de explorar o quanto podia. A lupa ia ao bolso direito, no esquerdo o toco de carvão que usava para riscar pensamentos repentinos. Fitando os

lados com atenção, certificava-se que não havia ninguém, que não haveria reprimendas, muito menos a palmatória da governanta. Arrancara os sapatos, as meias e deitara a correr descalço pelo gramado. Detivera-se diante um enorme formigueiro. Apoiara o peito no chão, a certa distância segura e examinava cauteloso o trabalho daquela colônia incansável.

Então ouvira um grito lamuriento seguido de um irado brado.

Suas pernas secas de imberbe o levaram para a direção dos gritos, que o chamavam com um imã. Oculto por detrás de ingazeiro ele vira. A cena mais chocante, mais vil, mais dantesca de sua vida.

Um homem branco, de barbas e bigodes grisalhos, chapéu pardo de abas largas, segurava um açoite e arfava em instante de descanso.

Não um açoite comum. Aquele continha esferas de aço em suas pontas. Uma haste longa, um poste; mantinham imóvel um homenzarrão, duas vezes o tamanho e os músculos daquele feitor.

Aquele era o tronco. Amarrado ali, volteado por cordas em todos os membros o escravo tinha toda a pele das costas e pernas laceradas em tiras, ensanguentadas e rebrilhadas pelo suor que a dor, quem sabe o medo, quem sabe o ódio, causavam.

Naquele dia também vertendo lágrimas silenciosas, Eduardo perguntara-se o que teria feito o escravo para merecer tal castigo.

Menino então, estava acostumado a ver os escravos da casa de seu pai serem tratados com suposto respeito. Se faziam algo que desagradavam seus senhores eram repreendidos com golpes de palmatória no rosto, o que já muito assustava o garoto. Eram em sua maioria escravos alforriados que preferiam continuar a trabalhar ali, por um parco salário e comida; não teriam para onde ir.

Os realmente não livres, estavam pelas ruas cariocas, ao ganho para sustentarem a manutenção da fantasmagórica mansão que os d'Anjo Maia possuíam na Corte. Os ares de Petrópolis eram mais amenos para sua sensível mãe e o jardim, como ela mesma afirmava, muito mais acolhedor.

Na fazenda em Campos, é claro, deveria ser diferente. Lá, como na fazenda do tio, os escravos deveriam ser ainda mais humilhados, castigados, execrados, torturados. Mas, não era o costume da família visitar a própria fazenda que possuía uma sede simplória demais. O

Senhor d'Anjo Maia sempre fora um homem citadino. E Eduardo lá estivera somente duas vezes e era por isso não fazia conta de tais castigos.

Liberdade... Liberdade; era o motivo do castigo do escravo chicoteado até quase a morte. Seu pai depois lhe contara:

— Esses negros estão, a cada dia, mais ousados.

— Quem decidiu, meu pai, que eles deveriam ser os escravos?

Nós, os senhores?

Dr. Afonso, parando de caminhar pelo quarto, lhe fitara

abismado e desconcertado.

— Ora... sempre foi assim. Alguém tem de trabalhar para gerar a riqueza. O mais forte subjuga o mais fraco. A força do intelecto suprime a dos músculos. Mas ambas são dependentes uma da outra na geração de riquezas.

— Que intelecto é esse que aflige sua própria espécie? E porque cada um não trabalha para gerar a própria riqueza?

— Meu filho, pensar assim, já te ensino logo, só te causará problemas. Sabes, quando eu era jovem li muito... Mas na prática a vida é diferente. A vida é real. Só o sangue ou os interesses exclusivos de certas castas podem mudar alguma coisa. Infelizmente, filho. O

mais apropriado, Duduzinho, é se acomodar e sempre, ouça bem, sempre zelar pelo bem e conforto da sua própria família. Ninguém além de você se importará verdadeiramente com ela.

— Tsc — fora tudo o que o garotinho, enfiando-se sob os cobertores, pudera responder.

Caminhando para o candeeiro, antes de apagá-lo, Afonso d'Anjo Maia ainda lhe dissera:

— Não me surpreenderia, filho único, em nada se em minha falta tu alforriasses todos os escravos que, com

custo e tanta dedicação consegui comprar. Mas, por sorte, isso seria somente em minha falta.

Então deixara Eduardo na escuridão. Sofrendo, lembrando, entregue à horribéis pesadelos, sentindo na própria carne as dores daquele homem que também possuía um coração e sonhos tragados pela ganância. E planejando, um dia, fazer algo para mudar aquilo.

Tiritara de agonia com seus pensamentos por horas. Até que muito depois sua mãe viera deslizando elegante para lhe acalmar. O

toque suave das mãos maternas sempre foi um bálsamo nas horas de angústia dessa alma inquieta.

Izabel Cristina sempre tivera consciência da frágil saúde de seu filho unigênito, o qual também por isso tanto ela adorava. Sempre às portas da madrugada lhe ia levar leite morno, sequilhos e uma taça de frutas. Na esperança de nutri-lo ela achava sentido em sua vida vazia de esposa bibelô de rico e influente banqueiro liberal. Para Eduardo, sua mãe sempre fora a efígie do sagrado. A sensibilidade excepcional de Eduardo lhe permitia experimentar toda a doçura que a séria e jovial senhora calava dentro de si. Ele sabia que fora, decerto, o severo internato de freiras no qual a internaram na Europa que inibira sua personalidade carinhosa. Mas do filho a quem tanto amava, ela não podia nada ocultar. Porque ele era também muito especial, sua afetividade era superdotada, assim como sua natureza extraordinária observadora e seu temperamento amorável. E, unicamente ele, via por detrás dos intensos olhos violetas de Izabel Cristina toda a temperança bondosa que ela possuía, derramar-se.

Fora aos treze anos que Eduardo deixara a infância para trás.

Aos treze anos encontrara-se frente a frente com miséria existente no ser humano. Com a hipocrisia de seu pai. Aos trezes anos sentira a maior dor de sua vida, ao ver a cena dantesca daquele escravo totalmente nu, sendo castigado no tronco.

A maior dor, porém, agora, era saber sua Mariana, perdida para sempre. Ela... a quem unicamente confiara aquele segredo, o motivo que o tornara um abolicionista, ela a quem entregara sua alma e em quem semeara um filho.

Se ao menos soubesse quem era o tal Visconde! Existiam tantos e tantos espalhados pelas vastidões ermas do gigantismo da pátria brasileira!

A Oeste da Província de São Paulo, há quase duas centenas de quilômetros da capital paulista, ele estivera em busca dela. Pelos entornos da fazenda do pai de Mariana, todos foram proibidos de tocar no assunto. Nada conseguira descobrir. Todos, por lá, deviam temer muito os castigos de Mariano de Faria. Não era à toa... Mariana lhe contara a meia voz as histórias tristes que conhecia, as menos terríveis que sabia por Maria Teresa; se já eram aos olhos da menina desprezíveis, imagine se soubesse as triviais e piores, os instrumentos de tortura...

Era

madrugada,

Eduardo

ainda

sentado

na

dormideira.

Soluçando e soluçando. Soluços dos mais densos sentires ecoando no amplo espaço do aposento; ocular testemunha daquele amor que já não podia mais ser, mas que estava tão vivo.

Sem ela, sem a esperança de tê-la outra vez, nada lhe restava, que não aquela tristeza profunda e melancólica a qual se entregaria nas próximas

semanas.

Ainda não era hora do almoço quando Arielle saiu para caminhar pela aléia ladeada pelas imponentes palmeiras imperiais. O sol rebrilhava os verdes do arredor com o ofuscamento que ocorre no inverno e refulgia as copas dos arbustos de flores. Dois meses para o nascimento do bebê... De longe alguns cativos fitavam a silhueta recortada de sol da Sinhá acariciar o imenso ventre. Não imaginavam que ela muito sentida cismava. Nada de seu marido por perto, acompanhando-a neste momento tão importante. Apertou os olhos — clarão do pino do dia ou emoção contida? — afogando uma suave tristeza. Lutava por não comover-se. Porque, afinal, que serventia teria lamentos? Ela sempre soube que assim era a vida das mulheres de sua época. Gestar enquanto esperavam. Esperar o arrastar lento e angustiante das horas tediosas agradecida pela posição social que pertenciam. Por isso, no passado, não queria se casar! Ter filhos...

Milhões de mulheres já o faziam! Mas batalhar por algo novo, por ser uma formadora de opinião, escrever artigos mordazes... Ainda que houvessem as de sabedoria e olhos acurados, à poucas dessas era dado o dom da coragem.

Haviam os contrapontos, contudo.

Sentir Madeleine dar piruetas dentro de si era atterradoramente maravilhoso, ela não negava. Era caloroso deitar-se no leito, tarde da noite, erguer a camisola e assisti-la ondular-lhe o ventre. Apoiar um novelo de lã sobre o umbigo e vê-lo saltar aos chutes de sua filha.

Quando fazia isso, realmente conseguia acreditar que ali dentro crescia um pequenino ser. Então não sentia-se tão só.

Arrancando os sapatos dos pés inchados, Arielle liberou um longo suspiro e voltou a caminhar, mas, então pela grama verde e umidamente fresca.

Que bom não seria ter nascido uma índia. Andar descalça, sempre. Não sofrer com o calor e não preocupar-se com o amanhã, o sentido de

existir e... Então, lembrou: ter de se preocupar com os “civilizados”. Midiã era uma garotinha de quatro anos, prima de Flor. Veio correndo a esvoaçar seu vestidinho branco pelo extenso gramado, os bracinhos abertos em direção da Baronesa. A pequenina gostava de abraçar a barriga que carregava o futuro herdeiro daquela terra, esfregar o nariz e sentir o cheirinho de gestação de sua ama.

Extremosa, Arielle sabia retribuir aquele afeto. Afagando-a, lhe trançando as madeixas que prendia com tiras coloridas de fustão ou, ainda, lhe descascando laranjas.

Quando os bracinhos rechonchudos a envolveram e os lábios fartos lhe triscaram um beijo, Arielle percebeu que um cavaleiro se aproximava pelo caminho e, atenta, ela esperou que se aproximasse.

Era Zé Moleque.

— Pra Senhora Nhá D. Baronesa — anunciou com respeito ao estender o que trazia.

Midiã, tremendo, escondeu-se atrás das saias da Baronesa, ao ver o cruel capataz tão perto de si.

Ela recebeu o envelope fitando-o de má vontade. Tinha ímpetos de prender o feitor ao tronco e lhe aplicar os mesmos castigos que ele aplicava aos escravos. Mas, se quisesse, ela saberia ser ainda mais má.

— Obrigada — agradeceu rilhando os dentes.

— Vá à cozinha, Midiã, diga à Saquina que te dê um pirulito de caramelo, está bem?

— Sim, Iaiá Baronesa — respondeu a menina meigamente e, sorrindo largo, partiu em disparada.

Tendo ele também se afastado, ela cheia de ansiedades começou a ler a carta do marido; como sofrera esperando por notícias dele.

Queria responder-lhe logo e contar que tivera um sonho... teriam uma menina! E Saquina, tendo atirado umas contas numa cumbuca de barro, confirmara o sexo do bebê.

Rio de Janeiro — RJ, 15 de Maio de 1876

“Ao tomar da pena para iniciar esta carta, meu bem, liberei um longo

suspiro. Isto porque me agasta saber que tanto demorará que a recebas. Nessa hora já deverei estar livre da prisão, mas, talvez, ainda detido no Rio de Janeiro, por necessidades de resolver questões pendentes à minha liberdade e, ainda, àquelas profissionais.”

Arielle quase gemeu ante ao que ele disse. Não sabia se de alegria ou angústia. Contentamento por imaginá-lo já livre, na iminência de aparecer a qualquer momento em Campina dos Lobos; mesmo um fêmito lhe assaltou ante à novidade. E consternação, por vislumbrarse a cada tempos largada ali, naquele lugar detestável, enquanto ele corria mundo, badalava na corte, envolvia-se com gentes... Apertou os olhos com força e decidiu concentrar-se na leitura. E aquelas palavras por ele escritas emocionaram-na demasiado.

“Então um filho meu cresce em tuas entranhas... Sou eu dentro de ti, minha pequena. Não calculas a emoção que senti quando finalmente, e depois de longa espera, em posse de tua carta vim conhecer a fortuna de que esperas para setembro o nosso bebê. Que onda de empolgação me afogou! A ternura que me invadiu o peito me inunda ainda mais de saudades e nostalgias. Desejos ardentes de envolver-te em meus braços e te mostrar todo o contentamento que a notícia desta criança me trouxe. Te encheria de beijos e carícias, minha amada. Tenho certeza de que será um homenzinho muito forte.”

O sorriso que ela tinha por ler o contentamento dele em ser pai, desvaneceu-se.

A leitora quase se desfaleceu de saudade. Mesmo por um pedaço de papel ele era capaz de desestabilizá-la física e emocionalmente.

— Ah, como sinto a falta desse meu marido... — ela murmurou baixinho para si..

“Despeço-me com o regozijo de saber que a próxima vez que for te falar, será face a face.”

Com amor,

Aidan de Henriques

Voltando para dentro do solar, tomada por um calor incomum para julho, Arielle foi ultrapassada pelo vulto apressado de Tiago.

— Perdão — ele pediu, voltando-lhe a cabeça rapidamente, e tomando o rumo do quarto.

— O que terá acontecido? — a gestante murmurou apenas para si. Transtornado, Tiago Carneiro adentrou seu quarto, cerrando a porta com violência. Já não bastava ter sido filho de quem fora, ainda tinha de ser lembrado e injuriado por isso cada vez que cruzava com o Conde de Boaventura.

O velho exigia que ele assumisse e honrasse o trato que Luís Carneiro acertara com ele, quando o filho mais novo deste, Tiago, era ainda um menino.

O médico vinha de percorrer os cafezais vastos que eram os de Campina dos Lobos quando, ao transitar pela estrada, dera com o homem que vinha em sentido contrário. Barrando-lhe a passagem, o dono da fazendola que fazia divisa com as terras dos Carneiros, lhe cobrara pela terceira vez, desde que Tiago regressara de formado médico do Rio de Janeiro a confirmação do noivado com sua filha mais velha.

O Conde alegava que fora esse o combinado entre Carneiro e ele quando, muitos anos atrás, o Barão perdera para o vizinho na mesa de baralho um terço da fazenda que lhe seria repassado pelo casamento do filho mais novo, com a filha mais velha de Boaventura.

Tiago achava aquilo além de antiquado, inverossímil. Todos sabiam que Carneiro deixara tudo de herança ao filho bastardo que, já não sendo rico o suficiente, ainda fizera de Arielle sua esposa!

Furioso, meteu com toda a sua raiva o muque no console de charão. Se fora só isso... Apesar de meses antes, na taverna, ter dado a mão em cumprimento a seu irmão biológico, num gesto de paz, não conseguia, por mais que tentasse, lhe enxergar com simpatia, nem lhe aceitar como um ente familiar como queriam Joaninha e Arielle.

Arielle... Era linda, doce, inteligente! Conversava sobre qualquer assunto de um modo sagaz, mas com uma gentileza adorável. Seria uma esposa perfeita! E era... Mas de seu irmão. Se não tivesse ido

estudar... Não. Não adiantava remoer o “se” e o que fora. Arielle era comprometida. — Repetiu mentalmente várias vezes. Desde que lhe salvara do aborto via-a com uma ternura fraternal.

Queria protegê-la. O sentimento de irmão mais velho e protetor que lhe acompanhou, em relação a ela, por toda a infância, voltou com toda a força depois de assisti-la à beira da morte, tentar expulsar do ventre um filho que, sabia, ela não queria. Ou, ao menos, assim Tiago pensava.

Quando tentava adentrar em assuntos mais íntimos e pessoais, perspicaz ela sabia esquivar-se. Não o permitia intrometer-se em nada que dissesse respeito a sua vida conjugal.

— Amo aquele Coronel — fora tudo que ela lhe dissera em respeito ao marido, seus sentimentos, seus sonhos futuros.

Para ele fora o bastante.

E por essa declaração ele resignava-se cordato ao papel de mero cunhado. Desviando, contrafeito, os pensamentos da cunhada, Tiago, agastado, lembrou, o breve colóquio com o Conde.

— Desgraçado — sibilou entre dentes ao lembrar-se da voz odiosa do homem.

— Graça, tem muitas virtudes, jovem Doutor. Não imagino porque o senhor demora tanto para cumprir com tua palavra — fingindo educação, o homem lhe requisitara.

— Sinto muito, Senhor Conde — imprimira ironia ao título do presumível futuro sogro. — Mas não dei palavra nenhuma a Vossa Excelência. Passar bem — e tentara desviar-se soltando a rédea, mas o homem ainda se interpunha no caminho.

— Mas teu pai deu, moleque! E junto do nome que deves dar à minha filha, deve vir um terço de Campina dos Lobos.

Tiago rira do “ingênuo” Conde.

— Ora, e o Senhor confiou mesmo em meu pai? — inquirira erguendo uma de suas sobranceiras grossas, negras e espessas. — Todos sabem que o caduco deixou toda a fortuna à um filho bastardo.

— Sim — o velho apertara os dentes. — Bastardo que, por sinal, tem

me arruinado. Depois da chegada dele ao arraial e seu modo, hum, militar de conduzir seus escravos; os meus andam tão incivilizados e rebeldes que me vejo a ponto de vender todos e mandar buscar na Europa uns imigrantes miseráveis, como tem feito alguns cafeicultores do interior de São Paulo.

— Bom, teus negócios dizem respeito ao Senhor — Tiago respondera com muito pouco interesse. — Se me dás licença, tenho de atender um caso de febre nos arrabaldes de Velha Esperança — era um povoadinho afastado nos limites do arraial.

— Isto não fica assim! Não fica... Palavra é palavra e tem de ser cumprida, Doutor Carneiro! — ainda ouvira o Conde bradar sob os fartos e amarelados bigodes.

— Há, há, há — o jovem médico riu sarcástico a bater, nervoso, as botas pelo assoalho do quarto de um lado para outro.

Estava para nascer o homem que obrigasse Tiago Manoel Tasso Carneiro a qualquer coisa. Quando, ainda tão jovem, decidira que seria médico, nem o próprio Carneiro, Barão de Vale Campina em pessoa, conseguira lhe obrigar a estudar direito, como lhe seria conveniente. Livre da prisão... A caminho de meu abraço... O cheiro que tanto adoro... O timbre grave, o timbre bravo daquela voz... Aqueles toques ora suaves, ora firmes em meu corpo... Toques daquelas mãos ousadas que me adoravam despir... Aquela impaciência que não o deixava contentar-se em só com as mãos me tocar, mas os lábios quentes... Como dói esta saudade... Tantos meses...

Arielle se achava entregue àquela espécie de sonho-acordado, que ocorre nos estágios modorrentos do sono. O sol, pela enorme janela, invadia o quarto, inundava o leito aquecendo de um modo delicioso o corpo de Arielle. Sob o lençol ela arquejava em seus sonhos saudosos e lúbricos. Sonhos envolvendo o marido.

Livre da prisão... Ele dissera que estaria... Lera na carta...

Voltando para casa... Não, aquela jamais seria sua casa...

Num chofre, ela ergueu o tronco e acariciou a barriga

redondamente grande. Despertara e estava estupidamente feliz com o regresso dele, mas... Estaria para sempre perdida a oportunidade. Decidida,

saiu da cama, arrepiando-se ao tocar as plantas

descalças, úmidas e quentes dos pés, no assoalho frio. Caminhou à pequena cômoda, o coração retumbando frenético. Ao lado da mala o mesmo grampo dos outros dias em que hesitara e desistira de abrir o segredo que a torturava.

Decidida, esforçando-se, puxou a mala fora.

— Mas pesa uma tonelada... — lastimou arfando.

Bac! O peso bateu contra o chão e ela não pôde mais demover a grande e pesada valise. Pegou o grampo e se colocou a trabalhar naquele ferrolho. Nem que levasse toda a tarde, a noite... Antes que ele estivesse de volta, teria lido seus segredos!

Estranhamente, não se sentia culpada com isso.

Movia a ponta metálica no orifício e tudo que conseguia era ficar mais ansiosa e nervosa. Nenhum progresso! E teria de fazer o trabalhoso e árduo procedimento em três cadeados secos.

Apertando as expressões em ira e retesando o pescoço gritou:

— Que raiva disso! — e bateu com o muque no assoalho. — Ai!

— bradou tomada pela dor causada pelo impacto, já massageando uma mão com a outra. — Deve ser algo de muito escabroso que ele tanto quer esconder... — murmurou com raiva e decepcionada com sua falta de sucesso.

Obstinada, levantouse. Com passos determinados deixou o quarto.

Pouco depois voltava com o martelo de bater carne de Saquina e uma expressão confiante e triunfal. Sentouse, outra vez, em frente da mala. Respirou fundo, olhou bem para os cadeados pensando que não teria volta. Nunca poderia arrumar outros cadeados como aqueles. Recuou com o martelo acima do ombro e, quando ia bater, hesitou. Mas só por um instante. Mais resoluta que nunca, recuou depressa com a ferramenta outra vez, e bateu com força no metal. Nada aconteceu.

Bateu outra vez, e outra, e

repetidamente até que finalmente despedaçou em várias partes o cadeado.

Extremamente empolgada repetiu o processo nos outros dois. O

que a deixou arfante por um tempo quando terminou. Tremendo olhou para a obra de sua traquinagem. Sorriu, era só levantar aquela tampa e... ler.

Capítulo XIII

SEU MARIDO era extremamente detalhista e meticoloso. Além de datar cada uma das folhas que escrevera, colocava o local e hora em que as redigira. Notara Arielle que muito pouco ou quase nada mudara na caligrafia dele nos últimos doze anos.

Depois de dar uma lida aqui e ali, indiscriminadamente em algumas poucas das centenas de folhas de papéis que ele enchera frente e verso, decidiu por acertado organizá-las antes, de forma cronológica.

De uma coisa sabia, tinha ali um dossiê da guerra; ponto de vista individual de um Capitão de artilharia, mas decerto tudo aquilo eram documentos de extremo valor histórico.

Iniciou essa tarefa de organizar pouco depois das duas da tarde e quando terminou o sol já se escondera por detrás da Mantiqueira, a lua se erguia majestosa e um tanto amarela em sua plenitude de cheia.

Dispensou o jantar e pediu que Lélia lhe trouxesse uma bandeja com chá, leite morno e biscoitos de nata.

Mal podia manter o ritmo normal da respiração, tão ansiosa que estava por começar a ler tudo aquilo. Mesmo que levasse toda a noite, toda a madrugada, não pararia para nada. Mordendo um biscoito, com toda sua atenção e concentração voltada para a primeira das folhas que

tomou na mão, iniciou a leitura.

Rio de Janeiro — RJ, 20-11- 862

19h40min — 22º Batalhão do Corpo de Artilharia Hoje foi o dia de minha formatura. Já se pode dizer: Aidan de Henriques é um militar. Simples praça, mas não o zero a esquerda que me prometia o futuro.

Passos curtos, passos lentos. Mas, certos passos na direção indesejável do passo derradeiro. A vingança. E que ele a espere porque lhe há de chegar...

Mamãe estava presente na cerimônia de armas e, por detrás do véu, me fitava com aqueles seus olhos verdes cheios de calor. Eu, em minha posição de mestre da solenidade, tinha de me manter impassível; fingir que não a via. Contudo, quem poderia controlar as batidas de meu coração?

O que me orgulhou não foi o fato em si de concluir os estudos e preparações para a carreira que pretendo fazer no exército. O que me enche de orgulho é o conhecimento que tenho de ter satisfeito D.

Heloíse.

Era como se de seus olhos saíssem faíscas que se iam misturar àquelas originadas dos golpes de espada que sonorizavam a cerimônia.

Aquele sorriso que ela me presenteou, quando depois do último brado e bater de espadas do batalhão, e veio respeitosamente me abraçar, é um contentamento que carregarei comigo por anos a fio.

Todavia, a sensação de situação inacabada ainda me ronda.

Poderia, na flor destes dezoito anos, sair e servir. Matar a sede de aventuras que me aflige. Mas não. Preciso crescer e adquirir mais conhecimento para que meu intento, o sonho maior que me motiva, seja bem sucedido.

Fico

mais

dois

anos

nos

quais

empreenderei

estudos

cartográficos. Nos quais, também, pretendo me familiarizar aos meus superiores e sair daqui, quem sabe, um engenheiro.

Soa agora a sirene de recolher.

AH.

“Sonho maior que me motiva?” — Seria a vingança contra o pai?

Arielle perguntava-se. Decerto...

Como ela poderia, afinal, imaginar que o sonho que um dia possuiu seu marido, morreria não muito depois que escrevera essas palavras? Arielle por horas seguiu lendo como fora a vida do marido ao longo daqueles dois anos; nada achou de extraordinário. Teve um momento que chegou à conclusão de que faltavam partes que ligavam aquela história. Houvera semanas em que ele não escrevera uma linha sequer, já em outras não falhava um dia em que ele não descrevesse detalhadamente o que fizera durante todo o dia.

Arielle estava decepcionada. Exceto pela primeira folha, que mostrara quão carinhoso ele podia ser com a mãe, não escrevera mais nada que

deixasse, a saber, detalhes íntimos de seu ser. Só pode reafirmar sua idéia de estar casada com um homem altamente analítico e minucioso: assim também o era em tudo que relatava.

Desde os sentimentos que os olhares das pessoas transbordavam, ao modo que interpretava o que elas queriam dizer, sempre com outras palavras.

“Nunca mais me encontrei com Heloíse. Sinto sua falta”.

Foi a única vez que ele mencionou a mãe, desde o dia da formatura, no decorrer de um ano e meio. Ele conseguia ser reservado mesmo em seus escritos secretos! Percebeu Arielle agastada demais.

Arielle pouco entendia sobre os motivos que levaram seu marido um dia batalhar pela Coroa nas cercanias fronteiriças do Brasil e Paraguai, não obstante, quando compreendeu o que se dera, alarmouse pelo que ele haveria de passar.

Pelo

que

ele

tinha

passado...

E,

ainda

mais,

houvera

transformado-lhe o interior.

Rumores

passeiam

e

assaltam

meus

companheiros

de

alojamento. Balbucia-se que um possível entrevero entre nós e os vizinhos do Prata está por sobrevir-nos. O Imperador sempre temeu o estourar de uma segunda revolução no Sul do País. Poderiam os Farrapos, mesmo depois do acordo, levantarem-se outra vez contra a Monarquia?

Eu teria de combatê-los. O que faria com certo de contrariado.

Simpatizo-me com a causa deles, que não me ouçam meus superiores.

Chego a sorrir ao escrever isto, estes assuntos que me inflamam!

República! Todavia, dentro de minha farda de anil com toda certeza um desses possíveis revoltosos que me visse não simpatizaria tanto por mim.

Um presidente, liberdade, igualdade, humanidade... Ah! Como eles têm peito para bradarem essa certeza inabalável para qual o Brasil caminha! Contudo, me agasta essa falta de patriotismo para conosco, lá para acima das fronteiras sulistas. Esse espírito separatista dos povos

que circundam a bacia do Prata me magoa. Rep. Riograndense! Que maçada! Porque não nos convidam para instituir a República Brasileira? Quem sabe República do Brasil? A República dos Estados Unos do Brasil? República Federativa do Brasil!

Sussurrando discretamente, essa me parece a que soaria melhor, dentre todas. Será possível? A República Federativa de um Brasil livre, que se elevasse como uma raça que não tem seus irmãos estigmatizados pelo cativoiro ou diferenças de fenótipo mas, antes, os tem em humanidade. Uma revolução assim eu aderiria com gosto!

Voltando ao temor de Pedro II; os saques e matanças, para não falar nos estupros infligidos aos habitantes das estâncias de brasileiros ao Norte do Uruguai e mesmo além da fronteira, já em terras brasileiras,

expostas

perenemente

a

castelhanos

cruéis,

almas

inflamadas por sede do sangue que derrama qualquer revolução política, desestabilizam a paz a custo conseguida naquela terra de gentes inflamadas.

Nossos irmãos brasileiros clamam por desforra! Foram deveras vexados continuamente pelas autoridades daquele país. Que temor será esse de Sua Majestade? As vidas ou sua coroa?

A derrubada de Manuel Oribe — Uruguai e Juan Rosas — Argentina,

há pouco mais de dez anos, foi conseguida com uma rápida campanha do Conde de Caxias. Ele instituiu, embora por muito pouco, a paz naqueles confins de homens que parecem adorar arvorar-se em constante estado de alarme, sempre prontos para o combate.

Parecem sempre ansiosos por lavar aquelas campinas que insistem chamarem de “coxilhas” com o sangue de seus inimigos e...

dos seus. Mas, seja qual lado for, para o homem há sempre um motivo para justificar a carnificina!

No Uruguai, o bastardo do presidente castelhano, Don Aguirre, não se valeu de nossa complacência. Antes, zombou de nossa paciência. Saraiva, nosso pacificador, ainda com a intervenção do General Urquiza junto a Montevideu, pouco ou nada conseguiu.

Ainda vem lá, um ditador enfiar a mão na cumbuca também.

O filho sucessor de Carlos Antônio López, do Paraguai.

A soberania brasileira parece instigar outro governante que nada, em princípio, tem haver com nada disso. Solano López, que acaba de assumir o lugar de seu pai no governo do Paraguai, parece mui irritado com o nosso Soberano, monarquista exclusivo de toda uma vastidão americana, e acha que essa intervenção no Uruguai por parte do Brasil ameaça seu Estado. Bem, por estas bandas, lusos e hispânicos nunca se deram mesmo. Não é de admirar. Contudo, essa suspeita do ditador é infundada...

Ainda que assim fosse, acaso não tem ele também atacado os fazendeiros que fazem fronteira com o Paraguai? Muito se ouve dizer daquelas paragens sem leis; ou ainda, nas ‘leis’ dos Estancieiros...

Paraguai... essa palavra me remonta à cara redonda e em mesmo tempo seca do Lara Cunelupes... dá até vontade de rir! Paraguai, este país tão desenvolvido, tão à frente do Brasil em comunicação e educação.

Suspeito de que ele tenha na verdade aspirações expansionistas... a despeito de tudo que têm feito os sucessores ditatoriais do Vice-Reinado do Prata para conter-nos de avançar em nossas conquistas territoriais, querem agora afastar de Assunção suas fronteiras, ora! Afora isso, o líder dos guaranis, não satisfeito por, em época do confronto contra Rosas ter se abarcado do domínio do Alto Paraná onde até então era proibido de deitar suas naus, aferra-se no intento de manter fechado o rio Paraguai, impedindo assim a comunicação do Brasil com uma de suas tão longínquas províncias, o Mato Grosso, por senda fluvial, já que por outros meios torna-se sobre humano o escoamento de gentes e mercadorias. E, ainda, nada me

demove

do

pensamento

que,

deslumbrado

com

tanta

prosperidade empreendida por seu pai, o recém-governante queira aumentar seu feudo e cobice uma saída estratégica para o mar, assim poderá escoar sua produção. Passando por terras brasileiras! O Rio Grande do Sul!

Há! Isso me causa desejo de riso!

Não que uma coisa assim não levasse aquela região ao progresso.

Tenho certeza, linhas ferroviárias seriam construídas, estradas se abririam, meios de comunicação cortariam o pampa para levar do porto notícias à Assunção!

Mas a que preço? Conspurcando a soberania brasileira sobre seu território?

Nisso tenho de concordar com o Monarca. Só muita briga para macular a soberania de meu país sobre seus territórios. Terra é garantia de vida, de descendência, como dizia meu avô. López há de ver que, apesar de o exercício militar brasileiro não ser visto como algo assim tão heróico — está longe de algo como o prussiano ou napoleônico ou, mesmo, do que venceu este em Waterloo; ser imposição de castigo a filhos rebeldes, desocupados, que lástima!

criminosos... Mas, se é mal formado em comparação as potências do mundo, a densidade demográfica e tamanho do Brasil falam por si. E

este exército, o qual conheço, é dos melhores das Américas.

Vem mantendo a soberania do Brasil em seus domínios desde que se formou e, ainda, sufocando os inflames civis que ora ou vez se erguem contra o governante constitucional.

Que dizer do Paraguai e seus anaes de guerras?

Patriótico como venho percebido o povo, ao menos do entorno carioca, desde que Pedro II cortou relações diplomáticas coma a Inglaterra, não acho que, caso estoure um conflito, seja difícil incitálos a se alistarem.

Para arrematar a brenha na qual parece querer sedento entrar o audacioso resistente paraguaio, o Presidente Mitre na Argentina, liberal; e a burguesia comercial do Uruguai, também liberal, aliados ao Brasil que, têm todos também muito interesse no livre acesso aos rios-corredores do extremo Sul, na bacia do Prata, até o Mato Grosso que tanto agilizam os transportes de cargas e gentes, formou uma situação desvantajosa para o Paraguai e sua aspiração expansionista.

Não creio que vá encontrar apoio com os vizinhos.

É estranho, mas nada disso me intriga mais que o fato de eu ter sido em um curto período de tempo elevado na hierarquia de 1º

Sargento à Capitão! Já era de admirar o tanto que eu fora promovido,

de Cabo a 1º sargento. Mas, era explicável devido o tanto que tenho estudado e me dedicado nos últimos dois anos.

Os elogios de meus superiores à minha obediência e disciplina atestam por mim. Apesar da estranheza que me causa, tenho mais é de ficar contente por isso. Meus dias de descascar legumes e outros serviços chulos são passados. O que me resta é aguardar o que me traz o novo ano pela frente.

O novo ano para um engenheiro militar, Capitão, cartógrafo e engenheiro de artilharia, bacharel em ciências físicas e matemáticas que, apesar da realização que sente por tão jovem ter alcançado tais posições, pouco se empolga com isso.

Especialista em canhões e estratégias de lançamentos de projetos a grandes distâncias... Como matar mais com menos projéteis é grande contradição nas idéias que não me deixam em paz.

Que depois desse tedioso fim de 864 me guardará o próximo ano? Meus anseios se voltam para a paixão a qual tenho empenhado todos meus esforços e deitado toda a capacidade de minha mente.

Ela... ela sim me satisfaz plenamente!

Por ela, sei, posso até morrer.

Como servir a dois senhores?

Ainda me incomoda a questão: Porque quis D. Heloíse ver seu único filho servir o exército? Andará cansada do ofício de modista da aristocracia?

AH.

Ela? Paixão? “Quem é ela?” — Violentemente enciumada, Arielle se perguntava quem poderia ter sido a tal pela qual o marido se apaixonara perdidamente a ponto de se achar capaz de morrer.

O que acontecera com ela? Morrera, casara? O abandonara?

O despeito a envolveu com braços de fêl, tal maneira que esqueceu

ligeiro do tédio que a ferida diplomática Brasil-Paraguai se lhe apresentou nos escritos de seu marido. Só tinha olhos, ouvidos e ira para “quem poderia ser sua verdadeira paixão dele, então, mancebo”.

Talvez fôsse isso que o fazia agora tão taciturno! Em tudo que escrevia

ele parecia ter um modo alegre de se expressar. Alegre não, ela ponderou; esperançoso. O que, antes de tê-lo conhecido, o tornara sempre tão sério, de poucos sorrisos? O

mais que

se

aproximava deles, daqueles cativantes sorrisos, era nos interlúdios que o despertavam à sensualidade. Não; não podia ser injusta. Mais de uma vez já o surpreendera demonstrando-lhe tanto afeto e carinho sem qualquer interesse carnal.

Ainda assim o achava um homem fechado que pouco mostrava de si. Mesmo à ela que dizia tanto amar e ser um pedaço de si.

E que fora aquilo? Encontrara ironia no modo que ele apontara sua função como engenheiro de artilharia? Como se lhe agastasse o ofício de matar...

Bocejando e extremamente exausta, decidiu continuar a leitura no dia seguinte. Não sondava que o pior da narração estava por vir.

Deixou tudo como estava em cima da mesa e caminhou para a cama.

Não se permitiria sentir ciúme das mulheres do passado dele. Seria estúpido. Mas, por que doía tanto imaginar que ele tivera um grande amor antes dela? Perguntou-se, aninhando o corpo dolorido em baixo das cobertas, ardendo por encontrar um resquício do cheiro dele naqueles travesseiros alvejados.

Entregando-se ao sono, sem imaginar que ele não se referira a uma mulher. E não poderia desvendar tal mistério lendo furtivamente nada que ele escrevera. Porque decepcionado e desiludido, tudo ele destruíra quanto à essa paixão desmedida que um dia o incendiara.

Arielle, tendo despercebido sua única desatenção, só saberia quando ele confiasse tanto nela, a ponto de lhe revelar essa página doída e obscura de sua vida. Confiasse tanto a ponto de, também, esperar que isso não a motivasse a perder o juízo.

Capítulo XIV

NO CENTRO do Rio de Janeiro, além da Praça XV, no meio de uma viela obscura e imunda, se encontrava um beco. Beco da Boca Maldita, como era mais conhecido. Neste beco havia uma taverna “mal” e “bem” frequentada. Isto porque tanto ricos, como ex-cativos, como nobres, como imundos, como mal vistos e também os bem quistos eram recebidos ali sem distinção. Coexistiam no ambiente comum, realizando suas patranhas e discutíveis negociatas. Desde que se pudesse pagar por uma taça de vinho — fosse o mais vagabundo ou mais cobiçado de atenção — e enfiarem notas graúdas nos seios das garçonetes — essas que também ofereciam seus serviços nos andares superiores do prédio, em seus quartos malacafentos — todos era ali bem recebidos. Garçonetes, prostitutas e também guias; levavam os “comensais” à um grande salão, nos fundos do estabelecimento onde o ópio era à vontade para quem pudesse pagar.

Uma distinta carruagem deteve-se à esquina da viela e, para não chamar a atenção, o ilustre passageiro que dela desceu, caminhou sozinho pelo beco, sem a companhia de seu laçao de confiança, até chegar à porta da Taverna do Beco Maldito. Depois de ter os instintos sobressaltados por um grito gutural que desceu do último andar até ecoar por ali, o Barão recém-liberto tirou do bolso interno de sua casaca uma nota alta e deitou-a na mão do porteiro robusto que já a esperava ansioso.

Aidan caminhou pelo lugar, com sua presença intimidadora, o peito largo a abrir passagem, ignorando os olhares maleitosos das garçonetes e, até mesmo, da dançarina que cantava uma melodia francesa e sensualmente fâniosa em um pequeno palco no centro e ao fundo. As notas que subiam das cordas do grande piano enchiam o ambiente e a fumaça era uma névoa suspensa que o Coronel ia cortando com o corpo. Os pelos de sua nuca eriçaram ante ao sentimento

de inveja e animosidade lançado pelos homens.

Os

desafortunados lhe invejavam a riqueza, os de

alta classe lhe invejavam o talhe, porte e a juventude. Era de conhecimento de toda a nobreza que ele possuía uma linda e ardente esposa, outra razão de cobiça descarada.

Os boatos começaram na noite do baile de máscaras, em um transatlântico, quando a Baronesa de Vale Campina não fizera questão de esconder o ciúme que nutria por seu marido, nem o prazer que ele podia lhe dar no íntimo do camarote deles. Esse que, por desventura do casal, não era a prova de som.

E todos o chamavam, apesar de tudo mais, bastardo.

Lá estava o mancebo, esperando-o há já algumas horas sem, todavia, importar-se.

Alcançando a última mesa, encostada à uma parede ao abrigo da luz direta, Aidan encontrou um de seus homens de confiança. Aquele a quem há muito contratara para vigiar os passos de seu irmão Fernando Carneiro, no Rio de Janeiro.

— Boa noite, Leopoldo — ele cumprimentou o jovem que fumava compenetrado em uma leitura. — Tempo demais decorreu, hum?

— Boa noite, Coronel — o outro respondeu distintamente, erguendo os olhos surpreso que seu nome fosse lembrado. — Sim; muito tempo. Desde... hum... perto do natal passado?

— Sim — Aidan pigarreou. — Andei ocupado.

Leopoldo passou as mãos pelos cabelos loiros; estava nervoso.

Eduardo, seu melhor amigo, lhe mandara um moleque de recados com um bilhete dizendo que dentre em pouco o encontraria ali na Taverna. Não que tivesse algo a esconder. Mas o amigo, abolicionista até o último fio de cabelo, poderia interpretar errado se visse seu braço direito em um diálogo furtivo com um Barão escravocrata. Os ânimos

poderiam se exaltar.. Segredos são terrivelmente difíceis de guardar.
“Ocupado”. — Leopoldo considerou o que o Coronel dissera com ironia. Sabia bem que ele estivera preso. Só não suspeitava o motivo.
— Vamos direto ao ponto — Aidan declarou grave. — Que informações tens?
— Bem... Fui pego desprevenido, Coronel... — o rapaz tinha conhecimento que o homem à sua frente não gostava de ser chamado pelo título nobiliárquico. — Eu estava, no momento que teu mensageiro me interpelou, justamente...
— Ora, rapaz... Atalhemos... — Aidan, impaciente, lhe passou duas notas pelo lado da mesa.
— Está em Santos...
— Notícia velha.
— Acalma-te. Deixes-me terminar. Está lá. Com o dinheiro que lhe repassei para deixar Vale Campina, ele pretende “comprar” um navio carregado de importações orientais. Tralhas...
O Coronel sabia que as “tralhas” não passavam de ópio.

Alucinógeno

que

viria

recôndito

nos

porões

do

vapor

de

contrabando.

— Rapaz! Estás testando minha paciência hoje, estou vendo que terei de recolher minhas notas de volta...

— Ainda não terminei... — Leopoldo se adiantou e cochichou: — No porão daquele navio não terá somente ópio. Mas, crianças.

— O quê?! — Aidan indagou estupefato.

— Sim. O navio vem da África. Crianças, em sua maioria meninas em faixa etária dos nove aos treze anos. Meninos também...

Existe quem se interesse por eles, é claro que me entendes — o rapaz ergueu uma sobrancelha, sugestivo. — Todas estas crianças para serem entregues a manipuladores de vidas. Colocarão, depois de um leilão, essas pobres almas para serem “escravas ao ganho”.

— Prostituição... — Aidan murmurou repugnado.

Se a esposa sonhasse com uma situação daquela.

— Sim. Com o advento do ventre livre... Muitos estão correndo para, no futuro, não ficarem no prejuízo. É projeto para meses à frente, Coronel.

— É tudo quanto eu precisava saber. Por agora — Aidan declarou se levantando.

Quando se aproximava da saída trombou com uma mulher.

—

Perdão... —

murmurou por reflexo, mas assustou-se terrivelmente ao ver de quem se tratava.

Era a cortesã d’As Damas da Taverna, Leila. Durante muito tempo ela fora sua informante em relação aos passos de Fernão, e alguns presumíveis opositores seus. Mas, naquela época, ela era uma concubina de luxo. Apresentava-se com uma trupe famosa de teatro, dançava nos melhores bordéis da metrópole. No momento, ela parecia, subumana. O que alguns anos não representavam na vida de uma cortesã!... Ele pensou vexado.

— Coronel! — ela bradou atarantada. — Oh, pensei que jamais o veria

outra vez — então se jogou nos braços dele e se desfez num pranto dolorido. — Eu imploro, me leve contigo e me arrume um trabalho. Seja ele qual for. Mas, me tire daqui. Por obséquio, eu imploro! — enquanto implorava, a desfigurada Leila também chorava. Receoso que alguém o visse naquela situação embaraçosa, Aidan a puxou consigo para fora da taverna. Quando cruzava a porta, o Coronel quase trombou, outra vez, com um rapaz magro e lívido de cabelos negros. Mas não fez caso.

Eduardo aproximouse da mesa onde seu amigo o esperava, bebericando de uma taça de estanho.

— Me esperas há muito tempo? — indagou a Leopoldo.

— Não — o outro deu um sorrisinho embaraçado. — Cheguei há pouco.

— Aqui está — disse deslizando uma folha pela mesa.

Leopoldo a tomou e, dobrando-a, ocultou-a no interior da casaca. Veio a garçõete deixar uma taça para o recém-chegado e sair em busca do pedido do mesmo.

— Tu perdeste o juízo, meu amigo — Leopoldo censurava. —

Andando pela cidade com o artigo assim nas mãos! A liberdade de imprensa não nos protege das perseguições torpes dos interesses contrários.

— Desculpe — Eduardo pediu, abafando um soluço causado pelo afluxo com que bebera.

— Além do mais estás atrasado. O Bafo tinha de sair pela manhã... E só agora me entregas...

— Já me desculpei, não? — o rapaz argumentou irritado. — Estava... sem inspiração para “filosofar”... — Justificou-se com desdém, enquanto traçava com o indicador círculos na boca da taça.

— Já chegaste ébrio! — Leopoldo lastimou ao ver aquele que fora avesso à bebida, encher a taça de estanho com os olhos brilhando.

— Não. Infelizmente este é meu primeiro cálice do dia. Acredite. Relanceando o olhar ao redor, Leopoldo achegou o rosto próximo ao do amigo.

— Eduardo... Tens certeza que queres continuar a frente da “causa”? Tu não estás bem. Não mesmo. Veja... tua cara está sem cor... chega a estar azulada. As íris de teus olhos estão opacas, envoltas por esta vermelhidão alarmante, como de um ébrio e... Já pensaste em consultar um médico?

— Chega dessa maçada. Tu pareces minha mãe falando. Que médico que eu fosse ver poderia trazê-la de volta, hum, Leopoldo? E

meu filho?

— Eu sei... é isso! A filha do “Boi-de-prata”. Tens de esquecê-la, meu amigo. Está casada, com outro. Isso é irrevogável.

— Pensas que já não tentei? Todos os dias eu tento — o rapaz murmurou com os lábios apertados. — Todo dia. Mas irrevogável é o que nós temos... Tu não imaginas... — disse lembrando-se do olhar doce dela, ao confirmar que lhe pertenceria para sempre.

— Acontecem dessas coisas todos os dias, Eduardo. Homens criando filho de outro, que chega com a noiva, como “brinde”.

Eduardo retesou as expressões.

— Ah, cale a boca! Não sabes o que estás a dizer! — e sorveu de uma golada a metade do conteúdo da taça.

— Seja o que for. Tu sempre tiveste a saúde fraca e a tens debilitado ainda mais passando noites e noites — olhou em redor — “aqui”. Tua mãe está é muito certa em se preocupar contigo. És o único filho daquele casal!

Ele anuiu e argumentou:

— Nada mais me surpreende ou atrai. Não há nada que se fazer que me arranque desse maldito spleen. Eu que me ria do tédio, afincado nos meus propósitos, depois de tê-la e perdê-la conheço padecimento tão desgraçado. Pior que o tédio, só a saudade...

— Mas ficando assim decepciona teus pais.

— Sim. Infelizmente. Tudo recai em minhas costas. Todas as responsabilidades. Herdar, administrar, casar...

—

Tens de arribar a vida meu amigo! Que ganhas aqui abandonado nesse antro de perdição?

— Ora, não te agaste. De doença venérea não hei de padecer: — então achegou o rosto ao do amigo e cochichou — as moças da Taverna do Beco Maldito não me atraem.

— Como tu és esquisito, meu amigo. Mas, ainda assim, gosto de ti! Não entendo por que.

Longo silêncio, no qual Eduardo sorveu a outra metade do vinho, descendo-o garganta abaixo. Detestava, mas o ajudava a dormir. A apagar e devorar as horas que o enfiavam. E sofrer apenas dormindo entre sonhos e pesadelos, doía menos que acordado.

— Se eu ficar fora de mim... Levas-me para a hospedaria?

Leopoldo sorriu cordial.

— Amigos são para estas coisas. Quem te leva quando não estou aqui?

— Eu me levo. Quando venho só, bebo uma única taça e levo a garrafa comigo, para terminá-la em meu quarto. Pelo caminho vou fitando as estrelas, lembrando e... compondo. Para ela... Já em meu quarto, sozinho, quase encontro o sabor de seus beijos nas notas suavemente narcóticas que sorvo.

Leopoldo arfou de desgosto ao ouvir aquilo. Que nunca se perdesse de amor. Era humilhante demais! Por onde andava aquele amigo que tivera há pouco mais de um ano atrás?

— Então... Casas? — indagou num repente.

—

Dr. Afonso quer.

Mas não poderá me obrigar. Amélia também não deseja. Como eu... ama outra pessoa.

— Outro que está morto. Como Mariana, de certa forma, para ti. Eduardo fixou os olhos pela primeira vez, naquela noite, nos do amigo.

— Não diga o nome dela — pediu sôfrego, depois bebeu um pouco da

segunda taça. — Não diga... Se não quiseses assistir eu cometer um desatino.

— Ah, Eduardo! Com isto só quero dizer que juntos, os dois poderão salvar-se. Amélia e tu! Poderão se ajudar a... a esquecer! O

corpo quente de uma donzela poderá aplacar a dor de uma desilusão.

— Não sabes mesmo o que estás a dizer — Eduardo, sarcástico, falou. Afinal, só ele e Mariana tinham conhecimento da proporção do amor que tiveram. Do fogo que os consumiam, do sentimento profundo que dividiam, da dor que os corroíam.

— E a medicina?

— Trancada — revelou terminando de virar o vinho.

— Desististe mesmo?

— Por enquanto. Enquanto Dr. Afonso não me amofinar — reafirmou categórico. — Todavia, antes que finde julho ele acabará o fazendo, e decerto conseguirá que eu me matricule outra vez. Mas quem pode hoje conceber o amanhã? Quem hoje vive, come, ama, canta, anda às ruas; em agosto será cadáver. Pobres almas, não imaginam que em breve terei de esmieuçá-las. E para quê? Todo esse conhecimento eu levarei também para a sepultura e...

Leopoldo o interrompeu:

— E o que tens feito de teus dias, Eduardo?

O ex-estudante ruborizou.

— Que caso fazes? É importante assim sabê-lo?

— Deveras! Sou teu amigo... Desde criança! Porque ages assim comigo?

— Nada contigo, Leopoldo — esclareceu esticando os cabelos sem corte para trás. — Só estou cansado. Não quero falar.

— Entendo. Alguma pista? O detetive...

— Não — antecipou-se em responder. — Arrancaram-na do mapa — murmurou, depois, amargurado.

Leopoldo suspirou. Era poeta também. Não chegava nunca aos pés do amigo à sua frente em talento e inspirações. Contudo, não lhe invejava

em nada a sorte. A riqueza de Eduardo era quase uma maldição — era obrigado a tudo que não queria. Seu coração estava perdido para sempre — Mariana o trancara, se fôra e jogara fôra a chave. E, a cada dia que passava, o movimento intelectual que incitava vinha perdendo adeptos, descrentes ante as estratégias da monarquia frente aos movimentos abolicionistas. Fora os traidores que se levantavam dentro do próprio Bafo republicano, acusando-o injustamente de desviar verbas para si.

Perto da carruagem, Aidan, maçado, inquiria a Leila:

— Como deixaste chegar a este ponto, mulher? Nunca guardaste um vintém para tua aposentadoria?

Olhando para o chão, ignorando aquele cinismo, ela fez que não.

Então, medrosa, justificou:

— Ele nunca me deixou... Levava tudo.

— Fernão?

— Sim.

Aidan sentiu-se um pouco culpado. Quando o irmão lhe

começara a chantagear para aumentar-lhe o ordenado que era pouco para suas orgias e esbanjes, suspendera o pagamento por um tempo, como forma de advertência. Maldito! Usando da prostituição daquela pobre alma para lhe sustentar as devassidões.

— E pensar que já fui tão rica... — ela lastimou com pena de si mesma.

— Rica? — Aidan perguntou.

— Sim... Meu pai, Juvêncio Martins Figueiredo não quis crer que...

— O quê!? Quem disseste que é teu pai?

— Ouviste, Coronel. Juvêncio Martins Figueiredo, agricultor bem relacionado. Como teu pai... café...

— Casado com D. Juliana de Henriques Figueiredo?

Leila anuiu.

— Como te chamas?

— Leila. O Senhor sabe.

— Ah, criatura, — revirou os olhos — não tenho toda a noite.

— Estava mais que ansioso para chegar em casa logo, dormir e pegar o trem pela manhã; rumo à Vale Campina. — Então fale de uma vez teu nome completo e prove-o. Disto depende teu futuro.

— Leila de Henriques Figueiredo. Porque eu esconderia?

Há muitos anos, Leila não sabia o que era dormir em uma cama realmente

limpa. Que não cheirasse a orgias e humilhação.

Afundando o rosto contra o travesseiro macio ela inspirou profundamente, e pensou em como a Baronesa era uma mulher de sorte. De filha da governanta à senhora do Solar. Já outras não tinham tanta sorte. Como ela. De única herdeira de uma vasta e produtiva fazenda à prostituta. Renegada pela família, repudiada pelo noivo prometido, entregue à vida, aos lobos selvagens que são os humanos que compõe a sociedade, de forma geral.

Lembrou-se da tia. Heloíse de Henriques... Não a conhecia, mas muito ouvira falar nela.

Fora uma

criança

travessa, uma moça altamente disputada pelos jovens que lhe queriam fazer a corte. Mas teve a honra desgraçada, também como ela, por um Carneiro.

Mas, ao que parecia, nem todo Carneiro era vil. Aidan de Henriques, quem diria... Seu primo! Hospedou-a em sua casa na Corte e garantira-lhe um emprego decente, digno. Ah... Como se Leila pudesse dormir aquela noite. Era tanta excitação pelo novo, pelo futuro que finalmente

parecia dourar a sua frente, que amanheceria o dia com ela fazendo conjecturas e planos.

Leila lembrou-se também de outro ente daquela desprezada família. Joanhina Carneiro. Um breve interlúdio com a Sinhazinha fez com que a carente prostituta nunca mais a esquecesse. Era dia de semana e Leila fora à igreja rezar. Não era porque vivesse uma vida de pecados que perdesse sua fé. Todavia, não ia à igreja aos domingos.

Não permitiriam.

Trajando-se inteira de negro, até mesmo o véu e o chapéu, em sinal de respeito e luto por sua condição de vida, sentara-se como sempre, no último banco. Escondida, recôndita. Temia por demais os olhares que o pároco lhe endereçava.

Chegava lá pelo meio do rosário humilde quando ouvira cochichos:

— É um descaramento mesmo! — uma beata quem começara.

— Já não basta desviar nossos maridos da santa vereda do matrimônio, ainda vem macular a casa de Deus com sua presença profana e imunda — observara outra, concordando.

Depois, o que

se seguiu foram mais afrontas, das outras seguidoras de D. Emengarda, ditas diretamente olhando para ela.

Leila tremera, seu rosto queimara, seus olhos se encheram d'água e, ante a atitude ameaçadora das beatas, tudo que conseguira fora ficar lá parada, tremendo, a voz trancada na garganta.

Fora, então, que uma voz se levantara do outro lado do templo.

— As senhoras não têm vergonha mesmo! — uma voz fininha ralhara.

— Ao invés de cuidareis de vossas vidas, tratando de vigiar vossos maridos, vem aqui amofinar a pobre criatura que vem buscar em Deus o consolo de que tanto precisa! Pois deviam era incentivá-la a deixar a vida que leva, recebendo-a com o braço aberto, cheio de amor como

ele, ó: — apontara a imagem do Cristo de braços abertos, lá bem acima do altar. — Mas não... — Joaninha Carneiro rilhara os dentes, agastada com tanta falsa devoção. — Ficam a julgá-la, sem um pingo de vergonha e sem a dignidade de olhar para os próprios pecados. Ah, façam me o favor! Olhais para o argueiro de teu olho antes de apontareis o de teu irmão! As Senhoras, ó digníssimas, atirem a primeira pedra na pobre moça, porque as Senhoras são mesmo santas, não? Não cometeram nenhum pecado nas vossas vidinhas hipócritas! Como na passagem bíblica, cada uma das antes julgadoras, foi saindo uma a uma da igreja, escondendo por detrás do leque a vergonha que sentiam. A Sinhazinha e a Cortesã ainda puderam ouvirse dizer:

— Essa saiu bem à petulância do pai mesmo.

Leila, então, ainda imóvel, chorara ainda mais. Contudo de emoções que desconhecia. Nunca fora defendida com tanto ardor.

Joana Carneiro se aproximara. O rosto inocente de donzela a sorrir para a mulher que não tinha coragem de fitá-la.

— Não chores. Tens o direito de estar aqui, tanto quanto eu.

Sabes... Também peço muito. Mas, em pensamento... O que acredito, é tão ruim quanto.

— Não estou nessa vida porque quero, Sinhazinha. Estou aqui justamente, pedindo a ele — olhara para a imagem de Jesus. — Pedindo uma chance só que seja.

Consternada, Joaninha apertara os olhos, vacilara e, enfim, vencida puxara do colarinho seu camafeu cravejado de pedras preciosas.

— Tome. Quero que fiques com ele. P'ra te ajudar a começar uma vida nova. Só sinto que tenha de ser em outro lugar. Onde ninguém souber tua história, será mais fácil

Espantada e lentamente Leila erguera a mão para tomar do camafeu.

— O Barão... Ele me castigaria...

—

O Cel.? Castigar-te? Duvido. Ocupado demais para se preocupar com isso, correto demais para fazê-lo também. De qualquer modo, ele nunca

virá saber. Tenho muitas jóias. Não me fará falta.

Sim... Leila pensou voltando-se para o outro lado da cama entorpecida de sono. Muito correto. Tinha o pressentimento de que, cruzar com o primo, tinha sido a grande fortuna de sua vida. Já que não tivera a coragem de vender o camafêu de D. Joanhina Carneiro.

Único gesto de amor que se lembrava de ter recebido na vida. Como poderia vendê-lo?

Capítulo XV

NAQUELA MESMA noite em que o marido acolhia a prima em sua casa na Corte, Arielle continuava com sua leitura. A leitura de um traço da experiência de vida de seu marido. Talvez fosse a gravidez...

Mas, tudo quanto deitava o olhar, cada palavra que ia decifrando, tinha o poder de arrancar lágrimas de seus olhos que se lavavam em enternecimento e temor.

Afinal, depois da suarenta tensão em que intentaram os países usar de diplomacia para resolver seus conflitos por terras e fronteiras, foi pelo presidente e general Francisco Solano López declarada a Guerra ao Império do Brasil.

Mas o susto de Arielle veio quando visualizou Aidan, pelo Ministro de Guerra, o Visconde de Camamú, sendo ordenado a ir articular-se

à

comissão

de

engenheiros

para

comandar

os

expedicionários que deveriam repelir os paraguaios ao sul do Mato Grosso. Mas antes de tal foi, obedecendo a segunda ordem, para o extremo do Prata, estar com as tropas em Corrientes e, afinal, ter laceradas as carnes de seu peito pelos motivos que a diplomacia não pôde resolver. Não bastasse sua quase morte, foi ainda marchar para depois de Uberaba, onde as tropas saídas do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais se encontravam. Em Coxim, dezembro de 1865.

Quanta sorte ou acaso? Riscos vencidos conspiraram para que eles se encontrassem? Para que ele não perecesse ou mutilado ficasse, na maldita guerra. Para que se tornasse possível a existência daquela criança, criatura santa advinda deles, a quem ela por cima das camadas de tecidos e peles ia acariciando enquanto lia.

Não achava que possível fosse, mas aqui estou eu. Enojado dessa água insalubre, o estômago varado pela angustiante fome... tantas dores que o desejo de voltar para “casa” é uma nostalgia esquecida, perdida, distante. A morte parece a solução mais criteriosa e eficaz — é a conclusão nefasta a qual chego em um suspiro...

Não achei que possível fosse... Depois de Riachuelo, passar tanto horror. Mas, não me é permitido gemer a dor desta chaga que me risca o peito e que me queima nestes ardores que me derretem as idéias. Não seria gesto de hombridade. Ademais, devo demonstrar força, ser exemplo e encorajamento para o regimento que comando e inspiro.

Numa expressão fria, muda e gelada apenas observo alto nesse céu de anil os abutres a farejarem o cheiro dos meus. Os meus que vão ficando para trás. Queria chorar a certeza que me abala de que, para cada homem que cobrimos de terra, há uma viúva desamparada, órfãos que não conhecem a vilania em que seu pai anda metido, mães a pratearem

a descendência prematuramente aniquilada. E as que, talvez, sofrerão menos... as noivas que esperarão, em muita angústia e muita esperança.

E se, assim, não me posso lamentar; restou-me o escape de escrever. Como sempre.

Só não esperava ver a obra de minhas mãos, que há algumas semanas iniciaram desesperançadas e sinistras, virem a se tornar o relato de que enfim há promessa de caminhos não macabros.

Sendas das Tropas Imperiais Rumo à Laguna

Estes lamaçais que me enregelam A nostalgia que o calor sufoca E a entrega dos que em vão flagelam Já nada, nada me invoca Amarga fortuna entregue ao pântano S' é teu osso, medula; úmido, doído, fraco De quem luta contra o vil tirano

Inimigo maldito, que te alcança anêmico Nessa jornada acre, A vereda doente

É do oponente imprevisto áacre Sem batalha, honra ou distinção A morte iminente

É a sonhada redenção Dessa sede que mata

Insalubre água não apetece

Mas, de qualquer modo, hidrata

Saudades penosas do Paraíba do Sul Dos doces hortos que lhe guarnecem!

Abraçado da Mantiqueira revestida de azul Ai, dali aquele leite!

Da cor da grande lua a mostrar a cara As naus d'onde minam azeite...

Não esta trilha amarga!

Mas, a mesa basta, variada e farta O mais puro e doce mel

Não padecimentos de fêl Imêmore da quimera, desenganado

Na marcha em desencanto, fardado

O inesperado que se revela...

Aquidauna caudaloso, a impressão excelsa Pela campina a promessa de

purificação exala Desde suas águas claras à verde massa Que o cingindo
afável tudo engraja!

Ah, Lauiad!

Enlaço-te com meus anseios De sede, fome, sono, beleza.

De Maracaju à realeza

Da vista dos seus azulados seios

Ah, Campo Belo, suas promessas que me dás.

Nioac,

Cristalino em sua afluência

Arroios, regatos e ribeiros

Banham a terra casta, fáceiros

Desta que sobem os frutos e seus aromas Nos bosques gentis, a maçã
americana — A mangaba copiosa que a infantaria satisfaz Devem ser os
reais Tigre e Eufrates A estenderem com suas margens santas Este
Éden perdido que as epidemias sanam Destas forças de chagas tantas
Que com pouco já se encantam

Não achei que possível fosse, mas quis chorar quando provei a
primeira mangaba de minha vida. A princípio pensava que fosse uma
maçã de espécie desconhecida. Nunca fui muito estudioso em botânica.
Ainda bem que não me deixei levar pela emoção simples que saborear
o fruto que me veio tão precioso à boca me trouxe.

Ficaria algo ou tanto constrangido se acontecesse diante do soldado
que me acompanhava.

AH.

Arielle poderia um dia conversar sobre aquelas coisas com o marido?
É o que ela se perguntava, chorando, a cada relato como aquele. A

poesia que ele escrevera... Teve a força de abalá-la mais que aquela outra, que lhe dera no navio. Àquela em que apreciava o modo que ela se tocava.

Porque essa mostrava toda a humanidade interior do Coronel; não só a humanidade carnal. Ele era mais, muito mais... Sabia agora, que ele também era sensibilidade. Era muito maior que ela já o julgara. Pelo simples fato de ter passado privações e sofrimentos que o magoaram tanto como ela fora por toda a vida por Fernão, Carneiro e a esposa desse, de quem pouco se lembrava.

9-04-867

21h40min.

É noite clara. A lua nova banha esses campos de Nioac que rodeiam a colina de Miranda. Depois de breve período em que o receio da fome veio assolar as tropas, viemos a encontrar valoroso estancieiro e seu filho.

Deixaram à nossa confiança suas esperanças e grande rebanho que nos alimentasse.

Que grande ironia! Enquanto um López caça e persegue esses meus companheiros que de forma ou outra não deixam de serem bravos, arriscando-se a toda sorte de intempéries; outro Lopes a cada dia ganha a confiança desses homens famélicos.

Provocando nas tropas um espanto alegre, assomou ele no meio desta tarde com 250 cabeças de gado que tangera desde sua Estância — a formosa Jardim, bem pouco ao Sul dessa colônia na qual me acho. Era o que faltava para que nossa coluna pudesse se colocar em marcha. Nossa presença na região causa certo alvoroço. Mascastes e caixeiros em suas carretas vêm vender toda a sorte de quinquilharias e outros objetos e usos. As belas fazendas que comercializam, atraem as mulheres dos soldados que ficaram em Nioac até aqui.

Sempre reflito nesse costume dos homens trazerem consigo suas

famílias para a Guerra. Coloco-me em suas posições e, com reais calafrios,

pressinto

os

horrores

que

poderiam

atingir

minha

presumível esposa, no caso de um ataque repentino e brutal dos Paraguaios contra nós. Não. Isso jamais aconteceria. Se uma esposa eu tivesse, deixá-la-ia resguardada em casa, na Corte; ou junto de minha mãe. Jamais a mercê da insanidade que toma um soldado no calor da batalha — tudo, tudo ele deseja pilhar.

Não entendo porque me perco nessas vãs suposições. Acredito que eu nunca venha a me casar!

Não era mesmo seu marido de uma palavra definitiva. Na humildade da reflexão, ele sempre poderia rever suas decisões. Talvez ele concordasse em um dia sumirem-se dali de Campinas dos Lobos.

Afinal, ele dissera acreditar nunca vir a se casar. E ali estava ela esperando-o...

Riachuelo e minha falta de prudência, minha ousadia; Riachuelo era apenas o início, e eu, na minha inocência, e eu, apenas engolido por meu eu. Isso tudo que chamam coragem, mas que nomeio como imprudência do lado animal do bicho homem — necessárias à

sobrevivência — creio não ter passado de sorte de principiante. Não acredito que em outro entrevero brutal como aquele eu venha a sair bem sucedido.

Sinto a morte próxima. Sinto a morte a me cercar tão logo eu chegue a Laguna. É como um sentimento, de uma certeza real que me percorre por toda a espinha.

Certo que a morte era próxima, Aidan atentava cada dia mais intensamente para os menores prazeres e belezas que lhe rodeavam.

Ele viria a sucumbir, sim, em Laguna, se não o tivessem encaminhado para outra frente de batalha, longe demais dali.

Se não o encaminhassem para outros episódios longe da histórica retirada de Laguna.

Não fazia cálculo de que era guerra para cinco anos. Não tinha noção da dimensão que era o teatro de operações de sangrenta e inglória guerra. Apesar de muitos asseverarem que não demoraria muito para que os aliados sitiassem López em Assunção, cada mês que se esvaía, sua percepção de que as lutas se dificultavam crescia.

Brigavam distante do Atlântico, da costa brasileira onde estavam todos os recursos da nação. Fora as ressacas do rio Paraguai...

Teve de se separar de João Assis, seguir por caminhos solitários para onde teria de cumprir as ordens expressas. Ordens que se diziam apoiar em sua incomensurável bravura. O que ele viria saber tempos depois ser falso como o amor devotado das companheiras temporárias

que

iam

se

prender

àqueles

homens

enquanto

dispussem de patações ao longo da torpe jornada. Não imaginava, mas se ia encontrar com o Conde de Caxias para assistir inesquecível feito. Seria feito Coronel e o outro Duque. Apesar do tão parco reconhecimento que viriam a receber, a triste compensação seria a sempre e indelével lembrança do Caxias guerreiro, o Caxias bravo. O

único consolo, não sucumbir.

O tempo passava...

Mas não deixa de ser interessante e prazenteiro a descida das mulheres desde o povo de Nioac, árduo vencimento de duas boas centenas de quilômetros.

Aqui de dentro da tenda posso ouvir seus risos, enquanto são conduzidas por seus homens no efusivo soar dos acordeões que se abrem fazendo ecoar a boa esperança que toma conta de todos nós.

Há alguns meses tudo que queríamos era uma morte rápida que nos levasse de toda aquela dor, proveniente de diversos fatores.

Hoje...

Ah,

hoje

dançamos, comemos da carneada que as fogueiras tostam e perfumam e esperamos para breve, parece que amanhã, encontro com o inimigo. Essa gente transpira de desejo por ação. E eu, de desejo por aquela guapa que há horas me fita pela fresta da tenda. Deve pensar: “O que

militar de aparência tão cáustica tanto escreve e escreve que não vem e me toma de vez?” É

esplêndida e parece disputada. Afasta qualquer um que se aproxime.

Sei que me espera. Imagino, com fina ironia, uma mulher capaz de me descontrolar a ponto de abandonar prematuramente minhas reflexões para levá-la ao leito.

Não obstante, não hei de declinar desse convite implícito naqueles olhos de chama que me fitam. Não sei, a expressão de devassa que nesse momento ela me remete conta que ela tem muito a me ensinar.

Mordendo os lábios a ponto de arrancar sangue, Arielle hesitava entre atear fogo àquela folha em especial ou sorrir de satisfação.

Acaso, ela era, sim, essa mulher. Mais de uma vez, em mais de uma provocação, ela interpelara o marido nesses momentos de pura introspecção e o fizera sorrir de antecipação. E o fizera inflamar com ela, entre risos e estalares de línguas, em casa de D. Heloíse. Mesmo à luz do dia. Era nítida a lembrança de suas insinuações disfarçadas, que o arrancavam momentâneo da escrivaninha para que a tomasse nos braços e a jogasse na cama.

Com melancolia recordava também as escapadas que davam ao quarto. Não que os demais não notassem. Era a lua-de-mel deles...

Entendiam. Para o constrangimento de Arielle, que mesmo assim não podia resistir aos desejos que sentia. Aos desejos que a um tempo não julgava tão esplêndidos como ele lhes fazia parecer.

Ah! Porque

fora desprezá-lo ao regressarem? Que saudade infinita, condoeu de si guardando tudo aquilo e, com esforço, escondendo a grande mala sob o leito.

Ainda bem que arrombara o baú! Conhecê-lo assim, valia muito as tempestades que, com efeito,

teria de

suportar quando ele descobrisse sua privacidade tão invadida.

Eram umas mãos pardas, com marcas de queimado cicatrizadas.

Mãos as quais possuíam unhas amarelentas e sem corte recente. Terra tomava o espaço debaixo dessas unhas. E foram essas mãos, envolvidas por uma

aura

sinistra, que depositaram na mesa de cabeceira de Arielle, a Baronesa de Vale Campina, uma xícara de porcelana chinesa, dentro da qual, quase em ebulição, um líquido verde claro e perfumado fumegava.

Agosto deu o ar de sua graça. A temperatura mudando pouco ou significativamente nada. Arielle caminhava pelo solar, inchada, pesada, praguejando a ausência do marido. Controversa em seus sentimentos, sem ânimo nem mesmo para ler nada da grande mala que arrombara.

Apenas esperando por ele... Cada vez mais certa de que aquele casamento fora um grande erro, e entregar-se a ele um erro maior ainda. Porque agora era ela que se via presa em casa, gestando, como dissera a Mariana na última carta.

Com a iminência do parto de meu filho não tenho coragem sequer de erguer-me do leito. Inda mais para dar de frente com minha sogra que, por graças, não será a avó mesmo, desse a quem com grande contentamento espero surgir a qualquer momento de minhas entranhas.

A ansiedade de lhe ver o rostinho, de procurar-lhe semelhanças com aquele que tu sabes bem, minha amiga, é aterradora. Talvez assim eu

possa aplacar um pouco da saudade quase assassina que tenho sentido. Sou fraca. Já deveria ter contado a verdade ao Senhor Visconde. Contudo, se eu fosse colocada fora neste estado, de certo eu morreria. Diferente de ti, eu sou tão fraca, Arielle. Oh, como por isso me amaldição.

Ah, se Mariana soubesse os temores e desesperos que assolavam a Baronesa pelos resvalares das noites. Os ciúmes que a repicavam em saber que o marido estava livre, na Corte, e em mesmo tempo imersa no oceano de ansiedade de saber que a qualquer momento ele voltaria logo, para ela. Para o filho deles.

Nem creio que logo fará um ano que não nos encontramos!

Saiba que a saudade que sinto também é dividida por ti. Foste a única amiga verdadeira que tive. Minha irmã... Sim. Somos irmãs.

Estaremos sempre ligadas. Tudo que vivemos, na Corte, no Colégio, foi grande demais. Como era divertido enganar e aparvalhar a Viscondessa de Corusca.

Duvido que algum dia ela poderá se esquecer de nossas travessuras, de nossas fugas...

Para sofrer menos, tenho realizado sozinha, o feitiço do enxoval de meu filho. Assim o tempo passa mais depressa. E tu, o que tens feito querida amiga?

Arielle perguntou-se o que vinha fazendo nos últimos meses.

Gestado... Esperado e esperado. Não tanto ao filho. Mas também ao marido. E, ainda, existira sempre a certeza de que ao fim dos nove meses de gestação o bebê chegaria, abrindo-lhe as entranhas, causando-lhe dor e uma inexorável alegria, no entanto. Mas vinha esperando por ele... “Aidan de Henriques... O que tens feito distante de tua esposa

neste mês de liberdade?” — Perguntou-se pela vigésima vez, só naquele dia, ao entrar no quarto. Cansada, com as juntas a doer por conta do peso extra, apoiou-se na cabeceira do leito.

O enxoval de Madeleine estava pronto. Saquina, diferente da Baronesa, era veloz com as prendas de costuras e bordados. Se ao mesmo se interessasse... Mas, tudo que conseguia fazer para esperar a passagem do tempo era ler. Arfando com o enfasiamento que a tomava, seu olhar que dançou pelo grande aposento, de revés bateu na mesa de cabeceira.

Uma xícara de chá fumegava esperando para ser bebida.

Lambendo os beicinhos avermelhados ela esticou o braço e puxou para si. O aroma era inebriante. Cidreira. Recostando-a nos lábios agradeceu em pensamento à Saquina que cuidava dela com tanto zelo e carinho. Sorveu o primeiro gole. Ai, pelava! Ergueu-se e depositou xícara e pires no console. Ansiosa, puxou o baú e a pasta de couro com as reminiscências do marido. Enquanto ia virando as folhas que organizara, indagavase: Onde andaria sua mãe? Na França? No Brasil? Ah, as massagens de Saquina lhe aliviavam tanto os inchaços e dores no lombo. Sentia dores nas costas, nas panturrilhas. Por isso, com a última folha que faltava a ser lida refestelou-se na poltrona.

Saber que por conta de uma demarcação, ou a confusão a respeito de a quem, até onde, pertenceria os rios Apas e Branco ou pelo desentendimento que as distantes fronteiras possam ter causado entre uma e outra pátria, desentendimentos e mesquinhas zombarias das pátrias que, antes de inimigas, deveriam ser irmãs em prol do progresso. Ou, ainda, pelos vis rompantes napoleônicos daquele que deveria ser pai de seu povo, não na sordidez de seu orgulho desejar ver seu país crescido — limitada visão de provinciano que foi meter-se na Europa vil, não na Europa Iluminada ou inchada dessas mentes sublimes que sopram ao mundo na arte a essência boa do ser humano (existirá isso?) — diante do mundo a custo das milhares e milhares de vidas que foram destruídas, seja aqui, seja lá na terra arrasada, porém

conquistada.

Estive dentro, pertenci nos mínimos detalhes a todo esse escárnio que se fez uns aos outros nessa guerra de poucas honras.

Como poucos, estive na maioria das campanhas. Já me ousaram indagar o que corria a boca pequena por entre os exércitos. Terá Aidan de Henriques o corpo fechado? Terá parte com o maligno? A muitos bravos se viram cair doentes e gemerem como moças, a muitos fortes brasileiros se viu no estampido de bala ou lancear da lança rústica de um velho paraguaio descalço — única honra que lhes restavam — cair com a cara no pó. Mas a mim? Todos esperavam ver o veterano destemido sucumbir e, embora este mesmo assim o desejasse, depois de ver tanta vergonha debaixo do céu, continuava com suas chagas e supurações que logo ao mero bafo dos unguentos se sanavam, a viver para batalhar até que, na inesquecível investida e ressuscitar de Caxias fente a Humaitá se viu livre de todo esse asco que o há de perseguir até o último suspiro de sua miserável vida de assassino de indefesos.

Cada olhar em que, por minha causa, assisti apagar-se a chama que é o sopro de vida de um ente que não desejaria lutar, mas por ver-se obrigado, coagido, ameaçado, ou sem outro remédio, lutou, assisti aí também a contradição de seus irmãos que roubaram ou destruíram o lar e alimento de inocentes patrícios meus, ou que amargura pior? Sequestraram suas filhas, irmãs, esposas, violaram-lhe os corpos, e nem lhes perdoaram de violentarem também suas almas levando-as a situação abjeta de mendicância e desesperação de las calles imundas de Assunción.

Se estive dentro e sentia dia a dia, a cada ferida que não ousava esperar que vivesse outra semana, a grande dor, foi fora, com a visão de muitos e na ilusão da onisciência que desejaria, se possível fosse, nem ter nascido para viver tal, que entendi esse volume triste da história dos países envolvidos. Viver o conflito dos que, se dizem a si

mesmo cristãos, irmãos, entregaram-se ao olho por olho e dente por sangue, muito sangue que outra vez sujou no batismo pecaminoso da presunção as conflagradas terras do Prata!

Se houve os grandes homens e honras desse escaminho, os conheci e atesto por esses injustiçados. Olhos distantes não podem entender a complexidade que não leva a nenhum veredicto e verdade.

Há apenas um emaranhado de desditas lançados ao vento que a História irá enrolara-se. Se o Brasil não iniciou ou desejou essa guerra, no extremo que foi levado em todas as confluências que o provocou López desde o sequestro do Marques de Olinda e do Presidente do Mato Grosso, também fez tanto que não me orgulho das vinganças terríveis com que cobramos tais injúrias.

Se há cinco anos era um homem, hoje sou o mesmo. Mas não inteiro como era. Falta-me tudo. Tudo, tudo que constitui um

mancebo de coração limpo que ousava achar que tinha visto no parco passar de uns minutos dentro da igreja, na má fê de seu pai, todo o fêl e amargura da natureza humana. O que vi lá, nada era aproximado ao que assisti por cinco anos nesta guerra tosca, arremedo grosseiro que nem no Waterloo de Humaitá, se foi findar. Nem no último segundo deu chance a humildade em favor de sua nação, Solano López mandou crianças e mulheres a brigar e morrer contra negros que não obtiveram a liberdade prometida, contra índios que quiçá deveriam entender porque brigavam. E, a revelia disso tudo, sustenta-se essa sociedade que, sei, está a ruir. Não se há de sustentar, embora isso se proclame, se ostente e se dê vivas na ‘arte’ que festeja a iniquidade que o pior das espécies dentre os animais faz.

AH.

Arielle chorava a cada linha de amargura que seu marido tecera e perguntava-se se poderia ter sido tão forte, como ele, não em físico, mas em âmago para suportar ver tanta indignância no extremo que chega

o ser humano na ocasião de uma guerra.

O mal extremo que a megalomania e arrogância causa por enxergar inexistente glória no guerrear.

Como poderia julgar um homem que passou por tudo aquilo?

Era grande, forte, muito saudável a ponto de ser mistificado na mente alheia. Mas tinha um espírito doente. Magoado por toda uma vida que agora ela podia imaginar, conquanto não sondasse todas suas dimensões. E marcado por uma guerra qual essa que Arielle pode ‘vivenciar’ graças a seus relatos minuciosos e emocionados. Ainda assim, embora a princípio não tivesse parecido, fosse tão bom para com ela, tão indulgente. Quando fugiu dele, sabe-se lá para onde, poderia tê-la espancado, exigido que fosse sua mulher como mandava a lei. Mas intentou mostrar seu afeto num beijo que ela transformou de sangue. Ouviu a constituição do orgulho lhe pedir perdão pela violência que não a machucara mas, antes, a excitara. Ao longo do tempo tentou se aproximar dela, não obstante não tivesse paciência para suas ‘ideias’ tentou dialogar, foi paciente, enquanto o mais próximo que a maioria dos maridos chegavam de suas esposas fosse quando tinham de cumprir o papel de emprenhá-las no leito, sem olhá-las nos olhos ou mesmo conhecer seus corpos que se escondiam em grandes camisolas pinquentas de cambraia. Quem dirá sorrir-lhes doce ou ardentemente como ele lhe sorria, ou tocá-las num prazer afável como ele a tocava? Ou querer um filho para amar e não para ostentar virilidade e garantir sucessão.

Sentida, saudosa, Arielle esticou o braço para o console e bebeu o chá já muito frio. Matou-lhe a sede. Guardou os papéis de seu marido e, comovida, foi deitar no grande leito.

Um sono profundo tomou conta da mente de Arielle. E ela não estranhou. A gravidez a deixava assim sonolenta. Resignada entregouse e dormiu profundamente, acreditando tratar-se do cansaço emocional de tanta leitura amarga, deleitada com a sensação de descanso que se ia lhe espalhando por todo o corpo.

O arrebol envolvia a campina sobre a qual o solar de Campina dos Lobos estava faustosamente edificado. Era o entardecer e doces perfumes se erguiam dos vergéis bem cuidados da fazenda. Apesar do fêmito sinistro que aguçou os sentidos do Barão, ele mordeu o lábio inferior ansioso e contentado em estar de volta. Na imponência que era o alto de Nômade, Aidan concluiu que a única alegria em estar de volta era a certeza do abraço de sua esposa.

Que saudade doída sentia... Mal podia conter-se de angústia por envolvê-la e estreitá-la contra seu corpo e sentir-lhe o calor. Tragarlhe o hálito num beijo apaixonado. Deslizar suas mãos grandes pelo ventre que deveria estar enorme. Tocar-lhe a pele macia do rosto... e desfazê-la de carícias como fosse uma gatinha carente.

Os assuntos pendentes à sua soltura e à conclusão do acordo que fizera com seu superior o detiveram muito além do esperado no Rio de Janeiro. Todavia, os dias de liberdade de Fernão estavam contados.

Depois de galgar a grandiosa escadaria em que a conhecera e cruzar com Joanhina ao transpor a porta, inquirira com alta voz, para os quatro cantos da casa grande:

— Onde está ela?

— Dorme no quarto do Sinhô — revelou Saquina, surgindo dos lados da cozinha.

Aidan não esperou mais. Batendo suas botas

negras e

desatrelando o cinto que lhe sustentava o coldre com sua pistola, galgou as escadarias que o levaram ao andar superior. Com o coração aos pulos girou a maçaneta da porta. Enfim a teria consigo outra vez.

Como queria beber naqueles lábios toda a doçura guardada por todos

aqueles meses. A última vez que a vira... Estivera desacordada e... — Arielle... — chamou-a afoito, parando ao lado do grande leito. Ela ressonava, encoberta pela manta grossa que Saquina lhe estirara pelo corpo, horas antes. A luz vermelha do poente banhava-a toda, destacando-lhe a beleza cândida das faces, dos lábios, das pálpebras cerradas.

— Então conseguiste te tomares ainda mais bela... — o Coronel sussurrou sentandose a beira da cama. — Desperta esposa. Veja quem chegou! Acorda ou me morro de saudades — incitava-a a abrir os olhos tomando a mão morna na sua.

Porém, tudo que Arielle fez foi mover-se para o outro lado, balbuciando sons incompreensíveis. Aidan sentiu pena e decidiu que devia deixá-la dormir mais. Saiu ao corredor para berrar por Saquina, mas encontrou Lélia, a mucama que há um mês alforriara. Reportou a ela suas necessidades imediatas e, também, o que desejaria para o jantar. Queria água limpa, toalhas e frutas. A mucama de Arielle desceu depressa, para ir repassar as ordens do Sinhô à Saquina.

Depois de livre da farda empoeirada pela viagem, barbeado e limpo, já quase anoitecia. Ele inquirira à Saquina há quanto tempo sua esposa dormia. Desde antes da hora do almoço era muito tempo, mas, a velha dissera ser normal “nesses estados”.

Exalando alegria pelos poros ele, tendo acendido um lampião, deitou-se ao lado de Arielle e a puxou contra o peito apoiando-a carinhosamente em seu braço rígido.

Embaraçando as pernas angulosas nas dela, um antebraço apoiou-se contra os seios imensos e a mão livre acariciou o grande ventre de oito meses. Enlevado, ele afundou o nariz nos cabelos amarelhados dela e lhe aspirou o perfume. Puxou-lhe o rosto e sugou-lhe os beijos adocicados. Quase desfaleceu por tanta saudade represada. Beijou-lhe várias vezes o pescoço com suavidade, deleitando-se com a textura delicada daquela pele e ela gemeu rouca, sem, contudo, despertar. Arielle, ronronando aninhou-se, moldando-se toda a ele. Aidan encaixou-se contra o quadril da esposa, doendo com a necessidade de

possuí-la, mas, sabia ser inapropriado naquele estágio avançado da gestação. Apertou, agastado, os olhos e liberou um longo suspiro. Desde o ano novo sem misturar-se a ela... Parecia-lhe inacreditável. Deslizou, outra vez, a mão pelo ventre abaulado e sorriu ao sentir a criança pinotear.

Pouco depois, cansado da longa viagem, adormeceu colado à ela, prendendo-a contra si, com toda aquela possessividade que lhe desenhava o caráter.

O vento rumorejava as copas das árvores na mata fechada que descia os montes que formam a Serra da Mantiqueira. A floresta virgem, naquela noite ainda mais sombria que de costume, exalava diversos perfumes e o vento deslizante e gélido gemia em disputa com os seres que a habitavam.

Já consumando a travessia do campo e ganhando as brenhas da serra, uma mulher, sozinha, desamparada, se entregava aos perigos da noite. Que céu negro! As nuvens densas encobriam a lua nova e o caminhar era a esmo. Seus pés delicados se feriam ao pisarem incautos em galhos, gravetos e pedras brutas. Os braços, desnudos pelas mangas arregaçadas, se arranhavam nos arbustos e folhagens que encobriam caules espinhentos e ora ou vez lhe encobriam a cabeça, quando qualquer ave suspeita dava rasantes pelo pequeno vale.

Quanto mais avançava para a densidade da mata, mais alto Arielle podia ouvir o som que a hipnotizava e a chamava. O marulho da caudalosa corredeira d'água.

Aidan despertou assustado. Procurou pela esposa a seu lado e não a encontrou. Enxugou a testa suada com a ponta do lençol e correu à sala de banhos em busca dela. Pesadelos estranhos o assaltaram durante o sono. Enfiando-se num chambre, procurou-a por toda a casa, que jazia adormecida na escuridão. Já devia ser madrugada. Cansado da viagem, aconchegado ao conforto do corpo macio e quente de Arielle, acabara dormindo muito mais que desejava.

Não a encontrando em parte alguma se pôs a acordar toda a casa aos berros. Não entendia bem como, mas sentia um aperto terrível lhe sufocar o peito. Logo, vários pares de olhos assustados o fitavam à espera de explicação. Estavam muito alarmados com toda aquela algazarra que ele fazia, gritando o nome da esposa, impelindo Saquina a chamar os homens.

Precipitou-se para Joanhinha que, segurando uma vela na mão, tremia de frio.

— Onde está ela? Por acaso ela se esconde de mim? — Queria esconder um temor terrível que o tomava.

— Não sei... não sei, irmão — Joanhinha disse. A última vez que a vi, foi de tarde, no vosso quarto.

Olhou circunspecto para Tiago, que disselhe:

— Juro que não a vejo desde antes do almoço.

Os três vasculharam outra vez, cada cômodo da casa e, não a tendo encontrado, voltaram à sala principal.

Zé Moleque já esperava por seu Senhor, quando Terêncio ali entrou também, acompanhado de Saquina.

Autoritário, Aidan fitou os dois homens e ordenou:

— Junteis mais uns cinco homens e os cachorros. Quero a senzala, os anexos, cada arrabalde, cada canto dessa fazenda, a estrada, tudo vasculhado. Quero Campina dos Lobos varrida de alto abaixo.

— Mas o que devemos procurar Coronel? Qual escravo fugiu?

Aidan expirou nervoso e disse:

— Ninguém fugiu. A Baronesa... Está desaparecida.

Tiago, que fora se vestir, descia a escadaria e encaminhava-se para a porta.

— Aonde vais? — inquiriu Aidan.

— A procura de tua esposa. Tenho Arielle por irmã... Faria o mesmo por Joana.

O Barão fitou seu irmão por uns segundos e então aquiesceu.

— Que tuas buscas sejam pelo arraial.

Tiago anuiu e, enfiando um chapéu na cabeça, sumiu em direção do

estábulo.

Aidan subiu numa carreira e, pouquíssimo depois, desceu

vestido, atrelando o coldre à cinta. Tomou a candeia que Saquina segurava e saiu porta afora.

Encontrou os homens no pátio recebendo as ordens de Zé Moleque. Sem nada declarar, tomou de um dos cachorros e sem entender porque se viu

caminhando em direção do campo, enlameando suas botas no orvalho que embebia o pasto.

Gorjeios sinistros e cricris de grilos e louva-deuses tomavam o espaço sonoro. O som de águas se tornava cada vez mais próximo de Arielle, que insana, o perseguia. Os insetos dilaceravam-lhe as carnes tenras e lhe sugavam o sangue doce, mas ela não percebia, sequer sentia. Os calombos avermelhados iam se formando por toda sua pele enregelada e encrespada pela geada que começava a cair.

Em agosto ainda fazia muito frio aos pés da Mantiqueira, quem dirá nos entremeios de sua mata brumosa.

Sua mente estava anuviada, narcotizada, sonâmbula. Agia com os instintos afetados, era como se estivesse em seu leito, dormindo e sonhando com tudo aquilo que acontecia ao seu redor e com as sensações amenizadas pelo efeito do alucinógeno abortivo.

E o murmúrio das águas a chamando...

Mesmo que tudo parecesse um sonho etéreo, os perigos eram reais. Dois olhos felinos brilharam vermelhos, batidos por uma fresta de luar que escapava no deslizar das nuvens, na escuridão. Arielle estacou e tremeu.

— Em pouco estarei acordada — sussurrou a si mesma.

Os olhos da onça afastaram-se, como caminhassem num andado sinuoso. A narina aguçada não sentira o cheiro de medo brotar do corpo desconhecido.

Incerta, no seu pesadelo tão real, ela caminhou mais. Sentiu bater na

nua alguma textura leve, pegajosa, fiapenta. Erguendo a vista, encontrou os oito tentáculos que envolviam sua presa num casulo de teia, não tendo assim tempo para penetrar com seu veneno mortífero a invasora repentina.

Depois de caminhar mais, jurava que ouvira alguém lhe chamar, longe, tão baixo que o grito de uma voz forte e potente que vinha de longe se anuviar no espaço e no tempo.

A festa de luar alumiou o pelo quase escarlate do animal.

Impressionada, Arielle parou, olhando para os olhos doces que a fitavam. Em pose altiva, o lobo pendeu terno a cabeça, rodeado pela escuridão, mitificado pela luz láctea do luar.

Emitiu algum som que mais se assemelhava a um choramingo.

Sem receio Arielle se aproximou e estendeu a mão para a cabeça que, prontamente, se rendeu a seus pés. Afiagou-lhe carinhosamente entre as orelhas eretas. Seguiu com a mão suavemente pelo pescoço, costas, até chegar ao ventre do animal que mais se assemelhava a uma raposa.

Estava inchada e tesa a pança. Era uma loba-guará a ponto de dar a luz. Depois, seguiu o dócil animal por trilhas menos fechadas e o som da cascata tornou-se claro e límpido aos seus ouvidos.

Enfim, transpôs duas árvores que se juntavam como num portal.

E encontrou a linda e bela a corredeira despencando sobre uma piscina espelhada que cintilava sob o lume da lua que se mostrava inteira agora, tendo se dissipado todas as nuvens. Era qual um véu de noiva, caindo, caindo, borbulhando o seu chiado ininterrupto.

Segurando o grande ventre de trinta e seis semanas, arfando, Arielle pisou uma pedra escorregadia. Depois outra e outra. Alguns poucos vaga-lumes acendiam e apagavam muito além de sua vista.

— Fadas! — Arielle, alucinada, encantada, bradou. — Oh, sempre existis! Onde escondiam vossa linda presença?

Avançou mais pelas pedras. Três, talvez quatro

pedras e

alcançaria as “fadas” que riam e chamavam por ela. Ofereciam liberdade.

Um grito estridente ecoou, várias vezes, pelo vale entre a serra e a campina na qual Campina dos Lobos já se achava toda acesa e em alvoroço.

Arielle escorregara e, perto dali, Aidan sentira como que o peito fosse transpassado com aquele grito agudo e dolorido. O grito de sua esposa! O suor de medo e pavor lhe escorreu por todo o corpo, como doutras feitas na Guerra do Paraguai, na iminência de uma batalha sangrenta. Mas, diferente daquelas ocasiões, agora se achava à beira do pânico.

— Arielle! Responda! — ele vinha gritando a plenos pulmões desde baixo deixando o cão lhe guiar. — Arielle! Pelo amor de teu Deus, me responda! — gritou em desespero.

O cão farejador latiu feroz e Aidan divisou o assustado par de olhos. Caminhou até ele, a pistola em mira, e o procurou revelar com o candeeiro. Era um lobo! Um lobo aflito que grunhia, chorava. Não!, viu bem, era uma loba que, ante a luz do candeeiro, se encolheu toda sobre o ventre, choramingando angustiada.

— Meu deus! — ele ciciou ao ver o fio de sangue que se vertia das entranhas da loba, empapando os pelos de um escarlate dourado. Deslizou a mão por aquela pelagem veludosa. Quase hipnotizado pelo olhar tristonho da iminente mamãe, que sofria tentando parir.

Pensou em ajudá-la, mas lembrou do que fora fazer ali! Procurar por sua esposa. O grito! Levantouse aflito! Tinha de encontrá-la depressa. Era como se pudesse sentir sob a derme que ela sofria! O

único ser que amava, a única pessoa pela qual sabia, entregaria a própria vida se necessário fosse. A mulher a qual jurara proteger em perigo. Não fora bom o bastante para mantê-la consigo, intacta.

Imaginou sob que risco ela não devia ter vivido enquanto esteve longe. Nos longuíssimos meses que se viu apartado dela.

La distanciando-se quando ouviu o lamento de dor brotar angustiado da

garganta da loba. Voltou-se para ela e agachou.

Escutou um rosnar raivoso atrás de si e tornou o rosto, fitando de esguelha um animal semelhante àquele qual tinha as duas negras patas traseiras entre as mãos. Viu a silhueta do lobo, também fulvo, companheiro da fêmea que sofria. Era uma silhueta em riste, cara amarelada pela luz parca do candeeiro. Os dentes abertos em ameaça, o olhar raivoso faiscando, a saliva pingando, a intimidação emanando.

Quando ia sacar da arma no coldre escutou Valentin, o cão farejador rosnar. Embasbacado assistiu a troca de rosnares entre os dois animais, cão domesticado e lobo selvagem.

O lobo caminhou soberbo e belo, em círculos, em volta do humano e de sua fêmea. Parecia considerar Valentin como que esperava. E, cerimonioso deitou e apoiou a mandíbula sobre as patas ficando em pose como de quem esperava, assistia.

Valentin se pôs a uivar.

Liberando um longo suspiro que prendia, Aidan voltou os olhos para a loba que ainda chorava. Abriu-lhe novamente as pernas e verificou o fluxo de sangue que jorrava. Cauteloso, introduziu um dedo na pequena vagina.

— Mamãe pela primeira vez? — sussurrou.

Sentiu como que uma haste, visguenta, frágil e rígida. Com demasiado zelo puxou a haste para fora e a loba grunhiu um queixume dolorido. Era uma perninha! O bebê-lobo tentava nascer ao contrário.

Introduziu

vagaroso dois dedos para dentro e puxou outra. A parturiente gemeu e se remexeu em seu leito de folhas secas.

Enquanto fazia às vezes de parteira, Aidan sofria de angústias pensando em Arielle. O que estaria acontecendo com ela neste exato momento?

Afundada nas águas gélidas e virginais daquela serra, a Baronesa de

Vale Campina sofria de frio e medo. Em contrastes de sobriedade e loucura, perguntava-se ora ou vez, onde estava?

Tremia convulsivamente. Sua pele estava descorada e amortecida pelo frio descomunal daquele inverno, seus lábios incrivelmente roxos e a camisola de vultosos tecidos a impediam de nadar.

— Aidan... — murmurou, rouca e quase inaudível.

O segundo filhote saía pela cabeça e o sangue, inesperadamente, estancara. Satisfeito, o Coronel terminou de puxar o pequenino ser das entranhas da loba. Deslizou para fora como que ensaboado.

Ajeitou-o ao lado do irmão, junto aos peitos hirtos da recém-mamãe.

Esperou um pouco. Eram realmente só dois. Afoito, segurando o

candeeiro

que

a

qualquer

momento,

sem

óleo

apagaria,

encaminhou-se em direção de Valentin sem olhar para trás. Escutou um grunhido e estacou exaltado.

O lobo, agora pai de dois filhotes ergueu a majestosa cabeça em

direção contrária a qual ele ia. Valentin seguiu de pronto o canídeo selvagem.

Aidan fez o mesmo. A cada passo o som de águas aumentava, até que atravessou o portal das duas amoreiras entrelaçadas. Seu olhar varreu a vastidão da clareira onde soberba uma cachoeira derramava-se sobre um lago. A lua nova iluminava em plenitude o espaço e, no meio da piscina natural ele viu um volume boiando. Um volume branco, rotundo, de borco.

Abafou com o torso de sua mão um urro e, livrando-se das roupas, correndo o mais depressa que podia, atirou-se na água.

Nadou como nunca, com toda sua força e empenho. Batendo, incansavelmente os braços em direção dela, desejando com grande ardor que estivesse viva.

Quando venceu o espaço que os separavam ergueu-a para o alto, aturdido, tocando a pele do rosto enregelado, buscando traços de que ainda vivia. Comprimindo-a contra si. Com grande esforço, nadou com ela de volta até a margem e, estirando-a na relva rasteira, debruçou-se sobre seu corpo. Tomoulhe a pulsação, no pescoço.

Quase nula. Tapou-lhe com o dedão e o indicador o nariz e bafejou fôlego quente dentro de sua boca, enviando oxigênio para dentro de seus pulmões. Uma, duas, várias vezes.

Débil ela golfo jatos de água por sobre os próprios seios. Aidan sorriu ligeiro e a observou ainda aflito. Inconsciente, Arielle gemia.

Movimentava-se inerte em tremores convulsos.

Frio.

Ele arrancou-lhe com um rasgo bruto o camisolão branco e encharcado. Tomou a jaqueta de lã, a camisa e as calças que largara por ali e vestiu-

a com cuidado.

Cuidadosamente apoiou-se sobre seu corpo, com o intento de aquecê-la com seu calor. Achou melhor não demorar em regressar à casa grande. Tomando-a nos braços, com o peito nu e ceroulas encaminhou-se para o portal de amoreiras, onde a postos Valentin o esperava.

Conhecendo o caminho, andou depressa, sentindo a geadinha enregelar tanto seus ombros nus que pareciam queimar. Seus ossos doíam, seus músculos pulsavam de cansaço devido ao grande esforço contínuo. Mas se mantinha firme, caminhando depressa, descendo constante rumo ao vale, aconchegando-a desveladamente contra o tórax.

— Santa mãe de deus! — berrou Saquina, tremendo os beiços, em pé com ambas as mãos na cabeça, na varanda da casa grande quando viu seu Sinhô voltar trazendo a Baronesa nos braços.

Aidan passou por ela com a pressa de corisco. Atravessou a sala ignorando a sugestão de Joaninha de depositá-la na dormideira da sala. Nervoso, subiu as escadas e chutando com a bota a porta do próprio quarto entrou. Cauteloso a depositou ali, sobre o leito.

— Onde está Tiago? — inquiriu, de costas, à irmã sem fitá-la.

— Ainda não chegou do arraial — respondeu Joaninha à Aidan.

— Saquina! — ele gritou. — Roupas limpas, água quente, cobertores, um chá, qualquer coisa, pelo amor de deus, qualquer coisa, mulher.

— Sim sinhô, tô indo!

Agoniada, sem saber o que fazer, Joaninha não teve coragem de perguntar o que acontecera. Desceu e, saindo à varanda, mandou um dos homens de guarda sair em busca de Tiago.

Poucos momentos depois, Saquina e Lélia subiam munidas de grande parafernália.

— Ela não acorda! Não acorda! — Aidan sussurrou, a voz embargada, para as recém-chegadas.

Segurava uma das mãos mornas dela na sua e, com a outra, sob o

cobertor, lhe acariciava o ventre. Aquele ventre quieto... Perguntavase o que ela estaria fazendo lá. Como chegara àquele ermo, em plena selva. Por quê? Em plena madrugada. Não ousava refletir no estranho contato com o casal de lobos-guará. Era muito para sua cabeça!

Com as feições tesas segurava um ardor profundo que lhe queria jorrar pelas glândulas lacrimais. Tinha de ser forte. Ao menos se...

Nesse momento Dr. Tiago irrompeu barulhento pela porta do quarto. — Então a encontrou? Onde estava? O que houve? Joaquina estava descontrolada e...

Calou-se ante o olhar que seu irmão mais velho lhe endereçava.

Estavam vermelhos, rasos de lágrimas que com custo descomunal mantinha dentro dos olhos.

— Salve-a — ordenou.

Depois da conversa muda, da conversa intensa de olhares com o outro, Tiago Carneiro se aproximou do leito e tomou o pulso de Arielle.

Normal. Correu ao próprio quarto e voltou com uma bolsa preta.

Tomou de um estetoscópio e se pôs a auscultar-lhe o coração.

— Conte-me o que aconteceu, Coronel, e depois vá se vestir.

Aidan lembrou-se que estava só de ceroulas e, soltando relutante a mão da esposa, caminhou para trás do biombo. Enquanto metia-se com pressa num chameiro, contou o modo que a encontrara, como agira.

Claro, ocultando a parte bizarra do que vivenciara com os lobos-guará.

— Sabe, não é? Será um milagre a criança sobreviver.

— Não acredito em milagres — declarou. — Salve minha mulher.

— E se não houver como escolher?

— Salve... minha... mulher — solfejou, ardido pelos receios que o torturavam.

Horas depois Tiago deixou o irmão e a esposa sozinhos.

Amanhecia e, sentado na poltrona que arrastara para o lado do leito, com o rosto enterrado nas mãos, Aidan relutava em olhar para Arielle. Drogas alucinógenas... Drogas abortivas.

Tiago

tocara

o

ventre,

auscultara,

químicos. Contudo, o bebê já estava morto há horas. Induziu o parto, ou perderiam também a mãe. Aidan quisera ficar junto, mas só atrapalhava o trabalho do jovem médico. Não queria que visse sua ministrara

compostos

esposa nua. Tiago sussurrou no ouvido da irmã que mandassem chamar dois dos negros mais fortes da senzala.

Aidan fora arrancado do quarto e, aos berros, ficara a bater na porta com pontapés. Até que se cansara e, sentado no corredor, esperara.

Esperara... A casa absorvida pelo mais profundo e mórbido silêncio.

Quando não era entrecortado pelos gritos dela.

Quando a porta fora aberta, Tiago, pálido, com ar exausto, dissera:

— Ela está bem. Vai viver. Precisa de muito repouso. O parto do bebê foi induzido.

Ele erguera-se e entrara ali. Fitara o rosto descorado, tocara delicadamente o corpo em tão poucas horas emagrecido. Vira de esguelha Saquina sair dali, carregando um embrulhinho branco.

Não tivera curiosidade de ver seu filho. Ou filha. Queria somente ter certeza de que ela, sua esposa, ia viver.

— Como temi... — balbuciara num cicio débil.

— Estou... aqui. — ela dissera antes de, exausta, adormecer.

Então ele puxara a poltrona e se sentara. E ali estava, desde então. Ali ficaria até que ela se restabelecesse. Mesmo que durassem dias, semanas, meses.

Não queria pensar. Não sabia em que pensar. Ela tomara uma droga para dar fim a vida do próprio filho deles? Ou alguém cometera tal crime bárbaro? Hora após hora, com o lento girar da terra em que o sol parecia subir, ele ficara na mesmo posição.

Estático. Em choque. Seus sonhos destroçados por aquela

tragédia. Aquela dor.

Devia ser hora do almoço quando Joaninha, com os olhos inchados surgiu no quarto, acompanhada por Lélia. Trazia cada uma, uma bandeja.

Aidan nem respondeu Lélia que lhe esticava um prato de assado de caça com purê. Apenas gesticulou, num meneio impaciente, que não queria. Assistiu Joaninha tentar descer o caldo pela garganta de Arielle.

— Tua filha está na sala.

Mas ele não disse nada. A agonia das últimas doze horas lhe roubara fôla.

— Tiago lhe providenciou velório. Está embalsamada para que a mãe possa lhe ver.

— Porque não a enterraram de uma vez? Querem fazer-nos sofrer ainda mais?

— Desculpe dizer, Aidan, meu irmão. Mas acontece desses casos. É muito comum.

— Não com uma criança saudável. Não é comum uma mulher saudável abortar aos oito meses, por ingerir um veneno. E... e... quase perecer também — completou aterrado, pensando no perigo que Arielle passara.

Animais selvagens, declives, o frio, afogamento.

— Contudo, é cristão velar um defunto — ela insistiu.

— Sabes que não sou cristão.

— Mas é tua filha! Está perfeita. Estava pronta — Joaninha já choramingava. — Os dedinhos, os cabelos, tudo, tudo perfeito.

Madeleine é um anjo e foi, decerto, recebida no céu...

— Cala-te irmã! — ele ordenou. — Então não respeitas a minha dor?

— indagou sofrível. — Sabes quanto eu queria um filho. Uma filha que fosse. Amaria também! Mas... Mas, esta criança quase arranca Arielle de mim.

— Perdão. Eu te entendo.

— Não. Ninguém poderá entender-me.

Joaninha ergueu-se com metade do alimento ainda dentro do prato. Tiago dissera que seria assim nos dois primeiros dias. Talvez, no dia seguinte, à noite, ela despertasse. E no terceiro dia pudesse ver e acompanhar o sepultamento de Madeleine.

Capítulo XVI

COM

SENSAÇÃO

de

estafa,

Mariana

caminhava

pelos

corredores da sede da Estância. Respirando o ar úmido de serração que entrava pelas grandes janelas sentia o grande ventre como parecesse a ponto de rebentar. Sabia, era para qualquer momento. Por isso, Macaíra mandara vir o doutor da Vila de Macaíra.

Doutor Ernesto quem a incentivava a caminhar.

— Ajuda muito — dissera sob o bigodinho loiro. — A adiantar as coisas.

Uma angústia, estranhamente lhe envolvia o coração. Queimavalhe a

boca do estômago. E isso já acontecia há bem uns três dias. A lembrança de sua amiga a perseguia desde então. Arielle também estava grávida. Mas teria seu filho somente um mês depois dela. Entrou na cozinha e encaminhou-se para a despensa. A sogra a fitou de esguelha, os lábios apertados. Mariana desistiu do lanchinho que pretendia fazer. Jamais conhecera mulher mais muquirana que a primeira Viscondessa de Macaíra. E seu estômago doía, doía quando ficava por mais de uma hora sem ingerir nada. Caminhando lentamente, rumo ao próprio quarto pensou em Eduardo. Saudades de quando o poeta mandava um moleque lhe entregar no colégio, em nome das crianças do orfanato, quindins, pirulitos, balas de caramelo, pasteizinhos de canela ou noz-moscada.

Tudo aquilo, o sabor daquelas coisas remetiam a ele. Era, em parte, o sabor dele. O que estaria fazendo, pensando, naquele momento?

Segurando uma valise, onde somente papéis havia, Eduardo subiu os três degraus que o levaram à imponente porta entalhada e entreaberta do casarão de seus pais, em Petrópolis. Satisfeito por livrar-se do efeito queimante daquela serração gélida ele estacou no vestibulo e deixou-se envolver pelo silêncio sepulcral daquela mansão.

Há meses não punha os pés ali e nem o faria. Mas, seu pai o ameaçara que, não fosse ele ver sua mãe, lhe cortaria a mesada. Então, como poderia pagar por seus Manilhas e vinhos? Como comprar as colônias de alfazema que na escuridão de ebriedade o faziam acreditar que a tinha junto de si?

— Meu filho! — bradou D. Izabel Cristina, desfazendose em um pranto silencioso. — Ah, desde a páscoa... Porque castigas o único filho, uma mãe tão extremosa?

— Perdão, mãe... — pigarreou sendo envolvido por braços esguios.
— Andei ocupado.
— Venha. Mande preparar tudo que mais gostas. A broa com

goiabada e...

— Não, mãe. Estou sem fome. Comi alguma coisa no caminho.

Quero descansar. A subida dessa serra quase me mata com tanto solavanco.

Resignada, com as duas mãos apoiadas nos ombros do filho, lhe disse:

— Eduardo... Estás tão pálido, tem se alimentado a contento no Rio?

Teus pulmões, tu sabes...

— Mãe, por favor, — começou impaciente já ao pé da escadaria de mármore — não me aborreças com isso. Sou adulto, sei me cuidar.

Quanto minha palidez é assim que sou. Sempre fui...

Entrando no quarto sentiu outra vez aquele aperto lhe esmagar o coração. Não que se sentisse diferente desde que Mariana partira.

Contudo, nos últimos dois, três dias sentia com uma intensidade muito maior. Como uma angústia sufocante.

Deixando a valise sobre um sofá, retirou a casaca e sentou-se à sua mesa. Cotovelos na mesa; entrelaçou os dedos e apoiou a testa nas mãos. Seu filho... ou filha. Prestes a nascer, se não tivesse já nascido. Escrevera uma ode àquele ser celestial que começava a temer nunca vir a conhecer. Intitulou Saudade.

Batidas secas na porta. Quando abriu, sua mãe deslizou para dentro com toda sua elegância. Trazia uma bandeja.

— Mãe, já não te disse que não tenho fome?

— Para o caso de o senhor mudar de ideia — argumentou com um sorrisinho terno. — Veja — bateu com o indicador num envelope preso entre a taça de cristal e o vasilho com lírios.

Afoito ele se precipitou.

— Uma carta? Para mim?

— É. Leopoldo a deixou há cerca de uns quatro dias. Remetida pela Baronesa de Henriques — ala esclareceu fitando-lhe perspicaz.

— Conhece-a, meu filho? Tem fama de escandalosa entre a nobreza.

— Na verdade ela é a nobre entre os escandalosos dissimulados — ele,

cínico, retorquiui à mãe.

Izabel Cristina deu de ombros. Não entendeu o que o filho disse e preferiu não inquirir qual a relação dele com a esposa do Barão de Vale Campina. Deixaria isso para o marido fazer.

Quando sua mãe cerrou a porta atrás de si, Eduardo quebrou o lacre AH com pressa. Imaginava que dentro haveria uma carta dela.

Suas mãos até suavam em antecipação.

Já decifrando as primeiras linhas daquela grafia preciosa, lentamente sentou-se na beira do leito.

“...e, assim, enquanto te escrevo esta carta com uma das mãos, com a outra acaricio nosso filho. Está a ondular-me o ventre. Deve ser um molequinho, porque chuta forte como um touro.

À beira dessa serra gélida, umas poucas manhãs, eu sento-me sob a janela, para sentir o sol aquecer-me a barriga. Fecho os olhos, Dudu, e finjo que é tua mão tão suave e carinhosa a acariciá-la. Quase chego a

ver

aquele

teu

sorriso

de

tanta

ternura

que,

sempre

desmedidamente, me dava. Os cantos de teus lábios grossos se erguem e, então, tudo se ilumina. Vejo teus olhos negros me fitarem, debaixo para cima encimando seu doce sorrir. Tu sorris enlevado pelo contento de sentir mover-se o sopro de vida que ateaste dentro de mim.”

Com os olhos ardendo, Eduardo pausou a leitura e acendeu um Manilha.

“Em muito breve darei a luz. Quando a criança ganhar força, devo visitar Arielle, nossa querida amiga. O Visconde já me deu licença para a viagem à Vale Campina. Equipará uma diligência com um pequeno comboio para nos levar nessa longa viagem. A criança e eu.

Poderei ficar lá por um mês, depois, devo voltar à Estância para o casamento de Carlota, irmã de Macaíra.

Será um mês que passará depressa. Um mês de liberdade. Um mês sem precisar suportar os olhares afrontosos de minha sogra.

Contudo, um mês que ainda não deixarei de sonhar contigo por todas as noites.”

Sofrível, Eduardo suspirou profundamente. Ela não dizia com as palavras exatas.

Mas

entendia, era um convite implícito de se

encontrarem. Não precisou de uma fração de segundo para Eduardo decidir que, se a reencontrasse outra vez, seria para não deixá-la partir, nunca mais, outra vez. Por isso era melhor nem vê-la outra vez.

“Ah, meu amor. Queria fazer ponto. Quisera ser esta uma carta de amizade. Sofreríamos menos. Mas tua falta me queima ininterrupta e doloridamente. Eu deveria deixar-te livre para seguir tua vida, reconstruí-la. Não fosse nosso filho, andaria à beira da loucura.

As únicas horas que encontro paz é diante do altar, momentos em que me entrego à penitência por sonhar, desejar outro que não é meu marido, esse a quem fui obrigada a declarar ser fiel. Porque o destino nos entregou à essa sorte, Eduardo? Não entendo. Sempre fui boa filha! Talvez por eu ter pecado contra a castidade, me entregando a ti sem sermos casados?

Não sei. Tudo é uma grande confusão para mim. A única certeza que possuo hoje é o amor que tenho por ti e por nosso filho. E, ainda, sim, preservo a fê no próximo, como tu me admoestavas.

Ah... Dudu. Nunca te esqueças de mim. Nunca...

Amo-te tanto!"

Eternamente tua, Mariana.

Com o punho da camisa branca, Eduardo enxugou as lágrimas que, aquém de sua vontade, se derramavam e iam escorrer quentes pelo rosto. Ela o achava capaz de esquecê-la? Poderia esquecer sua própria alma? Esquecer-se de respirar?

Não.

E não visitaria a Baronesa de Henriques no mês que Mariana estivesse lá. Não poderia resisti-la e sofreria muito mais na despedida.

Apesar de todo o infinito amor que sentia por ela, possuía honra. Já chegava tê-la desonrado, solteira, infligindo aos dois todo o sofrimento que passavam. Fazendo-a gerar um filho bastardo para um desconhecido.

Não.

Não poderia queimá-la ainda mais de pecados.

Era, porém, justo que seu filho, sua carne, seu sangue e seu espírito que se formara de um amor tão grande crescesse chamando a outro de pai? Um pai escravocrata? Para um homem apaixonado, para um

abolicionista isso era a pior das perdições.

Não podia compreender o destino, ou singular e zombeteiro sopro do viver. Tudo o confundia.

Havia único escape...

Nada o impediria de escrever. De compor. Precisava extravasar de algum modo sua amargura e saudade. Quando finalmente tivesse a ventura de desprender-se dessa vida, ela herdaria toda sua obra intelectual sob a condição de antes de ir-se ao encontro dele, queimá-la. Para que nenhum olho conhecesse as profundezas de sua alma, que permitia só a ela penetrar. Ela... Mariana... Ela que era seu único complemento e extensão.

Era bem cedo, uma névoa densa e branca tomava os prados que rodeavam a campina. Um cortejo extenso seguia o Barão que, sem esforço, ao lado de Tiago, segurava pela alça o caixãozinho branco que resguardava o corpo de sua filha. Desciam todos sorumbáticos rumo ao cemitério da família Carneiro.

Muitos curiosos e conhecidos, de toda parte de Vale Campina, nos últimos dois dias foram ao solar, velar o bebê. Gente, mesmo, que Aidan sequer nunca vira. Cada um deles alegava que tinha de agradecer e ser solidário ao Barão, já que este tanto lhes fizera bem nos últimos cinco anos. Gente, que só conhecera a vilania de Carneiro até a chegada do Coronel ao arraial. Alguns, mesmo, pediam graças ao corpinho sem vida da menina. Diziam palavras de consolo

ao

Coronel que, metido na farda, sentado por horas ali na cadeira ao lado piano, nada respondia.

Com seus belos traços endurecidos pela dor, sério, pelo medo que passara, somente lhes assentia. Ora ou vez, sentia vontade de expulsar toda aquela gente. Gritar que depois da morte tudo acabou!

“Tudo isso é inútil, não percebem? Estão cegos? Está morta... Morta antes de viver!” Quisera quebrar os bibelôs. Quisera chorar...

Nada disso fizera. Em respeito à dor de sua esposa. Por amor dela. Prender-se à apatia era um ato, assim ele considerava, de amor à ela. Seu jeito de amá-la. Sem interferir ou transpor os limites, como ele gostava, ou achava confortável que fizesse com ele.

Ela, que seguia dentro de seu grosso sobretudo de lã, alguns passos atrás dele. Os cabelos soltos pelas costas, o rosto lívido, os lábios descorados, os olhos fundos, inchados, secos.

Todos se detiveram no pequeno cemitério de Campinas dos Lobos.

Alguns

fazendeiros

dos

entornos,

o

farmacêutico, o

banqueiro, o telégrafo, as beatas, o taverneiro, um trio de costureiras — irmãs solteironas, — algumas dezenas de escravos, moças de família e seus pais, crianças nascidas ali nas terras da fazenda, mulheres cativas e, é claro, o pároco. Todos ali, em solidariedade ao Barão que trouxera tantos recursos da Corte. Mas, principalmente, ali estavam pela Baronesa. A adorável Baronesa que um dia fora tão humilde quanto eles, que caminhara descalça, insolente pela feira na frente da igreja, que comprara maçãs do amor só para ajudar a filha do ferreiro, entre tantas outras lembranças que não deixariam os Vale Campinenses em paz se ali não estivessem. Estacaram espalhados por entre as lápides dos antepassados de Aidan.

Carneiros...

Respeitosos, Tiago e Aidan, tio e pai da finada, desceram o caixão à cova já aberta e se voltaram para cima em posição de reverência.

O pároco do arraial, homem rotundo, papudo e calvo, iniciou em dramática entonação seu discurso em latim:

— Domino infāntem hanc innocentem hodie tradimus...

Aidan, mãos cruzadas nas costas, deixou a mente divagar. O

recitar do sacerdote ficou longe... Nebuloso. Voltou muitos anos no passado. No ponto de ouvir a voz, então, áspera de Carneiro, lhe rogar a praga. O fez ao vê-lo sair do confessionário.

Arielle, a cada pouco, fitava seu marido de soslaio. No que estaria ele pensando, assim, com o olhar perdido? Sabia que ele sofria.

Seu silêncio lhe contava. Era seu sonho um filho e agora... Esse sonho fora de súbito destruído. Ninguém lhe queria dizer o que acontecera. Falavam à sua volta entre murmúrios, lhe escondiam os fatos e isso a entristecia ainda mais.

Seu bebê não vingara! Mas, sempre soubera, intuía que a

maternidade não era para ela. Jurara a si mesma, quando descera pela primeira vez o olhar ao serzinho sobre a mesa no meio da sala, que nunca mais conceberia. Quantas vezes durante a gestação não desejou nunca ter engravidado? Para Aidan parecia simples. Constituir uma família e pronto. Mantê-la, vê-la crescer seria suficiente.

Mas, para Arielle, era diferente. Enxergava, com os seus hoje olhos pessimistas, a podridão e lascividade na qual a sociedade se entregava. Cobiça, ganância, maldade. Em todos os lugares. Nas instituições e também no seio das mais “santas” famílias. Não imaginava um ser puro e limpo de coração a crescer no meio de lobos, incólume. Temia que assim não fosse. E, seu marido, Aidan, uma fortaleza de portões cerrados. Não se permitia debater, filosofar.

Sem a ajuda dele, como ela poderia achar uma saída?

Arielle não sabia. Mas o Coronel já fora como ela, cheio de sonhos, de ideais. Fé na humanidade, no homem. Não acreditara no divino, fê que

deixara pra trás aquela tarde ida, mas crera na bondade.

Então... A Guerra do Paraguai.

Todo aquele ódio gratuito. O sangue dos inocentes...

Aidan fitava a cova e sua alma rasgava-se em múltiplas lacerações. Ali jazia uma inocente. A única esperança que lhe restava, para continuar achando que a vida valia a pena ser vivida, era depositar na pureza de uma criança toda sua esperança.

Para aquele casal que vivera mais separado que unido, só amar não vinha sendo suficiente. Precisavam dialogar. Contudo, depois da longa distância que os separaram por meses, a morte prematura de Madeleine só os distanciaria ainda mais. Tornando-os como duas ilhas de

um

mesmo

arquipélago.

Tão

próximas

e

tão

afastadas.

Incomunicáveis.

A terra fôfa e úmida encobria o que por anos para ele, meses para ela, fora o foco. As pessoas se iam embora uma a uma. Uma dúzia de garotos, os quais Arielle conhecera criança antes de ir estudar na Corte, se aproximaram dela. Algumas menininhas também. Todos eles filhos de cativos. Encheram os bolsos e as mãos da Baronesa de camélias e respeitosa a deixaram ali.

Quando deram por si, se achavam sozinhos ali, somente os Carneiros. Joanninha e Tiago, braços dados, deixaram também o pequeno cemitério. Longuíssimos momentos estáticos, os olhos fitos na lápide

recém-entalhada, Arielle finalmente ergueu o braço e desfolhou as flores brancas, derrubando suas pétalas aveludadas sobre o sepulcro caído que a agora tinha a inscrição:

Madeleine Moissonner de Henriques

☆ — 12 de agosto de 1876

† — 12 de agosto de 1876

Tenso, Aidan se afastou um pouco da esposa e caminhou por entre as lápides e, não soube por que, sua vista bateu em uma lápide infantil como a de sua filha. Mas, estava coberta por um musgo verde e visguento. Com dificuldade leu o nome: Louis Bernard Carneiro ☆ — 02 de março de 1842

† — 30 de janeiro de 1844

Quem seria... Um irmão? O que queria dizer aquele nome francês? Espantado com o urro que brotou da garganta da esposa, ele se precipitou rapidamente para ela que caía de joelhos sobre a relva encharcada. Uma garoa fria começava a cair.

Arielle chorava feito criança.

Abraçou-a pelo ombro e a incentivou:

— Isso meu amor, chore. Chore. Derrama esta tua dor. Ao

menos tu podes. Estarei contigo.

Arielle sentia tanta dor e desespero que, como nas escrituras, dramática, desejava passar cinza no rosto e, vestida de saco, sair vagando pelo arraial. Contudo, deixou-se ficar no abraço quente de Aidan, sentindo como seu coração batia alucinado dentro do peito.

Arielle lançou seu olhar rebrilhado de lágrimas para ele, olhar ainda mais verde que nunca. Disse:

— Tu podes também, Coronel! Não é vergonha demonstrar a dor que se sentes.

— Ora... — começou embaraçado, desviando o olhar. — A última vez que chorei... — Fora aos doze anos. — Não me lembro mais... —
Todavia, sim, lembrava.

Enquanto as aves ignoradas cortavam o cinzento céu, o casal ajoelhado amargava no lento e doloroso resvalar do tempo que é o luto.

Só sabia que era noite. Adormecera. Não pudera controlar o sono, tão denso ele recaíra sobre ela. A filha mais velha, como sempre diligente, se quedara a zelar por seus irmãos menores.

Então, agora, suada, trêmula, assustada, sem voz, despertava num sobressalto. Numa assombração há muitos anos esquecida. O

terrível pesadelo a assaltara cruel.

Começara feliz. Como um sonho macio e infantil.

Flor era pequena ainda e seu corpo estirado na relva compraziase da beleza que uma linda tarde de verão envolve. O céu de um azul rútilo, as nuvens fôfas e brancas de algodão deslizando preguiçosas pelo firmamento. O som do vento farfalhando a copa das árvores e brincando em seu rostinho de menina sorridente.

Então o trinado dos canários da terra e araras foi suplantado por um toque mítico. Que lhe envolveu de nostalgia e melancolia feliz.

Inspirou fundo e por suas pequenas narinas um aroma desconhecido entrou para lhe alcançar carinhosamente os pulmões.

Aquela música... batida?

Tum-tum-tum... sim... parecia que dezenas e dezenas de mãos entoavam um batuque ritmado, entremeado a um chacoalhar de... o que mesmo? Os búzios de sua avó? Ouviu cortar o espaço, num

chofre, o brado de muitas vozes...

Era um canto lendário a lhe capturar. Era a voz de seu povo! A voz da África. Fechou os olhos e viu sua avó vestida e envolta em seus turbantes e indumentárias alvas. Relembrou-se, neste sonho, sua avó contar as histórias de sua tribo, de seu principado. Joaquina de Luanda veio e lhe puxou pela mão pequenina. Ainda que serena, chorava copiosamente.

— Flor.. Minha Flor de Luanda! Vassuncê ainda há de reinar como teu bisavô, meu pai. Há de ser rainha — rainha formosa...

rainha inteligente... rainha inesperada, mas régia e magnífica.

Os olhos curiosos da Flor-criança, recém-princesa, olharam para além dos ombros da avó e viram homens estranhos. Eles não tinham lanças como seu povo. Entranhavam-se pelas brenhas da mata, sob o sol, na vasta terra, larga terra além, bem além, do sul da península ibérica e utilizavam de estranhos instrumentos, tinham uma aparência descorada, um semblante feroz, semblante de pilhagens. Avançavam ensandecidos

por

sobre

sua

gente!

Prendiam

as

mulheres...

machucavam os homens... matavam os líderes... levavam embora as crianças... derramavam muito sangue... violavam... exigiam... o

ouro...

suas relíquias e bens mais sagrados eram demovidos, atirados em carroças da forma mais profana. Queimavam suas tendas e... seu povo chorava. Levavam embora seu povo, para além do grande mar, além do oceano, além do atlântico seu povo querido. Seu povo traído. Um povo-irmão lhes traíra. Entregara-lhes. Indefeso os seus se fizeram e, dentro de uma grande nau, rumo à fome, à pestilência, a morte. Pior que tudo: à servidão, foram levados cativos.

Dentro de um navio negreiro... Longe da alegria que sempre conheceram.

— Há de ser longa a espera, mas há de vir — a avó continuava.

— Teus filhos hão de nascer livres. Teu ventre há de ser livre. Os orixás me contam, a Mãe garante. E, ainda, mais. Hás de viver em um país livre! A custo de hipocrisia, traição, da falsa devoção, mas livre! Flor ainda viu o sangue de seus antepassados lavando a terra antes tão pura. E, tão pequena, chorou e chorou. Depois procurou a avó e ela não mais estava lá. Enxugou as lágrimas de sal com o dorso de sua mãozinha de canela e correu e correu por entre os cafezais de Campinas dos Lobos. O feitor lhe perseguia; flagrara-a vadiando estirada na relva. O feitor ia lhe açoitá-la, lhe arrancaria sangue, lhe marcaria a fogo. A promessa... A promessa.

Flor despertou em pânico, com o reviver tão nítido do passado.

Tocou as cicatrizes, sentiu sua carne ser dilacerada. Reviveu o terror do tronco.

— Mamãe...? Mamãe... sou eu! Olha para mim. Sou eu, tua Chiquinha.

Trôpega, ela abraçou e encheu sua filha de beijos. Centenas deles.

—

Princesa! —

murmurou num soluço abafado contra os

cabelos da filha. — Princesa... nosso ventre é livre... tu és livre. Sou cativa, mas tu e teus irmãos... vós sois todos livres... — Ela declarava, à voz embargada, o peito e os olhos encharcados de emoção. “Toda a riqueza roubada do clã de Luanda será restituída”. — O

eco da voz da avó que a terra já comera reverberava.

Horas depois João Assis irrompeu pela porta da sala, um grande sorriso aberto no rosto.

— Assis? Que foi?

Ele ainda sorria muito largo, sem responder, os braços abertos, esperando-a. Incitando-a a jogar-se em seus braços.

— Teu pai morreu?

— Ora, Florzinha, que idéia. Adivinhas?

— Não faço conta... — disse rodeando-o com seus braços torneados.

Depositando beijos no pescoço dela perguntou pelas crianças.

— No fundo da casa, brincando.

— Lembras quando estivemos em Vale Campina, há cerca de oito, nove meses?

Ela retesou-se e o fitou preocupada.

— Sim, por quê?

— Pedi à Baronesa que convencesse Aidan.. Que te alforriasses!

— E ela? O que Sinhazinha Arielle — sempre a chamaria assim — disse?

— Que falaria com ele.

— Queres me matar, homem de Deus! Falas de uma vez.

— Ele concordou! — Incrivelmente riu ainda mais largo. — És livre Florzinha, livre para casarmos...

Pouco depois Assis dava um copo de água com açúcar à sua mulher.

Ela quase desmaiara. Perdera a fala e a cor ao atestar a verdade na carta de alforria.

Sentada no tamborete da cozinha, sua mente girava. O que fizera não fora em vão! Não fora... Lágrimas brotaram de seus olhos.

Aquela noite... O medo. Afinal, só trouxera bem a todos.

Assis a fitava preocupado, agachado à sua frente lhe acariciava o ventre levemente intumescido.

— Livre... Sou livre... — murmurava trôpega. — Livre! — berrou assustando o Tenente.

—

Sim, querida. Livre! Mas acalma-te. Queres assustar as crianças?

— Sim, meu amor... Sim... Perdão — fungou ainda emocionada.

Liberdade. Para Flor, a maior das riquezas. Não imaginava a sorte que a sondava. O que o futuro lhe reservava.

— Arregles um lindo vestido, minha princesa. Em uma de minhas mulas há uma bela fazenda que te comprei. Os proclames já correm. Até o fim do mês, haveremos de estar casados.

Distraído e cavalgando a um passo ocioso, Dr. Tiago vinha voltando dos arrabaldes de São Fidélis. Bairro miserável e muito distante do Centro de Vale Campina. Ainda tinha impregnado dentro de suas narinas afiladas o cheiro de desolação e imundície da família que atendera. Dos três pacientes, os quais prestara francos serviços, o que mais lhe atingira fora o cuidado das chagas infeccionadas de uma menina de cinco anos, vitimada pelo sarampo.

— Não entendo como ainda sobrevivem assim... — murmurara enquanto, ao término dos atendimentos, lavava a mão em uma água de pureza discutível.

—

Já foi muito pior... — aquela franzina mãe de família

respondera, a varrer o chão de terra batida.

Depois de alguns dias de chuvas inesperadas, a estiagem era como um alívio para os habitantes. O sol da tarde brilhava os campos verdejantes de um modo recompensador à vista do médico, contristado com toda a miséria que acabara de testemunhar.

Desde a formatura vinha planejando assentar um consultório no Centro da cidade. Há cerca de oito meses atendia os nobres e ricos da região e seus afetados parentes e familiares. Todos esperavam dele essa atitude de atender, quem sabe colocar uma pequena clínica. Uma farmácia, também, viria bem a calhar para concorrer com a botica do Irineu. Porque a perspectiva não o entusiasmava? Porque se sentia mais satisfeito como homem quando ia atender os carentes, habitantes distantes? Sempre se considerara excêntrico. Como se a medicina fosse um dom e cobrar fosse profano.

Desde que iniciara essas jornadas aos bairros afastados, um pouco o conceito que tinha de seu irmão mais velho crescera. Ficara muito surpreso com o que lhe contaram... O Barão alimentava e generosamente do próprio bolso todas aquelas bocas, assim como lhes enviava remédios.

— Então é o Senhor o médico que o Barão prometeu que contrataria?

— indagara um velhote de cabelos de neve e cara crestada de sol que o interpelara a beira do caminho.

— Não. Sou seu irmão. Dr. Tiago Carneiro.

Os olhos do ancião então, Tiago vira, ganharam um brilho terno.

Um quê de esperança...

— Perdulário — asseverara um moço, com ares de idealista. —

Quando essa fidalguia não tem com que gastar e se entedia começa com essa fanfarrada de caridade. — Plec! Cuspira no chão em homenagem à sua “admiração” a Aidan de Henriques.

Quando não era adorado, refletiu Tiago fazendo aumentar um pouco o passo do animal, seu irmão era invejado. E talvez não tivesse conhecimento de nada disso.

Olhou para o céu azul celeste pintalgado aqui e ali por nuvens fofas e brancas emolduradas por seus contornos de sépia. Ao fundo a Mantiqueira arroxeadada deitava-se com aspectos de preguiçosa e o cheiro do vento que lhe batia contra o rosto era molhado, terroso e herbáceo. Até esse dia, em que o tempo abrisse, tudo era depressivo. Desde o ânimo dos habitantes de Campina dos Lobos às impressões que a

natureza inspirava. A quietude do solar era enervante e por isso Tiago demorava-se em suas andanças.

Agastava-lhe sobremaneira a atmosfera indiferente sobre a qual Barão e Baronesa conviviam. Ao que parecia o aborto de Madeleine fora devastador. Pobre Arielle...! Tão abatida, triste a vagar pelo imenso casarão. Fosse ele tê-la por esposa... Repreendeu-se a si mesmo. Atualmente admitia que ele fosse um dos que sentia inveja do Coronel. Mas não pela sua posição ou fortuna. E sim pela linda, inteligente, íntegra e digna esposa que possuía. Virtuosa... Não lhe agradava de forma nenhuma tais sentimentos. Imaginá-la, dormindo solitária em seu quarto o inquietava madrugadas adentro. Pensando nela,

Tiago

revirava no

leito,

suava

e sonhava

devaneios pecaminosos.

Imprudente!

Tiago se recriminava. A imaginação fora de controle pode corromper o mais sensato dos homens, quem dirá um passional como ele!

A fâceta de honradez que lhe delineava o caráter era o que o auxiliava a reprimir sentimentos indizíveis que o assolavam quando batia os olhos nela. E também, é claro, o fogo que enxergava nas trocas de olhares do Barão e Baronesa, apesar de toda a impassibilidade que demonstravam partilhar.

Queria acreditar que tal comportamento entre seu irmão e a esposa se justificava na dor que sentiam pela perda da esperada filha.

Mas

a

dor,

acreditava

Tiago,

se

aplacava

com

carinho

e

demonstrações físicas de afeto.

Não fazia idéia da caldeira prestes a implodir dentro do irmão. O

esforço descomunal no qual Aidan se empenhava para não estourar de tanto desejo contido. E a infinita paciência com a qual ele procurava demonstrar todo seu respeito e amor à Arielle...

Debelando-se tortuosamente em sua combinação conflagrada de Carneiro e de Henriques.

Em seus julgamentos audaciosos e secretos, Tiago julgava-o de maneira injusta. Um marido frio. Aidan um marido frio? Mas o que era mesmo aquele ardor que divisava nos olhos, veias e lábios de Arielle quando ela fitava seu esposo? De qualquer maneira convinha que tanto se parecia com o irmão. Até determinadas características.

Sabia-se um homem apaixonado pela vida, pelo sexo oposto o tanto

quanto fosse possível e calmo até o limite da educação ante uma provocação; podia esquentar de uma hora para outra. Desinteressado por política, no sentido de fazê-la. Mas exaltado ao discuti-la. Aidan não gostava de debater ideologias e argumentos liberais que excitavam Tiago. Incontáveis vezes ele tentara incitar o Coronel a uma querela e tudo quanto recebia eram aquiescências mudas em resposta as fagulhas que tentava atirar. Fagulhas vãs...

Aidan era um homem calado. Se provocado, aniquilava em poucas palavras e, depois, parecia esquecer o incidente.

“Ora, percebo que tenho pensado e analisado demais meu irmão!” — Tiago concluiu em pensamento, decidido que precisava urgente de uma forte emoção.

Emoção que viria logo. Que lhe transformaria o coração e lhe arrebataria o juízo.

Quando abaixou o rosto moreno em mesmo nível das orelhas do puro sangue e ia esporear para uma carreira que o incitasse a sentir-se vivo, o ruído de muitas patas além da curva lhe deixou em alerta. Era aquela a estrada principal, a qual cortava as principais fazendas cafeeiras da região. Campina dos Lobos, a maior, e, em seguida, a Fazenda Boaventura que pertencia a seu possível futuro sogro. O

Conde ainda o perseguia com grande empenho, e o confrontava nas situações mais embaraçosas.

Chegara a ir ao solar dos Carneiros, com intenção de cobrar do Coronel a promessa feita por Luís Carneiro na mesa de jogo. E a atitude de Aidan, iniciara em Tiago, o primeiro lampejo de genuína simpatia por aquele Coronel.

— Aquele estúpido não respeita o luto da família? — Aidan, na biblioteca, rilhara entre os dentes quando Saquina lhe dissera

timidamente que o Conde o esperava na sala.

Sem ser recebido, o Conde sentindo-se afrontado, deixara Campina dos Lobos, prometendo que as coisas não ficariam daquele modo. O ruído das patas a bater contra a terra úmida se intensificava.

Tiago deteve seu cavalo à beira do caminho e esperou. Parecia um tropel! Então viu despontar d'além da curva diligências, cabrioleis, carroças carregadas de baús e tralhas de todo tipo. Afastou-se mais um pouco para dar passagem a toda aquela gente desconhecida.

Quem haveriam de ser? Eram em maioria de cabelos escuros, pele e olhos claros, e se vestiam com humildade, para não dizer esfarrapados. Muitos tinham olhos tristes e estavam magros. Alguns, conforme iam passando, o fitavam curiosos.

Tiago Carneiro não ostentava, mas vestia-se com esmero. A casaca sempre bem cortada e alinhada, a calça de montaria ajustada era impecável, as botas de cano longo espelhavam a graxa caprichada, seus cabelos pretos e grossos puxados para trás, um alfinete de brilhante a lhe ornar a gravata. A efígie da medicina na lapela demonstrando o quanto se orgulhava da profissão escolhida, por mais que ela lhe desse pouco ou nenhum lucro ultimamente.

Com um leve menear de cabeça ele cumprimentava os homens que o fitavam e o respondiam timidamente. Ouviu um choro ardido de criança e, depois, uma voz grave e musical de homem gritar:

— Più veloce! Quasi stiamo arrivando! Più veloce!

Logo, bem abaixo de seus olhos, passou lentamente uma carroça, na qual ia uma mulher que de tão emagrecida se podia lhe enxergar o contorno dos ossos da face. Estreitava entre os braços uma criança que gemia. O garotinho estava amarelo e suava. Apesar do suor, parecia tremer de frio, envolto no cobertor. Atrás dos dois, uma jovem derramava de um cantil de cerâmica água fresca num lenço — para refrescar o menino. Seu olhar se deteve na jovem que, como sentisse o peso daquele olhar, lhe ergueu os olhos negros como os cachos que lhe escapavam do lenço que usava na cabeça.

Tiago perdeu-se naquele olhar misterioso, rodeados por cílios longos e bastos e, de tão impressionado com sua beleza doce, esqueceu-se de respirar. Mesmo trajando roupas velhas, com o rosto pálido, sujo da viagem, ela era tão linda!

Como médico, sabia que o que lhe roubara o rubor das faces fora a falta de alimentação adequada. Um grito ecoou pela vastidão dos campos

ao redor, penetrando os cafezais

e

assustando

os

pássaros. E quebrando o magnetismo daquela troca de olhares. O

condutor deteve a carroça e, impaciente, naquela língua tropeçada, berrou com a mulher que chorava.

Tiago não se pode conter. Desceu do cavalo e, mesmo sabendo que o homem não lhe entenderia, danou com ele:

— Então o senhor não está vendo que a criança está delirando de febre? Está a ponto de morrer?

A mulher e a moça, que devia ser filha da primeira, fitavam-no assustadas, os olhos arregalados. O condutor murmurou umas imprecações que Tiago não pode entender e gritou direcionando a voz para aquele que ia muito à frente, conduzindo o tropel.

Este deteve toda aquela gente que ia se perder de vista na estrada. Eram centenas de imigrantes. Achevou-se de Tiago e impaciente, perguntou:

— O que o Senhor deseja?

— Não percebem que a criança está à beira da morte? — inquiriu entre bravo e indignado.

—

Ele

e

outras

dezenas —

acrescentou

o

homem

desesperançado. — Fora os que, durante a viagem foram sem vida, deitados fora, no mar para serem devorados pelos tubarões.

Tiago sentiu o corpo todo arrepiar ante o que o homem disse.

Fitou a moça de que tinha os olhos brilhando, rasos de lágrimas e seu coração se acelerou com aquela troca de olhares.

— Deixem-me cuidar do garoto. Sou médico!

O chefe falou algo com o condutor da carroça, em italiano, e depois se voltou para Tiago.

— A família agradece, mas não tem recursos para pagar um doutor.

Tiago, irritado, apertou os dentes.

— Se estou oferecendo é porque o farei de graça!

—

Porque alguém trabalharia de graça para desconhecidos miseráveis?

— Porque se compadeceu?

— Quem é o Senhor? — indagou desconfiado.

— Tiago Tasso Carneiro.

— Carneiro? — repetiu assustado. — Da parte do Barão Aidan Carneiro?

Tiago aquiesceu.

— É meu irmão. Prefere ser chamado Cel. Aidan de Henriques.

O homem voltou a falar com pai de família, que suavizou as expressões até que chegasse mesmo a denotar medo.

— Os Merindellos aceitam tua gentileza. Onde pretendes atender o garoto?

A silhueta de uma mulher melancólica, sentada na cadeira de balanço, toda vestida de negro completava o quadro triste daquele entardecer. O xale alvo que recobria os ombros de Arielle era um contraste efusivo em tal imagem.

O olhar estacado, fixo no horizonte, o humor perdido na apatia — sentimento para o qual migrara o estado de espírito da Baronesa.

Procurava, ainda, compreender a maldade do ser que lhe fizera tomar o alucinógeno que lhe arrebatara a vida da filha, ainda dentro de seu ventre.

As investigações corriam a todo empenho. Aidan jurou que não descansaria enquanto não descobrisse quem o fizera. Jurou também que mataria com as próprias mãos pessoa tão vil. Desconfiava que seu irmão Fernão estivesse envolvido, mas nada poderia provar. As autoridades perderam o rastro dele em Santos e não se sabia por onde começar a procurá-lo.

Desde o dia do enterro que Arielle não dizia palavra. O marido, pouco também dizia. E, se o fazia, Arielle lhe respondia com monossílabos ou meneares de cabeça.

— Ainda virás a gerar outros filhos — era o timbre doce de

Joaninha, que chegava ali na varanda.

— Não penso nisso agora — falou séria, mas com a voz embargada. — Penso que ele chegou a crer que eu tomara o veneno deliberado.

— Não podes tu considerar isso, minha amiga. O Coronel andava desesperado. Chegou a perder o bom senso. Não imaginas como ele ficou, ao acreditar que tu podias morrer. Ficou fora de si e...

— E como foi? Ele não me fala nada. Fica metido neste silêncio desde que... — calou-se. Não queria chorar mais. — Tudo que sei...

— começou já com o autocontrole recuperado. — ...é que fui por ele resgatada da floresta. Que se ele não tivesse chegado a tempo... — referia-se ao afogamento. — Tu sabes, Joaninha.

Então Joaninha contou a Arielle tudo. Desde o desespero de Aidan ao acordar toda a casa quando dera por seu sumiço, depois, ao voltar quase nu com ela nos braços naquele frio cortante. O modo que reagira durante o parto induzido, o fato de ter sido necessário que o tirassem a força do quarto. Sua angústia, sentado no corredor, ao esperar Tiago realizar os procedimentos. E, enfim, ter se estirado naquela poltrona e não se erguido de lá até que ela acordasse.

— ...esse homem te ama — finalizou a Sinhazinha. — Quisera toda mulher um amor assim.

A Baronesa já não lutava mais para conter as lágrimas grossas que, muda, vertia aos borbotões.

— Amor.. Sim. Ele disse que me amava... Uma vez — recordou saudosa a hesitação dele, naquela tarde em Ilha da Jangada. Mas, então porque ele não aceita deixar esse lugar? Ah, Joaninha, eu amo o povo desse arraial, tão solidários a minha pessoa. — Lembrouse do carinho que eles lhe devotaram no dia do enterro. — Eu que julgava nem ser mais lembrada.

— Imagine!

— Mas, nunca fui feliz aqui. Tu sabes... Só queria sumir daqui. Tenho certeza que Madeleine estaria bem agora se eu não habitasse essa terra maldita! Mas ele insiste!

— É a fraqueza de meu irmão.

— Se me amasse me levaria embora. Ou seguiria para qualquer lugar, Joaninha. Qualquer lugar. Apesar de tudo, o amo tanto que onde ele colocasse os pés eu colocaria os meus.

—

O amor é mesmo um grilhão inquebrável — a

outra

observou. — Eternamente, sem chance de alforria.

Arielle fungou.

— Porque ele se fecha para mim? — indagou com um olhar dolorido.

— O que posso dizer? Sou mais jovem que tu. Inexperiente, e o conheço ainda menos, apesar da convivência de quase cinco anos.

— Nesses dias tens sido um ombro tão agradável no qual eu posso chorar minha amiga. Falas sempre com tanta sabedoria e és tão jovem. O que sabes sobre o amor?

Joaninha inspirou profundamente e decidiu narrar à Baronesa sua história romântica e platônica com seu tutor.

— Arielle... tem algo... — iniciou vacilante.

— O quê?

— Ora, esqueça — medrosa, desistiu. — Bobagens...

Pela janela de seu quarto, Aidan olhava a paisagem exuberante que rodeava a fazenda.

Depois da jornada pelo Mato Grosso fantasiou que uma vida as voltas dos seios fartos que são a Mantiqueira só poderia lhe fazer um homem feliz. Mas... Alquebrado pela perda de Madeleine, entristecido pelo modo arredo que a esposa se portava, ele meditava. Sem deixar de fitar os contornos mortíferos das montanhas.

Agora não era mais só a porta de comunicação entre os quartos que estava trancada para ele. Mas, também, a do coração dela. Sentia-se culpado. Não fora bom o bastante para protegê-la. De seus braços, naquela noite, ela levantara para morrer.

Se soubesse que o ocorrido fizera dele o herói da esposa... O

herói que ela mais que nunca passou a ter nele. A certeza intocável de nunca poder viver sem ele. Mas a falta de comunicação, amarga desventura, a separá-los.

Divisou um cavaleiro que vinha a galope pela avenida de palmeiras imperiais. Tiago. E vinha com alguém nos braços. Logo atrás e mais lento outro cavaleiro. Na tarde seguinte ao parto, antes de fitar a filha dentro do caixão, olhara para o irmão mais novo, dentro de seus olhos e dissera: — Obrigado.

O jovem doutor anuíra respeitoso e se retirara.

Salvara sua esposa. Talvez, não fosse por ele, ela teria morrido.

Então, que sentido lhe teria a vida?

Por mais que refletisse, Aidan não entendia. Porque ele, que matara a tantos, derramara o sangue de tantos inocentes, continuava vivo e sadio? E o Deus que Arielle acreditava permitia que tamanha maldade fosse feita com uma mulher grávida? A revolta o tomava.

Permitiu que sua filha, uma bebê tão inocente, nem sequer ainda nascida, fosse assassinada tão covardemente.

Não entendia onde estava a misericórdia que tantas vezes ouvira Arielle repetir que esse Deus possuía.

Queria conversar com ela. Contar-lhe sobre o desespero que sentira aquela noite. O medo terrível que ela não vivesse. O pavor indescritível que sentira ante a certeza que aquele salvamento parecia mais o fruto de um milagre. O suor frio que derramara ao lhe ouvir os berros dentro do quarto, ao colocar a criança morta para fora de si. Porque os partos tinham de ser com dor? Achava-se culpado.

Possuía a esposa com ânsia de engravidá-la. De ver sair dela um filho seu que, acreditava, seria como a redenção de seus tantos pecados, como se um fruto imaculado purificasse a matriz degenerada. De encontrar um motivo para ter contentamento. De experimentar o terror que parece ser a responsabilidade de zelar por um ser totalmente indefeso. Um ser que é fruto de si mesmo e está a mercê de toda a sorte destinos desde que é concebido.

E conforme tanto temia, sua filha foi a vítima do ódio, da vingança...

Agora, se achava um crápula por ter desejado com tanto ardor esse filho. Porque esse desejo fora-lhe concedido pela natureza, como acreditava. E esse desejo causara dores terríveis àquela mulher que tanto amava.

Se ela engravidasse outra vez e a criança vingasse, ainda haveria a dor do parto. Todos os mesmos receios.

E riscos. Ah, as lembranças... Recife, a Ilha da Jangada! E mesmo com toda essa culpa, esses pensamentos que tão angustiantes não o abandonavam, desejando ainda, fazer dentro dela outra criança sua. E não podia viver apartado do corpo dela. Precisava dele, como de um alimento.

Anoitecera e Arielle acabava de, com o auxílio de Lélia, se aprontar para dormir. Batidas na porta de comunicação. Com um olhar, a Baronesa ordenou que a mucama saísse. A maçaneta girou, mas a porta estava trancada.

— Arielle — a voz forte dele chamou. — Abra, por favor! Só quero conversar!

Ela caminhou até lá e, abrindo a porta, o fitou curiosa.

— Quero que durma comigo esta noite — asseverou.

— Ora, Coronel... — desviou o olhar. — Sabes que ainda estou no meu resguardo.

Ele chegou bem próximo a ela e disse baixo:

— Não quero ter relações contigo. Respeito tua dieta. Só quero sentir teu corpo de encontro ao meu enquanto durmo.

A Baronesa olhou para ele que, com uma sobancelha erguida esperava por uma resposta. Também andava ela carente. Sentia necessidades férreas de ser envolvida por braços quentes e fortes. Os braços dele. Por isso, anuiu.

Aidan passando-lhe um braço pelos ombros a conduziu ao próprio quarto.

Por horas

na escuridão, abraçados sob os acolchoados e cobertores, acordados, eles se deixaram ficar. Sentindo a presença física um do outro. A mente embalada pelo ritmo das respirações, as batidas dos corações. O calor humano que compartilhavam. Ela sabia que ele estava excitado. Sentia o volume contra o corpo. Mas, em momento algum, ele tentou qualquer coisa.

Arielle queria saber o que passava pela mente dele. Mas não tinha coragem de perguntar. Durante muito tempo, ela desconheceria o estranho contato do marido com o casal de lobos.

Tão calado... Mas, de súbito:

— Já fui assim como tu, meu amor — declarou num murmúrio.

— Hum? — ela não entendeu o sentido da frase repentina.

— Já acreditei que eu poderia salvar a humanidade. Já fui abolicionista — revelou. — Gastei muita mesada minha alforriando escravos velhos. Achava que podia tornar esse país justo. Fui prepotente? Sim. Mas paguei o preço quando, confundido, quebrei a cara.

Arielle estava muito surpresa. Aidan abolicionista no passado?

— Quebrou a cara?

— Sim. Eu era o líder do grupo. Planejavamos uma grande revolução na Corte — riu quase envergonhado. — Queríamos depor o Imperador... instituir a República...

— E o que aconteceu? Não houve a revolução?

Ela o escutou rir com sarcasmo.

— Não. E quase fui para uma execução sumária.

— Meu Deus!

—

Mas, não sei que influência me livrou da morte. As autoridades simplesmente me libertaram. Sem explicações. Um salvo conduto misterioso. Até hoje não sei quem pagou para que eu continuasse vivo.

— Quem te delatou?

— Meu braço direito. Fez com que a sonhada revolta que com a reunião de milhares de todo o país tomaria as ruas do Rio de Janeiro

sufocasse antes de nascer.

— Foste traído.

— Sim. E traído por alguém que eu mesmo alforriara. Aquele a quem mais eu confiava.

Arielle não tinha o que dizer. Estava estarecida com tais revelações.

— Quase fui expulso do exército. No jornal que eu fundei, o jornal do movimento, eu descia a lenha nos meus superiores. Nunca acreditei que viriam saber que eu o fazia.

— Jornal?

— Sim. Ainda circula nas capitais. Clandestinamente, claro.

Alguém ressuscitou o movimento.

Curiosa e aflita, ela quis saber o nome do jornal.

— Bafo abolicionista.

Arielle engoliu em seco.

— Meu braço direito desonrou nossa causa, nossa confiança, a cor de sua pele... No fim, era ele quem entregava os próprios irmãos, suas mulheres, seus quilombos...

— Não existe pior espécie que a espécie de traidor.

— Depois, na guerra, fui das maneiras mais suspeitas sempre enviado para a frente de batalha. Queriam me ver morto. Tenho certeza. Mas a sorte não permitiu.

Mais de dez horas lutando, matando bestialmente. Se a traição do amigo fora o início, Riachuelo fora só uma vil continuação de sua descrença no bem, na sociedade, na política. As crianças e mulheres que alvejara, afinal, lhe trancaram o coração para o mundo e lhe reacendeu a gana por retaliação àquele que simbolizava e lhe era personificação do mau. Carneiro, o próprio pai.

De toda aquela guerra sórdida, a amizade de João Assis fora a única coisa boa que carregara.

— Quem sabe não foi a sorte que te resguardou. Mas, Ele, teu Criador. Talvez haja um plano.

Aidan ignorou a suposição de sua esposa.

— Ninguém mais possui honra. As pessoas se vendem — pensou na

mãe. — Vendem sua fé, sua alma. Seus próprios filhos por patações. Tudo que lhes importa é a ganância. Ter e ter! E aparecer...
— Como a ti com essa fazenda — ela murmurou medrosa.
Aidan fechou firme os dedos em volta do braço dela.

Aqui o caso é diferente. Eu poderia comprar uma propriedade muito maior e mais lucrativa que essa. Aqui o caso é de justiça. E não fosse eu aqui, seria outro a engendrar mais mal que possas supor a existir — referia-se a Fernão.

— A justiça nem sempre é o que e como acreditamos que seja. É

tolice fazer justiça com as próprias mãos.

Em silêncio, ele deixou-se envolver pelo que ela disse.

Muito tempo depois, julgando que ela já dormisse reavivou o assunto, falando num timbre baixo e compassivo:

— Via fome, aquelas barrigas ocas consumindo-se a si próprias e percebia que meu estômago não doía tanto assim. Eu ao menos tinha minha razão. Minhas abotoaduras de ouro para barganhar... As cruzes que plantei no caminho, marcando a cova de muitos amigos, viraram depois armas de outras batalhas. Fendi a terra, abrindo-as fundo com o esforço de meus braços e jogava lá dentro aqueles corpos desconjuntados, necrosados de dias e azulados, dilacerados, pensando em cada homem que ali eu atirava em sua individualidade. Em suas viúvas, seus órfãos, seus pais que em algum lugar os esperavam. Para aquilo eu fora por anos, treinado? Nada me fazia sentido.

Depois, no Rio, ficava contente quando alguém me contava que um conhecido, ou mesmo um amigo sobrevivera. Para então, pouco depois, entristecer ainda mais, quando o que me trazia a novidade dizia que meu próximo terminara em um manicômio, um hospício...

inválido numa cama atravancando a vida da mãe, da esposa.

As manchetes dos jornais me contavam o resultado disso tudo...

As consequências “boas” da guerra... Os banqueiros, ingleses ou não,

nadando na riqueza produzida pelo sangue, pela carnificina!
Mas eu não podia me vingar deles, meu amor, me vingar dos meus compatriotas que se deixaram levar também pela ambição... Era gente demais. Eu podia sim, me vingar de outra pessoa a quem eu sabia, fizera muito mal a alguém que eu amava. E também a mim. Alguém que, com poucas palavras foi capaz de roubar o que havia de mais puro dentro de mim. Meu pai. Contatei velhos amigos e, depois, juntei meus homens de maior confiança e me dirigi para cá. Todavia

eu

jamais esperava encontrar uma promessa de inocência nessa terra que eu amaldiçoava. Essa terra que depois que tomasse, eu pretendia arrasar. Sim. Foi ter te encontrado, olhos grandes de medo e fe, naquela escadaria que me fez mudar de idéia.

Queria alforriar os escravos, despedi-los, fechar o comércio, queimar os pés de café, consumir tudo, a ponto de nenhum habitante desejar mais permanecer aqui. A ponto de não restar nem na História que Vale Campina existiu...

Mas se eu queria alforriá-los, era porque eu tinha ódio no coração. Para dar prejuízo ao montante da mão-de-obra cativa. Não pelo motivo que tu sempre insistes que eu faça... por amor... Então eu sumiria desse país, ganharia o mundo para errar até que a morte me afortunasse. Foi tua figura, limpa e corajosa, que me fez mudar de plano. Sim.

Agora vejo. Sempre enxerguei em ti, em teu espírito o homem que eu fora antes de tudo que me transformou. Que me transtornou. Mas tenho certeza que és mais nobre que eu. Mesmo que visses os terrores que vi, não perderias a fe. Por que és constante nos teus ideais. Não te envergas por conveniências. Por mais que te quis apagar, te fazer a figura simples de uma esposa resignada, tu não permitiste. Quando li teu baú de diários, não podia acreditar que foram pensamentos escritos por uma jovem de catorze, quinze, dezesseis

anos... Muito melhores que os meus. Eu que andei por tantos caminhos, assisti tantos horrores, tanto estudei.

Tive muitos anos de solidão durante toda infância e adolescência neste solar.. — ela ciciou com a voz embargada.

— Está acordada? — Aidan sobressaltou-se.

— Desde o início.

Emocionado ele a estreitou mais contra si.

— Não chore... Foi melhor assim, d'outro modo nunca teria te contado estas coisas.

— E porque não?

— Me envergonho de ter perdido quem fui... e... e... ah, tu sabes como nem sempre é fácil falar.

— Não há razão. Teus motivos são justificáveis. Não tens culpa em ter se cansado de chover no molhado. Os heróis lutam, entregam suas vidas por amor de muitos, há milhares de anos. E tudo gira, revolve, para voltar da estaca a zero. Sempre haverão motivos para a guerra e para justificar o assassinio de muitos.

— Sim! Então tu enxergas... Isto que me agasta. A Guerra do Paraguai ficou para trás, mas não será a última. E tantas outras... As novas gerações virão e a corrupção e sordidez lhes será passada.

República?

Monarquia?

Faz

diferença?

Pode

mesmo

haver

democracia se escolher entre liberais e conservadores dá no mesmo?

Lutas mesquinhas, fêrreas ou frias, por poder. Como se a disposição para a briga fosse a prova maior de masculinidade e valor! Ou de heroísmo... — acrescentou com desânimo. — Por isso quero tanto um filho... Um filho a quem eu possa ensinar tudo de bom no que já acreditei. A quem eu possa ensinar a ser livre. Ser livre, Arielle, não é coisa que se saiba fácil. Os brancos se acham livres, mas são tão servos como os negros que torturam. Não fazem o que querem.

Fazem o que acreditam ser o que os demais esperam, são gananciosos por consumir e perdem-se nesse círculo de vício servil. Quero um filho gerado nessas tuas entranhas, Arielle. Feito também do teu gene incomum. Para que eu possa conviver, quem sabe, com outros seres como tu. Livres...

— Um filho... — ela repetiu como um mantra.

Um pouco depois, a voz delicada da Baronesa cortou o silêncio da madrugada:

— Aidan?

— Fale.

— Porque me encerraste naquele maldito colégio?

— Ora... Te quero viva por muito, muito tempo. Para que se possa manter é preciso conhecer o que nos envolve. Há melhor modo de se aprender a viver como um lobo que vivendo no meio deles?

E nada explicou tanto como aquela questão que ele lhe lançou.

Capítulo XVII

MACAÍRA, desprezioso, movia o relógio de corrente por entre os dedos. Sentado na poltrona de ler, em seu escritório, esperava. Os gritos da esposa que vinham agudos e sofridos do corredor dos quartos o faziam pensar, se pudesse lhe abreviaria a dor.

Mas, como possível não fosse... Precisava de um herdeiro e, torcia para que este rebento em iminência de nascer fosse varão.

Engraçado! Achava que ficaria ansioso quando o filho estivesse prestes a nascer, andando de um lado para outro na frente da porta do quarto. Mas, não.

Realmente não sabia mesmo nada sobre paternidade. Talvez nunca soubesse, lembrou triste. Melhor manter-se a distância e esperar. Depois, cumprir seu papel.

— Empurre teu filho fora, Iaiá! — incentivou Maria Teresa juntando o sobrolho.

— Não suporto tanta dor, Bá! — Mariana choramingou.

— Mas é assim, eu te preveni... Pense no alento de segurá-lo contra os seios e tudo facilita.

Ao invés disso, Mariana pensou em Eduardo, na saudade, na injustiça do destino, na incerteza do futuro

e...

Uma pontada, dolorosamente aguda nos ossos da bacia, lembrou-a de tentar

empurrar.

Sentiu uma textura fresca e úmida lhe tocar a testa. Procurou a dona dos braços esguios e encontrou os olhos da sogra que, estranhamente, não lhe fitaram reprovadores. Pareciam conter ternura ao se deitarem repentinos nos dela, para então, embaraçados, fugirem dos dela.

Era noite escura e uma garoa fina e barulhentina encharcava os telhados faustos do centro de Petrópolis, naquele fim de semana de fins de agosto de 1876. Eduardo adormecera por volta das nove e, assim que o grande relógio de badalo que ornamentava o salão de jantar soara as onze badaladas, ele despertara assustado de seu sono tão conturbado.

Sentandose no leito, enxugou o suor da testa com as costas da mão e antes que esperasse brotou do fundo de sua garganta um rouquejo dolorido. Engolfado pela dor, sentiu como se lhe roubassem, na fração de um segundo o ar dos pulmões e lhe desconjuntassem as entranhas.

Pouco depois, assustado, arfava. Talvez estivesse mesmo precisando ver um doutor, como Leopoldo dizia. Quando terminava de pensar isso, a dor outra vez como a lhe partir e desintegrar os ossos. Não suportou e gemeu muito alto.

Pouco depois ouvia batidas na porta.

— Entre.

— Que aconteceu meu filho? — sua mãe indagou metendo o tronco pra dentro do aposento, os olhos assustados.

— Uma dor mãe... não sei.

Ela se aproximou e o fitou. Parecia normal. Aliás, as visitas que o pai lhe vinha obrigando a fazer à Amélia, pareciam surtir algum efeito benéfico em sua aparência e disposição.

— Tenho insistido tanto em chamar o doutor, mas tu...

— Sim, mãe. Tenho sido teimoso. Mas pretendo me retratar.

Assim que possível faça com que ele venha me ver.

D. Izabel Cristina sorriu contente e beijou a testa do filho.

— Boa noite, mãe — disse sentindo um alívio repentino e estranho de seu mal estar.

Nesse momento, a Bá de Mariana lhe depositou nos braços o bebê vermelho que gemia e com sua boquinha famélica buscava.

— Dê o peito pra ele, filha, para que ele saiba que és sua mãe — instruiu a sogra com a voz amável.

Ainda intrigada, mas feliz demais para pensar no comportamento da sogra no momento, Mariana abriu os primeiros botões da camisola e liberou um dos seios imensos.

— Vamos, pegue... Apanhe, é todo teu... — dizia afável para a razão de sua alegria que, com dificuldade, abocanhava, para depois deixar

escapar o bico gordinho e encharcado de colostro.

Ela estava encantada olhando para o filho,

procurando

semelhanças quando a voz macia da Viscondessa indagou:

— Como pretende chamá-lo?

— Eduardo — respondeu sem pensar e, em seguida corou, buscando os olhos da sogra.

— Imaginei — disse a mulher dúbia, mas sem perder o ar afetuoso.

— Isso se Macaíra não se opuser.

— Não. Não creio que ele fará isso — disse acariciando leve a moleira cabeluda da criança. Então, sorrindo, disse mais: — Sabe, querida...

Talvez haja uma esperança ainda para esta família. Eu não imaginaria com meus rancores e traumas que poderia vir esta esperança através do teu filho — e a fitou sagazmente.

— Meu... filho...? — os lábios de Mariana vacilavam.

— Sim — ela sorria. — Pode ter certeza que eu já amo muito essa criança. Como se fosse do meu próprio sangue.

Terminando de dizer, ela se levantou com toda sua magreza e aristocracia e deixou o quarto.

Preocupada com o que a sogra dera a entender, ela voltou a atenção para o rosto do bebê e procurou por diferenças muito gritantes dele com Macaíra. Ora, se assim fosse, seria atribuído à ela, que tinha um biotipo oposto ao dele.

Mas, talvez fossem seus olhos saudosos e apaixonados que quisessem achar no filho, um reencontro com o pai. Por isso era mais doce acreditar que a penugem vasta e negra que cobria aquela cabecinha era vinda dele, o nariz delicado

realmente não se assemelhava ao dela que saíra bem ao do velho Mariano. Era afiladinho como o do pai. Para um recém-nascido, as sobancelhas longas eram também escuras e bem pronunciadas. E o cheiro dele...

Ah! Esfregando o nariz naquela cabecinha, ela que pensou que nenhum aroma pudesse inebriá-la mais que o de seu amado, acabou por descobrir que o cheiro do nascimento desperta sentimentos inimagináveis em uma mulher. Logo seria o bebê de Arielle que nasceria e...

Batidas secas na porta despertaram-na de seu estado de deslumbre e fez com que tremesse. Só podia ser Macaíra.

Alguns dias depois, Arielle sentada em uma cadeira, lia fábulas às crianças que a escutavam atentas e contentes, sentadas espalhadas pela grande varanda e escadaria do solar. Sentiu quando uma brisa tocou sua nuca e a mão grande e quente de seu marido a acariciou ali.

Voltou a cabeça para ele, encabulada com aquele gesto íntimo diante dos filhos das escravas. Ele somente lhe sorriu de leve e disselhe que a queria ver em particular, na biblioteca.

Arielle assentiu, mandou as crianças embora com um gesto e seguiu o Barão.

— Então vêes que a vida aqui pode ser agradável, meu anjo? — já ambos na biblioteca, ele lhe apontou o pensamento que o assaltara ao vê-la ler para as crianças.

— O que queres dizer?

— Sem que soubesses, te observei a ler para aquelas crianças. O

que achas se eu te montasse uma escola? Aqui na fazenda?

Os olhos dela brilharam e o rosto todo rescendeu sua alegria.

Então, triste, voltou ao seu semblante impassível de ultimamente.

Reclinou-se em uma conversadeira colonial e deixou-se ficar, amuada.

Aidan notando-lhe a tristeza aproximouse e agachou-se junto dela.

— Que foi? Pensei que adorarias...

Ela fitou aqueles olhos claros e enxergou que ele estava confuso.

Mesmo assim disse:

— Esta idéia... É só para fazer eu me conformar em viver aqui, não é? Para quem sabe, eu fique resignada e aceite meu papel de Baronesa “bondosa” — disse com ironia.

— Não. Eu queria te alegrar, sim. Para que... para te ver superar a perda de nossa filha.

Arielle suspirou angustiada.

— Penso que nada me fará superar isso. Se não vivêssemos aqui...

— Não diga isso; não penses assim. Teria acontecido de outra forma.

— Ora, logo tu, dando a entender que não se pode escapar ao destino

— riu um risinho sarcástico.

— Também busco consolo tentando crer que não havia como escapar daquilo! O que queres? Que eu fique a me culpar? Que eu me deite junto dela naquele sepulcro? Que eu atribua nossa desgraça a um monte de pedras? — ergueu o braço mostrando a construção que os abrigava. — Afirmas que odeias este lugar, mas bem pude ver, como todos aqui te amam. Desde as crianças ao mais velho dos anciões.

Todos condoídos pela tua dor.

Ela baixou os olhos tristes. Todos a conheciam desde bebê. Os amava também. O que a fazia detestar Vale Campina era a inextirpável presença de Carneiro e seu filho Fernão. Era a ligação que aquele lugar lhe trazia com a palavra cativo.

— Só queria ser livre... — ela murmurou.

Aidan tomou a mão fria dela na sua e lhe indagou:

— E o que pensas querer dizer “ser livre”? Tenho sido “livre”

por toda a vida. Mas, ainda assim, sempre me senti preso à muitas coisas. Quando me casei contigo, apesar de muitos amigos me dizerem que eu estava me prendendo, foi quando eu mais me senti livre, acreditas em mim?

Arielle fitou aqueles olhos, incerta.

— O que queres dizer?

— Sou livre para te amar, como eu quiser. Quero te amar.

Ninguém me obriga. Não preciso dar satisfação a ninguém quanto a

isso. Liberdade é relativa. Tem haver com os desejos da pessoa.

— Mas estiveste preso, privado de estar comigo por forças externas.

— Mas por minha própria culpa. Se eu tivesse tido paciência, esperado, não precisaria ter envolvido D. Heloíse no falso casamento com Carneiro. Estive pagando pela minha estupidez e concertando as burradas que fiz. Acho que tinhas razão quando disseste que a justiça sempre acontece, mesmo que de modo inesperado. Afinal, Carneiro buscou um modo de tentar se redimir me deixando seus bens.

— E tu o perdoas? Perdoaste a teu pai?

— Nunca — ele desviou o olhar.

— D. Heloíse, Aidan? Ela é tua mãe... — viu-o fechar o cenho e se levantar, no que o acompanhou. — Só por que foi... Bem, hoje ela é mulher de respeito. Um individuo não pode arrepende-se e tomar um caminho reto? Não podes renegá-la assim. Não depois de tudo que ela parece ter sofrido por ti.

Assustou-se quando ele bateu com o muque na escrivaninha.

— Já te proibi de falar nela, não foi? — lembrou-a bravo. — Então que morra o assunto — asseverou.

— Mas, Coronel, ela é um mulher tão...

— Chega!

Triste, ela baixou o olhar.

— Vês? Não sou livre nem para falar de quem quero.

— Não quando este alguém é minha mãe, a quem vim descobrir ter sido uma mulher de vida fácil, como qualquer uma da Taverna.

Diz respeito somente a mim!

— Aidan! — ela berrou. — Não fale assim! É tua mãe! É

pecado, então não vês? Criticas mas bem que gostava de te misturares a elas! — acusou com lágrimas nos olhos, lembrando-se de ter lido nos relatos dele as menções às prostitutas com as quais se deitara.

Ele venceu a distância que os separava e apertou-lhe um braço.

— “Gostava”? Então finalmente acreditas que não as procuro mais? — indagou amargurado. — Que depois de te encontrar nunca tive outra?

— Eu... eu, — seus lábios tremeram — acredito. — Todas as circunstâncias indicavam para aquilo.

Os olhos dele se suavizaram em expressão e brilharam.

Estreitou-a contra si num caloroso abraço e disse:

— Nunca gostei de prostitutas. A guerra é tão deprimente, tão solitária que... ora, elas se oferecem, os homens aceitam e mesmo querem, ainda que por poucas horas o idílio de esquecer, embora não esqueçam, a podridão que os rodeia. Agora tu... Tu Arielle? Eu sentia adoração por teus afaços, sempre os esperando como um miserável de beira de estrada a um naco de pão. Ah, sinto tanta saudades, meu amor. Quase um ano sem tuas carícias, sem o abrigo do teu corpo...

Arielle tremeu de emoção, mas o afastou de si.

—

Sabes que também sinto tua falta, mas estou no meu resguardo.

— Falta pouco para que finde — argumentou quase sorrindo.

— Não importa. Só consentirei em mim, um homem livre de amarguras. Não te quero enquanto achares que só podemos sermos felizes nesse lugar, nem tampouco enquanto odiares tua mãe...

— Tu és louca. Louca, chantagista e tirana — ele a acusou vendo que a assustava. — Mas a culpa disso é minha que te deixei saber naquela maldita ilha o poder que exerces sobre mim. Pequena hipócrita, isso que és! — disse com os lábios contra os dela, tentado por tomá-los com toda a fome que sentia.

— Chantagista, hipócrita? — ela repetiu horrorizada.

— É — concordou esfregando os lábios e o nariz no colo que o decote evidenciava.

— Ora! Posso ser. Mas a chantagem é a única arma de que disponho, já te disse. E o Senhor, que usou de tua autoridade para obrigar-me contigo a casar!

Ele a fitou. Inspirando desgostoso, disse:

— Sempre isso, não é? Nunca vais entender meus motivos, me perdoar...

Se ele soubesse que entendia. Mas como demonstrar tanto em poucas palavras? Como abrir mão do pouco que tinha para livrar-se de viver na terra que acreditava fazêlos infelizes?

— Não, não... Sou feliz por isso — apressou-se em contrariá-lo.

— Admito que tua chegada em minha vida, com tudo o que isso representou, tua incursão em Campina dos Lobos, fez tudo diferente e maravilhoso... — então estremeceu ante o modo que os olhos dele lhe sorriam pelo que ela revelava.

— Arielle... — disse seu nome emocionado.

— Fale.

Estava tão engolfado de amor por ela, que para não expor-se mais que já estava, tocou em algo que lembrou, que o vinha perturbando:

— Eu tinha uma pasta em couro. Uma mala grande...

Ela engoliu em seco, soube o que viria.

— Hum?

— Bem, sei que sabes do que falo. Onde está?

— Está no quarto.

— Atrevida! — ele censurou-a com olhos semicerrados.

— Não menos que tu — ela revidou impetuosa.

Ele afastou-se e foi fitar o silêncio das estrelas e grilos, além da janela. Quanto e quanto aquela mulher possuía de si! Ao menos a amava, e que amor perigoso que tanto o desnudava. Ao menos, nada lá havia escrito sobre sua antiga paixão...

Desacreditado, destruíra tudo, todos os vestígios antes de ir para a guerra.

— Vês? — falou de repente. — Ninguém foge para quilombo algum aqui, são felizes aqui. Têm alimentação, saúde, disciplina...

— Mas e suas almas meu bem? Dê-lhes a alforria, todo mundo merece livre arbítrio. Tu que não crês em um divino, não podes querer ser o divino deles.

— E não quero! — ele se adiantou ofendido. — Tens noção do grande prejuízo que seria alforriar toda essa gente?

Como dizer a ela que libertá-los era deixá-los escravos ainda?

— Prejuízo? — ela repetiu erguendo uma sobrancelha. — São pessoas. Cada uma delas com um coração, desejos, sonhos.

— Não é fácil como parece. Eu seria pressionado. Forças poderosas que me vissem declarar-me assim um abolicionista insano, ao alforriar meus cerca de quase dois mil e quinhentos escravos buscariam se vingar. Algo assim teria grande repercussão em todos os meios. Se vingariam, claro... Mas não em mim... E sim em quem me faria sofrer muito mais. Minha esposa. Minha única família. Então não sabes, ainda não enxergas que és meu calcanhar de Aquiles, Arielle? — indagou agoniado.

Os olhos dela marejaram e quando ela baixou o olhar, as lágrimas desceram lavando a face.

— Como é complicado...

— Sim. E ainda muito mais que imaginas. Tentei te dizer, que já fui um idealista inconsequente no passado. A abolição era minha paixão. Mas antes, eu não tinha ninguém por quem me preocupar.

Hoje...

— Mas Aidan! Poderíamos ir viver na Corte e...

Mas ele a cortou:

— Não quero meus filhos crescidos em meio à hipocrisia. Quero que cresçam no campo.

— Filhos? Filhos? — ela tinha a voz embargada. — Achas mesmo que serei capaz de ser mãe?

Ele a abraçou.

— Não pense assim. Somos capazes de tudo quanto venhamos a querer.

Se era assim porque não era capaz de fazer vir a abolição? Aos modos que, apaixonado, Eduardo tanto apregoava? Mas era inútil discussão.

— O mais perto que tive de o amor de uma mãe foi Saquina quem me deu.

— Eu bem imaginava que tua mãe não aparentava ser uma mulher muito extremosa. Mas quem sabe, estamos aqui para acertar os erros de nossos pais, hum?

— Presunção tua pensar assim, mas quem sabe...

— Falar nisso, me recordo do motivo que na verdade te chamei para conversarmos na biblioteca.

— Ora, não era a escola?

— Não. Tua mãe telegrafou. Está em São Paulo e a qualquer momento chega de trem à Vale Campina.

— Minha mãe? — murmurou lívida. — Vindo para cá?

Apesar das mágoas que guardava, das cenas repentinas dos retrospectos que a assaltaram quanto à severidade da educação de Madame Suzanne, Arielle se sentia muito feliz com a possibilidade de vê-la. Sentia-se mesmo?

Chorando silenciosa e aflita sob as colchas de cetim e seda, D.

Izabel Cristina ouvia os berros que vinham do quarto do único filho.

Afonso, seu marido, asseverava à Eduardo que o queria vê-lo casado com a prima em segundo grau, Amélia, antes das festas de fim de ano.

— Eu não quero e não vou me casar! — ele gritava incansável, em um tom grave que D. Izabel desconhecia, vindo do filho.

— Então me diga! — Afonso olhou para a figura do filho que se aprofundava em uma poltrona. — Me diga com quem queres te casar.

Qualquer

uma.

Apresente-me

a

causa,

o

nome

dessa

tua

intransigência em aceitar Amélia, que te deixo em paz!

Eduardo fitou o banqueiro de baixo para cima e sussurrou triste:

— Mariana...

— O que? Que foi que disseste?

— Esqueças... Não... existe ninguém.

— Então não há o que contestar. Não será um mancebo impertinente que vai atrapalhar a fusão do meu banco com o de meu primo. O noivado já foi firmado ontem a noite, não há o que voltar atrás.

Eduardo não disse mais nada. Já gritara, ameaçara deixá-los. Mas sabia que era inútil transgredir a qualquer ordem de Afonso d'Anjo Maia. Por isso ficou-se mudo. Acariciando o próprio bigode, o pai ainda lhe disse:

— Te dei a chance de fazer algo por si próprio. Mas foste trancar a medicina.

— E seu eu retornasse?

— A essa altura? No meio do semestre? Impossível. Ademais, chega disso. Um d'Anjo Maia trabalhar servil quando tem um império financeiro para aprender a administrar. Estou cansado, meu filho.

Não sou Mauá que cuida facilmente de tudo que tem espalhado pela América Latina, sozinho de sua mesa. Preciso de tua ajuda.

Eduardo suspirou pesadamente. Era tão jovem! Mas sentia-se muito idoso. Vinte anos e mais nenhum anseio como outrora. Sem mais aqueles sonhos de revolucionar a sociedade.

Viu quando o pai disse mais alguma coisa, mas não ouviu.

Vendo-o deixar o quarto caminhou para a cama e pensou no médico que o visitara alguns dias. Escutara-lhe as costas com aqueles instrumentos fônicos de vidro, fizera-lhe praticar alguns exercícios

respiratórios. E, no final, com um semblante consternado, dissera: — É. Temos de investigar.

Tão jovem e tudo que sonhava era vê-la, uma vez que fôsse mais!

Desde aquela carta, que

noite após noite se torturava com a

possibilidade de poder encontrá-la em Vale Campina.

Só vê-la. Aqueles olhinhos que tanto amava. Não... deslizar o nariz por aquele pescoço de alfazema. Bateu com os punhos na cama.

Sabia que não se contentaria só de vê-la. Precisaria amá-la, com a loucura daquelas tardes, daquelas madrugadas furtivas.

Suspeitava que Mariana fôra a única coisa de bela, verdadeira e pura que tivera na vida. Tudo que acreditava, suas máximas e ideais ainda eram os mesmos.

Mas, atitudes estranhas por parte do tesoureiro do Bafo, lhe deixaram com uma estranheza tão grande, pegando-o num momento de tanta instabilidade emocional, que simplesmente preferira abandonar tudo. Sua mente, claro, não sossegava. Por isso ainda redigia seus artigos, os quais ele remetia a Leopoldo. Fora isso, sua realidade, se reduzira ao espaço de seu quarto ali na casa dos pais em Petrópolis. E

às lembranças...

Acendeu um charuto e ficou a fitar o camafeu com a imagem dela a lhe fitar com ternura.

Tinha de fazer algo de sua vida, ela viria à província afinal! Mal podia acreditar... Saber disso lhe injetava ânimo, vigor!

Era um homem... e jovem! Veria Mariana em breve e tinha que agitar seus dias de espera. Não deixaria que uma maçã podre

deteriorasse as demais. Se o tesoureiro do Bafo não possuía escrúpulo o baniria do movimento e, além disso, havia o antigo sonho seu e de

seus amigos de levantarem-se pacificamente pela abolição fronte a faculdade de direito, no largo São Francisco, na província de São Paulo.

Janeiro seria uma boa época? Perguntou-se.

E assim foi para o mancebo nos meses que se seguiram.

Abandonou o ópio que lhe consumia a saúde, deixou de embriagar-se para esquecer, envolveu-se em muitas atividades; a retomada gradual de sua liderança no movimento que relegara a Leopoldo, discursos na Escola de Medicina, vasta produção literária, muitos Manilhas mais, o lenço que já enxugara as lágrimas da amada sempre junto ao peito e as noites conflagrado no leito a sofrer por ela...

Aidan irrompeu porta adentro, batendo apressado o passo pela sala do solar e, inesperadamente, deu com a esposa que, sentada numa marquesa, tecia renda com uma navete de madrepérola. Vê-la, apesar do semblante um tanto entediado, muito o alegrou, já que era justo dela que iria à procura para falar.

Ainda não era hora do almoço e a Baronesa não entendeu o que o marido já fazia ali.

— Porque estás sorrindo? — Arielle, curiosa, lhe indagou.

Conduzindo-a com uma mão em suas costas ele a fez sentarse num outro sofá.

— Quando eu vinha do telégrafo para cá, tive uma idéia. Na verdade, só uma coisinha para trazer risos outra vez para os cômodos desta casa. Os sentidos exaltados, ela insistiu:

— E o que seria?

— Quero um sarau. Com tudo que se tem direito nessas ocasiões... — gesticulava. — Um sarau, não. Um baile. Desses de três dias, em que se convidam todas as gentes, acende-se todos os cômodos...

— Achas mesmo que uma festa para alegrar um bando de interesseiros vai suprir a falta que faz Madeleine? — ela inquiriu cheia de amargura no coração.

— Nem que eu fosse um crápula — respondeu, aniquilado com aquele

juízo; a feição tendo se tornado dura. — Disse que queria outra vez risos ecoando na casa. Não disse que eram de contentamento por essa perda que, tu sabes, para mim foi mais dura que para qualquer outro — lhe enviou um olhar dúbio.

— Estás me acusando de que não sofro por ela?

Ele ergueu um sobrolho, sério.

— Vamos, responde, meu marido!

— E tu, esposa, me acusaste de querer apagar a memória de nosso filho perdido com uma festa. Acreditas mesmo que eu seria frívolo a esse ponto?

Arielle baixou o olhar.

— Desculpe.

— Desculpas aceitas — disse erguendo-lhe ternamente o queixo com uma mão. — Sei o quanto sofres, minha pequena. Só deixei esta idéia maluca desenvolver porque achei que gostarias. Quero ver outra vez um sorriso neste teu rosto adorável.

Fez imagem dela, faces afogeadas, rindo despreocupada na Ilha da Jangada.

— Sabes, não? Quando poderei sorrir de verdade.

— De novo esta história, não. Quando iniciaste com isso, de irmos embora daqui de qualquer jeito, logo que chegamos de Recife, nunca sonhei que irias tão longe. Deves detestar mesmo esta fazenda, não?

— Com todo meu empenho — ela o fitou adiantando-se, os olhos transbordando de esperanças.

— Sabes, confesso que também detesto. Mas alguém tem que quebrar a birra, a “maldição”.

— Aidan. Não somos teus pais. Não temos de viver o que era pra eles terem vivido aqui.

Desconfortável, ele voltou ao assunto do baile.

— Quero que seja tudo fúturento como as festas de minha mãe... — embarçou-se por tocar no nome da mãe que jurara esquecer.

— Aidan...

— Hum?

— Terás de me perdoar, mas não te obedeci.

Tenso, ele perguntou:

— E o que foi que fizeste dessa vez, mulher desobediente?

— Não te zangues, mas não consegui deixar de me corresponder com Heloíse. Escrever cartas era dos únicos passatempos que não me entediavam enquanto estiveste no quartel e...

— Está bem, está bem — ele disse aliviado. — Acreditas mesmo que eu já não sabia?

— Ora, — ela estava ultrajada — então o Senhor lê minhas correspondências?

— Não, por nunca ter encontrado uma suspeita. Conhecer os destinatários que minha esposa se comunica também me basta.

— Não posso nem ter privacidade... — ela lastimou balançando a cabeça.

— Para que privacidade? Não te lembras do que te disse uma vez? Que eu era todo teu? Que já não sabia onde começávamos e terminávamos? Nada mais justo que sejas toda minha!

— Não leio tuas cartas! — ela argumentou tentando ignorar o calor que o que ele dissera, somado ao sorriso aparentemente cínico, lhe causava.

A abstinência vinha se tornando insuportável.

— Se quiseres pode fazê-lo. Não me importo nem um pouco.

Não tenho nada a esconder e... — ele pigarreou desconcertado.

— O que foi?

— Acabo de me lembrar. Abri uma carta tua, uma vez.

— E que carta foi? — quis saber, começando a ficar brava.

— Tu me darás razão. Era endereçada a tal Eduardo... d'Anjo Maia.

— Ah, o maldito ciúme sempre! Já te falei de Eduardo bem umas duas vezes e sempre te esquec...

Ele erguia as mãos em defensiva e a interrompia.

— Lembro-me muito bem do tal! A questão que me deixou intrigado, o que podia querer minha esposa com um d'Anjo Maia?

Sou parceiro de Afonso d'Anjo Maia em investimentos e outros

negócios...

Como as feições dela mudassem várias vezes de ofendida, para entendida, e afinal para aparentemente receosa, ele quis saber:

—

Que foi esposa? Diga-me como conheceu o filho do banqueiro. Tu não saías do colégio quando moravas no Rio, ou saía?

Ela tentou desconversar falando do baile, mas, ele insistiu:

— Em que ocasião o conheceu?

— Leste a carta, não? Viste que ele ama é minha amiga. Pronto.

Não há com que se preocupar. Sou apenas intermediadora.

— Sim. Mas não quero imaginar-te, perambulando pelo Rio, correndo todo tipo de perigos...

— Conheci-o no sarau da Imperatriz — afirmou pensando em como, verdadeiramente, conhecera o estudante. — Todas as garotas, de família influente, internas no colégio foram convidadas. Lá fui apresentada a ele e a uma dezena de outros rapazes — Arielle sorriu por dentro, ciente que o provocava. Tudo o que o viu fazer foi endurecer as expressões. — Que eram muito respeitosos por saberem cumprimentar a esposa do Coronel de Henriques. Quanto a Eduardo, como sabes, ele se apaixonou por Mariana, minha amiga. Naquela mesma noite. Desde então se correspondem.

— E ela é uma mulher casada — observou.

— Sim. Mas, se amavam antes do pai dela obrigá-la a casar-se com um velho Visconde.

— Bem, não é de nossa conta. Melhor que pares de alimentar esse amor proibido intermediando-os... Não levará a nada.

— Então não te lembras do conforto que simples palavras podem trazer a um coração saudoso?

Na hora, ele lembrou-se de seus dias e noites de solidão e saudade, confinado a solitária do quartel, a atmosfera pesada do lugar, ansiando por uma carta da esposa, breve que fosse.

— É. Pode ser... — ele teve de concordar entre dentes. — Mas não

quero teu nome envolvido. Se isso vem a público, te quero fora dos mexericos.

As pessoas sabem ser muito maldosas quando querem, Arielle. Aproveitando que ele descuidara do tópico das saídas dela enquanto ela estivera no colégio, voltou a falar sobre o baile, como se estivesse empolgada. Ele não podia sonhar com os encontros secretos dos jovens abolicionistas e pensadores! Mesmo que ele tivesse sido um no passado, não era mais. Mesmo que fosse, sem qualquer dúvida, não seria bom que imaginasse saber a esposa andando pelo centro do Rio de Janeiro pelas madrugadas. Não antecipava, apesar de tudo, a reação dele se viesse saber.

No final daquela semana, pelo fim da tarde, Joanninha e Arielle combinavam, no quarto da última, empolgadas detalhes para o baile.

As pessoas que não poderiam deixar de convidar, os vestidos que mandariam coser, as cores, enfeites e fazendas que haviam escolhido.

Foi aí que, de repente, a Sinhazinha ficou-se muda e distante.

Arielle falava e falava. Quando notou que falava sozinha, primeiro achou-se uma tagarela. Em seguida, notou o silêncio e acanhamento repentino da cunhada.

— Que há Joanninha? — indagou parando de frente dela, que estava sentada à beira da dormideira.

Desatando num choro temperamental, Joana falava frases desconstruídas e não se fazia entender. Arielle, paciente, acalmou-a até que se aquietasse. Depois tocou a sineta e, tendo Léia prontamente surgido do nada, mandou que preparasse um chá de camomila para Joanninha.

— Agora me conte o que há... — falou suavemente, enquanto segurava na sua a mão delicada da cunhada que considerava uma irmã.

— Acho... — fungou. — Acho que estou grávida, Arielle.

Hirta, Arielle perdeu a cor. Imaginou todo tipo de tragédias: o marido envolvido em um duelo; Tiago, o cunhado querido, brigando com o Barão pelo direito de duelar em honra da irmã desonrada.

Outro velório, outro enterro ali em Campina dos Lobos... Procurou se acalmar.

— Joaninha, me conte direito. O que aconteceu para achares isto?

— Minha regra está atrasada.

A Baronesa engoliu em seco.

— É um grande indicativo. Quem Joaninha, quem te deflorou?

Tu permitiste? Ou te tomaram a força?

— Não! Não... — ela repetia horrorizada — não! Não fui deflorada.

Acontece que... ele me beijou, bem aqui — levou as pontas dos dedos aos lábios sorrindo enlevada.

— Só isso? Mais nada?

— Como só isso? Foi a experiência mais...

— Eu sei, eu sei — ela a interrompeu lembrando-se do beijo que Aidan lhe dera há tempos, depois de valsarem, no salão nobre do navio. — Mas, Joaninha, tu devias saber que um beijo não é suficiente para um rapaz engravidar uma moça.

— Não? Oh, mas que alívio — ela suspirou. — Como temia por meus irmãos e... Pelo professor.

— Professor?

—

Sim. Desde que o Coronel o dispensou, ele tem me encontrado a saída da igreja. Mês passado ele disse que tinha algo a me dizer e me puxou para o confessionário. Lá... — Joaninha sorriu saudosa. — Ele me beijou, de uma modo que nunca vou esquecer.

— Joana, ele te tocou? Desrespeitou-te de alguma forma? — Arielle ainda estava preocupada.

— Não — a cunhada apressou-se em negar. — Ele é um cavalheiro.

Depois me pediu perdão. Mas acontece... — ficou, de súbito, muito turbada. — Que ele foi para a Corte e disse antes de ir que meu irmão

nunca aceitaria que ele me cortejasse, ou que nos casássemos. Por que ele é um erudito sem posses e não tem nada a me oferecer — Joaquina chorava mais lágrimas silenciosas.

Arielle a abraçou.

— Não chores... Então foi assim? Acabou?

— Sim.

— E achaste mesmo que um beijo te engravidaria?

— Ora, não sei... Imaginei que sim. Ninguém quer me contar nada sobre esses assuntos...

— Como tu és inocente, Joaquina. Mas não te condeno. Já fui assim...

— sorria ternamente.

— Olhe para mim — Arielle encontrou os profundos olhos castanhos de Joaquina. Às vezes, tinham um quê dos olhos do irmão mais velho. — Se ele te amar, voltará para ti. Tenho certeza.

— Não acredito... — ela suspirou. — Ele tem medo de teu marido.

— Mas o verdadeiro amor, é capaz de coisas que desconheces

Joaquina. Confie em mim. Mesmo assim, conversarei com Aidan, sim?

Com os olhos brilhando de esperança ela anuiu e recebeu o lençinho que a Baronesa lhe estendia.

Em seu quarto, e um pouco nervoso, Tiago tentava escrever uma carta em italiano. Era complicado dizer o que estava sentindo, mesmo com a ajuda do dicionário à frente. Não se cansava de olhar para ela...

Nunca frequentara a igreja, mas desde a missa de sétimo dia do irmão tísico dela, nunca mais faltara um domingo que fosse.

Todo o tempo era dedicado em admirar aqueles cabelos brilhantes e escuros, cheio de cachos que ela fazia questão de esconder sob um lenço de crochê. Ora ou vez, ela virava a cabeça por sobre o ombro e, encabulada, procurava-lhe o olhar.

Benito

não pudera ser salvo. O único filho varão dos Merindellos estava num estágio avançado de febre amarela e durara, depois da chegada de sua gente à Vale Campina, não mais que dois dias. Tentara com todos os esforços, mas nada pudera fazer pelo garoto. A família o fora buscar em Campina dos Lobos e o sepultaram no cemitério da matriz.

Não podia esquecer o choro alto daquela mãe, às lágrimas e suspiros de Signori Eustáquio — o pai. Uma demonstração efusiva de sentimentalismo como Tiago nunca vira. Os italianos pareciam ser muito extremosos e gostarem de demonstrar seus sentimentos. Mas procurava entender. Já se achavam servis em uma terra estranha, ainda, à chegada, perdiam o único filho homem!

Não conseguia tirar da cabeça os olhos castanhos, inundados de lágrimas que, logo, foram lavar a face corada da jovem a qual embora não lhe saísse da mente, desconhecia o nome.

Tudo que sabia era que trabalhava na colheita de café de seu presumível futuro “sogro”. — “Há, há”. Deixou escapar um riso curto e sarcástico. Nada no mundo o faria entrar para a família do Conde depravado e explorador. Não fazia nem duas semanas que os imigrantes haviam chegado e o jovem Doutor já atendera casos de insolação, desidratação, para não pensar nos calos que enxergara nas mãos delicadas da linda italianinha, quando no último domingo, parara à porta da igreja para vê-la passar.

Afinal, depois de amassar a quarta tentativa de uma carta, decidiu por um bilhete curto e objetivo no idioma ítalo.

Signoritta,

“Ficaria feliz em saber o teu nome e se queres ser minha namorada. Também, me seria grande alegria se aceitasses o convite de comparecer ao baile que será oferecido dentro de um mês pelo Barão e a Baronesa de Vale Campina.”

Com carinho,

Dr. Tiago Carneiro.

Ah, assim ficou bom, pensou Tiago. Direto e objetivo. Num súbito, um pensamento lhe assomou à mente. Um não; dois. O pai permitiria que ela viesse à Campina dos Lobos na noite do baile? Se sim, como se comunicariam? Não sabia mais que meia dúzia de palavras em italiano...

Semanas depois receberia um envelope com um bilhete e um brilhante e negro cacho de cabelo. E as duas faíscas que incendiariam aquele amor estariam lançadas.

“Sì, piccolo dottore
Dottorino? Doutorzinho...,
Sono contento che l'invito e farò del mio meglio.”

Giulia Federica Merindello

Capítulo XVIII

SUBSCREVENDO CONVITES, Joanhina e Arielle passavam muitas horas juntas. Fosse à mesa do salão de refeições, à varanda ou numa mesa montada sob um frondoso ingazeiro que estava plantado no meio do jardim, ao lado direito do solar.

Não era raro falarem do passado compartilhado por ambas e Arielle tinha de cuidar para não deixar escapar detalhes de sua vida conjugal com o Barão. Sofria, por que ele não a procurava mais como fizera no passado. Confiava nele, que já dera muitas provas de que poderia ser um marido fiel.

Contudo, a falta de insistência por parte dele em tê-la a

preocupava. Acendia antigos medos, velhas desconfiças. Porque conhecia como o corpo dele era feito de brasas e se perguntava como

ele suportava delongado tempo sem satisfazer-se. “Ah, que seja desmedido autocontrole!” — Afirmava-se em pensamento.

— Me passe teu estojo de tinta, Joana. O meu está findo — pediu, o olhar perdido nas formas gozadas que manchas de sol formavam sobre o papel.

Tendo sido atendida agradeceu e disse:

— Assim que terminar esta dúzia, paro por hoje. Meus dedos já doem.

— Ah, sim. Eu também.

Raras noites ele lhe batia à porta do quarto, como àquela outra e lhe pedia para que dormisse com ele. Mas nada tentava. Bem, ele avisara... ela teria de procurá-lo se quisesse reacender o leito conjugal com o ardoroso incêndio que já os envolvera.

— Achas que Aidan parece indiferente para comigo, Joaninha?

— inquiriu arrependendo-se em seguida.

— Penso que ele parece como sempre. Para alguém reservado como ele, sempre demonstrou ser demasiado afetuoso para contigo.

A Sinhazinha respondeu isso pensando na noite em que o Coronel quase “enfartara” em seu desespero vendo a esposa à beira da morte. Ele pedira aos irmãos, Tiago e ela, Joaninha, que não contassem nada a Arielle. Não dissera o motivo. Mas Joana acreditava que era por medo de a demonstração aberta de sentimentalismo abalasse sua virilidade na visão da esposa. Que tolice, Joaninha considerara. E era mesmo uma tolice que Joaninha deduzisse tal. Porque isso estava longe dos receios de Aidan, que tinha plena confiança no conhecimento que Arielle fazia de sua masculinidade. O receio dele era ela ter maior conhecimento do quanto era importante para ele. Do quanto a possibilidade de perdê-la lhe desesperava beirando a perda da razão e, assim, mensurar o poder que exercia sobre a vida dele.

— Desde que alforriei Flor, nunca mais nos mandou notícias...

— Arielle comentou ressentida, buscando por outro assunto.

— Flor. Eu juro que a amava como uma irmã...

— Mas ela é tua irmã, Joana.

—

Não desminto.

Mas

eu considerá-la assim é outros

quinhentos.

— Ora, nem parece tu a falar... — Arielle estranhou. — Tão caridosa, religiosa...

Joaninha deitou a pena sobre a mesa e afôfu os canudos cor de mel de seus cabelos. Os olhos tristes lhe fizeram voltar anos no passado.

Talvez já fosse hora de revelar a alguém o que vira.

Tinha onze anos e, munida de sua sombrinha, gostava de passear pela fazenda, sonhar acordada. O sol cintilava os vergéis maravilhosos que sempre ornamentavam Campina dos Lobos e, a Joaninha criança, entregava-se ao deleite dos aromas primaveris daquele ano remoto. Então, inesperadamente, ouvira gritos que vinham do anexo sul.

Correra para lá, julgando ser Fernão, empreendendo qualquer maldade contra Arielle, como era de seu feitio. Uma vez amarrara-lhe a uma árvore com os pezinhos sobre um formigueiro. Não fosse por Tiago chegar à justa hora...

Mas quando lá chegara os gritos que ecoavam de dentro do grande depósito de sacas de café não eram os da filha da governanta.

Eram os de Flor... Cerca de cinco anos mais velha que a Joaninha. Fernão se achava atracado a ela, que mantinha cativa sobre uma pilha de três gordas sacas. Não esquecia suas palavras:

— Meu batismo vai ser contigo mesmo! Bom, não? Farás de mim um homem eu farei de ti uma mulher. O que muito me surpreende que ninguém o tenha feito ainda...

Flor, nos seus dezesseis anos se debatia, lutava, gritava, arranhava e Fernão que parecia se divertir mais com aquela resistência, a cada minuto.

— Ora, mas devias era estar lisonjeada...

— Seu nojento! — a escrava cuspira no rosto de seu Sinhozinho.

— Cadela maldita! — ele devolvera-lhe seguido de um safanão que atingira o maxilar. — És louca? Como ousa se dirigir assim ao teu dono?

Joaninha chorava baixinho quando o golpe a fez pular de susto.

A voz seca e irada do Barão Carneiro soou pelo espaço enorme que cheirava café:

— Seu moleque, como ousas? Ela é minha...

Mas Joaninha não terminara de escutar a frase. Horrorizada, acreditara que seu pai declarava que Flor era mais uma das mulatas castas que transformava em amantes.

— ...filha. — o Barão terminara. Mas Joaninha, que corra, estava longe. As lágrimas e asco a lhe tomar conta. Por dentro e por fora.

— Eu era tão jovem, Arielle — justificava-se com voz abalada.

— E eles tão vis e nojentos! Depois os vi, meu pai e Flor, entrarem sorrindo dentro do solar.. Logo ela, que considerava tanto, que me ensinava tantas coisas... Como tu.

Arielle tinha seus grandes olhos verdes bem cravados na cunhada.

— Joaninha, eu conheço esta história...

— E vais dizer que não a condenas... Porque foi aliciada...

— Ouça. Interpretaste tudo errado. É uma atitude estranha vindo de Carneiro, mas... Olhe, Saquina me contou esta história e estás equivocada.

—

Então esclareça de uma vez! — os olhos de Joaninha imploravam mais que a voz.

“Ela é minha filha!” — Carneiro bradara. — “Tua irmã”. E

afastara Flor de perto de Fernão, a quem sabia estar louco por emancipar-se de sua virgindade. Aquela mesma noite o levará às Damas da Taverna.

— Teu pai podia ser, me desculpe dizer, um louco em infinitos aspectos. Mas de crimes horrendos como incestos ele não poderá ser acusado no dia do juízo.

Viu que Joaninha chorava lágrimas mudas.

— Como fui injusta...

— Tu não imaginavas... Tu és doce Joana. Que outra Sinhazinha colocaria uma escrava no lugar de irmã mais velha? A maioria das princesas do campo são umas afetadas esnobes!

— Devo perdão a ela. E se ela nunca mais voltar? Ignorei-a deliberadamente por anos. Não posso viver com essa culpa — asseverou lembrando-se das histórias surpreendentes que Flor lhe contava, as músicas, os segredos que aprendera da avó africana.

Segredos de antiquíssima linhagem, os de Luanda.

— És tão boa, carinhosa e pacífica Joana! Às vezes duvido que sejas uma Carneiro! E que és irmã daqueles três de sangue tão quente.

Joana forçou um risinho.

— Minha amiga...

— Penso que uma hora ela e o Tenente aparecem — disse, selando um dos últimos convites. — Aidan disse que ele queria agradecer a alforria pessoalmente.

— Flor teve sorte não é mesmo? — observou Joaninha. — Pelo que disseste o amigo de meu irmão a ama de verdade...

— Com efeito!... Quanta sorte... — Arielle concordou feliz; os olhos sonhadores. — Renegou toda a família, a sociedade, a herança para se casar com ela. Isso que é amor de verdade!

Naquele momento chegava uma carruagem pela larga alameda de palmeiras. Viram as duas quando o auto parou e de dentro desceram Aidan e um homem alto, de porte atlético e vestimentas excêntricas.

— Quem será o estranho? — indagou com extrema curiosidade Joaninha à Baronesa.

— Imagino que deva ser o pintor que o Coronel disse que contrataria para pitar o meu retrato e os afrescos nas paredes dos salões. Tu sabes, para o baile.

— Oh... — ela entreabriu os lábios, admirada do talhe garboso do artista que já subia as escadarias com o Barão no seu encalço. — E

como se chamará ele?

— Pablo... hum, não me lembro do sobrenome! Pablo... — Arielle instava recordar-se. — Pablo Lucientes! É isso.

— Já encheste a banheira com água quente como te mandei? —

Mariana inquiriu, permanecendo de costas, à escrava.

— Sim, Sinhá.

A luz branca da manhã nublada coava-se pelo cortinado diáfano e irradiava-se sobre a mesa escura e bem lustrada. Pela fresta a natureza revelava-se deslumbrante além do campo. Embaladas pelo bater louco do vento os galhos e folhagens das árvores balançavam numa dança alucinada e desconstruída. Levantandose da mesa ela cerrou o diário grosso e encaminhou-se para o berço do filho. Com cerca de um mês e meio, o pequeno Eduardo era um encanto. Quase não dava trabalho. Choro mesmo, só ouvira nas críticas horas de cólicas.

Tomando-o do berço, cuidadosamente nos braços, apertou entre o polegar e indicador as bochechas rosadas e contentou-se de ouvi-lo gemer alegrinho. Ele vinha ganhando peso a cada dia. Mariana fazia questão de ela mesma amamentá-lo com o leite farto de seus seios.

Isso além de lhe proporcionar um prazer maternal, impedia Macaíra de tentar investir sensualmente contra ela. Jurou que nunca mais o permitiria, o que ele lhe fitara incrédulo.

Aquelas terríveis duas vezes seriam sempre demais.

Deitando o filho no leito, não pode evitar o pensamento de que, sim, ele era muito parecido com ela mesma, mas possuía um ar de

suavidade e ternura que conhecera no pai dele.

Livrando o corpinho macio das roupinhas sorria, imaginando reencontros com o amado. Ele a fitaria com aqueles olhos cheios de amor, ela ergueria os braços com aquele embrulhinho. Eduardo se aproximaria e, emocionado, tomaria o filho nos braços e proporia que fossem viver juntos, muito longe de tudo o que os separava.

Afastou

as

fantasias

e,

num

gesto

displicente,

beliscou

delicadamente as dobrinhas da coxa, então, o cobriu com a manta.

— Quarto abafado, não, Duduzinho?

Atravessou o quarto, escancarou a janela para que arejasse.

— Zulaiê! — gritou, depois para o corredor.

Onde se metera ela, agora que mais precisava de sua ajuda?

Já sem paciência, tomou a criança e seguiu para a sala de banhos.

Retirando a toalha e apoiando-a no ombro agachou-se à banheira de louça branca.

Cuidadosamente,

desceu

o

corpinho

do

filho

para

que

submergisse até o pescoço. Os olhinhos escuros a fitavam. Olhinhos alegres e pretos; pupilas que a consolavam. Enrolando-o na toalha, suspirou. Cuidava do

filho pessoalmente e não o entregava ao

cuidado de amas-de-leite. Era agradável ser mãe, lhe ocupava a mente e o tempo.

Pouco depois o bebê estava vestido com o conjuntinho que ela mesma tricotara. Amamentou-o fitando com imensa ternura até que o leite escorresse pelo cantinho da boca. Como sempre depois de alimentado, ele dormia. Logo repousava no bercinho de balanço que ficava aos pés da cama da mãe.

Mariana voltou a escrever em seu diário e esqueceu-se do filho adormecido ali, sob a corrente de aragem fria, rija e constante que insinuava-se para dentro.

Aidan não sabia de nada. Mas, logo tomaria conhecimento.

Arielle nada temia. Apesar do mau gênio do marido, com o passar do tempo, a Baronesa descobrira que, contra ela, quando contrariado ele não seria capaz de nada muito drástico. E como era de receio dele, ela usava isso em favor de seus propósitos.

Braço dado com o de Joaquina ela aspirou o ar da manhã. Estava morna a brisa suave, uma mistura de terra úmida com graxa. Tiago, além delas, mais próximo dos trilhos, fumava e, absorto, não percebia

que era observado.

“No que ele tanto reflete?” — perguntava-se Arielle.

O apito estridente do trem chamou sua atenção. Ficou de pé e com o coração acelerado se pôs a esperar a sogra.

Assustada também pelo grito da locomotiva, Joana abandonou suas lembranças da última tarde em que Pablo, o pintor, lhe falara com sotaque tão carregado a cerca de sua arte, e das calles de Madrid, Sevilla y Saragoza, e se voltou para a cunhada.

— Não te preocupe — Joana buscou tranquilizá-la. Notara o tremor que a tomara. — Imagino que ele vá é se emocionar com a visita da mãe.

— Bem, vou indo — avisou Tiago se aproximando das duas que acenaram com a cabeça em concordância.

Iria para o prédio onde seguiam frenéticas as reformas para o consultório e botica que iria colocar na principal rua do centro de Vale Campina. No caminho haveria de passar pela casa de moda frequentada pela melhor sociedade feminina do arraial. Estariam prontas as luvas que encomendara? “Frivolitê, é o que há de mais delicado e encantador”. — Recomendou Arielle. De qualquer modo, qual renda fôsse, tinha certeza que faria o gosto de Giulia. Era tão feliz namorando-a. Qual mimo ou flor não a encantava? Um pouco a frente parou e disse:

— Sabem onde estarei no caso de qualquer emergência.

Tendo ele partido, Arielle, ansiosa com o motivo da ida até a Estação ferroviária, murmurou:

— Nem imagino a mágoa que meu marido pode causar à mãe se a desprezar. Quando estive em Recife ela me pareceu afetuosa e sensível demais.

Como não tivesse que dizer, Joaninha hipnotizada pelo som e passagem da locomotiva comentou:

—

Achas

que Tiago está empolgado com

o consultório?

Ultimamente ele parece tão distraído, absorto.

— Sabes que também tenho notado? Ele tão falante que sempre foi!

— Sequer discutiu as decisões que Aidan tomou quanto à compra do imóvel, dos móveis para o consultório. Logo ele que faz questão de contrariar tudo que meu marido fala.

— Desconfio que Tiago tem uma namorada. Veio por mais de uma vez pedir-me sugestões para presentes... Qual chocolate, flor, renda uma dama gosta mais...

— Não acredito! Mas que achas que é a eleita?...

A balbúrdia e confusão de passageiros que brotavam da porta do vagão da terceira classe as dispersaram da conversa. Um garoto passou ligeiro por entre elas que recuaram assustadas. Gritava:

— Extra, extra! A princesa...

Mas Arielle perdeu a notícia que o meninote anunciava, já que foi puxada em um repelão por duas mãos que se plantaram em seus antebraços e a carregaram para junto da parede da Estação.

— O que fazes aqui? — uma voz rouca e macia lhe inquiriu, muito junto aos ouvidos.

Ao reconhecer a voz ela decidiu que antes de contar de uma vez, brincaria um pouquinho.

— Ia fugir — brincou fitando de través os investidores que visitavam a fazenda pela manhã. — Mas, outra vez, o acaso te trouxe para perto de mim.

Num átimo ele já a tinha tornado para si e os olhos de ambos se achavam aguerridos, colados um no outro.

— O acaso? Sabias que eles tomariam o trem.

Os joelhos dela amoleceram quando o aroma do bafejar entre dentes dele atingiu sua face. Mas, firme, contrariou-o.

— Ontem me disseste que eles ficariam o fim-de-semana.

— Mas resolveram que não. E tu... mesmo depois de tudo que

passamos, mesmo depois das maiores provas de amor que já te dei ainda, outra vez, intentas partir? — indagou magoado.

Ele não entendeu quando nos olhos dela formaram-se duas pocinhas d'agua.

— E tu, mesmo depois de eu ter te esperado por seis meses, tendo todas as oportunidades para partir, acreditas que era isso que eu fazia aqui? Mesmo depois de todas as vezes que eu disse que te amava?

Não compreendes que estava a brincar?

Ele sabia que, fugir, ela não tentara enquanto estivera longe.

Lentamente ele a soltou e abaixou os olhos. E ela continuou ali, de frente para ele. Cruzou ambas as mãos por detrás do pescoço dele e afirmou convicta:

— Nunca eu... Aidan, quero que olhe em meus olhos agora. —

Quando ele o fez, achou que não conseguiria dizer tal a vivacidade com que a olhava. Mas disse: — Eu nunca vou te deixar. Agradeço, todas as manhãs quando desperto ter sido obrigada a casar-me contigo.

Quase definhei nos meses todo que estiveste preso. Não há quem eu ame mais que ti, nem a mim mesma amo tanto como a ti.

Entenda de uma vez, nunca eu vou te deixar.

— Arielle...

O coração dela se assustou quando percebeu que os olhos dele marejavam diante daquelas palavras. Para esconder que estava emocionado ele a puxou contra si, arrebatando-lhe os lábios num beijo apaixonado, quente, carregado de emoção.

Alguém perto deles pigarreou. Com o canto dos olhos Arielle viu Joaninha.

— As pessoas estão parando para vos assistir.

Arielle tentava se esquivar, mas ele a mantinha firme, pouco interessado na opinião alheia.

— Aid... Aidan! Não quer saber por que estou aqui? — disse abafadamente, contra aquela boca que relutava, mas sabia necessário se desvencilhar.

Rememorado de sua angústia ao saber que ela estava sozinha, apenas com Joanhinha ali na estação, suas expressões mudaram num instante.

— Então... Conte de uma vez, esposa imprudente.

— Tens de dar tua palavra que não te vais se zangar, nem berrar comigo. Ou ainda... magoar...

— Magoar? — ele repetiu intrigado.

Sem coragem de fitá-lo, ela deitou a cabeça no peito largo e murmurou:

— Sim, magoar tua mãe — disse. — Aidan, tua mãe, não importa o que tenha feito ou sido no passado. Hoje é uma mulher respeitável, de bem...

— Ah, entendo! — ele declarou, entre dentes, esclarecido.

Quando a Baronesa ergueu a cabeça notou que ele fitava além dela, entre os passageiros que desciam do vagão de primeira classe.

Os olhos de mãe e filho se encontraram. Os dele, duros e sombrios. Os dela afetuosos e saudosos. Arielle lhe sentiu contra o corpo o dele retesar-se.

—

Meu bem, não importa o que ela tenha feito. Sempre demonstrou e deixou claro o amor que sente por ti.

— Nem tanto sua prostituição. O que não suporto é mentira e...

— fitou-a com pressa — omissão.

Enquanto ele a soltava para ir ao encontro da mãe, Arielle engoliu em seco. Outra vez perguntou-se o que ele pensaria, faria, como agiria quando descobrisse suas atividades secretas do passado.

Encontrou os olhos suspensos de apreensão de Joanhinha e decidiu que não era o momento de preocupar-se com aquilo. Tinha uma situação delicada para intermediar.

Andando depressa ultrapassou o marido e se jogou nos braços da sogra.

— D. Heloíse! Não contas as saudades que sentimos de ti.

— Sim, minha linda... Também senti tua falta. Através de ti sei mais

de meu filho que por toda a vida antes dele tê-la desposado.

Aidan

a

fitou.

Não

lhe

obedecera

a

proibição

de

corresponderem-se. E ainda a convidara para vir até ali.

— Não vai dar um abraço na tua mãe, Coronel?

Num galanteio polido ele lhe tomou a mão e depositou um beijo leve.

O gesto seco fez com que o sorriso largo de Heloíse se desvanecesse lentamente e o brilho nos olhos verdes como que se apagaram.

— Vieste sozinha?

—

Obviamente que não. Frederico e sua ama-seca me acompanham. Já devem descer do trem.

— Ótimo — disse indiferente. — Vou providenciar para que levem a bagagem até a carruagem — avisou olhando para Arielle numa interrogativa muda.

Ela apontou na direção em que o cocheiro as esperava e, sem dizer palavra, o Coronel encaminhou-se para lá.

— Algum problema com meu filho?

—

Conversaremos no caminho, D. Heloíse.

Não achei

apropriado contar algo sério como o que aconteceu por carta — explicou com certa gravidade. — Não imagina como estou feliz com tua visita — acrescentou já sorrindo.

Pouco depois sogra e nora, seguidas por Joaninha, Frederico e Murici, se aproximavam da carruagem. Estando diante do brasão Carneiro incrustado em ouro Heloíse estacou e levou a mão ao peito.

Dezenas de lembranças lhe voltaram, angustiado seu peito qual uma enxurrada

de

dor.

Aqueles

olhos

do

lobo-guará

a

fitando,

ameaçadores.

Um animalzinho tão dócil ganhava ares provocantes pelo simples motivo de ser a insígnia daquela família.

— Terei de me acostumar — murmurou recobrando-se. — É a vida dele agora não é mesmo? — justificou olhando bem dentro dos olhos da nora, no que essa se arrepiou.

Apesar de não mover um dedo em favor dos escravos do marido, a sogra para Arielle, no pouco que a conhecia, sempre lhe pareceu uma mulher de fibra. De caráter. Desde o pouco que convivera com ela no ano passado às menções que Aidan fizera a ela quando conversavam descontraídos em Ilha da Jangada. Não entendia... Sabia que devia haver uma explicação, um motivo para ela ter sido cortês.

Segurando a mão do filho ela subiu na carruagem.

— Irmão... — era Frederico quem lhe estendia a mão.

Sem resistir a simpatia do garoto Aidan abriu um sorriso largo e balançou-lhe firme a mão, no que a puxou transformando o gesto num abraço afetuoso. De dentro, Heloíse viu a cena o que, apesar da recepção fria do filho mais velho, lhe fez sorrir satisfeita e agradecida pela simpatia entre os dois ser mútua. Mesmo com a falta de convivência.

Quando quase todos se

achavam acomodados na espaçosa carruagem, por último Arielle ia subindo, mas foi arrebatada pela cintura pelo braço forte do marido.

— A senhora vem comigo — era uma ordem.

— “Senhora”, senhor?

— Sim. Temos de conversar, tens muito que te explicares, Baronesa. Eu vim cavalgando ao arraial e tu, voltará comigo.

— Mas nem mesmo estou em trajes apropriados e... ai, minha sombrinha! — gritou vendo a carruagem se afastar ante um sinal do Barão.

— Não me importo — ele declarou franzindo o cenho.

Ai, ele estava mesmo bravo, Arielle atinou. Sabia que somente se controlava por estarem em público. Não queria nem antecipar o fálatório que ele faria para não antecipar uma dor de cabeça.

Colocou-a em cima do cavalo e logo montou também. Aidan transpassou o corpo da esposa com os braços fortes e tomou as rédeas. Com as duas pernas voltadas para o mesmo lado, ela deixou encostar-se ao tronco forte de seu marido, tomando o cuidado para que seu pescoço ficasse na mira do nariz dele. Iniciaram a trotar afastando-se da

Estação. O gingar do cavalo a embalava e, assim, deixavase esfregar contra o peito e ventre do cavaleiro. Quem sabe fazendo um charminho não lhe aplacaria a braveza? Ele ignorava-a deliberado. Retesou-se para que o pescoço ficasse a milímetros da boca macia de Aidan.

Foi instantâneo a voz rouca solfejar baixinho contra sua orelha:

— Ah, minha pequena, me provocando assim não me deixas numa situação muito confortável. Depois não vá reclamar se eu perder o controle quando estivermos sozinhos, na estrada.

— Ora, o que eu fiz? — ela inquiriu fingindo inocência. — Tenho acaso culpa se o vento é maroto e leva meu cheiro para ti?

Soerguendo um sobrolho ele soltou uma das mãos da rédea e envolveu-lhe a cintura.

— Estou vendo aquela tua veia palpitar. Como todas as vezes que tu já me quiseste — murmurou.

— Há, ilusão tua. Só hei de querer-te quando sumirmos daqui — e com um gesto abrangeu o centro de Vale Campina.

— Manipuladora — ele acusou-a. — Por isso insistes... Agora estou vendo!

— Insisto em quê? — inquiriu confusa.

— Em não deixar se quebrar o laço entre minha mãe e eu.

Talvez acalentes a esperança de que nos mudemos para Recife. Não me esqueço de todas as vezes que sugeriste tal.

Com os olhos chispando de raiva, injuriada por infundada acusação, ela se voltou para ele.

— Então pensas mesmo que sou manipuladora? Que não amo tua mãe de verdade? Que faço isso pensando no meu interesse próprio?

Ele não respondeu. Parando em frente à botica saltou do cavalo e o atrelou no lugar apropriado.

—

Não me demoro — e encaminhou-se para dentro do estabelecimento.

Corada de ira, ela sentia ímpetos de escorregar para cima da cela e esporear Nômade. Correr pelo mundo até chegar ao seu fim. Só assim

descarregaria as aflições que a acossavam no momento.

Se ele percebesse a imensidão do amor que sentia por ele, nunca pensaria que ela seria capaz de uma coisa daquelas. Manipulá-lo usando a sogra, que ultraje! É certo que tentava manipulá-lo, afirmando que se entregaria outra vez somente quando deixassem aquele lugar. Mas isso era diferente, envolvia tão somente os dois. E

ele deveria imaginar, que se ele quisesse mesmo, do modo como ela andava saudosa e ardente, era só insistir com um pouco mais de...

persuasão que ela acabaria cedendo.

Então ele não percebia? Não percebia o modo que fazia questão de enroscar o corpo ao dele nas noites em que dormiam juntos?

Contudo, se achava que se ofereceria estava muito enganado!

— Não iremos embora daqui. E nos teremos outra vez assim que vieres até mim e te desnudares na minha presença. E se oferecer... do modo que eu gostaria de assistir... — foi o que ele dissera.

Respondera esse descaramento na última vez que ela lhe perguntara se não partiriam. Então indagara se não sentia sua falta, o que consternado ele assentira. Mas o ouvira redarguir:

— Posso ser tão linha dura quanto tu. Tão orgulhoso como tu, se eu quiser. Na guerra fiquei conhecido por ser paciente, cauteloso, provocante, altamente controlado e... sempre atacar de frente. Estou tão atordoado de desejo que tão logo tu demonstres que estás arrependida de me desprezares vou para cima de ti, prontamente esquecido do teu orgulho que terás de suplantar ao confessar que estás em demasia carente de mim.

— Presunçoso do inferno! — ela gritara e o vira sorrir aquele “maldito” incisivo de ouro. — Saiba que não te quero nunca. Estou bem assim... — hesitara e ele sorria mais — como estou, ora. Dentro da botica, Aidan esperava o farmacêutico aviar a receita.

Enquanto isso refletia. Se Arielle soubesse que estava à beira do colapso, não andaria lhe provocando com aquele corpo que sabia que

ele amava tanto. Não andaria deixando o rastro de seu perfume pela casa nem o torturando. Se soubesse e, como dizia, o amasse, teria misericórdia e acabaria com aquela tormenta de ambos de uma vez.

Talvez ela tivesse falado a verdade, talvez não fosse blefe. Ela não o queria, não realmente. Estava bem como estava. Intocada desde a primeira noite na viagem de volta, no navio que os trouxera de Recife. Talvez fosse fato que não o queria e intentava aproveitar-se disso para conseguir que fossem embora para qualquer outro lugar. Mas o lugar deles era ali, onde eram admirados e respeitados. Onde ele podia garantir que o povo da cidade na qual nascera não seria pasto de um líder inescrupuloso. Ali, eram amados pelo povo do arraial e reverenciados onde quer que passassem.

— Quanto fica? — indagou ao boticário.

— Para o senhor, nada, Sinhô Barão. Nada — declarou enfático o homem, balançando seus “três queixos” sobre a gola do jaleco branco.

— Ora, mas eu insisto!

— Só o que o senhor gasta de remédio aqui para a gentarada de São Fidélis paga e bem. Ficarei ofendido se não aceites minha gentileza

— asseverou fitando, de brusco, o rosto do Barão.

— Obrigado, Seu Irineu.

— Minhas lembranças à menina Baronesa.

Aidan, já perto da porta, apenas voltou a cabeça e confirmou numa anuência quase imperceptível. Bateu dois dedos contra a testa num gesto automático e saiu.

“Menina Baronesa”. — Repetiu para si em pensamento. Se ele soubesse que a mulher que todos consideravam tão doce e religiosa era também manipuladora. Uma chama gelada que não se consumia, mas queimava. Olhando a “menina” em questão sentiu o corpo todo responder. Ela tinha o

olhar distante e uma expressão tão introspectiva que o fazia temer, imaginar. Temer se ela tramava ou imaginar se os viam juntos, em Ilha da Jangada.

Aproximando-se de Nômade tocou-lhe a mão que repousava no regaço. Assustada ela o fitou, depois se desviou. Suspirando ele guardou o pacote de papel no bornel e montou. Cavalgaram em silêncio, cumprimentando a quem cruzavam com gestos de cabeça.

Turbados por tanta emoção estupidamente represada.

O canto dos pássaros, o assvio do vento a farfalhar a copa do arvoredo que ladeava a estrada, o ruído de uma corredeira ao longe a irritaram. Fez com que Arielle não suportasse mais o mutismo enervador do marido:

— Quanto a tua mãe...

— Quieta. Falaremos em casa, antes de dormir.

— Quero justificar. Não podes ficar pensando que meu apreço por Heloíse...

— Mais tarde, em casa — ele a cortou.

— Aidan...

— Não insista, “menina” insolente! Se discutirmos... ah, estamos sozinhos nessa estrada, esposa. Estou tentando me controlar, mas está tão difícil! Estou morrendo de raiva!

Meus desesperos se confundem, nesse momento. Quero gritar contigo até que tremas tanto a ponto que percas as forças e em meus braços desfaleças, então desesperado para te amar como estou, ah! eu não resistiria em me aproveitar. Só quero ter-te outra vez com carinho e paixão, não com fúria e desespero. Não contra tua vontade. Não me perdoaria se a machucasse.

Resignada e calada, ela, o resto do caminho, se aplicou a digerir tudo aquilo que ele dissera.

Mariana suspeitava que fosse muito tarde da noite. Não fossem os sussurros do doutor e de D. Heliodora, a casa se acharia lançada no mais mortal dos silêncios. Um zumbido atravessou-lhe os tímpanos e afirmou, outra vez, a si mesma que tudo não passava de um pesadelo; como o que vinha vivendo desde janeiro até então.

Logo acordaria. É, acordar, assim que seria.

Desde que tudo se tumultuara, quando o marido e o médico chegaram, quedara-se naquela mudez estática na qual até agora se achava. E isso fazia muitas horas. Olhara para a placidez do filho adorado, desacordado no berço e o soubera desmaiado.

“Acordará logo e romperá num pranto ensurdecador. Daqueles argutos que enlouquecem Macaíra vez em quando. Tudo ficará bem”.

— Pensara.

Mas ele não acordara. Não ainda. Pessoas vieram falar com ela, mas eram como sussurros abafados, vozes no vácuo. Nem Otacílio lhe conseguira arrancar palavra. Nem com aquelas expressões desesperadas. Era como se uma dimensão a separasse do mundo real.

— Horário do óbito? — indagou o médico, displicente. — Difícil mensurar — respondeu a si mesmo. — Coloquemos o horário do desmaio.

Horário do óbito.

“Horário do óbito. Horário do óbito. Horário do óbito”. — Aquela frase solta, período funesto, martelou, abalou, vibrou, sacudiu com o corpo de Mariana.

Entregouse finalmente a um choro seco, sem lágrimas. Um choro que lhe transtornava as outrora doces feições. Choro que ardia as tramas epiteliais que lhe envolviam os órgãos internos. O choque fora rompido pela voz fria do médico.

Deslizou da cadeira, caiu de joelhos no chão e sentiu braços afáveis envolver-lhe os ombros. Finalmente, depois de horas, ela se movia daquela poltrona. Sussurros de conforto. Sussurros sábios de alguém que sabia que para aquilo, não poderia haver conforto.

Amanheceu, mas ela não dera por isto. Ainda na cadeira da véspera, a qual retomara depois da crise convulsa de choro nos braços da sogra. No colo a manta que tricotara. A manta com cheiro de talco, cheiro de bebê. Cheiro da cria perdida. Batidas na porta, mas longe... Vago. O olhar triste e seco, fito no nada. Batidas, longe... O

lábio pendido, a mão derreada, o ombro cansado.

Escancarou-se a porta e a presença alta do Visconde de Macaíra caminhou pelo quarto. Estacou à sua frente e indagou entre indignado e resignado: — Não vais ao menos comparecer ao sepultamento de teu filho?

Ela não o fitou. Não suspirou. Estática ainda, o ignorou. Não que fosse de sua vontade. Uma força superior. Uma força de dor.

Força inexplicável a retinha em um mundo longínquo.

“Teu filho? Teu filho? Teu filho?” — Somente horas depois, as últimas palavras do que ele perguntara fizeram sentido.

Porque não o de sempre, “nosso filho”. O possessivo, “meu filho” que eram tanto do costume do Visconde?

Que importava? Não havia mais filho algum. Mais sentido algum.

Somente o remorso que a lembrança do corpinho sem vida, o corpinho constipado por conta do vento gélido. Vento vil e assassino que entrara pela janela que ela esquecera aberta e envolvera com o sopro da morte o pequeno Eduardo depois do banho quente.

Capítulo XIX

AIDAN REDIGIA cartas comerciais quando ouviu ruídos provenientes do quarto de banhos. Atento, aguçou a audição e tremeu ante a constatação do que aquilo significava: Arielle decerto ia tomar um banho. Suspeitava que ela, normalmente, se banhasse de tarde quando

ele saía ao arraial ou percorria os cafezais. Ou, ainda, tratava de seus assuntos com o capataz na biblioteca.

Contudo, ela andava ocupada com o preparo do baile que ofereceriam em breve e com a atenção que devotava à sogra que tanto parecia estimar. Talvez tivesse adiado algo tão trivial como um banho para a noite. Trivial? Não para ele que se achava há mais de dez meses sem amá-la. O tempo do resguardo já terminara, mas ela alegava que ainda sentia dores.

E ele queria muito mostrar o quanto a respeitava. Achava estar conseguindo! Desde a noite em que se abrira à ela um pouco, ela andava tão carinhosa. Aquela voz manhosa com a qual ela lhe cumprimentava todas as manhãs o estava levando a loucura. Aliás, pensando melhor, achava-a mais cordial, afetuosa desde que voltara do Rio. Teria sido a distância que a alertara para os sentimentos que nutria por ele? Talvez carência pela perda da filha? Ele não fazia idéia, mas ficava muito contente com esse progresso. Um dia chegou a acreditar que talvez nunca partilhassem da vida que sonhara viver com ela. Ele não fazia idéia... que ela lera seus pensamentos íntimos!

O que ela também os conectara às confissões que ele fizera naquela madrugada.

Não importavam os joguinhos e pequenas chantagens que ela fazia porque sempre que a tocava, sempre que deitava o olhar em seu rosto, sempre que a ouvia sussurrar qualquer coisa, era fácil notar o nervosismo a lhe correr pelas veias. A dizer como ela desejava o marido e que bastaria um gesto dele para que se entregasse.

A

Baronesa

era

puro

orgulho

encarnado.

Jamais

como

condicionara Aidan, ela permitiria oferecer-se. Mesmo que ele sonhasse com isso, sabia ser algo impraticável.

Afastou-se com a cadeira da escrivaninha e levantouse. Foi sentarse em uma poltrona perto da porta da sala de banhos. Ela era muito expressiva, em tudo que lhe dava prazer. E isso era natural...

Expressões espontâneas. Sabia que quando ela se banhava, gemia pelo contato prazeroso que a água tépida oferecia-lhe aos músculos. Às vezes cantava... Sabia que era pura tortura que se infligia, mas ficaria ali a escutá-la a tomar banho como um erudito que se entrega aos deleites de uma sinfonia.

Arielle testou a água da banheira com os dedos do pé e sentiu toda a pele de seu corpo, nu sob o camisolão de banho, encrespar.

Quente como gostava de um banho, mesmo às portas do verão. O

dia fora abafado e extremamente calorento. Novembro chegara e com ele um calor sufocante, mas, sabia, era apenas uma onda quente que logo iria embora; aquela região era fresca.

Liberando um “aaah”

de contentamento, ela mergulhou-se dentro da banheira de porcelana. O banho que tomara na manhã seguinte ao seu casamento lhe assomou à

mente. Se voltasse àquele dia e encontrasse consigo mesma, talvez não se reconhecesse.

— Olá! Sou a Baronesa de Vale Campina — ela, ensaboando as longas pernas, se imaginou a dizer a si mesma de dezesseis anos. — Perdi meu coração e o controle do meu destino. Para um homem que venero, mas... não compreendo.

— Quem és tu? — a Sinhazinha inocente respondia para a esplêndida mulher que se aproximava a passos suntuosos da banheira, como um espectro, rebrilhada pela luz da manhã. — Nunca te vi...

Poderias me ajudar? Quem sabe a fugir... Um militar sinistro que dorme atrás daquela porta me obrigou a desposá-lo ontem e ninguém se ergue para defender-me!

Esfregando, então, o ventre e as axilas, ela se perguntou o que responderia. Ajudaria sua “eu” do passado a fugir?

— Tenha fé e paciência. Ele é o único homem para ti. O teu único destino...

Tinha certeza de que seria isso que responderia, decidiu.

Agastada com o incômodo que o camisolão encharcado causava, arrancou-o pela cabeça e meteu-o no balde ao lado da banheira.

Mergulhando até o pescoço na água espumante fitou os castiçais sobre os aparadores que rodeavam a banheira. Olhou para o lampião; uma fumacinha densa, estreita e preta a subir constante até o teto.

Voltou o olhar para a chama e mordeu o lábio pensando em como se queimava, feito aquela chama, de desejo de ser amada com fogo e sofreguidão. Era só dizer uma palavra e o marido a satisfaria, como ela sabia, de um modo que no final a deixaria exausta e... satisfeita de sua angústia.

Mas não! Ainda não!

Sentia-o a cada dia mais desatado. A cada dia parecia se abrir mais para

ela, mostrando mais de si, mais de quem era. Mais próximo de tomá-la e partirem dali! Talvez, depois do grande medo que ele passara por perdê-la, tivesse percebido que ela era falível perante a morte — tão implacável. Por isso, aos poucos, tentasse recuperar o tempo perdido... quem sabe fora a prisão... não imaginava. Mas sabia que não poderia ceder estando assim tão perto de tudo que no seu hoje sonhava. Um matrimônio sem reserva nenhuma, mas longe dali...

Longe de Campina dos Lobos. Era como se, mesmo com Carneiro e antiga Baronesa mortos e Fernão distante, ainda fosse rondada por toda aquela vilania do passado. Como se a presença deles a perseguisse, a abafasse.

Mesmo que os dias na casa grande fossem outros, muito melhores que os do passado, ela sonhava quase com obsessão em sumir dali. Mas estava casada com alguém que queria veemente o contrário. Queria tanto ficar ali que não se importava em não tê-la...

Ela ponderou finalmente permitindo-se derrubar uma lágrima. Mas como podia ser dolorido impor aos dois tal castigo! Aqueles sonhos a lhe atormentar.. Mordeu outra vez o lábio, quase sentindo a rigidez do corpo dele de encontro ao seu, como naquela noite de tantas revelações. Lentamente deitou na água, os braços que se achavam respaldados na borda da banheira. Então, ergueu ambas as mãos de encontro aos seios e tocou-os displicente. Já haviam voltado ao normal.

Como sofrera após o parto. Seus seios haviam se enchido com abundância, mas não tiveram a boquinha de um bebê para sugá-los.

Então transbordavam. Empedram. Uma mastite se desenvolveu.

Tiago receitara umas drogas que lhe secariam o leite. Mas nada. Tivera febres altas, dores agudas a lhe agulhar o interior das mamas. Aidan, de quando em quando, assomava em seu quarto com aquela feição consternada; profunda preocupação. Então Joanhinha começara a lhe ministrar uns chás; ervas de Saquina.

Então o leite fora secando e os seios voltaram ao tamanho normal. O

alívio...

— Me deixes examinar se ainda contém pedras — dissera Tiago quando ela declarara se achar totalmente curada.

Antes que ela pudesse se negar, Aidan se erguera da poltrona ao lado da cama e enviara um olhar, conforme ela achara, aterrorizante ao irmão mais novo. Ele parecera não se intimidar, embora, puxando a gola da camisa que lhe apertava o pescoço, pigarreara e, pedindo licença, deixara o quarto.

— Era só um procedimento médico, Coronel!

— Ah, então querias que ele te tocasse? — indagara espantado.

— Que indecência!

— Ora, mas que ultraje! — redarguira melindrada. — Está claro que eu ia recusar! Mas tu, sempre com essas atitudes machistas, criando situações constrangedoras!

— Não quero a mão de nenhum outro homem tocando o corpo de minha esposa — retorquira ele, ríspido, a mão procurando-lhe o braço sob o cobertor. — Esse corpo unicamente meu. Se alguém tiver que te examinar os seios, esse alguém serei eu — asseverara, subindo depressa a mão pelo braço, alcançando o decote da camisola.

Arielle remexeu-se dentro da banheira. A água começava a esfriar, mas ainda sentia calor.

Ela não conseguira, aquela noite, impor resistência. O marido, com aquela expressão grave, lhe puxara o laço do decote e abrira um a um os botões que a fechavam pela frente. Liberara os seios fartos e, prendendo-lhe os olhos nos seus, espalmara-os com suas grandes mãos. Tocando-os, examinando-os, verificando se encontrava alguma nódoa ou caroço. Ela vira o olhar dele se transformar ao relancear para aqueles seios, perdendo a rigidez e ganhando certo ar de sofrimento, certo brilho de ardência líquida. Logo aquilo já não era mais um exame, mas sim um estímulo soffível para ambos. As pontas dos dedos masculinos a se fecharem em volta dos bicos hirtos, os movimentos tornando-se ritmados naquela massagem sensual, a fresta do risinho provocante que ele não pudera reprimir e as golfadas de ar

que ela aspirava. Todos aqueles estímulos e movimentos com que ela sonhava agora...

No entanto, como reproduzir o toque úmido dos lábios que se apossaram de um dos bicos de pitanga? Gemeu alto, desprevenida, naquela lembrança vívida. Como repetir por si a sensação que causaram aqueles dentes que se fechavam carinhosos e famintos por toda a extensão das carnes tenras de seus seios saudosos?

Num baque inesperado, Aidan se levantara e perguntara, ficando de costas para ela:

—

Podes te vestir sozinha? Não quero mais tormentos...

Estamos a brincar com fogo em pleno resguardo teu.

Vendo que ela, trêmula, conseguia fechar a roupa, antes de sair do quarto, dissera:

— Nenhum caroço, nada com que nos preocuparmos.

Então, contristada, Arielle parou de se tocar.

— Continue! — uma voz áspera e sussurrante, vinda de trás de suas costas, a incitou.

Arielle sobressaltou-se e, num gesto instintivo tentou cobrir-se com os braços.

— O que... Estavas me espiando? — inquiriu, vendo Aidan recostado pelo antebraço no batente.

— Sim. Que visão idílica! Como aquela vez na Ilha da Jangada.

Ela avermelhou-se, mas conseguiu dizer:

— E como daquela vez, me espias furtivo.

— Não. Estou parado bem aqui há um tempão. Tu entretidas como estavas, não me notaste.

— Como abriste a porta? Tenho certeza de que estava trancada.

Aproximando-se lentamente da banheira, ao agachar ao lado dela, disse:

— Chave-mestra, meu anjo.

Respondeu e fitou a linda visão dos cabelos molhados atirados para

trás, os cílios gotejantes, os pingos a escorrerem pelo colo em jornada pela senda entre os seios ocultos sob a água turva de sabão.

— Ora, seu... — começou irada, mas foi interrompida.

— “Ora, seu” o quê? — imitou-a. — Eu não invadiria tua privacidade se não te houvesse ouvido gemer tantas vezes por de trás da porta — afirmou afundando uma mão dentro d’água, no que ela retraiu-se. — Ademais teu corpo é tão meu quanto o meu é teu.

Lembra-te que o entreguei para ti?

— Eu... eu gemia? — inquiriu encabulada.

Ele aquiesceu alargando os lábios, num sorriso malicioso.

— Bem, depois do dia exaustivo que tive, esse banho me reconfortou — tentou justificar tirando a mão dele fora dali.

— Não tentes me enganar. Sei que também estás sofrendo com este castigo ridículo que nos impõe. Eu vi o perfil de teu rosto se mover, cheio de desejo.

— Já te disse que... ainda sinto dores.

— Mentirosa! — disse erguendo-se. — Mas não te vou forçar.

Quero-te cônica e entregue. Chegará o momento em que tu também ficarás tão desesperada que virás por vontade própria me buscar em meu leito.

— Talvez eu o faça... — murmurou sugestiva.

Ele que já se achegava da porta quando isso ouviu, estacou e a fitou.

Arielle ergueu-se expondo seu corpo nu, pelo qual escorria a água que espelhava o alaranjar das velas e a espuma que o recobria.

Aidan apertou os dentes e a viu esforçar-se para alcançar a toalha.

Adiantou-se para lhe entregar. E esperou ansioso que ela dissesse algo. Enrolando-se na larga faixa de linho falou:

— ...quando deixarmos essa cidade — completou erguendo uma sobancelha.

Assustada ela o assistiu chutar com brutalidade para longe a cadeira e, lhe dando as costas, se retirar dali, com duras pisadas contra o assoalho. Testado e testado... Aquele era o homem estourado que

conhecia!

Os dias se iam passando, tudo quanto era necessário para impressionar a fidalguia das relações de negócios do marido estava por Arielle muito bem arranjado. Sua característica perfeccionista forjada por sua mãe, Madame Suzanne, não permitiu que escapasse o mínimo detalhe durante os preparativos. A simpatia genuína e uma faceta desconhecida de humildade que se lançava também em seu modo de ser contribuíram para que de bom grado acatasse todas as sugestões criteriosas de D. Heloíse de Henriques Suassura. Se alguém possuía basta experiência em organizar recepções ostensivas esse alguém era ela.

E Arielle soube fazer-se

parecer empolgada. Porque cada dispêndio que se relacionava ao baile que a cada dia se tornava mais comentado nos arredores, ela o sentia como fosse uma punhalada.

Chegou a rabiscar numa folha quantos escravos não se poderia alforriar com o valor gasto até então.

Ao menos, tanto trabalho desviava seu coração da dor, da lembrança da filhinha perdida jazendo pálida e fria no pequeno esquife.

Tudo que bastava, então, era esperar o dia do baile que estava bem próximo. Mandara um convite à Vila de Macaíra, sem imaginar que dentro de poucos dias Mariana chegaria ali em companhia de Assis.

Ignorando

os

infortúnios

da

Viscondessa,

esperava

ardorosamente que a amiga pudesse comparecer. Ela dissera na última carta que tão logo o bebê nascesse e vencesse o resguardo, o Visconde daria licença para que a esposa visitasse a melhor amiga, que era ninguém menos que a Baronesa de Vale Campina.

— Mantenho minha palavra — viria a dizer-lhe. — Cuidarei de ti para sempre.

Seria seu maior prazer receber a amiga, que tinha por irmã, em sua casa como companhia permanente, ainda mais depois de tudo que ela vinha sofrendo; a drástica separação do homem que amava, o casamento forçado, então... a perda do filho.

Para alegrar sua melancolia irremediável falaria sobre o baile e prometeria convidar o estudante que tinha em muito apreço como amigo. Fato que reacenderia um lume de esperança no coração arrasado da amiga.

Mas enquanto Mariana não chegava em sua tempestividade, Arielle ficaria remoendo: um baile como o que estava organizando era um convite irrecusável. Sabia que todos lhe mediriam a capacidade de anfitriã, sabia também que os presentes lhe sorririam à face e muito mal diriam a seu respeito assim que virasse as costas para atender outro convidado.

Sim. Ela sabia de tudo e seu marido também. A distância que separava aquele arraial da Corte não era suficiente para suplantar os mexericos. Gente que ela sequer conhecia, que nunca vira, a julgava e vigiava. Estrelas menores da constelação que girava em torno dos imperadores, nobreza e burguesia, como profissionais liberais, ricos comerciantes, rábulas e burocratas faziam o trabalho de levar ao ouvido carioca cada menor fato do que discorria em Campina dos Lobos. Esses mesmos e suas cortesãs traziam de volta o que por lá se dizia.

Dava de ombros, zombando das convenções.

Arielle mantinha a fama de escandalosa, atrevida e desaforada.

Não que ela realmente gritasse ou destratasse as senhoras que ora ou vez lhe convidavam para um chá. Mas as Donas da vizinhança não concebiam o modo que a jovem discutia e argumentava com o marido. Em como ela ignorava aqueles olhares de advertimento que ele lhe enviava; gesto que o fazia sorrir um sorriso discreto de fina malícia e deleite calculado. A Baronesa com seu marido formavam a presença de um casal requintado. Qualquer um diria, se não soubesse a verdade, que ele era um “bem-nascido”, assim como ela.

Uma filha de governanta e um bastardo à frente de uma das maiores, mais lucrativas fazendas de café das províncias do Rio de Janeiro e São Paulo.

— Dizem que ela apregoa a abolição — murmurava-se às rodas sociais das damas maiores, também esposas de magnatas da

agricultura.

— Mas temos de boicotá-la! — alguém, no caso uma senhorinha magricela com o pescoço envergado pelos quilos de jóias que ostentava, argumentava. — Se vira moda... Pior! Se ela cai às graças da imperatriz... é um risco muito grande que não devemos correr.

— Imagine, boicotar a Baronesa de Vale Campina! Endoidaste D. Sancha? O marido bastardo é herói de guerra... Rigoroso, destemido e intrépido ante a face da morte que se tornou quase uma lenda... Não quero nem pensar o que ele poderia fazer, que represália poderia infligir aos nossos maridos se fizéssemos algo assim com a esposa... Ouvi dizer que se portou como uma cortesã num luxuoso navio que os levou à Recife, ano próximo passado. — Então passou a cochichar perante a face das “comadres”: — Ouviam-se os gritos dela do lado de fora da cabina...

— Gritos? — uma recém-casada repetiu sem entender. — Ele a estava machucando?

— Talvez, Eulália — a matrona disse com um olhar de fina malícia.

— Ainda és inocente demais para nos acompanhar. O

escândalo é que ela gostava de ser “machucada” pelo Coronel — todas

riram efusivas e meio segundo depois se contiveram, faces coradas, batendo seus leques de cores sisudas.

Somente a recém-casada quedava-se inerte com a face cheia de interrogações...

Já o modo carinhoso de Arielle tratar, seu excepcional dom para a música, suas idéias dotadas de inteligência tão rara impressionavam e apaixonavam somente a classe média e humilde do arraial. E esses atributos, assim como tantos outros, como a generosidade e comoção não ganhavam os quilômetros, não atravessavam as fronteiras como as mesquinhas que se inventavam a seu respeito.

A respeito de tudo isso, por mais que ela lastimasse ao marido, nada o comovia. Apenas sorria e anuía.

Certa noite, ambos estavam a ler na biblioteca do solar.

— Ah, — ele dissera notando que ela estava amuada, sem conseguir se concentrar à leitura — esqueço-me que por trás dessa perspicácia e sagacidade toda há um coração puro como o café que aqui produzimos. Achou que as vizinhas te queriam bem e descobriu toda a falsidade? Já devias saber que, para onde quer que possamos ir, meu anjo, será assim. A perversidade e malícia são um mal, um câncer, que corroem a humanidade. E sempre foi assim. Não creio que vá mudar tampouco. Poucos são os salvos, as mentes separadas, as mentes que lideram... O segredo para não sofrer como vejo que estás, é conseguir ignorar. Mas de verdade! Não importar-se; com naturalidade.

— Dizer é fácil! — ela contrapusera arrebatando das mãos dele o livro que ela considerava aborrecido. Contabilidade... — Me amas o bastante a ponto de ignorar maledicências?

— Arielle! Só a opinião de uma pessoa pode me abalar — declarara pegando o livro de volta e depositando-o sobre a escrivaninha. — Só os atos de uma única

pessoa podem me desestabilizar. E sabes de quem falo.

Ela erguera os olhos para ele numa interrogação muda e ele lhe acariciara a face com carinho e mansidão.

— Qualquer coisa que tu faças, meu amor, tem repercussão grave e

imediatamente sobre mim, meus sentimentos e meus atos. Só a ti...

E isso deveria ser recíproco! Confio em ti...

Emocionada ela reteve-se com dificuldade. Queria abraçá-lo pelo pescoço e chorar de emoção em seu peito. Mas não poderia perder a oportunidade de tocar num assunto o qual vinha ensaiando.

— Ora, que contradição! Falas isso, mas ignoras tua mãe — notou ele enrijecer-se e contrariar-se, mas não se deteve. — Pensas que ela não nota? O modo frio e afastado que a trata? Ela estranha, Aidan... E me pergunta o que acontece. Diz que sempre foste tão afetuoso para com ela e que agora... Fico numa situação complicada.

Tu me prometeste que conversaria com ela sobre as acusações de Carneiro, que nem ao menos sabes se são verídicas.

— São verídicas. Meu advogado investigou, quando estive preso.

— Tiveste a coragem de expor tua mãe desta maneira? — ela inquirira indignada.

— Ele é da mais alta confiança.

— Não me disseste que ninguém é de confiança?

— Existem casos. Ética profissional, sigilo, essas coisas.

Arielle deu de ombros e se encaminhou para a porta. Sabia que não adiantava muito argumentar com o marido. Era muito parecido com ela mesma em teimosia.

— Mas deve te apressar. Já faz mais de duas semanas que ela chegou e o baile está muito próximo. Era melhor que já estivessem resolvidos até lá.

— Falarei ainda esta semana — ela o ouviu prometer antes que se retirasse dali.

Capítulo XX

O BAILE QUE AGITOU e assanhou a sociedade daqueles idos imperiais da corte de Pedro II e dona Tereza; da Izabel futuramente Redentora e o seu conde d'Eu, que arrematara a caça a Lopez depois da

volta de Aidan ao lado de Caxias, também se tornaria memorável.

Os acontecimentos que escreveram as linhas do enredo de tão fátual noite reverberariam por muito, muito tempo desde as bocas mais nobres às mais prosaicas.

O solar, como outrora, tinha toda sua fachada iluminada por tochas fulgurantes. Um delicioso aroma de citronela impregnava o ar que era revolvido por uma fresca viração. Dentro do salão, devidamente iluminado, a atmosfera era abafada e ficaria ainda mais quando os convidados comessem a chegar.

A princípio tudo muito de se esperar. Tudo muito normal, nos modos que deveria ser um sarau oferecido a umas gentes machistas, no entanto, levianas. Umas gentes abastadas, contudo, muquiranas.

Umas gentes simpáticas, mas tão viperinas.

Arielle, esbanjando a majestade de seu porte, deslizava com seu vestido púrpuro — claro que escolheria tal cor, engalanamentos em ouro, fitas de negro cetim — pelos salões do solar. A anfitriã verificava se tudo corria a contento e nem percebia que arrancava suspiros e arregalares de olhos dos escravos e damas de companhia das Senhoras que já se achavam hospedadas em Campina dos Lobos.

Tudo teria de estar perfeito quando a sogra descesse para o salão principal, isso era imperioso para a Baronesa. Era seu plano agradar cada convidado do marido e que sua conduta fosse irreparável.

Devia isso à ele. Seu marido arriscara a vida para ir salvá-la no meio da mata selvagem, arbatara-a das garras da morte e, ainda que fosse um cabeça dura, lhe proporcionava uma vida de rainha. Era-lhe tudo o que jamais experimentou sonhar que seria. Exceto pela intransigência de amar aquela fazenda...

Apesar disso, da dor pela perda da filha, dos pesares pela triste morte do filho de Mariana era indispensável crivar de charme e simpatia cada convidado e...

E parecia que o primeiro acabava de chegar, por que Arielle ouvia Saquina os anunciando na entrada da casa. Ao cruzar um dos portais de ligação do salão de almoço com a sala de receber ela teve um sobressalto quando viu o jovem que, ao lado de um senhor muito bem trajado, aportava à habitação.

Eduardo!

O que o amigo fazia ali? Teriam ele e Mariana combinado em segredo? Arielle, apesar de a princípio ter prometido que o convidaria, chegara junto do marido à conclusão que era impróprio. Se o tivesse chamado, ambos poderiam fugir e não concordava com a atitude da amiga; afinal, Mariana agora estava casada, com o Visconde de Macaíra. Só a contristava toda aquela depressão na qual a amiga se embotava, nem quisera participar da festividade, preferindo a solidão da alcova. Mas entendiam-na, sabia o que era perder um filho.

Mas, quem seria o senhor que mantinha uma mão no ombro do mancebo, parecendo apresentá-lo a seu marido?

Aidan bateu os olhos na esposa. De longe, com um gesto quase imperceptível que fez com a face, chamou-a até lá. Caminhando com toda a pose de uma Baronesa ela se aproximou dos visitantes.

— Esposa, quero... — era a primeira vez que a via arrumada.

Aliás, a primeira vez que a via desde a hora do almoço. Os olhos de turquesa delineados de escuro o aniquilaram. Aquela seria uma longa noite. Pigarreou já arrependido de ter inventado aquela história de baile e foi dizendo: — Querida, este é o Senhor d'Anjo...

Mas, a voz surpresa de Eduardo interrompeu o Coronel.

— Arielle! Ah, Venta de Fogo! — um sorriso esboçou-se no rosto do jovem. — Perdão, Sra. Carneiro — corrigiu-se respeitoso.

— Senhora de Henriques. — Aidan, quase zangado, corrigiu-o.

— Os senhores se conhecem? — inquiriu olhando turbado para a esposa que tinha as bochechas encarnadas de contristamento.

— Conhecemo-nos em um sarau, em residência da Imperatriz — ela apressou-se em esclarecer. O Senhor Eduardo é...

— “Venda de Fogo?” — o Barão inquiriu a ambos com a pior e mais brava de suas expressões.

— O Senhor me perdoe pela intimidade Cel., — o rapaz engoliu em seco fitando as medalhas de guerra que Aidan ostentava na farda de gala — acontece que tua esposa tem idéias tão impressionantes que até se esquece dos pronomes formais. — O rapaz desculpou-se galante, como sempre o era. — Assim a chamam no Rio, por sempre dizer o que pensa e o faz com tanta... hum, paixão que suas narinas se dilatam e parecem prestes a soltarem chispas de fogo.

— Entendo — era exatamente assim que a esposa era. Mas porque será que o agastava ouvir de um rapaz

desconhecido

precisamente

aquilo

que

ele

não

soubera

definir

quanto

à

personalidade dela?

Eduardo a fitava insistentemente e tanto, que ela temeu que o marido interpretasse tudo de modo adverso. Por isso, assim que o marido perguntava ao banqueiro sobre a saúde de sua esposa, Arielle sorriu discreta para o poeta, respondendo a pergunta muda que Eduardo lhe fazia desde que batera os olhos nela.

“Sim, Mariana está aqui”. — No que se arrependeu, porque ele sorriu tão abertamente, que chamou a atenção do Barão e o que ela temia se tornou fato. Ele interpretou aquele gesto cúmplice com malícia.

— Dr. Afonso d’Anjo Maia, — Aidan se dirigiu, outra vez e finalmente, para apresentar a esposa ao homem magro e grisalho que assistira a curiosa altercação entre os três jovens — esta é D. Arielle de Henriques, minha esposa.

Atenciosa, ela recebeu o gracejo galante que o homem de barbas fáticas lhe fez. Sem, no entanto, deixar de notar o olhar duro que o marido lhe endereçava.

Pouco mais tarde, os muitos convidados que já haviam chegado valsavam no meio do salão ou se aporriinhavam em pequenas disputas para marcar os cartões de danças das damas mais bonitas. Arielle deixou a ala social da casa, com o objetivo de ir ao quarto de Mariana lhe contar quem ali se encontrava. Podia antever o grande sorriso da amiga. Há dias que chegara e não a vira sorrir uma vez que fosse. O

filho morto e a conduta do Visconde acabaram por fulminar seu coração já fragilizado pela ausência de Eduardo.

Porém, no corredor, foi detida por uma mão angulosa que a segurou pelo antebraço prensando-a junto à parede. Soube que era seu marido antes que o visse.

— Aonde ias?

— E o Senhor, o que faz aqui? Porque não atentas para teus convidados?

Uma vela batia em cheio naqueles olhos de turquesa cristalina.

Ele a prendeu contra a parede com mais força e ela arquejou. O

cheiro do hálito dele consumiu-a de saudades. Mas manter-se-ia convicta no seu intento.

— Porque ele te chamou pelo nome? — indagou entre dentes.

— Porque a intimidade do mancebo, esposa?

— Lembra-te? Já te falei sobre ele... Era... O noivo secreto de Mariana.

Aidan juntou as sobrancelhas.

— Noivo secreto? Mas, ela é...

— Sim. Agora está casada com outro. Mas, o pai a obrigou.

Ele suavizou as expressões, mas lhe disse:

— Ainda assim, não entendo o porquê da intimidade.

— O rapaz já te disse, Coronel. Ele respeita minhas ideias e me trata como igual. Por isso me chama pelo nome, que é quem sou.

— Senhora de Henriques — provocou-a, — tuas ideias não são somente republicanas... Chegam a ser... Ah, algo que desconheço! — ele lastimou. — Uma miscelânea de coisas! Julgas mesmo que uma mulher pode ser igual em relação a um homem? — inquiriu

apertando o corpo contra o dela.

E Arielle suspirava.

—

Muita coincidência, não achas? — comentou ele sem qualquer malícia.

— Ele ser filho de meu sócio? E, ainda por cima, conhecer tuas ideias...

Então roçou os lábios dela com os seus.

— Se o Senhor me permitisse — ela desviou o rosto, — com prazer eu te as contaria.

— Quem sabe... Outra hora. Agora, só penso na saudade que sinto de ti... — murmurou rouco espalmando lhe o colo com

suavidade, a outra mão lhe fazendo cócegas delicadas na nuca.

— Sinto muito... Barão — acentuou o título com ironia. — Não enquanto esta fazenda e este maldito arraial forem mais importantes que

eu. Agora, uma festa nos espera.

Brusca, ela desvencilhou-se dele e saiu pisando arrogante. Aidan arfou, olhando para as próprias botas. Que mulher impossível!

Arielle ouvia distraída.

Pensava no reencontro emocionante de Flor e Joaquina há alguns dias. O sarau poético se iniciara e entretinha os convivas dando-lhe uns momentos de paz para introspecções.

Eduardo e um amigo declamavam outra poesia. Agora era Fagundes Varela.

Era triste e sombria.

Decerto,

falavam dos

sentimentos do jovem, que agora sabia ter sua musa inalcançável.
Um

burburinho

formou-se

à

porta

de entrada

quando,

dramático, o estudante proferiu os últimos versos. O Coronel levantouse para receber o que parecia ser mais um casal ilustre que chegava ao badalado sarau.

Quando o rosto do jovem desenhou-se no portal ornado em fau-marbre, a Baronesa de Vale Campina engoliu em seco. Aidan, parado imponente junto à entrada, esperou que anunciassem o nome do casal. — Senhor e Sra. Rubén Lages de Soriano Júnior — o anúncio foi precedido por murmúrios pressurosos dos convidados.

Aidan, lívido, buscou no rosto da esposa a confirmação à sua dúvida, que foi confirmada ante ao mal estar da Baronesa.

Acercando-se dos recém-chegados, o Coronel indagou seco:

— Que convidou vossas senhorias?

Rubén deixou fluir um sorriso de escarninho em somente um dos lados da boca.

— Família Soriano Júnior? — ele deu uma pista. — Não te remonta a nada, nobilíssimo Barão?

Juvenal Lages de Soriano. Aidan lembrava-se de ter enviado um convite ao dono de uma das maiores jazidas de carvão e diamantes de Minas Gerais.

— Meu sogro pede, encarecidamente, que o perdoe. Mas anda sofrendo de um mal que até mesmo os médicos desconhecem. O

pobre homem... — fitou a esposa de esguelha. — Está desenganado e...

— O Senhor lhe rouba a filha, a fortuna e até mesmo, sem vergonha alguma, o sobrenome.

Rubén fez-se de nácar. Com o rosto em chamas liberou chispas de ódio para o Barão. Pigarreou e ia dizendo algo, mas foi outra vez interrompido:

— Entrem e fiquem a vontade. Aproveitem a festividade — então fitou somente a jovem. — Tenho muito apreço por teu pai, pena ele ter péssimo gosto para escolher genros e muita influência para conseguir disparates como dar o próprio sobrenome a um mancebo sem brio.

Aidan também sabia a história do velho mineiro. Era de conhecimento de toda a aristocracia e elite. Juvenal tivera seis filhas, tendo quatro delas sido casadas com impostores. Parecia que a quinta não tivera melhor destino. O Cel. não se esquecera do breve e tenso interlúdio

que tivera com o mancebo petulante, anos antes, n'As Damas da Taverna. Arielle ainda estudava na Corte e ignorava que o antigo namorado tinha a coragem de pisar o mesmo ambiente que Aidan. Durante o breve colóquio entre Aidan e Rubén, nem a Baronesa, nem o banqueiro, nem qualquer pessoa percebeu quando um rapaz deixou o salão e esgueirou-se pela imponente escadaria atapetada.

Puxou o lenço cândido do bolso interno do fraque e se pôs a enxugar alvorotado o suor que brotava da testa. Eduardo mal podia crer Mariana ali. Naquela casa! Ao alcance de suas mãos...

Quando ganhou o corredor estacou. Louco! E se o marido estivesse com ela? Ia retroceder, mas desistiu. Se o tal Visconde tivesse vindo, eles decerto estariam entre os convidados, conjecturou fitando cada porta que ia deixando para trás, imaginando atrás de qual delas Mariana se encerrava. Porque se encerrava no quarto? Não participava do baile?

Ah! O filho deles... Claro. Mas e as amas de leite, porque não ficara ao cuidado de uma delas?

Receoso por bater em qualquer porta a esmo — haveria de ter muitos hóspedes ali, naquela noite de gala — e,

tremendo de

excitação, ele auscultou uma delas. Silêncio.

O que fazer? Por Deus, o que fazer? Tão perto de si sua ama adorada e tão difícil. Tomou assento de um pequeno divã que enfeitava o corredor. Precisava planejar o que faria, o que diria assim que a visse quando viu uma mulher vestida com pompa e distinção esvoaçar-se pelo corredor, ao lado de um homem trajando um dólmã elegante e crivado de distinções. Nada de se espantar em noite portentosa tal aquela se... sim, ele tinha de convir, a mulher não fosse negra.

— Por favor... — Eduardo ergueu-se, apressando-se em indagálos. — Perdão, boa noite, cavalheiro — cumprimentou educadamente ao Assis que o respondeu com um gesto sutil do queixo. — Senhora, sabes me informar se nesta ala do solar está hospedada uma dama...

Senhora Mariana... — desconhecia o sobrenome — Tenho de lhe entregar uma mensagem.

— Ah, amiga de minha cunhada! — Flor sorriu-lhe abertamente.

— Naquela porta, Dr. Eduardo. Apontou para o fim do corredor. Estranhando que ela lhe conhecesse o nome, ele despediu-se com um simples “obrigado” e afastou-se depressa.

— Conhece o rapaz, querida? — o Tenente indagou curioso à esposa.

— De ouvir falar... Estamos aqui há uma semana, Assizinho, e a jovem e melancólica amiga de Arielle não fala n’outra coisa se não neste moço que acaba de nos indagar por ela. — Compadecida ela juntou as sobrancelhas numa expressão triste. — Tão triste a história deles...

— Ora, mulher, não te amofine pelas amarguras alheias. Esta é tua grande noite. Serás apresentada diante da sociedade! Estás pronta?

— Nunca estarei — declarou circunspecta. — Mas o farei. Essa gente toda saberá que também sou uma Carneiro.

— E verá também tua mãe te servir, como te sentes?

— Péssima.

— Tens certeza que queres descer ao salão, em pleno calor das valsas? Ela ergueu o queixo petulante e o fitou com aqueles olhos escuros soltando faíscas. Olhos atrevidos e mais flamejantes que todos os candelabros que alumiam aquele corredor juntos.

Mariana, o tronco debruçado na poltroninha de veludo, lia sentada no chão. Seus olhos já se achavam secos. Por mais que ansiasse chorar para sentir-se melhor não havia mais lágrimas para derramar. Os melodramas de seus infortúnios evoluíram para um estado de dependência em que chorar e lastimar-se trazia conforto e prazer.

Reconhecia isso, mas por mais que quisesse, que tentasse lutar contra aquele estado de profunda tristeza, por mais que a amiga tivesse paciência — de Jó, ela admitia — ela simplesmente não conseguia.

Quando em solidão, a única coisa que preenchia sua mente eram as cartas de Eduardo. Só isso a fazia não pensar na morte estúpida que provocou ao filho deles e nas palavras torpes do Visconde quando a mandou embora: — Achaste que eu era tolo a ponto de acreditar que este filho era meu? Louca, devassa e, além de tudo, infame! — ele berrara no meio do dormitório, tentando acordá-la daquela apatia estática que se entregara nos primeiros dias. — Era a última chance de eu ter um herdeiro — murmurara sentandose, distante dela. A última... e tiraste de mim.

Ela o fitara. E tudo quanto ele tirara dela? Roubara dela e de seu único e verdadeiro amor?

— Se sabias que este filho não era teu porque não me puseste na rua? — Já te disse — começou num tom de infinito desdém. — Porque, além de idiota, eu queria muito um herdeiro a quem a única e verdadeira Viscondessa pudesse chamar de neto. — Mas além de perdida, manhosa, choraminguenta, ainda tens o estigma de assassina...

— Assassina, não... não... — ela gritara chorando no que ele a deixara só, na solidão daquele quarto, de seus remorsos.

No dia seguinte, o estéril Visconde mandara que arreglassem seus pertences, uma confortável carruagem para que a levasse com Maria Tereza de volta para os pais. Mas para lá, ela jurara que não voltaria. Tentara subornar o cocheiro com algumas jóias que possuía, mas este era fiel por demais ao patrão. Em uma estalagem há poucas horas de viagem da Vila de Macaíra encontra o Tenente.

Assis vinha de sua última viagem de tropeiro desde o Rio Grande do Sul, justamente rumo à Campina dos Lobos. Sorte maior ela jamais encontraria outra vez. Nunca poderia esquecer as breves palavras que trocaram.

— Porque eu compraria as joias de uma dama rica feito a senhora? Haveriam de pensar que as roubei.

Pelo desespero dessa senhora em escapar de uma sina terrível?

— E para onde pretendes ir?

— Vale do Paraíba? Se um milagre acontecesse...

Assis não suprimira um riso incrédulo.

— Que lugar, exatamente, do Vale do Paraíba?

Tendo enganado o pobre empregado de seu marido ela tomou de seu pequeno baú de pertences mais valiosos e seguiu para Vale Campina, onde estão estava em companhia da amiga e longe da imaginação dos pais, do marido.

Normalmente insone, ela deixou satisfeita aquele poema que ele lhe escrevera tanto tempo atrás tombar sobre o regaço e adormeceu em cima dos braços, ali mesmo, sentada no chão.

Arielle verificou seu cartão de dança. O marido... Depois, o Sr.

Jair Telles, tesoureiro da receita... Rubén... Rubén?! Ele tivera a audácia de marcar seu cartão? Sentiu um ódio doído. Um rancor inesperado.

Aquele rosto que um dia achara belo, com ares de príncipe encantado, hoje lhe aspirava asco e repugnância. Só de lembrar-se da covardia do alarife!

Caminhou para o centro e ficou em sua posição para a quadrilha.

À sua frente, Aidan a fitava enigmático. A música começou e quando se aproximaram para segurarem as mãos um do outro no alto, segundo a coreografia, ele lhe sussurrou ameaçador: — Se ele chegar perto de ti, ou te dirigir a palavra, ou ainda pior, te tocar.. Eu matarei vossas mercês.

Na mente dele, a noite em que ainda noivos, ela fugira.

E se separaram dando a volta pelo salão na troca de pares.

Arielle engoliu em seco e mal ouviu o elogio que um velhinho lhe fez, quanto sua impecabilidade de anfitriã. Temeu ao marido com um

temor assustador. Sentiu até na espinha a gravidade da ameaça que fizera. Mas, afinal, ficou-se indignada. Ela não tinha culpa! Não fora ela quem o convidara! Por que Rubén tinha que renascer do inferno para ir até ali irritar seu marido mais ciumento que qualquer homem pode ter sido em toda a terra?

— Podes fazê-lo — disselhe impassível. — Mas voltarei para te assombrar no leito de tua amante — ela dardejou.

E outra volta.

— És fêrina. Mas não me assustas. Sabes que és a única para mim.

Um giro e um bater de corpos que não fazia parte da coreografia.

— Tu mesmo disseste que homem algum aguenta tanto tempo sem mulher.

— É verdade. Ando a ponto de explodir. E pretendo resolver isso.

Logo.

Então o tesoureiro a requisitava para a próxima dança com seu sorriso falsete.

Aidan, um pouco entusiasmado, instava que sua esposa tocasse para seus convidados. Arielle relutava. Fazer isso, ou seja, tocar naquele piano diante dessas gentes lhe remontava aos tempos de Carneiro e as festas que ele dava. Sempre a obrigava entreter seus convivas como fosse uma atração de circo.

Mas agora era diferente. Eram os amigos, parceiros de seu marido. E até mesmo dois que eram também seus. Eduardo e Leopoldo. Por isso, decidida, disse ao marido: — Tocarei, assim que o jovem, filho do banqueiro Maia, disser versos para todos.

Ele não se opôs. Deviam ser versos românticos, versos de amor.

E quando o rapaz iniciou, Aidan chegou a se precipitar um pouco, por conta do tema que seria inapropriado para o momento. Mas Mauro, O Escravo o atingia fundo.

V

E a voz debilitava-se, fugia

Como o gemido febril de uma rôla Nos complicados dédalos da selva,
Até que em breve se escutava apenas O estalo do azorrague amolecido,
Sobre as feridas do coalhado de sangue Da pobre irmã do desditoso
Mauro.

VI

Basta! — bradou um dos algozes — basta!

Deixai-a agora descansar um pouco, Repousemos também; meu braço
é fraco, Inundame o suor logo... mais tarde Acabaremos a tarefa de
hoje.

Logo? Estais doudo? A criatura há muito Que sacudiu as asas.

— Sim!... é pena.

— Apalpai-a e verei.

— Com mil diabos!

Ide ao amo falar, — responde o outro Limpando na parede a mão
molhada.

E como jamais Aidan vira antes, o estudante recitava como mesmo
estivesse assistindo tal cena de tremendo horror e tortura.

Calava ao Barão e emocionava. E Arielle deixava lágrimas mudas
deslizarem por seu rosto lembrando-se de Flor e todas as vezes que fora
castigada. Flor, que desceria em breve ao lado do marido. Todos os
ouvintes que se quedavam mudos e atentos à narrativa que os
escandalizou com o desfecho.

Mas Fagundes Varela jamais lhes sairia da mente outra vez.

Fosse por emoção, fosse por desdém daqueles de coração embrutecido.

E quando Eduardo, nervoso e muito ansioso por saber sua Mariana ali
tão próxima, bradou o último verso, fez-se no solar um silêncio

sepulcral. Tendo trocado um olhar com seu marido avançou altiva para o piano e tocou uma Serenata, e Schubert por meio de seus dedos, trouxe outra vez risos ao salão.

Aquela elite valsava e comia. Nem pensava nas teias invisíveis, mas contagiadoras que os uniam e a projetavam para a História.

Tinham influência, diversão e o ouro tirado há não muito assim das minas gerais que agora já levantara suas bastas lavouras de café. O

Ouro Negro. Os fazendeiros estavam ali, discutindo, planejando as leis que votariam logo. Leis que manteriam o sangue, o suor que tornaria tudo isso possível por mais de dez anos ainda — o negro que sofria ainda, desde os remotos tempos dos antepassados do tataravô de Frederico, o Suassura rei das plantações canavieiras. O Ouro Branco.

A Coroa por uma colher de açúcar. A Coroa por uma média de café. E, em sentido contrário da Inglaterra, o Brasil corria da indústria que o Visconde de Mauá tanto instava em aqui estabelecer.

Tudo indicava que o evento seria um grande sucesso. As damas, alegres, estavam impressionadas com a fidalguia do casal “sem berço” e, fúvolas, sorriam e bailavam incansavelmente.

— Toda a distinção é obra de minha sogra — a Baronesa não cansava de responder ante os elogios que recebia.

D. Heloíse sorria abertamente, orgulhosa do carinho devotado pela nora. Contudo, seu coração, dentro do peito, achava-se em pedaços. Como se refazer da conversa que tivera com o filho mais velho há alguns dias?

Mas os anos de convívio na Corte, no Rio de Janeiro, e também aqueles, como esposa de um influente homem do governo de Pernambuco a educaram e formaram. Sabia a importância das boas relações sociais, em como elas influenciam a vida de seu filho que,

financeiramente, dependia delas. Era por isso que, quando alguma senhora pícara lhe perguntava o berço, respondia a verdade sobre ser neta de um francês que, obrigado pela Revolução Francesa, refugiouse em Portugal, Lisboa. Depois, em 1808, partira para o Brasil junto de D. João VI e agora aqui estava, como todas elas que de algum lugar, por algum motivo pouco nobre seus antepassados também deixaram, ou fugiram, da Europa. E a divertia tanto assistir-lhes o embarço. Tudo que fez em sua vida — pensava Heloíse enquanto um jovem apessoado chamava a atenção de todos no salão — foi em amor à ele. Ao filho. Mesmo a mudança para a Recife, muitos anos antes quando o convencera a lhe comprar um sobrado com vista para um horizonte sem fim.

Arielle, do outro lado, em oposto à sogra, tinha o braço dado ao do marido. Este mantinha a expressão impassível, uma calma característica. Mas Arielle, lhe sentia a tensão. Só ela o sabia perceber.

Era no modo que, furtivo, ele mordida a pintinha que possuía no lábio superior.

Leopoldo finalmente conseguia silêncio absoluto e a atenção de todos. Olhou uma última vez para o amigo que o estimulou com um assentimento. Aidan esperava nervoso, o modo que encontrou para se redimir com o amigo. Mas como ele poderia saber que Flor era sua irmã? Teria agido dessa forma ousada e nada usual não fôsse casado com uma... uma... Com Arielle?

— Nobilíssimos convidados de meu patrão, com orgulho e honra... O Navio Negreiro, Castro Alves — apresentou.

Empolgado, Leopoldo fitou ao redor, uma última vez em busca de Eduardo, mas não o encontrou. Sabia que era o mesmo que falar com um poste aconselhá-lo em não procurar D. Mariana, que agora estava casada.

Abriu a boca, trêmulo de excitação e logo mais, conforme avançava, já se ouvia burburinho e exclames de indignação de alguns convidados. Mas, se o Barão de Vale Campina permitira, quem ousaria interromper o jovem?

Inflamado, cada vez mais envolvido pela declamação que já acontecia aos brados, Leopoldo não se deixava intimidar. Com emoção, e quase às lágrimas, ia empenhando seu papel naquele circo.

A encenação, até aquele ponto alcançava o seu objetivo: emocionava alguns, aterrava outros e, o que era muito mal, irritava os agricultores.

V

Senhor Deus dos desgraçados!

Dizei-me vós, Senhor Deus!

Se é loucura... se é verdade Tanto horror perante os céus?!

Ó mar, por que não apagas Co'a esponja de tuas vagas De teu manto este borrão?...

Astros! noites! tempestades!

Rolai das imensidades!

Varrei os mares, tuão!

Quem são estes desgraçados Que não encontram em vós Mais que o rir calmo da turba Que excita a fúria do algoz?

Quem são?

Se a estrela se cala, Se a vaga à pressa resvala
Como um cúmplice fúgaz, Perante a noite confusa...

Dize-o tu, severa Musa,
Musa libérrima, audaz!...

São os filhos do deserto, Onde a terra esposa a luz.

Onde vive em campo aberto

A tribo dos homens nus...

São os guerreiros ousados Que com os tigres mosqueados Combatem na solidão.

Ontem simples, fortes, bravos.

Hoje míseros escravos,

Sem luz, sem ar, sem razão...

Já assustados com a paixão do rapaz, a pequena e seleta multidão perdeu o eixo e a voz de suas gargantas. Era ela, Flor de Luanda Assis que descia a grande escadaria do fausto solar de Campina dos Lobos.

O volume das saias lhe conferia o aspecto de quem levitava.

A pele reluzente era também dourada pela luz dos incontáveis castiçais, a expressão serena e o rosto altivo escondiam os verdadeiros sentimentos que a tomavam de alto abaixo, diante da comoção que, passado o susto inicial, tomou a platéia.

Apertou com força a mão do marido que a encorajou: — Orgulho sempre. É o único sentimento teu que eles merecem.

Perceptível só a ele, Flor aquiesceu.

Não deixaria que uma pessoa sequer, nem mesmo os três irmãos, notassem como estava afetada pelo acontecimento.

Sereno, Aidan desvencilhou-se da esposa, atravessou o salão, observado a cada passo, e caminhou até o pé da escadaria e esperou. Assim que o casal chegou ao primeiro degrau, pararam. Aidan num gesto galante, como que pedisse licença ao amigo Tenente tomou a mão de sua irmã e voltou-se para o salão.

— Vós, convidados, a quem permiti a intimidade do interior de minha casa, não estão aqui sem razão. Os motivos que me levaram a oferecer este baile àqueles tão estreitos de meu convívio são tantos e não um, como virão a saber ao decorrer da noite... — Fitou de relance Arielle.

— O luto por minha filha que termina, o noivado de meu irmão Tiago... Sim, donzelas, não chorem... — pediu rindo satisfeito

ao notar

a tristeza nos rostos das Sinhazinhas e, principalmente, de suas mães.

— O Doutor

hoje anuncia sua escolhida.

Em um canto, tímida, Giulia sentiu o coração dar um estalo ante o que dissera o Barão. Tiago? Sabia que o estrangeiro só poderia estar falando do noivado. A italiana olhou de esguelha para o Conde de Boa Ventura. O velho redondo sorria satisfeito. Contava que o anúncio seria do noivado de sua filha. Tremeu só de imaginar sua ira sobre o seu povo, mas Tiago garantira aos seus pais que não permitiria que nenhum mal os assolassem.

Que depois do casamento os levariam para Campina dos Lobos e ali construiria uma casa para eles, onde teriam trabalho. Giulia viveria com ele na casa grande até que o sobrado da cidade ficasse pronto. Conseguiu sorrir, finalmente, ao imaginar a decepção de Boa Ventura. — Mas a emoção maior desta noite, meus amigos, — Aidan continuava — sem ainda contar outro anúncio de noivado, o de minha irmã Joaninha, é que vos apresento, com muito orgulho, minha outra irmã. Flor Carneiro Assis, — não viu Joaquina de Luanda, reverente, baixar o torso — que acaba de contrair matrimônio com meu melhor amigo, meu sócio e, antes de tudo, aquele que mais de uma vez, me salvou da morte na penuriente jornada que foram os combates contra o Paraguai. Agora também se torna meu irmão.

Aquele que sempre me foi leal, aquele a quem devo lealdade.

— Irmã... — a comoção foi geral ao ouvi-lo chamar pela negra que se trajava como uma mulher branca.

O assombro, a afronta, a consternação. Poderiam ouvir a parte realmente importante do discurso? Não. Estavam agrilhoados na perfídia de uma das derradeiras sociedades escravistas.

— O que se poderia esperar de um bastardo! — diziam alguns, fitando os anfitriões com desdém, antes de saírem porta afora. — Pouco escândalo é besteira para gentes assim!

Não que não esperassem por aquela reação. Ela era uma certeza.

Mas a concretização da discriminação e preconceito teve o poder de arrancar uma única lágrima de Flor. Olhos reais. Olhos aristocráticos que convergeram duas linhagens numa só. Os de Luanda e os Carneiros.

Flor, por fora uma estátua de altivez, no olhar toda a supremacia da representante de uma raça. Por dentro as chagas do preconceito, a tristeza do desprezo.

E a profecia? A maldita profecia? Lembrava-se ela. O que queria dizer, afinal?

Contudo, nem um terço foi o tanto de convidados que se retirou da festa que recebeu indiferente a convidada diversa unicamente no que dizia respeito ao tom de pele.

E foi assim porque, como todos os presentes, o marido tendo ficado órfão há poucas semanas, era ela muito rica. Sem mencionar o dote que Aidan fizera questão de lhes dar.

E aquelas atitudes do Coronel, mais uma vez, reviravam fundo com o modo que a esposa o amava, o respeitava e decidira, então lhe servir. Ele era mais que apenas falar. Não era abolicionista no brado ou no rompante. Era no coração. Arielle conjectura a possibilidade de aquele ser um modo, aquela atitude diante da sociedade, fosse algo como que a suplantar a injúria que ela sentia por ele não querer deixar aquela terra.

Mesmo se fosse tão intencional e calculado, era um gesto muito digno, de imensa coragem. Para provar alguma coisa à ela. O que provava quão especial era diante dos olhos do marido.

Porém, antes que findasse a madrugada, ela saberia que não era assim. A razão da atitude do Barão, também era idearia.

Suas mãos suavam, sua respiração estava fora de controle e nem

buscava ritmá-la. A ansiedade o consumia. Resolveu por não bater; anunciar-se soaria estranho. Tudo que queria era outra vez o toque macio daquela pele acetinada sob seus dedos e...

Não hesitou mais e abriu a porta de um chofre. Que bom, não estava trancada.

— Mariana? — chamou-a ansioso como nunca estivera nos seus vinte anos de existência.

Viu finalmente a figura que mais sonhara em ver, a imagem mais adorada de suas nostalgias, ali, arranchada ao pé de uma poltrona, o braço esguio atirado ao lado do corpo.

Dormia profundamente e tão entregue e pálida que ele temeu...

Aproximouse e verificou que era um receio tolo. Ela respirava, sim, e com a calma de um anjo.

Eduardo conteve dentro da garganta um gemido de comoção.

Seus joelhos tremiam e ele hesitava em tocá-la. O que deveria fazer?

Acordava-a? Onde estaria o bebê?

Arrebatado, recostou e deslizou suavemente o rosto à face dela, a qual fitou de esguelha. Aquele perfume... Achou-a tão magra, com olhos fundos de olheiras. Ah, ela sentia sua falta... Não esperava que fosse diferente. Era isso.

Abraçou-a veladamente, com cuidado de não despertá-la.

Embriagando-se da fragrância que o consumira por tantas noites de saudade. Pensou que nem o ópio ou vinho que o ajudara a não se entregar, a não sucumbir, eram tão prazerosos quanto aquele contato que, sorrindo, tinha agora contra si.

— Sentiu a minha falta, musa do silêncio? — ele ciciou junto ao ouvido de Mariana.

— Quase morri... — respondeu acreditando estar dentro de outro daqueles sonhos em que ele a visitava. — Quase morri, Dudu, por isso não me deixes outra vez.

— Não a deixarei — disse alto e sorrindo. — Desta vez não deixarei que partas. O faremos juntos, meu lírio...

— Eduardo! — ela exclamou, enfim despertando. — Tu... aqui...

mas...

— Ora, também estou surpreendido — ele contou sorrindo feliz.

— Não imaginava que meu pai tinha negócios com o marido de Arielle. Mas, ele me tem obrigado a tomar parte dos negócios e... Não pôde terminar, ela o apertou forte contra si. Colou a boca à dele roubando o que com ânsia ele queria lhe dar. O beijo alucinado, doído, sôfrego foi trocado entre palavras ininteligíveis, toques insanos, lágrimas. Nem viram, já rolavam pelo chão, rindo, gargalhando infantis naquela alegria tão esperada. Devotados um ao outro como sempre quiseram, mergulhados mutuamente nos olhares.

— Ah, Dudu... Como sonhei com esta hora.

— Mariana! Que perdição, ter-te outra vez assim, sob meu corpo — dizia abafado contra a pele do pescoço. — Nem sei o que dizer, por onde começar...

— Comece puxando o laço de minha camisola — ela sugeriu rindo travessa, como no passado fazia, levando-o ao delírio.

— A porta... — ele lembrou-se.

— Cerre-a com a chave.

Obedeceu-a de pronto e ela subiu para a cama e esperou. Depois falaria das tristezas e dramas. Agora, tudo que queria, era ao menos um bocado daquela alegria toda que compartilharam no passado.

Pelo caminho, ele vinha livrando-se da casaca, descendo, afôito, os suspensórios pelos ombros, arrancando os sapatos com os calcanhares.

— Ah, como te quis, como te quero... — disse parando ao lado do leito, fitando-a arrebatado.

Ela ergueu os braços para ele que, ainda em pé e sorrindo, abraçou-a.

— Só uma coisa... — interrompeu-se afastando o tronco dela, mas soltando-lhe as tranças de dentro da touca e desfazendo-as.

— Diga.

— Onde está nosso filho? Tudo o que mais quero é conhecê-lo.

Estou louco por isto.

Ele não entendeu por que o semblante dela se acabrunhou tristonho. Porque os olhos ficaram distantes e transbordaram gotas cristalinas que escorreram pela face morena que há pouco se achava afogueada.

E, depois que lhe contou tudo, tudo que passara desde que o deixara no Rio de Janeiro há exato um ano, ela quem não entendeu por que ele quedou-se mudo. O fitar a vaguear distante, a boca contraída numa expressão indecifrável.

— Eduardo, por favor, não vai dizer alguma coisa? Por que estás tão quieto?

Com uma expressão infeliz, não poderia ser de outra forma, ele levantouse e começou a vestir-se.

— Não vais me abraçar? Por quê? — ela perguntava já ao lado dele.

— Por que não me consolas? O que há? Por que esta frieza, de repente? Algo que te disse? — segurando a manga de sua camisa exigiu uma explicação: — Por Deus, meu amor, o que há?

— “Meu amor?” — repetiu com indignação. — Ainda me chamas assim? Tens a audácia? Depois que entreguei minha vida para ti... Depois de eu ter enlouquecido, largado a medicina, saído aos confins do Brasil à tua procura, me perdido no álcool, no ópio, me tornado a decepção de meus pais... tu te entregas a outro homem e ainda me chamas: “amor”? Depois de selados um ao outro, Mariana?

Que pertenceríamos sempre um ao outro? — ele chorava, o rosto vermelho transfigurado pela dor. Então segurou-a firme pelo queixo.

— Que seríamos fiéis um ao outro? Como pudeste?!

Ela agarrou-o pelas lapelas e, nervosa, defendeu-se:

— Então me culpas? Não desejei, nunca sonhei que tu agirias feito um maluco... Ora, e o que eu podia fazer? Tive eu escolha?

Estava sob o poder dele! — gritou. — Se achasse que o filho que eu carregava fosse de outro poderia me matar junto da criança. Eu não o

conhecia! Não sabia que ele não se importaria em fazer seu, o filho de outro homem!

— Poderias ter fugido! Poderias... Ou ainda, nunca deverias ter deixado o Rio de Janeiro. Eu quis casar-me contigo. Enfrentaria quem fosse preciso. Morreria por isso. Mas tu,

Mariana, foste covarde. Não queria contrariar teu maldito pai...

— Não seja injusto! — ela gritou.

— Teu maldito pai que hoje... hoje tu mesma não queres outra vez confrontar.

— E quantas vezes não achas que me arrependi e pensei as exatas coisas que dizes

agora? Ah, Eduardo, me perdoa... — suplicava. — Eu não tive culpa. Tudo que fiz, foi por amor a ti... por honra aos meus pais, por... burrice. Quis agir da melhor maneira e acabei cometendo... cometendo os piores pecados.

— Ao menos reconheces.

— Ah... — começou com a voz embargada pelo desespero. — Tu não Dudu, tu não me maltrates também. Não vês que tenho andado consumida por andar apartada de ti? Se há algo que não me podes acusar é de infidelidade. Nunca deixei de pensar em ti, por um segundo sequer. Mesmo na hora que nosso filho me rasgava para nascer eu pensava e sentia saudades de ti! Meu coração nunca pertenceu, nunca pertencerá a outro que não a ti. Mesmo quando...

bem, mesmo no momento que tive de sacrificar o meu corpo, eu pensava em ti. Meus lábios? Só os teus beijaram! Meu corpo? Só tuas mãos tocaram...

— Não fale uma coisa dessas — ele gritou na face dela, que assustada recuou. — Não fale estas coisas... O pacto, Mariana, era bem claro. Nunca ser de outro; nunca! Só minha. Minha... Como eu sempre fui teu. De ninguém mais.

— E tens certeza que foste só meu? — indagou transtornada. — Arielle me disse que estás noivo de tua prima! — acusou-o.

— Sim. Estou. Meu pai me obriga. Ameaçou cortar-me o dinheiro que me financia a droga que torna suportável viver longe de ti.

— Ah, até disso me culpas então? — Mariana conseguiu rir com amargura.

Ele a segurou com firmeza pelos ombros e esclareceu:

— Não. Quando soube que vinhas para cá, ao ter a esperança desse reencontro, larguei o ópio. Já não me era necessário. Mas guardava dinheiro para nosso futuro, nunca desisti de ti a quem tanto eu amei! Nunca pretendi levar esse teu casamento a sério. Mesmo sabendo que é errado, te roubaria do tal Visconde. Ia atrás de ti, Mariana, se te conhecesse o paradeiro.

— Ah... Não poderias.

— Não poderia, ou não queres? Hein? Fale a verdade! Está gostando da vida de casada, não é?

Ela sentia ganas de esbofeteá-lo.

— Ele me expulsou, Eduardo! — gritou. — Eu o detestava, como poderia gostar desse casamento? Tudo que faço é pensar em ti... — choramingou sem forças.

— Te expulsou por que mataste o nosso filho.

Profundamente magoada, em um tom quase inaudível, ela perguntou:

— Tu também, Dudu? Também acreditas que o matei?

— Perdão — apressou-se em pedir. — Não isso. Sei que jamais seria capaz de algo assim. Falaste-me quanto ao descuido da janela aberta que o constipou, mas... Ter sido de outro, Mariana? A esperar o nosso filho... É imperdoável.

Quase vencida ela deixou-se cair sentada sobre o baú. Quando já perto da porta ele voltou-se, antes que dissesse palavra, ela inquiriu-o:

— Não vais me perdoar, Eduardo? Não sejas cruel com quem mais te amou... e ainda tanto te ama. Depois de tudo que sofremos para que esse reencontro se tornasse possível? Depois de eu ser arrasada de alto à abaixo nessa vida? Vais te casar com outra? Como eu, vais macular o pacto e o selo da nossa fidelidade? — indagou chorando forte e olhando-o diretamente em seus olhos.

— Como eu poderia te tocar sabendo que já foste de outro, hein,

Mariana?

E, assim, tendo dito o que o consumia, virou as costas e deixou-a ali.

Arielle esperou em seu lugar. Não perderia a oportunidade de jogar na face emproada do antigo namorado tudo o que este perdera.

Do outro lado, ele a fitava com um olhar de malícia e um risinho sinistro.

Aproximaram-se, deram-se as mãos e iniciaram a valsa.

— Não pensei que poderia te tornares ainda mais bela que eras,

Arielle.

— Senhora de Henriques, para o senhor.

— Como desejar... Senhora.

—

Bela, mas me desprezaste — ela lembrou-o antes de

empreenderem um giro elaborado.

— Eu te amava, mas era suicídio lutar contra o Barão de Vale Campina.

— Covarde — ela o insultou sem receio, lhe fitando nos olhos.

— Covarde? Não. — Se ela soubesse que o que reservava para aquela noite exigia muita coragem... — Inteligente. Hoje sou herdeiro de uma das grandes fortunas de Minas Gerais.

— És feliz?

Ele refletiu um pouco e sorriu.

— Sim. Tenho tudo quanto meus desejos possam querer.

Ela sorriu sarcástica e redarguiu olhando para a esposa atarracada dele:

— Duvido.

Rubén sabia que ela tinha razão. Não podia ter a única coisa, ou

o único alguém que desejava. Anos atrás ele já se arrependera de ter declinado do convite dela para que fugissem e certa noite, bêbado n' As Damas da Taverna, quisera duelar com o Barão que nada mais fizera que rir de sua cara lisa e turbada pelo álcool. Riso que, diante da segunda provocação, em pouco se transformara em gritos insanos de ambos.

— És orgulhosa, Baronesa. Conheces bem o dom de feiticeira que possuis sobre os homens. Tens razão. Já tive de tudo. Menos a única coisa que mais desejei. Vossa mercê. — Dizendo isso lhe aspirou o perfume delicioso que manava do pescoço convidativo. — Espereme no confessionário da igreja, pela manhã.

Ela, irritada, esquivou-se dele. Não estivessem em meio a tanta gente teria desferido-lhe um sonoro tapa na face.

— Não sou o tipo que fazes conta. Não pertenço a tua jaez.

Quando se voltou, o marido a esperava bem ao seu lado.

Trombou com ele de forma violenta e, em seguida, se viu puxada para fora dali. Nem chegou a ver o olhar cheio de promessas que o Cel. dedicou ao outro. E ele a apertava tanto pelo braço que chegava a doer.

Conduziu-a pela escadaria para o andar superior do sobrado.

Apenas alguns olhares curiosos os fitavam, tão entretidos com as danças se achavam os visitantes.

Aidan os observara de longe. Desde que a dança começara ele sentira ímpetos de ir arrebatá-la a sua, sua mulher dos braços nefandos do “frangote desbarbado”. Mas seria bárbaro diante dos presentes.

Mas então, aquela audácia do depravado, inspirar o perfume de sua esposa. Da mulher que lhe pertencia! O perfume que era seu! Somente seu e ela lhe negava.

Arielle pensou que a levaria para o quarto dele, para lhe acusar e ameaçar. Atirar-lhe o passado no rosto. Mas não. Passou direto. E não entrou no dela. Continuou. Mais à frente, abriu a porta de seu antigo quarto de solteira e a fez entrar. Segurando-a firme pelos

braços que prendeu atrás de sua cintura ele fitou o arredor.

O dossel recoberto por tecidos brancos e vaporosos. A colcha de gaze branca enfeitada de barrados salmões, os móveis de estofos em tons pastéis. Sim, o quarto da sinhazinha que ela fora.

— Sempre sonhei conhecer teu quarto de donzela... — ele murmurou entre perigoso e sonhador.

— Por que não o fizeste? — ela indagou arfando. Tentava debalde soltar-se dele. — Oportunidades não te faltavam.

— E me julgas louco? — ele comentou trancando a porta com a chave. — Se eu tivesse entrado aqui àquela época — referia-se ao tempo do colégio — eu não teria suportado. Teria te buscado antes do tempo.

— Aidan — tentou impor alguma calma à voz, ela buscava um modo de esclarecer a dança — eu estava justamente dizendo àquele... àquele...

— Silêncio! — ordenou. — Não estou para discussões.

Ele a fitou nos olhos com uma seriedade tão densa que lhe causou um fêmito medonho. Conduziu-a até a pilastra do dossel num ritmo sensual e, recostando-a ali brusco, ergueu-lhe as saias.

— Aidan!

— Te avisei que estava a ponto de explodir...

— Por favor, eu não... — então arregalou os olhos quando se viu suspensa por aquelas mãos macias e grandes, que a sustentavam pelas nádegas a ancas.

— Aquele maldito... Tendo o que é meu; exclusivamente meu... e que me tem sido negado? — sussurrou desafiando o cinto e enterrando o nariz no pescoço para sentir-lhe o perfume adocicado.

— Teus cheiros são unicamente meus!

Estava aterrado pela urgência.

Arfou com a rudeza e estava cônica daquelas mãos grandes e quentes que a sustentavam. Como todos aqueles meses de abstinência

lhe fizeram sofrer!

— A mim também... a mim também... — ele leu-lhe nos olhos os pensamentos. — Eu não poderia te matar, nunca. Não vivo sem ti — declarou.

Foi rápido, tórrido, irreprimível. Não houve beijos, nem toques e nem carícias. Só o desejo desesperado de um homem pela mulher esleita. Então, ainda arfando, ele fitou a confusão que se formou no rosto afogueado de mulher e sentiu culpa por ter pensado só em si. Levantando-a no colo, depositou-a sobre o leito.

— Me desculpe... Estava com gana de ti! Vou reparar meu egoísmo — avisou ajeitando-a sobre os travesseiros.

Introduzindo as mãos por sob o corpo dela lhe abriu o corpete e a livrou do vestido.

A música vinha do andar inferior, abafada e longínqua.

— Aidan, os convidados... — ela lembrou-o.

— Ao inferno com eles!

Fitou por alguns momentos o corpo desnudo. Apenas as meias de seda preta, presas pela liga ao corpete entreaberto. Que corpo...

“Tão feminino, tão perfeito”. — Pensava embevecido. Adorava cada uma daquelas sardas que ela possuía espalhadas por toda a pele. Encontrou os olhos vivos dela e as estrelas que se desenhavam nas íris pareceram cintilar. Ela o queria muito...

Sem deixar de fitá-la, ele puxou o cinto do cóis da calça e o reservou ao lado deles. Ela estava expectante. Ainda queria mais, não fora satisfeita. Tomando-a pelas axilas ergueu-a mais de encontro à cabeceira da cama e apoiou-lhe os braços contra o gradil. Procurou mais uma vez o par de olhos de turquesa.

— Confias em mim?

— O que pretendes? — indagou erguendo uma sobrancelha.

— Confias no teu marido, minha esposa?

— Sabes que sim — respondeu-lhe abrindo os botões da camisa, inebriada com o aroma masculino. — Já era mesmo tempo de...

Tomando

o cinto escuro na mão, prendeu-o nos dentes enquanto ajeitava-lhe outra vez os antebraços contra o gradil.

— O que está fazendo?

—

Então... —

transpassou-lhe os braços com a correia prendendo-a ali. Deu uns puxões para conferir. Estava bem firme e afivelado. — Se confias, acalenta-te.

— O que pretendes? — ela quis saber ficando um pouco aflita.

Ele levantouse e a observou por longos momentos. Ali, presa a cama, a sua mercê. Tremeu de tanta excitação que sentiu.

— Aidan? Prendeste-me para me fitar?

Ele sorriu cheio de malícia. Sua esposa estava ansiosa para tê-lo. Ela merecia ser atormentada, ao menos um pouquinho. A malvada lhe torturara por meses. Desconfiava mesmo que tivesse espiado o próprio perfume em seu travesseiro para enlouquecê-lo.

Depois de torturá-la bastante, ouviu ela sussurrar:

— Aidan...

— Huum?

— Quero-te...

— Me tens, não estou aqui? — murmurou parando por um segundo.

— Sim... Apenas me ame, apenas me ame, Aidan! Quero...

— Quero...

— O que queres? Hum, não tenha receio em pedir!

— Me soltes — ela forçava os braços presos pelo cinto. —

Quero... Ah! Quero te tocar também.

Sorrindo com a promessa, ele a obedeceu e, tão logo se viu livre, ela lhe arranhou os ombros, lhe esbandalhou os cabelos. Também, segurou o rosto forte com ambas as mãos puxando-o para si, para respirar através de sua boca. Empurrando-o pelo ombro fez com que tombasse para o lado e, pela primeira vez, ficou por cima de seu marido.

— Se te perco, meu amor, prefiro a morte... — ele rosnou.

— Nunca vais me perder, nunca. Também não me entenderia sem ti, meu marido. Mas por que não podemos deixar esse lugar que sempre me fez e me faz sofrer?

— Porque não podes entender minhas fraquezas?

Ela enxergou tristeza no olhar dele. E compreendeu-lhe, mas murmurou:

— Somente eu, somente... Não te basto — a afirmação tinha um tom muito triste.

Ele a estreitou com força contra si e afogou o rosto em seus seios. Como se suas peles estivessem unidas, extasiou-se de adormecer lhe sentindo o perfume.

E Arielle pensou que o amava tanto que poderia passar por cima se sua obsessão por mudar-se dali. Esquecer tal idéia fixa que há muito mantinha. E, até mesmo, tentar construir uma vida em que a alegria não se limitasse ao quarto.

No meio da madrugada, todo o solar silencioso, Arielle despertou por causa da fome que o marido tinha dela. Começara com carícias despretensiosas, até que os bafejares de ambos se tornaram descompassados.

E se entregavam um ao outro de um modo

desprovido de consciência. Trejeitos de fome, saudade e amor represado a rebentar comportas afora.

Depois, exaustos, ficaram eles por muito tempo, calados, em meio à

escuridão. Arielle o sentiu se erguer e caminhar pelo aposento.

Logo, assistia a silhueta nua recortar-se na luz frouxa e amarelada de um candeeiro que, com uma mão, ele trazia. Na outra, segurava um papel.

Parou a beira da cama, diante dela e esperou.

Quando Arielle sentou-se, entregou-lhe ambos, candeeiro e papel, e aguardou que lesse.

“Caro “irmão”,”

— Fernão... — ela murmurou, reconhecendo aquela caligrafia.

“Roubaste o que seria meu por direito. Tenho de admitir, foste muito mais esperto que eu, na engenhosidade de tua patranha.

Mas não acredite que deixo, conformado, “meu” arraial.

Mesmo que eu não recupere minha herança, te farei sofrer terrivelmente. Parece-me, pelo que tenho sabido, a morte e a dor não te assustam, tão corajoso guerreiro.

Todavia, o modo que me vingarei, sei, doerá mais que a pior das torturas. Vi como trocaste olhar com a noiva de meu pai. Sei que a quiseste para si com toda a ganância que um homem pode desejar uma fêmea. Que olhar mais transparente!

Depois, um homem sensato como tu ter a audácia de roubá-la para si... A queres muito, não é mesmo?

Por isso, mais cedo ou mais tarde a farei sofrer, com requintes de maldade por ti nunca visto.

Até agora, tens tido sorte. Uma grande herança, menções

honrosas na Corte e uma esposa “adorável”. Aquela, a quem eu mesmo pretendia roubar de meu pai. Aquela a quem por toda vida ansiei ensinar uma bela lição e sempre fui impedido por meu outro irmão. Ah, meus irmãos sempre se interpondo em meu caminho.

Mas percebo que agora será fácil. Como matar dois coelhos com um só tiro. Antecipo o prazer que sentirei em violentá-la, incansavelmente, na tua frente. E, depois, rindo, te verei repudiá-la por estar manchada por

mim.”

(...)

Arielle tinha os olhos rasos de lágrimas. Fernão era mais que maldade... Fernão era mais que doente, era diabólico, só isso que poderia ser! Só poderia carregar no sangue uma psicopatia e assombro sobrenatural para fazer ameaças como aquelas.

Conhecia a índole insana e perversa de Fernão, mas jamais imaginaria que ele seria capaz de torturá-los com ameaças como aquelas.

— Há cinco anos tenho caçado o maldito — Aidan lhe contou entre os dentes. — Cinco anos temendo que ele encostasse em ti aquelas mãos miseráveis.

Num lampejo, Arielle lembrou-se das fugas noturnas do colégio.

Engoliu em seco.

— Ter me mandado para o colégio tem algo haver com isso? — indagou, a voz embargada.

— Também. Mas, não imaginas como sofri, obstinado, atrás do rastro dele. Fernão, tenho de admitir, além de o mais vil é o mais escorregadio dos homens. Ah, se ele tivesse caído em minhas redes...!

Se o tivesse achado teria te buscado muito antes naquele colégio. Até que... Se aproximando do quinto ano, eu não suportei mais. Não suportei... — olhou-a afetosamente. — Te queria tanto ao meu lado, Arielle. Que me contentaria em mantê-la comigo contra tua vontade, contra tudo e todos se fosse necessário. Mesmo que, para isso, precisássemos viver num castelo de vidro se isso a protegesse.

— Ora, Aidan... Se eu não te amasse, isso seria uma atitude egoísta. Turbado, ele respondeu:

— Para um homem com tantos erros e desgostos, isso nada seria.

— Achas que foi ele quem me envenenou, assassinando nossa filha?

— Não acho. Tenho certeza. Depois de ter a prova sobre o tráfico de

crianças para a prostituição... De Fernão tudo se pode esperar. Quanto... — sua voz tremeu — quanto ao aborto, o envenenamento... A questão é: quem seria seu cúmplice? Temo que seja alguém de Campina dos Lobos, ou mesmo, de dentro do solar.

Aterrada, Arielle abafou o choro com o dorso da mão e ele a puxou contra seu peito. Não acreditava que alguém ali, aqueles a quem ela sempre amara o pudesse fazer.

— Todo o tempo em que estive preso, vivi aterrorizado com a possibilidade que ele te fizesse mal. E sentia tantos remorsos, porque ele o faria para vingar-se mim. Mantive muitos homens guardando a fazenda. Mas, idiota, na última semana, os liberei, porque afinal estava voltando para casa. Então...

A dor calou-os doloridamente. Então, a perda da esperança. A perda de Madeleine.

— Meu amor... Esse lugar nunca foi uma casa, um lar...

Talvez ela tivesse razão.

Talvez, Campina dos Lobos só trouxesse desgraças aos seus habitantes. Quem sabe uma alma penada vagasse por ali e brincasse com a vida de seus moradores. Ora, mas que tolice! Era um homem e não podia se admitir cedendo ao que poderia parecer um capricho de mulher. Crer em assombrações...

Fora que, depois da voz de prisão e a bem sucedida fuga de Fernão, tendo seu informante achado o rastro do perverso fugitivo no início do mês, seria questão de dias capturá-lo e entregá-lo às autoridades.

Envolvia-se em tantos embustes que nem precisaria se expor, acusando-o pelas ameaças que durante os últimos anos lhe fizera. Ademais, como estava no testamento, fora vontade de Luís Carneiro que ele herdasse a propriedade e tudo o mais.

Aborrecida pela falta de resposta dele, e por seu ar taciturno ela inquiriu:

— Porque tu me revelas tudo isso, só agora?

— Quis poupar-te — respondeu simples. — Penso que era mais

seguro para ti, não sabendo nada.

— Parece dizer de folhetim barato — ela zombou para mascarar o pavor do que tudo isso lhe causava.

Se ele soubesse que ela andara as voltas de encontros secretos na calada da noite, no centro do Rio de Janeiro, nos últimos anos no colégio! O perigo que correrá!

Arielle começou a chorar com profunda angústia pensando na filha que, agora poderia estar entre eles. Como a natureza poderia conceber um ser tão vil como Fernão? Não imaginavam que ele, Fernão, fora concebido numa noite de profundo rancor, ódio, que Luís Carneiro sentia por seu verdadeiro amor, ou ainda, por sua obsessão, Heloíse de Henriques. E descontava na desafortunada esposa...

Aidan, muito carinhoso, abraçou e aconchegou Arielle contra si.

— Não chore... Nunca mais deixarei que te façam mal. Não tirarei mais meus olhos de ti. Um só segundo, te juro. Mesmo que tenha de te carregar para onde quer que seja que eu precise ir. Ainda que eu tenha de viver confinado a esse lugar.

— Confinada a esse lugar... Não me diga isso. Ora, sei que perco meu tempo. Se não crês, se nem Deus te comove, que te há de comover? Ele puxou-a consigo para que se deitasse em seu peito. Apagou o lampião, entregando o espaço a escuridão. Não poderia lhe contar tais revelações, olhando em seus olhos. Sua garganta talvez se trancasse.

Mesmo que o envergonhasse, se ela soubesse talvez o pudesse entender. Entender sua fraqueza. Sua gana em fazer justiça frente a Luís Carneiro. Amava-a mais que a si mesmo. Poderia morrer por ela se

necessário!

Por isso achou que ela deveria saber o que o transformara em um descrente.

— Eu era pequeno e...

Capítulo XXI

DEVIA SER PERTO de amanhecer; fitava indiferente a estrela d'alva. Todas as cores pareciam gritar a dor e tristeza que o encerrava àquela prisão inescapável. Estava preso dentro de si mesmo, à ela.

Eduardo fitava pela janela o céu roxeado e liberava a fumaça do Manilha que tragava às talagadas. E as lágrimas mudas, a lavarem seu rosto descorado, não cessavam. Estava tomado pela apatia

e

desesperança. Tudo que mais queria agora era regressar para Petrópolis, trancar-se em seu quarto e nada mais fazer que compor e compor inspirações agourentas.

Dissera a ela, vê-la pertencer a outro não suportaria! O ciúme o alucinava

a cada minuto decorrido, cegando-o para a dor que confrangia

Mariana. Dado momento, a beira

do

desvario fitara seriamente o revólver do pai; era muito fácil dar um fim àquele sofrimento todo que o perseguia. A boca do cano gélido a resvalar-se nos próprios lábios e... Não, sua vida não pertencia a si. Dera sua vida para Mariana. Era dela, independente dela ter maculado o juramento.

A dor era imensa, tão fustigante que teria ido embora naquela exata hora que deixara o quarto da namorada perdida. Mas, a cortesia dos Barões de Vale Campina não poderia ser negada pelo sócio mais chegado do Coronel, que insistiu para que pernoitassem ali.

Arielle soubera, sentira no coração que algo não ia bem e agiu de modo que fosse irrecusável a hospitalidade sua e de seu marido.

Fitou de relance o pai que ressonava de borco no leito.

O tempo passava. O mancebo meditava. Tentava encontrar a razão perdida.

Eduardo sabia... O que Mariana poderia ter feito para evitar as investidas de um marido ciente de seus direitos conjugais? Sentia na carne o quanto ela ainda o amava. No modo que ela chorara, no modo que ela implorara, no último olhar que lhe lançara quando a deixara em seu quarto. Sentia que ela o amasse ainda mais que nunca.

Todavia, lhe era insuportável as imaginações que o assaltavam na nuvem

de fumaça de recordações e sonhos perdidos.

Quanto

sofrimento enfrentava continuamente!

Batidas na porta. Seu pai sequer se moveu. Suspirando, ele caminhou até que abrisse e deparasse com a irmã do Coronel.

— Sinhazinha? — Eduardo estranhava.

— Uma desgraça... — ela declarou sem rodeios. — Já chamei meu irmão que é médico e... Sei que és, ou eras também... Bem, Lélia foi lhe trocar a água do jarro há pouco, por ordem da Baronesa e...

— O que houve, quer me dizer?

— D. Mariana, ela... — chorava — Cortou os pulsos e...

Eduardo não precisou ouvir mais nada. Correu para o quarto dela, o único que tinha a porta aberta e de onde brotava uma luz parca e amarelada.

— ...chama por teu nome — terminou de dizer.

Algum tempo antes de Lélia entrar naquele quarto, Mariana olhara bem para a navalha que segurava. Buscara o anel que fora da mãe dele que se acomodava sempre junto ao seu seio e o enfiara no anular. Ele seria seu viúvo, não Macaíra. Eduardo... Ele quem escolhera

para se entregar e pertencer. Fungara, com seu nariz encalacrado, uma última vez em sua vida de miserável e por fim encostara o corte afiadíssimo à veia pulsante e feriu-a terrivelmente.

Cega e embriagada de desespero, lacerara o mais que pudera sua pele.

Como se quisesse garantir que ninguém a suturasse. Garantir que não continuaria viva para cair no infortúnio da loucura. Sabia, era a loucura agora seu destino. Nada lhe restava a não ser a demência.

Nada a derrubara. Nada.

Se não o desprezo de quem jamais poderia fazê-lo.

Eduardo com seu desprezo a aniquilara.

Lenta e continuamente aquele sangue no qual ele se impregnara, ia se esvaindo para fora de seu corpo, roubando-lhe a consciência, anuviando-lhe as angústias; mas não a salvando de lembrar-se.

— Eduardo... — murmurava.

O resto de escuridão e noite resvalava-se. Arielle, sem sono, assistia pela fresta da cortina o tempo passar. No céu límpido cintilavam todas as estrelas. “O que existirá lá, na vastidão incalculável do cosmo? Haverá lá alguma resposta?” — ela meditava.

— Não somos nada — Aidan, agora adormecido, declarara depois de sua triste narração. — Apesar de muita arrogância, nada somos que uma partícula a mais solta no infinito. Em que direção?

Do vazio.

Assim, pela narração e essa conclusão cheia de efeito, Arielle passou a compreender por que o marido em mais nada acreditava.

Ela tivera de redarguir:

— Talvez isolados. Mas, veja, somos duas partículas que vagam juntas. E dividem tudo. Prazer e dor. Desde o sorrir por causa do gosto

bom de uma colher de mel, como a que colheste mês passado, como as lágrimas que derrubamos juntos quando nosso desejo de gerar outra partícula faliu prestes a acontecer.

E ambos nada mais ouviram que o silêncio de seus próprios pensamentos. Com o tempo, exausto, Aidan se entregara ao sono.

Arielle permanecia refletindo sobre muitas coisas.

Finalmente o dia amanheceu.

Os olhos de turquesa da Baronesa de Vale Campina fitavam a luz diáfana. Era uma luz de dia nublado que, pelas frestas das rendas do cortinado, vinha morrer em seu rosto. Aidan ainda a estreitava contra si. A partícula da qual temia desprender-se. Ouvir-lhe os relatos, a mágoa, as feridas na escuridão roubaram-lhe o ar. O modo carregado de emoção, o modo vívido e rico no detalhamento, que ele narrara, o que vivenciara dentro da igreja fizeram-na entender. Fizeram-na entrar em sua mente infantil e imaculada e sentir todo o desespero que ele também sentia, cada vez que aquela tarde voltava.

Ele sofria com aquilo porque era sensível, justo e afetuoso.

Outra pessoa, um sujeito fraco de caráter, teria deixado tal marca tornar-se em cruel maldade.

Mas ele não. Tentara como ela dedicar-se a algo nobre, para extirpar seus fantasmas. Contudo, deparara-se com a traição, seguida da guerra, a barbárie, a corrupção. E o cotidiano da corrupção humana.

E ela, todos aqueles anos sob o jugo de Carneiro, protegida unicamente por sua rígida mãe foi por ele encontrada... protegida...

Com o carinho incomparável que lhe dedicava. E pensar que o desprezara! E depois de todo o desprezo com que lhe pagara o amor e proteção que quisera lhe dar, que a obrigara aceitar, ele ainda continuara amando-a. Passando por cima de orgulhos e rancores. Os olhos ainda fitavam a luminosidade suave da manhã, quando aquelas pupilas pensativas dilataram devido ao grito longínquo e aterrorizado que seus tímpanos captaram.

Ergueu-se sobressaltada e fitou o marido que dormia de lado, a cabeça

apoiada no próprio braço. Tinha, sim, tinha de lhe retribuir todo o amor que lhe dava.

Calçou os chinelinhos e enfiou-se no robe de seda. Decerto as escravas estranhariam os senhores terem dormido ali, naquele quarto esquecido. O

quarto de

sua meninice... Mas, que importava o

escândalo que o sumiço deles em plena festa causaria?

Nada mais importava, porque agora ele confiava

nela tão

plenamente, a ponto que lhe revelara o que nunca permitira a ninguém saber. Outro daquele grito esganiçado veio arrancá-la de suas ponderações. De quem seria aquele grito, ela pensava alarmada caminhando rumo à porta. E outro. Este parecia de ainda maior horror. Um fêmito de pavor a assaltou. Desde os tempos de Carneiro, não se ouvia gritos como aqueles na fazenda. Era ele quem mandava escravos para o tronco! Seu marido nunca o fizera.

— Prefiro fazer minha parte. Como numa suave revolução, comprando a liberdade de cativos que não estejam em meu nome...

um a um... que comprar uma briga invencível, uma briga que bate de frente com interesses de muitos, de influentes. Interesses de um poder muito maior que o meu, que minha ânsia por justiça.

Infelizmente... — ele dissera-lhe muitas noites atrás, quando lhe indagara sobre sua pose escravagista diante dos amigos, cafeicultores, os parceiros do partido liberal, os conhecidos do partido conservador. Apressada, Arielle deixou o quarto.

— Lélia... Lélia — chamava a mucama corredor a fora vendo que as portas dos quartos estavam todas escancaradas.

Todavia, ninguém veio ao seu encontro.

No andar inferior se depararia com a casa vazia. Onde estariam os poucos hóspedes que ficaram? Conforme caminhava os gritos de mulher ficavam mais esganados. Uma voz de homem parecia gritar também, em desespero. E outra, de homem, irada acompanhava os sons de...?

Arielle dera a volta no solar, atravessara o jardim, perdera os chinelos, ganhara o anexo da senzala e vislumbrara a cena dantesca.

A voz endemoninhada de Fernando Abelardo Tasso Carneiro acompanhava os sons secos das chibatadas que cortavam o ar. Era uma cena de Debret. Amarrada pelos pulsos, a camisola fina já em trapos, Flor chorava. Flor de Luanda Carneiro Assis suava e sangrava.

A garoa encobria os outros presentes que assistiam mudos, petrificados o espetáculo de horror. Do outro lado do tronco, o Tenente assistia sua esposa ser açoitada, sem nada poder fazer para ajudá-la. Seu rosto vermelho, mergulhado em ira e desespero. Sua boca gritando e babando promessas de vingança que Arielle não conseguia discernir. Os sons tornaram-se como que num eco abafado. Como se estivesse num pesadelo, gritasse também e a voz não brotasse.

E era verdade. Gritava: “Pare, pare..”. Mas sua voz nada mais era que um eco inaudível no pesadelo.

Correu, desceu degraus, tropeçou, até que chegou até o palco daquele circo atroz.

— Flor! — gritou.

E o nome da irmã de criação ecoou pelos pequenos vales entre as campinas, entre os montes da Mantiqueira.

Os

olhos

de

Assis,

amarrado

e

imobilizado

por

dois

homenzarrões, e de Fernão encontraram os seus. Foi um momento.

Um momento só, onde as almas se cruzam e confessam quem são. E

a Baronesa viu a chama satânica flamejar nos olhos daquele que feria o próprio sangue.

E soube que sob a influência irrefreável daquele sadismo ele espancaria Flor até a morte, se ninguém o impedisse de continuar.

Por pura vingança. Desforra de velhas ofensas. Gana de fazer sofrer.

E faria isso também, ele dizia com aquele olhar, com cada habitante de Campina dos Lobos que afetasse o Barão — irmão renegado.

Por isso não titubeou. Hesitações não a assaltaram. Aliás, não planejou, sequer pensou, quando se colocou entre a chibata de corte e o corpo de Flor. Apenas envolveu a cabeça com os braços e sentiu quando a língua de fogo desceu por suas costas separando em dois os tecidos de suas roupas, lacerando-lhe a carne branca, fazendo jorrar o seu sangue tão vermelho quanto o de Flor.

— Nãããoooo... — gritou Saquina que se já chorava, aumentou em vários graves o tom de sua lamentação.

O grito foi esperado. A respiração de todos em suspenso. Porque ninguém se movia? Ninguém auxiliava? Todos se quedavam estáticos?

Seus olhos morteiros enfim se fecharam e, com as mãos se fechando no

pó, enfim, ela gritou a plenos pulmões, tão alto quanto pode a palavra “Coronel”. O marido a ouviria? Viria em seu socorro?

A traquéia trancou, as veias ao redor da cabeça pulsavam, desfalecia ante aquela dor que a lancinava e pouco a pouco a derrotava.

Seus olhos, outra vez, morteiros, aniquilados pela agonia, encontraram os de Flor que parecia indagar: “Por quê?”

Ouvia longe, longe o riso cruel de Fernão e agora conhecia o inferno. Caída no chão, babando, seus olhos viram longe o grandioso solar Campina dos Lobos... Onde só havia um lobo perverso. O

restante da alcatéia era composta por almas fiéis, boas, justas, de caracteres incorruptíveis. Os Carneiros.

Notou que alguns homens rondavam a casa grande segurando galões. E não sabia que estavam ali a mando de Rubén, vingado no conluio que engendrara com o ex-sinhôzinho da fazenda.

— Prostituta do inferno! — gritou Fernão, lhe roubando a atenção e aprumando os próprios cabelos pretos par trás. — Sabias, não?

Sempre; desde pequena, este teus olhos mesquinhos enxergavam uma só coisa: o senhorio da fazenda. Primeiro meu pai, depois o filho-herdeiro — ia desafiando seus cinismos e sarcasmos. — Mas...

Com a vantagem da juventude! Apesar disso, tanta esperteza, descobri-se que és burra... Poupano-me o trabalho dobrado te atirando aos pés da escrava...

Viu as compleições do rosto irado de seu algoz transfigurarem ainda mais, como possível fosse, em aparência diabólica.

— Veja se cabe ao entendimento, há há; Sara, a Senhora caída em humilhação por Agar, a Serva, uma desvalida exilada? — Tendo dito, ele ergueu o braço para empunhar do azorrague com intenção de descer toda sua ira contra ela. Arielle fechou os olhos e, naquele átimo de segundo, só teve um pensamento. Aidan... que não dormisse tão profundamente apesar do cansaço.

— Venha, outra vez, como sempre foi, em meu auxílio — murmurou sôfrega. — Senhor... Sobre em seus ouvidos — orou recebendo a

segunda chibatada, o que a fez convulsionar-se toda.

Como Flor era forte! Ali, inteira, viva, quando ela se via prestes a perder a consciência, já na segunda investida. O canto de seus olhos enxergou outra vez, entre a bruma de um desmaio, o braço de Fernão outra vez erguer-se. Ele era vil. Deixava-a curtir em espaços de tempo a dor que lhe causava. Outra não, não suportaria...

O estampido que afofentou muitos pássaros. O urro. A queda.

Muitíssimo distante, sua visão alcançou a imagem do marido que desfazia a mira da espingarda e se punha a correr em sua direção. O

tiro fora o grito de ordem. Foi questão de segundos os escravos avançarem sobre os homens de Fernão que, assustados atiravam a esmo e, afinal, se punham a correr sequiosos por fugirem. No susto haviam perdido seus reféns.

Aproveitando-se da confusão das centenas de gentes, da balbúrdia, das correrias dos poucos nobres que a tudo assistiram, Fernão arrastando a perna baleada avançou para uma montaria que por ali perambulava.

Aidan, ao alcançar o pátio de castigos fronte a entrada da senzala semi-subterrânea, prostrou-se sobre o corpo da esposa que jazia desacordada na abundosa poça de sangue. Sangue em maior parte de Flor, mas sangue de ambas, misturados, indistinguíveis.

Verificou-lhe as funções vitais, o rosto.

— Arielle, acorde! — ele berrou apertando o corpo frágil e inerte contra seu peito. — Acorde pequena... — gritava coisas assim; atordoado, desesperado por reanimá-la. — Arielle!

Seu rosto girou e seus olhos, em recordo do responsável por aquilo, recaiu sobre a figura do irmão que, com o joelho baleado, ainda sofria tentando montar em pelo aquele cavalo crioulo.

Aquele olhar tinha a nota da tenacidade de um gavião.

Com o semblante não menos encolerizado que o de Fernão há pouco, deitou a esposa ao chão, cuidadosamente. Ergueu-se e gritou com voz de alarido:

— Zé Moleque!

João Assis, que já soltara as amarras de Flor e a mantinha erguida em

seus braços murmurou trêmulo ao amigo:

— O capataz quem me prendeu e me fez assistir a covardia que...

Mas foi interrompido:

— Mande Tiago cuidar da Baronesa. Só ele deve fazê-lo. E de tua mulher também!

Segundos após, Aidan já se ia longe, a passos largos em direção de Fernão que finalmente conseguira montar e ganhava o campo à todo galope. O Tenente viu quando o Coronel fez meia volta e que, com a obstinação de uma pantera, se dirigia aos estábulos.

Mariana dormia mansamente devido aos calmantes que Tiago lhe ministrara. Eduardo, sentado numa poltrona ouvia o pai lastimá-lo, contudo não captava palavra sequer. Fitava o talhe abatido daquela mulher a qual parecia estar miticamente atrelado, envolvido, hipnotizado.

— Não vou — se ouviu dizendo.

Depois, não saberia dizer que palavras duras Dr. Afonso lhe dissera. Quais promessas de torná-lo um deserdado, quais injúrias e ameaças. Nada o demoveria dali. Nada. Até que a visse reestabelecida, curada e viva.

Se ela jazia ali, extenuada, desacordada, sofrendo em pesadelos incontroláveis, a culpa era sua. Sua, por tê-la rejeitado na noite passada. Sua, por tê-la feito sua de modo ilícito e pecaminoso. Era certo que Deus os estava a castigar. Tanta dor, desgraça e sofrimento só poderiam ser explicados por aquele jovem dessa maneira.

Ah, como fora ingênuo ao crer que sua fortuna não poderia ser esnobada pelo Boi de Prata! Um título de nobreza então fora muito mais atraente na negociação de sua filha diletta.

Não havia outra explicação, pensava ao caminhar outra vez até a cama e se ajoelhar diante dela. Puxou leve a manta que a recobria e fitou as suturas que ajudara a atar naqueles pulsos que ela, desesperançada, buscara esvaziar.

Afastou-se para não permitir que as renovadas lágrimas caíssem sobre ela. Andou até a janela e sentiu o desespero de encontrá-la caída no chão, sendo erguida pelo irmão do Barão a fim de depô-la no leito.

A dor, a aflição até que entendesse naqueles brevíssimos momentos que fora por sua causa que ela intentara por fim à vida que não parecera mais fazer sentido.

E estava assim, prestes a acender um charuto, refazendo aquela longa madrugada quando, outra vez, Joana veio assomar a porta para requisitar sua ajuda ante outro fato que parecia ser também trágico.

— Sinhozinho Tiago ainda não voltou da casa dos futuros sogros — anunciou Saquina ao entrar no quarto, onde Flor e Arielle se achavam estiradas de bruços, cada qual em uma cama.

Antes do anúncio do noivado com a italiana Giulia Merindello, o médico já esperava que no dia seguinte a família da imigrante seria expulsa da Faz. Boa ventura. Por isso mesmo, prudente, já arreglara antecipado acomodação em uma das casas de colonos de Campina dos Lobos e se via desde que terminara de atender Mariana, alvorotado com a mudança dos futuros parentes.

— Mandem chamar outro médico então, algum do arraial! — o Tenente, que rodeava aflito o leito da esposa inconsciente, gritou. Estava prestes a fazer ele mesmo os pontos, mas não queria deixá-la ainda mais marcada que já era e ficaria. Não faria nela os pontos de açougueiro que dera em companheiros de campanha, anos antes. Ademais, ainda havia a Baronesa. Não ousaria tocar no corpo da esposa de seu amigo.

— Não há tempo — asseverou Eduardo. — Tragam-me a maleta do Dr. Tiago, ele há de ter láudano, imagino. Tragam-me muitos lençóis limpos, água fervendo e muito, muito uísque.

Assentindo e em exasperação Saquina se foi, a fim de providenciar o que o “doutorzinho” pedira, já planejando e maquinando que ervas que atiraria à bebida que dariam à Iaiá Arielle e à sua filha, Flor, a fim de verdadeiramente anestesiá-las.

Em seguida, Joanhinha entrou no quarto e, verdadeiramente preocupada, inquiriu:

— Achas que ficarão boas, Dr. Eduardo?

— Se não perderem mais muito sangue. Mas pelo exame que fiz dos ferimentos, creio que logo estancarão.

— Bem, irei então despedir dois casais que insistem em irem embora, o que acho acertado devido ao tumulto que esta casa se tornou desde a madrugada.

Baixando o olhar triste, o estudante assentiu, resignado à censura implícita que a Sinhazinha lhe enviava. Culpava-o, e não sem razão como ele mesmo já se recriminava, pela tentativa de suicídio da Viscondessa.

Joaninha percorreu apressada o corredor, mas não se dirigiu aos hóspedes que deveria dispensar, em vezes de anfitriã. Entrou no próprio quarto e tomou da valise que já aprontara na véspera, na tarde que antecedia o sarau.

Olhou, cautelosa, o derredor; Joana Carmela Tasso Carneiro desceu para o primeiro pavimento e, pelo corredor de serviço, ganhou o jardim do fundo.

— Alguém viu-te sair? — o pintor Pablo Lucientes indagou-lhe.

— Não, ninguém.

— Queres mesmo seguir-me? — o espanhol perguntou-lhe uma última vez. — Tens certeza, mi cielo?

— Absoluta, como de nada antes já tive em minha vida!

— Então, nos apressemos, este é o único momento ideal. Rayo nos espera adelante.

Aidan percorreu todo o vale que rodeava a encosta da campina.

Seguiu as patas de cavalo que se confundiam em dois rastros distintos. A que seu instinto indicou o levou até a mata fechada, na qual ele adentrou sem receio algum. Ouvia longe o galopar da montaria de sua caça.

Queria estar com Arielle. Em sua mentia misturavam-se imagens dela, ferida sobre o leito e de Fernão e o estado que o deixaria quando descesse as mãos sobre o infeliz.

Conforme seguia em ferocidade e ganas homicidas ia tecendo mentalmente qual seria o modo mais doloroso, mais terrível de

estripar Fernão Carneiro.

“Quem maltrata o próprio sangue é como quem semeia ventania, somente poderá colher tempestade”. — a voz doce de Arielle ecoava em sua mente fervida de ódio e descia balsâmica por sua garganta sedenta por vingança.

Mas ali não fora ele quem maltratara. Fernão o perseguia desde a mais tenra idade. Ia lembrando cada uma daquelas afrontas e humilhações que o primogênito legítimo fazia questão de inflingir-lhe quando então dividiam os espaços do Colégio do Prof Stoll, no Rio de Janeiro.

Naquela época não sonhavam que eram irmãos. Contudo, algo quase sobrenatural impelia Fernão a atormentar o garoto simples de alma concentrada e pouco mais velho que ele.

...colher tempestade. A tempestade há muito que ocorria e parecia impossível de terminá-la e o único modo ele já sabia qual.

Matando-o.

Conforme avançava pela brenha da mata fechada ia conjecturando justificativas para o instinto de lobo assassino

que deixara lhe dominar. Quantos homens matara nos entreveros paraguaios?

Impossível saber, mas fácil de imaginar que muitos deles não

mereciam, muitos não quiseram participar daqueles combates. Já exterminar Fernão era livrar o mundo de uma besta amaldiçoada, asseverou para si, famélico por beber aquela vingança que remontava a anos de somatórias afrontosas.

Ladeada por um taquaral, estava uma capoeira fechada, que com custo tentava abrir à coronhadas a fim de atravessá-la quando deparou com

outra daquelas cenas indizíveis.

O som das águas das quais resgatara Arielle chegavam

claramente audíveis até ali. Aqueles olhos assustados, a posição fetal de puro medo e o vulto fugidio de um cavalo que conseguia finalmente empreender fuga.

— Mas o que... — ia perguntar o que Lélia fazia ali quando ela chorando implorou:

— Me leve contigo, me leve, mas não me deixes morrer aqui, imploro Coronel!

Quando, hesitante ele apeou Nômade, os lobos pouco a pouco deixaram de circundar a mulher que, apesar de imóvel, chorava copiosamente. O Barão se aproximou e abaixou-se junto dela.

— Que raios tu estás fazendo aqui? Eras tu a todo galope?

— Sim... eu... bem...

— Fala mulher, que tenho pressa!

— Fernão prometeu-me que me levariam esta madrugada, mas...

— não conseguia falar, devido o choro enrolado que lhe roubava a dicção.

— Levar...? Para onde?

Buscando controle, ela fungou fundo. Séria, disse:

— Para o Rio de Janeiro. Ele obrigou-me, acredite em mim Sinhô Coronel, ele obrigou-me... eu jamais intentaria mal contra Iaiá Baronesa e...

— Mas que inferno! — ele gritou. — Fale de uma vez! Fernão te obrigou a que?

— A... a... Preparar um chá para a Sinhá Dona e a facilitar sua...

Aidan não a permitiu continuar. Tomado por uma fúria insana derrubou-a na terra e com uma das mãos rodeou-lhe o pescoço e a teria sufocado não fosse ela conseguir dizer num fio de voz:

— Ia me matar... ela me matava... eu não tinha opção...

Ele afrouxou só um pouco e gritou rouco de cólera:

— Ela quem? Quem te mataria?

— A cortesã!

— O nome!

— Guita! — soltou o nome, aterrorizada com o que via nos olhos do Barão.

— Quem?

— Guita, a cortesã d'As Damas da Taverna.

Rubén e a esposa a essa hora já se achavam há horas de viagem de Vale Campina. Era ele quem levaria a alforriada em fuga para o Rio de Janeiro. Torpe e falsa promessa para os algozes coagirem a mucama da Baronesa.

Fernão, de longe observava o irmão capturar e, aparentemente, estrangular a cúmplice vil que, com promessas douradas e falsas, se deixou vender para a maléfica cilada do vingativo trio.

Suspirou sorrindo leve e cínico.

Mordendo a boca amarga, partiu a galope, avançando por conhecidos atalhos, para a choupana de taipa em que Guita miseravelmente se escondia. Uma fuga bem empreendida seria a única garantia de sobrevivência do maníaco casal.

Era noite de estrelas. E o som da natureza chegava a silente casa grande.

Outra vez, aquele solar jazia quieto num silêncio sepulcral durante dias ininterruptos. Quatro dias se haviam passado desde o fátídico baile do Barão e Baronesa

de Vale Campina. Aidan caminhava pela biblioteca, envolvendo no retiro de sua individualidade aquela

decisão.

Gestando-a

cuidadosamente, lapidando-a, engenhando como transmitiria aquele plano que tomava forma à esposa que convalescia no quarto deles. Sua mãe, Heloíse, que originalmente retornaria a Pernambuco dois dias após o baile, decidira ficar até ver a querida nora restabelecida por completo.

— No que tanto meditas, filho meu?

Ele a fitou e depois voltou a caminhar, remoendo aqueles planos que fazia.

— Não me perdoaste deveras... Pensas naquela tarde?

— Não. Penso em minha esposa, mãe.

— Então é um pensamento puro. E quanto ao meu perdão?

— É só nisto que pensas a senhora?

— Sim. Estou consumida pelo remorso e arrependimento. O

que preciso fazer, meu filho, para que entendas, que tudo que fiz foi por amor de ti. Para garantir que não fosses educado por... Carneiro?

— Nada, minha mãe, te justificará ante a vida indecente que tiveste e usaste para me educar.

— E quem é vossa mercê para isso julgar? Que pode uma mulher fazer ante a insanidade e força dos homens? Ante uma sociedade injusta e vil julgadora?

— Não odeio a senhora, minha mãe. Pouco já penso também nisso. O que farei da minha vida a partir de agora é o que mais me esgota as concentrações.

— O que tens em mente?

Ele a fitou.

— Perdeste também a confiança em mim?

— Não... é que ainda não estou decidido — declarou sentandose atrás da mesa. — Se; imagines hipoteticamente: se eu decidisse me transferir com minha mulher para a corte, a senhora me ajudaria?

— Queres deixar esse lugar?

— Talvez Arielle tenha razão... — cotovelos na mesa, disse grave cruzando os dedos fronte a boca. — Talvez, essa terra seja mesmo amaldiçoada.

E em sua cabeça via a cena de Lélia, no alto da carroça, engaiolada feito bicho rumo a prisão perpétua. Teria merecido a morte? Ou uma vida obscura em uma cela gélida a fãria sofrer mais e pagar o mal que, junto de Fernão, fizera a muitos?

Eduardo respaldava a cabeça no encosto da poltrona que o abarcava há quatro noites e tinha os olhos cerrados. A mente devaneava. Apesar de desconcertado por estar ali em casa do Barão, sócio de seu pai, velando a recuperação de uma mulher casada, que intentara matar-se por sua causa, não fazia planos de voltar ao Rio de Janeiro enquanto ela não acordasse com consciência.

Mesmo o próprio Barão tendo pedido, educadamente, para ele se retirar. Aidan não queria se imiscuir em nenhuma desafeição com o parceiro mais antigo de negócios.

Ah, se pudesse simplesmente tomar Mariana nos braços e sumir-se dali. Mas para onde? Seu pai não o ajudaria com um vintém, ainda não estava formado e, apesar de o Visconde ter repudiado a esposa, no caso de Eduardo tomá-la para si, Macaíra estaria no seu direito de honra de chamá-lo para um duelo.

Vira que não era somente ele quem sofria

neste mundo, habitação de almas tão perversas. Arielle, sua grande amiga... Os pesadelos e feridas que em nada cicatrizavam. O desespero com o estado de Mariana era tanto que ele pouco pudera tomar parte no alvoroço que se dera ante o fato de Fernão ter açoitado Flor de Assis e Arielle, a não ser os cuidados que lhes dedicara.

— Ora, que ofensa, Coronel! — respondera ante o instar de Aidan por pagar-lhe. — O Senhor é sócio de meu pai e Arielle é uma dama da qual admiro por demais as ideias. E seria mesquinho aceitar pagamento por remediar uma barbaridade como essa!

Ainda se lembrava, como tivesse sido há pouco quando conhecera a Venta de Fogo. Que o levaria a conhecer o amor de sua vida, Mariana de Faria.

Ele entrara sorrateiro numa livraria de usados, uma pasta de papel cheia de panfletos do Bafo. Na prateleira ao fundo do estabelecimento, na mais escura e esquecida, discretamente colocava um número em cada volume.

Foi quando ouviu uma voz fina e nervosa:

— Ora, mas que ultraje! Impedes-me de comprar este livro apenas por eu ser mulher?! Vê-se bem o tamanho da inteligência de quem administra esta espelunca por suas discriminações infundadas!

Do outro lado, o olhar negro de Eduardo fitara a moça de vestido marrom pela fresta da prateleira. Estivera engraçada naquela pose desafiadora, em arrufo com o homem que coçava a careca naquela expressão desconsolada.

— Sabes de quem ou a esposa? Sabes?

— Sinto muito, Senhora Dona, não importa de quem a senhora seja esposa, a Viscondessa deixou bem claro que se eu vendesse qualquer título que fosse a uma de suas alunas, fecharia meu estabelecimento.

— Ah é? Pois saiba que o Barão de Vale Campina tem muito mais influência que...

Eduardo se aproximara do balcão e sorrindo para a tão jovem Baronesa, verificou a autoria do título que ela tentava comprar.

George Sand.

— Baronesa... Leve este! — obrigara-a segurar o livro que lhe empurrava. — Muito mais interessante que as idéias tolas de uma mulher que finge ser homem... Já li esse aí, sei do que estou falando. Arielle vira que o livro que lhe dava se tratava de um exemplar que se tratava de trabalhos manuais franceses.

— Ora, quem o Senhor pensa que é para...

— Vamos. Eu pago — disse entregando uma nota alta ao pobre dono da livraria. — Agora vá! Vá... Tua acompanhante parece aflita.

Era verdade, do outro lado da rua, Lélia lhe enviava sinais de que era hora de voltarem. A missa de sábado já terminara e tinham de voltar depressa ao colégio.

— Mas quanta ousadia! — ela murmura saindo extremamente aborrecida e sem olhar para trás.

— Tu deixaste a aristocrata maçada, meu jovem! Que talento! — disse o livreiro bigodudo ao estudante.

— Trabalhos manuais... muito mais interessantes para mulheres — dissera sorrindo cínico ao colocar o chapéu e sair também.

Na rua, vira-a folhear o livro e se voltar para trás. Piscara-lhe cúmplice, no que ela se retraíra e enfiara o livro dentro da sacola que a mucama carregava.

Na reunião seguinte, lá estava ela, panfleto na mão, curiosa, cheia de perguntas, perdida no entusiasmo que a tomava. Nos próximos dois anos não haveriam mais “missas de sábado” para Arielle Moissonner de Henriques. Nem madrugadas às quintas...

— Eduardo...

O estudante ergueu-se num repelão da poltrona.

— Mariana! — exclamou correndo para o leito.

Não era a primeira vez que o chamava, mas era a primeira em que o fazia com a voz transparecendo consciência.

— Como te sentes? — inquiriu afobado.

— Não sei... está... — tentava, estava fraca. — ...está escuro...

— Espere — pediu para ir procurar o fósforo sobre a cômoda.

Voltando até ela com a lamparina à óleo acesa sentiu o coração diminuir ante o olhar doce e abatido que ela lhe enviou.

— Não morri?

— Não — declarou-lhe abaixando-se sobre os joelhos.

— Estou viva, então?

Ele, comovido, anuiu acariciando lhe o rosto.

— Pensei que pudesse ter chegado ao céu. Tu aqui comigo assim...

Não te foste?

— No céu não entram suicidas.

Quando ele disse isso os olhos dela se encheram de lágrimas.

— Como eu posso continuar se tu me desprezas, Dudu?

— Não te desprezo, minha princesa. Mas tu tens esse direito.

Pode me desprezar, que mereço. Fui um... um... louco, um parvo, um estúpido. Deixei que o ciúme me acomesse e suplantasse por um pouco meu amor por ti. Mas imploro, imploro que me perdoe.

— Não preciso te perdoar. Eu nunca guardei nem guardaria mágoa de ti — contou erguendo a mão a fim de tocá-lo também.

— Não! — ele fez com que ela repousasse o braço.

— Acreditei que era mesmo merecedora de teu desamor, já que deixei nosso filho morrer e...

— Não diga isso! Não foi tua culpa. Olhe, Arielle me contou tudo que se passou contigo, mais detalhadamente e sem o calor que a emoção de um reencontro pode nos causar.

— Arielle! Onde está ela? Quero vê-la. Devo lhe pedir perdão também, afinal ela me acolhe, com tanta amizade e apreço, promete cuidar-me para todo o sempre e assim que retribuo? Que ingrata sou...

— Ouça, Mariana...

O estudante contou à namorada tudo que se passara no amanhecer que seguiu o baile. Horrorizada, tudo que ela conseguia era chorar.

— Ela já está bem melhor, não fique assim, meu lírio. Só me preocupam aqueles cortes que não começam a cicatrizar. Mas ainda é cedo... Quatro dias apenas. Tem de se examinar daqui uma semana.

Por sorte eles têm um médico na fazenda.

— Tu ficas até quando?

— Já me sinto demais aqui, Mariana. Queria ver-te bem antes de ir. Ter a certeza de que ias viver. Apesar de tudo, és casada com o maldito Visconde e o Barão tem razão em não me querer aqui. Não quer se indispor com meu pai.

— Que infortúnio é minha vida — disse desviando os olhos.

— Não fique assim. Eles não conhecem a dimensão de nosso amor, como ele se forjou e como é inabalável. Agora ninguém mais nos separa. Volto para a Corte a fim de ajuntar alguns contos de réis e

vamo-nos embora pra sempre.

— Deixaria tudo para trás por mim? Teu nome, tua herança, a faculdade, a causa?

— Sabes que sim e é o que farei.

Mariana só podia soluçar.

— Alguma mucama — precisava, depois das febres, de um banho, mesmo que de esponja. Chame Lélia, ela me tem atendido.

— Não imaginas... Lélia está presa. O Barão quase a matou!

Agora está entregue às autoridades. É certo que ela jamais veja outra vez o sol brilhar...

— Mas o que a condenada fez? — inquiriu arregalando os olhos.

— Crês que foi ela quem envenenou Arielle, causando a morte do bebê?

— Lélia?! Meu Deus! Por que ela faria algo assim?

— Ela mesma confessou... Fez a mando de Fernão. Ele a obrigou, mas poderia tê-lo entregado.

— Quem creia numa ex-escrava, Dudu?

— Arielle, que a alforriou e recebe tal como paga. Arielle que bem conhece o temível Fernão. Ah, foi ela também quem facilitou a entrada do irmão do Barão, há quatro dias na Fazenda.

Aidan entrou em seu quarto e, depois de vestido para dormir, sentou-se no leito que dividia com a esposa; acariciou-lhe os cabelos.

— Ai... — ela gemeu.

— Dói muito? — perguntou-lhe.

Era tolo indagar tal, ele conhecia como uma laceração de carnes fazia sofrer. Mas tinha esperança que a dor dela simplesmente evaporasse.

— Sim — respondeu da única posição que podia ficar, de borco.

— Dê-me algo alcoólico para beber.

— Não, meu bem. Preciso falar contigo. Tem algo que...

Com alguma dificuldade ela virou o rosto para fitá-lo e ele achou que seu rosto estava lívido, a respiração entrecortada. Mas os olhos, ainda eram aqueles que o enfeitiçara. E pareciam mais carregados ainda de

amor.

Tomado pela emoção, muito extremoso, abraçou-a, tomando cuidado para não lhe tocar nas feridas das costas.

— Meus homens estão atrás dele! Juro que não descansarei enquanto não encontrá-lo e matá-lo, Arielle! — prometeu.

— Não, meu amor. Não precisas matá-lo. Sujar outra vez tua mão em sangue... Porém, se ele fosse encontrado, com efeito que ficaria mais tranquila.

— Sim, ele será encontrado. Palavra.

— Era isso que querias me dizer?

— Não...

— Então...?

Ele hesitou. Então, declarou:

— Flor e Assis foram embora esta tarde.

— Eu sei... Ela veio se despedir de mim. Não conseguia dizer nada. Só chorar na minha mão, nos meus seios...

— Tu foste insana, Arielle. Se eu não estivesse com tanto zelo de ti, de tuas feridas, ódio de Fernão, te daria umas palmadas. Onde estavas com a cabeça, em pular estupidamente na frente daquele açoite?

— Já te disse. Ele a teria matado... Não falemos disso outra vez!

— Mas ela é forte, já até saiu em viagem de volta ao Rio. E tu, aí a convalescer.

— Ora, imagines o suplício dessa viagem precipitada, Aidan! Ela não está em nada recuperada. Vão sofrer muito no percurso.

— Tens razão... — concordou suspirando. — Mas não pude demover nem Assis, nem a ela disso. Disseme que esse lugar só lhe traz vis recordos. Vamo-nos daqui, tão logo te recuperes.

— Vamos? Para onde? — perguntou aturdida.

— Para meu palacete na Corte. Tiago anda preocupado com tuas feridas... Parecem prestes a infeccionarem. Ele acha mais acertado ficarmos lá, onde há mais assistência, doutores mais experientes. Arielle estranhou.

— E tu farias algo porque Tiago acha mais acertado?

— Sendo para restituir tua saúde, sim.

Em parte era verdade. Mas como explicar a ela que, ele, um homem tão cético, concentrado e ajuizado em suas certezas concretas, começava a pensar numa aclaração sobrenatural para as coisas que aconteciam em Campina dos Lobos? Não eram somente as maldades e tragédias que cercavam aquela fazenda, fazendo-a parecer amaldiçoada.

Pensou no modo que Lélia fora acuada. A estranha sensação de que os lobos da mata virgem se comunicavam em pensamento com ele? E mais: o ajudavam! Não, só podia estar ensandecido!

Todavia como negar o fato de que fora assim que salvara a esposa do afogamento certo? E assim também, pela roda de lobos furiosos, lhe foi entregue a coautora do assassinato de sua filha ainda no ventre?

— Sabes que há muito me quero ir daqui. Mas iria ou ficaria contigo pra onde quer que tu fosses, Aidan. Sabes disso, não é?

— Eu sei, minha pequena — afirmou dando-lhe um beijo leve nos lábios. — Eu sei. Desde a noite no hotel Pharoux, quase um ano atrás, tu nunca mais tentaste fugir. Nem mesmo quando estive preso — observou pondo a mão em sua testa. — Estás com febre.

Chamarei Saquina para que suba com os emplastros.

Quando ele já se achava ao pé da porta, ela o chamou:

— Aidan? E Joaninha? Não mais a vi.

— Nenhuma notícia — suspirou pesaroso. — Não permitirei que parem as buscas. O noivo está inconsolado.

— Pobre professor... Teria sido Fernão? Não mandou notícias?

— Se a tivesse levado por refém, era certo que o já teria tentado negociar... Não imagino o que possa ter acontecido à ela e isso me abate!

Ansioso,

sentado

numa

antiquíssima

marquesa,

Eduardo

esperava ver Maria Teresa sair do quarto de Mariana. Ela praticamente o enxotara de lá, para que a Viscondessa pudesse ser banhada com privacidade. Se aquela velha soubesse! Que conhecia Mariana pelo avesso e o direito.

Seus ânimos estavam renovados agora que ela enfim despertara.

Sem delírios, sem pesadelos. Acordara e chamando seu nome. Os planos voavam à velocidade da luz em sua cabeça.

Iriam para o Nordeste, para alguma cidade pequena, onde seria fácil que todos pensassem que eram casados. Com o dinheiro que pouco se fazia na Corte, lá poderiam viver abastados e agradados.

Queria o máximo de distância da Corte, onde deixaria sua vida para trás. Queria ir viver no oposto ao sul do Brasil, onde vivia o marido legal daquela que lhe pertencia de corpo e alma. Na terra e no céu, assim acreditava.

Era errado o modo que enganaria o pai, que agora já conhecia tudo quanto lhe passara, desde a paixão proibida pela filha do Boi de Prata à paixão pela causa abolicionista; e esta última o desesperara ainda mais que a primeira. Já esquematizara tudo: diria, não sem remorso, ao Dr. Afonso que desistira de sua paixão impossível por Mariana. Que queria terminar a medicina na Europa para esquecer toda a dor que passara e as bobagens que fizera.

O dinheiro, entretanto, lhe serviria para ir-se com ela para muito longe, onde ninguém os pudesse encontrar e, finalmente, ficariam juntos. Já que pecara, acabaria de cometer seus erros todos a fim que a pudesse fazer feliz.

— Iaiá Mariana espera o Sinhô, Doutorzinho — Maria Teresa o avisou ao sair do aposento de hóspedes, com uma bacia de flandres rescendendo um doce aroma.

Entrou e deixou-se extasiar pelo cheiro da amada, o qual tanto sofrera falta. Saquina logo os deixou.

— Mariana!

— Venha aqui! Tranque a porta — lembrou-se de pedir.

— O Barão...

— Não sejas tolo. Ele já se recolheu ao quarto e nem deve se lembrar de que existimos. Saquina me contou há pouco como ele é zeloso e envolvido nos cuidados de Arielle.

— Está bem — Eduardo concordou cerrando a porta.

Quando se aproximava do leito um acesso de tosse o tomou.

— Que foi? Te sentes bem?

— Nada... — ele sorriu — é só a emoção de estar outra vez contigo que me deixa assim, meu lírio.

— Dudu? — falava melosa. — Se eu te pedir algo, me negarias?

Outra vez?

Ele sabia o que era. Estava no ar o que ela pretendia. Mesmo assim perguntou:

— Nada eu posso te negar. Que queres?

— Quero ser amada por ti. Preciso disso. Não me rejeites outra vez, te imploro.

— É o que mais quero na minha vida — ele asseverou. — Amar-te Mariana, ter-te outra vez, é...

— Mas...? — ela, triste, adiantou-se no que ele ia dizer.

— Teus pulsos minha querida, teu estado.

— Sinto-me ótima. Quanto às suturas, é só eu manter as mãos para cima — disse mostrando como. — Assim!

A visão dos braços nus que se ergueram de sob as cobertas, as mãos que se acomodaram sobre a cabeça envolta em tranças e o início da curva dos seios ocultos sob o lençol, arrancou do estudante um arquejo e ele não teria como resistir.

— Tem uma condição — avisou tremendo e já desabotoando a camisa alva.

— Qual? — quis saber ansiosa.

— Deixe-me desatar tuas tranças.

Ela sorriu, palpitando de felicidade e antecipação.

— Como sempre...

Muitas horas depois, o exausto casal conversava naquele baixo tom que só os amantes o sabem. Eram sussurros inaudíveis, risinhos.

Mas eles se entendiam, porque seus ouvidos estavam preparados para isso, por que tudo que partilharam por toda aquela madrugada só os aproximou ainda mais, embora nunca tivessem se distanciado de fato. Mariana acreditou achar-se no limiar entre a vida terrena e o paraíso; e Eduardo quis desfalecer de tanto deleite. Temia tamanha felicidade jamais se repetir.

Não havia mais dor, más recordações, sequer rancores. Somente uma avidez ingênua e esquecida por se entregarem como sempre o fizeram. Varreram de suas mentes tudo que existia além dos umbrais da porta, das janelas daquele aposento.

Os dois pares de olhos escuros e desvairadamente apaixonados que se cruzavam em constância incalculável era o penhor e a promessa que aquele não seria um simples, um único reencontro.

Que algo de muito grande e além os esperava ou, quem sabe, dependia deles. Aquela comunhão de corpos e almas era tão perfeita que estremeciam de medo a cada resvalar de amor. Receavam despertar, depois de tanto sofrimento para ambos estarem ali, naquele momento, lugar, juntos outra vez. Vivendo aquele sonho de amor...

— Sou doido por te amar assim, Mariana.

Ela, triste, baixou os olhos.

— Não; não te abata! — ele interveio. — Por isso sou feliz!

Quem pode achar tesouro maior que o meu? Um amor assim tão grande que faz uma alma medrosa como a minha achar-se capaz de matar ou perecer?

— Não és tu medroso. Não... Com toda certeza não és; antes, tu és caricioso de teu próximo. Benevolência nada tem haver com coragem ou covardia.

— Tens razão — ele concordou a sorrir. — Aqui estou eu...

— Sim. Aqui estamos nós! — repetiu a sorrir. — Parece verdade?

— Mariana, eu não quero que amanheça. Tenho medo.

— O que pode nos acontecer? Mais nada. Se nos aconteceram tragédias, foram tantas que não há mais que se contabilize. Tudo que restou para se viver é essa paixão desenfreada, esse amor infinito que partilhamos.

Ela tinha razão, ele decidiu. Depois de tanta tristeza, que poderia ter restado de nefasto por lhes sobrevir?

— Com efeito! — concordou e fez longo silêncio, até que começou a dizer: — Desde o primeiro momento que em ti deitei meu olhar eu sabia...

— Sabia...?

— Ah, quando te vi por primeira vez, amada de minha vida, tive a certeza mais absoluta que serias minha e eu teu; como também teve Isaque ao divisar Rebeca, vindo de longe em companhia daquele servo, a cada passo se aproximar mais das tendas de seu pai, das tendas de Abraão.

Ele mal terminara de aquilo dizer, ela afundara o rosto em seu peito nu. Eduardo sentira as lágrimas quentes a lhe encharcarem os mamilos, escorrerem pelas curvas e depressões do tórax, abdômen.

Logo Mariana ressonava, vencida pelo cansaço, acolhida pelo calor e cheiro do homem amado.

Sob a luz dourada do candeeiro ele a observava adormecida.

Aquela claridade parca, embaciada, brilhava-a com o fulgor tênue do mistério. Que visão adorada! Entre os dedos juntou-lhe uma mecha dos cabelos negros tão soltos, por toda parte daquele leito de ilusões de amor tão renunciado, desfeitos. E embebeu-se do longo e cálido suspirar que ela liberou.

Envolveu-se de ternura e, sem muito meditar, disselhe: Eternal virgem de meus amores

Que sonha assim tão meiga nesse afogar mimoso?

Engolfa-te nos toques de meus ardores,

Ou inda é o solfejar tépido que te deixo suspiroso?

Se, langorosa assim, adormeces molemente Observo-te, e não me contenho num soluço Por querer-te em meu peito ardentemente Sufoco um ai d'amor que quase esmoreço Moroso tempo, espaço vasto e dolorido Entre meus lábios e ti se colocou

Como magoou-me esse esperar doído Triste alma que assaz se aquebrantou Se muito e quanto te esperei foi em medo, Que tão lindo e meigo sonho findasse cedo!

Pela manhã quando o sol veio pelas mãos de Maria Teresa que descerrava o cortinado lhe gritar que a noite de delícias e ilusões findara, Mariana arquejou um surdo que brotou dolorido de sua garganta.

“Eduardo se foi!” — A cena amarga lhe aflorou à imaginação.

Na mesinha de cabeceira uma carta, à pena, lhe contando dos planos que fazia para tornar possível a partida deles. O destino, os meios, a data... E uma observação; ele conhecia o modo iluminado que ela sorria assim que decifrasse aquelas palavras que lhe escrevia e que tinha a plena confiança de sua concordância.

— Minha felicidade, só depende de o tempo passar, Bá.

A fiel escrava fitou sua jovem ama e volveu:

— Meu anjo... Eu disse que ninguém pode calcular o dia de

amanhã! Lembra-te? Na carruagem, em caminho da Vila de Macaíra?

Disseste que jamais veria o doutorzinho outra vez...

Mariana olhou para ela ternamente.

— Sim — concordou com os olhos a transbordar aquele brilho

de esperança, — sempre estiveste em lugar de minha mãe, Bá Teresa.

Quando eu partir, te darei a alforria — declarou.

Os olhos da formida mulher se encheram e ela indagou à sua ama:

— Acaso perdeste a afeição que me devotavas?

— Como ousas, Bá? Depois do amor de Eduardo, o que tenho

de mais precioso e sagrado é tua liberdade. Quero entregá-la a ti, como prova de minha gratidão e apreço, e tu pensas assim de mim?

— Entendo. Perdoe-me, Iaiá! Mas não sei ter outra vida que não esta de zelar de ti. Que farei eu, perdida nesse mundão de Nosso Senhor, sozinha... Uma carta de alforria e eu?

Mariana entendeu como e porque Maria Teresa se sentia daquela forma.

— Ouça, Bá: darei-te a alforria, mas fica acertado de que tu venhas viver comigo e com o Dr. Eduardo. Sob a condição de seres a madrinha de nosso primeiro, bem; de nosso segundo filho!

— Ora...

Que palavras a ama-de-leite de Mariana poderia ter diante todo aquele afeto? Chorando, ela, como às vezes fazia, ousou abraçar sua jovem senhora.

— Que é isso! — disse a dona. — E fica bem a esposa de um abolicionista ter escrava?

Capítulo XXII

CERCA DE UMA QUINZENA era o tempo que faltava para o natal quando Heloíse e Frederico partiram. Aidan e sua esposa já se achavam acomodados no palacete do Coronel, num bairro de alta sociedade, na Corte. Há poucos dias o filho despedira de sua mãe no porto, ocasião em que seu semblante estivera impassível; assistir o adeus de Heloíse que se fora de volta para

sua vida que inexoravelmente era em Pernambuco, ao lado do marido e de seu filho mais moço, foi algo que de algum modo abalou o Barão.

Tendo deixado a habitação mais ou menos digna de se viver, Heloíse com o olhar repleto de pesares e saudades antecipadas, deixara a nora por quem estabelecia a cada dia profundo afeto.

Aidan não poderia deixar de notar com que leivas fortes se construíam aquela relação de ternura e amizade entre sua mãe e a esposa; fato que o consternava. Se por um lado o satisfazia a afeição mutuamente declarada entre as mulheres que mais amara em sua vida, o entristecia por conta do passado não totalmente perdoado de sua mãe.

Só de pensar que sua própria fortuna se iniciara em bases quais aquelas! Na influência que sua mãe possuía junto aos contatos certos que lhe abriram as portas de investimentos que o levantara como homem invejado e admirado.

As feridas das costas de Arielle não queriam, apesar do tempo passado e os acurados zelos de Tiago e Saquina, cicatrizarem; fato que somente apressou a partida deles para a Capital da província. Tão pouco tempo longe de Campina dos Lobos e a impressão era de que anos se haviam passado. O sumiço de Joanhina continuava inexplicado e ninguém encontrou a carta que ela deixara sob o travesseiro de seu quarto que, sem que ninguém visse, se resvalara pela fenda da cabeceira. Desconfiavam que tivesse partido com o pintor espanhol, mas isso era indizível: macular a honra de uma Sinhazinha que fora sempre recolhida em tanto recato? Melhor que seu destino permanecesse no infortúnio de um rapto.

Fernão ainda era incansavelmente caçado pelos homens do Coronel, mas seu rastro se achava perdido. Sua presença foi dispensável à leitura do testamento, já que com sua atitude insana na manhã seguinte ao Sarau, além das acusações de tráfico negreiro e corrupção de crianças, a suspeita pela polícia pela morte do Barão recaiu em seus ombros.

Sem maiores explicações, Carneiro fizera do filho bastardo seu herdeiro universal, deixando a seu critério decidir o futuro de seus irmãos;

mistério que chegava atemorizar Aidan. No entanto, como gostasse de ser aquele quem tudo determinava em Campina dos Lobos e Vale Campina, não fez muito caso.

Com justiça, instituiu um terço das terras da fazenda ao seu irmão mais novo e alguns imóveis no centro do arraial. Não era só justiça que procurava fazer; era sua forma de pagar a dívida em que se achava com ele por ter lhe salvado a vida da esposa.

Nem três semanas depois do baile, Tiago se casara com a filha dos Merindellos numa cerimônia que, embora às pressas, fora

comovente. Na capela de Campina dos Lobos o sacerdote os jurara marido e mulher e, quando ele erguera o véu da noiva para depositar em sua testa um beijo casto de amor e respeito, Arielle soubera que aquele a quem amava como um verdadeiro irmão encontrara sua razão para existir, além da medicina que pretendia praticar aos menos afortunados do arraial.

Num futuro distante, haveria um busto na praça de Vale Campina, que seria com o passar dos anos elevada até chegar a condição de cidade. O monumento seria do Dr. Tiago Carneiro, o médico que nunca cobrou uma consulta ou receituário. “Já tenho mais que necessito”. — É o que diria ante qualquer tentativa de remuneração do ofício que considerava um dom.

Na ocasião do casamento com a mulher que daria seu nome a primeira maternidade da futura Vila, Giulia Merindello Carneiro, terminada a cerimônia, Arielle vira o marido se distanciar com a mãe, caminhando ambos de braços dados em direção do cemitério que ficava ao pé da campina, abaixo da igreja.

Depois ele lhe contaria o que fora lá fazer; Heloíse lhe revelara o último dos segredos que desfizera enfim o emaranhado que era o fio de sua vida.

—
Quem foi? — indagou Aidan apontando a lápide cuja inscrição era de nome Louis Bernard Carneiro.

Os olhos verdes da senhora que se ajoelhou na relva, ao pé da lápide transbordaram. Lapsos de memória refizeram em sua alma o difícil parto de Louis no casebre que Carneiro a encerrara. Os uivos distantes de... lobos? E a voz da parteira incentivando-a a empurrar.

— Foi teu irmão gêmeo — revelou ao filho no momento em que ele ajoelhou-se ao seu lado.

Então a surpresa, horas depois. Havia outro bebê! Que nasceu sem lhe causar dor alguma.

— Quando dei a luz, teu pai levou de mim nosso filho. Não sabia que em meu ventre vivia ainda outra criança, ansiosa por nascer.

Luís abandonou-me e, durante alguns anos, não o vi outra vez.

Depois que nasceste, cerca de quando contavas um mês de vida, deixei-te aos cuidados da parteira e fui para a Corte e me restou o trabalho de atriz e cortesã de luxo. Ao menos eu era jovem, bela e astuta. Não era perdulária. Logo adotei um pseudônimo e pus uma casa de moda e eram poucos e escolhidos os figurões que atendia.

Quando atingiste a idade te quis no exército.

Aidan ia revivendo sua infância e adolescência, conforme a mãe ia contando. Lembrava-se dos natais junto do avô também militar.

Embora repudiasse a filha perdida, adorava o neto, único varão, para quem deixou parte de seus bens, em testamento. Lembrava-se das poucas vezes que via a mãe, no Rio de Janeiro. Lembrava-se da tarde em que ela o tirou do internato e o levou consigo.

— Hoje vamos à igreja. Não querias conhecer teu pai, querido?

— fora isso que ela dissera, no carruagem de aluguel, por sob aqueles misteriosos véus.

Heloíse continuava a narração.

— Longe de mim tinhas mais futuro. Está claro que sob a luz dia eu era ignorada ou repudiada por qualquer pessoa. Luís desconfiava sobre um segundo bebê, me coagia a confessar que eu escondera o irmão de Bernard. E, enfim, prometeu-me que te faria seu herdeiro universal se eu vos apresentasse. E... Bem, e ele cumpriu com a palavra.

Em choque, diante da narração que esclarecia sua história, Aidan só quis saber do que o pobre irmão falecera:

— Constipado aos dois anos de idade. Não imaginas, Aidan, como me doía um filho meu, sendo criado como filho por outra mulher! A mãe de teus meios-irmãos... No ano de sua morte nascia Fernão.

Chego a desconfiar... Melhor não dizer, seria pecar!

— E ele me quis então, para colocar no lugar do que falecera — foi fácil adivinhar, ao se lembrar dos anos de perseguição.

— Exatamente — ela concordara entre lágrimas. — E eu não te quis entregar... o que... culminou na cena que desventuradamente tu foste presenciar naquela igreja! Perdoame se não te protegi bem, meu filho. Ele nada pudera dizer; somente abraçar o talhe trêmulo de sua mãe que se atirava em seu torso.

Aidan, além de tudo, designou um curador para que cuidasse da parte que destinou a irmã, no caso dela regressar ou ser encontrada, assegurando-se que ninguém, nenhum homem, usasse ou esbanjasse sua herança em proveito próprio.

Contudo, antes de deixar a fazenda, na manhã em que partiram ele e a esposa, o Coronel descobrira que o cofre da biblioteca possuía um fundo falso. Arrombando-o descobrira dentro centenas de contos em jóias e um envelope lacrado, com estas inscrições: “Abrir no caso de emergência”.

Não abrira. Tinha receio do que pudesse ali encontrar, um pressentimento estranho. Jogara-o dentro de uma valise e o esquecera por completo.

Nunca saberiam que Madame Suzanne estivera em Campina dos Lobos, três dias depois da ida para a Corte. Saquina a recebera e, sabendo de tudo quanto sobreviera à filha nos últimos cinco anos e

meio, achara por acertado não incomodá-la mais.

Achava-se culpada... Acreditou que tudo quanto ela tivesse passado, fôsse por culpa sua, por tê-la entregado ao Coronel em casamento. Todavia não

se arrependia.

A filha

era agora uma Baronesa riquíssima, fina dama de sociedade e jamais teria de servir como ela sempre fizera. Seria unicamente servida. E o passado de severidade e desafeto em nada causava saudade naquela mulher.

Somente uma melancolia dorida por aquilo que poderia ter sido como mãe.

Em companhia de Felício ela regressara para São Paulo a fim de dar continuidade à sua boutique que viria a no futuro se tornar a mais cara casa de modas frequentada pela aristocracia feminina paulistana e dos arredores. Dar continuidade também àquele caso de paixão proibida entre mulher mais velha e moço, que nunca viria a público, mas seria eterna enquanto vivessem.

Mariana, obviamente, os seguira, e o Coronel suspeitava que a Viscondessa era uma irmã que sua esposa tivesse ganhado. Que seria daquelas tias solteiras, agregadas de casas ricas. Não o aborrecia desde que ela se portasse com o recato de uma mulher casada que era, apesar do repúdio.

— Ela deve esquecer o estudante de medicina, que além de filho do meu sócio, está às portas de casar-se — disse à esposa.

Era noite e Arielle acabara de ser consultada por um doutor, que tinha a fama de melhor de todo o império; em todas as especialidades.

— Ora, e tu poderias me esquecer se fôsse nosso amor assim proibido?

— Não foi assim conosco e são escusadas essas vãs suposições.

Mariana é casada e quero minha casa livre de maledicências.

— Mais que já as tem? — a Baronesa inquirira marota, cravando os dentes numa maçã.

Ele lhe sorriu e, erguendo-se do sofá, foi ajoelhar-se junto ao seu rosto. — Te quero tanto, Baronesa — afirmou estalando um beijo nos lábios adocicados pela fruta. — Justo na noite que acabava tua ridícula greve, tal fatalidade tinha de recair sobre nós — lastimou.

— Não foi de todo o mal — ela observou com lânguida voz.

— Queres dizer o quê?

— Agora estamos aqui... bem onde eu queria! — lembrou-o feliz.

— Ora! Um dia haveremos de voltar... Não creio que saiba viver outra vez na metrópole.

Arielle não o contradisse.

Sentia dores agudas nas costas que não se curavam, não sabia mais o que era dormir que não fosse de borco e tinha de manter emplastos de alfavema no lombo para perfumar as bolsas de supuração que ali se formavam.

Mas era feliz, como nunca fora.

Conhecia os segredos de seu marido a quem a princípio fora obrigada a amar, e quando se consumara demorou até que reconhecesse. Se seu afeto por ele começara de um lampejo de olhar no topo da escadaria de Campina dos Lobos, ganhara proporções assustadoras ao longo do tempo e desencadear dos fatos. Não via sua vida sem estar atrelada à dele.

Quanto a um possível regresso à Vale Campina, resolveu por confiar no tempo e sua sabedoria, orando silenciosa que tal lástima não se concretizasse. Tudo que lhe sobreviera desde que completara dezesseis anos e se vira noiva de Carneiro aquém de seu desejo, lhe ensinara a antes imperceptível lição de que era inútil ou pouquíssimo válido debater-se contra o destino, o qual ela passou a acreditar, principalmente depois de tudo aquilo que lera saídos do punho de seu marido.

Para Arielle, destino era o plano divino.

Para Aidan, eram zombarias do acaso, que o afortunaram trazendo-a para si.

Ela que rescendia a felicidade! Porque agora vivia no Rio de Janeiro... Quando sarasse, o que ela mantinha uma fê inextirpável, o grupo de intelectuais ainda estaria pronto a recebê-la, mesmo que não de corpo presente; mesmo que somente suas ideias em forma escrita contribuíssem com alguma coisa naquela jornada silenciosa que

trilhavam rumo à liberdade.

O Sr. Jacques Ariel, seu pseudônimo, voltaria mesmo, um dia, a publicar no Bafo? Quanta ironia... Seu marido que o fundara, o deixara nas mãos de Leopoldo, que descobrira em Eduardo a genialidade de um reformador.

Com que alegria ficara ao saber por um recado de Leopoldo que ainda não somente se interessavam, como sentiam falta das opiniões de Jacques, ou a Venta de Fogo.

O remorso a incomodava, esconder algo de seu marido fazia-a sentir-se traidora. Ainda mais que o mancebo fosse homem de confiança do Coronel. Mas, apoiava-se na justificativa de a causa ser nobre e na intransigência do Barão que a impediria tão depressa quanto um feixe de pensamento, caso soubesse.

O remorso não só a incomodava, isso era pouco. Sufocava-a ante os segredos que ele lhe revelara. Sentia-se criminosa quando as memórias das vezes que escapava do colégio para ir aos encontros voltavam. Estivera à mercê de Fernão. E o marido, longe, zelando por ela. Sofrendo no temor que a machucassem.

“Postergando fazer-te minha, como penitência pelo remorso de ter-te comprometido em um ímpeto de soberba, aquela manhã, na taverna. E...

pelo receio

de perder-te”. — também dissera na

escuridão da alcova conjugal.

Algum dia lhe revelaria.

Apenas aguardava ocasião que, se aparecia, ela resolvia-se por esperar a próxima, receosa de macular aquele manto de alegria ininterrupta que os recobrira desde que deixaram Campina dos Lobos.

Até Mariana parecia mais alegre, Arielle notara.

Esta não lhe contara os planos que Eduardo e ela faziam secretamente.

Escondia

até

mesmo

a

assídua

troca

de

correspondência entre ambos que se facilitara com a mudança para a Corte.

Fora as juras e sentimentalidades de sempre, se afirmavam a cada mensagem que iriam viver em algum lugar paradisíaco no Nordeste do Império. Ele já ajuntara considerável soma; o que era suficiente para comprar uma humilde morada em lugares distantes.

“Meu pai, receoso que eu me entregue outra vez ao ópio, não me tem arregalado tanto como outrora. Como se eu precisasse!... agora que tenho a ti e essa nossa esperança de um futuro juntos; esse tesouro que escondo até de minha sombra, tanto é o receio de perdê-lo, Mariana”.

“A dificuldade em ajuntar nosso dote de subsistência inicial não me aborrece, meu anjo dourado. Deixarei o Rio de Janeiro sem olhar para trás. Para estar junto de ti, o farei, ainda que tivesse de nos sustentar com

o ofício de pescador; que não é menos virtuoso que o da medicina. Foi, com efeito, a ocupação briosa dos apóstolos do Senhor”. No princípio do ano que entrava ele não voltaria, de qualquer modo, à Escola de Medicina. Seu casamento com Amélia estava marcado para o mês de abril e isso era plano irrevogável do Dr.

Afonso d’Anjo Maia.

Depois da boda, os nubentes tomariam a paqueta para a Europa, onde além de tratar da saúde enfraquecida que sempre fora a do mancebo, esperava o banqueiro que ele pudesse aprender algo sobre finanças com velhos contatos seus.

De todas as tardes de esperanças e cartas, aquela em que recebera tal notícia pelas letras do amado, foi a única em que chorara.

Para apenas voltar a sorrir conforme continuasse a leitura.

“Mas não creias que me permitirei casar com Amélia que, conquanto seu pai esteja inflexível tal o meu, também repele essa união. Tomarei de nós ambos antes que tal aconteça e partiremos, como todo já está planejado. Mal posso esperar minha querida, para que nosso amor seja sem tempo para acabar, preocupações para nos tolher e incursões furtivas à domicílio alheio para me arriscar”.

E tudo viria sobrevir à todos, novamente de modo adverso ao esperado. De modo impensável.

Naquela mesma noite em que Arielle achou tola a preocupação do marido com as maledicências, visto que eram — não sem motivo — o casal protagonista dos chistes mais fervidos da Rua do Ouvidor e das fálacias em tom inescutável dos bailes e teatros, eles se amaram com saudade e loucura.

Partira dela a indagação se não haveria outra forma de acontecer que não lhe causasse incômodo. Aquele sorriso com que ele respondera seria mais um daqueles à acrescentar em sua coleção de inesquecíveis. Assisti-lo despir-se com aqueles olhos derretendo-a com

promessas impossíveis de prever quais seriam, fora o suficiente por acendê-la. O desvelo com o qual ele a despira, a forma contida e

apaixonada que a tocara, as sensações que lhe causara, os pontos que a boca macia encostara, foram apenas o primeiro passo que dariam juntos em direção à cura dos laceramentos heróicos que ela portava.

Não houve inflamação que resistisse ao amor do Coronel.

Depois da primeira noite — a noite da descoberta — nada mais os poderia impedir de viver aquele amor tantas vezes interrompido e tão longamente adiado.

E assim preencheram suas noites — e dias — de festas de final de ano. Janeiro veio e os apanhou com seus bafejares cáusticos, afligindo aqueles dois seres acostumados às amenidades do clima serrano, quase ao ponto do delírio.

Os quarenta graus de certo sábado levaram o Barão à resolução de comprar uma propriedade em Petrópolis, a qual cancelou tão logo quando a formou. Colocar Mariana assim tão ao alcance de sua paixão proibida era loucura. Um recanto na Tijuca seria mais ajuizado.

— No próximo verão não sofreremos tanto — disse à esposa.

— Meu advogado já cuida da papelada da compra de um charmoso sobrado que está à sombra de um flamboiã e rodeado de um laranjal lá para os arrabaldes da Tijuca. A reforma que a edificação necessita começará imediata a entrega do imóvel.

Arielle não ousou perguntar quanto a resolução de retornarem à Vale Campina. Seria tolice rememorá-lo de praticar seu pior receio.

Retribuíra aquela doce novidade com todo o amor que podia lhe dedicar.

Gostavam de passear nos retirados a beira mar e de ir sempre ao Teatro Lírico. Duas almas despreocupadas das convenções que eram, não deixavam de comparecer aos poucos bailes que eram convidados por conta do escândalo no baile que ofereceram em Vale Campina.

Porém logo tal divertimento se tornaria maçado para duas mentes que preferiam passar as noites na acolhida do lar a lerem, pensarem ou se amarem. Era antes mais prazeroso que perder algumas de suas preciosas horas no vão dos burburinhos dos salões que, se os

convidavam, era para dar motivo que se falar.

Arielle, curada praticamente por completo, fazia passeios na opulenta vitória que o marido lhe comprara.

Nas tardes em que Aidan trabalhava, Arielle, às vezes, como no tempo em que escapava de sua mãe na casa grande de Campina dos Lobos para ir espiar os negros moverem-se ao ritmo do lundu fronte a senzala, ou mesmo ir às quermesses no arraial; aventurava-se em vestimentas prosaicas também a ir assistir as manifestações folclóricas das mais variadas etnias que ali naquela capital de miscigenações se reuniam. Iam, também, Mariana e ela às compras no centro. Molhar os pés, catar conchas ou assistir esplêndidos poentes na Baía de Guanabara. Compraziam-se ambas de irem gastar horas em livrarias, visitar Flor que morava em um charmoso e elegante sobrado ali mesmo em Laranjeiras, não muito distante do palacete do Barão e, é claro, se deliciarem em uma das confeitarias que Assis herdara do pai.

Os olhos da garçonete que sempre as atendiam não eram estranhos à Baronesa; nunca viria a saber que aquela mulher de olhos tão puros era Leila, a prima que

seu marido auxiliara a sair da vida de infortúnios e misérias.

Já Flor, a ex-escrava pouco saía de casa, devido à discriminação declarada e já prevista que sofria por ser casada com um homem branco. Isso não a agastava, era feliz no seu convívio familiar e de própria vontade evitava vexar o marido. Às vezes, se lembrava da profécia de sua avó, de que um dia haveria de reinar, como descendente direta de reis que era. Então acreditava que seu reinado já chegara. Como rainha do lar sobejante... Quando poderia sonhar em sua meninice com a vida abastada que levava agora ao lado de um marido que transbordava de amores por ela?

Possuía criadas, difíceis às vezes de disciplinar, por que os olhos dessas só enxergavam a cor da pele da patroa, não o coração. Mas Flor de Luanda Assis era paciente e, também, uma Carneiro. Era imperativa quando necessário e tinha o coração fechado para certas ofensas de

empregadas invejosas de sua posição.

Mas seria pouco ainda o tempo que ficaria enganada a respeito da profecia da avó.

Assis rompera com o pai e dissera em sua face que se casaria com uma mulher por ele mesmo escolhida. Era apenas o início, e não o desfecho do selar do destino de Flor, a Régia. Era raro o dia que Flor não

pensava

no impossível dos acontecimentos. O

velho

perguntara como o filho pretendia sustentar a futura esposa e os filhos. Uma vida miserável com a aposentadoria de militar?

O Tenente sentira prazer em responder que além de ter arrumado um magnífico emprego na Torres e Henriques S/A, ainda teria o dote de sua esposa para investir em alguns imóveis que pretendia por a aluguel.

— Dote?! — Assis pai se entusiasmara.

— Sim, ela é a irmã de um Barão.

— Traga-a, meu filho, para que tua mãe e eu conhecermos — abrandando e amolecendo cinicamente o tom de voz, se aproximara do único filho para abraçá-lo pelo ombro.

— Ela é negra — declarara num bafejo simples ao ouvido do pai. — Podes achar que é afronta, mas não ligo para o que pensas. Eu verdadeiramente a amo e aos meus filhos.

E depois disso, depois de assistir a consternação de seu pai, jamais o vira outra vez.

Receberam os Barões para a páscoa, o Dr. Tiago Carneiro e sua esposa que se achava à espera do primeiro filho deles, que haveria de nascer em outubro. Ficaram pouco mais de duas semanas visitando Aidan e Arielle no Rio de Janeiro. Giulia Federica quedara-se encantada; como eram aquelas paisagens distintas de sua pátria natal!

O antigo médico do arraial enfim se aposentara e o jovem doutor, além de sua herança contava com um basto rendimento mensal que provinha da botica que chegava a sustê-los e aos sogros, para os quais construía uma confortável casa aos fundos de seu amplo terreno.

Finalizava-se a construção de seu sobrado de vinte peças — muitos quartos para os filhos que o novo casal planejava ter.

Tiago Tasso Carneiro, muito republicano, nem sonhava, mas viria a ser o primeiro prefeito de Vale Campina, quando a monarquia no Brasil viesse a ruir. Um dos poucos políticos honestos e justo da futura cidade, um dos berços da industrialização.

Ao fitar a barriga pronunciada de Giulia, Arielle quedara-se longe em seus pensamentos e nostalgias. Talvez nunca viesse a ser mãe, era um pressentimento que não queria calar. Talvez, pensava ela, a única oportunidade que tivesse tido fosse aquela em que gerara Madeleine; a filha que Fernão horrendamente lhes mitigara.

Fitou com enlevo aquele sorriso doce e as resplandecências que a gestante irradiava e sentiu uma branda inveja.

— Grande é tua fortuna — disse à cunhada, acariciando-lhe o ventre.

A moça ainda pouco falava do português, sua linguagem com o marido era mais gestual e corporal que por palavras. E seu sorriso podia falar mais o que lhe ia à alma que qualquer eloquência. A palavra “fortuna” e o toque caricioso da Baronesa fizeram a italiana compreender o desejo de maternidade daquela.

No dia seguinte, o da partida deles, Arielle encontrou em sua mesa de cabeceira um embrulho em folha de seda. Era uma roupa de bebê, tricotada com fino esmero e em suave tom. Uma das que ela fizera para a criança que carregava, mas achou que seria mais bem empregado plantando uma esperança que vestindo seu filho.

“Un regalo per il mio figlioccio...”

Amor,

Giulia F. Merindello Carneiro

Foi este o breve bilhete que acompanhava a prenda. Italiano Arielle não conhecia; foi seu marido quem esclareceu a sorrir:

— Pretende que sejam, Tiago e ela, os padrinhos de nosso filho, quando tivermos um...

— Ora, fico agradecida pelo carinho e o presente, mas... A madrinha de um filho nosso, isso é... se eu puder te dar um... — fitou ao marido entristecida — há de ser Mariana.

Aidan riu feliz. Mesmo que não fosse possível o desejo daquela família completar-se, já era um homem alegre porque tinha uma esposa que ansiava tornar aquele sonho possível.

E todo e qualquer motivo, como esse, era desculpa que ele achava para amá-la:

— Podemos dar uma ajuda à natureza se procurarmos ser mais assíduos em nossas tentativas de fecundar teu útero. Agora, por exemplo...

A Baronesa arregalou seus grandes olhos verdes.

— Mais que temos sido? Possuímos conceitos diferentes de assiduidade, esposo!

— Com toda a certeza — ele concordou sorrindo com malícia.

— Permita-me e te mostrarei de que assiduidades eu sou capaz — propôs acariciando com a boca e nariz e o pescoço delgado de Arielle.

— Mas esperam-nos para o desjejum.

Já a despindo do vestido que a mucama acabara de lhe vestir, argumentou:

— Como se te importasses...

Tantos meses se passavam e em cada um deles a decepção que as regras vinham trazer.

Estava Aidan naquela mesma tarde caminhando pela Rua Sete de Setembro, ia em direção

da Praça

de Comércio

onde deveria encontrar um negociante. Pensava na alegria doce ao lado de Arielle que a convivência no Rio lhe trouxera. Nunca quisera suplantar seu orgulho e sumir-se com ela de Vale Campina. Vieram aquelas feridas que não se curavam nas costas dela para demovê-lo de lá; a desculpa perfeita para não admitir que também ansiava outro lugar que viver.

Lugar longe de amargas lembranças e de estranhos fatos que não podia explicar. Fatos indizíveis, para um homem como ele.

Os lobos-guará de Vale Campina...

Agora que ela estava curada, não queria voltar. No neutro de uma grande cidade, apesar das ridículas convenções da sociedade fechada que ora ou vez tinham de frequentar devido aos seus interesses financeiros, a vida se fazia mais discreta e saborosa. Mesmo que amasse o campo, o povo de Vale Campina, preferia abrir mão dessa preferência se fosse para ser feliz com ela.

Porque Arielle não era apenas sua obsessão, composta de aromas, meneios e matizes de personalidade. Era mais que isso. Mais que alguém que lhe despertava instintos assassinos de proteção, ela era um ser que lhe apagava as recordações amargas, uma companhia balsâmica que o permitia dormir em abandono, uma perspectiva em que se apoiar.

Com ela, sempre haviam sonhos que sonhar.

“Sinto que morreria por esta mulher! Ou mataria... Se ela me ferisse ou injuriasse, não sei de que seria capaz!” — Pensava

enciumado dos olhares cobiçosos que aqueles homens ricos e belos, reis da moda dos salões, lançavam à ela. — “Ou, antes, amo-a tanto que poderia perdoá-la por qualquer infâmia que me fizesse, exceto aquela que diz respeito à sua castidade”.

E este pensamento que ia remoendo ele consigo, horas depois ao entrar na Rua da Direita, seria colocado à prova. A princípio ele não saberia o como ou por que. Apenas aquele mistério pairando no ar.

Sentiu, quando estava prestes a entrar na loja de charutos, uma mão

tocar seu ombro. Um mancebo de seus dezenove anos lhe bateu uma continência quando se voltou.

Seu olhar inquiria o que o moço queria com ele.

— Boa tarde, Coronel — o fardado lhe cumprimentou com admiração.

— Me enviaram para dizer-te... — então puxou algo do bolso —

Deve-te apresentar no quartel, no dia e hora marcados neste papel — declarou entregando uma mensagem.

Batendo

segunda

continência

o

rapaz

sumiu-se

tão

misteriosamente como aparecera. Aidan leu o papel, mas não havia sinal ou indício do assunto que fazia seu superior chamá-lo para que comparecesse em meados de maio, mês que entraria em breve, ao quartel da escola militar na qual se formara.

Contendo um tremor que queria se alastrar por todo seu corpo, ele temeu outra guerra. Esquecendo-se dos charutos que ia comprar, se colocou outra vez no caminho. Ao invés de resolver outras coisas que pretendia, rumou para a praça onde o cocheiro lhe esperava.

Entrou no tálburi e ordenou que o levasse para casa.

Nervoso, puxou fora do bolso o papel e releu. O que poderia ser? Não enxergava nada que não fosse uma convocação. Logo agora que se achava na vivência do que se pode chamar plenitude da felicidade! Apesar dos receios constantes de uma nova ofensiva de Fernão, fato que ele tentava se tranquilizar fortalecendo a guarda que rondava a

esposa, não se lembrava de ter sido tão feliz em toda sua vida, exceto por aqueles dias em Ilha da Jangada que empatavam no contentamento.

Petrópolis despertou, naquela manhã fátidica, encerrada sob um pálido e esvoaçado cobertor de neblina que encobria os mimosos jardins da silenciosa rua. Era aquele horizonte para o olhar perdido do moço que acabara de, há minutos, ser examinado pelo doutor dos d'Anjo Maia.

Pela hora segunda da madrugada D. Izabel Cristina, impelida por seu infinito amor por toda a vida cultivado por aquele filho único, entrara em sua alcova com a usual bandeja de leite, chá, biscoitos e a taça de frutas cobertas de mel que ele adorava.

Fora o encontrar, como não raro, a repousar sobre a escrivaninha; qual não fôra seu horror ao tentar despertá-lo e encontrar a nódoa de sangue que embebia o papel! Ela tinha há alguns anos pressentimentos de que um dia veria tal cena, visto a saúde sempre delicada de Eduardo, os cuidados que sempre tinham de tomar. Contudo, seu coração de mãe e os tranquilizar do doutor insistiam em suplantar aqueles terríveis presságios que sempre a assolaram.

Depois os auscultares e profundas inspirações, dos monossílabos à meia voz, os olhares consternados à palavra sentencial que o mancebo já esperava:

— Preocupante — dissera o fiel médico.

Recostado no umbral da grandiosa janela colonial, um cobertor a lhe cobrir as costas, seu olhar vagueava pela cerração enquanto ouvia no corredor contíguo a voz do médico soar enfática, a da mãe lacrimosa e a de seu pai nem reverberar.

Mas, as vozes eram mesmo eco, não poderia as discernir; por que à elas sua mente misturava involuntária a imagem e o riso de Mariana.

A última noite em que estiveram juntos, e também as tardes...

Desde que ela viera com os de Henriques para o Rio de Janeiro todo o idílio da época que se conheceram voltou a lhes comprazer com aquela alegria excessiva que naqueles tempos do colégio experimentavam. Agora tudo acontecia de uma forma ainda mais maravilhosa, talvez pela dorida jornada de apartamento que foram sujeitados ou, ainda, por que havia a esperança concreta de partirem.

Não se importou que seu pai lhe impedisse voltar à faculdade, já que desse modo sobejava tempo para encontrá-la, dedicar-lhe suas inspirações criadoras que com tal presença tão próxima queimavam sua mente jovem tão sujeita à força dos hormônios e de seu coração apaixonado. Escrevera muito no último semestre; muito é pouco de se mensurar, escreveu ele em demasiado. Mais nesse período que no espaço de dois anos.

Quantas noites D. Izabel não o fora ali encontrar entregue ao esmorecimento que o uso descomedido de suas massas cefálicas o levou? Tudo dedicado à ela. Dedicado à Mariana, sua obsessão.

Somente a possibilidade de passar pela rua que ela habitava já lhe era um encanto indescritível! Ver-lhe o sorriso com que recebia por intermédio do moleque os quindins, cocadas e bombons cremosos de chocolate; preferidos daquela ditosa namorada, era como beber aos sorvos um excitamento de inspiração.

Que ventura poderia competir com a satisfação de arrebatá-la à entrada da missa; travessura por toda a semana ansiada, de lá levarem-se àquelas paisagens desabitadas, aos lugares d' outrora que tantas vezes testemunharam a consumação daquele amor insensato, mas tão extraordinário em suas dimensões?

Ele em recosto de um divã, assisti-la, sob a luz mortiça de um quarto de hotel despir-se do vestido, descalçar os adoráveis pezinhos

erguendo-os mimosamente ao ar para que ele visse e se embebecesse.

Então, vinham os graciosos meneios que ela começava a fazer com o corpo, em volta de si, sorrindo de alegria e desprendimento; ele quase se desfalecia de tanta paixão.

E, somente vestida da combinação alva e translúcida, ela parava e o esperava. Nas feições desfalecendo o riso e nas seriedades das volúpias se tornando; Eduardo se erguia, vencida os espaços que os separavam e, ficando frente à ela, antes de tocá-la, antes de qualquer coisa, pedia:

— Resvale-a para mim?

Mariana, bafejando inspirares frenéticos, sem deixar-lhe de mirar os olhos negros, atendia. Suas delicadas mãos deslizavam suavemente a alça da combinação até que nada mais restasse a não ser sua bela nudez a qual ele contemplava sempre como fosse a primeira vez.

O corpo lânguido e suado, os anelos sensuais satisfeitos até o ponto da exaustão; para em igual estado assisti-la sorrir, cerrar como ébria estivesse, as pálpebras amolecidas por tanto amar e ouvi-lo declamar em tom entrecortado as alegrias e deslumbres que lhe brotavam frescas do fundo de seu coração; com que alegria assistir aqueles olhinhos adorados se abrirem outra vez para sorrirem ternos na emoção dos versos.

Depois, quase sempre, letarga ela se entregava a um infantil dormir. De alguma distância ele a analisava com ares de artista plástico, mas se lhe pintava as formas sinuosas e os sonhos que lhe realizava não era com os pigmentos dos impressionistas; mas antes com as palavras que combinava em versos, dominando-as, sujeitando-as sob o efeito embriagador daquele gênio da concupiscência apaixonada.

O meado do mês de abril viera, a mando de seu pai, arrebatá-lo para a serra, obrigando-o assim a separar-se de sua outra alma que habitava o

único corpo que o já despertara para as efervescências da sensualidade.

Era Amélia, quem chegara do interior para ali residir até o casamento de ambos. O marquês não mais suportava ver a filha pranteiar o noivo que há três anos finara-se e o banqueiro não continha-se em suas ansiedades por fundir as duas fortunas; o rei do café e o gigante das finanças.

— É aconselhado, doutor, ainda manter a data do casamento? —

Eduardo ouvia a mãe inquirir.

— Ora mulher, o que um “sim” pode influenciar na saúde do rapaz? — Afonso repreendeu-a.

O mancebo de caráter sempre respeitoso, terno e compassivo desviara-se ligeiramente de sua tendência natural para gritar com o pai, que não poderiam obrigá-lo a desposar a prima. Afirmara com veemência religiosa que amava outra mulher.

— Uma mulher casada! — o banqueiro acusara indignado. —

Bem vi, na fazenda de meu sócio, o motivo de teus desatinos! Pode ser um anjo de beleza, mas além de louca — referia-se ao suicídio intentado, — é ela casada meu filho, casada! Como podes amar uma mulher comprometida?

— Não era quando me entreguei a ela! O pai a obrigou e...

— Se entregar a ela? Olhe como ele fala Izabel! Nosso filho está avariado em suas idéias...

Seu pai era o ícone da sociedade machista que ditava a voga daquele tempo. Como poderia entender os nobres sentimentos que Mariana e ele partilhavam? Não achava concebível que um homem se entregasse tanto em uma relação de afeto quanto uma mulher.

Mas

eles

não

eram

entregues,

Eduardo

refletia;

juntos

constituíam uma mesma alma. Uma ligadura que nada mais desejava dessa vida que não aquela elevação que sentiam ao estarem juntos.

—

Meu filho, saia dessa janela! — sua mãe ordenou aproximando-se. — Enlouqueceste?

Eduardo deixou-se levar para o leito, no qual deitou amuado. O contato glacial dos lençóis imaculados contra sua pele era um amargo lembrete de realidade.

— Filho querido, tu tens de te cuidar — Izabel admoestava cobrindo-o. — Tenho-te visto definhar-se por esse amor...

Ele a fitou assustado.

— Papai te contou?

— Não... As mães que amam verdadeiramente possuem olhos na alma. Esses olhos tudo vêem. Achavas que podia esconder de mim algo tão grande?

— Mãe! — erguendo-se a abraçou. — Sinto que morrerei se não puder estar com ela. Talvez seja isso que me adoeca.

Izabel Cristina tremeu ao sentir as lágrimas quentes de seu filho lhe molharem os seios.

— Sempre tiveste saúde fraca, desde pequeno. Mas há de se concordar que depois de que conheceste essa mulher que te roubou

de mim, tua saúde tem se deteriorado, como um prédio já em ruínas que vem finalmente a desabar.

— Mamãe sabe quanto eu te amo — disse fitando a elegante senhora. — Mariana não me roubou da senhora... não fales assim que me corta o coração. Mas eu haveria de amar um dia, é a lei da vida. Ademais, se a conhecesses, me darias razão! É um anjo, é pura e singela. Tem as tranças mais lindas que minha vista já encostou e... e me amou desde o primeiro olhar. Amou-me sem conhecer que sou um herdeiro.

— Mas é casada, Eduardo!

— Não o era antes que eu... — escondeu outra vez o rosto no seio materno. — Bem, a senhora sabe — dizia abafado. — Ela teve um filho meu — revelou.

— Filho?! — ela ergueu-se. — Por Deus, sou avó e nem tomo conhecimento.

Eduardo esticou os braços e alcançou a mãe outra vez, obrigando-a abraçá-lo.

— Morreu constipado com um mês de vida.

—

Teus infortúnios vão muito além que meu coração pressentia... — sussurrou muito triste.

— Sim. Mas acabou. Vou ficar com ela, custe o que custar.

Guardo grande soma comigo que venho ajuntando ao longo de um ano. Tomarei-a e a levarei comigo para longe. Não minha mãe; não chores... Não queres que eu seja feliz? Sabes há quanto tempo venho atormentadamente padecendo nossa separação e...

— Eu quero, Eduardo... — dizia entre lágrimas. — Meu amor por ti abnegaria qualquer egoísmo para te ver feliz, onde quer que fosse. Mas o médico... — e aquela frase se calou em sua garganta. — Tu vais à Europa tratar de teus pulmões — declarou resoluta. — é isso, ou a morte.

— Se vou, será em companhia dela.

— Teu pai, Amélia...

— Ele não poderia! — quase gritou. — Seria cruel, será que ele não vê? No mais, sou maior. Não poderá obrigar-me.

— Sim. Falta muito pouco para os teus anos.

Desvencilhando-se do filho foi ela quem passou então a fitar pela janela, por uma fresta da cortina que cerrara. O sol, já tendo desfeito aqueles

últimos

vapores

da manhã,

se entranhava pelas fibras

translúcidas dos tecidos e entornava na atmosfera as fragrâncias que se erguiam do jardim.

— Sofro com toda essa situação — ela disse. — Mas tenho te visto ulcerar-se nessa paixão há tanto tempo. Comecei a notar desde que voltaste a te trancar neste quarto como fazias há tanto tempo. Também, teus versos cheios de sentimentos...

— A senhora os leu? — indagou alarmado pondo-se em pé.

— Perdoa? — pediu fitando-o dentro dos olhos negros. — Mas me preocupo de ti.

Eduardo, envergonhado, escondeu o rosto entre as mãos para que a mãe falasse mais.

— Não te acabrunhe meu filho. Agora volte para à cama e...

Saiba que tens uma aliada. Tenho pouco poder fora dos assuntos domésticos dessa casa, junto às escravas, mas farei o que estiver ao meu alcance para te ver feliz.

Lentamente ele olhou para a mãe, a esperança crescendo, renovando-se dentro de si e pode

deslumbrar:

Mariana e ele

peregrinando pelas frias veredas européias, longe das desventuras do passado; somente o amor e a esperança a envolvê-los.

Mas se D. Izabel Cristina fez tudo que estava ao seu alcance para realizar o desejo de seu filho que, mesmo não lhe revelando, se achava às portas da morte, Dr. Afonso instaria de todos os modos possíveis para realizar seu intento de casá-lo com a prima que não passava de uma alma apática e sofredora.

A mãe fez os baús com os pertences do filho para a longa viagem, enviou telegrama cunhado pelas mãos desse ao palacete de Henriques no Rio de Janeiro endereçado a Mariana, relatando dos planos de

ambos para breve e, usando de todo

seu poder de

diplomacia e dialética, tentou convencer o marido que nada custava realizar os últimos desejos do único filho que possuíam.

Apesar do contristamento diante daquela fatídica realidade, o banqueiro obstinava-se que o suceder do casamento enquanto ainda havia tempo de unir os sobrenomes seria inabalável.

—

Sempre admirei tua inteligência; porém depois de hoje, Afonso, jamais me esquecerei dessa tua insensibilidade para com nosso único filho.

No próximo sábado viria o sacerdote à capela do palacete realizar ferrenho intento daquele pai. Na quinta, bem cedo, tudo já estava pronto para a partida do jovem rumo à Corte; o que se daria na tarde seguinte, é claro, sem conhecimento do banqueiro.

— Te causa amargura o que faço? — Eduardo indagou à Amélia naquela manhã.

— Ora, de maneira alguma — respondeu impassível, sem erguer os olhos do bordado de tapeçaria. — Voto que sejas tão feliz como nunca pude ser. Sabes, não é mesmo? Que estou aqui em tua casa

aquém de minha vontade — disse finalmente o fitando. — Como arde dentro de meu peito a quebra da doce rotina a qual eu me habituara... levar a rama de macela ao túmulo dele fora tudo que me restara. E até isso me tiraram.

— Não te preocupe mais, prima — pediu comovido. — Depois de minha partida se fará desnecessária tua presença nesta casa e poderás voltar para Nova Friburgo.

Naquela mesma noite Eduardo segunda vez caiu de cama, atacado pelos tremores convulsos e febre delirante que lhe revolviam as ideias. Entre os desmaios e vigília que o atormentavam pedia à mãe, que nunca o deixava de velá-lo, papel e a tinteiro. Precisava escrever e escrever... Isso o manteria vivo! Para ela...

Sábado, pela tarde, os esforços do médico ainda não haviam estabilizado seu estado de saúde, quando Afonso irrompeu pelo quarto puxando Amélia pelo braço, seguidos do padre.

—

Vamos, apresse tudo. Basta que assinem; dispenso as ladainhas — disse ao sacerdote.

— Mas, senhor...

O olhar do banqueiro calou o religioso que puxou de uma pasta algumas folhas que apoiou na escrivaninha.

— Vamos, assine! — ordenou Afonso à Amélia.

No momento que a moça o fazia, D. Izabel adentrou o aposento. Vendo que o filho estava adormecido perguntou: — O que fazem aqui?

Mas antes que obtivesse a resposta adivinhou.

—

Enlouqueceste Afonso? Não vês que o menino está desacordado?

— Conheço o fingimento tanto dele como o teu! Que eram aquelas duas passagens compradas para domingo Izabel? Traindo assim ao próprio marido?

— Fingimento? Olhe para ele! — murmurou entre lágrimas de zanga.

Afonso aproximouse da cama e fitou a face do filho. Seus lábios fartos se achavam sem alguma cor, nas feições serenas derramavase uma palidez funesta de um amarelecimento terrificante, e sob os olhos se arroxavam as profundas olheiras que as duas noites sem sono lhe trouxeram.

Sentouse na ponta da cama e acariciou os cabelos negros que pendiam pela testa. Triste pensava: “Há de morrer de qualquer forma... quem poderá lutar conta esses desconhecidos que lhe devoram os brônquios?

Não é primeira vez que cai ao leito nesse estado, desde infante é de frágil saúde. Se é irremediável, ao menos não lhe custa sacrificar-se antes de ir-se. Como eu fiz... Com a desventura de ter permanecido vivo para amargar minha sina”. — Concluiu tal reflexão cravando os profundos olhos na esposa.

Então caminhou até a bacia de porcelana que se achava cheia d’água sobre a cômoda e molhando o lenço, foi esfregá-lo na face do filho.

— Acorde rapaz!

Enleado em sonhos que o faziam sorrir, Eduardo abriu os olhos vagarosamente.

— Diga e ela que já estou pronto — pediu ao pai, confundido pelos remédios fortes que lhe foram ministrados.

Tomando Afonso da folha que o padre lhe entregava, apoiou-a sobre o livro que encontrou na cabeceira.

Não leu o título manuscrito: “Saudades em verso dedicados à ela”. Forçou a mão débil do mancebo a segurar a caneta e ordenou: — Agora assine.

— O que é isto? — indagou confuso olhando nos olhos do pai.

— Confie em mim. Isto te atrelará à ela — afirmou dubiamente.

— Não! — disse Izabel Cristina, débil e em soluços.

“Ela” que Afonso se referia era Amélia, que já se retirara dali, indiferente a qualquer outra coisa que não fosse seus pensamentos nostálgicos.

Contudo, Eduardo nas confusões de seus sonhos, entendeu que o “ela” fosse Mariana, a quem enxergava com nitidez presencial; como bem ali estivesse.

— Meu amor... nunca vamos nos separar. Não vê que é impossível? — a voz doce do espectro imaginário dizia a caminhar envolta da cama.

Eduardo d’Anjo Maia.— Assinou e rubricou naquelas folhas e no livro de matrimônios.

Capítulo XXIII

ESTAVAM AS DUAS amigas na biblioteca.

— Ele não vem mais — disse Mariana à Arielle naquela sexta pela noite, depois de tanto andar de um lado para o outro.

— Algo deve ter acontecido que o impeça; não te abale minha amiga

— disse a outra erguendo os olhos das estampas que colava num álbum.

— Como não me abalar? — inquiriu com angústia a lhe ofuscar a vista. — Pressinto algo de terrível — murmurou com um semblante de estranheza. — Será que ele partiu para a Europa e me deixou para trás, Arielle?

— Se algo sucedeu; ele há de avisar. Conhecemos Eduardo, ele não a deixaria esperar se algo sério não tivesse acontecido. O bilhete que me mostraste era claro... A ânsia com que ele queria levar-te; jamais ele te deixaria. Ora, Mariana...

— Mas não entendo! Porque a mudança de planos... Íamos viver aqui mesmo no Brasil, em lugar insuspeitado. Agora ele quer ir à Europa!

— Acalma-te... — a Baronesa, tendo se levantado da cadeira, abraçou afetuosamente a amiga. — Sofrer antecipado nada poderá resolver. E

Macaíra nunca te há de achar junto de nós.

— Tens razão...

Mas aquele coração já tão flagelado, não poderia suportar incólume todo o fim de semana passado sem notícias da razão de seu viver.

Mariana passou aquelas arrastadas horas em aflições que a assaltavam a cada ruído de carruagem que passava pela rua ou recado que chegava ao palacete por algum moleque.

Só na quarta, pela tarde chegou-lhe uma correspondência.

Mariana,

“Acometido de um início de pneumonia me encontro atrelado ao meu leito. Estou sufocando com tua ausência... Ainda me custa crer que uma torpe moléstia impediu nossa partida. Sonho, a cada delongado minuto destes meus malditos dias, com o momento de reunir-me a ti.

Não te inquiete. A cada dia estou melhor; quase curado e tenho certeza que ainda nesta quinzena te poderei encontrar aí no Rio de Janeiro.”

Teu,
Eduardo

Sentia o amor que ele lhe devotava reverberar daquelas palavras, mas que missiva tão resumida! Onde estavam as poesias que nunca deixava em falta e as repetidas juras?

Mariana, no momento que tomara aquela mensagem nas mãos, sentira em sua pele arrepiada que algo não ia bem.

Pneumonia? Mas ele dissera que não se preocupasse, estava quase são. Fatalidade para lhes atrasar a vida, pensava angustiada. Mas apesar da

razão dizer que deveria se acalmar e esperar, algo desconhecido a afligia.

Eduardo não tivera coragem de lhe contar sobre o casamento.

Deveria fazê-lo pessoalmente, decidiu no momento em que lhe escrevia. Mas como iria doer vê-la chorar por aquilo; ainda que o fato nada acarretasse.

Planejava ainda sumir-se com ela para a Europa, independente da covardia que seu pai lhe infligira. Ah, que desespero sentira no momento que sua mãe lhe contara, horas depois quando despertara consciente. Sentira ímpetos de deixá-los naquele mesmo momento, apesar da noite que caíra há horas e da garoa gélida que se deitava por aquela serra, e ir arrancar o padre da cama a fim de rasgar aquele desvario que o obrigaram a assinar.

Mas isso era vão... Depois, mais calmo, chegara à conclusão de que, tendo sumindo das vistas do pai como pretendia, pouca diferença fazia estar casado ou não.

Afinal Mariana também o era...

Melhor era reestabelecer a saúde. Só esperava estar logo totalmente recuperado daquele abatimento que lhe sobrevinha, alguém de suas forças.

A quinzena a qual pretendia vencer a efeito de sua vontade aquela enfermidade que lhe era pelos pais escondida a real gravidade, apenas veio lhe revelar que se achava um incurável. Acabou por aperceber-se e encarar a cruel realidade; possuía todos os sintomas e afinal fora um, até o ano passado, estudante de medicina — quartanista, como era de costume se dizer.

Contudo, as bolotas de sangue que botava fora rarearam com o resvalar-se dos dias que sucederam o vencer da quinzena. Estivera tão amuado até então que não pudera escrever uma linha sequer para a amada,

explicando-se por

sua

falta

de

notícias

e

o

não

comparecimento ao cabo das duas semanas.

— Melhor que não te arrisque, tua saúde é tão delicada, meu filho — sua mãe implorava que não viajasse.

Recém-barbeado, os cabelos ainda molhados do banho, peito estufado dentro da elegante casaca, Eduardo tinha ares de um leão impetuoso.

Decidido a enfrentar a vida ou o que quer que ela lhe trouxesse.

“Espero teu segundo filho.” Aquilo que ela dissera na carta que Leopoldo lhe trouxera há dois dias, tivera o poder milagroso de arribar o mancebo tuberculoso de um modo que só poderia crer numa misericórdia celestial. Quem sabe a cura? Entusiasmado demais para revelar tal notícia à mãe, disse:

— Ora, minha mãe! Sinto-me novo homem! — argumentava inspirando fundo o ar da manhã. — Estou curado. Sinto-a me chamar para junto dela — dizendo isso se lembrou do juramento. — A senhora não entenderia. Ninguém entenderia... Sinto na pele a falta que lhe faço nesse momento, sinto com que desesperação ela me espera. Tenho de ir encontrá-la.

E naquele mesmo dia, Eduardo seguiu em viagem serra abaixo, sonhando com o momento em que apertasse junto ao peito e o ar que respirasse fosse o mesmo que o dela. Teria coragem de lhe contar que estava doente? Que fora forçado a desposar a prima?

Sabia que não; principalmente quando a visse do modo que a viu, na tarde seguinte...

Os fundos do palacete do Barão, nas Laranjeiras, eram compostos por suntuosos e apurados jardins que iam morrer num regato manso que cortava a propriedade.

Era essa a bela vista que se tinha dos quartos, no andar de cima.

Arielle, da janela, observava a amiga ganhar o jardim e, em mesmo tempo que tinha o coração reduzido pelo misterioso motivo que levara seu marido há pouco ao quartel, se comprazia de assistir a alegria da Mariana faiscar como os raios de sol que a envolviam conforme se deslocava pelo espaço.

Com os pés descalços, Mariana, sorridente, caminhava para além, a um lugar onde pudesse se entregar aos seus devaneios. Adejada com a chegada iminente de Eduardo, ela não se pudera mais conter dentro do sobrado; era imperioso para seu espírito sair tarde a fora a sentir as belezas do dia.

“Estou chegando e amo-te mais que a minha vida”. — As únicas palavras que continham a curta mensagem que chegara pela manhã. Além do curso d’água a chácara continuava com seus pequenos bosques e retiramentos poéticos. O prado se estirava em suaves ondas que se revestiam do verde gritante daquele outono do ano de 1877; além a campina rodeada de pequeno vale.

Um esmerado vergel airoso adornava o bosque de laranjeiras aonde o zéfito, de tarde tão distante, se ia delicadamente espreguiçar.

Sob o testemunho das

pequenas e brancas flores que se desprendiam numa chuva cariciosa, o romântico banco a embalava.

Suas vestes brancas, vaporosas como de uma fada, tinham por adorno as fitas de cetim celeste. Seus pequenos pés ignoravam as folhas secas pontiagudas que pisavam e impulsionavam-na; para frente, para trás. Alheada, Mariana não se sabia observada por aqueles olhos negros do quais ela morria-se de saudades.

“Que sonhos doces ela imagina?” — perguntava-se o dono daqueles olhos.

Dando a volta, saindo de dentro do bosque, ia encontrá-la por de trás. Deslizar a mão por seu ventre pouco abaulado, se bem que já perceptível. Envolvidos nos aromas cítrico-adocicados que das flores de laranjeira exalavam, se permitiriam tocarem-se com infinito amor e

dedicação.

E assim o fez. Quando Mariana deu por si, apercebeu-se de que não era um sonho cândido o que vivia. Sorriu para o seu amado que lhe devolveu um sorriso débil.

— Vim porque te amo tanto... — ele murmurou roçando seu rosto ao dela.

— E sempre te espero pelo mesmo motivo.

Beijou-lhe o pescoço várias vezes e sentou-se ao seu lado.

— Sou um desafortunado — disse triste, sem coragem de fitá-la, começando um choro mudo.

Secando aquelas lágrimas, ela perguntava-lhe o que acontecia.

Não entendia; o que poderia estar errado? Dentro em breve estariam juntos para sempre, só os dois... Ou ainda, os três.

— Sinta — ela ordenou fazendo com que ele apalpassse-lhe o ventre. — O bebê chuta. Sempre que te aproximas... quando falas...

acho que escuta tua voz.

Com comovida emoção ele deslizou ambas as mãos por aquele ventre que a partir de agora considerava sagrado. Olhava dali para ela com um embasbacado sorriso e olhos felizes. Então se lembrou...

Com o coração estraçalhado, alquebrado por aquela notícia funesta que portava, ele a apertou contra si, num abraço dorido.

— Mariana... há uma coisa. Tem algo que preciso te dizer.

— E o que vem a ser? — perguntou preocupada.

No entanto, ele indagou-lhe:

— Porque escondias a gravidez de mim?

—

Queria revelar quando já estivéssemos longe

daqui —

murmurou com pesar.

— E adiavas, privando-me de tamanha alegria!

— Perdoa?

— E precisas pedir? — indagou acariciando-lhe uma mecha de cabelos que lhe fugia das tranças e caía-lhe no rosto.

Lentamente os rostos se aproximaram, as bocas secas se tocavam num roçar suave, as respirações a misturarem-se.

— Vais me amar para sempre? — perguntou ele tremendo.

— Ainda perguntas?

— Se eu morresse?

— Morreria contigo, mesmo que continuasse a viver. Mas não diga isso, Dudu! Dói bem aqui — comprimiu as expressões da face e levou a mão dele até o topo do seio esquerdo — suposições como essa...

— Perdão! Ah... Mariana quanta loucura esse nosso amor me causa.

— Sei que um dia ele inda será tão ou mais grandioso que hoje, porém mais tranquilo, Dudu — ela dizia juntando as sobrancelhas. — Tenhamos paciência...

— Sim... — concordou puxando-a até que escondesse aquele rosto de fada no próprio pescoço, não contaria aquilo olhando em seus olhos.

— Mariana... o que tenho de dizer...

— Hum... — ela murmurou inebriada no perfume dele.

“Não posso! Não posso!” — Ele percebeu consigo. — “Como dizer para a Mariana que casei?”

— Não poderemos viajar por agora — disse à ela. — Minha mãe pede que esperemos até julho, sob a condição de nos ajudar. Ela irá conosco.

Afastando-se em retração, ela o fitou contristada, mas então se resignou.

— Muito bem. Importante é que aconteça — sorriu por fim.

— Me contenta que entendas... Meu pai tem feito de tudo para separar-me de ti. Ele prometeu que o faria, antes de me deixar em Campina dos Lobos. Não, não chores... Nada pode nos separar, estás lembrada? Sou teu e tu és minha... — sorriu para ela.

— Espero o tempo que fôr, vou contigo para onde quer que seja, Dudu. Desde que eu possa ficar ao teu lado.

Quando ele sorriu embevecido, Mariana continuou:

— Porque desistimos do Nordeste e agora vamos à Europa?

Eduardo pigarreou; então respondeu:

— O início de pneumonia que me tomou... Para que não se transforme em algo sério, é recomendado que eu não vá para lugares quentes.

Então pensei:

antes a Europa e os encantos de seus retiramentos frescos nos guardarão do mundo.

— Com efeito! — sorria entusiástica. — Como demorará até que chegue julho!

— Como eu queria que essa tarde não terminasse...

Quando disseram eles isso, suspiravam e as pupilas se achavam unidas naquela sincronia apaixonada, espelhando além da natureza em redor, do azul do céu que se morria no horizonte em matizes suaves de pardo, as agonias e amores que ambos dedicavam-se.

Eduardo venceu o milimétrico espaço que separavam suas bocas e em seus braços apertou-a com toda a angústia da sinistra premonição de que aquele seria o último beijo que trocariam.

Colando-se os lábios estalaram seus sentimentos ali dentro com toda dimensão soffida e ardorosa daquele amor sempre impossível.

Quando arrastado tempo depois de que a soltou, sentiu-se renascido como se tivesse sugado um pouco de sua vitalidade. Por isso, que não lhe passou despercebido, Eduardo sentiu culpa.

— Tenho de ir — disse triste. — Tenho assuntos a resolver na cidade. Talvez não nos vejamos com a frequência de semanas atrás, creio que devo retornar a Petrópolis. Mas, sabes que em pensamento vivo sempre dentro de ti, não é?

— Claro que sei... — respondeu comovida.

Ele ajoelhou-se sobre os pés dela, apoiou-se em seus joelhos e, inclinando a frente, beijou-lhe o ventre; uma, duas, três vezes e até que fosse impossível contar.

— Vivo aqui dentro... — murmurou afagando com o rosto sua barriga. Então ela viu-o distanciar-se e sumir misteriosamente entre as árvores

do mesmo modo que ali chegara.

Não imaginava Mariana que ele ia cuidar junto de um amigo advogado de garantir o futuro do filho que ela carregava. O advogado e antigo companheiro do Bafo, já o esperava com os papéis que ele deveria assinar para que se concluísse o testamento.

Eduardo lutava para ter esperanças, por ela. Mas era sensato no que lhe importava. Ambos eram casados com outras pessoas e estavam prestes a trazer ao mundo um filho ilegítimo. Tinha de garantir um futuro para Mariana e o seu filho que ela gerava.

Depois que ele partiu, como nunca antes um vazio terrível a tomou, enchendo seu coração de desamparo e temores. Porque ainda aquela estranha sensação de que algo não ia bem?

Anoitecera.

E passava muito do horário o qual o Barão nunca se achava fora do acolhimento do lar.

Aflita, Arielle caminhava pelo quarto; imaginava com que notícia o marido chegaria.

Depois de tudo quanto lera sobre as arriscadas experiências dele na Guerra do Paraguai, ela chegava quase a tiritar de medo que outro combate viesse arrebatá-lo de junto de si, engolfando-o talvez com os laços da morte.

Parece sarcasmo sinistro; a morte querer quem dela foge, e rejeitar quem a procura.

Se imaginasse que outro tipo de guerra estava prestes a implodir dentro do peito daquele homem que tanto amava — uma guerra fria e sem época certa para findar — não teria tanta ansiedade para que ele chegasse a casa.

O Coronel Aidan de Henriques, em certo ponto do caminho ordenou que o cocheiro seguisse sozinho até o palacete. Com todos seus sentimentos revoltos, era melhor que caminhasse antes de pisar o chão de sua casa e deitar seu olhar no da esposa.

Talvez a aragem refrescante que em correntes audaciosas agitavam as

árvores esfriassem a lava raivosa que o requeimava em ímpetos de surrar a adorável francesa com a qual era casado. Era maio e as laranjeiras exalavam seu aroma doce e cítrico. O Barão não notava e seguia seu passo duro.

Muitos quarteirões depois, anunciava-se talvez uma borrasca que poderia se derrubar sobre as cercanias pela madrugada, aquela

ventania sem decisão de que direção queria tomar não parecia estar sendo suficiente para acalmar o Coronel.

Pensava no encontro com o Visconde de Santa Victoria, na véspera. O homem fazia juízo tão errôneo dele! Mas que podia esperar? Era um militar, o boato de que era republicano crescia, escravocrata somente na fachada, mas escravocrata. Ser Senhor de Campina dos Lobos era o fato que falava por ele. Pensava em sua situação financeira. Era ainda muitíssimo boa. Mas não como já fora um dia. Talvez fosse ideal vender logo as ações no banco Mauá, vender a sociedade d'Anjo Maia. Poderia, mesmo, aceitar a sugestão do general? Perguntavase mordendo o lábio inferior com força. Deixar o país? O Brasil que tanto amava por uma mulher? Uma mulher louca, mentirosa...

Ainda tinha gana de agarrá-la pelos cabelos, prensar-lhe contra uma parede e fitar-lhe com tanto rancor e fúror que a faria chorar de medo. E achando que o Brasil poderia outra vez entrar em guerra!

Como era tolo... e pensar que lhe contara todos seus segredos mais íntimos. E ela enganando-o todo o tempo.

Quando segurara aquelas folhas que o general lhe entregara entre os dedos e a grafia dela se revelara, suas vistas chegaram a embaralhar-se. — Desmantelaremos o grupo dentro de dois ou três meses — contou um dos homens que surgiram por trás das sombras e nuvem de fumaça que davam um ar enigmático àquela sala na qual fora recebido. — Todos os nomes ligados ao movimento abolicionista que envolve o jornal Bafo Abolicionista, sem exceção, serão encarcerados.

A ideia seria... Bem, uma execução sigilosa não é uma hipótese descartável. — Aidan sabia. O causa mortis, claro, seria outro. —

Como temos feito há tempos. Mas... Alta traição? Por parte da esposa de um Coronel, um herói?

— O que afinal estão querendo me dizer? — Aidan inquiriu.

Como se estivesse mesmo muito preocupado com a vida longa da Casa de Bragança no poder do Reino do Brasil, o outro militar ironizava:

— Traição à coroa não é perdoável. Fosse mais um desses tolos movimentos abolicionistas... era relevável! Resolveríamos como sempre... Já desse modo, nosso Soberano, tão complacente às opiniões contrárias, traído dessa forma! Ah, caro Coronel, antes fosse ela somente abolicionista...

—

Anarquista!... — Aidan, ainda no caminho de casa,

murmurava a palavra entre furioso e estupefato — anarquista? O que ela pretendia com isso, inferno! — vociferou para o vento úmido e salgado.

Os anos de mentira em que ela fugia do colégio à noite para tramar a rebelião, e ele pensando nela, desejando que o tempo passasse depressa para tê-la junto de si e em segurança. Protegendo-a!

Ou assim acreditando que fazia...

— Mesquinha!

— O exílio, porque o conhecemos e poupamos, Coronel. E és sábio se enviá-la depressa.

Aidan de Henriques possuía algumas insígnias.

Além do

baronato, conseguido a custo de seu pai que o pôs bastardo num mundo preconceituoso, que o fazia poderoso como qualquer outro dos agricultores conservadores, era ainda Coronel do exército. Estava conformado que bater de frente a interesses contrários, ou ainda, meio

contrários, que fosse; era a rotina de um homem de sua posição.

Por sua patente teve e, em caso de outra guerra, teria batalhões que comandar. Estaria imediatamente sob as ordens do general. Naquela época, onde tudo era irremediavelmente atrasado, era um dos poucos militares veteranos com experiência, voz de mando e jovialidade invejáveis.

Muito invejável.

A inveja alcançava até mesmo as pretensões que o Coronel não

almejava. Nunca quis ser Senador ou coisa que valha, como muitos acreditavam, dando como certa sua eleição.

Era, por dentro e, em certas atitudes, liberal, mas fazia duvidar ocupando uma cadeira conservadora. Se o admiravam assim, também o tinham como contradição. E era isso que queria. Feito lambari, não ser aprisionado por rede política alguma. E, com isso, garantindo uma liberdade também invejada, desconcertava os demais.

E haviam ainda alguns militares remanescentes que não engoliam o escândalo que esse então símbolo intocável da elite daqueles idos quase causara. Escândalo que fora abafado graças a influência que exerceu a mais bela, sinuosa e eloquente cortesã que o a Corte imperial já conheceu. Aidan não soube, até essa noite em que foi chamado, que o fato de sua mãe ter-se deitado na cama de certo comandante não só lhe deu várias oportunidades de iniciar a jornada rumo ao estrelato social e econômico que alcançou, como lhe poupou de imediato a vida. O comportamento dos militares seria sempre e por muitíssimas décadas algo intocável demais para um de seus pupilos criticar num “jornaleco” que bafjava ideias

liberais,

libertárias, igualitárias.

A afronta pior fora o salário do mancebo doado para a alforria dos futuros quilombolas do Leblon... E sua amizade com José de Seixas.

O sonho de abolição — verdadeira, — de república — sem ditadura, — do jovem aspirante a engenheiro, Aidan de Henriques, ficaria apenas como devaneio de um insensato disciplinado apenas — não fuzilamento graças a D. Heloíse — com uma boa desdobra e um tempo morando faminto numa solitária viscosa.

Assim estaria perdida sua atuação de raríssima inteligência para a Confederação Abolicionista. E não foi só. A traição de seu braço direito o desidui e passou a agir segundo os próprios interesses. E

passou a crer que quem mentia, merecia também mentiras.

Os anos passaram, assistiu o sonho da ditadura de embrionário ir tornando-se cada vez maior e mais forte entre seus colegas, foi para a guerra, suplantou e guardou suas verdades apenas para si, encenou sua cidadania como pedia o sistema. Mas... topara com uma jovem dotada de um coração exatamente como o seu, mas desprovida de mágoa ou qualquer senso de prudência.

Como o ouro encantava Midas, se viu enfeitiçado, obcecado, apaixonado ano após ano por essa mulher. Acresceu ainda a isso as energias não canalizadas que depositava no anseio de uma sociedade mais justa. O resultado foi um amor ciumento, doentio, capaz de qualquer coisa.

Ficou escravizado dela e, tendo-a feito sua, escravizou-a de paixão também.

O amor de Aidan de Henriques por Arielle Moissonner, nesse noite, beirava os limiares do ódio.

E foi, ruminando as palavras de seu superior, depurando os sentimentos de ardente ira, que Aidan chegou a sua casa, Laranjeiras,

Rio de Janeiro, noite de outono de 1877.

E, com uma camélia na mão, percorreu os cômodos da casa à procura de Arielle, sua esposa, ex-baronesa de Vale Campina.

Os cilindros giravam e embalavam os pensamentos, até pouco angustiados, de Arielle. Eram dourados os mecanismos e ela deixavase hipnotizar do movimento sempre igual das peças que, para ela, como mágica, deixavam reproduzir uma música. Incansável, tão logo terminava, ela fazia repetir. Aidan lhe enviara aquela caixa musical em algum dos anos que esteve interna no colégio da Viscondessa.

Ocasão de aniversário... Eram seis as curtas composições.

Mas

somente uma a encantava. E o olhar repousava na gravura de uma moça que ia à tampa da caixa. Vestida como no século XVIII e balançando entre flores em tons de rosa e arabescos dourados.

Nas laterais algumas das joias que o marido lhe dera. Algumas das que restavam. Das que não vendera para doar, por intermédio de Leopoldo e Juanita, o dinheiro ao quilombo que, sob a proteção da Princesa do Brasil, florescia entre puríssimas camélias na região sul da cidade.

Antes de abrir a caixeta sentira fêmito de horror. Chorara muito e tanto que seu olhar agora se estreitava qual o de uma oriental. Se o perdesse? Perder Aidan?

Soluçava... Outra guerra? Não podia...

Amava-o demais. Não suportaria esperá-lo numa guerra como o “assistira” combater naqueles escritos.

A repetição e cadência da máquina de música chegaram ao momento de enervá-la. Calou-a de um baque ao fechar a tampa. Era claro quando ele saíra! Atravessou o largo espaço do aposento de dormir. Já era quase

meia-noite e o vento, lá fora, soprava furioso.

Batendo a porta atrás de si, ganhou o corredor e afastou de si o pensamento dele em alguma casa de mulheres. O cheiro forte de maresia vinha de longe e lhe impregnava o nariz. Ou seria a salmoura de suas lágrimas?

Desceu a sinuosa e larga escadaria. Na meia escuridão o grande sobrado permanecia no mais velado dos silêncios. Mariana devia já dormir em seu quarto, de lá pouco saía temerosa que o Barão lhe descobrisse a gravidez. Os criados já se haviam recolhido para a casa dos serviçais. Somente Lúcia, a ex-escrava que contratara para mucama, dormia numa esteira ao pé do fôgão de lenha, na cozinha.

— Ela não acostuma a dormir numa cama, e em outro lugar que não seja a cozinha — contou ao marido, quando esse estranhara o fato dela permitir tal.

Flanou a passos leves pela sala de estar. Olhou pra o piano branco, mudo, bruxuleado pela luz morna das lamparinas.

Olhos mareados, ela sentou-se na ponta da pequena banquetta e dedilhou algumas notas a esmo. Inspirou fundo. Não tinha entusiasmo para tocar nada.

Então, como ouvisse a voz do vento a bater contra as vidraças, tocou algumas notas que formavam o princípio da Marcha Militar Nº

1, de Schubert. Faziam-na pensar com mais intensidade no marido.

Olhou sobre a lareira a bandeira do Reino do Brasil, verdejando o brasão da Ordem de Cristo, as mensagens dos antepassados de D.

Isabel, a rama de cana-de-açúcar, provento do esposo de sua sogra... Um baque curto. A porta de entrada que batera. Arielle tornou-se com pressa para trás.

Via a sombra imponente projetar do vestíbulo. Adivinhou o marido depondo ali a bengala, a casaca.

Ergueu-se e para lá caminhou.

— Aid... — murmurou no exato momento que ele impunha sua massa corporal para dentro do salão.

Bateu o peito contra o abdômen duro.

O luar entrava pelas pequenas vidraças ao lado da porta e iluminavam o rosto do Coronel.

— Enfim chegaste! Ah, como eu preoc...

— Achei que estarias dormindo — declarou com secura.

Arielle estranhava a severidade que tomava conta das expressões de seu marido. Não entendia...

—

Dormindo? Achas mesmo que conseguiria? Estava em desespero com tua demora.

— Pois se demorei, foi para evitar ver-te.

Só então ela notava a vermelhidão que o rosto dele se tornava de pouco em pouco.

— O que queriam? — indagou ansiosa. — E essa... Essa flor, o que é? Para mim?

Aidan fitou os olhos de Arielle bem de perto. Ela não sonhava?...

— Para ti — contou, jogando-a em seu rosto.

Recuando, ela apertava a face em que a flor batera.

— Mas... o que?

E o via lhe dar as costas e caminhar para o pé da escada.

— Aidan! — berrou à suas costas e segurou com força o tecido da manga de sua camisa. — Que foi que houve?

De um safânão libertou-se da pequena mão e subiu para o quarto.

Arielle subiu em seu encalço, mas quando chegou lá em cima, foi para assistir a porta batendo. Segurou a maçaneta, bateu várias vezes contra madeira.

— O que houve? Por Deus, que foi que houve?

E apenas o silêncio.

Do outro lado, Aidan olhava para porta mover-se com os pontapés que, decerto, ela desferia ali.

A mão cerrada dentro dos bolsos, a arcada dentária a se apertar, o tremor, a gana em surrá-la. A respiração em descompasso. Com as fôlas do superior gritando no ouvido de sua memória, caminhou para a mesinha. Encheu um copo com uma parte de conhaque, uma de cachaça e, abrindo a gaveta da cômoda e tirando de lá uma garrafa, despejou um terceira parte de absinto.

Bebeu de duas talagadas e ouvia a esposa chorar do outro lado da porta. Repetiu a dose. E a odiava. E repetiu. Amava-a tanto para mandá-la para tão longe de si. O choro dela ficava distante...

“...essas ideologias que seduzem aos jovens... anarquismo, ora, o jovem italiano... querem parar o setor têxtil e portuário... Juanita...

grande levante no mês de julho... no Sul... o fuzilamento e outros meios abafam esses rompantes heroicos... seria o fim da propriedade privada e dos meios de produção que se tem tentando implantar nessa terra atrasada.”.

Mesmo na impressão do seu cérebro ser feito de espuma, Aidan não conseguia calar a maldita voz do general! Nem percebeu quando, muito tonto, surdo, recostou-se numa poltrona e desmaiou de

embriaguez.

— Aidan? Ai-Aidan? — a voz veludosa chamava-o. — Aidan, porque bebeste assim? — a voz parecia chorosa.

O pescoço torto, doído, os músculos tensos, as pupilas ardidas, Aidan acordava a sentir o calor do sol atravessar a veneziana e ir atingi-lo. O absinto parecia ainda fazer efeito. Sentia com densidade o cheiro de terra molhada, de mato úmido...

— Aidan? Acorde! Conte-me que foi que houve.

— Arielle? — murmurou.

— Porque bebeste feito um porco? — ela gemia. E imaginava todos os tipos de causa para aquela bebedeira.

— Porque eu queria te surrar — e viu, sem foco, ela se assustar.

— Surrar tanto, até deixar-te mole no chão — acrescentou grave e amargurado. — Mas se eu me permitisse a isso, eu te mataria. E não posso viver sem ti...

— Que foi que te fiz? O que é isso? — ela mostrava-lhe a camélia. Vendo a camélia quase desfolhada por inteiro, ele sentiu a ira voltar e, apesar de não estar no pleno uso de suas forças, agarrou-lhe um pulso e o pescoço, com a outra mão.

Levantandose a arrastou até a cama e ali a jogou. Ouviu o pequeno gritinho e afastou-se. Tremia. Mas não devia tocá-la. Estava outra vez a beira do descontrole.

— Bafo abolicionista? Quilombo?

Ela já adivinhava.

— Aidan, deixe-me fal...

— Cala tua maldita boca — ouviu-o gritar-lhe, — antes que eu perca a paciência e te arrebente.

E quando a viu encolher-se de medo, suspirou. Queria pedir desculpa por suas palavras monstruosas. Nunca seria capaz de machucá-la. Mas, com efeito, ela merecia sofrer ao menos um pouquinho. Ao menos verbalmente pelo que estava causando a ambos.

— Todos esses anos... eu custando por te proteger. Eu te adorando... Mas nada do que oferecia era suficiente, não?

— Sabe que não... acontece que eu não conhecia teu amor. Não o amor verdadeiro que, depois, tantas vezes me provaste. Não o amava e o seu amor, julgava orgulho, luxúria... E queria minha própria vida. Decidir... mas hoje sabes que tu és a minha vida.

— Ora, cala! — Aidan berrou espremendo as linhas de seu rosto sofrido. — Cínica. Cínica! Como és cínica, mulher!

Ela se levantou e, aflita, desesperada, buscava meios de acalmá-lo. De fazê-lo perdoá-la.

— Eu sabia que ficarias furioso quando soubesses, porque escondi e...

— Furioso? Nem existe definição para o estado de ânimo que me condenaste, Arielle. — Encostando-se ela testa e peito no umbral da porta de comunicação entre os quartos ele brincava com a corrente do

relógio. — Tu e teus “amiguinhos” abolicionistas, enfim, conseguiram nos arrasar — disse sorrindo um risinho amargo e, puxando a corrente atirou-a no chão partindo não só o relógio, mas o camafêu que ia preso junto em mil pedaços.

— Aidan! — ela correu até ele. — Não achas que...

Ia perguntar se ele não exagerava.

— Além de mentir colocou nossa vida em risco. Anarquia, Arielle? Anarquia? — gritou outra vez... — Casei com uma insana!

Não fosse pelos “favores” de minha mãe num passado longe... — lastimou amargurado e, dando-lhe as costas, trancou-se na sala de banho.

— Do que está falando? — ela gritava e chorava. — Não sei do que fãlas.

Ajoelhada na frente da porta ela batia e batia. Gritava. Mas não era respondida.

Longo tempo depois a porta se abriu. E ele passou por ela. Sem fitá-la, ordenou:

— Arregle teus pertences. Vou te mandar para a Europa.

— Aidan? — chamou por ele, resoluta. — Aidan? — e sua voz era lacrimosa e seca.

E viu a porta se trancar atrás dele. Arrastou-se pela porta até sentar no chão. Ao lado de si, o camafêu com sua foto, o camafêu que ele sempre levava junto ao peito. O camafêu estava trincado.

Capítulo XXIV

ESCASSEAVA O TEMPO de gestação e Mariana não mais tivera notícias de seu Dudu. Não sonhava as angústias nas quais ele se encontrava. Às vezes, sozinha no breu do quarto chorava baixinho nos joelhos de sua Bá. Maria Teresa consolava-a e, consternada, assistia-a no seu vício.

Certa tarde

Mariana

ouvira um fiapo de conversa, quando passava frente à biblioteca. O Coronel dizia a seu amigo Tenente que já não achava modos ou ideias de livrar-se dela. Se aparecesse ali o marido, ficariam todos comprometidos e sua vida já andava metida em escândalos demais para fazer de sua casa de caridade. Aquilo maculara fundo em seu coração, e já pensava modos de partir assim que a criança nascesse quando também ouviu a indagação do Senhor Bertinho Assis: — Ora, se é assim, meu amigo, porque não a põe fora?

— Por que D. Mariana é muito cara para minha esposa...

Tendo ouvido isso, entre suas lágrimas, Mariana sorria emocionada. Arielle era mesmo uma irmã!

Na loucura que a espera traz, Mariana vagava pelo casarão, pelos jardins e bosque de laranjeiras levando consigo aquela enorme barriga.

Levando no seio o anel que Eduardo lhe dera. Sofria pela falta de notícias de seu amado. Sofria pela dor de Arielle, trancada naquele quarto feito animal enjaulado.

Experimentava a mais terrível das solidões.

Sentia medo do Coronel. Quando o ouvia chegar a casa, ia esconder-se em seu quarto. Mas se fosse um pouco mais corajosa, Mariana sempre dizia a si mesma, o enfrentaria. Pela amiga, talvez o fizesse. Está certo que Arielle o tivesse escondido fatos. O tivesse enganado. Mas quando o acreditava um tirano. Quando pensava não amá-lo.

— A verdade, é que o amei desde o primeiro olhar, Mariana... — certa vez a amiga lhe disse.

— Ah, sei bem o poder desses amores a primeira mirada — lembra-se de ter respondido, a sorrir.

Mariana ouvira os gritos naquela manhã, semanas atrás. Muito fora

gritado e pouco explicado. Então, já fazia algumas semanas...

Nunca encontraria ânimo de empreender tal audiência com o Coronel! Julho se aproximava e nem sequer um bilhete curto Eduardo lhe enviara. Mariana saía casa. Lá fora, no jardim, melancólica, tocava a água da fonte e sentia os dedos frios no toque úmido e cristalino.

“Será que me abandonou? Falta apenas um mês para o nascimento e... Ora, não seja ridícula, Mariana”. — Disse a si mesma pensando no juramento, no perdão infantil que dele recebera.

“Verdadeiro perdão é aquele que as crianças dão. Nunca se lembram da mágoa

sofida, mas riem na alegria da amizade reestabelecida. Eduardo é um anjo que, no dia em que partir, será imediatamente em assunção ao céu..”.

E foi na tarde que pensou isso que finalmente chegou uma mensagem. A mucama de Arielle veio dizer que um jovem a queria ver. Estava no vestibulo. Mariana exultou. Tremeu. As cores lhe fugiram as faces. Mas Eduardo não ousaria. Não com o Coronel em casa.

Desceu às pressas, era Leopoldo.

— Trouxe-me algo, não é? — perguntou-lhe meigamente a sorrir. O jovem abriu o paletó, tomou de um envelope e lhe entregou. Confiando o bigode castanho, Leopoldo avisou:

— Mas não é de Eduardo.

— Ora, se não é de Dudu, de quem mais? — indagava confusa.

— Já me vou. Abra a carta e saberá. Amanhã venho em busca da resposta.

Tendo feito uma deferência, Leopoldo retirou-se. Mariana, coração aos pulos, subiu ao quarto. Porta batida atrás de si, rasgou o envelope.

*20 de Junho de 1877 — Petrópolis,
18h00min*

Cara, Mariana de Faria, “É curta a missiva. E é de quem espera ansiosamente por uma resposta.

Meu filho está muito doente e quer ver-te. Venha o mais depressa possível.

Vosso amigo em comum, Leopoldo, poderá trazer-te tão logo esteja pronta. Deves imaginar quão debilitada está a saúde de Eduardo. — Só então Mariana entendeu se tratar da mãe do amado. E desesperou-se. O que lhe estaria acontecendo? — Somente imploro que não te incomode com o que quer que venha encontrar por aqui. Meu filho te chama dia e noite em suas febres e tenho a esperança que, ao ver-te, um milagre nos possa alcançar.”

D. Izabel Cristina d’Anjo Maia

Depois de chorar um pouco, enrodilhada na cama, aprumou-se e se pôs a arrumar um baú com roupas suas e... as do bebê. Nunca se sabia o que poderia acontecer. Sabia que o Coronel viajaria. Ouviu-o, na noite anterior, ordenar no corredor que aprontasse uma pequena bagagem, visto que passaria uns dias no campo.

Logo, por de trás de porta, foi conversar sobre o ocorrido com a amiga que permanecia isolada no quarto e, na tarde do mesmo dia, que o Coronel partira pela manhã para Vale Campina, em companhia de Leopoldo, seguiu para Petrópolis.

Aidan desceu na estação de Vale Campina. E quando sentiu os cheiros daquela terra, muitas lembranças lhe subiram à tona das memórias.

Pensou no dia que, em regresso de Pernambuco, desembarcou ali em companhia da esposa.

Esposa...

Um homem a cavalo o esperava. Era o novo capataz. Estava, enfim, quase tudo aprumado para a grande viagem. Bastaria entregar oficialmente seus bens para o novo administrador cuidar e... Porque

tinha esperança de um dia poder regressar ao Brasil.

Quando chegava a Campina dos Lobos, percebeu que nada mudara. O sol dourava as vegetações, aos cafezais longínquos e tudo quanto mais a obra de sua mão calculou e fez muito frutificar. Menos a mão de obra que seria ainda escrava, pensou pesaroso. Os planos para importar os italianos e alemães que andavam em constantes conflitos ficaria adiado, por conta do exílio.

Lembrou-se da tarde que, depois de tanto tempo encarcerado, chegou ali. Para a tragédia ocorrer diante de seus olhos e quase nada poder fazer.

“Não fosse por ti, me salvar de todos os modos que um homem pode salvar uma mulher, eu não estaria viva... Mas não é por isso que te amo tanto. Amo-te porque és feito exatamente de todos esses ingredientes que te constituem. Amo-te tanto que prefiro morrer que viver assim, como tenho vivido. Longe de tua presença. Vingado com meu cárcere, não sonhas que o pior castigo é a falta do teu olhar, de tuas carícias... Não me despreze. Imploro que perdoe-me e não mais despreze-me”. — a declaração e impetramento de Arielle no último bilhete que enfiara por baixo da porta de seu quarto parecia ecoar agora, ao lado de seu ouvido.

E pensava tanto nela. Tanto... Um misto de amor e rancor que o aterrorizava por estar emaranhando numa mulher em estado de tanta dependência. Não percebeu que, com sua chegada começaram, a uivar os lobos-guará na mata da Mantiqueira.

À noite, sentado na poltrona do quarto que fizeram amor na noite do baile, ele em sua casmurrice, perguntava-se se ela, mesmo, tinha a noção do que representava em sua vida. Bebia lentamente e fumava seu Havana e seus pensamentos foram interrompidos por uma batida curta e hesitante.

— Quem é lá? — indagou.

— Sou eu, Sinhô... — era a voz grossa de Saquina.

Tinha esquecido-se da existência da velha. Tinha carinho por ela.

Ficara ali, em Campina dos Lobos, esquecida por todos. Todos não.

Flor sofria, longe, longe o destino de escravidão da mãe.

Depois que a mandou entrar ficou observando-a mover as mãos nervosamente na frente do busto, o olhar fixo no chão, o avental sujo do jantar que lhe prepara. Perguntou-se o que ela fazia ali, no solar, tudo tão vazio e deserto.

— Porque não foste servir Tiago, no arraial?

— Ninguém deu ordi.

— Precisava?

E tudo que a viu fazer foi, olhos baixos, erguer os ombros.

— Precisando de algo mais? — ela inquiria com humildade que quase comovia ao Coronel.

— Para hoje, nada.

— Iaiá Baronesa, como tá?

— Muito bem — respondeu indiferente. — Pode descansar, Saquina.

— Sinto a falta das gentes da casa, se permite o atrevimento.

Aqui só resta eu, o solar e os fantasmas... Notícia de Iaiá D. Joanhina?

— Não...

Silêncio.

— Tonce... vô discansá.

Mas ela hesitava.

— Saquina! — Aidan a chamou, depois, quando já virava as costas. — Tem uma coisa...

Ela lhe ergueu os olhos cansados e esperou.

— O que achavas de ser livre?

E após a questão ficou assistindo aquele rosto sofrer a mais leve das perturbações e outra vez abandonar-se num mutismo impassível. Somente lhe adivinhava os sentimentos por conta dos olhos brilhando de surpresas e lágrimas.

— Arregla tuas trouxas — ele ordenou. — Vou te levar comigo para o Rio...

Viu-a esboçar um sorriso e, ganhando outra vez a seriedade, sair-se apressadamente dali. Libertaria a mãe de Flor. Afinal, era sogra de seu melhor amigo. Outra vítima de Carneiro.

Decidido o assunto, voltou a pensar na esposa. Estava encarcerada no próprio quarto sem imaginar por que. Julgava ser castigo, mas não reclamava, nem questionava. Nos seus bilhetes e cartas diárias apenas implorava pelo seu perdão. Isso há semanas há fio. E como o corroía ouvi-la, lá dentro, chorar. Mas também doía muito ter sido tão enganado. Ludibriado. Estúpida, ah... tola!

A esposa de um militar o trairia de tal forma, sonhando instaurar um regime que destituiria seus poderes a preço de sangue e lágrimas adquirido? Valia à pena continuar a ter um poder assim, afinal? Mas era a falta de compadecimento dela que o arrazoava. Talvez fosse verdade a inapropriação de uma mulher saber ler, interpretar... Não pensara nem um pouco nele.

Enquanto ele não conseguia fazer outra coisa que não pensar nela. Protegê-la. Ela maquinara fugas noturnas, escapadas a sua revelia. Importava que fora no passado? Importava que, como lhe disse, ainda não o amasse? Mas se já confessara que o amara desde o início... Não importava sua burrice. Amava-a com sua própria vida. Por isso a mantinha confinada. Longe de um possível atentado contra sua vida. Ele mesmo garantia a comida que ela comeria. A água que beberia. Assim, tinha a certeza de que não estariam envenenadas. Protegia-a... Outra vez. Acurava dela com receios tremendos. Até quando, até quando ela teria esse poder sobre sua vida? Talvez em regresso, fosse apropriado que conversassem. Agora que arrefecera suas raivas, era, sim, apropriado. Tinha a certeza de que

não a machucaria. E, suando frio, perguntava-se se Assis vigiava bem o palacete em Laranjeiras. Se, caso preciso, poderia manter sozinho o perigo longe dela?

Como lhe roubava a paz imaginar que também Fernão sumira apagando o rastro de um modo que se tornara impossível ser capturado.

Pensando nesses fatos que envolviam sua vida, Aidan deitou o olhar em sua valise. Ergueu-se e caminhou até a cômoda. Melhor ler outra vez e com calma os contratos de venda de sua parte no banco d' Anjo Maia.

Puxou a pasta e, junto, veio outra. Olhou-a com interesse. Era a pasta misteriosa que encontrara no fundo falso do cofre da biblioteca, no dia que partira com Arielle para a Corte.

Na ocasião, apressado, deixara para examinar depois. Com a euforia da vida na capital, olvidou por completo a isso. Bufando, foi sentarse outra vez e quebrou logo o lacre.

Assim que bateu os olhos na primeira linha da primeira folha, Aidan assustou-se. Dizia: “Testamento de Luís Dagoberto Carneiro”.

Uma noite fiorenta de meados de junho. Era uma noite deveras sinistra, Mariana conjecturava ao atravessar o largo

corredor

atapetado da mansão d' Anjo Maia. Porque as sombras riscavam nas antigas paredes como que um agouro de maldição.

Fechando o robe envolta de si e puxando a gola pescoço acima, parou diante da porta de duas folhas do quarto de Eduardo. Havia poucos dias que chegara e ainda não o pudera ver. Naquele momento, o vento sibilava e entrava por uma fresta de vidraça enregelando-a até o sangue dos ossos. Pensava no rosto severo da que poderia lhe ter sido sogra. D. Izabel advertia que Afonso, seu marido, não poderia sonhar com sua presença ali. Mas logo ele estaria de volta à Corte — os negócios não poderiam deixá-lo chocar a doença do filho por muito tempo. —

Dentro em breve, dois dias, quem sabe, Mariana com seu enorme ventre poderia ser colocada na presença do enfermo.

E todos não sondavam o desencadear dessa noite que, por súplica de misericórdia da esposa, Afonso permitiria Mariana ali, lado a lado com a nora, por longo tempo.

Os dedos roliços rodearam a maçaneta fria e, com demasiado cuidado, ela entreabriu a porta. Sua solidão ali naqueles dias, apesar da estimulante

proximidade

de

Eduardo,

podia

ser

ainda

mais

descomunal que no Palacete de Henriques, desde que Arielle fora, por seu marido, aprisionada.

Olhou dentro do vasto aposento. Uma escrava velava o sono do doente que, decerto, jazia no leito opulento que se cercava de alvo cortinado. Aproximouse passo ante passo, pisando cautelosamente o macio do tapete e logo percebeu que a “sentinela”, cabeça pendida contra o peito, estava adormecida.

Ansiosa, buscou por Eduardo e teria gritado de horror, não fosse o sortilégio do momento que a engolfava. A situação que vivia inundava

Mariana de estranheza.

— Penso que meu marido sofre. Como o filho, Afonso também não come e não dorme. Está de muitas coisas arrependido e tem consciência que sobre isto, a vida ou morte de Eduardo, seu dinheiro não possui qualquer poder — D. Izabel dissera-lhe em comovida revelação na conversa que tiveram no dia de sua chegada. Então suas feições não eram mais tão severas.

—

A senhora sabe de nossa história? — indagou-lhe sem coragem de fitar-lhe.

E o rosto delicado da pálida senhora anuiu. Uma senda úmida a lhe cortar o malar em busca do queixo.

— E não me condenas?

— Quem sou eu para condenar-te? E ao meu filho? A vida, a morte, já o fizeram.

E foi como se aquela declaração não tivesse entrado em seus ouvidos. Mas agora, dias decorridos, entendia... Agora sim, ao vê-lo bem de

perto,

entendia

que

tudo

estava

perdido

para

sempre.

Instintivamente levou uma mão ao ventre e, hesitante, pausadamente, levava a outra para a dele, que pendia fora dos grossos cobertores e acolchoados.

E quando a tocou estava gelada, mas suave. Tão ossuda aquela mão d'antes tão ardente!...

— Eduardo... — chamou por seu nome iniciando um choro inaudível. Sentouse ali e sentiu aquela mão magra e excessivamente pálida fechar em torno da sua.

Procurou seus olhos. As pálpebras o cerravam num sono aparentemente tranquilo, mas foi questão de segundos para que se tornasse atormentado. Parecia sonhar e...

— Ma-Mariana — disse seu nome.

— Ah, Dudu... — sua voz era fraca de dor pelo que estava vendo — estou aqui.

Com dificuldade e hesitação ele abria os olhos.

— Tenho... tenho febre e deliro...

— Febre? Mas pareces tão frio...

— Como te veria aqui? — indagava com dificuldade. — Como?

Não fosse assim?

— Tua mãe me chamou aqui. Sinta — levou a mão que aquecia com a sua até a barriga. — Sinta que ela chuta.

— Ela? — ele sorria débil, mas verdadeiramente feliz.

— A filha de Saquina, Flor, viu com suas pedras...

— Ora... — e ele sorria ainda.

— Eduardo, sei que estás enfermo, mas diga, diga...

— Mariana?...

— Diga que vai passar. Diga? Que vais sarar, vamos a...

— Ah, amor... não...

— Vamos sim à Europa. Levaremos nossa filha e...

— Mariana? Sou médico... Ou deveria ter sido. Sei que...

—

Arráf, arráf.. — ele

tossia num acesso suficiente para despertar a escrava que tinha um ar atarantado.

A jovem correu a ampará-lo com tecidos e Mariana viu-o expelir ali em nódoas espessas catarros e sangue.

— Está assim pra mais di mês, o pobre doutorzinho — disse ela enrolando os tecidos e jogando-os num balde enquanto Mariana convulsionava-se e pensava nas palavras de D. Izabel Cristina.

— Mariana? — ele, passado um terrível calafrio, recomeçou com a voz fraca. — Sei o que ocorre dentro de mim. Meu pulmão...

Meus... rins, ossos. Tudo dói numa intensidade que, graças, não imaginas o que é. Sabes? Não tem jeito...

Mariana não desistia.

— Um milagre irá...

Mas ele fechou seus lábios fartos com as pontas dos dedos e lembrava. Sonhava com todas as vezes que fizera deles cálice para um santo amor que via, então, chegar ao fim.

— Não diga nenhuma tolice que nos faça mais sofrer. Devíamos ter percebido logo... Tantos obstáculos? Algo conspira realmente para que não fiquemos juntos.

— Então te entregas dessa forma? Já não mais me amas... — ela lastimou.

— Se não te amo? Pois se tudo que espero dessa vida, dessa quase morte, é mais um delírio só para estar na tua presença... Vês aquela mesa? Que são aqueles emaranhados de papel se não a falta angustiante que me fazes, minha rosa... E já nem isso posso... já nem esse passatempo ditoso de dedicar-te sonetos e quadrinhas a doença me permite...

— Estás fraco a tal ponto, Eduardo? — indagou pesarosa tocando-lhe a negra e revolta cabeleira.

— Mariana? Quero pedir algo-te... Não. Vou ordenar-te algo.

Por mais que me ames, por mais que eu te ame, saia da minha presença?

E viu nos olhos dela surgir a sombra da afronta, como esperava.
— Não percebes? Entendo que não queiras crer... Mas tenho a pior das tuberculoses. Não passo de um amontoado de poucas e lassas carnes. Conheço que minha partida deste mundo é um fato. E

como poderia partir pensando que, talvez, no mais leve talvez, eu tenha arruinado a tua saúde, ou de nosso filho... filha...?

— Tua mãe... ela tinha esperanças que...

— Falei-lhe que era tolo. Mas ela teimou... Ao invés de lhe mandar minha carta parece que...

— Eduardo... — ela o interrompia chorando. — E-duar-do...

— Saia, por favor, Mariana. Um leve bafejar meu e estarias também condenada. Se é que já não te condenei...

Assombrada com o peso da verdade Mariana soltou a mão dele da sua. Mas o amava tanto... Queriam-se tanto...

— Dudu... — não tinha coragem de se afastar e sua voz continha o mais formidável dos choros contidos.

— Na flor da mocidade sou a ave triste que encontrou amargo rumo... As garras da morte, gavião atroz, me alcançam já! Sou quem viu as ilusões da mocidade se apagarem ao vil prenúncio da tumba onde, uma a uma, padecem as flores que juncam os planos do amor que te jurei. Mas como a folhagem orvalhada, de sol banhada depois do longo estio, minh'alma se agita! Porque digo-te isso? Por que aí carregas meu sopro de vida — declarou sorrindo entre poucas e silentes lágrimas. — Lhe entrego agora. Minha alma é toda tua, nunca te abandonará... Estou contigo e em ti. A vida, tal viração soturna, me foi ingrata e sofri muito, mas agradeço o tempo concedido. Nesse tempo, Mariana, as estrelas me sorriram por que amei vencê... o brilho delas, nada mais eram que o brilho de teu olhar quando mirava em mim, esse olhar meigo e doce. Mesmo depois de tremendos desenganos elas me permitiram, ainda, e outra vez, que rio de luz eu acendesse no ventre puro que frutifiquei. O teu.

De tão comovida, Mariana nem via a escrava chorar baixinho perto do fogo que fazia crepitar a lenha, na lareira, do outro lado do aposento.

Mariana não podia se mover. A única certeza de que vivia mesmo aquilo, eram os pontapés de Isadora, dentro de si...

— Não dizes nada? Que poderias? Conheço-te tanto... Avesso, e curvas externas de fogo. E me vem agora... — sua voz traía a dor e era embargada. — ah, me vem agora o Sr. Azevedo, Mariana...

— Prefiro a ti, teus versos serão minha herança...

Mas ainda assim, ele lhe dizia, a voz cheia de paixão: Amoroso palor meu rosto inunda, Mórvida languidez me banha os olhos, Ardem sem sono as pálpebras doridas, Convulsivo tremor meu corpo vibra: Quanto sofro por ti! Nas longas noites Adoeço de amor e de desejos E nos meus olhos desmaiando passa A imagem voluptuosa da ventura...

Eu sinto-a de paixão encher a brisa, Embalsamar a noite e o céu sem nuvens, E ela mesma suave descorando Os alvacentos véus soltar do colo, Cheirosas flores desparzir sorrindo Da mágica cintura. Sinto na fronte pétalas de flores, Sinto-as nos lábios e de amor suspiro.

Mas flores e perfumes embriagam, E no fogo da febre, e em meu delírio Embebem na minh'alma enamorada

Delicioso veneno

Estrela de mistério! em tua fronte
Os céus revela, e mostra-me na terra,
Como um anjo que dorme, a tua imagem
E teus encantos onde amor estende
Nessa morena tez a cor de rosa

Meu amor, minha vida, eu sofro tanto! — e como ele sofria... Mariana podia ver queimar nas pupilas a dor de uma vida que se perdia. Pior era a separação que se anunciava, em cada verso de funesta sedução.

O fogo de teus olhos me fascina,
O langor de teus olhos me enlanguesce,
Cada suspiro que te abala o seio

Vem no meu peito enlouquecer minh'alma!

Ah! vem, pálida virgem, se tens pena De quem morre por ti, e morre amando, Dá vida em teu alento à minha vida, Une nos lábios meus minh'alma à tua!

Eu quero ao pé de ti sentir o mundo Na tua alma infantil; na tua fronte Beijar a luz de Deus; nos teus suspiros Sentir as vibrações do paraíso; E a teus pés, de joelhos, crer ainda Que não mente o amor que um anjo inspira, Que eu posso na tu'alma ser ditoso, Beijar-te nos cabelos soluçando

E no teu seio ser feliz morrendo! ¹

— Não fiques perto de mim, mas me deixe te olhar assim, serena, Sultana...

— Não estou serena, estou em choque, Dudu. Não me chames Sultana, não são aquelas noites de volúpia, essa agora. Essa, me é de puro horror...

E dizendo isso, Mariana chorava muito.

— Não, não... Deixe-me achar que é. Deixas? É o fim. De que adiantam as lamentações?

Mas de que adiantavam estes pensamentos de consolação do mancebo que fora estudante de medicina, abolicionista, partidário por uma república justa, defensor destemido da liberdade, filho amoroso, desapegado do ouro e do cobre, se tudo isso ele daria por um dia de saúde ao lado da mulher a sua frente que também não se conformava com consolar-se?

Álvares de Azevedo, A T..., pág. 146, Obra completa, Ed. Nova Aguilar ¹

E lamentava. Chorava com dor de sangue na ardentia de um amor sempre impossível. E chorou Mariana tão alto, e com tal choro assustou tanto a seu amado que o fez gritar de dor pela vida perdida e toda a casa despertou. Um a um chegou naquele quarto. Os senhores, a moça misteriosa que Mariana já vira vagar feito alma penada pelos

cômodos, e um médico que, algum tempo depois sedou o apaixonado e desenganado tuberculoso.

E naquele quarto, mais de um século depois, ainda pareceria tocar as notas tristes de uma composição triste. Quem sabe, o compositor? Carlos Gomes...

O doutor d'Anjo Maia proibiu-a de aproximar-se do quarto e desprezou o bastardo que se levava seu sangue, ia ao ventre de uma mulher que desposava outro homem. D. Izabel protegeu-a nos dias que se seguiram e poupou-lhe a dor de saber quem era Amélia naquela casa.

A fortíssima emoção adiantou o parto. Quando viu esvaír os líquidos por entre suas pernas, ela gritou “Dudu”. Mas quem a atendeu foi a mãe dele e a parteira.

Eduardo, três portas adiante, ouvia seus gritos. Parecia que sentia as dores agudas do osso da pélvis se abrir, como ela. Como da outra vez. Parecia sentir a rasgadura da criança ao ser parida e o corte do juramento, em cada braço, também ardia. Mas não tinhas forças para que o corpo obedecesse ao que sua mente comandava. Erguer-se dali, atravessar o corredor e ir segurar sua mão, lhe dar força e alento.

Ora desejava a morte depressa, ora, em assomos de otimismo, tinha certezas que seria curado. Por uma descoberta repentina de algum doutor, por um milagre celestial... qualquer coisa para ver sua filha.

Dado momento. A Senhora da casa deixou o quarto onde nascia o único descendente que os d'Anjo Maia teriam. Mariana chorava, suava, tremia. Amélia adentrou ali, a flunar feito uma pluma. Sentouse a cabeceira da sofredora e, embora Mariana não tivesse dado acordo de sua presença, disse: — Creio que ninguém tenha amado mais uma mulher que meu primo a ti.

— És... — e arfava — És então prima de Dudu?

— Também sou sua esposa — declarou indiferente. E ante os olhos espantados da parturiente, emendou: — Coisa que eu queria tanto quanto ele — sorria amarga. — Assim como meu verdadeiro amor, que dorme onde jazem também as ramas de macela que lhe deixei há seis dias pela tarde, teu poeta nunca me tocou.

Mariana via, no remanso triste daqueles olhos azuis, doerem agonias talvez tão intensas quanto as suas. Amélia, a viúva virgem.

E, apesar dos braços frágeis, o torso delicado como haste d'um lírio, Amélia empurrando com as duas mãos o topo da barriga de Mariana, deu a contribuição necessária para que Isadora viesse ao mundo.

Nesse momento

D. Izabel Cristina adentrava

o

quarto e

assustava-se com a culminação dos fatos que a rodeavam.

— É mesmo menina? — Eduardo, pouco mais tarde, indagou à mãe, quando essa ali entrou, a casa no mais sepulcral dos silêncios.

— Sim — e a avó sorria, depois de muitas semanas. — Mariana a chamou de Isadora.

— Isso eu sabia. Apertou-me aqui — contou mostrando o coração, — mamãe, quando ouvi minha filha chorar...

O nascimento era um bálsamo inesperado, repentino para todos ali. Até Amélia, sempre tão misantrópica, achava modos de rodear a cria da amada do marido imposto.

— Quero vê-la... — implorava Eduardo.

— Sabes que não se pode. Quer matá-la?

— Mesmo que seja um pouquinho? De longe... Ali da porta?

D. Izabel sorriu e factuou:

— Depois de uns dias... depois de uns dias quando ela ganhar força. Eduardo sorriu e viveu naquela esperança. Conhecer a filha. Era tanta

sua empolgação que melhorava seu quadro de saúde. “A olhos vistos!” — Como bradava Dr. Afonso que, apesar de desprezar a neta, torcia ainda por uma recuperação milagrosa do único filho. Até os criados cantavam, por conta da recuperação do doutorzinho. Sabiam quem Mariana era, conheciam toda a situação.

Mas faziam que não...

Arielle muito já tinha chorado. Desesperando as cordas vocálicas no seu pranto, as enfraquecera a ponto de entregá-las a rouquidão. Já seus olhos se achavam secos e constantemente intumescidos. Secos, esgotados de lágrimas, de arrependimentos e saudades do marido que no muito que a queria, em outras épocas lhe atendia aos menores caprichos, ao que parecia, já nem mesmo lhe queria ver. Atenção aos caprichos? Nem isso mais almejava. Contentar-se-ia com a certeza de que não a mandasse para longe de sua vista. Para além-mar. O exílio longe dele, não. Seria insuportável. O que fizera fora tão mau que a precisasse pôr fora de sua presença?

Passava as manhãs, e tardes e vigílias noturnas esperando por qualquer movimento, ou sinal de que ele a perdoava. Ou de que, ao menos, lhe quisesse ouvir implorar que não a deixasse de amar. Como ele não viesse, como nada parecia acontecer a despeito do enervante arrastar das horas que o relógio de badalo, lá embaixo, lhe acusava, ela quedava-se assim; muda. Sentada ao pé da cama, olhar morteiro embebido de suave tristeza que se cristalizava no gota a gota do seu esperar por qualquer menção de que ele se aproximasse. Ainda que fosse para lhe entregar um olhar maculado pela mágoa, nodado pela enganação que lhe fez.

Qualquer coisa, menos o desprezo.

Talvez pudesse achar nele, nesse olhar, uma réstia do afeto que lhe dedicara.

— Sou teu Senhor? — perguntara ele entre grave e ofegante, na última

vez em que se haviam amado.

Girando o corpo delicado sobre o dele, respondera em maliciosa anuência:

— Ao ponto que também te sou Senhora, o és para mim...

Apertando o camafêu trincado entre os dedos, já depois do desprezo desmedido de Aidan, ela encontrou a verdade que, fosse lá o que fosse, afeto devolvido ou não, ela lhe pertencia tanto que daria a vida em troca da certeza de que ele não a odiava por ter lhe mentido, enganado e, em ocasião das difíceis revelações sobre o passado que ele lhe fizera, tudo omitido.

O inverno na

Corte era

ameno. Tão

adverso ao de Vale Campina... tão adverso, fora das paredes geladas do colégio da Viscondessa. O sol brilhava os estofos e dossel de seu quarto esparramando uma profusão de tiras coruscantes pelo ar. Longe, longe sentiu um aroma forte... Havana... fragrância masculina e densa escondendo os feromônios que sempre a desestabilizaram.

O cheiro único dele.

Não fez caso. Julgava a imaginação a lhe pregar peças. Devia ele ainda estar em Campina dos Lobos, reduto no qual se sentia rei, no qual se aprazia no retiro solitário que gostava de se deixar ficar, calculava ofendida, mas resignada

na culpa.

Com efeito,

sua

imaginação trabalhava, não a mandaria mais para outro país... Para quê? Se podiam viver em igual separação, mas sem escândalo?

Deixara-a aí, como sempre quisera, na Corte, mas moçando entre as quatro paredes do luxuoso aposento...

Estava assim sentada, convivendo com suas misérias interiores, terríveis reminiscências, quando a presença inesperada do marido irrompeu porta dentro. A comoção da cativa foi exagerada. Estivera a pensar que por tentar fazer pelo próximo o que acreditava ser justo, deixara de fazer por quem mais lhe amara. A expressão severa do marido lhe cobrava um olhar, que ao erguer-se nas pernas bambas lho entregou. Olhar límpido e estrelado, duas turquesas transparentes e puras esperando o veredicto final.

Desviando o olhar daquela que sempre o tirou de si — olhos de feiticeira, — Aidan se foi sentar na poltrona ao lado da cama, que estava disposta bem atrás da coluna do dossel, na qual ela se apoiava.

Tomando-se afoita, lhe disse o que primeiro veio à cabeça:
— É grande júbilo que tenhas regressado. — Então, incerta, acrescentava: — Diga

que vais ficar? Que me perdoa? Se me arrependo do que fiz, é com a força da vida e o que mais quero...

— Quieta — ele lhe ordenou, apesar de brusco, expressão impassível. E fixava a vista onde ela não podia imaginar que ponto era.

A ponto de cair das pernas, como numa hipnose irrevogável, olhava-o. Pouco a pouco desvaneceu de sua esperança indo sentarse na ponta do leito. Queria se jogar fronte aos seus joelhos, prostrar-se aos seus pés, suplicar.. Mas não achava forças e ânimos por conta da postura alheada que ele tomou, a princípio. Aidan, olhos semicerrados a meditar, Arielle não imaginava no quê. Perguntavase o que ele esperava para que dissesse logo o que viera dizer. Ela viu-o entrelaçar os dedos de ambas as mãos e com elas ir sustentar o queixo impertinente.

Foi uma eternidade, ou momentos que passaram quando enfim a voz dele soou pelo quarto? Voz metálica, que declarou:

— Não és mais a Baronesa de Vale Campina.

— Não sou? — ela engolia em seco ao indagar humilde.

Ele separava-se dela? Porque tantos castigos? — Pensava a ponto da desesperação.

— Nem mais eu sou o Barão. Vês? — Só então ela notou a pasta que ele trazia consigo e estendia para ela.

Tomou-a. Folheou e disse:

— Não entendo destas cousas. Mas me parece o testamento de teu pai.

— Não achaste nome algum que te intriga nestas páginas?

Ainda sem olhá-la, indagou também:

— Porque sempre e sempre estiveste tu a me injuriar? — ele a olhava de través.

Arielle contemplava-o assustada, sem já dar crédito as folhas do testamento de Carneiro.

— O que te fiz para que de tantas fôrmas me fêrisse?

— Aidan...

— Planejavas a minha morte? E a tua? Não entendo teus propósitos, Arielle. Só os posso ver como loucura ou insensatez de idiota. Eu que te sonhava culta para dividir comigo a jornada dos meus dias, te fiz louca... E se ainda ousava proteger-te, quase te entreguei aos lobos...

— Não, não... — ela se ergueu. — Os lobos sempre estiveram em Vale Campina e tu és um deles. Os lobos são leais, amigos, companheiros, amam... Eu sou, sim; eu sou a besta fêra que te sempre embaraçou a existência — falou magoada sem coragem de olhar sequer em seu rosto.

— Não diga isso...

— Ouça. Fui assim e foi tolice... Me perdoa? Me perdoa, Coronel? Eu suplico... Mariana me contou sobre Juanita. Leopoldo explicou-lhe... Não vês que somos feitos da mesma essência? Não me condene por isso. Também fui como tu traída...

— Então quer dizer que não fosse o fato dela vender o grupo, eu nunca viria, a saber?...

— Talvez... Quem sabe? Se não contaria é pelo muito medo de perder-te. Mas já há muito eu não me metia mais com o Bafo, com os abolicionistas...

— Os anarquistas; não te esqueças de mencionar...

— Anarquistas? — ela parecia confusa. — Lembro-me de ter-me mencionado isso naquela noite, mas...

— Hoje pela manhã encontrei-me com Leopoldo. Foi meu empregado fiel por tanto tempo e eu sentia ganas de estrangulá-lo — e Arielle tremeu ao ver que a veia do pescoço do marido parecia a ponto de estourar. — Ele esteve no baile em Vale Campina. Tu o conhecias e não mencionaste nada! E ele... pior traidor... me omitindo tudo... Só o perdoei, ignóbil empregado, porque tirou de meus olhos a injúria que eu acreditava em ti... Então, antes de despedi-lo para que se retirasse do Rio de Janeiro para salvar sua vida, contou-me sobre o complô que me faziam... Achas que creio que não foi ele além de meu, teu traidor? Como me foi também aquele que te contei, muitos anos atrás?

— Complô?

— Achas mesmo que uma sociedade hipócrita engoliria para sempre um bastardo filho de prostituta ostentar título de nobreza, prestígio, alta posição? — indagava amargurado. Almejar o senado?

— Pretendias ser Senador?

Mas ele continuava:

— Então não sou o primeiro, nem serei a última vítima da inveja... Meu dinheiro, meus contatos... Que outra coisa me teria mantido vivo, fora a sorte, até o dia de hoje?

— A providência divina...

—

Ora, cala-te! Juanita foi a peça que precisavam para denúncia... Apertaram-na um pouco e ela confessaria qualquer coisa.

Ou confiavas que ela se deixaria torturar “pela causa” — zombou — se preciso. Até mesmo que andavam metidos com anarquismo ela confessou. Imagine. Uma Baronesa, esposa de um Coronel, metida com a causa anarquista? Como não percebi?

— Mas se é mentira... É mentira! Ninguém pode nada contra nós.

—

Licitamente? Não... Mas poderia haver uma permuta

incalculável de formas dolorosas e acima de qualquer suspeita para os autores de tua morte sobrepujarem a vingança que me destinam.

Questão de tempo, caso aqui permaneçamos...

— Aidan? O que quer dizer? Não me mandarás mais para a França?

— Iremos juntos.

—

Mas... Se

soubeste que nunca fui anarquista hoje por Leopoldo, quer dizer que antes...

Então, antes que concluísse a frase, caíram dois envelopes de dentro da pasta com a qual ela gesticulava no furor de sua exaltação.

Trêmula, consentida pela anuência do homem que se erguia a sua frente em toda a imponência do porte, ela abriu e viu se tratar de passagens. E a data era antes da partida de Aidan para Vale Campina.

— Renunciarias a tua vida no Brasil por mim, Coronel? — indagou, os olhos a borbotarem um sem fim de gordas lágrimas. — A tudo o mais? Mesmo que eu tivesse envolvida com essa farsa de anarquismo? — Já não te disse? A minha própria vida desde que tua injúria não te manchasse a castidade e me tocasse o ciúme?

— Mas se eu fosse anarquista, Aidan, eu estaria pouco ou nada preocupada com tua posição ao desejar ver cair por terra o exército instituído!

— Quis crer que eras tola ou estúpida.. — dizia a se aproximar.

— E, ah... e não tivesses feito conta desse fato. — Então o tom dele diminui e rouco, num murmúrio falou: — Eu nunca haveria de crer que me farias mal deliberado, Arielle. Se assim fosse, que me sobraria então para viver?

Quando ele tocou seus ombros com aquelas mãos fortes Arielle não pôde mais suportar. Sucumbiu ao chão como as articulações fossem

feitas de paina. Joelhos apoiados nas botas do marido, ela beijava-lhe ora a mão que ainda trazia a aliança de casamento, ora as coxas tenras que lhe iam a altura do nariz. Aidan olhava para a esposa, pequena, delicada, e lutava por não abandonar a expressão severa.

Como a podia amar tanto? Não sondava a espiritualidade que os unia.

Os mistérios da muda conversa que tivera com o macho de lobo guará não se encerraram a aqueles que ainda o inquietavam e o calavam na estranheza dos acontecimentos. Se não sondava

a

espiritualidade de ligação, quiçá das inexplicáveis relações que davam margem, no homem Aidan, aos instintos do solitário animal, avesso a vida em matilhas, a índole reservada e arredia, não propenso a atacar chegando, quem sabe, a docilidade, mas se acuado tornado em fera.

E, peculiar e admirável, por toda a vida fiel a sua fêmea eleita.

— Deixa-me... — Arielle, depois dos muitos beijos, teve de pedir: — Deixa-me suplicar teu perdão. Juro-te nunca mais mentir...

nunca... não te conhecia quando o fiz e...

Mas ele a não permitiu terminar. Juntou-a pelos ombros e a derreou na poltrona. Apoiando sobre seu corpo começou a dizer:

— A partir de hoje, é acabado teus caprichos, e tuas pequenas infantilidades, j'ouviu?

Ouçá. Sempre foste atrevida, imperativa, petulante. Não quero mais, ouviste? Quero-te mansinha... mansinha...

feito um cordeirinho e...

— Que se pode esperar de um lobo?

— Quieta. Não me provoque. O que um Senhor espera de sua escrava? Um superior de seu imediato? Completa submissão. Nada mais que

submissão. Estou cansado de teus arrufos e molecagens... — e ao dizer isso lembrou-se da peralta que ela fora no mês que conviveram em Campina dos Lobos, antes do casamento.

— Tenho certeza que ficarás entediado e...

Mas ela se assustou com o modo brusco com que ele se levantou e caminhou para o outro lado do quarto, deixando ali, queimando em cada órgão do corpo a falta do perdão não concedido.

Enquanto assistia-o tomar uma dose de aguardente quedava-se acabrunhada. Talvez ele nunca se esqueceria de sua mentira. Mas melhor viver com a casmurrice de enganado, do que viver longe dele.

E saber que ele deixaria tudo para...

— Quando decidi partir contigo para a França, vi-me no impasse de em que mãos deixar a fazenda e o arraial em cuidados, garantido que tudo continuasse como tem sido...

— Tiago...

— Descartei. Não tem o pulso necessário para...

— Ora, posso afirmar que...

— Médicos são benevolentes demais para tratar de certas coisas.

— Então, com quem deixarás?

—

Com a herdeira universal, instituída pelo próprio Luís Carneiro... — ele sorria

entre cínico e levemente surpreso, resquício do assombro que lhe restara do dia daquela descoberta.

Capítulo XXV

DEPOIS DA ESTUPEFAÇÃO

em conhecer quem era a herdeira do vil Barão que sempre lhe aterrorizara a vida, Arielle logo se conformou. Acreditava em fado, por mais estranho que pudessem lhe parecer certos acontecimentos e sinas.

Achou que recebia o perdão do marido. Mas logo entendeu que se ele não podia viver longe de sua presença era por uma doença de amor da qual eles ambos padeciam. Não viu mais em seus olhos a ternura que outrora lhe embebera a alma de delicioso existir. Mas os olhos de fogo nunca deixaram de por ela queimar, e exigiam sempre e sempre, sem clemência, que ela lhe oferecesse o cálice ardente que era-lhe seu corpo. Como fosse outono uma força primitiva os fazia acasalar. Copulavam incansáveis. E sempre depois da humilde rendição com a qual

se

entregava assistia-o mergulhar na mais profunda das melancolias. Afinal o guará humano era racional.

A mentira ainda pairava sobre eles, com ares fantasmagóricos.

Os dias se iam passando e Arielle a custo de uma subvida esperava o dia em que deveriam partir. Mas fechar uma vida toda que se construiu num país, não é coisa ligeira ou simplória. Vivia para esperá-lo chegar a casa, coisa que ocorria sempre muito tarde da noite. E quando saía era com os primeiros alvares da manhã. Não conversavam, tudo era apenas carne. Por isso ela sofria. Tudo tão diferente de outros tempos. A preocupação com Mariana a consumia.

Chegavam épocas de o bebê nascer e ela não sonhava que isso já acontecera.

“Ao menos uma mensagem ela me podia enviar.”.

Não sonhava de quais tristezas e incertezas, padecia a doce e fiel amiga. Pouco depois da saudade descomunal que a atingiu pela falta de notícias, ela veio encontrá-la, deixada ali pela carruagem dos d’Anjo Maia, que dentro de alguns dias devia buscá-la outra vez. Comoveu-se profundamente pelo infortúnio do amigo ter-se tornado tísico. E há quanto tempo! Escondendo de todos. Contudo, todos pairavam na leveza da atmosfera de esperança com as vistosas melhoras que ele adquiria a cada dia. Quando estivesse bem, conheceria a filha, tomando

o cuidado de cobrir as vias aéreas para não comprometer a frágil menina que nascera antes do tempo. Enquanto esse tempo passava, achou que era a oportunidade de batizar a filha, conforme D.

Izabel Cristina também achou, tendo prometido manter suas portas abertas para sua volta — agora que o marido viajara a São Paulo não a poderia mais maçar com seu rompante e preconceitos.

Mariana implorava que se arreglasse logo o batismo da criança, o que inundou o coração de Arielle de esperanças por um dia conceber outra vez. Mas que padre faria o batismo duma criança sem a presença do pai? Flor conhecia um. E, assim, Aidan, surpreendido ao conhecer a menina Isadora, e Arielle foram, numa simplória mas comovente cerimônia, feitos padrinhos da filha de Eduardo e Mariana.

Duma manhã nublada, depois de ver Mariana partir de volta para Petrópolis, tomou de uma resolução tempestiva. Uma daquelas que o marido a proibira e que, em seus joelhos, entre lágrimas, ela jurara obedecer.

Arrumou-se no esmero da Baronesa que fora, cobrira o cândido rosto com véus e, entrando na esquecida vitória com que Aidan lhe presenteara nos dias em que mais felizes talvez tivessem vivido, dirigiu-se ao Paço Isabel. E rezava para que pudesse regressar antes do marido.

Ainda não se tinha espalhado pela Corte, ou por qualquer lugar a notícia do novo dono e senhorio de Vale Campina. Por isso ainda tratavam-na pelos títulos de Sra. D. Arielle de Henriques, Baronesa de Vale Campina, esposa do Coronel de Henriques.

Nunca ousara visitar, quanto mais sem convite ou pedido prévio de audiência a Sua Majestade Imperial, a Princesa Isabel. Mas estava em desespero. Sentia a dor que abalava Aidan, agora às portas de deixarem o país. Apesar do complô, apesar das vilanias com que certas víboras agiam para tirá-lo do cenário político do país por conta de seu histórico e agora também o da esposa, ambos inflamados com causas abolicionistas, ou da vingança que lhe fariam usando-a, ela acreditava, ingenuamente, que podia fazer algo para salvar a situação.

E sequer lembrava-se de Fernão, outro perigo verdadeiro. Esperava que o poder contrário ao que sempre sonhara ver instaurado, então já planejado pelos inimigos do marido, poderia ser maior e salvá-los. Permitindo que permanecessem na amada pátria onde a tudo viram florescer.

A monarquia poderia sobrepujar os mascarados “sonhos de igualdade” que uma república ditatorial ousava buscar?

Claro, não lhe permitiam ver a Princesa. Assim sem mais ou por que. Pensou que, na qualidade de Baronesa, nunca recusara ver qualquer alma que lhe ia buscar em Campina dos Lobos. Estava sempre disposta a ouvir e ajudar. Ia caminhando pela calçada, batendo as botinhas num rompante de despeito, prestes a deixar a Rua Guanabara quando cruzou com uma dama que vinha em direção contrária. Seu rosto estava também coberto por véus.

Olhou para trás e via afastar-se. A noite do baile na residência...

A silhueta da princesa... Reconheceu o talhe e

andado. Gritou depressa:

— Majestade!

E sorriu ao sentir a breve comoção que abalou a misteriosa transeunte. Correndo para ela chamou pelo digno nome e sentia-a esquivar-se.

— Imploro por uma audiência. É um caso de vida... ou a morte no exílio.

Não muito depois, deixava o Paço apesar de decepcionada, resignada. O diálogo com D. Isabel de Orléans e Bragança foi tudo quanto jamais esperaria.

Doce, amável no fino trato da conversa, a soberana deu-lhe, em curtas fases, ou num gesto aqui e lá, a impressão de sua religiosidade e resignação para com o todo com qual não podia ir contra. A decepção de Arielle consistia no fato de, apesar da autoridade da filha de um regente, esta nada poder fazer para ajudar. Proteger a Coroa não era lá tarefa fácil, quem dirá um homem que supostamente traíra a própria classe.

— Meu marido sempre amou o sistema, ou ainda, se conformou a ele, por amar o Brasil. Nunca nos envolveríamos com qualquer coisa parecida com o anarquismo. Ele é afastado, mas de minha parte, sou religiosa demais. Por que não nos acreditam? Por que somos obrigados a deixar nossa casa?

— É o que se faz, Senhora de Henriques, quando não se deseja perder a vida e corpo que essa habita.

— Para a senhora é fácil dizer... Estás segura em sua terra, nela nasceu e há de morrer, como um belo espécime de pau-brasil.

— Não te engane, Baronesa. Nada é definitivo demais.

— Pior sou eu. Não nasci em nenhum lugar. Mas num navio.

Nem cá nem lá...

— Por isso há de sofrer menos. As duas pátrias são tuas. Precisas dar forças ao Coronel que, sabemos, arderá de saudade da eterna musa que aqui fica. Brasil... Sabe quanto me dói ver partir casal feito teu marido e tu?... O que tenho ouvido dizer...

— O que tens ouvido dizer, Majestade — Arielle se apressou pensando em cada escândalo que protagonizou, principalmente o da noite do baile, — não leve a crédito. Essa baixeza na qual se arrasta a sociedade...

— Criança... Não sabes do que falo — disse Isabel pensando no modo com que a Viscondessa de Santa Victoria lhe narrou a incursão e apresentação de Flor à alta sociedade, muitos meses antes. — O que tenho ouvido falar de vós diz respeito a sonhos de liberdade e igualdade entre irmãos. Tenho sentido certo “Bafo” pairar sobre minha cabeça... Ou achaste tu que retirada aqui, promovendo meus serões, não estou a par do que se sucede a minha volta, entre meus súditos?

Tome. Leve isso para ti — ordenou, sorrindo feito a Gioconda, e entregando-lhe uma camélia.

E, entendendo, Arielle sorria. Guardaria as palavras de Isabel do Brasil, no relicário mais precioso de seus pensamentos. Não sondava que foram suas palavras que, em verdade, comoveram intensamente

uma alma régia.

Depois de tomar a belíssima flor entre os dedos, guardando aquele significado protegido dentro de si, Arielle ouviu-a dizer ainda: — Baronesa de Vale Campina... Não imaginas o que não daria para ser livre como tu. Livre dos deveres que me gritam, e afligem.

Que poderei fazer? O Brasil, seu povo, seus cativos e não falo unicamente dos negros, mas de todos os servis humilhados que esperam com a ansiedade tamanha que está no ponto de entornar o caldo por sede de liberdade. Sinto que posso escolher. E essa escolha, querida, pesa em meus ombros, minha consciência. Queria ser livre de minhas próprias ideias que não me dão intervalo. Livre, como representante de meu gênero. Pode uma mulher governar, decidir.

Confiam nela assim, para mudar os rumos de uma grandiosa nação.

Mas que se diria se ela resolvesse deixar a casa de seus pais para, morando sozinha, estudar as leis, ou medicar, ou ainda, votar?! — Ora, Majestade, a liberdade de que fâlas está sempre ao alcance de nossas mãos. Terríveis são as consequências que decidir-se pela liberdade pode conduzir. Preocupa-se com elas? Com o que pensarão os demais a respeito delas, caso decidas por ser livre? O

tamanho do sonho pesa o suficiente para enfrentar tudo o mais? Pois digo que o tamanho de um sonho se mede pelo tanto que se dá importância a opinião alheia.

Vinha, outra vez batendo suas botinhas pelo calçamento, deixando a Rua Guanabara, véus negros a cobrir-lhe o rosto, perto de alcançar a Vitória, quando o golpe a atingiu. Nem o sentiu, nem a dor, ou qualquer injúria instantânea por ser atingida sem saber por quem ou por onde. Era apenas ela, a gravidade e o chão.

O entardecer causava as penumbras que ocultavam o abatido militar entre as sombras do aposento. Lentamente, Arielle abriu seus olhos. E chamou por ele. Claro, era o dele o primeiro nome que sempre lhe

vinha a mente ao despertar em qualquer ocasião.

Adivinhava que ele estava ali lhe velando. Um simples pressentimento da presença magnética.

— Aidan?

— Estou cansado dessas agonias que me causas... A estafa me domina

— ouviu a voz forte, num baixo tom, dizer.

— Porque não deitas ao meu lado e repousas?

— Não vês que é a minha alma que está abatida? — a voz dele era ainda mais rouca, mais baixa, mais decepcionada.

— Por isso fui ver a Princesa...

— O que fizeste? Ah, esposa... Minha alma não se abate assim tão excessivamente por ter de ir achar morada n'outra nação. Mas antes pela esposa estúpida que escolhi... Não te rezei a missa de como a queria no dia que ainda a aceitei comigo? — disse pensando no ponto de como se pudesse ser diferente. — No dia que te perdoei?

— Aidan, se fiz isso, foi pensando em ti...

— Quando serás obediente? — ele indagou irritado.

— Não me perdoaste. Tenho-te sentido distante e...

— Se te estou distante, é porque me abalou a confiança. É teu dever reconquistá-la. E o que fazes? Justamente sair sozinha, quando estão caçando a ti, para atingir a mim! Tu sabias!

— Mas saí disfarçada!

Da penumbra soou o som do estrondo de coisas partidas. Ela sabia a raiva em que ele se continha.

— Não há possibilidade de que sejas burra assim, Arielle... não é possível...

— Eu instava por nossa permanência... ai — ela interrompeu-se.

— Que foi? Dói a cabeça? Não imaginas a que dores poderias ter sido submetida, apenas para me atingirem. É desse tipo de coisa que estou cansado. Viver sempre psicologicamente exaltado. Os nervos sempre, por tuas imprudências, atirados. Desde que assumi tua proteção já não tenho mais paz ou...

— Então porque o fizeste? — ela gritou. — Não pedi! Se te arrependes me entregue à eles e ficarás livres.

— Então não percebeste. Até o dia de hoje... Depois de tudo — ele lastimava, consumido de cansaço emocional.

— Tu reclamavas do trabalho que te dou...

— Não vês o quanto sofri e sofro com essas possibilidades? Que a machuquem? O que passei quando intentaram contra tua vida e consumiram a de nossa filha? Eu era livre, feliz e arreganhava os dentes a espera da morte certa. Então... Encontrei-te e esse sossego e o meu desapego e a indiferença pela vida acabaram-se. Culpo-me, sim. Mas antes me responsabilizo para afastar-te de possíveis dores, moléstias. E isso, que chamo amor, me pagas com toda essa estupidez e infâmia. Não percebes? Que quando me desobedeces é só para te colocares, nessa afobeza idiota, num perigo que me consome, Arielle?

— Aidan... — ela tentou dizer algo. Mas não tinha palavras que dizer. Assim, mergulhada no arrependimento, viu-o sair do quarto. E

meditava no conselho da Princesa. Consolá-lo na saudade da pátria... Horas depois ele voltou ali, Saquina o acompanhava. Sob a luz de alguns lampiões assistia-os arrumar suas coisas. Perguntou o que ele pretendia. Mas não havia resposta. Apenas aquela expressão taciturna com que ele assistia a ex-escrava trabalhar. Indagou àquela mulher que lhe ajudara criar porque lhe arrumava os pertences. Mas a alforriada pouco sabia. Arielle gritou, mas ainda assim, tudo que havia era o mais doloroso dos silêncios.

Nas primeiras horas da madrugada a mucama veio avisar que o Sinhô ordenara que ela se arrumasse, por que ia viajar.

— Meu marido disse para onde vamos?

— Não, Sinhá.

Viu-se, logo, levada fora do casarão pelas mãos do marido. Fê-la entrar na carruagem. Ao seu lado, em contrário do que ela esperava, ele não sentou-se. Foi o Tenente Assis quem o fez.

—

Aidan? Você não vem? — perguntava terrivelmente desconfiada. — Para onde vamos?

E não havia resposta. Viu-o bater com a bengala logo a frente e apressar o cocheiro. Tudo começou a movimentar-se. O carro, sua cabeça que girava... De dentro da carruagem o via ficar para trás, entrecortado pelo azul translúcido d'alva. Nervosa, girava a aliança no dedo e perguntou ao compadre:

— Tenente? Para onde estás me levando?

—

Sinto muito, Senhora.

Não posso dizê-lo — declarou

fechando a cortina da luxuosa diligência.

Enquanto ela perguntava se o veria outra vez, um dia, uma única e pequena lágrima rolava pela face máscula e escanhoadada do Coronel enquanto, vendo o carro alugado se afastar, pensava que não fosse pela insígnia que Arielle trazia ao peito, encravado num broche, talvez nunca a tivesse visto outra vez. Poderia ter morrido feito indigente na Rua Guanabara, atingida no aviso que lhes queriam dar. No rígido convento para o qual a mandava, estaria impedida de fazer parvoíces até a partida para o exílio.

Mariana cantava uma velha canção de embalar enquanto vestia a filha. Possuía a mais suave das esperanças que Eduardo se curava dia a dia, e ficaria fora do perigo da morte. O médico dizia que, realmente, suas melhoras eram perceptíveis. Fato que muito o estranhava. Vira o rapaz tísico arder suas febres no pré-estágio de estar moribundo.

Então o nascimento da filha e aquela melhora repentina. Muitos conhecidos, amigos, parentes dos d'Anjo Maia visitavam o palacete para ver o enfermo com os votos da melhora. E, com um aceno de cabeça, cumprimentava a jovem “prima” distante que “enviuvara”

ainda gestante.

Mariana dividia seus dias assim. As voltas do leito do amado e nos

cuidados da filha, a quem a cada dia que se passava amava mais e mais. Jurava que podia ser impossível, mas amava Isadora mais que amou o finadinho Eduardo, constipado por sua culpa. Porque ela, sim, era o reflexo angélico do namorado. O mesmo sobrolho, os fios finos e negros de cabelos que se abriam no mesmo redemoinho na testa, o sorriso involuntário, mas idêntico, a tez muito fina, branca e aveludada. Diferente da sua, tão trigueira. Mariana achava que até suspirar, Isadora suspirava igual ao pai. Tão pequenina, frágil...

Nascida antes do tempo. Agora já ganhava força dia a dia e a percepção de quem a vira caber entre as duas mãos da parteira, no dia em que nascera, abismava a jovem mãe.

Deixara há pouco Eduardo em seu quarto, para vir aprontar a filha. Banhá-la, vesti-la, amamentá-la...

— Não! — ele a atalhara. — Quero dizer... gostaria tanto, minha rosa, de ver-te ao menos uma única vez dar de comer a nossa cria...

— Ora, Eduardo, não seria nada apropriado...

E conforme ele sorria malicioso, ela sorriu também. Depois de tudo que viveram juntos, que poderia haver de malicioso em vê-la dar de mamar a um bebê? A mãe dele podia não achar certo que não entregassem a menina a uma ama de leite, mas Mariana sabia: aquela seria sua única filha. Pressentia isso. Mesmo agora que Eduardo se curava. Precisava alimentá-la em seus próprios seios, o que Eduardo concordava.

Com o embrulho perfumado que compreendia a filha, atravessou o corredor e adentrou o quarto de Eduardo. A princípio ele não a viu.

Escrevia, apoiado numa prancheta de couro. Mariana sentou-se longe, numa poltrona. Erguendo a cabeça ele sofreu leve abalo no peito ao vê-la daquele modo envolta nas camisolas e chambre. As rendas da manta de Isadora pendurando-se pálidas e azuis pela silhueta da jovem mãe. E a volta do pequeno rosto, ao longe, riscando-se num desenho lindamente infantil. Buscando, afoita, o bico do seio que Mariana pusera fora.

O barulho de sucção era audível no eco que o grandioso pé direito do aposento permitia produzir. Mariana fixava fundo o olhar no do amado e ambos sorriam, vivendo a magia dos momentos. Ela não deixou de reparar que naqueles meses parecia Eduardo ter amadurecido muitos anos. Parecia um pouco... mais... sábio? Sentia naquele olhar que negrejava sobre ela, ser amada serenamente. Como nunca

acreditou

que

fosse

possível.

Serenamente...

Mas

grandiosamente.

Mariana percebeu logo que a filha reclamava de fome. Aquele seio, há pouco farto, já não provinha mais o rebento. Mudou-a de lado. Fazia terrível frio, por isso puxou a manta para cobrir-se também. Guardou aquele que expunha e buscou o outro. Oferecia-o a filha. Tudo isso enquanto Eduardo também a analisava na doçura da ocasião. Era possível que a amasse mais que outrora? Era? Sim.

Ficava ainda mais majestosa na figura de mãe. A maternidade, para ele, era a expressão terrena da divindade. Como se a maternidade a lavasse dos pecados nos quais a maculara, percebeu sorrindo leve e juntando sofrível as sobrancelhas. Amava-a tanto, com esse seu rosto terno e delicado de mãe, com essa afetuosidade exacerbada, que...

sentia um sono... um aroma antigo alcançava suas narinas... sono...

também, depois de tanto sem escrever, passara a noite em claro

escrevendo rimas sobre suas impressões da estadia de Mariana em sua casa, o afeto entre as duas... sua mãe e ela... o perfume ainda... era o perfume de sua mãe... Izabel... não; era o de Mariana na noite em que a beijara no sarau da Princesa e... não tinha como saber. Izabel, sua mãe, o puxava pela mão. Estavam no campo que verdejava a perder de vista... Era a fazenda. Tinha, quando muito, oito anos? No seu agora, seu peito doía, os pulmões se comprimiam. Ardiam... Na ilusão do sono, tão imberbe! Oito anos!

“Oh que saudades que tenho, da aurora da minha vida, da minha infância querida, que os anos não trazem mais..”.¹

Mariana ouviu a filha estalar a língua.

Teu irmãozinho também fazia isto... — murmurou terna para o bebê.

Quando estavam satisfeitos, não queriam mais o leite, estalavam ininterruptamente a língua, assim, tesc, tesc. E isso a inundava de ternura. Porque D. Izabel revelara que o filho fazia o mesmo.

Sorrindo e assistindo a pequena espreguiçar-se, aproximouse lentamente do leito de Eduardo. Olhou bem para o rosto levemente corado, os lábios rubros entreabertos. Dormia...

Como

Mariana

estava feliz! Era tão bom que ele conhecesse a filha assim, tão melhor de saúde.

Casimiro de Abreu, Meus Oito Anos, pág. 14, Poesia e vida de Casimiro de Abreu, R. Magalhães Jr., Edameris¹

Dudu? Tem alguém que quer ver-te. É essa coisinha pequenina da mamãe...

Mas ele parecia dormir ainda. Placidamente.

— Ora, Dudu. Acorde! — ela o balançava pelo ombro.

Até que a prancheta caiu no chão, ao lado da cama e uma constatação

funesta transpassou-lhe a alma, calando-a numa dor sem aforismo que se possa com justiça empregar.

Quando o embolo de pavor destrancou lhe a voz, gritou:

— Eduardo! Acorde! Veja tua filha! — disse colocando Isadora em seus braços cheia de aflições.

E tudo o que tinha diante de si, era um semblante corado num ténue sorrir, mas totalmente inanimado. Mariana chorava em cima daquele peito quieto e inerte. A filha chorava e debatia-se no outro.

Diante de tanto barulho logo chegaram ao aposento D. Izabel e a escrava que servia ao mancebo.

— Que foi que...

Percebendo tudo, a genitora do jovem que passara, calou-se.

Serena e altiva, aproximouse da cama e ajoelhou-se ao pé dos três.

Chorava silenciosamente, mas lágrimas copiosas.

Entendia que deveria vir de si a força que não permitiria que a mulher que o filho amou também finasse. D. Izabel Cristina d'Anjo Maia e seu estigma de sacrifícios...

Erguendo-se, trazia consigo as folhas que o filho escrevera na noite passada em claro. Tinha que arreglar os preparativos para um funeral digno de um d'Anjo Maia. Tinha que dar acordo e aviso ao marido, aos parentes, aos amigos, mandar preparar a missa, mandar vir o ataúde, a bebida do velório... tudo quanto possível para estar ocupada e não pensar que acabara de perder o único filho. O único ser que a amava verdadeiramente...

—

Eduardo?...

Não morra ainda — implorava Mariana entrecortando no choro. —

Tua filha... Não a viste ainda. Não... Não tens o direito...

E como perceberia que ele estava, na verdade, atrás de si, sorrindo,

sem entender o que se sucedera?

— Mariana? Ouça? Estou bem... meu peito já não dói, não sufoca. Já tenho saúde outra vez. Estou curado, veja. Ninguém, nada mais me vai separar de ti.

E quando ele a ouviu gritar outra vez, tornou a cabeça para o leito e assustou-se ao ver-se ali também. Alheia, a escrava aproximouse e tomou nos braços a pequena Isadora e saiu dali. E assim, dor e confusão, as horas passavam...

Alheia ao que se passava com a amiga, Arielle também sofria.

“Seremos amigas para sempre”. — Lhe vinha a mente, sempre e sempre, quando dava-se um parco descanso de perguntar-se pelo marido. Teria recebido a carta que lhe enviara? Amava-o tanto! Não a podia desprezar, apesar de que achasse que era merecedora.

Entre as paredes frias do convento que ele a internara, sua mente era uma máquina fervilhante que a levava para outros lugares, épocas, acontecimentos. Será que ele partiria sem ela? Poderia mesmo ir à França sem levá-la consigo?

Não. Ela dizia a si mesmo, virando enfática a cabeça para os lados. As quatro paredes a estavam enlouquecendo. Se ao menos a pusessem para limpar, distrairia a mente. Mas isso era bom.

Significava que pagava para ela estar ali. Significava que voltaria. Para buscá-la. Queria crer que sim. Ou seria melhor morrer, não era?

“Nesse exato momento, em que escrevo esta carta, estou pronta para dormir. Enfim, paz, já que a Superiora e todas as irmãs repousam agora. Furtivamente acendi a vela que ilumina agora minha cela. Por isso mesmo que serei breve, se elas notam que a vela está muito gasta desconfiam de mim. Escrevo somente para que saibas que as noites sempre me trazem pensamentos de ti. Ficarei louca se me esqueceres aqui, Aidan. Perdoame. Sou tua. Ou isso, ou a morte.

Entendes que somos parte da mesma parte? Carne da mesma carne?”

Arielle de Henriques Aidan ficou contente em receber a mensagem da esposa, segura enfim, num claustro. Pedira a Assis para lhe levar o que comer e eis que o amigo voltara trazendo o envelope com a grafia dela, assinatura, assim, como ele sempre quis que fosse. Arielle de Henriques...

Ao terminar a leitura, Aidan fez a imagem de Arielle em sua mente: a luz tênue e amarela lhe iluminava dourando-lhe as longas ondas dos cabelos soltos que se esparramavam por uma mesa, na qual de camisola ela pensava nele, pensava no que escrever para ele. O

grande olhar de Arielle perdido para além do aposento e seu corpo oculto na camisola, tão íntima vestimenta... Implorando por seu perdão.

Será que até mesmo o inocente ato de Arielle escrever-lhe uma carta prestes a deitar-se tinha aquele poder de deixá-lo febril? Sim. No que dizia respeito à Arielle sua imaginação o dominava. E tantos dias de saudade... Não havia como escapar. Ela o dominava. Se, no passado, o advertissem que sua vida de casado seria assim, jamais teria acreditado. Amava aquela mulher, embora odiasse-a também.

Por causa dela acabava de voltar da morada do Duque de Caxias.

Nem mesmo ele, velho amigo, pai militar, nada poderia fazer, qualquer interceder, mesmo de sua parte, seria inútil. Aidan não imaginava, mas ao cabo doze anos entenderia. Tiravam um homem do caminho, como se arranca um espinho da carne, uma pedra no sapato. Assim livravam-se de um futuro marechal e presidente da república. No fim, quando visitasse o Imperador e sua filha, em Paris, muitos anos mais tarde, entenderia que esteve sempre do lado errado.

Nem mascarando os ideais, nem se adequando ao sistema, se pode conter a fleuma de um destino.

Na noite seguinte invadia a cela de sua esposa. Arrebatava-lhe, no meio do sono perturbado, um beijo cálido e saboroso. Incontido, a levava embora dali. O casarão havia sido vendido e a vida no Brasil desfeita. No quarto do hotel na véspera da partida, rasgando-lhe as camisolas, raspava sua barba por fazer — tristezas e desgostos — na pele sensível e suave do corpo de Arielle. Se tocavam e se acalentavam em fogos abrasadores, até que se apagavam todas as mágoas que dividiam. Dormiam já quando os primeiros alvares do dia trouxeram a manhã que partiram do Brasil por longos e espaçados anos.

Mariana balançava na velha cadeira de balanço. Lia a última poesia que ele escrevera na véspera de seu óbito.

Perguntas por que eu sofro?

Se me ardo assim e da vida me expiro
É por ela a qual encerraram em logro
Por essa moça doce, e inocente e bela
Que do mundo me retiro
triste e seco Enquanto, minha amada, em balde anela
Porque, perguntas, o quanto padeço?

Então não sabes?

Se me consumo todo é só por ela

Sou-lhe devoto e de saudades tantas me esmaço
Sempre a espero, eternal donzela

Se pôr ao regresso, por eu destino

Espero-a ainda, e tanto choro, como menino
Espaço vasto e dolorido
Entre meus beijos e ela se coloca
Como magoa esse esperar dóido
É qual os gritos que a noite invoca
Que venha logo, espero-a ledó
Nesse sonho que, ansioso, me antecedeo
Apertava seus seios, no resvalar do cetim
Lembro-me e sinto tremores das mãos que tocam
Pequenas mãos

Enquanto negros olhos em fogo me focam
O encontrar das bocas, unidas, que tudo juram
Se tu adormeces molemente

Eu te observo, também soluço

Porque querer-te comigo e rente
É ter morte lenta, pois não me entrego
Chegas e vês o que do homem tiveste

Tão pouco absurdamente resta
Essa sombra, carcaça lassa
Se te vejo, e teus olhinhos úmidos
No meu peito deita, morro contigo, meu amor E, satisfeita, a vida
expira,
E como espectro, por muitos anos, te vejo assim Infelizmente entregue
a uma dor que não passa A espera da impressão de uma alma que se
não Estilhaça, tampouco, seu fim enlaça.

A vida passava diante de si na estupidez dos minutos. Tudo tinha uma
impressão tão profunda em sua alma! O dia em que se conheceram, os
encontros às escondidas, os sonhos desfeitos, as lágrimas, tudo que
fizeram errado, a culpa, a emoções dos filhos que tiveram vindo ao
mundo, os ensinamentos que ele lhe deixara, sua partida e agora... a
solidão. Assassina solidão que, contudo, não a leva.

Esta noite precisaria dar uma resposta à mãe dele. Era uma proposta
dolorosa. Mas uma proposta que a poderia mantê-la próxima da filha.
Que poderia dar segurança e conforto a filha. Os dias passavam e qual
era o seu papel naquela casa, agora que Eduardo se fora?

Pensou no dia do velório. Aidan fora fazer sua obrigação com o velho
companheiro de negócios, Afonso. O burburinho das vozes era baixo,
mas constante.

— Sei que Arielle ficaria muito feliz se viesse conosco para a França,
D. Mariana. A Senhora seria sempre de nossa família.
E Mariana olhava D. Izabel e sentia-lhe a dor por sob a fina capa de
controle.

— Decidirei depois.

— Partiremos depois de amanhã, bem cedo.

— Sinto muito. Prefiro ficar — dissera, muito triste. — Não posso
faltar ao sepultamento do Dudu.

— Entendo.

Agora estava aí. Pensando num lugar para ir. A casa dos pais? O

velho Mariano jamais a aceitaria. O marido? Pensou no detalhe que Arielle lhe contara sobre ele ter ido procurá-la no palacete. Ele bem haveria de querer um filho. Não uma filha. Não para ver nela sempre a imagem do outro e, talvez, descontar vis iras sobre a inocente Isadora. Como sustentar uma criança? Que meios teria? O testamento de Eduardo beneficiava a ela e a filha, mas só depois que os senhores d'Anjo Maia morressem. E a esse preço ela não desejava um níquel que fôsse.

E a voz macia da mãe de Eduardo soava muito certa em sua mente. Não percebia que a voz dele soprava também em seu ouvido.

“Fique... fique Mariana. Aqui, minha mãe cuidará bem de ti”.

— Mas nunca a ouvirei me chamar “mamãe”.

“Ela saberá. Isadora saberá, no profundo de seu coração”.

Mariana ergueu-se. Chorava desesperada.

— Deus. Ouço vozes dentro de minha mente. Livra-me? — implorou ajoelhando-se ao pé da cama. — Livra-me dessa loucura.

“Não! Não..”. — O espectro gritava. — “Não és louca. Mas antes, amas demais que tem a força de manter-me contigo!..”. — E a alma que habitara o corpo de Eduardo também chorava.

— Senhor, onde quer que eu vá, estarei louca sem ele junto de mim.

Então fico. Fico, pois ao lado de Isadora, ainda que acredite ser Amélia sua mãe, acharei motivo para que viver.

Assim, Mariana aceitou o pedido da mãe de Eduardo e, sem saber, também ao dele. Foi, junto de Amélia e Isadora, levada ao campo para que se passasse o tempo necessário para que a viúva de Eduardo d'Anjo Maia “parisse” o filho que o marido nunca viria a conhecer.

Acompanhada da mãe e do marido, Flor de Luanda Carneiro Assis desceu da carruagem frente a portentosa escadaria de Campina dos Lobos. O Tenente desceu logo

atrás dela

e segurava os documentos. Flor olhou para tudo, pela primeira vez, com olhos de dona. Não com olhos servis, de escrava maltratada e surrada.

Dois mil negros faziam volta no solar, cabeças baixas em

respeito a nova herdeira do arraial de Vale Campina. Ela sorriu. Aí estava seu destino. Mas não era tola. Deslizando o mindinho pela sobancelha esguia, a mente maquinava o destino daquele lugar, daqueles homens que não fosse pela presença e cor do marido, ela sabia, não a respeitariam. Apesar de sua fortuna.

Luís Carneiro conhecia a inteligência preciosa que ia à cabeça do filho da única mulher que amou. E pretendia lhe deixar seus bens.

Fizera testamento. Alquebrado pela precipitação desse na tomada do patrimônio, justificado na vingança, mudara de ideia.

Zombou de todos legitimando e fazendo de Flor, uma escrava, a única herdeira de Campina dos Lobos. Destruiria o testamento que beneficiava ao bastardo, não fosse a mão de Caim que lhe arrancou a vida naquela manhã fátidica.

Joana Carmela Tasso Carneiro haveria de preferir um bastardo por irmão e senhor, que uma escrava, filha da servil da cozinha.

Ouvira a conversa do pai com o advogado, filho do capitão da guarda. Instara para que ele não cometesse tal sandice, mas como combater com o olhar frio e psicopata de Luís Carneiro quando este tomava resolução? O veneno terrível solucionou tudo. Ao menos parecia que sim, já que nunca foi capaz de adivinhar onde se escondia o verdadeiro testamento. O remédio foi escapar com o espanhol, já que a consciência lhe gritava dia a dia que cedo ou tarde seria descoberta, o que de fato nunca chegou a ser.

Não estaria ali para ver que oportunamente a culpa do crime que cometeu contra o próprio sangue recairia sobre Fernão.

Quando Flor de Luanda galgou o último degrau e pisou a varanda gritou a primeira ordem como uma verdadeira Carneiro senhorio. O capataz a ouvia atentamente, se bem que fitasse a Assis.

Que se esvaziasse e vendesse cada móvel e objeto que guarnecia aquele sobrado.

— Meus irmãos! — chamou a pequena multidão com firmeza.

— Informalmente, fundo agora, ao lado de meu marido, a primeira indústria beneficiadora de café de Vale Campina.

Pensou em Arielle, sorrindo e dizendo:

— Colocarás aquela terrinha de ninguém, finalmente, na era da industrialização.

Sorriu, lembrando-se da cara grave de sua avó a profetizar:

— Vais reinar. És princesa, Flor de Luanda. És a Régia que me foi prometida. Princesas sempre chegam ao dia do reinado.

E Flor, a Régia, sorriu ao ver seus irmãos dançarem nos gramados da fazenda uma festa efusiva, jogos de capoeira e lundus, que marcavam uma nova era que se iniciava. Uma era de liberdade para os que quisessem partir, salários aos que quisessem ficar, muito trabalho para quem tinha ânimo para a luta. Ficou ainda no arraial período de uma semana, depois voltou para sua vida na Corte, ao lado do marido, de onde cuidava de seu reino de alforriados e imigrantes.

Flor e seu destino...

Capítulo XXVI

NA VIAGEM d'alguns meses, mergulhou o Coronel recémexilado na mais profunda das introspecções. Sua alma sofria e subjugava-se, lutava por se libertar, qual quando empreendia infortuna jornada pelos lamaçais pegajosos em época da guerra.

Revivia as feridas pouco cicatrizadas que adquirira na vida inteira que

deixou para trás no Brasil. Sofria pela mãe, a quem não perdoou em total. Um dia, estava só na capela do navio. Arielle o alcançou ali.

— O que faz um homem sem fé diante da imagem de Cristo?

— Pensa na vida torpe que levou? — respondeu indagando a si próprio o que exatamente fazia ali.

— Que são os homens para julgar a validade da honra? Não; não ria esse teu riso sarcástico! Sabes no que eu acredito? Muito é pouco para ser suficiente. E a mente é pouca para entender o porquê das coisas. Então para que empreender mais tempo para se entender o que se fez de errado? Principalmente no que se fez julgando certo, mas errou-se? Importante é saber que, expressamente, não se errou deliberado e não se fará de novo.

Aidan escutava a chuva bater contra o teto da capela e meditava naquelas palavras de sua esposa.

Heloíse e seu pai, depois daquele dia da igreja, em que ele era pequeno, nunca mais, realmente, erraram. Porque não se encontraram mais. Agora Aidan entendia... A mágoa que causou a ele, um garoto, atingia-a tão profundamente e mais que se direcionado fora a si mesma, que nunca mais se permitiu encontrá-lo. Não se esquecia das palavras dela, quando ao fim do ano anterior, lhe revelara os segredos a respeito de seu irmão Louis Bernard.

— Conte-me tudo, mãe. Ando cansado de mentiras e omissões.

Não me importa o que tenha havido. Saí de dentro de ti; sou teu filho. Secando uma lágrima única, mas sinaleira de sua descomunal culpa e dor, dissera-lhe:

— Não importa o quanto eu tenha amado, ou ainda ame teu pai.

Depois do dia em que nos vimos os três naquela... naquela igreja, nunca mais o vi. Nosso amor não era gratuito ou puro, assim como o teu e de tua esposa. O amor que Luís e eu nutríamos um pelo outro era... um câncer dos mais malignos. Doença de maldição... Enlouquecido naquela doença de “amor”, Carneiro proferira as palavras

que abalaram, fundo, a crença do menino de calças curtas. Arielle dizia ainda, e seus dizeres acenderam-se no escutar do incrédulo que, tristonho, acariciava lhe o ventre e os cabelos: — Sabes? Creio que no futuro há de existir coisas para nós, absolutamente inexplicáveis, no momento que vivemos agora.

Imagines... Expliquemos um télégrafo aos contemporâneos de Cristo — e ambos olhavam para a imagem. — Explique à eles veículos a vapor, armas de fogo, fotografias. Ou mesmo, um cabo que se estira no mar para dois reinos se comunicarem. Tantas inovações. Assim são para nós essas questões que te perturbam, Coronel. Acrescente aí a incapacidade física — e ela tocou a cabeça dele de modo a indicar o cérebro — e emocional de incompreensão — concluiu descendo os dedos delicados a altura

do coração de seu marido.

Tranquila,

recostou ali seu ouvido e passou a ouvir-lhe, ternamente, as batidas.

Como fazer caber a água de todos os mares numa taça como essa? — e apontava para o cálice da comunhão, que repousava sobre o altar.

— Ou fazer, antes, caber o acervo da Biblioteca Nacional numa gaveta? É entendimento demais para um só homem querer reter...

Tendo dito essas palavras, a esposa beijou-lhe de leve nos lábios e o deixou outra vez sozinho, com suas reminiscências.

— Dizer: “Sou ateu”. É arrogância demais — dissera-lhe certa vez Assis. — Há mais mistérios entre o céu e a terra, que possa crer vossa vã filosofia.

— Para toda lei, há um legislador — viu-se murmurando as palavras de um professor seu, do colégio do Prof. Stoll.

Contudo,

não

estava convencido. Não podia se

livrar das

perguntas que nasciam de outras. “E antes do legislador, havia quem?”

A cena da igreja, seu pai, sua mãe, sua inocência infante, tudo isso ainda magoava a imagem pura e santa que tivera da fé.

Naquele dia, Heloíse o buscara no internato com a intenção de realizar seu batismo, primeira comunhão e crisma. Coberta de véus segurava a mão do único filho na sua e seguia pela rua, rumo daquele destino nefando para o garoto. Há muito ela chorava e instava ao amante que não queria o filho amado pagão. A culpa era de Luís, por ter, no afã de uma paixão proibida, desgraçado-a em sua pureza e não ter tido a coragem de desposá-la, já que, assim, teria de contrariar ao pai. Deus já os castigara levando Louis Bernard e podia fazer o mesmo com... E Luís carneiro exigia conhecer o filho que teve com a mulher que amava. Queria conhecer quanto ele tinha de si.

Aidan vira Luís Carneiro, pela primeira vez, naquele dia, dentro daquela igreja. Sempre tivera também curiosidades tremendas por conhecê-lo. Achou-o tão diferente de sua imaginação. Tinha cabelos brancos, era robusto, sim, mas estava fora de forma. Quando Heloíse o viu de longe, dissera:

— Há dez anos era tão belo o teu pai...

Aidan esperava o abraço, ao menos, o aperto de mãos. Ou um mísero olhar afetuoso. Mas recebeu o olhar severo. Não sonhava que o homem buscava nele traços do futuro líder e barão que faria-no.

Foi tudo rápido. O padre receoso agia às pressas. Terminado os ritos, ouvia os pais murmurarem. Lá fora ventava forte, assoviava-se um prenúncio de tempestade. Heloíse chorava. Aidan, garoto de doze anos, um pouco emocionado pelo cerimonial, apertando a língua com gosto de hóstia, assistia de longe. Fez menção de aproximar-se. Saiu do confessionário, de onde espiava, mas parou. Que aquele homem tanto

dizia que fazia sua mãe sofrer daquele modo?

Certa hora ouviu-o gritar:

— O dinheiro é meu! Compro com ele o que bem entender — e seu timbre era demoníaco.

Heloíse chorava mais e tremia. Dado momento tornou o rosto para o filho e Aidan achou que, na flor de seus anos, sua mãe parecia anos mais velha do que realmente era, assim em face de seu pai.

O calor tomou as faces do garoto. Uma fúria nascia em seu peito. Quem aquele homem pensava que era? Fez menção, outra vez, de aproximar-se. Com uma cara medonha de louco, Carneiro ordenou que

o filho

entrasse no confessionário.

ofegando ansioso entre

um medo

enervante

e

reprimido de se acercar deles, ele ainda assistia-os brigar. Já não moderavam mais o tom. Frases soltas quais “amor doentio me vai matar”, “minhas respostas evasivas não satisfazem mais” e “viver em pecados” chegavam a seus ouvidos.

— Ora, meu dinheiro te pode comprar a pureza. Não é ela que sempre me joga na cara? Falarei com o padre agora mesmo e...

— Não, não... Não creio que seja possível. Isso não é coisa que se posse negociar, Luís!

— Se comprei há uns anos minha salvação, porque isso, que é tão pouco, não poderia? — ele gesticulava como a honra daquela mulher e seu filho ninhariam fossem. — Complacente que sou com o meu sangue, além disso, devo comprar a de meu filho também.

Embora não seja legítimo, não o terei de desamparar. Ou duvidas que tenho enviado, todos esses anos, altas somas a esta e à paróquia de Vale Campina o valor da redenção de nós três?

Naquele momento, Aidan trancara um grito na garganta. Há poucos dias vira, na rua, um homem chorar. Perguntara, comovido, seus motivos. Seria negado no céu, porque não havia com que encomendar sua alma?

Juntou-se na mente do mancebo as cenas... a cara miserável — ossos proeminentes, olhos fundos, barba desleixada, as moscas — do andarilho; o porte fústo de seu progenitor. Os cantos celestiais que ouvia enlevado brotar do coral gregoriano do Mosteiro de São Bento — onde sonhara estudar; as modinhas ordinárias de palavreados chulos que brotava dos lábios das escravas que atendiam a ele e sua mãe. Pelas frestas,

um rompante

Quanta discrepância debaixo do céu!

— Mamãe? Ora, porque o Tônico não pode vir comigo a estudar no... Mas era interrompido.

— Veja lá se preto precisa estudar! — ralhava com ele Heloíse.

— Mas se o Tônico tem olhos, ouvidos, dedos... Gosta de cheiros, paladares e brinquedos feito eu. Reza também... E gosta de música e de dizer rimas... como eu.

Heloíse não captara a obviedade do que o filho lhe dizia.

Aidan analisava. Sua mãe não era má por não igualar o filho da escrava ao seu. Heloíse era filha do costume bárbaro escravista da sociedade na qual se criou e estava acomodada. Uma mulher forte por suportar e permanecer viva ante os atropelos da vida. Mas fraca por relutar em parar por alguns momentos para uma análise crua de qual o seu papel humano para com os outros.

Depois dessa lembrança ardida, outra vez as vozes de seus pais, na igreja:

— Deixa o garoto ao meu encargo. Entregue-me Aidan para que acabe

de cria-lo. Farei dele meu único herdeiro!

— Não! Prometeste não tocar nesse assunto se te aceitasse encontrar, Luís.

Soara um som de rasgadura.

Aidan esticara os olhinhos pela treliça do confessionário e vira a mais terrível e dantesca das cenas de toda sua vida. A cena que selara suas descrenças. Seu pai, faminto com os anos de separação da paixão por Heloíse que lhe era patologia, tomava o corpo de sua mãe e ela, por seu choro convulso, Aidan sabia, sofria com aquela violência.

— Se assim que queres, assim há de ser. Será sina do moleque, como nós, viver sem amor. Sem nada além de dinheiro.

Naquele momento, o menino saíra do templo, mãos nos ouvidos, gritando sua loucura.

Aidan esfregou os olhos para enxugar as lágrimas e deixou a capela. Que Deus era esse que deixava algo assim acontecer dentro de sua casa? Ou deixava a vida de sua filha, Madeleine, ser ceifada por um verme como Fernão? Laços de sangue... Um tio matou sua sobrinha, um pai magoou a seu filho e abalou sua fê, penhorou seu caráter que, se constituiu-se inclinado para a justiça, quem pode explicar o porquê? Depois daquele dia, na igreja, jamais vira outra vez a Carneiro, a não ser no dia em que o reencontrara em Campina dos Lobos. Mas nunca o esqueceu.

Antes de se recolher ao camarote, por uma escotilha viu brilhar no céu, numa nesga límpida que as nuvens não tomavam, uma estrela solitária.

Nada na face da terra era tão torpe como os seres humanos!

Aliás, tudo parecia muito perfeito e harmonioso para si... quanto aos seres humanos....

Pensava nos lobos guará da cadeia montanhosa que abraçava Vale Campina ao entrar no camarote. Desvestiu-se do paletó, sentou na ponta da cama e livrou-se das botas, destrelou o cinto e puxou fora da calça a camisa. Suspirou sem respostas para muitas indagações.

Deitou ao lado da esposa que repousava. Abraçando-a pelo peito,

sentiu acoinar. O calor que envolvia com seu corpo, de alguma forma o acalmava de suas inquietações. Acariciou-lhe o ventre

crescido. Ventre milagroso, como ela gostava de dizer. Sorriu, pensando que a única certeza factual que lhe existia era o seu agora.

Depois da chegada a Aquitânia, Bordeaux, onde Aidan

encontrou-se com uns amantes de vinho e negociantes de café aos quais repassou preciosos contatos no Vale Paulista. Café, foi viver com Arielle numa vila afastada, ao norte, mas não muito distante de Bordeaux.

Um lugarejo pacato, de ruas estreitas de pedra que sempre iam morrer em uma vinícola, guardava no seu rústico traço arquitetônico, as linhas medievais e os sinais das longínquas guerras travadas por ali.

Na contemporaneidade do casal, a paz era absoluta. Às vezes Arielle tinha aqueles seus olhos verdes fitos em lugar nenhum da paisagem de natureza sublime. Olhos incendiados de meditação. Aidan a inquiria e ora lhe respondia que pensava numa leitura sobre Joana d'Arc, ora lhe respondia que não entendia porque afinal, se uma mulher podia reinar uma nação, não podia votar. Aidan ria dela. Mas, dentro de si, concordava com ela.

Comprou logo umas léguas de terra com um velho châteaux edificado no alto de uma suave colina. Apesar da incrível reforma que pedia, guardava em cada cômodo e lajota de ardósia que cobria-a, um convite ao encantamento.

— Retiro que não existe — Arielle murmurou quando rodeou o olhar pelos arredores, pela primeira vez. Estava embaçada com tamanha beleza.

— Não é inda mais belo que Vale Campina.

Suspirando, ela retorquiou engolfada de enlevo e nostalgia: — Nenhum lugar é mais belo que aquele que nascemos ou nos

criamos. Mas tem maior valor um lugar que, não possuindo nenhum dever para conosco, nos acolhe com cordialidade e um sorriso.

Não tinham pressa para nada. Eram somente os dois, num novo mundo, uma nova língua, novas perspectivas e sonhos que, com uma luçada repentina da fortuna que os levou ali, descortinou lhes expectativas mais sinceras onde não havia lugar para ansiedades ou lembranças estranhas.

Apenas uma saudade amena que, ora ou vez, os ia lhes espreitar.

— Quem conheceu uma vida no Brasil, dificilmente se adapta a outra pátria — dizia Aidan, de quando em quando, com saudade de falar Português, comer mandioca ou porco com abóbora, ouvir sem querer uma modinha ordinária soar longe, quando passava fumando pela Rua Direita ou uma anedota estapafúrdia sair dos lábios de Assis.

Arielle, mais uma vez, pensava em Isabel do Brasil e respondia: — Oe, mon amour, je suis ton pays; mon corps, tu foyer...

E ele ria-se do convencimento dela.

Sempre ficava aflito, no campo, pensando nela solitária na casa.

Por isso, logo contrataram uma ama que lhe fizesse companhia e servisse. Apesar de Arielle sentir-se muito bem e disposta, Aidan tinha receio ante ao seu menor movimento. Tudo fazia pelo sucesso daquela gravidez. Tinha um empregado, rapaz de dezessete anos e planejava contratar mais um. Mas por enquanto contentava-se em trabalhar sozinho no lugar onde pretendia erguer um pequeno vinhedo. Cuidava das vacas, tangia o rebanho de ovelhas pelos prados que pouco a pouco se iam sumindo com o esfriar da estação, descansava sob as árvores que ia secando suas folhas e atapetando com elas o chão.

Achava que uma vida assim, trabalhando diretamente com a natureza, ajudava a evitar pensamentos inquietantes.

Dalí, acomodado nas raízes de um carvalho, as vezes via longe o vulto dela se desenhar na porta da morada. Observava-a se demorar ali por longo tempo. Imaginava-lhe o olhar perscrutador mergulhado no horizonte. Indagava-se no que meditava. Não podia adivinhar...

Quando chegava à casa, inquiria a que, a quem ela rendia meditações.

— Ora, estava apenas distraída!

Mas não. Arielle olhava o verde, acariciava a imensa barriga recheada de vida e promessa, olhava longe as fumaças brotarem das chaminés das velhas casas daquela Vila, olhava de esguelha o aspecto desfocado do marido longe, longe e ajuizava em muitas coisas.

Achava em si a mulher que nunca fora. A que acreditou nunca poder ser. E que então, era... Meditava na sua entrega. Quando foi mesmo que ele a tornou tão passiva? Convinha consigo, não podia acusá-lo, não era assim que, apesar de tudo, as coisas eram. Após o período de adaptação de uma alma a outra alma — ferida demais, para o bem dizer-se, — após as revelações e episódios indizíveis, após tudo e todos, enfim ela o podia suportar como era. Suportava-o com grande aceitação, embora não se submetesse no pleno do tempo.

Aceitava seus desígnios, mas, nem por isso, não achava-se humilhada.

Em doçura em inteligência, aprendeu a argumentar.

Entregar-se, afinal, não significava renunciar tudo que era. Aidan a amava pelo que era. Por sua inteligência e crítica ante aos acontecimentos que a rodeavam, que revolviam o mundo.

Percebeu que a mudança, grande mudança, desvestiram-lhes das máscaras que adotavam na disputa contínua por quem predominaria no relacionamento. Restou um homem apaixonado — isso sempre, — meditativo — como ela, — abrigado no retiro do mundo que criavam no privado que as paredes do lar os abraçavam, sempre autoritário no timbre da voz, na expectativa das ordenanças, louco por vinhos — enólogo por intocável vocação, — e, ainda, mais louco e

autoritário na expectativa das horas de prazer que, sorrindo, ela lhe dava. Arielle, por sua vez, secando do excesso cobrado por uma vida intensa na Corte, floresceu também passional. E era tudo isso que tanto meditava, fitando-o disfarçadamente.

Um dia, dentro do paiol que Aidan erguera, ele arrastava suas botas pelos resquícios dourados de feno, pensava saudoso em bananas, jabuticabas

e nos ensopados de caça que Saquina lhe

preparava. Era de tarde e um vento nórdico chegava ali dentro trazendo os flocos de neve da estação que se aproximava, quando ouviu Madame Emilie gritar da porta da casa:

— Monsieur de Henriques! L'enfant! L'enfant est a venir!

Demorou muito para que aquelas palavras fizessem sentido a seus ouvidos, apesar de seu perfeito francês.

Somente quando transpôs a pequena e densa porta de madeira maciça e viu a esposa arfando e andando de um lado para o outro com a mão no ventre, entendeu que estava na hora de nascer. Chegou perto dela e disse num tom baixo e muito, muito preocupado:

— Chegou a hora? Vou buscar a parteira.

Mas a criada já saía à porta com essa obstinação. Buscar sua irmã que fazia nascimentos.

Ambos sentaram-se diante do fogo da lareira e quedaram-se mudos. Tinham medo, apesar de a gravidez ter transcorrido na mais perfeita normalidade, o episódio de Madeleine não lhes saíam da mente um dia sequer. Aidan, nervoso, ergueu-se.

— Tenho fome.

— Vou pegar algo...

Mas ele a impediu de levantar-se.

— Quieta aí. O trabalho que terás pela frente será exaustivo. Eu mesmo me sirvo — declarou aproximando-se do fogão que nunca se apagava.

Aidan tomava a terceira caneca de chocolate quente e já era a quarta fatia de pão que cobria com azeite quando a porta se abriu.

Duas mulheres de meia idade entraram, fechando atrás de si a ventania gélida que ficava lá fora.

Madame Emilie riu e no seu Francês arrastado comentou como era curioso que se alguns pais perdiam o apetite na eminência do nascimento do primeiro filho, outros tornavam-se famélicos.

Aidan cravou nela um olhar taciturno e sentiu falta de Tiago. O

que estaria fazendo no momento? Pouco depois, enquanto a criada e a irmã parteira aprontavam o quarto para ajudarem Arielle a trazer o bebê ao mundo, a porta se abriu outra vez.

— Mãe! Até que enfim! — Aidan gritou ao se deparar com Heloíse que chegava da igreja.

— O que houve? — indagou adivinhando tudo escrito na cara do filho. — Já é hora não é mesmo? Sabia! Tinha um pressentimento que não deveria ter saído, mas Arielle instava que...

— Deixa disso. Vá... Vá logo ficar com ela — ele ordenava.

Heloíse suspirou contente. Finalmente seria avó. Parou diante da janelinha redonda do corredor e observou, por uns momentos, o crepúsculo, lá fora.

— Vá, minha mãe. Arielle sofre!

Seguia, então, ela para a escada a sorrir pensando no modo sempre militar do filho.

Ele caminhava pela sala e as horas passavam. Não tinha sequer um homem com quem fumar ali. A casa estava infestada de mulheres caminhando esbaforidas por todos os lados e ele não tinha nem como descarregar seu nervosismo. Queria ir lá fora, mas a neve caía cada vez mais e com mais intensidade. Tentou duas vezes entrar no quarto

deles, mas as mulheres expulsaram-no.

Nem precisava perguntar nada. No rosto da mãe, cada vez que ela descia para buscar mais água, lia a dificuldade do trabalho de parto.

— Ela não está dilatando nada — certa hora Madame Emilie lastimou.

Aidan suava frio e fazia, em sua mente, cenas de velórios, a criança num ataúde pálido, assim como Madeleine, ou pior, a criança órfã e o cortejo de Arielle até o pequeno cemitério da igreja da Vila.

Viu-se sofrendo a fitar o Ambès serpentear marulhante o vale, passando por detrás da torre.

Aquelas dores lhe rasgavam por dentro. Seus olhos ardiam na lembrança da noite do parto de Madeleine, todo aquele debalde sofrimento.

Eram por volta de cinco da manhã quando depois de cerca de doze horas de trabalho de parto,

decidido a ignorar qualquer impedimento de fosse lá quem fosse, ele galgou a escadaria do châteaux e, meio trêmulo, atravessou o umbral da porta do quarto que dividia com ela.

Era muitas vezes menor que o de Campina dos Lobos e, talvez, a metade do tamanho do Palacete na corte, mas também tinha nas cores e pequeninas florezinhas cor de vinho do papel de parede o aconchego de um lar que nunca conhecera antes.

Encontrou os olhos sofridos da esposa. E engoliu em seco.

Quando Arielle viu o marido entrar, sentiu como se um bálsamo se derramasse sobre ela.

Sua mente fervilhava. A dor que lhe sobreviera desde a tarde do dia anterior era lancinante e não parecia haver modo, posição de colocar a criança no mundo.

— A menina tem curvas, mas os quadris não ajudam! — disse a parteira, dado momento.

Com o olhar, a parturiente chamava-o para junto de si.

Aidan se aproximou e ajoelhou-se ao pé do leito. Segurou a mão de Arielle na sua e ignorava a carranca das duas mulheres.

— Já me sinto sem forças — revelou-lhe, voz lassa, Arielle.
Ele baixou o olhar até os lábios ressequidos e descorados e confrangeu-se.
— Só tu me importa. Só tu... Lembra-te disso. Por isso, se preciso, não me peça para escolher. Já conhece minha resposta apesar... ah, apesar de tudo.
— Aidan? Sei como queres este filho. Vai dar tudo certo — seu olhar de turquesa garantia.
— Como podes tu ter toda essa certeza? — ele juntava as sobrancelhas espessas. —

Ouçó-te

a gritar a horas e nada — observou acariciando lhe leve o ventre.
— Sei, porque tenho muita fé. Não achava mais que poderia conceber. Mas o nosso milagre aconteceu. E acho que é só o começo...
— Ora, depois de Madie... não demorou tanto assim até que...
— Eu me sentia seca. Até que tu me amaste. Querias meu corpo, apesar das feridas supuradas de minhas costas. Como Aidan, pudeste tu desejar uma mulher assim?
— Não era desejo. Era mais que isso. Era amor... quando via tuas feridas, não via a elas, mas via tua coragem ao defender com a própria carne Flor, que considerava como uma irmã que nem sangue teu era, como é o meu.
Então Arielle sorriu um riso inigualável em todo o tempo que se conheciam.
— Ademais, os aromas e perfumes que usavas para disfarçar os odores desagradáveis eram tão maravilhosos, todo teu corpo tão terrivelmente escultural e belo que não me sobrava tempo que pensar em outra coisa que não estar logo dentro dele.
Nisso ela gargalhou feliz e Heloíse pigarreou, do outro lado do quarto.
— Não são somente vós ambos que entendem Português aqui — ralhava.
Arielle corou de embaraço e ambos entrecruzavam os dedos.

Via-a arquear num pico de dor e reclamar entre dentes:

— Essas contrações não cessam.

— Ainda melhor. Se parasse... então...

— Aidan, se acaso...

— Não...

— Ouça! Se acaso eu...

— Cala-te.

— Deixe-me acabar!

— Acabe então!

— Ou vais te arrepender mais tarde. Se acaso eu passar, saiba disso, apesar de tudo, tudo, tudo que sobreveio sobre nós, desde que nos conhecemos, tu me fizeste tão feliz que ainda que possível eu não escolheria outra vida. Nem mesmo a que outrora sonhei para mim.

Hoje... — e quase ela perdeu sua voz porque via os olhos de um verde muito escuro do marido mareados. — Hoje sei que nasci para ser tua mulher e caminhar a teu lado até meu último suspirar. Se hoje, eu não puder te fazer pai, me perdoa. Mas morro tentando, porque...

— Não, Arielle! Chega!

— Por que...

— Cala, Arielle.

— Deixe-a, filho — atalhou Heloíse emocionada, do outro lado do quarto, escornada num baú. — Não tens esse direito.

— Sei que é isso que mais queres nesse mundo — Arielle concluiu. E nem que para isso eu tenha que morrer, é isso que farei.

Dar-te uma criança.

— Oe, o... agora saia, saia — ordenava a parteira, tocando firme o ombro de Monsieur de Henriques. — Vejo que o que estão se dizendo não está ajudando em nada com o assunto aqui.

E Madame Olivie não poderia estar mais enganada.

Quando Aidan

chegou

ao térreo estava arrasado.

Sentia-se

impotente. A razão de seu existir estava acima de sua cabeça, alguém de sua proteção. Em questões de vida e morte não poderia mesmo é fazer nada. Sentou diante do fogo, no aconchego de uma manta de pele de carneiro, acomodou-se na poltrona. Lembrava no rosto cansado de Arielle, na força imensa que ela fez quando já o julgava fora dali, em seu rosto redondo, mas muito, muito pálido.

Lembrou-se, sorrindo internamente, dos desejos estranhos da gravidez, os quais pacientemente, satisfazia um a um. Coalhada de leite de cabra, groselhas assadas, queijo banhado em vinho do Porto. A danada havia de querer logo um vinho Português, a despeito de estarem em Bordeaux!

Aidan começou a chorar. Não ouvia mais seus gritos com a mesma frequência do início. Estava cansada demais. Foi então que seus olhos bateram na lombada da bíblia da esposa que jazia no frontão da lareira. “Sainte Bible” Foi ele quem lhe deu, quando passeavam numa feira próxima do porto, assim que chegaram à França.

— Tenho que me habituar outra vez com nossa nova língua — ela justificava lampeira. — Que melhor modo do que lendo? — dissera correndo até um dos vendilhões.

Sem entender porque, se viu levantando da poltrona e esticando o braço até as

escrituras

sagradas. Estava quente, devido a

proximidade de calor. Abriu a esmo.

“Pedi e dar-se-vos-á; buscai e achareis; batei e abrir-se-vos-á; porque todos os que pedem, recebem, os que buscam, acham; e quem bate, se abre”.

Era o livro de Mateus e, tendo lido estas palavras, Aidan arrepiou-se

dos pés a cabeça. Cada mínimo pedaço de sua carne.

Ajoelhou-se, ali mesmo, onde estava, diante da lareira, e seus lábios moviam-se involuntários, mas silentes.

Por alguns momentos voltava a ser um garoto de onze anos que abria o coração e instava por alguém que amava. Se antes fora por sua mãe, agora era por Arielle, sua própria alma.

“Senhor, não permita que se arranque dessa vida antes que eu possa lhe mostrar o homem melhor que eu venho tentando me tornar. Ajuda-me a sê-lo. Ensiname. Não ponha nela o encargo de meus pecados de guerra e vingança. Não permita, se for de teu agrado, que se sacrifique outra criança e uma jovem que tomei pura.

Eles não têm culpa. Mas, antes, leve a mim. Só não permita que eu não as veja bem e sadias, eu te imploro! Amém!”

Quando ergueu-se, ele não entendia porque, mas suas lágrimas haviam secado, sua formidável angústia fora embora e a luz de uma revelação brilhava dentro de si. Sua mãe era hoje uma mulher feliz.

Casada. Não a prostituída de outrora. Como ela mesma dissera, por conta dele ter-lhe enviado para começar a nova vida em Recife, ela encontrara um homem bom, que mesmo sabendo de sua história, aceitou-a.

E Aidan se lembrou de si mesmo orando por ela, quando era não mais que um menino.

Olhando para o fogo, pensava em fragmentos de discussões que já tivera com Arielle.

“A bíblia é sagrada, esposo. Não zombes da sabedoria de suas palavras”.

“Os homens a profanaram e deturpam. Hei de confiar em homens cobiçosos, famintos de poder mesmo a preço de sangue?”

“A palavra do Senhor é protegida pelo Espírito Santo. Muitos, feridos pela espada da perfídia, preferiram ver seu sangue jorrar na terra, sentir por breves momentos o aroma da própria carne queimada ser erigida nos ares, que deixar esse testamento santo se perder e tens ainda

coragem de duvidar?”

“Devo confiar num livro que menciona carros de fogo?”

“Confiarias se mencionasse animais de metal movidos a vapor?”

Lembrou-se da noite, em Campina dos Lobos, que ela quase morreu. Tiago dissera que somente por um milagre Madeleine se salvaria. Se não tivesse dito o que disse, se tivesse acreditado em milagres poderia ter o irmão salvo sua filha?

Sentou-se outra vez na poltrona e, muito calmo, assistia ainda o fogo não mais por ele alimentado extinguir-se. Depois leu partes do evangelho e ia ficando abismado com tudo que ia descobrindo! Parou, olhou o fogo e pensou. Era como se a aversão e o completo desinteresse por ler a bíblia o tivesse preparado para aquele exato momento, ler naquela situação.

“Senhor, estende tua misericórdia até nós e salva-nos!”

Poucas horas se passaram até que...

Um chorinho esganiçado.

Aidan

acordou

esbaforido.

Ergueu-se

dum

repelão

e,

inconsciente notava que lá fora brilhava um tímido sol. Adiantou-se emocionado pelo espaço e ouvia o coração a bater nos ouvidos.

Topou com a mãe no corredor e diante seus olhos indagadores, ela lhe sorriu.

— Vá lá dentro, vá. Vá conhecer o teu filhinho.

— Arielle?

Heloíse baixou os olhos e reprimiu um risinho.

— Vá lá e veja-os logo.

Aidan, todo tensão, entrou no quarto. Madame Emelie embalava um embrulhinho e Arielle, estirada no leito, parecia dormir. Não quis nem ver logo o bebê. Caiu ao pé do leito e chamou o nome adorado:

— Arielle? Meu anjo? Podes ouvir-me?

— Aidan? Sinto sono... estou, extenuada. Mas sinto que vou ficar bem.

Assistindo-a tornar para o lado, sorriu com tanta alegria como jamais poderia imaginar ser possível. Era como se lhe abrisse uma janela no

céu tempestuoso e um azul límpido, inesgotável

se

derramasse, jorrando, além de luz, incontáveis pombas brancas, em direção de homens sequiosos por um estio. Ergueu a cabeça e mandou uma ordem muda para a criada que veio logo lhe entregar o rebento. Muitíssimo cauteloso, segurou-o contra o peito. Não perguntou, mas adivinhou.

— Direi a ela — apontou a esposa que dormia com a cabeça — que gostaria de chamá-lo Mateus, ou... Mathieu, Mathias... Fica a critério dela.

— É um lindo nome, Monsieur! Félicitations pour votre petit garçon

— Madame Emelie sorria, antes de se retirar.

E ele não se voltou, receando que a criada lhe visse com os olhos marejados no embalar daquela pequena promessa de vida que tinha a sua mercê, ali em seus braços.



Epitáfio

O TEMPO é um velho sagaz que ri em face dos homens com perspicaz ironia. Cada período histórico é uma doce página aos olhos dos interessados, dos saudosistas apaixonados da modernidade. Viver, contudo, cada época em particular, para seus contemporâneos talvez não fosse nada tão emocionante quanto parece ser. Talvez a sede por apreciação que irrefutavelmente perfaz o caráter humano, o tédio, os sonhos tão difíceis de realizar, a dificuldade em cultivar laços de afeto, o arrastar afitivo de cada dia particular numa vida, ou a mera e velada cobiça por posição e poder levasse e eleve os heróis do tempo ao lugar derradeiro, o lugar do qual não se pode escapar...

Eduardo d'Anjo Maia

☆ 20.02.1856

† 19.07.1877

Sentia correr os dias da vida numa dolorida relatividade que não podia explicar. Eram lentos. Mas eram também implacáveis. O que são o passar de vinte anos e cinco anos no universo de séculos, infinitos séculos de eternidade? Para cá da fronteira é muito, muito tempo. Não conseguia se decidir por ir ou ficar. Se ele a chamava, sua continuação solicitava, num único olhar, que ficasse.

Isadora não permitia que Mariana fosse com Eduardo.

Era, como todas às vezes, de tarde. O sol aquecia de leve, timidamente sua palidez costumeira. “...tua pele trigueira me alimenta”. — A voz era capaz de soar em seu ouvido com o mesmo timbre, e calor, e anseio que n’aqueles tempos. Pode influenciar o que se vive no espaço de poucos anos, toda uma existência?

Para Mariana, sim. Durante os dois anos que amou e foi amada por ele, viveu. Depois tornou-se apenas um resto que aí está. Parece que o sangue só corre em suas veias quando vai assim, maço de lírios ou

rosas nos braços, ornar sua lápide coberta de trepadeiras e musgos. A brisa fria lhe brinca aos cabelos e sente-se quente tão perto dele. Não sonha que, por todos esses anos, tem ele estado tão perto quanto nunca sonhou ser possível.

E consola-se no fitar melancólico da sepultura fria.

“Como poderei partir se ela consigo me vincula? Nos sonhos, lembranças, devaneios, anelos sofridos, pensamentos fugazes, a todo minuto, mesmo dormindo, ou orando, ou ainda comendo, sorrindo ou chorando... Não, não... não posso deixá-la”. Todas as memórias pareceram

ter

se tornado impressas nos traços físicos e de

personalidade de Isadora.

Mariana ergue-se da terra e arrasta seu vestido pelos jardins que envolvam a morada dos d’Anjo Maia há gerações. Sentiu um calafrio assaltar seu corpo, por isso puxa a capa mais acima para proteger-se. A menina vem correndo de dentro da casa. Solícita, como sempre ansiosa por lhe fazer sorrir submergindo dessa sua etérea melancolia, lhe oferece um jornal.

— Leia, Senhora. Leia para mim? — pede a pequena, olhando ternamente para os cabelos grisalhos que se desprendem do coque desprezioso da adulta.

Mariana

bate os olhos rapidamente. Fora isso, nada mais.

Entrega-lhe outra vez o número e em seus passos lentos se dirige para a antiga escadaria de mármore. Na mente gritam as palavras que, embora tenham-lhe assustado, não a comoveram sequer a ponto de alterar de lugar qualquer músculo ou sobrolho. As palavras são “Maio de 1903”...

Esteve alheia, cada particular ano desses vinte e cinco últimos a todas as grandes mutações da sociedade. Ouviu dizer que os escravos foram libertos, Eduardo haveria de chorar de alegria. Ouviu dizer que a monarquia caiu e que militares tomaram conta da república que instauraram. Ouviu dizer que o Brasil expandiu seu território, que imigrantes de todas as partes da terra invadiam o país. Máquinas estranhas perambulavam pelas ruas, substituindo as carruagens. Sabia que uma infestação de ratos assolava o Rio de Janeiro no qual nunca mais pisou e que muitas doenças, pestes mortíferas dizimavam a população, um a um. O Anjo da Morte ria-se de todos. De tantos que tinham sede de vida. E ria-se dela, que tinha sede de morte, deixando-a ali. Esse em que estava era o ano da vacina ou fora o passado? Não lembra. Tudo que sabe é advindo das cartas de Arielle, vindas desde a França, de tempos em tempos, as quais responde meiga e educadamente. Se a amiga soubesse que esses fatos, embora ache-os terríveis pelo sofrimento que causam, não a preocupam tanto.

Entra em seu quarto e sorri pensando nos seres humanos.

Pobres tolos! Agarram-se tanto, sendo que a virtude, a libertação está mesmo em partir...

Mariana, uma noite, muitos anos antes, ouviu o canto de alegria dos negros que saíam as portas. Estavam livres. Sorriam e dançavam.

Não precisavam mais de alforria. Eram livres. Não lhes importava as questões envolvidas nesse advento. A liberdade era o mel precioso no qual se embriavam. Foi como se ouvisse a voz de seu Dudu solfejar em seus ouvidos: “Pobre deles! Não sabem para onde vão... A jornada rumo a Canaã apenas começou”.

E cantavam em graças a Redentora de 13 de maio.

Quando acendeu em seu espírito a luz de seu pensamento soube que nem mesmo ela era livre. Sempre há fatos, situações, laços que agrilhoam os seres humanos e não existe posição que o torne tão digno

quanto um lobo selvagem solto nas matas virgens da

Mantiqueira. Ficou desde então em acordo com Arielle Moissonner de Henriques.

Mariana ergue-se. Caminha e debruça-se, envolta em cortinas diáfanas, no vidro da janela. E ouve o soprar do vento, quando atravessa os galhos das árvores, dizer poesias incompreensíveis que ninguém, exceto ela, para a ouvir.

No tempo em que Eduardo viveu na Terra, sentia vontade de escrever versos. Versos não. Escrever uma poesia linda que lhe afluía em algum lugar de si onde d'antes julgava o coração. Mas essa poesia vinha em prosa em sua mente. Com o passar dos anos em que experimento amar e não ser livre para amar, querer e ser impedido, sonhar e isso lhe ser tirado, descobriu que não devia prender nas metrificações as emoções que ficariam eternas nas folhas e mais folhas que a tinta e lágrimas encheu.

“Esse véu translúcido que embebe a majestade do arrebol recai sobre sua morada, desta vez tem um tom indizível; entre o amarelo Nápoles suavíssimo e aqueles verdes embaciados de certas águas atlânticas de nosso nordeste.

É outono...

Ignoro as folhas secas que o vento ruidosamente arrasta e observo, incansável, sua silhueta amável recortar-se na janela de seu quarto. Isso faz parecer que meu espírito flutua mais leve. O assobio do vento que passa por esse resto de homem que é tudo que sou, não me incomoda; antes acresce ainda mais poesia a este momento em que nossas almas se unem — porque ela pensa em mim.

Venta essa aragem perfumosa: o bosque de laranjeiras exala um aroma que me faz estar ainda mais acerca dela — espelho daqueles dias longínquos. Saudades infinitas da sensação avassaladora de imortalidade — estar nos braços dela. Tempos em que pude sentir sua pele de rosa de encontro à minha, aqueles cabelos negros e luzidios

que agora ela penteia distraída a roçarem meu corpo hoje consumido, e ver em brasas seus olhos que agora choram essas lágrimas mudas, de tantas lembranças. Lágrimas que já não me surpreendem.

Desfazer

aquelas

suas

tranças

faceiras

e

amá-la

despudoradamente eram ocasiões em que eu sonhava sucumbir.

E assim foi.

Quis que ela recebesse na sua, esta alma que lhe entreguei e o beijo casto, quente, selou esse desejo que não se realizou. Como eu era ingênuo.

Amargaria com ela esses anos que nos separam, veria sua carcaça bela de virgem deflorada ceder sob a ação da mágoa imposta pelos que nunca conheceram o verdadeiro amor. Sim, em todas as inocontáveis noites que a tenho na vigília da minha lembrança que não posso permitir adormecer, é notável o desfalecimento de sua tez morena e o desmazelo belo em que ela abandona sua farta e revolta cabeleira.

Mas meu amor é indelével. Há de chegar a hora dela me encontrar e esta espero com infinita paciência. Estarei aqui por quantas noites inda seja necessário. Por mais que me arda, nos nervos que já os acho quase destruídos, sonhá-la me prantear na ausência sobre o anel que lhe deixei.

Se ela soubesse que vago saudoso tão perto de seu seio – a imaginação me tortura, inimiga ou amiga cruel? – seus palpites não seriam de

angústia; antes de amor que ela ainda me tem... essa coisa inefável que não conhece fim ou princípio, barreira ou libertação, medo ou desilusão — apenas é.

Que importa que ainda eu ouça, sinta aromas, veja, movimente esta existência vaporosa? Ah, se por uns segundos eu pudesse apenas tocá-la...

Vou-me; a lua se já ergueu alta no céu.

Minha amada está cansada, sente sono e eu, simplesmente por incomodá-la com esse selvagem e irrefreável pensamento, não a tenho deixado repousar”.

Mariana dobrou a carta de papel que o tempo amarelou.

Uma esguia senda salgada riscava seu rosto. A lágrima dolorida de toda vez que lia algumas dasquelas heranças em prosa. Ah, se isso viesse à tona. Os livros de poesia do seu eterno amado vendiam quase como cigarros entre os jovens e os literatos. E todos eles tentando adivinhar: quem o

inspirara para escrever rimas e quadras tão profundas, palpitantes, sentimentais, de uma qualidade tão única?

“Só depois de minha morte.” — disse um dia ao Dr. D’Anjo Maia que sempre a importunava por aquela herança tão particularmente dela. — “Então Isodora as herdará.”

As cartas e laudas voltaram para o baú de ébano e foram trancadas com a chave que ela levava sempre no seio. Depois, passou o portal que levava ao jardim, era bem ali, onde há muito tempo eles tinham sentido os deleites de fazer planos que jamais se realizariam Arielle de Henriques transpassou também o portal da Catedral, em Paris.

Esfuziava de alegria. Aidan sorria ao vê-la. Não entendia porque ela buscava a divindade num santuário. Enquanto o Deus dela estava, ora na pequena igreja da vila, onde batizaram o filho em companhia de Tiago e Giulia, ora em Notre-Dame, que ela tanto sonhou conhecer, o

seu não estava nem no templo, nem num monte.

Era Ele a própria verdade e com essa virtude o adorava olhando para dentro de si e para seu arredor. Amar seu Criador se tornou o exercício involuntário de seu próprio espírito.

Batem com força os badalos dos sinos da catedral. O clima é agradável e Aidan deixa que a aragem curta e fresca bata contra sua face que se volta para o Sena. Atrás de si a imponente elevação de pedras que o homem ergueu, há quase mil anos, caracteriza no goticismo da arquitetura as profundas transformações da sociedade burguesa, clerical e pobre. A sua frente, a rodear a pequena ilha de la Cité, a natureza esplêndida que a mão Divina ergueu — vastidão, céu e horizonte. Prefere abobadar-se desse templo, que por esse lendário que sua esposa tanto almejou entrar.

Ainda é desconfiado demais para entrar em templos.

Enfim, olhos fixos no céu dum rútilo azul de verão, bordado de andorinhas, termina sua oração, tranquilo com sua consciência de nunca se prostrar ante as mistificações da mão e imaginário humano. Rendido ao Deus do céu e à sua aliança, o sangue de seu Filho Jesus, que é luz e amor e perdão (que é mais difícil e doído que perdoar a si mesmo?), ele, ensurdecido no repicar e repicar e repicar dos sinos se torna para ela, Arielle, sua esposa, sua outra eu, amandoa incondicionalmente como no momento que a viu pela primeira vez, há trinta anos, na escadaria da casa grande de Campina dos Lobos. Fixa seus olhos na estrela vívida que se desenha nas lindas íris de turquesa que permanecem sempre iguais, ainda que a pele que rodeia os olhos nos quais se acomodam tão esplêndidas íris se sulque e junque de cansaços com a ação do tempo, dos anos. Aidan enterra na cabeça grisalha o chapéu e, sorrindo, estica-lhe o braço. E ela, abrindo a sombrinha, se deixa abraçar, olhos úmidos de emoção por ter estado e orado há pouco no mesmo lugar que tantas mulheres oraram, creram, deixaram suas lágrimas de aflição e esperança, fôsse em tempos de

guerra ou calmaria.

Se palavras não podem expressar o desfecho do áureo de uma época que foi-se, episódio por episódio, no gota a gota da perfídia e inocência incontestavelmente existidas, que se ouça as fabulosas composições dos que exprimiram o intraduzível na linguagem da música.

E os hinos santos que fazem chorar de emoção.

Eis que o romantismo venceu a consumação de dois séculos e sobrevive,

década

a

década,

florida

no

imaginário

dos

que

dolorosamente se lembram do que foi e disseminam o sonho do passado que equívocas gerações em vão pretenderam suplantar.

Milhares de quilômetros além-mar, Campina dos Lobos e sua terra, terra literal, terra vale paraibana, terra faminta aguarda o outro regresso do lobo que ali precisa entregarse para outra vez dela emergir.





Sobre a Autora

A

line Negossekí Teixeira é uma autora paranaense de romance,

haicai,

poesia

e

prosa poética. Desde de 2009

quando da publicação de seu primeiro livro, *O Último Baile do Império*, já publicou várias obras. Sua veia literária mais forte

versa

nos

romances

intimistas, profundos, críticos e

reflexivos,

permeados

de

reviravoltas, principalmente históricos, em que cada lauda não deixa de ser um poema em prosa.

É mediadora de oficinas literárias, principalmente para crianças,

contadora

de

histórias e palestrante.

“Escrever tem sido desde sempre um deslumbramento, mas algo muito natural, uma necessidade. Uma das principais razões que me faz escrever é a busca sem fim de respostas para as muitas perguntas da existência humana e a experiência de viver, principalmente no âmbito emocional”.

intrigantes,

intrigas

e



Obras da Autora:

O Último Baile do Império , 2009 - Romance Histórico *Haicai Para Crianças - Sentidografias*, 2010 - Haicai *Por Falar em Disputa...*, 2011 – Romance Contemporâneo *Graciosa*, 2012 - Romance Histórico (Folhetim no Blog) *Serenata - Poemas e outros Versos Líricos com suas Narrativas*

Sonoras e Melodias Silenciosas... , 2013 - Poesia

De Amor e Destino, 2013 - Romance Contemporâneo *Um Farol Para Meu Amado*, 2013 - Novela Histórica *A Noiva de Azevedo*, 2013 – Novela Histórica

Haicai Para Crianças 2 - Ludogradias, 2013 - Haicai *Graciosa*, 2014 - Romance Histórico

A Rosa Roubada, 2014 - Romance Contemporâneo *Por Falar em Lembranças...*, 2014 – Romance

Contemporâneo

Campina dos Lobos, 2014 – Romance Histórico

Haicai

Crianças 3 –

Clorofilografias

Verde Poético,

Haicai



Para

—

Suco

2016

